
3 1761 07043107 7

ANTHERO DE QUENTAL

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
80 — Rua da Fabrica — 80

1896



Anthero de Quental

(Ponta Delgada — 1887)

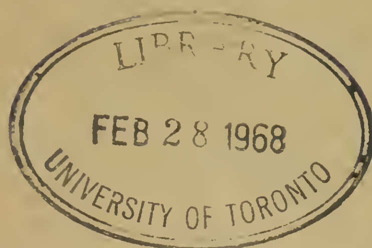
Anthero de Quental

IN

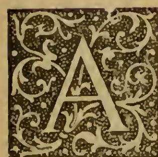
MEMORIAM



PORTO
MATHIEU LUGAN, EDITOR
1896


FEB 2 8 1968
UNIVERSITY OF TORONTO



O começar a publicação do seu quarto volume (dezembro de 1891) a *Revista de Portugal* annunciou um numero extraordinario consagrado exclusivamente á memoria do seu illustre collaborador, o eminente poeta e philosopho Anthero de Quental, então recentemente fallecido.

Interrompida a publicação da *Revista,* os seus editores julgaram dever manter o compromisso tomado para com a grande e inolvidavel memoria do altissimo poeta dos *Sonetos,* fornecendo assim aos mais intimos amigos de Anthero o ensejo de, reunidos, lhe consagrarem uma piedosa homenagem. Eis a origem d'este livro.

Nem aos editores, porém, nem aos amigos de Anthero, se affigura ser esta commemoração bastante e assás condigna do grande Espirito e da grande Alma, cuja perda todos compungidamente deploramos. Só Elle fallará bem de si — nas paginas d'oiro dos seus poemas, dos seus pamphletos e opusculos dispersos e nas d'um outro thesoiro intimo, em que toda a sua alma está como uma hostia n'um sacrario: a sua Correspondencia.

Uma edição monumental e definitiva das *Obras Completas* de Anthero, com um volume destinado á Correspondencia: eis, em nosso entender, o melhor monumento que á sua memoria se poderá levantar.

Essa edição comprehenderia:

1.º As OBRAS POETICAS cyclicamente dispostas, mostrando a grandiosa evolução do seu genio nos dominios da Poesia.

2.º Os ESCRIPTOS EM PROSA, devidamente cathegorisados segundo a variedade objectiva dos assumptos: *Polemica e Critica Litteraria, Historia e Politica, Philosophia*, etc.

3.º Finalmente a CORRESPONDENCIA.

Assim o Poeta, o Pensador e o Homem ficariam immortalmente evocados, para o mundo e para a posteridade, n'um mesmo monumento, fulguran-

do em toda a grandeza do seu genio e em todo o esplendor da sua alma — mixto de stoico heroismo e de divina santidade.

Ahi fica a ideia. Que os esforços de todos a tornem n'um facto.





ANTHERO DE QUENTAL

(RECORDAÇÕES)

UANDO pela primeira vez se pensou n'esta homenagem á memoria do nosso incomparavel poeta, como eu estava longe de imaginar, quanto me seria penoso cumprir a promessa da minha collaboração! A dôr, por sua natureza muda, não se compadece com a publicidade; mas uma vez que não ha nenhum outro modo commemorativo que melhor se coadune á saudade de todos nós, resta só cumprir este ultimo dever, por doloroso que seja.

Tambem é certo que os actos e factos do poeta devem contar-se em voz alta: a sua vida não carece de ser favorecida; pelo contrario, continuamente inspirada pelos mais nobres sentimentos, ella servirá de exemplo, como uma sociedade no mais fundo grau d'abatimento póde produzir um sublime cultor do ideal, uma d'estas figuras moraes superiores que serão sempre a gloria da humanidade. O idealismo que fórma o fundo do seu caracter e o illumina em todos os passos, destaca-o proe-

minentemente d'entre os contemporaneos, dando-lhe um relevo immenso, quer nos casos communs, quer como homem de lettras ou agitador politico.

Nas poucas paginas que vão seguir-se não procurarei delinear o seu retrato moral, nem escrever-lhe a biographia. O primeiro já está admiravelmente feito por um grande escriptor: a segunda excederia demais o meu proposito. Limitar-me-hei portanto a algumas notas que pude colligir d'entre as minhas lembranças. Faltando-lhes com certeza a eloquencia, sobra comtudo ao seu autor o mais vivo desejo de recordar o amigo.

Nascido em abril de 1842 na Ilha de S. Miguel, Anthero de Quental veiu muito novo para o continente: primeiro para Lisboa, depois para Coimbra. Tinha dezeseis annos quando se matriculou em 1858 na Faculdade de Direito: foi n'este anno que nos conhecemos.

Coimbra affirmava-se então d'um modo singular. O ensino universitario não satisfazia a mocidade, convulsionada pelas grandes questões do dia — questões philosophicas, religiosas, historicas, litterarias, sociaes, economicas... que prendiam sobretudo a attenção, tornando-se o thema das discussões ordinarias, em vez das lições officiaes. Como tinha chegado áquelle canto remoto, essa corrente revolucionaria — não é facil d'explicar; nem tampouco, como teve o poder d'apaixonar rapazes o menos preparados para a receberem. Resultou d'ahi transformar-se aquelle meio em tumulto d'ideias e opiniões, de maneira nenhuma adaptado a formar espiritos novos, que vinham cada um da sua terra, d'uma athmosphera totalmente diversa, d'um viver antigo e tradiccional. Todas essas preoccupações espirituaes, juntas com as illusões douradas e a alegria expansiva da mocidade, faziam «aquella encantada e quasi fantastica Coimbra de ha dez annos», como escrevia o poeta em

1872 no prologo das *Primaveras Romanticas*. Alli se lhe desenvolveu a intelligencia, n'aquelle ruido alegre, por entre a desordem pedagogica que deixava o estudo sem base solida, sem guia e direcção, que lhe faltaram — a elle e aos seus contemporaneos.

Repugnando-lhe a observação minuciosa dos factos, preoccupavam-no sobretudo as questões methaphysicas. A sua forte disposição poetica e philosophica ia assim emergindo e seguindo o curso natural, como se houvesse um fundo hereditario que tinha vindo atravez de muitas gerações procurar n'elle a ultima expressão.

São bem conhecidos os dois padres illustres da sua familia: Simão de Novaes, fundador do convento da Praia, na Terceira; Fr. Bartholomeu do Quental, primoroso escriptor mistico e fundador da congregação do Oratorio. O retrato d'este ultimo, que Camillo Castello Branco encontrou casualmente e offereceu ao poeta, podia passar pelo seu proprio entre as pessoas que mais o conheciam, tam assombrosa era a parecença: as mesmas linhas do rosto, a mesma carnação e cor dos cabellos, o mesmo olhar vago de quem não vê as cousas triviaes.

Menos conhecido, mas — quem sabe? não menos notavel fôra o avô, André da Ponte Quental e Camara, do qual faz insigne referencia um soneto de Bocage:

. . . .
Posto que hoje a calumnia nos affronte
Inda serão talvez na longa Historia
Dois nomes immortaes «Bocage e Ponte» [1].

Retirado á Ilha de S. Miguel, depois d'uma vida muito agitada, André da Ponte, pouco antes de fallecer,

[1] Soneto LXVIII, vol. II. Ed. de 1802.

mandou queimar todos os seus manuscriptos. Como o avô, quantas obras primas não destruiria o nosso amigo na passagem d'um para outro estado d'espirito? Seria immensa fortuna se possuissemos hoje a historia completa da vida intellectual d'um homem que só vivia para o pensamento. Felizmente, o que resta constitue uma verdadeira gloria para a lingua em que pensou e escreveu.

Durante o tempo da formatura resoou-lhe a lyra os tons mais variados desde as cantigas populares até ás *Odes Modernas*. O poeta ensaiava-se em todos os generos, não para fazer a aprendizagem litteraria, (nunca teve tal proposito nem jámais se lembrou d'isso) mas porque sentia esses diversos estados.

Em 1861 publicou o seu primeiro volume, colleccionando 21 sonetos sob o titulo *Sonetos d'Anthero* (edição meramente particular) e mais tarde incorporados, depois de revistos, na collecção completa, da qual existem hoje duas edições. O soneto, com que principiou, tornou-se de futuro a composição poetica mais do seu agrado; acostumando-se a exprimir os mais largos pensamentos por um numero tam limitado de versos, elevou esses curtos poemetos a um transcendentalismo nunca visto nas litteraturas cis-pyrenaicas. Na *Beatrice*, editada em 1863, o seu estro apaixonado desatava-se em strophes amorosas que um sentimento real inspirava. Em outubro do mesmo anno compoz no Bussaco o *Fiat Lux*, primeiro harpejo, por assim dizer, d'essa poesia transcendental que o dominou depois e o absorveu por completo.

Juntamente com as altas faculdades poeticas, apparecia um grande poder deductivo e raciocinador na sua prosa nitida e incisiva, a representação da linguagem fallada. Esta veia, que deixou quasi inexplorada, por isso que a riqueza inicial não corresponde aos escriptos n'esta fórma, depois de se ter manifestado em alguns

periodicos litterarios de Coimbra, revelou-se sobretudo em 1865 na *Defeza da Carta Encyclica de S. S. Pio IX contra a chamada opinião liberal.* N'estas composições breves, que exigem clareza e rigorosa deducção logica, mostrou todas as preciosas qualidades do seu estylo, como prosador, vindo a ser o principe dos pamphletarios do seu tempo.

Poeta, philosopho, critico, homem de lettras e homem moral, educára-se por si mesmo n'aquelle meio incoherente, onde cada um se deixava levar pela sua spontaneidade no meio das mais desvairadas discussões. De todo esse tumultuar d'ideias e sentimentos, ficara-lhe todavia profundamente gravada no espirito a idealisação d'um novo modo de ser da sociedade: d'ella, d'essa aspiração ardente pela justiça universal, nasceram as *Odes Modernas*, onde « o pamphletario, diz na auto-biographia, divisa-se muitas vezes por detraz do poeta. »

A sua composição começou talvez por 1862; pelo menos em fins de 1863 o livro estava completo. Não obstam duas peças que foram intercaladas na primeira edição com data posterior, nem tam pouco outras datas que se encontram na segunda, referidas aos poemetos que faziam parte da primeira: ou essas composições foram introduzidas em 1865, ou o auctor as datou depois a capricho. Mas o facto é que o livro, mais ou menos ordenado, como appareceu n'aquelle anno, estava prompto em dezembro de 1863, quando o auctor foi a Lisboa vèr se conseguia um editor.

N'esta occasião procurou Herculano, que o recebeu na sua casinha perto da Ajuda por uma d'estas tardes luminosas do inverno, tam communs alli n'aquella quadra. Um raio do sol poente entrava no modesto gabinete do grande historiador que fitava maravilhado o poeta, ao ouvir as suas strophes revolucionarias. D'esta entrevista, sem apresentação ou recommendação de ninguem, pro-

cederam as relações que posteriormente se conservaram sempre seguidas entre os dois.

Castilho pelo contrario, em cuja casa fez uma leitura, ficou de certo horrorisado com tamanha barbaria. No seu cenaculo de classicismo, deviam na verdade fazer dolorosa impressão aquelles versos duros, asperos, cheios d'incorrecções, e o assumpto extra-poetico de que tractavam. Todavia já n'um sarau litterario em Coimbra tinha ouvido recitar alguns trechos. Agora porem, não obstante as palavras convencionalmente affectuosas, viu sem duvida no antigo alumno do seu collegio um revoltado sem vocação poetica.

Como nenhum editor de Lisboa quiz emprehender a publicação, o poeta veiu d'alli, por mar, ao Porto para o mesmo fim: encontrando nos editores portuenses identica recusa, voltou com o ms. para Coimbra: assim terminou infructiferamente esta tentativa. As *Odes Modernas* ficaram por isso ineditas até julho de 1865, epoca em que as publicou por sua conta em Coimbra, ao despedir-se d'esta cidade, onde residiu anno e meio depois da formatura, terminada em 1864.

A lembrança da tempestade, que o livro provocou, conserva-se ainda geralmente viva: elle era de facto como uma planta de flora desconhecida: rebentava sem se saber que ventos lhe trouxeram as sementes, e abria as flores extranhas n'um ambiente inadequado.

Em novembro do mesmo anno o auctor levantava a chamada *questão coimbran* no pamphleto *Bom-Senso e Bom-Gosto*, excitado por uma referencia que a seu respeito escreveu Castilho no prefacio do *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas: e no mez seguinte lançava outro sobre o mesmo assumpto — *A Dignidade das Lettras e as Litteraturas Officiaes*. A *Defeza da Carta Encyclica* havia já mostrado quanto valia a sua fibra pamphletaria, que se revelou agora em toda a pujança. Todavia

esta magna contenda no microcosmo litterario portuguez bem depressa deixou de o interessar. Passados os curtos instantes da lucta activa, essa discussão não podia absorver a quem não tomava a litteratura por alvo unico da sua actividade intellectual. Mas a idade aurea dos vinte annos estava fechada, e agora era preciso entrar definitivamente na vida.

Idealista, raras vezes percebia a realidade das cousas. D'ahi, quantos tristes desenganos não vinham apoz uma resolução, longamente meditada e deduzida com rigor da verdade subjectiva que era tudo para elle! Uma vez que o seu espirito divisára a suave claridade que bruxulea no extremo horisonte, a luz da renovação social em que todas as forças devem estar equilibradas de modo a produzirem a harmonia geral, seria uma fraqueza não ir associar-se aos que erguiam o novo edificio: pois a determinação d'uma verdade havia de ter na pratica um facto correlativo, aliás a moral tornar-se-ia uma palavra van. Esta correlação constante entre as acções e as ideias, esta intransigencia pelo dever, deram-lhe uma grandeza de caracter sem igual na nossa epoca, mais propria dos primeiros tempos da pregação christan, ou d'esses momentos de crise da Egreja, quando as almas illuminadas pela crença viva se deixam impellir pelo ideal que as subjuga.

Mas não é só a fé religiosa que faz proselytos. As crises sociaes, como a que estamos atravessando, produzem-nos tambem. O amor da humanidade e a nova concepção da sociedade, balbuciados nas *Odes Modernas*, faziam do seu auctor um crente na Revolução. Impulsionado pela fé no proximo rejuvenescimento do mundo, passando por cima da sua posição, deixando de lado todas as honras que o esperavam na sua terra — elle, que tinha sabido commover a attenção dos seus conterraneos em alguns mezes, grande poeta e grande prosador, aristocrata pelo sangue e pela intelligencia, partiu

em dezembro de 1866 para Paris, trocando o mais auspicioso futuro por um componedor de typographo.

«Eu por mim — escrevia na vespera da partida, vou mais com o animo socegado de quem cumpre um dever, do que com o coração alegre de quem segue uma esperança. Mas por tanto tempo desesperei sem fundamento e me cancei sem ter trabalhado, que quero emfim comprar com estes supremos esforços o direito formidavel da desesperação com plena consciencia. Quero que os factos deem razão ao cançasso do meu coração ou que o façam resurgir por uma vez. Um sentimento definido, em bem ou em mal, mas inabalavel, eis o sonho dos meus annos de duvida e incerteza mortal e o que vou sobre tudo buscar — isto é, encarar de frente a vida.»

No meio d'uma sociedade tam diversa, sem relações de parentesco nem d'amisade, ahi se defrontou, só e isoladamente, com a crua realidade: pôde vêr então de perto as fundas miserias de que soffrem os trabalhadores nas grandes cidades, friamente explorados pelo capitalismo sem coração. Perdido na massa confusa dos interesses, lançado entre gente desconhecida que não tinha tempo de se occupar com nenhuma d'essas questões que eram o seu enlevo, n'esse redemoinho d'homens, reunidos apenas pelas necessidades imperiosas da existencia, sem tradicções nem affeições, viu-se desde logo, como o naufrago sobre as vagas d'um mar encapellado. Ahi, por entre uma intensa excitação nervosa, n'um clima hostil, do qual se não defendeu sufficientemente, contrahiu os germens da molestia que annos depois lhe tolheu a completa liberdade d'acção. Quantas vezes n'essas horas angustiadas lhe não sorririam as aguas turvas do Sena? Esta situação tragica ninguem comtudo a poderá exprimir melhor que elle mesmo:

« Ha um mez e tanto que caminho no meio de desillusões, d'isto bastante — mas sobretudo de mim. Julguei-me outra coisa. Concebi pela intelligencia um molde e não attendi á materia com que tinha de o encher. Ao segundo dia logo a antinomia entre o mundo em que me achava e o meu estado d'espirito e a natureza mesma do meu ser me appareceram cruelmente. Entretanto tenho ido soffrendo na esperança de serem enganosas as apprehensões e mais que apprehensões, as contradicções dolorosas por que ia e vou passando. Esperei que o trabalho me fizesse bem e foi elle que me revelou completamente o meu estado. Este trabalho é triste como todo o trabalho moderno, forçado, pallido e dividido, desnatural e injusto... Ora o meu estado é este, que crendo e amando do coração os principios e as ideias que mais que nunca me consolam, nem por isso posso na contemplação e estudo d'ellas esquecer os impulsos da natureza. Essa pede-me paz, esquecimento, trabalho harmonico e silencio. Como achar isto aqui?

. . . .

« Foi uma tentativa malograda mas honrosa, porque foi sincera: só eu sei por que esforços passei para cumprir o que julgava então o meu dever, quantos sacrificios! o resultado é este; mas não me queixo, porque tiro um outro moral, e esse grande, a estima de mim mesmo, ainda na minha fraqueza, de que vejo não ter culpa.

. . . .

« Emquanto á Revolução seria longo dizer o a que tenho chegado, mas resumo affirmando que pode haver cedo e muito cedo um cataclismo, muita desordem e confusão: a doutrina e ordem moral, porem, essa não se estabelece d'uma vez; é uma grande renovação da Humanidade: gastará seculos, acções e reacções sem conta para chegar a affirmar-se, como o Christianismo.

. . . .

« Vejo-me ás vezes obrigado a dormir 12 horas, porque nada me faz bem — e, extranha coisa! entretanto tenho um verdadeiro interesse, penso, sinto; mas como que é outro ser que em mim critica e discute; o verdadeiro *eu*, a consciencia e o coração, estão desolados: por outra, no meio da crença do universo não creio em mim! que destino! »

Os caracteres fortes rebustecem-se pelo embate da fortuna. Podem sim ter instantes de desfallecimento, por que não dizer de duvida? mas para resurgirem, passada a crise, com mais fortaleza e com esta belleza moral que aureoléa os vencidos. Cavalleiro do futuro, se perdeu a primeira acommettida, voltará de novo á liça, coberto com o escudo da experiencia que lhe faltava. Em todo o caso, a excitação nervosa tinha attingido o seu limite maximo; elle via bem que um tempo de repouso, mais ou menos longo, era de necessidade absoluta. Depois de tam grande abalo, precisava d'uns dias calmos, longe de qualquer inquietação, até que se decantasse a agua turva das desillusões. Este primeiro periodo de repouso encontrou-o na Quinta de Sant'Anna, perto do Mosteiro da Costa, em Guimarães. Ahi no silencio e retiro do campo, a nevrose cedeu, mitigada pela immensa paz d'essa residencia solitaria.

Apoz tres mezes de descanço em Sant'Anna, voltou de novo a Paris. N'esta segunda jornada visitou Michelet, apresentando-se sob o pseudonymo de Bettencourt, como incumbido pelo auctor das *Odes Modernas* de lhe offerecer um exemplar. Leu-lhe e traduziu-lhe alguns trechos; e o genial historiador francez entregou-lhe uma carta para elle a transmittir ao seu amigo.

Antes do fim do estio regressou a S. Miguel. Pouco depois da chegada escrevia :

«Esforço-me por me isolar, e sobretudo isolar o espirito pela leitura. Mas esta sequestração moral é o mais difficil. A minha philosophia, não sei bem porque, falha-me na pratica. Anceio a solidão tanto mais ardentemente quanto mais difficil de realisar vejo este meu desejo, que é ao mesmo tempo a mais profunda necessidade da minha natureza... Esta vida desgosta-me; e o desgosto com o meu temperamento receio que me leve ao embrutecimento. Não conto passar aqui mais que um anno. Menos não é possivel tambem, por que a minha sahida antes d'esse prazo deve parecer extranha á familia e até magoal-a. Mas, fora esta condiccional, tudo me leva para longe d'aqui. Para onde?»

D'esta vez o termo da residencia na Ilha de S. Miguel protrahiu-se um pouco além do indicado. Em novembro de 1868 comtudo estava de volta ao continente, indeciso e incerto, sobre o caminho a tomar.

A ancia pelo socego e a necessidade do movimento foram como que os dous polos entre os quaes se passou a primeira parte da sua vida. Dous planos lhe sorriam por igual; ou correr aventuras que alimentassem a sua natureza expansiva, recalcitrante ao convencionalismo burguez, — ou isolar-se do mundo, limitando a convivencia a um circulo estreito de pessoas que se occupassem dos mesmos assumptos que lhe eram queridos. Para o primeiro impellia-o uma inquietação caracteristica, talvez hereditaria: viajantes foram nas gerações proximas o pae e o avô, e tinham-no sido provavelmente já os fundadores da familia no archipelago açoriano: para o segundo attrahiam-no as necessidades do seu espirito, a contemplação dos altos problemas cuja solução o torturava, — o temperamento philosophico e mistico, revelado n'aquelles dois padres illustres, fundadores de congrega-

ções religiosas, no silencio e quietação das quaes passaram a existencia.

Chegado a Lisboa, encontrava triumphante a revolução d'Hespanha; agentes hespanhoes tinham vindo sondar a indifferença portugueza; pois o paiz continuava na sua frieza habitual diante d'esse grande acontecimento peninsular. O poeta, na instabilidade em que se achava, acolheu jubilosamente o offerecimento que lhe fizeram de se alistar no jornalismo madrileno, combatendo pela democracia e união dos povos peninsulares. Com este intuito publicou outro pamphleto — *Portugal perante a revolução de Hespanha; considerações sobre o futuro da politica portugueza no ponto de vista da democracia iberica.*

O seguinte trecho d'uma carta explicará o seu pensamento:

« Ha quatro ou cinco dias que estão abertas negociações com democratas de Madrid (partido Castellar) para me receberem como escriptor portuguez no jornal democratico e iberico que vão fundar. Este jornal, tendo a *Iberia* no seu programma, quer que de preferencia se tracte o assumpto em portuguez, porque (alem de ir acostumando os hespanhoes á lingua) é de muito pezo em Portugal... Em todo o caso para dar pezo á proposta publicar-se-ha brevemente um pamphleto meu com o titulo « Portugal perante a Revolução de Hespanha », no sentido das ideias d'aquella gente, que são tambem as minhas, iberismo com o federalismo em toda a peninsula. Isto deve sahir em 10 ou 12 dias. »

As negociações frustraram-se, e não pôde por isso correr esta aventura que tanto lhe sorria. No anno immediato porem deparou-se-lhe a occasião de fazer uma longa viagem. Convidado por um amigo que tinha de partir com o seu navio do Porto para a America do Nor-

te, embarcou com elle, e visitou Halifax e New-York. Viu então a grande democracia americana, atravessando o atlantico n'uma pequena embarcação que no regresso esteve a sossobrar.

Esta viagem, n'um meio todo familiar, com os milhares d'incidentes e vagares da navegação á vela, que lhe davam opportunidade de philosophar, tirando-o durante alguns mezes d'estes estreitos horisontes, fez-lhe sem duvida um effeito saudavel. Por equivoco de datas, tam natural n'elle, collocou-a na auto-biographia em 1868, mas a verdade é que teve logar em 1869.

As boas disposições, que sentiu depois d'esta viagem, determinadas talvez pela exuberancia da sociedade que acabava de visitar, deram-lhe alento para se lançar na propaganda socialista. Fallando a este respeito d'uma maneira geral, diz na auto-biographia:

«Ao mesmo tempo que conspirava a favor da União Iberica, fundava com outra mão sociedades operarias e introduzia, adepto de Marx e Engels, em Portugal a *Associação Internacional dos Trabalhadores*. Fui durante 7 ou 8 annos uma especie de pequeno Lassalle...»

Este periodo que começa realmente em 1870, depois do regresso da America, e que se póde julgar terminado em 1874, quando a molestia se apresentou com a maior gravidade, se é quasi ametade do que elle indica, é com certeza o mais bello da sua vida.

Desprezando altivamente as grandezas e honras officiaes, que com tanta facilidade conseguiria, continúa ao lado do povo, combatendo agora pelos seus direitos, pela renovação social que tinha sido e era ainda o seu ideal. Desde então estabelece-se entre os dois esta funda affeição, esta confraternidade que parece á primeira vista

um enigma indecifravel. Metaphisico e poeta transcedental, nem as suas ideias philosophicas nem a sua poesia podiam ser entendidas pelas massas populares: mas por detraz do philosopho e do poeta estava o homem moral e era este que ellas comprehendiam e com razão amavam. Por uma disposição que lhe era muito particular, facilmente descia das regiões mais superiores do pensamento para aconselhar nas cousas ordinarias, para escutar e consolar os que soffriam. O povo, acreditando cegamente n'elle, não se enganou; pois nunca trahiu a sua confiança nem se aproveitou d'ella, senão em beneficio da mesma causa por que combatia.

Durante este tempo, a sua actividade intellectual desdobra-se e multiplica-se incessantemente, como organisador de sociedades operarias, orador, jornalista, pamphletario e poeta. Tendo a sua residencia fixada em Lisboa, vinha amiudadas vezes a Coimbra, ao Porto, com algumas excursões a S. Miguel, mais ou menos longas.

As *conferencias democraticas* do Casino são um notavel incidente d'esta epoca. Além do discurso d'abertura, que lhe pertence, poucos mais se pronunciaram; aquelle foi impresso pouco tempo depois sob o titulo *Causas da decadencia dos povos peninsulares nos ultimos tres seculos* (1871). O mundo conselheiresco aterrou-se. Um grupo de dissidentes a fallar em voz alta era na verdade insupportavel á gravidade banal, sob a qual se occultavam as mil miserias que tam duramente estão hoje a ser expiadas. O ministro do reino resolveu fazer terminar esses discursos por uma ordem sua: a prepotencia, provocando um d'esses momentos de cholera, a que o nosso poeta em taes casos era sujeito, determinou mais outro pamphleto — *Carta ao Ex.mo Marquez d'Avila e Bolama sobre a portaria que mandou fechar as conferencias do Casino.*

Na primeira metade de 1872 estacionou sobre tudo no Porto e no Minho. Em janeiro publicou n'esta cidade as *Primaveras Romanticas*, collecção de poesias da mocidade, já dispersas por varios jornaes, já editadas em folheto, com a *Beatrice:* e em junho do mesmo anno imprimia em volume um trabalho de critica litteraria. que no corrente d'esse semestre tinha apparecido em folhetins no «Primeiro de Janeiro», com o titulo — *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria Portugueza*. De todos os seus pequenos escriptos em prosa era este, segundo consta da auto-biographia, o que lhe merecia mais apreço.

D'este modo, agremiando operarios, tractando questões sociaes e politicas, grande escriptor em prosa e poeta de primeira ordem, tornou-se então a figura mais predominante de Portugal, o homem mais verdadeiramente popular do seu tempo. Elle tinha conquistado passo a passo, por si mesmo, uma força immensa, nunca vista n'esta terra, porque ninguem modernamente conseguira ter a seu lado a confidencia da população operaria. Não era só a intelligencia, que lhe dava um logar proeminente, mas sobretudo o seu caracter e grandeza d'alma. O desprehendimento de todos os interesses mundanos, o amor da justiça, o ideal do bem e da verdade, tornavam-no um vulto superior n'este meio decahido e vulgarisado.

Quando emfim, pelo desenvolvimento natural das suas faculdades, se achava n'este logar culminante, a doença veio abater-lhe de golpe todos os planos. «N'esse mesmo anno de 1874 — diz na auto-biographia — adoeci gravissimamente, com uma doença nervosa de que nunca mais pude restabelecer-me completamente. A força da inacção, a perspectiva da morte visinha, a ruina de muitos projectos ambiciosos e uma certa acuidade de sentiemntos, propria da nevrose, puzeram-me novamente e

mais imperiosamente do que nunca, em face do grande problema da existencia.» No primeiro momento a doença attinge proporções assustadoras; depois cahe n'um estado chronico, que se o não paralysa de todo, o priva todavia da liberdade d'acção, e assim vê-se forçado a abandonar os trabalhos encetados.

Nos tres primeiros annos (1874-1876) ensaia diversos tratamentos sem comtudo obter mais que ligeiras attenuações. Nos intervallos, quando podia transportar-se, e as jornadas produziam-lhe sempre um certo lenitivo, vinha passar algum tempo ao Porto. Aqui em 1875 fez a segunda edição das *Odes Modernas*. Por este tempo adoeceu tambem gravemente Germano Vieira Meyrelles, a quem tinha offerecido a anterior. «Escrevo — dizia na dedicatoria, o teu nome na primeira pagina d'este livro, como no socco da estatua da Venus antiga gravou o esculptor, enlaçados o seu nome com o da formosura extranha que lhe servira de modelo... Se são estas paginas fragmentos do grande e bello poema da nossa commum mocidade? da epopeia que nos sonharam — unidas — as almas? do *mundo*, que as intelligencias juntas, nos pesaram, em tantos dias de estudo, de esperança ou de tristeza: em tantas noites de meditação, de desalento ou de enthusiasmo?» Sempre que podia, vinha visital-o ao Porto e na ausencia escrevia-lhe confortações eloquentes. As cartas que adeante vão incluidas pertencem a esta época.

A medicina nacional tinha esgotado todos os recursos. Seria um doente incuravel? Talvez. Em todo o caso valia a pena ouvir os grandes mestres da sciencia. Charcot, a quem foi consultar em 1877, aconselhou-lhe o tratamento hydrotherapico, que ensaiou n'este anno e no seguinte. No intervallo dos dois, em Dezembro de 1877, falleceu Germano Vieira Meyrelles, no vigor da idade e da intelligencia. A morte colheu-o d'imprevisto porque

nunca acreditou que padecesse d'uma aneurisma. Por esse motivo ficavam sem recursos uma menina de pouco mais d'anno e meio, e outra que nasceu quatro mezes depois. Um grupo, de que fez parte desde logo o nosso poeta, chegado n'essa occasião de Paris a Lisboa, cotisou-se immediatamente para sustentar a mãe e as duas orphãs. Da mais velha porém tomou conta, depois do nascimento da segunda, o seu primo Gustavo A. Barboza, padrinho d'ella juntamente com o auctor d'estas linhas, e em cuja casa ficou vivendo.

A hydrotherapia, longe de dar resultados definitivos, deixava-o sempre n'um estado de doença a que se foi habituando lentamente. Ao fim de duas estações de tratamento perdera as esperanças de obter a restituição da antiga saude. Fallecidos os paes, e tendo casado as irmãs, via-se obrigado a estabelecer casa sua, e comtudo — dizia elle — consternava-o a ideia de viver só, doente, sem affeições. Torturava-o tambem a instabilidade e a mobilisação constante da sua vida. Em Novembro de 1879, estando no Porto, onde viera passar uns tempos, hospede d'um amigo que então residia n'esta cidade, deliberou fixar-se de vez em Lisboa e tomar conta das duas orphãs. Esta vontade, apresentada á mãe, foi por ella acceite, como fortuna inesperada; e Gustavo Barboza, em vista d'esse desejo, prescindiu da companhia da mais velha. Em janeiro de 1880 partiram de facto para Lisboa a mãe com as duas meninas.

Durante dous annos residiu ahi com a sua familia adoptiva, como lhe chamava. Nas meiguices das creanças encontrava a suavidade e a ternura de sentimentos que tanto tinha appetecido. Feito verdadeiro pae de familias, como dizia ás pessoas da sua intimidade, acreditava ter emfim encontrado n'esta adopção a fixidez por que tanto suspirára.

D'esta época existe uma collecção de 28 sonetos,

editada pelo snr. Joaquim d'Araujo, para ser distribuida como brinde aos assignantes da «Renascença», com o titulo — *Anthero de Quental, Sonetos*. Publicou tambem um folheto — *A Poesia na actualidade, Estudo critico (a proposito da Lira Intima do snr. Joaquim d'Araujo).*

No fim d'este tempo, se me não engano, pois me parece que a sua residencia em Lisboa d'esta vez não excedeu dous annos, mudou-se para Villa do Conde. Chamavam-no para alli tanto as condições particulares da localidade, assim como a proximidade do Porto, onde continuava a viver um dos amigos que mais estimava, e outros motivos a que dava talvez uma importancia demasiada.

A nova residencia não deixou comtudo de ser uma época fecunda para o seu espirito. Para preencher uma lacuna da livraria portugueza ordenou o *Thesouro Poetico da Infancia*, collecção de poesias singelas, extrahidas de varios poetas e dos romanceiros, destinadas a desenvolver no espirito das creanças as tendencias poeticas, sem o perigo de lhes inocular ideas ou sentimentos, improprios d'essa idade. N'este genero póde dizer-se que está n'ella quanto a poesia portugueza podia dar.

Alli resolveu colleccionar os seus sonetos, aos quaes dava a importancia que na verdade merecem. A este respeito escrevia :

«Tenho agora o projecto de reunir todos os meus *Sonetos Completos* em volume que será prefaciado por O. Martins. Isto não é para já, mas só para quando, esgotada de todo a veia poetica, possa dar ao publico o cyclo completo ou fechado. Creio que afinal será tudo quanto de mim ficará, um cento ou cento e meio de sonetos n'um genero por mais d'um lado sem precedentes

na litteratura portugueza, e até peninsular. Entretanto além d'algum novo que appareça, o que é já *rara avis*, vou-me entretendo em rever e tornar impeccaveis os antigos.»

Alli planeou a obra philosophica, da qual se publicou um como resumo na *Revista de Portugal* com o titulo *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX*, que contava terminar em S. Miguel.

Não poucas vezes comtudo tristes occorrencias vieram perturbar a paz da sua morada. O fallecimento da mãe das duas creanças, e outros acontecimentos igualmente maguados lançaram de quando em quando perturbações no seu viver.

Mas quem ha tam feliz que não tenha a defrontar-se com estas constantes contrariedades que estão sempre ameaçando os planos mais bem concebidos, as situações que parecem mais estaveis? Elle sabia-o por experiencia melhor que ninguem. Soffrendo e luctando contra as emboscadas da fortuna, philosophando e discutindo, a sua vida passava-se nas mais elevadas regiões do pensamento, sem todavia deixar de prestar aos seus e aos extranhos os auxilios que podia dispensar-lhes.

D'alli, d'aquelle remanso d'estudo e discussões serenas, sahiu um dia, ha tres annos, para reapparecer outra vez na arena politica. A profunda impressão que fez o seu ingresso nas cousas publicas, a convicção geral que apparecia no forum um combatente cavalleiroso, a confiança illimitada que inspirava — todo este conjuncto constitue um phenomeno unico na historia contemporanea portugueza, quando todos os dias estamos vendo entrar e sahir os personagens no scenario politico no meio da maior indifferença.

Sobretudo o povo applaudiu-o do fundo do coração, pois via sempre n'elle, com recto juizo, o raciocinador

da justiça universal que virá remil-o um dia das iniquidades do presente. N'este ponto culminante, no idealismo do bem e do bello, na suprema aspiração pela liberdade, a igualdade e a fraternidade, encontravam-se e entendiam-se ambos: aquelle por intuição, o nosso philosopho pela deducção serena e calma dos seus principios.

Descido ao tumulo o magico idealista que o encantava, o povo sentiu, como se lhe tivessem partido as cordas mais sonoras da sua lira, como se tivesse extinguido a mais eloquente expressão dos seus sentimentos. Por isso ninguem, excepto algumas pessoas intimas, chorou mais sentidamente tamanha perda.

Esta funda magua popular é a glorificação da sua vida intellectual e moral. Eu não conheço nada de mais superior que se possa tributar á memoria d'um homem que as sentidas sessões das sociedades operarias do Porto e Lisboa. Ajunte-se-lhes as manifestações spontaneas da população e Camara Municipal de Ponta Delgada, e teremos uma somma de testemunhos os mais expressivos. Acima d'elles, que representam por si sós o sentir da alma collectiva, não ha commemorações officiaes ou academicas que valham de qualquer cousa.

Se á paz do sepulchro onde repousa, podesse chegar a voz d'este sentimento popular, eu creio sem nenhuma duvida que veria n'elle a sancção moral de toda a sua vida.

N'esta sociedade em transicção, tudo passa e se esquece depressa: homens e instituições, o tufão da desordem arrasta-os em instantes para o sorvedouro insaciavel do esquecimento. Uma unica entidade resiste, firme e forte, n'este desbarato constante. Essa entidade é o povo, e quando elle pronuncia o seu juizo, está lavrada a sentença final.

Depois d'este ultimo testemunho, prestado a sua memoria, nenhuma outra manifestação se lhe pode comparar em grandeza e significação. Mas com certeza faltava uma : é esta — a que nós, seus amigos, vimos hoje tributar-lhe, depondo sobre a sua campa um ramo de saudades.

Alberto Sampaio



O TEDIO-DOLOROSO

UNS três (?) dias antes de eu e Oliveira Martins o acompanharmos a bordo e lhe darmos o (ultimo) abraço, Antero de Quental estivera em minha casa desde cêrca das 2 horas até depois das 4 da tarde. Vinha dizer-me «adeus mais demorado que das outras vezes.»

Reclinado, em posição cuasi horizontal, na camilha da minha biblioteca, olhou em roda, atentamente, para os livros das estantes e da minha mesa de trabalho e preguntou-me que opinião tinha eu dos livros de Rhys Davids.

Antero lia muito acêrca do Budismo ; e para distracção de meditações e cojitar em problemas relijiosos e filosóficos, lia o *Panchatantra*, os «cinco livros» de contos, apólogos, e fábulas mais ou menos derivados de contos búdicos.

Servia-se da tradução alemã de Benfey.

O nosso diálogo seguiu êste rumo e passámos aque-

las duas horas em suave palestra e calma discussão a propósito de teorias cuja investigação me interessou sempre como estudo dum facto social, a evolução psiquica, e a ele cativou como problemas de solução redentora.

Numa estrofe do *Hitopadexa* tinhamos nós encontrado em resumo a critica e a explicação da obra de Antero «Os Sonetos». E na capa dêste livro escrevi então em devanágrico o passo do livro indiano [Hit. 1, 154 (ou 143, ou 111)]:

tenādhitā śrutā tena
  tena sarvam anuṣṭhitam
jenāśāḥ pṛṣṭhataḥ kṛtvā
  næ̆rāśjam avalambitam

Traduzi-lhe estes versos literalmente, e ele escreveu-os e guardou-os com redacção sua em prosa para depois dá-la em verso.

A tradução é a seguinte:

«Tudo estudou, aprendeu tudo e tùdo executou, quem voltou costas á esperança e se ampara descansado em nada esperar.»

Antero ficou mais sombrio depois de lermos êste aforismo samscritico; e por vezes interrompia-me dizendo:

— «É exacto!... não tinha consciencia dêste facto!»

Digo interrompia-me porque ele pouco falava, queria ouvir-me acêrca de panteismo hindu, acêrca de pessimismo, de nirvana.

A filosofia nunca foi estudo que me preocupasse nem como meio nem como fim; considerei-a sempre como um facto para estudo. Com isto não quero definir a filosofia; defino tão sómente o ponto de vista em que a tenho encarado. Com justiça e verdade disse Cicero:

«O acutos homines! quam paucis verbis negotium confectum putant? Ea sumunt ad concludendum, quorum iis nihil conceditur. Conclusio autem rationis ea probanda est, in qua ex rebus non dubiis id, quod dubitatur, efficitur.» (De Divin. II, 49 in f.).

Mas se nisto há advertencia que nos deva acautelar, a mesma cautela devemos ter para que a não transformemos em desdém pe' la filosofia.

Por isto mesmo que Antero e eu estudávamos a filosofia em pontos de vista diferentes, ele no ponto de vista especulativo atinente ao fim, solução social do problema até agora insolúvel, eu no ponto de vista histórico, por isto mesmo nos compreendiamos, e por vezes chegávamos à mesma conclusão.

Antero mostrava-se-me de vez em cuando anomista em materia relijiosa. Todavia depois de eu lhe expor o meu modo de ver ácèrca do panteismo, especialmente hindu, e ácèrca do pessimismo viemos a assentar em que «O ser, a cousa em si, o númenon, o incognoscivel. Deus, todos èsses factos intimos, declarações lójicas da nossa consciencia mas intraduziveis na fenomenalidade material palpável, laços mais ou menos ficticios dos fenómenos, sinteses filhas da nossa ignorancia e do nosso arròjo previdente e sublime, as cuais alevantamos acima de tudo e nos satisfazem provisoriamente porque preenchem o vacuo das sinteses cientificas, — não atestam sómente a insuficiencia do saber humano em dadas épocas e a insuficiencia orgánica e a incapacidade orijinal do nosso espirito; atestam mais e é, que — o númenon inferido por indução dos factos reais, palpáveis, observados, reproduzidos ou semelhantemente repetidos, é o motor por excelencia de todo o progresso, e na ordem moral o consolador e o laço moral, único bem da Humanidade.»

— «Laço unitivo — disse eu depois de havermos as-

sentado nisto — mais do que nunca necessario neste momento histórico de crise relijiosa, moral, social, em que a reflexão, o exame critico, a análise e a meditação de cada um em si mesmo, são os poderosos dissolventes em que tudo rui.»

— «E levam à convicção de que nada construimos! — acrescentou Antero — por isso prefiro o descanso do teu apotegma.»

— «O do Hitopadexa!?... é um descanso doentio, é sujestão metafisica da propria fraqueza de corpo e alma, é o egoismo da suprema aspiração hindu, sentimento subjectivo da incapacidade moral.»

— «É a conclusão a que se chega com tantas razões para sofrer e tantos motivos para desesperar, cuja súmula é a serenidade inerte e o tedio doloroso desta vida.»

— «Ha nisso contradição; não se fica inerte cuando nos defendemos nem cuando se tem rancor ou tedio: cojita-se.»

— «Descansa-se!... se no tedio-doloroso de nós mesmos encontramos a fôrça para nos sumirmos.»

Uns três (?) dias depois eu e Oliveira Martins acompanhavamos Antero de Quental a bordo e davamos o último abraço no amigo de quem tantos outros se haviam dito amigos e admiradores, de quem nenhum outro se lembrara para lhe dizer adeus! Fomos nós, eu e Oliveira Martins, os únicos a bordo que lhe apertámos a mão! os únicos que nos despedimos de Antero!!

E eu hoje, depois do suicidio de Antero, lembro-me sempre da asseveração dele: — «Descansa-se!... se no

tedio-doloroso de nós mesmos encontramos a fòrça para nos sumirmos.»

Foi no tedio-doloroso que ele encontrou a fòrça para sumir-se!!...

Alguém que em tempo se dissera seu amigo, mas por infima ruindade propria se afastara dele, acoimou-o, depois de morto, de vicio em que o acusador era useiro, e assim explica o seu suicidio.

Mente êsse vil caluniador!

Antero foi sempre alma pura, e em toda a sua vida um idealista!

Era um doente!

Era. Sofria do mal que Stuart Mill diz ser a fôrça dissolvente do universo psicolójico, da reflexão e meditação em si e consigo, que dá a acuidade interna mas afunda na tristeza.

Antero era um doente, porque jenio de aguia, aguia subiu até o sol e não se aqueceu, transformou-se consumindo-se, debelitando-se e mariposa queimou-se na luz que procurava.

G. de Vasconcellos Abreu



A CONSTITUIÇÃO POETICA

EM

ANTHERO DE QUENTAL



E' UM facto interessante que nesta segunda metade do seculo XIX, quando as esperanças d'uma regeneração nacional que a mudança de regimen politico fizera conceber, se veem desfolhadas uma a uma perante a crescente podridão politica e a imbecillidade do povo deixado ao desamparo, tenham surgido alguns poetas de raro merito, que hoje estão sendo apreciados pelos criticos das outras nações. Esse facto não é sem duvida unico no seu genero e explica-se, d'um lado, porque as litteraturas não estão em todas as suas manifestações ligadas completa e sobretudo directamente a todas as phases da vida nacional senão nos seus periodos de desenvolvimento organico e independente; d'outro, porque a existencia d'uma litteratura universal, como a queria Goethe, acima das nacionalidades, embora tomando aqui e alli algumas se-

cundarias colorações nacionaes, é, como fez sentir Ebert, um facto consummado desde a queda do imperio romano.

É quasi sempre facil achar relações entre qualquer escriptor e o meio especial em que elle vive materialmente; mas essas relações são, por vezes, muito tenues; pode succeder até que, como notou Michelet, citando o exemplo de Florian ao escrever as suas pastoraes sob o terror, haja perfeita opposição entre o meio social e o escriptor.

Uma nação qualquer de lingua arica, por mais profunda que seja a sua decadencia, não podé subtrahir-se por completo á corrente d'aquella litteratura universal, que teve primeiramente por nexo a idea christã, depois o ideal humanista do renascimento e hoje um fundo de concepções philosophico-scientificas resultantes da evolução moderna do espirito sobre a base do renascimento. E assim, num pais decadente, alguns raros individuos, por um conjuncto particular de circunstancias de organisação psychica e d'educação, podem entrar nessa corrente universal litteraria e adquirir uma significação superior, que aliás os deixa, quasi solitarios, no meio em que nasceram.

Um escriptor que assim entrou nessa corrente universal, nascida como a do Gulf-stream noutras regiões e que como ella vem envolver a peripheria do nosso pais, ignorado da maior parte dos que nelle habitam, um escriptor d'essa natureza foi Anthero de Quental; e emquanto alguns se contentam com mirar de largo o Gulf-stream do pensamento moderno, elle mergulhou de fundo nelle e deixou-se levar resolutamente ás novas paragens, a que esta corrente se dirige.

Eu sei que pode objectar-se a essa explicação do apparecimento d'um escriptor como Anthero de Quental, em o nosso meio, a existencia d'um poeta do alto valor de João de Deus, que parece a muitos um puro producto d'este solo. O nosso «poeta do amor», como lhe

chamam os estranjeiros, tem (permitta-se-me a expressão estranha) cultivado muito a sua ignorancia, para que facilmente o suspeitem de ceder a influencias vindas de longe, para que não o considerem como um autodidacta, que tira os seus ensinos apenas do seu coração de portuguès e d'esta bella natureza que nos cerca; mas por ventura um estudo miudo revelaria influencias externas, que actuaram sobre elle, ainda que muitas vezes de modo indirecto, e que a ignorancia é, no seu caso, mais apparente que real.

No que respeita a Anthero, as duvidas não são permittidas relativamente ao que deve áquellas influencias. Quando mesmo os seus versos permittissem (o que não permittem) apenas a supposição de coincidencias de pensamento, comparados com outros productos das litteraturas modernas estranjeiras e ainda com a d'outras litterarias, os seus escriptos em prosa, o catalogo publicado da sua pequena livraria, o testemunho dos seus amigos intimos, mostrar-nos-hiam á evidencia que o poeta das *Odes Modernas* tinha conhecimento extenso das obras poeticas, philosophicas e scientificas modernas e até das antigas e que buscava constantemente dilatar esse conhecimento.

Ha ainda quem julgue que a originalidade está em tirar tudo do proprio fundo: em dizer coisas que nunca ninguem disse; em pensar de modo differente do que todos os outros pensam; e que tal originalidade seria o caracteristico do genio. Se essa é a verdadeira originalidade, esse o verdadeiro genio, os psychiatras responderão que é nos manicomios que devemos ir procurá-los.

Um Goethe escreveu: «Tudo o que é bom foi já dicto uma vez: tracta-se sómente de o repensar.» No repensar e no resentir é que pode manifestar-se a verdadeira originalidade, onde ella exista.

*

Escreveu ainda aquelle escriptor, grande entre os grandes, com referencia a certos jornalistas francezes:

«O maior genio nunca terá algum valor se se limitar aos seus proprios meios. Que é pois o genio senão a capacidade de se apropriar e de empregar tudo o que nos toca; ordenar e vivificar toda a materia que se nos offerece: tomar aqui marmore, acolá bronze e fazer d'elles um monumento duradoiro?... Que seria eu, que ficaria de mim, se esse modo de apropriação fosse prejudicial á genialidade? Que fiz eu?—Juntei e empreguei tudo o que vi, ouvi, observei; reclamei as obras da natureza e homens. Cada um dos meus escriptos foi-me trazido por milhares de pessoas, milhares de coisas diversas; o sabio e o ignorante, o prudente e o louco, a infancia e a velhice contribuiram para elle. Quasi sempre, sem o saberem, traziam-me os dons dos seus pensamentos, das suas capacidades, das suas experiencias; semearam muitas vezes o grão que eu ceifei. A minha obra é a união de existencias tomadas do curso da natureza. Isso traz o nome «Goethe»... Gente inepta! Sois como certos philosophos, meus compatriotas, que imaginam que, depois de se fecharem trinta annos no seu gabinete d'estudo, ou quando se occupam exclusivamente a joeirar e peneirar as ideias que tiram dos seus pobres cerebros, alcançam uma fonte inexgotavel de originalidade! Sabeis, o que sae d'alli?—Nuvens, só nuvens.»

E já Molière dissera: «Je prends mon bien où je le trouve.» E por ventura Camões não tem profunda originalidade, porque imitou Virgilio, se apropriou até de versos d'elle, porque foi nas pisadas de Petrarcha e de outros poetas do renascimento?

Quem procurar nos escriptos d'Anthero horizontes verdadeiramente novos não os achará, se conhece o que

os grandes espiritos dos tempos modernos sentiram, pensaram e exprimiram: quem procurar nelles um poeta que resente e repensa e exprime de novo, numa forma que é sua, com a frescura d'uma creação nova, em que se unificam elementos preexistentes, sentimentos e pensamentos que não são d'um só, porque são do homem moderno, e que não são do homem moderno senão num aspecto novo, quem procurar nos escriptos d'Anthero um tal poeta, acha-o lá, e acha-o revelando poder genial.

Que é o genio e em especial o genio poetico? Definiu alguem a litteratura — uma ideia geral, uma forma geral. Essa definição é erronea, emquanto á segunda parte. Citemos de novo Goethe, que a meu ver, poz o dedo no *punctum saliens* da questão:

«São dois casos muito distinctos se o poeta busca o particular para o geral ou contempla o geral no particular. No primeiro caso nasce a allegoria, em que o particular sómente tem valor d'exemplo: no segundo está porem a natureza propria da poesia: esta exprime um particular sem pensar no geral nem apontar para elle. Quem abraça esse particular dando-lhe vida, está senhor ao mesmo tempo do geral, sem o notar ou notando-o só depois.»

Não deve negar-se todavia que o conceito geral pode preexistir no espirito do poeta, mas não é elle que cria o particular: este pode offerecer-se e o poeta reconhecer nelle a corporisação da ideia que o agitara sem tomar forma. Mas a essencia do processo poetico (e do artistico em geral) está na creação do particular com significação geral.

Será erroneo suppor que essa significação geral se traduz sempre por um puro conceito, por uma noção abstracta d'ordem scientifica ou philosophica. A generalidade encarnada na arte revela-se no accordo do parti-

cular com a natureza do espirito humano; por outras palavras, está na comprehensibilidade e na capacidade de despertar o sentimento, da parte da obra d'arte, independentemente do logar e do momento em que foi produzida. E quanto mais elevado for o grau da comprehensão e da emocionalidade da parte do publico (do que contempla, lê, escuta), tanto mais seguro é o criterio na apreciação d'aquella obra.

Certamente não é porque a Antigone de Sophocles representa uma these philosophica qualquer que ella é um elevado producto artistico; mas, porque os sentimentos postos em jogo e collisão naquella tragedia, despidos d'elementos particulares, hellenicos (cómo o culto dos mortos numa forma em que já hoje não o conhecemos), são fundamentaes na alma humana, e porque mesmo aquelles elementos particulares são comprehensiveis. Reconhecemo-nos ainda naquellas scenas do drama, por isso immortal; revivem em nós aquelles personagens e comprehendendo-os comprehendemo-nos nelles.

Mas o dado fundamental d'uma obra d'arte pode por vezes traduzir-se num puro conceito; para isso é porem preciso abstrahir, e esquecer portanto a obra d'arte.

Schiller no seu processo de composição partiu dos conceitos. Goethe descreve-nos como seu o processo contrario, a que deve, entre outras causas, a sua superioridade artistica.

«Os allemães, diz elle, fazem com as suas ideias, que mettem em tudo, a vida mais difficil que agradavel. Tende uma vez a coragem de vos entregar ás impressões; deixae-vos deleitar, agitar, elevar, instruir, inflammar por alguma coisa grande, mas não penseis sempre que seria vão aquillo em que não houvesse algum pensamento abstracto ou ideia.

«O unico producto de grande extensão em que tenho

consciencia de ter trabalhado pela exposição d'uma ideia dominante foram as minhas *Affinidades electivas*. O romance ficou por isso mais comprehensivo para a razão: mas não direi que por isso ficou melhor! Muito mais sou de opinião que quanto mais incommensuravel e menos comprehensiva para a razão é um producto poetico, tanto melhor.»

O genio poetico consiste, pois, na capacidade de encarar o geral no particular e essa capacidade tinha-a o escriptor portuguès de que nos occupamos.

Anthero de Quental é denominado muitas vezes poeta-philosopho. Aquelles que lhe applicam essa expressão sabem bem, senão todos, pelo menos os melhores, que ella não significa poeta didactico, poeta que expõe em verso um systema philosophico: a poesia didactica vale por o que ella tem de poesia e não por o que ella tem de didactico. Não vamos ás Georgicas buscar o que Catão, Varrão, Columella, Palladio nos ministram em muito melhor forma didactica. Não é pois em Anthero de Quental, verdadeiro poeta, que iremos buscar uma poesia que exprima o raciocinio, a ideia nitida, que, se a theoria atrás esboçada e comprovada com Goethe é verdadeira, estará nos confins da poesia, mas nunca no amago d'ella. Pode enganar na apreciação do nosso poeta o facto de que elle tentava a construcção d'uma philosophia e nos deixou um precioso esboço d'ella; mas não importa — o que vale na sua obra poetica é exactamente o que nella ha de «incommensuravel». Lede, por exemplo, o *Palacio da ventura* (Soneto 42): que vale alli? É o vago d'esse palacio onde se busca a Ventura e só se acham o Silencio e a Escuridão; é a dôr do poeta desherdado; é emfim todo o elemento particular pelo que nelle ha d'accordo fundamental com o proprio destino do que lê, com o destino humano em geral, visto pelo lado negro. O racioci-

nio, a ideia geral é o menos no caso: reduz-se por assim dizer a uma velha banalidade, repetida até nos simples cantos populares, essa do mal que surge onde se espera o bem, revestindo formas variadas, como a da aspide occulta nas flores (*latet anguis*). O que nos interessa aqui não são realmente os raciocinios do poeta, embora se veja em verdade, que muitas vezes elles pairam sobre a sua poesia; o que nos interessa é a luta que lhe vae na alma, é a agitação dos sentimentos, é a manifestação da personalidade particular, porque essa luta mais ou menos se dá em todos os que pensam hoje, porque esses sentimentos são analogos aos nossos sentimentos e a personalidade particular do poeta surge como um typo vivo, concreto do homem do nosso tempo, que nos attrahe não só pelo seu lado geral, mas tambem e talvez em maior grau pelo individual significativo. Nas composições em que o conceito philosophico do poeta apparece mais a nu, confesso ver productos de menos valor, quasi prosa (p. ex. *Sonetos*, 62, sobretudo os tres ultimos versos).

Ha sem duvida caracteristicos que separam a poesia d'Anthero de Quental e toda a poesia similar d'outras tendencias poeticas: é que ella não surge, em geral, no meio d'uma luta directa, immediata com os elementos da natureza e da sociedade. Raros foram na vida do nosso poeta os momentos de luta real, exterior: as lutas que occasionam as suas composições metricas deram-se, como já foi notado, dentro do seu proprio espirito e as personagens que se degladiaram tem nomes de coisas abstractas, como *Morte, Liberdade, Amor, Consciencia*; mas a phantasia do poeta mythifica-as, e eis como ellas do dominio do pensamento philosophico entraram com pleno direito no da arte. Esse processo que depende, não de querer, mas da inteira organisação psychica do poeta, tem numerosos exemplos na historia litteraria.

Pergunta-se agora: tal organisação é perfeitamente

compativel com o verdadeiro espirito philosophico? Era realmente Anthero de Quental uma natureza dupla, poetica e philosophica, alternativamente poetica e philosophica? Esse problema envolve um muito mais geral, que a moderna psychologia incipiente, na sua marcha inductiva, não poude resolver ainda, que eu saiba, completamente: o problema dos elementos unificantes das organisações psychicas individuaes. Só quando se tiverem estudado a fundo psychologicamente numerosas individualidades typicas poderemos subir aqui a uma lei segura.

A nitidez e comprehensão do espirito de Anthero de Quental permittia-lhe abraçar facilmente os problemas scientificos e philosophicos; mas elle não era nem um investigador scientifico, nem o constructor d'um novo systema philosophico. O que elle põe de seu, por exemplo, no escripto a que já alludi, *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX*, parece-nos ainda mais poesia que philosophia, se exigimos, como devemos, a toda a philosophia o maximo rigor demonstrativo, para evitarmos illusões tantas vezes renovadas.

Anthero de Quental, depois de ter, com tacto delicado, posto em relevo os pontos capitaes da philosophia moderna, quer resolver o problema do dynamismo e da liberdade, achar uma synthese em que se fundam esses conceitos antitheticos; então o espirito considerado como força-causa apresenta-se-lhe como o typo não só segundo o qual nós concebemos todas as forças, mas ainda como o typo real, objectivo de todas as forças-causas, o que é um puro anthropomorphismo, que com modificações diversas encontramos aliás noutros pensadores. A exposição do nosso escriptor não segue todavia de modo nenhum o teor da demonstração: é um credo que se enuncia e esse credo tem em parte o aspecto de poesia em linguagem de prosa; lede, por exemplo, o trecho seguinte

em que a forma viva, movimentada, oratoria, emfim, mas expressão sincera do sentimento do poeta, vale muito mais que a these que enuncia:

«Eil-a pois desfeita, aquella cadeia de elementos cegos, sem vida propria, que a abstracção materialista fazia girar sem termo no mesmo circulo fatal. Comprehendendo a necessidade como lei e a lei como a expressão do desenvolvimento intimo e espontaneo dos seres, reconhece-se que a fatalidade é só a mascara da razão: sob aquella mascara terrivel, ella conduz o universo, por mil caminhos sombrios, para a luz e a liberdade. E já tambem em face d'esse universo onde lateja a razão, onde circula a seiva da ideia, não experimenta o coração do homem aquella impulsão de vacuidade e morte, aquella tristeza funebre, que o mundo fatal e eternamente mudo do materialismo lhe infundia. O espirito humano sente agora palpitar nas coisas o quer que é analogo á sua propria essencia, etc.»

O poeta tinha uma nobilissima natureza que, não o impedindo de reconhecer o lado solido das concepções dynamistas modernas, o levava a julgá-las insufficientes e a procurar no fundo da sua consciencia com que completá-las, transformá-las e espiritualisá-las. O dynamismo devia, segundo elle, ser coroado ou antes synthetisado com um espiritualismo despido da ingenuidade e mythicismo dos philosophos-litteratos francezes e essa obra devia ser, como o fora o dynamismo, um producto da inducção. Mas essa reconciliação, como elle no-la esboçou, não é mais que uma miragem poetica; não é uma demonstração que traga ao espirito a tranquillidade por que elle suspira e, diga-se tudo, não deu ao proprio escriptor essa tranquillidade. Eu não acceito tambem o dynamismo nem como a formula philosophica definitiva,

nem sequer como podendo ser acceita um momento como forma provisoria: é apenas um aspecto do problema muito vasto das existencias; mas nada me leva logicamente a admittir que não haja senão um typo d'existencias, de que outras, não typicas, são apenas o vão arremedo, nem um só typo de forças-causas, de que outras, tambem não typicas, são tambem apenas uma extranha imitação. Definindo como mysticismo a sua philosophia, Anthero de Quental sentiu por certo a falta de caracter demonstrativo d'ella: mas se nós quizermos caracterisá-la realmente, diremos que é uma concepção poetica elevada da natureza, nascida nesse limite do pensamento em que, para o lado de lá, se vê extender-se o dominio da philosophia propriamente dicta e, para o lado de cá, o da poesia propriamente dicta.

Emfim a minha conclusão relativa á constituição psychica do nosso escriptor é que ella era fundamentalmente poetica. Este juizo não importa nenhuma diminuição na alto valor de Anthero de Quental. O genio poetico não vale menos que o genio philosophico e tem sobre este uma inapreciavel vantagem: é que em quanto a obra do genio philosophico é sempre imperfeita, incompleta, insatisfactoria, a do genio poetico, a do genio artistico em geral, é o unico producto do espirito humano que attinja a perfeição.

Disse acima que a concepção que Anthero chama a sua philosophia nem sequer deu ao seu auctor a tranquillidade que nella se annuncia: não chegou realmente a resolver as antinomias que lhe agitaram a alma. A conclusão d'essa philosophia é um optimismo, por isso que ella vê na cadeia das existencias uma marcha evolutiva cujo termo final é o bem.

«A virtude, escreveu elle, liberdade suprema, é por isso a realidade por excellencia, a unica realidade plena...

«Se pois só a perfeita virtude, a renuncia a todo o egoismo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim ultimo do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado. O drama do ser termina na libertação final pelo bem.»

Á luz d'essa concepção, o mal deve desapparecer como um accidente apenas, como um termo eliminavel na equação do universo e não pode portanto ser o ponto sobre que gira, no espirito do poeta, toda a luta. Mas, nos versos, não é a virtude, mas sim a morte que se chama liberdade (*Mors liberatrix, O que diz a Morte*, in *Sonetos* 78, 120, etc.) Sem duvida apparecem-nos tambem nelles o Amor, o Bem, mas como phantasmas de dôr que não vencem os seus contrarios (vide por exemplo *Sonetos* 113, 116, 119).

Assim ao optimismo entrevisto na prosa philosophica corresponde o pessimismo inconfundivel dos sonetos, que acha a sua expressão suprema no *Elogio da morte* (*Sonetos* 103-108) e naquelle formosissimo soneto que se inscreve *Lacrimae rerum*, o qual vale por um longo poema:

Noite, irmã da Razão e irmã da Morte,
Quantas vezes tenho eu interrogado
Teu verbo, teu oraculo sagrado,
Confidente e interprete da Sorte!

Aonde vão teus soes, como cohorte
De almas inquietas, que conduz o Fado?
E o homem porque vaga desolado
E em vão busca a certeza, que o conforte?

Mas, na pompa de immenso funeral,
Muda, a noite, sinistra e triumphal,
Passa volvendo as horas vagarosas...

É tudo: em torno a mim, duvida e luto:
E, perdido num sonho immenso, escuto
O suspiro das coisas tenebrosas...

É interessante observar que ao passo que a concepção philosophica se desenvolvia no espirito de Anthero de Quental (a sua forma conhecida foi dada a lume em 1890 na *Revista de Portugal*), se accentua esse predominio da Noite e da Morte entre as personagens-ideias que se agitam no seu espirito.

Num soneto da terceira serie (*Sonetos* 65, entre 1866-74) *Mais luz*, faz o poeta o elogio do dia:

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida refervendo,
E a tarde rumorosa e repousada

Viva e trabalhe em plena luz: depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos heroes!

Quão differente o que o poeta diz no *Hymnó da manhã*, decorrente d'um periodo de crise e que fora condemnado com outras peças á destruição, mas felizmente salvo por Oliveira Martins:

Tu, certa e alegre luz da madrugada,
Sobe, cresce, no céo, pura e vibrante,
E enche de força o coração triumphante
Dos que ainda esperam, luz immaculada!

Mas a mim pões-me tu tristeza immensa
No desolado coração. Mais quero
A noite negra, irmã do desespero,
A noite solitaria, immovel, densa,

O vacuo mudo, onde astro não palpita,
Nem ave canta, nem susurra o vento,
E adormece o proprio pensamento,
Do que a luz matinal... a luz bemdita!

etc.

Com mais serenidade, acha-se o mesmo tom de pensamento no Soneto 89 *Nox*, da serie de 1874-80:

Noite, vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, á luz cruel do dia,
Tanto esteril lutar, tanta agonia
E inuteis tantos asperos tormentos...

Tu, ao menos, abafas os lamentos,
Que se exhalam da tragica enxovia...
O eterno Mal, que ruge e desvaria,
Em ti descansa e esquece, alguns momentos...

O soneto *Lacrimae rerum*, transcripto acima, pertence á serie de 1880-1884, isto é, áquella epocha em que Anthero de Quental condemnou as suas poesias lugubres; isso prova que, apesar da condemnação, o tom fundamental do espirito do poeta era o mesmo.

A contradicção existente entre a concepção do universo (*Weltanschauung*, como dizem os allemães) na prosa d'Anthero e na sua poesia é em verdade, não um enigma, mas a chave do enigma do caracter do poeta. Alma que aspira ao bem, não nascida para a acção que fortalece, alimentada na corrente de ideias e sentimentos

do nosso tempo, tão predominantemente pessimista, busca emancipar-se do dominio das visões tenebrosas e construe a sua theoria da santidade; mas a fatalidade da dôr tem mais imperio nelle que a liberdade da virtude. Essa collisão, mais profundamente tragica que as collisões do drama antigo, dão aos escriptos d'Anthero de Quental o interesse supremo, e o final da luta, previsto no *Elogio da morte*, dão ainda razão aos que veem no escriptor mais um poeta que um philosopho, comquanto os seus escriptos philosophicos sejam um complemento indispensavel dos escriptos poeticos, para penetrar na constituição mental do nosso auctor. Que differença entre esse espirito e aquelle placido Kant, por exemplo, escrevendo o seu pequeno tratado sobre o modo como o animo pode diminuir a dôr physica, e dando conselhos a uma mãe para dominar a sua dôr moral!

As paginas que precedem não teem de modo nenhum a pretenção de serem um estudo de Anthero de Quental. São apenas uma pequena homenagem á sua memoria, escripta por um homem que discordou por vezes das opiniões enunciadas por esse escriptor, mas reconhece nelle um espirito superior.

Lisboa, 24 d'agosto de 1893.

F. Adolpho Coelho



ANTHERO DE QUENTAL

(ESBOÇO PSYCHOLOGICO)



ENETRAR no Infinito e haver do Absoluto o cofre do Supremo Ideal foi por certo um dos seus primeiros desejos, foi talvez o seu ultimo sonho.

Firme na crença paterna esperou ancioso, que o visitasse Deus, confiando-lhe o desejado cofre; perdida a esperança voltou-se irado contra um Deus injusto e avaro, a cuja duração concedeu apenas alguns annos, para mais tarde, com o animo pacificado, perdoar a esse Deus injusto, triste e lamentavel creação do homem.

Terminada a lucta, vencidos os Deuses, desfeita a illuzão, entrou no Céu incurruptivel da Consciencia em busca do Ideal; mas levando na alma a Saudade dos tempos primitivos e na memoria o passado angustioso, quasi que reduziu o Ideal ao Summo Bem, e este a uma

regra conhecida e practicada sem esforço no seio de modesta familia, ou em velho e affastado mosteiro, cercado de denso bosque e tendo por vista estreita nesga de mar e céu.

Passado verdadeiramente angustioso fôra o seu porque nem era o pensador impassivel, abrindo o proprio caminho na floresta dos encontrados systemas; nem o sectario sem direcção propria, mas crente na palavra do ultimo Mestre; nem o mundano satisfeito com os prazeres do momento; mas um artista que sentia e pensava, que pensando sentia em si os impulsos temerosos do Inconsciente fatal, que sentindo via ante si o espectro do Ideal, indicando alta missão a cumprir, traçando misteriosas e indecifraveis sentenças.

Variando de ideas, de systemas e de doutrinas, esquecendo as proprias angustias ou transformando-as em ditos, epigrammas e extravagancias, era sempre o mesmo e inconfundivel espirito, a mesma figura singularissima, cuja primeira expressão não era a do vigor physico, nem a da sympathia ou veneração, nem a da intelligencia, mas a d'uma força composta de luz condensada.

Como a luz condensada se manifesta por centelhas, faiscas e raios, assim n'elle a actividade mental era como o raio, que de subito illumina e não como um clarão que gradualmente crescendo vae envolvendo tudo na sua claridade. Dir-se-hia que aquelle raio penetrando no mundo mais intimo da sua consciencia o transformava n'um montão de diamantes e que elle deslumbrado com tanto brilho, repellia a propria obra, fugia de si mesmo e qual extranho e desolado caminheiro ia atirando a um e outro lado aquelles fragmentos do proprio ser, que outros recolhiam e elle julgava ter sepultado no pó das estradas.

N'um livro de apontamentos feitos quando estudante encontro esta poesia de Anthero de Quental, que copiei,

não me lembro agora, de que jornal ou livro, mas que é caracteristica :

Eu passo a vida, sonhando
Sonhos de luz e treva,
Já entre os astros brilhantes,
Já no monte em quanto neva,

Mas nunca a sombra da terra,
Mas nunca dos Céus a aurora,
Me deu sonho tão extranho,
Um sonhar como este agora,

Que tenha tanta tristesa,
E uma tamanha ventura,
Tantas visões refulgentes
E tanta nuvem escura!

Aquelles contrastes entre a luz e a treva, entre a sombra e a aurora, a tristesa e a ventura constituiram toda a sua vida, e são como os effeitos encontrados do raio, que nos deixa em escuridão tanto maior, quanto mais deslumbrante foi o seu brilho.

Esta passagem rapida d'um extremo ao outro vinha por um lado do caracter, pelo outro da intelligencia. Á energia tenaz d'um verdadeiro inglez reunia o temperamento e organisação impressionavel d'um peninsular e d'aqui as luctas intimas e titanicas que o faziam passar da tempestade á bonança, da violencia, que tudo arrosta, ao desfallecimento, que tudo receia. O mesmo succedia com a intelligencia: á imaginação ou phantasia do penin-

*

sular reunia a concepção forte e nitida do inglez, desenvolvendo-se pela distincção, que destaca, separa e oppõe; e d'aqui as syntheses formadas de contrastes, opposições, e d'aqui o pensamento movendo-se de continuo entre os polos extremos da realidade.

Energico e audaz como o mais forte dos homens, por vezes impressionavel, fraco e meigo como a mais fragil das mulheres, imaginoso e ingenuo como o mais sensitivo dos poetas, de concepção forte e subtil como o mais fino dos diplomatas, tinha sobre todos um variadissimo poder d'acção; e se para os da sua geração não foi um guia ou iniciador, foi de certo o amigo mais dilecto e procurado, o espirito que mais se insinuava, a voz mais sonóra e eloquente, o porta-estandarte das suas idéas quando a solemnidade da occasião o exigiu; porque em nenhum outro a estatura era mais imponente e grandiosa, nem o espirito mais insinuante e persuasivo.

Com uma naturesa tão complexa, sendo mais ou menos visionario como todos os grandes poetas, e tendo como elles mais o poder de individualisar, caracterisar e distinguir do que o de abstrahir e identificar, a sua evolução mental não podia ser como a nossa e como a do commum dos homens. Era por um lado mais rapida, pelo outro mais lenta e sempre mais complicada e sujeita a oscillações.

Mas que nos importava essas oscillações?

Em que diminuiam ellas a estatura do homem ou a grandeza do poeta e conversador, que n'uma poesia ou n'um dito resumia uma situação, pintava um caracter, tornava saliente um contraste, ou deixava eternamente palpitando sobre o papel um sentimento ou emoção?

Exigir mais, era o mesmo que pedir ao sol, que nos illumina e aquece, que tambem pense e sinta como nós, ao cavador de enchada que tenha a mesma limpidez e

alcance de vista do caçador, que percorre os montes, e ao que accumula laboriosamente os materiaes, que tenha a concepção levantada e ampla do architecto que faz d'elles um edificio.

Ponta Delgada, 31 de julho de 1893.

F. M. de Faria e Maia



O MAL DO SECULO



RARAS vezes me tem succedido hesitar tanto, tremer-me de tal modo a mão ao pôr sobre o papel o que o pensamento me dicta. É que, tambem, nunca se deu o caso de ter de commemorar a vida e o caracter de um amigo querido, de recordar o seu tragico fim, e de relacionar tudo com o nevoeiro tremendo de interrogações que se encastellam no horisonte do nosso findar de seculo.

E se domino a minha repugnancia e venço o meu escrupulo, é porque entendo contribuir d'este modo para a homenagem piedosa que todos nós, os que em vida fomos amigos de Anthero de Quental, decidimos prestar á sua memoria saudosamente querida.

Não tenho que fallar agora do poeta nem do escriptor: não desejo tampouco ir procurar nas lembranças de uma intimidade de muitos annos, anecdotas ou casos

com que retrate a phisionomia d'esse homem singularmente mallogrado.

Nas paginas com que acompanhei a edição dos *Sonetos*, joia litteraria portugueza hoje vertida em quasi todas as linguas europeas, disse o que teria de repetir agora ácerca da phisionomia litteraria de Anthero de Quental; e esboçando-lhe o retrato, com as reticencias que desgraçadamente a morte dispensa já, referia-me ao «abraço que trocámos no dia em que primeiro nos conhecemos, e que só terminará n'aquelle em que um de nós, ou ambos nós, formos descansar para sempre sob meia duzia de pás de terra fria.»

Foi elle primeiro: foi voluntariamente, se é que a palavra vontade se pode applicar a casos taes: foi levado pelas balas de dois tiros de revolver desfechados dentro da bocca, contra o cerebro. A crise dolorosa da sua alma terminou pelo suicidio — como desde muito eu temia que viesse a terminar! Se o soffrimento phisico explica para o commum da gente a suppressão da vida, não se reconhece, porem, motivo maior ainda na desolação do espirito, porque só raros são capazes de conceber a realidade de similhantes estados moraes.

Anthero de Quental foi victima do desespero d'alma: não acabou ferido por nenhum golpe cruel e fulminante da sorte. Coragem não lhe faltava. O seu animo, pelo contrario, retemperar-se-hia na lucta contra a adversidade violenta. Matou-o o tedio da vida. Matou-o a falta de ar respiravel: um ar que a sua imaginação lhe fabricava extemporaneamente. Mallogrados os seus amores (e nunca vi sêr mais vibrantemente apaixonavel); mallogradas as suas idéas chimericas ácerca da sociedade; sem filhos que o ligassem amorosamente á existencia com esse renascimento do proprio sêr que é a suprema significação da vida; sem obrigações que acordassem n'elle o instincto do dever pratico; sem actos que lhe dessem um papel

fecundo e efficaz na sociedade em que nascera: Anthero de Quental via-se perdido e pária, no meio de um mundo que, se não se lhe affigurava hostil, lhe era indifferente.

O seu espirito critico dizia-lhe os perigos e a soturna consequencia d'esse estado de individualismo absoluto, em que o homem, cortados todos os laços, cria em volta de si o vasio. Não era um misantropo: antes, ao contrario, o sêr mais candidamente affectivo, e a intelligencia mais claramente lucida. E tanto sentia a necessidade de se cercar de deveres e de carinhos, que por tal motivo adoptou a familia de um amigo fallecido, perfilhando duas crianças.

As decisões de natureza sociavel eram porem n'elle filhas de um esforço da vontade raciocinada: não provinham da expansão natural do seu temperamento. Era um nevropatha, dotado de uma capacidade intellectual e de uma elevação moral superiores, sim, mas descompassadas pelo funccionamento deficiente do seu systema nervoso.

Este seu mal era hereditario. Os mysticos abundam na sua ascendencia, quando as idéas religiosas eram dominantes. Os estouvados tiveram ainda em André da Ponte, o amigo e companheiro de Bocage, um representante eximio.

A extravagancia violenta, a paixão prompta, a embriaguez do raciocinio abstracto, a illuminação do vidente revolucionario, e por fim o tedio, ao cabo o suicidio, compoem a historia da existencia de um homem que, resumindo em si as condições herdadas, e herdando tambem, ampliada, a força intellectual e inventiva, deu um exemplar de individuo, excentrico de certo, mas por isso mesmo como que idealmente typico dos tempos em que viveu.

Quando primeiro o conheci, já o periodo da extravagancia juvenil havia passado. Era um rapaz seductor, como nunca encontrei outro. Em volta d'elle, os amigos

ouviam-no fascinados pela sua palavra quente, mas sem emphase, pela sua facilidade de improvisador, pela sua *vis* caustica, em que o azedume, porem, se substituia pela ironia, e pela *charge* até, n'essas interminaveis palestras, quando as noutes passavam rapidas como instantes. Deviam ser alguma cousa similhante os dialogos dos athenienses, fóra as ceias, e as Aspazias. Eram banquetes de intelligencia pura.

Depois vi-o e conheci-o de perto, como a um irmão, em todas as phases successivas da sua existencia melancolica.

Assisti-lhe a mais de uma crise de phantasia revolucionaria, em que elle acreditava ingenuamente na redempção dos infelizes e na chegada de um millenio salvador, com um poder de fé que em outras edades o teria sagrado chefe, ou santo; mas como a sua edade era a nossa, e ao lado da allucinação revolucionaria tinha a intelligencia lucida, passada a crise, elle proprio criticava como ninguem o seu desvairamento. E cada um d'estes episodios, até ao derradeiro que foi talvez o decisivo, o aproximava mais d'esse estado negativo, ou nihilista, para onde o levava a fatalidade de um genio desprovido do sentimento exacto da proporção e da relação das cousas.

Ouvi-lhe mais de uma, muitas e successivas theorias que desabrochavam na sua imaginação fecunda, sollicitadas pelo desejo vehemente de penetrar a verdade do Universo. Instruia-se, lia, cogitava incessantemente, entretecendo sempre a teia das suas construcções ideaes, e applicando a essas invenções aquella faculdade de representação synthetica e de visão realista, proprias dos seres como elle, e que os penetram, os dominam e por vezes os cegam. Tambem como homem de pensamento, e não só como homem de acção, tinha um poder suggestivo e uma força de seducção que, n'outras edades, se não ti-

vessem feito d'elle um João de Leyden, talvez o fizessem um Savonarola. Mas cada uma d'estas theorias que successivamente o absorviam, tinha de ceder diante de factos, observações e argumentos da sciencia positiva; e cada desfazer de uma d'essas visões da Verdade, miragens luminosas do seu pensamento, era para elle uma dôr, uma desgraça, um passo mais, andado para o negrume do tedio, para o vortice do nada: porque a sua alma de vidente não podia conformar-se com esta conclusão ultima de que o percurso do circulo inteiro do saber serve para nos mostrar o irremediavel da nossa ignorancia substancial das cousas.

Muitas vezes lhe enxuguei as lagrimas, lagrimas verdadeiras, provocadas por estas crises, porque Anthero de Quental punha nos seus actos e nos seus pensamentos a mesma inteireza e a mesma paixão absorvente que punha nos seus affectos. O estudo, a erudição, a investigação scientifica, não o satisfaziam, como ao sabio, pelo deleite proprio do trabalho em si: para elle, a sciencia tinha de ser um instrumento em obra, uma pedra na construcção ideal do pensamento. Da mesma forma, a arte de escrever e a de poetar, nas quaes ambas foi eximio, não o encantavam como aos artistas, embora o fosse como poucos. Tinha a faculdade da representação synthetica, superior condão da arte; tinha a sensibilidade esthetica; mas o bello era para elle a abstracção da Idéa, e por isso as representações artisticas da sua poesia são visões ideaes, ou phantasmagorias symbolicas. Das artes plasticas, desdenhava; e esta maneira de sentir esthetica, origem de torturas sem fim: crises em que, descrente sempre, ou da capacidade propria, ou do alcance das obras produzidas, concluia destruindo poemas, como desmanchava systemas, era causa de afflicções pungentes.

Se vi muitas vezes correr lagrimas filhas do seu culto pela arte, muitas outras ouvi os solluços do seu peito:

solluços nascidos do seu culto pela mulher que era para elle, como é, a suprema obra d'arte da creação.

Sensitivamente vibrante, como todos os homens em verdade superiores, Anthero de Quental sabia enfeixar no amor, com o instincto fundamental da conservação da especie, a dedicação e o sacrificio inseparaveis, e aquella flor candida de caridade, submissamente protectora, do homem pela mulher, que fazem com que esse symbolo da propria vida resuma em si todos os affectos de que é susceptivel a alma humana.

Ditosas mulheres as que foram amadas por elle, pois ninguem fez derramar lagrimas mais quentes, nem emocionar coração mais generoso! Infeliz d'elle, que tambem nunca poude consolidar as suas paixões. Nunca o seio da amante lhe serviu de ninho doce e quente, onde podesse refazer as forças e enxugar as pennas ensopadas em dôr, nos voos largos pelos ares da phantasia tormentosa! Nunca, o infeliz, poude fazer saltar nos joelhos um filho, e rever-se-lhe na face ainda em botão, com a felicidade suprema de se sentir renascer!

E mais que tudo: mais que as revoluções falhadas, mais que os systemas derruidos, mais que os poemas anniquilados: mais que tudo foram os seus amores, uma vez ceifados pela morte, outras vezes pela mesquinhez mulheril, que lhe arrastaram a vida, cortada de paixões varias, para a sombra tepida do tedio, e d'ahi para a solução frigida do nada.

*

E agora, mettendo a mão na consciencia, convem perguntar, se a vida tormentosa e a morte tragica d'este homem, retratam, ou não, o processo da alma humana no nosso tempo; se a alliança singular de uma capa-

cidade superior de allucinação, a uma lucidez clara da intelligencia: se a nevropathia, combinando-se com o espirito positivo e pratico; se esta incongruencia, d'onde resultam as crises successivas, depois o tedio da vida, filho da convicção da impotencia, por fim a negação summaria, e como remate o suicidio: se tudo isto não é o retrato personalisado do mal do seculo — agonia dolorosa do fim!

Tambem nós todos dançámos, em festas, em guerras, em dissipações e orgias, quando o seculo acordava para a existencia, levado pela mão de quantos Napoleões se erguiam, fascinados e arrebatados pela fortuna do Grande. Tambem nós todos nos agitámos em revoluções que não foram menos mallogradas por terem saido do terreno da phantasia para o do facto. E tambem chegámos todos á conclusão de que é inutil agitarmo-nos; de que, acima dos planos dos homens, está a obscura fatalidade das cousas levando as sociedades para destinos indeterminaveis. E tambem por isso chegámos todos á depressão da vontade, ao amesquinhamento do caracter, e ao tedio morno da existencia passiva.

Tambem nós todos dessorámos o cerebro architectando theorias, qual d'ellas mais bem grudada, para explicar a substancia das cousas, em substituição das theorias orthodoxas caidas em descredito. E tambem, depois de vermos tombar por terra successivamente essas construcções do engenho especulativo, nos encontrámos diante do vasio. Fazia gosto ver a pujança e a sufficiencia com que affirmavamos ter-se afinal descoberto a Verdade: tanto gosto, quanta tristeza o contemplar a fallencia da intelligencia especulativa; quanta lastima o reconhecimento da inanidade das formulas; quanto dó o espectaculo simultaneo da gente ingenua que ainda crê no regresso da fé transacta, da gente temeraria que pede a salvação ás superstições occultistas, e da gente soez que se limita a

engordar, refocilando-se no chiqueiro da vida, como porcos.

E que fica? Tambem nós todos acreditámos que Athenas ia voltar com Phidias e Pericles; e em vez da cidade de Platão, a arte dá-nos os dias de Corintho e as noites de Mileto, reduzida á exploração venal do requinte mais ou menos enfermiço, e do sybaritismo aphrodisiaco mais ou menos disfarçado. Eros, choroso, bateu as azas. Quem o diria, depois do nosso romantismo apaixonado? O sacrario da propria vida partiu-se. Reina desbragadamente Dionysio; e as suas sacerdotisas soltam ao vento os cabellos, batendo nos pandeiros, chocalhando os guizos, chamando-nos a todos para a bachanal lubrica, em que vae revolvendo-se o genero humano...

É que tambem nós todos passámos um seculo de vida cortada de crises e paixões; e assim como se nos apagou a vontade, assim se nos entenebreceu a intelligencia, e se perverteu o divino sentimento do bello, mettendo-nos pelo nevoeiro morno do tédio, para chegarmos á conclusão do nihilismo. É o suicidio, que nunca foi tão frequente. Nunca o desapego á vida foi maior.

Fugir, sumir-se, desapparecer, viu-se em todos os tempos. O homem antigo, quando a existencia na terra não era um tirocinio e uma prova perante o Altissimo, para a candidatura ao logar predestinado na vida definitiva, dava-se-lhe pouco morrer. A belleza da morte era a paz na consciencia do fim: euthanasia. Por isso o suicidio não mettia medo. Quando coroava logicamente a existencia, era um acto heroico. Assim morreu Socrates; assim Catão, em Utica.

Para o christão, o caso passou a ser diverso. Como Deus condemnava matar-se o homem por suas proprias mãos (embora não condemnasse o procurar deliberadamente a morte nas batalhas, o que vem a ser quasi o mesmo) o christão não se suicidava, para não ir occupar

um logar no inferno. Mas, condemnando a vida por completo, o christão, fulminando o suicidio, tal qual, preconisou porem uma especie diversa de suppressão da existencia para o mundo: foi o claustro. Não era necessario morrer, desde que havia uma quasi-morte satisfactoria. E a população dos cenobios, dos eremiterios, dos emparedados, dos stylitas, e outros *suicidas*, tomou por vezes proporções assustadoras.

Viu-se isso sempre que a afflicção de viver fustigou a pobre humanidade. Mas essas dores, agudas como espinhos, vinham, ou da crueldade dos tempos, ou da allucinação exacerbada. Ao passo que, agora, os tempos são tão macios como nunca os houve, e as allucinações não matam ninguem, a não ser os desvairados pela vaidade, quando a ruina lhes bate á porta; ou pelo amor, quando enlouquecem como Chambige, ou Boulanger.

Ambas as especies se concebem e quadram a sociedades naturalistas. Tambem na Antiguidade vencidos se matavam; mas não se suicidava gente, nem por tedio da vida, nem por affirmação nihilista.

É este o mal do seculo, e o nosso cancro profundo.

J. P. Oliveira Martins



A PROSA DE ANTHERO



'ESTAS simples reflexões falarei apenas de Anthero de Quental como prosador. Foi um escriptor eminente. Não que em prosa houvesse produzido, como elle proprio diz, o que se chama *uma obra*, isto é, uma cousa original, pessoal e aprofundada, embora nos numerosos escriptos que deixou revelasse qualidades notaveis de escriptor excepcional. Em todos elles ha o estimulo que produz a extrema actividade intellectual.

A principal condição de um bom escriptor consiste em ter a intuição do caracter e da logica intima da lingua em que escreve, e essa intuição possuiu-a Anthero em alto grao. Se o estudo e o tirocinio vieram depois aperfeiçoar o artista, é certo que tinha desde que principiou a escrever o que a reflexão não dá, a intelligencia innata do estylo. Mas além do estylo, Anthero possuia

os dotes de grande escriptor, os quaes consistem em pensar de um modo alevantado e em saber traduzir o pensamento em palavras. É preciso tambem que o escriptor tenha o dom da communicação. Todos quantos leram a prosa de Anthero sabem como ella era communicativa. A um dos mais bellos escriptores modernos da lingua portugueza, Latino Coelho, faltava-lhe esse dom. Chateaubriand, que com justa razão foi reputado um dos melhores escriptores da lingua franceza da sua epocha, quando quiz tractar dos grandes problemas historicos, teve que parar, por lhe faltar a critica e pela grande ignorancia que tinha do assumpto. É por isso que não podia ser alevantado nem communicativo. Com Anthero não se dá o mesmo caso.

Em todas as materias que occuparam a sua actividade deixou a marca indelevel da sua iniciativa pessoal, e não houve uma só em que não abrisse novos horizontes.

A sua prosa é viva, limpida, e pertence á lingua moderna que se fala hoje, comquanto revele as qualidades da antiga linguagem portugueza. Eu por mim não conheço escriptor algum moderno que na nossa lingua soubesse tão bem conciliar essas duas exigencias.

Como variedade de rhythmo, tambem não sei de escriptor portuguez, antigo nem moderno, que lhe possa ser comparado. É ver por exemplo como na elegantissima carta auto-biographica que elle escreveu a Wilhelm Storck esta qualidade se apresenta em grande profusão. Vejam como, sem se valer da transposição, os periodos se succedem sem haver repetição de rhythmo, nem até com grandes intervallos.

Tudo isto, infelizmente, passa desapercebido, excepto a poucos; e elle mesmo, creio, pouco caso fazia d'esse dom, porque o possuia e espontaneamente usava d'elle quasi sem reflexão.

Do homem, do philosopho e do poeta teria muito a dizer. Talvez que um dia, se as minhas forças o permittirem, eu diga algumas palavras ácerca d'aquelle com quem tanto convivi, e cujos versos em lingua portugueza mais me captivaram.

Lisboa, 15 de agosto de 1893.

Salomão Saragga



EM LEMBRANÇA DE ANTHERO

(NOTAS DE IMPRESSÃO PESSOAL)



ILLUSTRE romancista Eça de Queiroz, desejou que este volume de consagração á memoria, por muitos titulos saudosa, de Anthero de Quental fosse «o depoimento dos seus amigos perante a historia».

Esta phrase, inspirada por um alto sentimento de justiça para com o nome do grande extincto e a affeição dos seus intimos, fortalece e anima os menos aptos, como eu, a vir depôr n'esta ára de um culto piedoso, com a homenagem da admiração e da saudade, a nota da impressão pessoal que o trato d'elle nos deixou no coração e na memoria.

Teve n'esta ilha o berço em 1842 Anthero de Quental. Amigos desde os primeiros annos, juntos crescemos e passámos o periodo infantil decorrido até á sua partida para o collegio de Castilho, na capital. Dos ultimos mezes

que passou aqui datam as manifestações precursoras da sua vocação poetica n'algumas quadras que compoz. Eram ainda, é claro, a singella revelação de um talento que desabrocha. Guardei por largo tempo o original, que só depois reconheci ser preciosissimo; perdeu-se-me durante a ausencia de casa nos estudos universitarios de 1861 a 1870. E é, com fundo sentimento, que sempre me lembro de que possui o documento inapreciavel dos *primeiros versos* que Anthero fez, dos quaes hoje apenas posso dizer, paraphraseando João de Deus:

não sei se os perdi, se m'os roubaram!

Quantas vezes, mais tarde, em expansivas palestras, por infelicidade muito raras, vi illuminar-se-lhe a physionomia no sorriso bom que os amigos lhe conheciam, se evocava, á lembrança d'esses versiculos, o quadro saudoso d'aquelles primeiros dias!

Em 1859, creio que vindo para casa a ferias do 2.º anno juridico, trazia o esboço da sua poesia *A senda do Calvario*, depois publicada no *Academico* em Coimbra, com data d'esta ilha, em julho d'esse anno, porque a refundiu aqui para edição definitiva. Estou como que vendo e ouvindo-o ainda recital-a. «Sente-se n'ella, diz um dos seus biographos, a influencia da leitura da *Harpa do Crente* de Alexandre Herculano.» É assim. A alma de Anthero abriu-se para a poesia sob a minha vista, ao influxo da bella ode sagrada, que o grande historiador e poeta intitulou — *Deus*. Claro se vê isto da *Advertencia* que precede o seu pequeno cancioneiro, *Thesouro poetico da infancia*, onde diz: — «A ode de Alexandre Herculano parece um psalmo biblico... Teria os meus dez annos quando pela primeira vez a ouvi recitar... profunda foi a impressão que recebi, como a revelação d'um mundo

novo e superior... Pelo tom geral de sublimidade, pela tensão constante d'um sentimento grande e simples, aquelles versos revolviam-me, traziam-me as lagrimas aos olhos, como se me introduzissem, embalado n'uma onda de poderosa harmonia, na região das cousas transcendentes... A minha nascente intuição do ideal religioso achava uma expressão reveladora na poesia grave e penetrante d'aquelle hymno sacro.» E ao lêr estas phrases, escriptas em 1883, ellas ferem-me de tal modo, por uma como suggestão retrospectiva, que me parece ainda ter a vibrar-me no ouvido a sua cristallina voz infantil, dizendo com emphase e ao mesmo tempo com uncção:

Nas horas do silencio, á meia noite,
Eu louvarei o Eterno!
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,
E os abysmos do inferno.

São passados 40 annos sobre todas estas reminiscencias, e afigura-se-me que o estou escutando, na attenta curiosidade, commovida já tambem, das minhas oito primaveras de então!

Data da fascinação d'essa hora o projecto de vida sacerdotal, que por largo tempo o dominou e que de bem poucos, creio, é conhecido.

*

Do que foi a bohémia coimbrã do meu saudoso amigo, tem-no dicto e redil-o-hão muitas paginas scintillantes dos seus companheiros n'essa quadra da exuberante e expansiva mocidade. *Caloiro* modesto e sujeito ao salutar

regimen de um austero horario domestico, por isso mesmo receoso da lendaria reputação terrorista do *veterano*, não convivi na vida alegre do Anthero da «Sociedade do Raio» ou da «Conjuração Bazilio Alberto», mas eram para mim como claridades d'alvorada as bondosas visitas em que, descendo das regiões olympicas, elle se humanisava a ir até á casa do Arco do Bispo matar saudades do seu velho companheiro de infancia.

Quando já *novato* de philosophia, no 1.º anno do meu curso administrativo, tive um rasgo de audacia, attraido pela fascinação de o ver e talvez ouvil-o na sua aula de quintanista de direito, o que me rendeu uma *troça* academica monumental. Corria que Anthero *estava arriscado* e que talvez n'aquelle dia *seria chamado*. Não resisti: *je pris mon courage à deux mains* e, *bicho* desconhecido no alto-mundo *veterano*, ousei entrar na aula... dos aristocratas da *pasta!* Entrevi a loura e ondeante cabelleira do poeta, mas o novato petulante foi castigado com a maior surriada de que talvez em aulas houvesse memoria! Estou vendo d'aqui o espanto indignado com que me fitavam os quintanistas da ultima fila, chamando-me *doutor* — fui-o mais tarde — e convidando-me a ir desapossar o lente da sua cadeira e... a explicar-lhes a lição!

Fugi aterrado. E dias depois, o bom Anthero — porque elle foi bom sempre — perguntava-me pasmado o que tinha eu ido fazer «á caverna dos leões?»

— Disseram-me que davas lição... mas não caio n'outra. São temiveis os privilegios oligarchicos de vossès!

Como elle sorriu e que expressão, a do seu vago olhar, como que a rever n'aquella phrase do obscuro caloiro os felizes dias, que mais não voltam, da nossa camaradagem antiga!

Reappareceu-nos aqui em 1873, avergado, como ao peso de annos, sob a inexoravel tyrannia de uma fatal doença e já — *heu! quantum mutatus ab illo!*

D'essa oppressiva quadra, para que lhe não valeram ares patrios, escreveu Anthero na auto-biographia que d'aqui enviou, sob forma de carta, n'outra visita em 1887, ao dr. Wilhelm Storck para Muenster:—«N'esse anno de 1874 adoeci gravissimamente, com uma doença nervosa de que nunca pude restabelecer-me completamente»; e, expressando o desejo de fazer «a exposição dogmatica das suas ideias philosophicas», observa: — «desconfio porem, que não o conseguirei; a doença que me ataca os centros nervosos não me permitte esforço tão grande e tão aturado como fôra indispensavel para levar a cabo tão grande empreza.»

Em estado de completa atonia o vi, com desespero, confrangendo-se-me o coração ante o espectaculo pungente d'aquelle gigante caido! E caido é o termo, porque a maior parte dos dias passava-a elle deitado de costas, inutilisado para todo o trabalho ou estudo; caido, porque o physico rebelde o não deixava manter-se á altura das suas poderosas faculdades. Refere-se a carta ao eminente traductor allemão dos *Sonetos* a esta «forçada inacção... propria da nevrose»; e ainda, sobre esse triste mal-estar leio no prefacio dos valiosos ineditos, publicados sob o titulo de *Cadencias Vagas* pelo illustrado amigo de ambos nós, o distincto poeta sr. Joaquim de Araujo, estas palavras, que reproduzem todas as minhas impressões pessoaes: — «Anthero achava-se então em S. Miguel (1873-74) desalentado da doença que o martyrisava, prolongando-lhe cada digestão por espaço maior que vinte e

quatro horas, segundo o dr. Souza Martins, que n'um fundo histerico diagnosticára a causa de todas as suas crises.»

Crueis vinte e quatro horas de inercia funccional, de que um dia me disse aqui o infeliz doente em 1873, repetindo-m'o em Lisboa em 1875, que todo o seu alimento por tão largo decurso de tempo fôra... uma gemma d'ovo!

N'aquella epoca já lhe sorria o projecto do trabalho philosophico, a que se refere na auto-biographia, porque n'uma das noites de cavaco, em que eu tentava distrahil-o, traçou-me os lineamentos geraes a que o plano da sua obra obedeceria; e em que largas vistas o fez sobre os horizontes luminosos da sciencia! que conferencia, que lição aquella!

De outra vez fallou-me do sr. Oliveira Martins em termos calorosos, do seu ensaio sobre *Camões e os Luziadas*, e do seu romance historico *Phebus Moniz*, obras então recentes. Devo-lhe assim toda a minha leitura ulterior dos livros do grande escriptor, hoje meu presadissimo amigo, e as solidas lições que d'elles tenho colhido.

Veio o sr. Oliveira Martins a esta ilha visital-o em 1874, sobresaltado pelos boatos terroristas que corriam da saude de Anthero; juntos d'aqui sairam, mas não sei que singular retrahimento fez com que eu não pedisse então ao querido amigo de ambos, de quem fôra despedir-me a bordo do paquete, para me apresentar ao eminente homem de lettras; só perto de vinte annos depois, a catastrophe da morte do nosso bom Anthero veio determinar entre nós uma affectuosa estima, estreitada por cartas, a proposito do glorioso extincto a cuja memoria, assim, venho a dever mais esta grata impressão.

Duas vezes ainda tornou a S. Miguel o grande açoriano, uma em 1887, que ficou notavel pela carta auto-

biographica de 24 de maio d'esse anno escripta aqui, a pedido do dr. Storck, para accompanhar a sua traducção dos *Sonetos*: e a outra em 1891, que foi sangrentamente assignalada pela catastrophe luctuosa de 11 de setembro!

*

Á terra que déra o berço ao profundo pensador e que a sua morte viera assim pôr em plena e inesperada evidencia ante o mundo intellectual, cabia mais que a ninguem seguir o preceito que Virgilio inspirára ao Dante —*onorate l'altissimo poeta.*

No seu testamento de 9 de setembro de 1890 exarára o nobre filho de S. Miguel esta clausula de tocante patriotismo: — «Deixo a minha livraria á bibliotheca publica da cidade de Ponta Delgada». Essa bibliotheca é municipal e ao tempo era eu o presidente da camara, a quem cabia o encargo e a honra de receber o legado precioso do nosso concidadão... eu, — o seu amigo de infancia, o seu discipulo admirador e devotado.

Com mão pesada comprimia as minhas responsabilidades individuaes e publicas a força inexoravel da fatalidade!

O que eu escrevêra na imprensa, o que dissera no mundo onde se conversa do Anthero vivo, impunha-me obrigações indeclinaveis. Era triste e oppressivo, mas por outro lado era uma tocante coincidencia que ao companheiro da primeira edade viesse o acaso incumbir a missão official de presidir, por sua morte, ás sentidas homenagens que o municipio natal lhe devia.

E... seria o acaso?!

....

Anthero de Quental foi a mais poderosa organisação mental d'este seculo nas lettras portuguezas.

Poeta, orador, sociologista, philosopho — sentia como poucos e como raros observava e dizia.

O seu verbo, escripto ou fallado, exercia aquella mysteriosa fascinação que attrae e domina.

Não primou, por fatalidade da doença, na abundancia do numero a sua obra. Nunca se aferiu, todavia, pela somma de livros o merito da funcção cerebral que se nos revela sob a forma litteraria. E como esse pouco de quantidade, se converte em muito de grandiosa e fina qualidade, se attendermos á nota de real valor que *na lyra sonorosa*, no fundo pensamento, na lucida palavra fascinante desferiu essa alma de eleição!

Anthero foi um d'esses privilegiados do talento que, — ou discorrendo ácerca dos transcendentes problemas da vida do homem e da humanidade, ou percorrendo na escala da harmonia todos os tons que vibra o poeta na grande harpa eolia da inspiração — se nos revela sempre um claro pensador, um espirito culto, uma organisação rara de apostolo convicto.

Mas na ligeira, corrente e irresponsavel *causerie* é que a minha admiração pendia extatica dos seus improvisos, a um tempo eruditos e graciosos. Quando a abelha irrequieta do espirito lhe volitava de assumpto em assumpto, como de flôr em flôr, — definindo n'uma palavra, caracterisando n'uma phrase o ponto capital da politica do momento, a feição dominante do vulto mais em vista, o mais solido argumento de uma opinião, ou a qualidade preeminente de um livro — no cavaco despretencioso e alegre, umas vezes passeando para agitar o seu sangue

anemico de valetudinario, outras estendido na cama a colher forças depois de uma longa crise enervadora... então é que bem se surprehendiam as multicôres facetas do luminoso brilhante que era o seu colossal talento, como a lenda biblica nos descreve a apparição divina da sarça ardente no Sinay.

São uma grande verdade estas palavras que lhe consagrou um illustre poeta, seu companheiro e amigo de Coimbra, hoje ministro, o sr. Antonio de Azevedo Castello Branco:

«Se a mocidade de hoje fosse educada ao ar livre, ao sol, como na Grecia de Socrates, Anthero poderia ser um grande mestre de philosophia á maneira antiga. Os discipulos haviam de amal-o e sahiriam encantados de o ouvir discorrer com luminosa dicacidade. Como Diderot é Anthero (foi, *hélas!*) um dos espiritos raros que pela palavra, mais do que pela escripta, exercem influencia moral poderosa nos seus contemporaneos.»

Eis alguns periodos que o auctor d'estas linhas lhe consagrou no n.º 117 do *Correio Michaelense*, por occasião da sua *ultima* vinda a esta ilha em junho de 1891:

«Aportou mais uma vez a esta sua ilha natal o poeta extraordinario das *Odes Modernas*. Pharol de eclypses, com espaços por demais longos de desapparecimento, as suas intermittentes apparições entre nós só fazem sentir-lhe mais a falta.

«Nas fulgurações do seu espirito, radiando assim fortes, mas fugazes claridades, ha alguma cousa de cruel, muito de doloroso e fatal para todos os que, n'estes *cardua et spinola* do campo litterario insulano, tanto precisavamos aquecer-nos ao foco ardente do seu Genio, aprender com a sua auctorisada palavra de Mestre.

«Anthero de Quental, apezar de ser um astro de excepcional grandeza nas regiões sideraes das lettras portuguezas, é de uma tal singeleza de vida — furtando-se quanto póde a ter papel no palco da eterna comedia humana — que a sua notavel biographia, rica de assombrosos rasgos de civismo e de talento, pode fazer-se a traços rapidos e em breves linhas.»

E, ao terminar uma ligeira commemoração do que elle fôra e do que promettia, puz no meu trabalho estas palavras de remate:

«Dedicando estas modestas phrases de boa-vinda ao homem de lettras, que é a maior gloria litteraria dos Açores e uma das maiores do paiz, resta formularmos um voto — é que d'esta vez o eclypse da sua apparição luminosa se addie quanto possivel... já que, infelizmente, as condições do nosso meio não se coadunam com a permanencia de uma luz fixa de tal grandeza.»

Baldado empenho, um pouco egoista pelo interesse proprio que n'elle haveria, mas muito patriotico pelo alcance que teria para as lettras açorianas uma longa demora entre nós do bom Anthero, esse semeador de luz!

D'esta vez, por desgraça, o eclypse foi total...

O pharol, tres mezes depois, irradiava o seu ultimo clarão de vida sobre a terra da patria onde se extinguia, deixando, porem, brilhante para a immortalidade a fama de um grande nome!

*

Quando Anthero aqui aportou pela ultima vez, observou, n'uma roda de cavaco, um amigo de nós dois, o distincto escriptor açoriano João Machado de Faria e Maia,

a proposito do limitado numero de impressos do grande poeta:

— É enorme o que elle tem destruido de producções, que por si só fariam a celebridade de um homem de lettras!

Tambem se refere a este facto o sr. Oliveira Martins no seu inspirado e sentido prefacio dos *Sonetos completos:* — «D'esse naufragio, onde se perderam verdadeiras obras primas, salvei eu as que vão no fim d'este ensaio: e salvei-as porque as possuia entre os originaes remettidos em cartas e mais de uma vez como texto de noticias do estado do seu espirito.»

O poeta, mencionando na auto-biographia um periodo evolutivo do seu pensamento de 1874 a 1880, cita essas poesias, salvas pelo seu amigo, «alem de muitas outras que depois destrui», accrescenta elle. E dos notaveis folhetos que na sua accidentada carreira de pamphletario publicou, diz: — «... ás vezes preciso de certa força de reflexão para me não envergonhar de ter publicado tanta cousa pouco pensada.»

Quem passou annos, como eu, na intimidade da familia Quental é que bem póde avaliar que fatalidade atavica se prova n'esse descontentamento de si proprio, que de tantas joias poeticas privou as lettras patrias, fazendo-o declarar a Wilhelm Storck: — «É certo que. . não produzi ainda o que se chama *uma obra,* isto é, uma cousa original, pessoal e aprofundada... Quizera concentrar n'essa obra suprema toda a actividade dos annos que me restam a viver. Desconfio, porem, que não o conseguirei!.. »

Seu avô paterno, o illustradissimo morgado André da Ponte Quental, poeta distincto que mereceu a Bocage uma camaradagem de lettras, que era nos seus ultimos annos o brasão de que mais se gloriava — esse avô, companheiro de Elmano, destruiu aqui, no fim da vida, e sem

admittir-lhes selecção, todos os seus manuscriptos, «onde, (dizia ao filho primogenito, pae de Anthero) a sua musa não attingira as alturas que a poesia impõe aos seus cultores.» E esse *auto de fé* era sempre para esse meu velho amigo, o originalissimo e espirituoso dr. Fernando de Quental, que *à contre-coeur* o executou sob o olhar paterno, uma das grandes maguas, um espinho de toda a sua vida.

É o mesmo «remorso por alguma vez ter estado n'uma disposição de animo, depois considerada com horror» na phrase de Oliveira Martins, explicativa das hecatombes em que, á semelhança do avô, Anthero aniquilou tantas producções de valor.

Dos paes herdou então uma outra qualidade, que o prefaciador dos *Sonetos* lhe nota — a de «conversador como poucos, facil, espontaneo, original, suggestivo, ironico, humorista, espirituoso, descendo até á propria *charge*...» Quem viveu, no franco trato do *home*, com D. Anna Guilhermina da Maia e com Fernando de Quental, dois *charmeurs*, está a revel-os por completo n'essa synthese.

*

Vae de certo emprehender-se a reconstrucção do trabalho litterario de Anthero, para o que serão indispensaveis todos os subsidios e preciosos todos os ineditos, que andam dispersos por mão de muitos admiradores e amigos. Para contribuir com o meu contingente de informação copio um trecho da elucidativa carta dirigida d'aqui por João Machado ao *Diario d'Annuncios*, que a publicou em fins de setembro de 1891, n.os 1987 e 1988: — «Ponho a disposição de v... alguns ineditos, cartas e impressos raros que possuo, convindo que este exemplo seja imi-

tado, a fim de preparar os elementos para uma edição completa e definitiva das obras de Anthero de Quental, tão interessante para a historia da sua vida, das suas ideas e do seu tempo.» Aviso a quem se consagre a tão piedosa quanto util tarefa com o patriotico pensamento de salvar para a gloria das lettras e proveito dos estudiosos as lucubrações de um cerebro de tão excepcionaes dotes.

*

Encontro ainda um *souvenir* na leitura de um periodo de Anthero no seu já citado prefacio do *Thesouro poetico*.

De uma vez, em 1865, encontrámo-nos no convento do Bussaco, onde o modernismo architectonico ainda levára pouco ó tom discordante da sua amaneirada garridice. Uma romaria annual enchia de alegres chusmas e de eccos ruidosos dos descantes as aleas sombrias da matta e o claustro austero do cenobio. Procurando Anthero, que nos desapparecêra, fui encontral-o n'uma capellinha, cujo nome perdi da memoria, mas que fica a direita de quem entra no claustro, indo do *Cruzeiro*. Lia alli, ajoelhado no meio do povo devoto que enchia a capella, os Psalmos de David e explicava-lh'os com a voz solemne e o gesto largo de um apostolo!

Disse-me depois que nada o encantava como estudar assim, nos commentarios ingenuos d'aquella sincera gente, as expansões da alma popular, as suas crenças puras, a sua elocução familiar, o seu natural desejo de instruir-se. Volvidos annos, encontrei o pleno esclarecimento d'esse nunca esquecido episodio n'esta passagem do mencionado livro:

6

«O povo é uma grande criança collectiva, é o eterno infante. No seu conceber as cousas, no seu sentir, no seu dizer estão ainda presentes aquellas faculdades intuitivas que presidiram, ha muitos seculos, ao alvorecer do espirito humano e produziram os mythos, as lendas, os cantos heroicos com que, no berço, se embalou tão poeticamente a humanidade.»

Não derivaria muito d'este seu sentir e pensar aquelle proposito de manter na linguagem os contornos mais frisantes da feição nacional, aquelle «amor da prosa portugueza», aquelle despreso «da prosa de convenção», que Anthero encarecia ao dr. Storck na carta auto-biographica de 1887?

A enfermidade fêl-o pôr na auto-biographia estas phrases de resignação:

«Não sei se poderei realisar, como tenho desejo, a exposição dogmatica das minhas ideias philosophicas... desconfio que o não conseguirei; a doença... não me permitte esforço tão grande e aturado... Morrerei porem — depois de uma vida moralmente tão agitada e dolorosa, na placidez de pensamentos tão irmãos das mais intimas aspirações da alma humana e, como diziam os antigos, na paz do Senhor! Assim o espero.»

E assim foi.

A 11 de setembro de 1891 pelas 8 da noite, sentado junto ao muro da cêrca do convento da Esperança, no ponto onde se ergue o emblema da virtude consoladora, companheira da Fé e da Caridade — a ancora symbolica

d'essas «aspirações da alma humana...» morria elle pela forma que se sabe, com um sorriso, que a todos commoveu, a illuminar-lhe o rosto descarnado de martyr e como que a dizer-nos ainda de alem-tumulo:

—Realisei o que *esperara*. Sim, morri na paz do Senhor!

....

Podemos talvez achar o secreto pungir d'aquella existencia, sempre em lucta com o Impossivel, na sensibilisadora sextina que Anthero adoptou de um poeta hungaro:

A Dôr

O que é a Dôr? um mar. E a alegria?
Perola occulta n'esse mar fremente.
Quantas vezes a perola encantada
Entre as rochas profundas sepultada,
Se dissolve esquecida, lentamente,
E nunca chega a ver a luz do dia!

Não foi tambem assim a sua larga intelligencia, que não pôde nunca revelar-se toda e em pleno sol?

Quem professava ácerca da superioridade mental as ideas que elle consubstanciou no reflectido estudo philosophico publicado no vol. II da *Revista de Portugal*:—«O espirito define-se como uma força que se conhece na sua intima natureza, que é caüsa dos seus proprios factos, só ás suas proprias leis obedece e, sendo a força autonoma, consciente e plena, é a força por excellencia, a força typo»,--vendo esse dynamismo psychico, forte e superior, avassalado á tyrannia, por assim dizer, material do imperfeito dynamismo mechanico em que se lhe tornára a organisação um desigual systema de forças; vendo-se, Prometheu agrilhoado ao rochedo, sempre em

lucta ingloria de altas aspirações contra a impossibilidade... devia n'uma revolta enervadora da razão evocar vezes repetidas a reminiscencia d'essa emocionante pagina de Goya, onde sob plumbeo céo um esqueleto sollevanta a pedra tumular e escreve na terra a sombria palavra: *Nada!*

*

Descido morto pelos degraus da sepultura era indispensavel que n'esta ilha, onde se embalára criança, elle resurgisse redivivo para as glorias da immortalidade.

Tivera a noticia do seu passamento uma repercussão universal, porque Anthero era lido, traduzido, commentado na Europa, do occidente ao oriente, transpondo ainda os mares a fama do seu nome para remotos continentes.

Era preciso que, na hora solemne em que de toda a parte iam fixar-se as attenções n'este ponto do globo onde elle nascêra e onde quiz morrer, soubessemos provar á Sciencia, Lettras e Arte universaes a nitida comprehensão dos altos deveres que á sua patria impendiam, perante a historia, na glorificadora apotheose civica do grande açoriano.

D'essa orientação nasceu a homenagem que a camara municipal de Ponta Delgada rendeu á sua memoria e o projecto de outras que com o tempo lhe irão consagrando os seus concidadãos.

*

Como notas historicas julgo de interesse fazer aqui o registo das resoluções municipaes sobre a acquisição de um busto de Anthero para a nossa bibliotheca pu-

blica e da sua inauguração ali com a preciosa livraria que lhe legou o poeta.

A Commissão Municipal d'este concelho, em sessão extraordinaria no dia 14 de setembro de 1891, resolveu, junto com um voto de sentimento consignado na acta, que se adquirisse um busto em marmore de Anthero para ser collocado ao pé da sua livraria na bibliotheca municipal; que se desse o nome d'elle a uma das principaes ruas ou praças d'esta cidade e que fosse levantada a sessão para que nenhum outro assumpto n'ella fosse tratado, alem de tão dolorosa commemoração. Esta acta é assignada pelos vogaes dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, presidente, Luiz Soares de Souza e Heitor da Silva Ambar Cabido, sendo secretario João Luiz de Moraes Pereira.

Mais tarde a Camara Municipal, na sua sessão ordinaria de 1 d'outubro do mesmo anno votou — a approvação de todas as resoluções da Commissão Municipal; que fosse denominada *Rua de Anthero de Quental* a nova avenida construida sobre o aterro do Corpo-Santo e que se fizesse uma estante apropriada a receber os livros legados á bibliotheca pelo nosso eminente conterraneo. Os vereadores cujos nomes subscrevem essa acta são, alem do presidente, os srs. Luiz Soares de Souza, Matheus d'Andrade Albuquerque Bettencourt, Caetano José Velho de Mello Cabral, José Maria da Silveira Borges, José Maria Pimentel, Heitor da Silva Ambar Cabido e Antonio Leite da Gama. Secretario, o mesmo da outra acta acima resumida.

São essas actas, pela importancia das resoluções tomadas e pelos termos tocantes em que estão redigidas, peças que não deviam ficar ignoradas nas sombras dos archivos; com a indicação das suas datas creio fazer justiça e serviço ao culto piedoso, á sempre viva saudade dos bons amigos de Anthero.

Como adequado meio de dar execução apropriada á feitura de um busto condigno do alto vulto que devia representar, pensei na coadjuvação do sr. Oliveira Martins «Ninguem melhor do que V. Ex.ª — dizia-lhe o officio da presidencia municipal que sollicitava o seu auxilio valioso — póde coadjuvar-nos na realisação d'este intento porque, pelo intimo trato que tinha com o nosso fallecido amigo, poderá superiormente aconselhar e esclarecer o esculptor a quem seja incumbida a execução d'aquella obra d'arte. É, certo de que para V. Ex.ª será lenitivo á sua profunda magua aceitar este encargo, que ouso vir sollicitar-lhe o favor especial de incumbir-se da escolha do artista e da inspecção do trabalho até sua conclusão.»

A este officio, datado de 28 de setembro, respondia da maneira mais captivante e sentida o illustre prefaciador dos *Sonetos*, o grande amigo de Anthero: — «Effectivamente, na afflicção dolorosa que me causou o tragico fim de um amigo sobre todos querido, e o ver extinguir-se, de um modo atroz, uma alma formosissima e uma intelligencia grande entre as maiores; no meio da minha angustia v... acertou pensando que o generoso, embora merecido, preito de saudade votado ao defuncto pela sua terra natal havia de ser para mim um lenitivo. Do coração agradeço uma tão bella prova de sentimento. Agradeço a honra e a caridade que me fizeram; agradeço como um dos muitos dilectos amigos do defuncto a homenagem posthuma que lhe conferem, e digo muitos, porque o numero d'elles conta-se pelo dos que no breve decurso da sua vida, sempre angustiada, tiveram a fortuna de conhecer de perto a candura quasi santa da sua alma, a nobreza extrema do seu sentir e a lucidez cristallina da sua idea... D'entre os esculptores portuguezes, pareceu-me que devia escolher o sr. Simões de Almeida... pela sympathia do retratado, o artista produzirá obra digna de ambos. Pela minha parte já forneci os

varios retratos que possuia e acompanharei a execução do trabalho com aquelle cuidado que me impõe a honrosissima commissão em que me investiram, mas que eu espontaneamente teria, ainda quando se não desse tal motivo, levado pela saudade pungente d'esse que foi para mim mais que amigo, quasi irmão... Mas entre o sentimento individual, por acrisolado que seja, e o de uma corporação; entre o preito recondito na alma de um homem e o voto solemne de uma instituição, ha distancia enorme. Enorme pelo alcance moral, enorme tambem pela duração. Um é transitorio, como a vida de um homem; o outro é perenne e indestructivel como a entidade que publicamente o formula, transmittindo-o de geração em geração. Essa eternidade, devida a todos os que deixaram apoz si um rasto de luz, é o que os sentimentos particulares não podem conferir por se apagarem com quem os experimenta.»

Este impressionante officio, datado de 12 de outubro, está archivado no respectivo livro: o trecho que acaba de ler-se era porem indispensavel aqui para chave d'oiro d'este resumo documental.

Dado o devido tempo afim de que tudo pudesse dispor-se, marcou a camara o dia 1.º de janeiro de 1893 para abrir ao publico a livraria e inaugurar na bibliotheca municipal o busto primorosamente cinzelado pelo sr. Simões de Almeida.

A proposito d'esta solemnidade, a um tempo modesta e commovente, escrevi no *Correio Michaelense* de 11 de janeiro estas palavras de descripção:

«A patria do illustre açoriano ia provar se estaria ou não á altura de recolher o legado inapreciavel e de corresponder á intenção delicada do mais glorioso dos seus filhos.

«Entendeu-se, e a meu vêr bem, que o primeiro mo-

numento a erguer á memoria do illustre extincto devia ser collocado ali, n'aquella bibliotheca até hoje modesta e pobre e de agora para o futuro celebrisada e notoria, ante a universalidade dos espiritos cultos, por aquelle deposito sagrado.

«Á auréola de gloria, offertada pelo poeta, devia corresponder a gratidão dos que elle assim expunha em plena luz á contemplação do mundo.

«O que se fez foi modesto, mas foi digno.

«Da uma hora ás tres da tarde numeroso e selecto concurso de pessoas de ambos os sexos e de todas as condições sociaes affluiu a render publica homenagem de respeito á memoria illustre que se celebrava ali. E depois que o presidente da camara, amigo de infancia do insigne poeta, abriu a sessão fazendo em nome d'ella entrega da livraria e do busto á guarda piedosa da bibliotheca e dos seus frequentadores, tomaram a palavra, em nome das inolvidaveis recordações da amisade e dos nobres impulsos do patriotismo, os srs. visconde de Faria e Maia e João Machado, companheiros de Coimbra do saudoso Anthero e dois dos nossos mais cultos homens de lettras.

«Fizeram justiça devida ao homem de sciencia e ao homem de coração, ao patriota eximio e ao genial poeta que foi Anthero de Quental.

«A commoção era geral n'aquelles momentos solemnes. Os protestos de consideração caiam como aresto de justiça na consciencia do auditorio. E os applausos, os murmurios de approvação, que lhes acompanhavam os louvores e as reivindicações, davam a evidencia de que plena comprehensão tinham os conterraneos de Anthero, da sua sua altissima valia.

«Consoladora festa!»

Terminam aqui os factos em que me coube interferencia e *quorum pars — minima — fui* no capitulo da biographia açorica do mallogrado Anthero de Quental.

Não faltará *mente ás musas dada* que aprecie o poeta, homem de palavra que julgue o conferente, polemista que avalie o critico e o pamphletario, publicista que escreva do sociologo ou do philosopho, e até medico ou physiologista que trate do soffredor que elle foi.

N'este meu *depoimento* sentido fica apenas a parcella d'essa existencia vivida ao meu lado, o escorço indistincto de um vulto esculptural como pôde ser visto por mim, a nota do verdadeiro aprêço que lhe souberam dar os seus concidadãos.

O que ha aqui ainda a consagrar-lhe, fal-o-hão seguramente os annos e a historia.

Os grandes homens, como as altas montanhas, ganham em serem observados a distancia no tempo e no espaço.

Se está por isso addiada a definitiva homenagem açoriana ao illustre pensador, aberto deixa o caminho já, n'um impulso de sentimento, o respeito dos contemporaneos á plena justiça dos vindouros.

S. Miguel (Açores) Março. 1893.

Andrade Albuquerque



AO CORRER DA PENNA

(NOTAS)

OI dos periodos mais originaes e suggestivos da academia de Coimbra aquelle em que viveu Anthero de Quental. A mocidade estudiosa d'então resentia-se do estado d'agitação febril que por toda a parte trabalhava o mundo. Vivia-se no periodo aureo dos primeiros poetas, oradores e philosophos do seculo. As suas obras famosas andavam nas mãos de todos nós. Os sentimentos, as doutrinas e os systemas que ellas propagavam eram o assumpto obrigado das nossas interminaveis discussões. Parecia a primavera do mais opulento dos seculos a reflectir-se na juventude do mais desditoso dos povos! Eram como os penultimos lampejos d'uma vida gloriosa que se extingue!

Como se estava ainda longe do desanimo e da tristeza que hoje nos invade, longe da descrença, do egoismo,

da hypocrisia, d'este mal-estar geral que contamina as sociedades de hoje e que Max Nordau descreve com mão de mestre no seu memoravel livro demolidor *Les mensonges conventionels de notre civilisation*, no capitulo denominado *Mané, Thékel, Pharès!* Os genios mais innovadores, os talentos mais comprovados, as vozes mais harmoniosas que este seculo produziu, estavam na pujança das suas forças creadoras, na plenitude das suas faculdades inimitaveis! Nunca foi afinado o coração humano para os mais subtis requintes do idealismo e do amor, como quando cantaram as lyras de Hugo, Lamartine, Garrett e João de Deus! Nunca sobre os destroços que espalhou por toda a parte o terramoto social de 1789 a 1793, sobre esta grande crise dos espiritos aberta entre uma civilisação que se extinguiu e uma outra que se levanta, se conceberam projectos mais audaciosos de reconstrucção social. Nunca sobre as deficiencias, os erros e os crimes do poder papal, e a sua inevitavel incompetencia para dirigir os novos destinos, se escreveu com a pujança, a largueza de vistas e a certeza de golpes, da obra magistral de J. Proudhon, *De la justice dans la révolution et dans l'église.* Nunca raiaram manhãs mais frescas e consoladoras para o futuro da Humanidade como nos incomparaveis livros de J. Michelet sobre a natureza e o homem, onde a intuição e a originalidade do vidente e do artista supprem por vezes, e com vantagem, a demonstração fria e arida do sabio! Nunca emfim o poder espiritual dos novos tempos encontrou como em Quinet alma mais privilegiada de apostolo e de propheta, harmonioso como Isaias e sabio como Socrates, para aferir por ella e reduzir ás devidas proporções o poder espiritual da Egreja, tão cheio ainda da grandeza e do prestigio dos seculos!

Era extraordinaria a copia de livros novos e suggestivos que nos chegavam de toda a parte. Ao *Système des*

contradictions économiques: Philosophie de la misère, de Proudhon, trabalho aspero, sacudido e terrivel como a verdade, antepunha-se o livro amoravel de Bastiat *Les harmonies économiques,* seductor como um sonho, nas regiões do possivel, escripto por uma penna irmã da de Fénélon. Aos trabalhos delicados de Paulo Janet em defeza do espiritualismo, respondia o ruidoso livro de Büchner *Force et Matière.* Ás normas providenciaes de uma vontade divina, regendo os destinos dos povos, as inalteraveis leis evolutivas de Darwin, impellindo e transformando o universo! Não havia problema religioso, economico ou politico que não fosse levantado á banca dos nossos estudos ou á mesa das nossas refeições, e em especialidade durante aquellas inolvidaveis excursões nocturnas quando cercados d'uma natureza privilegiada, cheia d'encantos e de poesia, as nossas almas, como as flôres da noite, de que falla o poeta, se abriam ás fulgurações dos nossos ideaes! Systemas de religiões e de philosophias, compendios, lentes, doutorandos, tudo passava pela fieira da nossa critica ardente e irrequieta. Debaixo do ponto de vista accentuadamente individualista, metaphysico e romantico, da maioria, faziamos aos outros a mesma justiça que hoje é natural nos façam a nós os que adoptam outros objectivos e seguem outros processos de investigação e de saber.

Parte d'este grande movimento intellectual e moral ficou felizmente archivado para as lettras patrias nas *Tempestades Sonoras, Visão dos tempos* e *Theocracias litterarias* de Theophilo Braga; nas *Odes Modernas, Carta bom senso e Bom gosto, Resposta á Encyclica de Pio IX,* de Anthero de Quental; na *Epopêa da Historia* de Anselmo de Andrade; no *Ultramontanismo,* de Leite Monteiro; na *Determinação e desenvolvimento da idêa do direito, Sinthese da vida juridica,* de Francisco Machado, etc. A outra parte, a mais viva, a mais original e a mais caracteristica:

essa passou para as tradições academicas que a pouco e pouco se vão apagando com a acção do tempo, e, quem sabe se por ventura já hoje não estarão de todo extinctas.

Era grande o numero d'estudantes que se destacavam do vulgo pelo talento, pelo estudo, pela originalidade e pela graça e até mesmo pela agilidade e pela força. Alguns faziam proselytos, creavam escólas e inspiravam lendas... Tinham ha pouco deixado os bancos das escólas nomes laureados como os de Silva Gayo, Lourenço d'Almeida, Barjona de Freitas, Ayres de Gouvêa, Dias Ferreira, Pires de Lima, Donato, Albino Santos Viegas, Thomaz Ribeiro, João de Deus, etc. Outros estavam breve a despedir-se de nós: Saraiva de Carvalho, Seromenho, Jayme Moniz, Bernardino Pinheiro, Francisco Beirão, etc.

Era grande a parte que ficava e que pelo conjuncto variadissimo das suas aptidões, qualidades e aventuras havia de dar as notas mais salientes d'aquelle periodo florescente da academia. Citamos ao accaso: Cerqueira Lobo, Capella, Leite Monteiro, Alberto Telles, Santos Valente, Benjamin, Segurado, Antonio d'Azevedo Castello-Branco, Carvalhal, Florido Telles, Francisco Machado, Marianno Machado, Oliveira Valle, Alberto e José de Sampaio, Candido de Moraes, David e Cunha, José Julio Rodrigues, Jacintho Nunes, Fernando Rocha, Germano Meyrelles, Philomeno da Camara, Anselmo d'Andrade, Lobo de Moura, Eça de Queiroz, José Falcão, Theophilo Braga, Anthero de Quental e tantos outros.

D'entre todos estes destacava-se um grupo mais restricto d'intimos amigos do grande poeta na maioria dos quaes elle exercia a verdadeira chefatura espiritual pela sua qualidade de critico eminente e pela bondade preponderante do seu caracter. Entravam n'este numero, além de João de Deus (que o fascinara com a magia da sua lyra inspirada, mas que ausentando-se nos deixou a todos o rasto luminoso do seu genio) Germano Meyrelles,

Florido Telles, Frederico Philemon, J. Felix dos Santos, Santos Valente, Marianno e Francisco Machado, Alberto e José de Sampaio, Alberto Telles, Anselmo d'Andrade, José Falcão, Philomeno da Camara, Lobo de Moura, Azevedo Castello-Branco, Theophilo Braga e o auctor d'estas linhas. Fazia ainda parte d'elle, sobretudo nas nossas largas excursões de tres a seis leguas em redor de Coimbra, José Julio Rodrigues; e por nossa intervenção, uma vez, Luiz Jardim, hoje Conde de Valenças.

Era este o grupo dissidente por excellencia, onde Anthero de Quental viveu em maior intimidade e onde revelou as primicias do seu talento extraordinario, limpido e luminoso como o brilhante. Era elle quem quasi sempre levantava as questões que dividiam as escólas scientificas do tempo e quem nos debates emittia o parecer que conquistava maior numeros d'adeptos. Em alguns Anthero exercia uma verdadeira fascinação; era para elles o *magister dixit*, a palavra infalivel, indiscutivel d'um *sacerdos magnus*.

As qualidades do coração d'aquella natureza excepcional, e que com o andar do tempo mais se acrisolaram, concorriam poderosamente para esta especie de fanatismo.

Nós mesmos, que estavamos muitas vezes em manifesta discordancia com o seu modo de pensar e de sentir, (discordancia que no campo das doutrinas ainda mais se accentuou nos ultimos tempos da sua vida) durante trinta e tantos annos de convivencia intima, raras vezes interrompida, nunca recebemos d'elle as mais tenues revelações d'azedume ou de resentimento; e se é possivel, quanto mais nos distanciavamos nas nossas aspirações, tanto mais nos uniamos n'um affecto indissoluvel, inextinguivel. Isto explica o epitheto de «santo» que alguns lhe deram mais tarde, e a que Oliveira Martins se refere no seu profundo e formoso prologo ao livro — *Sonetos completos de*

Anthero de Quental. Influencia do meio, dos livros e da propria indole: Anthero tinha no principio da sua carreira um tanto ou quanto de vidente e de propheta, para o que muito concorria a leitura que fazia do Velho e do Novo Testamento, e das obras em voga de Edgar Quinet. Quando compunha os seus melhores versos gostava de os recitar em voz alta, passeando com a capa cahida dos hombros um pouco em desalinho e escutando a harmonia d'aquelles cantos, por vezes rudes na forma, mas de um perfume suavissimo do ideal mais puro!

Inutilisava muitos dos seus escriptos, porque, embora tivessem o applauso dos seus admiradores, mais tarde não lhe satisfaziam ao rigor da dicção classica, severa e justa em que escrupulisava e em que era insigne nos ultimos tempos. O seu principal defeito aos olhos d'alguns criticos: o ter produzido pouco mais do que os seus versos inimitaveis e alguns pamphletos de combate, que tão ruidosos se tornaram e em que não tinha competidor, provinha exactamente d'uma virtude do seu espirito: *o nunca estar contente com aquillo que escrevia, que embora valesse muito aos olhos dos profanos,* pouco ou nada representava á luz da sua consciencia immaculada e em fecunda actividade.

Punha muito alto o pensamento.

O ideal que o seduzira e atraz do qual seguiu toda a vida, tanto mais bello quanto menos tangivel, e pelo qual se enamorou como o Dante pela Beatriz, fôra a sua tortura e fôra a sua gloria! Obrigou-o no fim de contas a não realisar obras de maior folego, entre ellas uma que meditara durante longos annos, e de que fomos muitas vezes confidentes: *o plano geral de remodelação dos estudos para a mocidade das escolas,* e que desejava legar por sua morte. Não sabemos o que restou d'este trabalh ode alcance que tanto lhe acariciava o pensamento.

Como todos os homens d'este periodo de transição

social, que, perdendo as crenças com que foram embalados, conseguem substituil-as por outras a que o tempo ainda não deu a estabilidade e o prestigio dos seculos, Anthero era ás vezes assaltado por grandes duvidas, por desalentos e até mesmo pelo desespero! O sarcasmo e a ironia com que verberava o passado em ruinas transformavam-se então em piedade e tristeza.

Toda aquella grande figura se photographa com inteira exactidão a este respeito nos seus livros: as *Odes Modernas* e os *Sonetos*. Como o desenho moral de Anthero acha-se feito magistralmente por um dos seus amigos mais intimos, depois de Guilherme d'Azevedo, Oliveira Martins, nada mais diremos sobre o assumpto, por secundario e inutil. Como testemunha presencial acrescentaremos apenas uns accessorios que darão relevo a muitas das opiniões ali emittidas sobre este chorado companheiro.

Uma noite depois de acalorado debate entre os seus amigos em que se agitaram as questões palpitantes da actualidade, sahimos, Anthero e eu, para os nossos predilectos passeios nos arrabaldes de Coimbra. A crença viva que sempre mantivemos sobre o futuro da Humanidade e que apezar de tão frequentes desmentidos e tão crueis desenganos, ainda mantemos na sua primitiva pureza, serviu n'aquella noite de vivo contraste ao mal-estar, ao desalento e ao scepticismo que, n'uma má visita, lhe assaltaram o seu luminoso espirito. Fermentava já então n'aquelle peito, limpo de resentimentos e de odios, a philosophia do mal, que tão accentuadamente o arrastaria mais tarde para a theoria do *Não ser*, para as doutrinas de Beaudelaire, de Schopenhauer, para o Nirvana dos Buddhistas! Discutimos e caturrámos muito, acabando nós por consideral-o fraco d'animo, por filho menos digno da Revolução que, aliás, tanto exaltava. Não o convencemos a elle, nem elle nos convenceu a nós, como era

costume, e separamo-nos amigos como sempre! Recolhemos a casa era alta noite. Quando nos preparavamos para dormir, entrou Anthero no nosso quarto e pediu-nos para deitar-se ao nosso lado, allegando que n'aquella noite não se sentia com animo de ficar sósinho; e que lhe fazia bem a tranquillidade do nosso espirito. Pouco depois era eu que invejava a sorte do companheiro: dormia com a tranquillidade d'um forte.

Reconhecendo Anthero que a sciencia official se conservava alheia, atrazada e em opposição ao grande movimento scientifico do tempo; vendo os usos e os costumes da epoca em manifesta contradicção com o pensar e sentir de cada um, alistou-se entre os espiritos emancipados que combateram *o status quo* com o sarcasmo, a ironia e a troça. Era sob este ponto de vista que nos distanciavamos muito do poeta e d'alguns dos seus sequazes. A nossa indole e os nossos habitos eram outros.

Uma parte d'este grupo dissidente capitaneada por Anthero celebrou uma tarde no Valle de Santo Antonio festas 'a Pan, e isto com grande escandalo do beaterio, dos lentes da Universidade e da maioria da Academia estudiosa. Era para aquelles alegres trocistas um prato do melhor accepipe ouvirem depois as criticas aceradas que estas extravagancias mereciam aos homens graves, representantes do senso commum contra o qual Anthero abertamente se revoltava em nome do bom senso. Preferiu levar um R no quarto anno a tomar a serio uma lição de Direito Civil dada ao lente da cadeira o dr. Neiva, que exigia a repetição litteral das velhas Ordenações do Reino, sem a menor alteração nas palavras, nos pontos e nas virgulas! Para elle esta reprovação valeu mais que todos os titulos de gloria com que o laureavam.

Não vivendo na intimidade da Academia, uma noite, contra o nosso voto e o d'alguns amigos intimos d'elle, e contra os seus proprios habitos, associou-se ao movi-

mento da insurreição dos estudantes contra o governo presidido pelo Duque de Loulé, por lhes negarem um perdão d'acto e outras bagatelas semelhantes, e n'este sentido uniu a sua voz auctorisada aos discursos vehementes d'Oliveira Valle, Fernando Rocha e outros, aconselhando a Academia a que marchasse sobre o Porto e d'ali não sahisse emquanto o poder não cedesse ás suas intimações! Sendo certa a derrota, como os seus amigos o previram, e fazendo-lhe nós troça do estenderete que dera, Anthero ria-se, achando graça que o tivessem tomado a serio!

Quando concluiu a formatura teve d'ir á ilha visitar sua familia, por tantos titulos illustre, e porque a celebridade do seu nome o tornasse objectivo das attenções e curiosidade de todos, diz-se que preferiu representar o papel de Hamlet e ser tido por doido, a viver no convivio de pessoas e no trato de usos e costumes de que havia emigrado. Imaginou que por aquelle processo, tomando-lhe medo, o deixariam em paz com as suas lucubrações de homem de sciencia e de artista, e conseguiu-o em parte. Dizia-se que n'um baile dado expressamente em sua honra para o apresentarem ás pessoas das relações da sua familia, Anthero entrara na sala, com espanto de todos, sobraçando um enorme cartuxo de confeitos, que foi distribuindo pelas senhoras a quem era apresentado!

Na revolta contra o estatuido em que então viviamos, Anthero entrou na organisação da famosa sociedade do *Raio*. Consistia um dos planos d'esta, em empalmar positivamente o reitor da Universidade Alberto de Souza Pinto, que pela severidade inalteravel do seu governo e do seu porte tinha levantado contra si as furias da Academia! A idéa que esteve proxima a realisar-se, e cujos principaes auctores não citamos pelas altas posições sociaes que hoje occupam e pela prudencia e circumspecção de que dão provas, limitava-se em mantel-o enclausu-

rado, n'um sitio do conhecimento de muito poucos, e em restituil-o á liberdade são e salvo, carinhosamente tratado, depois de ter dado volta ao mundo este grande escandalo e de o verem substituido no poder por outro de melhor catadura e feitio, mais malleavel ás circumstancias, mais consentaneo com os tempos que iam correndo!

Foi ainda debaixo d'este espirito de troça que Anthero de Quental, sendo por nós apresentado em Lisboa a Jayme Batalha Reis, reuniu n'esta cidade um novo grupo de espiritos alegres, onde se poderia talvez filiar a publicação das *Farpas*, redigida por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. Foi grande o numero de partidas engraçadas e de mystificações, de ditos d'espirito, que partiu d'esta especie de bohemia de homens illustres e que calamos para não avivar melindres. Data d'esta epoca a convivencia de Anthero com Oliveira Martins que iniciava os seus trabalhos como poeta, prosador e philosopho, e que foi mais tarde o seu amigo e confidente mais intimo depois de Germano Meyrelles.

No tempo de Coimbra Anthero era um excursionista de primeira ordem, elle que mais tarde mal podia andar! Tinha um pé enorme de que fazia gala e a que applicava com graça e orgulho a satyra de Bocage:

«*Se o padre santo tivesse*,» etc.

Quando se retirou de Coimbra, alem d'uns livros que ainda hoje possuimos, (*Les lois de la vie* e *La nature* de Emerson e *Essais de philosophie Hégelienne* de A. Vera), legou-nos as suas botas ferradas! Para as usarmos mettiamos-lhe dentro tres e quatro folhas de papel d'embrulho e o pé ficava ainda folgado! Nas nossas largas excursões pelos arredores de Coimbra, Bussaco, Figueira, Senhor da Serra e Louzan, Anthero era a alma viva, o

ponto de convergencia das nossas discussões, o mais dilecto dos nossos companheiros.

Apesar de altivo e rude na forma, era d'uma candura e bondade quasi infantil, qualidades por que era facil a um espirito menos forte dominal-o, como succedeu-lhe quasi sempre, e a que attribuimos uma ou outra falta de que foi arguido e que discordavam do seu caracter.

A sua condescendencia com os amigos, que lhe mereciam confiança, era completa.

Um facto que o revela no mais alto grau. Achamo-nos um dia, sós os dois, no fim d'uma larga excursão a pé e ao cahir da tarde n'uma terra de pescadores, proxima da Figueira da Foz, em Buarcos. Anthero não era forte no mar. Tentou-nos a idêa de sahirmos n'uma das lanchas que partiam para a pesca. Anthero condescendeu. Não mediu bem as consequencias do passo que dava. Não pensou nas longas horas que seria obrigado a permanecer nas solidões do oceano, n'uma noite calmosa de verão, perante as scintillações dos astros e a phosphorescencia das ondas, sem agasalho e sem alimento! Passamos toda a noite nas alturas do Cabo Mondego, tendo diante de nós o quadro mais grandioso e inspirador que poderia apresentar-se a homens de imaginação como nós, de mais a mais açorianos! Na escura superficie das aguas, quasi em quietação, reflectia-se por tal forma a scintillante abobeda estrellada que dir-se-hia estarmos suspensos entre dois hemispherios luminosos. Tantas e tão limpidas espheras fulguravam sobre nossas cabeças no azul illimitado, como sob os nossos pés nos abysmos tenebrosos do mar! Separava-nos apenas d'aquelles dois infinitos, egualmente bellos, a fita escura da barca balouçando-se ao sabor das ondas! Era tanta a ardentia no mar que subito se inflamava o mais pequeno objecto que n'elle cahia! As linhas dos pescadores, ennegrecidas pelo uso, penetrando a vinte e trinta metros de profundidade, qual

por magia, illuminavam-se como cordas feitas com os raios das estrellas. Os peixes que ellas iam apprehender nos profundos abysmos, quando trazidos violentamente á superficie, pareciam lampadas electricas, descrevendo, nas aguas escuras, espiraes phantasticas de luz! Ao longe, d'encontro ás fragosidades do Cabo, immerso e perdido nas sombras, rugia a voz potente e monotona do mar com a gravidade e a tristeza d'um psalmista biblico! Era um espectaculo digno em tudo da grande alma do poeta michaelense. Anthero, porém, succumbiu. A ondulação repetida da vaga, o cheiro nauseabundo do peixe, a debilidade pertinaz do estomago, que mais tarde havia de ser o seu mais implacavel inimigo, o frio da noite, prostraram-no completamente. As ancias do enjôo que por vezes o accometteram, obrigaram-nos a instar com os barqueiros para voltarmos a terra. Era transtorno e prejuizo para elles, abandonarem a pescaria, quando esta lhes corria favoravel; mas cediam já á nossa instancia, quando Anthero tomou a defesa dos pobres homens, com tal firmeza de vontade, que desistimos do nosso proposito. Com uma abnegação verdadeiramente estoica, com uma submissão ao soffrimento, perfeitamente evangelica, deitou-se atravessado na pôpa da lancha junto de nós e ali esperou, silenciosamente, longas horas até que os pescadores dessem a tarefa por terminada ao romper da alvorada!

Quando desembarcámos eram cinco horas da manhã. Anthero parecia um desenterrado. Entramos n'uma pequena locanda para nos aquecermos e para tomarmos algum alimento. Fomos immediatamente o alvo da curiosidade publica; velhos, mulheres e creanças vinham em procissão conhecer-nos. Tivemos de recolher quanto antes á Figueira para evitarmos a impertinencia e os commentarios dos visitantes. Iamos ambos mais ou menos doentes. Anthero não tinha sido o auctor d'esta orgia *sui*

generis, mas a sua bocca foi sagrada, não teve uma palavra de increpação, de censura ou de queixa. Mais tarde recordava-se, até, com saudade, d'esta, como de muitas outras aventuras dos nossos saudosos tempos de Coimbra.

Mais dois traços que desenham bem a doçura do seu caracter.

Anthero bateu-se em duello com Ramalho Ortigão por causa da famosa questão litteraria suscitada por Castilho. Conciliaram-se no fim do combate, e tão sinceramente que, conhecendo-se mais de perto, nunca mais deixaram de se estimar.

Anthero cultivava um genero de poesia diametralmente opposto ao nosso. Durante a nossa fadigosa vida de Coimbra nunca haviamos escripto um verso. Fizemol-o só depois da nossa formatura, em desabafo, e como correctivo á aridez da vida practica a que temos sido sempre condemnados. Nos nossos versos d'um pantheismo espiritualista, a nossa alma ridente, demasiadamente confiante nas leis do mundo e nos destinos dos povos, e a nossa linguagem imaginativa e florida, formavam um contraste perfeito com o ascetismo d'aquelle Ezequiel dos tempos modernos, com a severidade d'aquella dicção sobria, altiva e pura como o seu espirito; pois Anthero de Quental nos ultimos tempos da sua vida vinha a passar parte das noites a nossa casa e pedia-nos para lhe repetirmos alguns d'aquelles nossos trabalhos. Denominava os nossos cantos aos *Astros*, ao *Sol*, á *Luz*, á *Terra*, ao *Mar* e ao *Lago*: «*Sonatas em verso.*» Quiz elle mesmo tirar copias d'alguns d'elles para enviar não sabemos a quem, em vista da nossa persistencia em conserval-os ineditos.

Quando nos visitava, sentava-se n'uma cadeira de braços para manter-se quanto possivel na immobilidade a que o obrigava o estado melindroso da sua saude, e at-

trahia em volta de si nossa esposa e filhos, designadamente a mais velha, que era a sua dilecta, e entretinha-os n'uma conversa despretenciosa, cheia de delicadesa, de doçura e de bom senso, que era o encanto dos que o ouviam. Uma ou outra vez recitava-lhes os seus versos mais piedosos, e associava-se com graça á conspiração que em volta de nós tem-se sempre mantido contra os nossos ideaes politicos, de que Anthero se mostrava ultimamente descrente.

O que n'elle por fim mais predominava era a piedade, de que já dera ùma prova eloquente em 1864 nos versos offerecidos a Alexandre Herculano *Flebunt euntes*, e melhor se accentuou na sua formosa e delicada *Ave-Maria*.

Dominava-o um desejo vehemente de deixar estavel por sua morte o futuro das duas orphãs, filhas d'um velho amigo, Germano Meyrelles, que adoptou como suas, e a quem legou a melhor parte da sua modesta fortuna. Trouxe-as para companhia d'uma irmã, uma delicada senhora, com quem vivia, quando estava em Lisboa. Tinha duvidas sobre o modo practico de dirigir as suas dilectas pupillas, cujas indoles e genios eram differentes, e isso preoccupava-o. Encontrando os negocios da irmã, viuva de ha pouco, um tanto embaraçados em certas formalidades fiscaes, e pretensões de herdeiros, de que Anthero nada percebia, tomou a finco deixar tudo liquidado antes de se retirar para os Açores, como premeditava. Foram penosos os esforços que fez para levar o seu plano a bom termo. Quem conhecia a difficuldade que elle tinha em andar pelas horas de calor, e em tratar d'estas questões practicas a que era avesso, é que poderia aquilatar quanto havia de mimoso e de grande n'aquelles sacrificios feitos sempre da melhor vontade e sempre com o melhor humor!

Depois de tudo concluido planeava retirar-se para

São Miguel onde nascera e onde parecia querer terminar seus dias. Fomos muitas vezes adversos a esta deliberação fatal. Combatemol-a com argumentos a que Anthero não dava resposta convincente. Citavamos-lhe grande numero d'exemplos nas nossas proprias familias que o deviam dissuadir d'aquelle proposito sinistro.

Parecia que uma fatalidade o impellia!

Triste deliberação aquella, que havia de privar a patria tão prematuramente da mais sympathica individualidade dos ultimos tempos!

O mal principal de Anthero foi a grandeza da sua propria individualidade e o rumo errado que deu ás suas lucubrações de philosopho e de artista. Era um metaphysico que procurava, em luctas titanicas, os problemas da verdade no mundo abstracto da consciencia! Encerrado por demasia n'aquelles limites, não o seduzindo o mundo exterior, cujos segredos deixou de perscrutar com a paciencia e a serenidade do sabio, quando mais tarde a doença o avassalou, viu tudo atravez do prisma das suas dores e da sua tristeza e architectou então essa cathedral cheia d'esplendores e de sombras, essa torre, formosa como a de David, feita do crystal o mais puro e d'ouro o mais fino, que se chama: os *Sonetos de Anthero!* A elle podemos applicar o que diz Quinet no seu ultimo livro, *L'Esprit nouveau:*

«L'homme s'est lassé de n'étudier que lui, de ne voir que lui. Son esprit se stérilisait dans la contemplation de son moi. Il est sorti du monologue sans echo où sa pensée cherchait et épuisait sa pensée. Sous le nom de psychologues, nous avons vu des hommes passer leur vie à s'écouter intérieurement, à se chercher, sans se trouver jamais, sourds à la voix du ciel et de la terre. Dans ce confinement, ils en contractaient l'aridité.»

Logo abaixo lê-se:

«Sortons de cette solitude interne. Ne nous cloîtrons pas dans le moi scolastique. Notre étude de l'âme n'est plus confinée en nous-mêmes. Dans tout ce qui végète, respire à travers le monde organisé, nous sentons une préparation de notre conscience. Pour la première fois, l'homme entre dans l'intimité de l'univers.»

O que seria d'aquelle puro e valente espirito, se tivesse seguido este conselho salutar do grande mestre?!

Lisboa, abril de 1893.

Manoel d'Arriaga



UMA CARTA INEDITA

ONVIDADO a escrever neste sympathico Livro de homenagem algumas linhas ácerca da potente individualidade de Anthero de Quental, a titulo da amisade que sempre me ligou ao grande poeta-philosopho, entendi que, em vez das frivolidades que eu poderia dizer em assumpto já por tão boas pennas tractado, melhor corresponderia ao amavel convite, e mais util serviço prestaria aos admiradores e adoradores (que os tem) d'aquelle espirito, dando a publico a seguinte expressiva carta que conservo com outras suas, as quaes ora me suavisam, ora me aggravam a dor que d'elle me ficou para sempre.

Poderei ser acoimado de inconfidente: pensei no caso; mas estas almas de eleição, que a tão longos intervallos apparecem illuminando a Humanidade, que em

vida nos fizeram pensar e crer no bem e, depois de idas, nos incitam constantemente com a lembrança das suas lições á pratica do bom, do honesto e do justo, convem que de todos fiquem bem conhecidas, para que sejam sempre bem amadas e bem imitadas. Eis a carta:

Villa do Conde. 15 de Fevereiro.

Meu caro Santos

Escreve-me o Joaquim de Araujo dizendo-me que te falára na publicação d'uma obrita minha, por onde fiquei tambem sabendo que eras director d'uma livraria-editora. Se o soubera antes, ter-te-ia eu mesmo escrito. E' o caso que eu pedira ao Joaquim que fallasse por mim a algum editor de Lisboa ou Porto, para a publicação do tal livrinho... o qual era, no meu pensamento, o primeiro d'uma serie, que comprehenderia mais dois ou tres, constituindo tudo uma « Bibliotheca da Infancia e Adolescencia », coisa que falta quasi inteiramente na nossa litteratura. Ora as delongas da casa * * * fizeram-me perder o calor com que estava e abandonar o seguimento de uma ideia boa e util. Não existe, pois, da projectada Bibliotheca senão aquelle 1.º volume, aliás inteiramente independente dos outros: é possivel porém que, se o vir impresso e bem recebido, me volte o gosto que perdi e conclúa a serie projectada, que deve comprehender um volume de Contos de Fadas, Encantamentos, etc., colhidos no que haja de melhor no Folklore nacional e extrangeiro; outro volume de rasgos moraes e tocantes, especie de « Thesouro de Exemplos » ou de « Moral em acção », mas que, pela escolha dos casos e pelo estylo, possa realmente agradar a creanças; e finalmente uma collecção dos Contos escolhidos de Andersen. Tudo isto podia ser bem recebido pelas familias e por ventura pelas escolas. D'este projecto realisou-se apenas a 1.ª parte, que é o volumesito em questão, e que vem a ser uma Lyra Infantil, colhida já nos nossos Romanceiros e Cancioneiros populares, já em poetas d'este seculo, unicos admissiveis quanto ao estylo, sobre todos o nosso João de Deus. Creio que vale alguma cousa, e sobretudo que é o melhor que se podia fazer com os recursos da nossa pobre litteratura. Vem a ser um volume pequeno ahi de 240 a 280 paginas...

. . . .
. . . .
. . . .

Meu Santos, terminada a carta commercial, fico tão moido que quasi não tenho força senão para te dizer que te amo como sempre,

no que não te dou novidade alguma. Eu vivo aqui eremiticamente, mas o espectaculo de decomposição social d'esta pobre terra, que ahi me estava continuamente debaixo dos olhos, tinha-se-me tornado insupportavel, e *fugi* de Lisboa, preferindo a solidão, onde ao menos posso, durante largos periodos, ignorar cousas afflictivas.

O perder a vista ou a possibilidade da vista de tres ou quatro amigos, que ahi tenho, é tudo quanto lastimo. Mas talvez porque os não vejo, os amo ainda mais ternamente e d'elles me lembro mil vezes. A minha vida moral é agora verdadeiramente a d'um buddhista, e isso tem reflectido na minha poesia, que entrou agora n'uma nova phase, mais serena e larga, ainda que de folego curto, pois só produz um ou outro raro soneto — mas esses, ao menos, já não causam pezadellos a quem os lê. Quando se esgotar este ultimo veio poetico e se fechar o meu *cyclo*, conto reunir os meus Sonetos completos. Afinal, é tudo quanto de mim sobrenadará — se bem os julgo e bem me julgo. Será a auto-biographia poetica d'um sonhador, d'um crente — crente em que? — no invisivel, no insondavel, no que não é esta miseravel existencia real, que evidentemente não pode *ser* o que parece, porque então o Universo seria absurdo. Esta grande máquina não pode deixar de ter um fim. Eu chamo a Liberdade a esse fim. Mas a Liberdade não consiste precisamente no desprezo do que é limitado, incompleto, transitorio? por conseguinte no desprezo da Realidade?

Adeus, com um bom abraço do teu velho amigo

Anthero de Q.

Esta carta dá, ao que me parece, algum util elemento para a apreciação da notavel individualidade que todos os portuguezes choramos.

Lisboa, 20 de agosto, 1893.

A. L. dos Santos Valente



A VIDA DE ANTHERO

I



UANDO, no futuro, este grande nome, entrando nos dominios da Historia, despertar a curiosidade erudita — essa insaciavel curiosidade que busca reconstituir, passo a passo, episodio a episodio, acto a acto, a vida dos homens illustres — os investigadores soffrerão a maior das decepções ao toparem com uma existencia modesta, simples, sem datas ligadas ás dos grandes acontecimentos do seu tempo, sem decorações theatraes, sem brilho mundano, sem agitações apparentes — uma existencia cuja memoria sobreviverá, quasi exclusivamente, pelo esplendor d'um grande genio poetico e d'uma altissima tradição moral.

É que, na biographia d'esse homem extraordinario, os factos estão n'uma extrema desproporção com a importancia da sua personalidade. A enumeração dos seus

actos publicos mal enche uma exigua pagina: seriam, porém, necessarios volumes para lhe estudar perfeitamente a complexa e maravilhosa natureza psychica. Póde apagar-se rapidamente o rasto dos seus passos na ephemera peregrinação do incerto areal da Vida: mas o rasto do seu Espirito e o rasto da sua Alma, esses não se apagarão nunca no ceu ideal do Pensamento e da Virtude. Dir-se-ia que toda a intensa, a exhuberante vida d'essa altissima individualidade se concentrou no seu cerebro e refluiu ao mais intimo da sua consciencia. A sua historia é uma historia toda interior, uma biographia meramente psychologica — a biographia d'uma Alma.

Se é, pois, difficil traçar o esboço da sua vida, não o é menos o fixar as linhas typicas da sua personalidade intellectual e moral. Se aquella, pela sua concentração, pelo seu isolamento, quasi que escapa á chronologia, esta, pela sua riqueza psychica, pela vastidão das faculdades, pelas singularidades do temperamento, requer esse poder de analyse e de fixação objectiva, que é o dom exclusivò dos grandes investigadores d'almas, dos grandes mestres do retrato moral.

Poeta, philosopho, critico, polemista, publicista, agitador politico — em cada uma d'estas faces, em cada um d'estes elementos da sua individualidade, ha como que uma sub-individualidade, um homem á parte, para avaliar o qual se torna mister o conhecimento particular do meio que lhe é proprio. E, como alguns d'estes modos de ser offerecem apparencias de contradicção reciproca, pois subentendem faculdades que de ordinario se excluem, é indispensavel buscar subtilmente os seus pontos de contacto e transição, as ligações, as junturas das diversas modalidades d'essa natureza proteica. Delicado trabalho que exige um senso, uma arte especial da *nuance* — e que tem a vencer a suprema difficuldade de harmonisar aspectos, á primeira vista antitheticos.

Accresce que n'esse cerebro prodigioso se crusaram. embateram e se fundiram, porfim, todas as correntes do pensamento moderno, desde o romantismo ao scepticismo critico, desde o pantheismo ao panpsychismo. A historia do seu espirito decorre, por este lado, parallela com a historia das ideias do seu tempo. O seu genio encarnou, como em successivos avatares, as successivas metamorphoses da Metaphysica contemporanea. Basta para o testemunhar esse livro sublime dos *Sonetos* — que é a floração transcendentalmente poetica das suas altas faculdades philosophicas.

Lançando, porém, um largo olhar synthetico sobre essa vida superior, vemos que ella se póde scindir em trez periodos geraes, que representam os trez grandes cyclos da sua evolução.

Caracterisa-se o primeiro pela expansão tumultuaria, agitada, espontanea, impulsiva, sincera, de todos os nobres instinctos e poderosas faculdades d'essa exhuberante natureza. Foi o periodo da Fé e da Acção.

Distingue o segundo a reacção contra esse movimento primitivo—reacção estimulada pelas desillusões, pelos desenganos, por um excessivo desenvolvimento do espirito critico, que, nas angustias da duvida, o levou ao extremo das negações nihilistas. Foi o periodo da crise pessimista.

Assignala o terceiro o restabelecimento da ponderação moral e a formação d'um admiravel equilibrio entre as ideias e os sentimentos dos dois periodos anteriores. Foi o periodo philosophico, o periodo da reconciliação com a Vida por meio d'uma especie de pietismo humano — divina fructificação do seu temperamento mystico e corôa moral da sua existencia.

É dentro d'esta triangulação espiritual — these, antithese e synthese d'uma evolução psychica — que se desenrola a vida do altissimo poeta. Toda ella se explica pelos termos d'esta serie.

Duas oscillações bruscas — como as da agulha magnetica, que presente a approximação da tempestade — se dão, comtudo, no derradeiro periodo, determinando como que dois movimentos regressivos aos estados anteriores: — um ao periodo da Acção com o seu reapparecimento ephemero na vida publica, por occasião do conflicto anglo-luso; outro ao periodo do Pessimismo com a terrivel crise psychologica — que o levou á tragica hallucinação do suicidio.

Vamos seguir, a passo largo e sem extremar minuciosidades de datas ou factos, os successivos estadios d'esta existencia, ao mesmo tempo tão simples e tão complexa. Vamos ver uma mocidade de heroe, votada ás mais nobres cruzadas da Justiça, terminar, apoz uma crise cruciante de angustiosa duvida, no equilibrio supremo da Virtude serena e da calma Sabedoria. Vamos seguir os passos d'uma vida, que foi para quem a viveu uma Via dolorosa — mas que deve ficar como o exemplo grandioso d'uma ardente aspiração para a Verdade e para o Bem.

II

Póde fixar-se entre 1858 e 1876 o periodo que denominei da Acção. A primeira data é a da sua entrada na Universidade; a segunda marca a epocha em que mais vivamente se empenhou na organisação do partido operario e na propaganda das ideias socialistas.

Estão dentro d'este periodo a publicação das *Odes Modernas*, a Questão Coimbrã, as conferencias do Casino e a sua passagem pela politica activa.

É um cyclo fecundo, agitado, intensamente vivido, em que o seu espirito e a sua vontade se manifestam em toda a altura e grandeza. Perante o sopro ardente das

Odes, perante o que ellas traduzem de pujança intellectual e moral, o proprio Michelet exclama: «*Non, monsieur, le midi n'est pas mort puisqu'il y reste de tels esprits jeunes, puissants, féconds...*» A ancia da Verdade, a atracção do Bello, a paixão da Justiça enchem soberbamente esses tres lustros. É o Herakles do mytho hellenico empenhado nos seus sete trabalhos symbolicos. É o paladino da Tavola Redonda, investindo n'uma furia epica contra os monstros e os gigantes — monstros como a Miseria, que devora o trabalho faminto, gigantes como a Plutocracia, que o escravisa e o domina cruelmente.

Nas *Odes* perpassa esse impeto de acção justiceira. São cantos de guerra, hymnos de revolta, a voz da força heroica enamorada da Justiça. O seu fundo mystico, mesmo, revela-se masculamente. O canto do *Pantheismo*, com que o livro abre, expressão do seu mysticismo naturalista, tem, todo elle, esse caracter de vigor fogoso que marca as almas tocadas do fremito heroico. O Mundo apparece-lhe como uma liça de torneio, um campo de batalha, onde os grandes combates do Bem contra o Mal se ferem sem descanso nem tregua. Esta concepção idealista da Vida torna-o um luctador, um revolucionario: — revolucionario nas lettras com a iniciação da poesia philosophica — revolucionario na politica com a iniciação do movimento socialista.

A sua apparição nas lettras faz-se em meio d'um dos maiores combates de polemica que em Portugal se têm travado. O poeta desdobra-se n'um critico. Os seus golpes prostram em terra uma litteratura caduca. Os seus pamphletos derrubam, com uma extranha audacia iconoclastica, os idolos mais reverenciados e thuriferados do culto litterario. E, n'essa lucta esthetica, é ainda o espirito de justiça que o impulsiona — sob a forma do amor do Bello e da Verdade. N'isto, como em tudo, transparece sempre esta *vis intima*, esta energia constitucional

do seu querer, que lhe deu ao caracter toda essa grandeza que anda na lenda.

Com o seu genio, a poesia portugueza sente rasgarem-se-lhe horisontes novos. O impeto romantico, esmorecido desde a perda de Garrett e a mudez de Herculano, e abafado sob o convencionalismo vasio e frio da arte de Castilho, encontrára no espirito de Anthero, como pouco antes achára no do grande João de Deus, um elemento poderosissimo de renovação e transformação. A poesia tornou-se de novo uma coisa viva, animada, emotiva, reconstituindo-se desde os seus fundamentos estheticos e amplificando indefinidamente o seu dominio objectivo.

Permitta-se-me, porém, que mais demoradamente insista no lado propriamente politico d'este periodo de acção, pois n'elle se patenteou, a par d'um grande exemplo de coherencia, um dos traços que melhor põem em relevo a grandeza e a pureza d'aquella alma excepcional.

Ao tempo a que Anthero, deixando a Universidade, se achava face a face com a vida, procurando n'ella o seu rumo e o seu caminho, as ideias politicas do seculo vinham de entrar resolutamente n'uma phase nova. O espirito revolucionario transformava-se, metamorphoseava-se. Sessenta annos d'uma larga experiencia mostravam, desconsoladòramente, a inconsistencia das bases sobre que se pretendia assentar a grande construcção da Democracia. Dava-se o balanço ao liberalismo individualista, e via-se, com espanto, que, d'onde se esperava que florescesse a egualdade, rompia um novo regimen hierarchico, uma nova aristocracia, em que os pequenos se sentiam duramente subjugados pelos grandes : a aristocracia burgueza e capitalista. A par d'isto, a rapida transformação da technica industrial, revolucionada pela invenção do vapor, acabava de modificar por completo o regimen economico do trabalho. O capital, monopolisando a posse

dos instrumentos de producção, escravisava positivamente as massas operarias, reduzindo-as ao seu dominio soberano. O pão dos pobres ficava assim nas mãos dos ricos. E a Egualdade, proclamada pelos Principios, expressa nas Constituições, tornava-se d'esta forma n'uma regalia irrisoria, fraudulentamente ludibriada pela realidade das condicções economicas contemporaneas. Tocava-se, emfim, no fundo, no nodulo vital do grande problema democratico. A magna questão, que revolvera a Europa durante meio seculo, era agora vista sob um aspecto novo, mais profundo e positivo. Reconhecia-se que a generosa obra da justiça social não estava ainda completa, e que era preciso tirar as ultimas conclusões do principio da Egualdade.

O advento d'esta ideia rejuvenescia o ideal democratico — e abria um espaço indefinido a todos os sonhos de justiça e de perfectibilidade da especie. Divinas utopias se esboçavam, como claridades d'aurora, no horisonte dos destinos humanos. A fraternidade cosmopolita dos povos e das massas operarias procurava um orgão proprio com a creação marxista da Internacional. Era uma edade nova, uma sociedade nova, um mundo novo que germinava, que se gerava no sub-solo obscuro d'um outro mundo, condemnado pela evolução historica. Era uma religião humana que surgia com os seus messias, os seus evangelistas, os seus apostolos, os seus martyres...

A sinceridade fundamental do caracter de Anthero, a sua sensibilidade generosa lançaram-no n'esta corrente. O seu espirito de poeta ampliava com a imaginação, enchendo-o de traços grandiosos e sublimes, o quadro moral d'esse momento historico. Não o impelliam interesses ligados a essa causa. Nem herdados, nem adquiridos os tinha. Era rico e fidalgo de origem. Nascera e creára-se n'uma classe antagonica d'aquella, em bem da qual se iniciava esse movimento. Mas abraçava-o, seguia-o n'um

impulso de justiça e de generosidade cavalheiresca. E pelo seu deus — o Bem! — afivelou as armas, e resolveu partir para a grande e longinqua Cruzada.

Com a mesma ardente fé com que um cavalleiro medievico professáva n'uma ordem militar religiosa, assim Anthero professou na ordem revolucionaria do Socialismo. Professou solemnemente, com a solemnidade que advem da grandeza das resoluções e da verdade intima com que se tomam. Abdicou da sua classe, renunciou á sua situação social e á sua fortuna. Não foi apenas um propagandista de palavras como Lassalle, que nunca se desprendeu dos seus costumes mundanos. Este prégou com o exemplo. Foi á sua ilha patria; annunciou aos seus a sua inabalavel resolução; despédiu-se d'elles como se, para a sua classe, fosse morrer civilmente; apprendeu em Lisboa a arte typographica e partiu para Paris, em fins de 1866, a envergar a blusa do operario e a confundir-se, como um atomo, na massa obscura do proletariado! Licção sublime de sublime coherencia, licção suprema de suprema abnegação, que, só por si, nos diz que alma palpitou n'aquelle craneo, que coração bateu n'aquelle peito!

Estudadas, assim, de perto, as condicções do proletariado, palpado no mais intimo da realidade esse alicerce da magna questão contemporanea, observada, ainda que accidentalmente, sobre o terreno, a situação da democracia americana, com a viagem aos Estados-Unidos em 1868, Anthero torna-se em Portugal um dos iniciadores da propaganda socialista, introduzindo a Internacional e fundando em Lisboa muitas sociedades de operarios e alguns jornaes socialistas. É o momento agudo d'esse periodo, a sua hora culminante de acção.

No meio d'este lidar em pró dos desherdados, de a pár com as desillusões corrosivas da realidade, com o amargo desencanto dos sonhos desfeitos, com as licções

asperas da experiencia e do trato dos homens — salteia-o a doença implacavel, que transmudou quasi repentinamente aquella constituição vigorosa n'um corpo alquebrado e macerado de asceta. Faltavam-lhe, para se aguentar n'essa campanha, o sangue fresco e os nervos calmos de uma natureza nova, saida d'esse reservatorio forte e virgem das classes populares. A sua nervosidade doentia de homem de raça exacerbára-se com as durezas e as violencias da lucta. Exgotára-o a intensidade profunda da propria vida, o ardor, a alma, que punha em todos os seus actos. O seu corpo, robusto como era, não podia com a agitação sobrehumana d'aquelle espirito. A alta pressão da sua vida moral ameaçava fazer em estilhaços esse involucro, fragil de mais para ella.

Por outro lado, elementos formidaveis d'uma dolorosa crise moral haviam-se agglomerado na sua alma. Essa *ancia impotente de Infinito*, de que falla em seus versos, tomava as proporções tragicas d'um desespero transcendente. A imaginação do poeta brigava com a razão do critico. O seu humanitarismo sangrava com os golpes vibrados pelos desenganos, pelas crúas e agudas desillusões da vida. A realidade, como uma geada fria, crestava-lhe no coração a mystica flôr do idealismo. Mas o seu fundo moral reagia, o seu temperamento psychologico resistia cegamente. O scepticismo do pensamento novo não podia dominar, por completo, uma razão tão vivamente activa, tão profundamente tocada por um raio divino do genio intuitivo: os eternos problemas continuavam a tental-o, a hypnotisal-o com o seu olhar fixo de sphynge, cheio de segredos e mysterios. O cynismo — veneno moral da aspide da Duvida — não podia entoxicar uma consciencia que, nos seus impulsos intimos, no caracter dos proprios instinctos, era uma affirmação viva, irrefutavel da verdade do Bem. Mas todas estas correntes oppostas, todas estas forças antagonicas — o seu temperamento

d'um lado, do outro a realidade moral da existencia, as aspirações do seu espirito em lucta com a impotencia da razão, o espectaculo da Vida, olhado sob um angulo de intransigencia com o mal, *pari passu* que se reconhecia a fatalidade irrevogavel d'esse mal — todo este embate de contradicções e opposições determinaram na sua alma a mais violenta, tragica e epileptica tempestade psychologica, que se póde conceber desencadeada dentro das estreitas paredes d'um craneo.

A crença abala-se, a fé murcha, os braços do luctador contorcem-se em convulsões de desespero; dos seus olhos, outr'ora fusilantes de enthusiasmo e de vida, jorram lagrimas que escaldam como o fogo. — Murchou n'elle a fé — disse. Não. Transmudou-se. A fé do Sêr cedeu o logar á fé do Não-Sêr. O amor da Vida substituiu-se pelo amor do Nada — amor terrivel, d'uma intensidade passional levada até ao delirio no sentimento, até ao genio na expressão artistica. O seu verbo poetico, mais eloquente talvez do que nunca, cria todo um grandioso hymnario d'essa nova religião nihilista. Do auto-de-fé que, mais tarde, fez aos versos d'esse cyclo, ainda escapáram, felizmente, paginas bastantes para se avaliar do grau de sublimidade attingida então pelo poeta.

III

Estamos, pois, em pleno periodo de pessimismo e negação — o segundo periodo d'esta vida singular. Estamos no momento agudo da perfeita antithese com o estado anterior. Estamos na hora suprema da mais profunda crise da historia d'esta alma.

Como se resolverá essa crise? O crescendo do nihilismo, impulsionado pelo sentimento poetico e pelo pensamento philosophico, chegará á extrema consequencia

d'uma auto-aniquilação? Esse amor pela *funerea Beatrice* levará o poeta ao thalamo frio do athaude? O Nirvâna desejado, impetrado com ancia, n'uma aspiração vehemente, procural-o-á elle, emfim, com os proprios passos, não já exhorando-o, mas marchando ao seu encontro? — Tocamos n'um momento em que tudo isto se póde esperar d'um corpo roido por uma doença torturante como um supplicio, d'uma alma transviada e perdida na *selva oscura* d'uma hallucinação sinistramente transcendente. Esse espirito semelha uma sombra de somnambulo, marchando, como um phantasma, sobre a aresta d'um abysmo dantesco... Um passo incerto, uma vacillação — e a queda será fatal!

Não caiu, porém; não caiu d'esta vez! Uma acalmação gradual do soffrimento, uma reacção energica da vontade, salvam-no do naufragio e preparam o inicio do ultimo periodo, que é como que a admiravel synthese moral dos dois periodos antecedentes.

Tem-se comparado este derradeiro cyclo da sua vida a uma especie de sequestração monastica, de retiro mystico. A Lenda já fez da modesta casa da Praça Velha, de Villa do Conde, a thebaida d'esse cenobita que os seus amigos canonisáram em vida, chamando-lhe *santo*. Não ha, de facto, impropriedade no *simile*. Os dez annos de Villa do Conde foram gastos n'uma alta absorpção espiritual, nos enlevos mysticos do pensamento aspirando pela Verdade pura: e o amor da Verdade é um amor divino! Com isto coincidia a practica de calmas virtudes obscuras de caridade, de bondade, de amor dos pequenos e dos desvalidos, que davam um encanto de piedade doce á austera vida intima do pensador. Só quem transpoz o limiar da sua porta, quem o viu adoptando orphãs, ensinando a lêr creanças, partilhando a sua casa com uma familia humilde de operarios, creando, na sua propria cella de monge, como os bons ermitões das lendas mys-

ticas, com cuidados quasi infantis e com um verdadeiro amor buddhista por todos os seres e formas da Natureza, pobres avesitas implumes, libertadas por elle das garras do rapazio cruel — só quem o viu assim, n'uma reveladora intimidade, póde, devéras, fazer uma ideia justa dos thesoiros sentimentaes d'aquelle divino coração! D'essa casa, depois d'algumas horas da sua companhia, saia-se com o espirito edificado pela sua palavra insinuante e magica de apostolo, saia-se com a alma banhada na agua lustral do exemplo d'aquella vida simples, tão modesta na apparencia, tão bella, comtudo, na sua bondade piedosa, tão inatingivel na elevação do pensamento philosophico e da emotividade poetica!

Não voltou de novo, passada a crise, ao campo da acção, porque a fé antiga e o enthusiasmo d'outros tempos haviam-nos esfriado a madureza da edade e a rude licção do mundo. Mas a negação absoluta do segundo periodo dissipára-se ante as affirmações moraes d'este periodo novo. O instincto moral salvára-o em meio da tempestade pessimista. E era agora, sobre essa base, sobre esse fundamento, que de novo se architectava e refazia a sua vida...

O afastamento do mundo, a calma do seu isolamento, a abstenção de toda a actividade, a renuncia a todas as preoccupações da vida social — deixavam-lhe ao espirito plena liberdade para se absorver, por completo, na pura especulação philosophica. A' floração da poesia ia succeder a fructificação do pensamento. A sua existencia, apóz violentas oscillações, equilibrava-se emfim. Nem o fervor da acção — nem o desespero do nihilismo. Nem a affirmação cathegorica — nem a negação radical. A realidade não destruia a essencia philosophica do idealismo. A Natureza não denegava a Consciencia. Se o Criticismo lhe prendia os braços, dizendo-lhe a inutilidade da acção — o instincto moral bastava-lhe como affirmação positiva do

Bem. Essa eterna aspiração da sua alma achava em si mesma a sua realisação. O Bem era uma realidade, pois que elle o sentia. O sentimento accudia ás deficiencias do raciocinio. Valia a pena viver? — perguntava ao seu coração. Valia — respondia-lhe este em versos sublimes:

Porém o coração feito valente
Na escóla da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: D'esta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a Vida,
Nem foi de mais o desespero e a dôr.

A sua bondade achava, emfim, um ponto onde fixar-se como convicção, como certeza do espirito. E o seu pensamento, levado n'este rumo, encontra, dentro do quadro geral das ideias novas da Sciencia, essa synthese procurada infructiferamente, desde longo tempo, entre dolorosas ancias intellectuaes. Partindo do principio da evolução, prolonga-o da esphera da Natureza para a esphera psychica, do campo da positividade scientifica para o da especulação metaphysica. Ao fundo do eterno movimento da materia, da successão das formas no transformismo universal, a sua vista descobre a acção d'uma força, que se impõe ao mundo como o seu destino: a aspiração á Liberdade. «A cadeia universal das existencias, diz no seu magnifico ensaio sobre as *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX* — a cadeia universal das existencias, na sua prodigiosa espiral de espiraes, apparece-nos como a ascensão dos sêres á liberdade, na qual descobrimos a causa final de tudo.» E mais adeante accrescenta, depois de explicar a sua theoria do progresso na evolução: «A evolução não é apenas uma complicação crescente de forças elementares: é um alargamento de ideia, isto é de existencia verdadeira. E, se

o ideal supremo, que a tudo attrae, para tudo gravita, é razão, vontade pura, plena liberdade, a evolução só será perfeitamente comprehendida definindo-se como a espiritualisação gradual e systhematica do universo.»

Mas qual é o termo final d'essa espiritualisação? Quando é que o universo attinge essa plena liberdade, fim de toda a sua vida? Na resposta a esta interrogação está a maxima grandeza da philosophia de Anthero, porque, como corôa d'ella, o pensador fecha o seu systema por uma affirmação moral. «O Bem, diz elle, é o momento final e mais intimo da evolução do ser, em que o espirito se liberta na consciencia de todas as limitações, creando em si, de si e para si um mundo completo, transcendente e definitivo.»

O Bem é, pois, a mais alta expressão do Ser e o derradeiro annel d'essa espiral, que vem remontando desde as formas mais infimas e elementares da natureza.

Sendo-me impossivel seguir, passo a passo, n'esta estrada luminosa, o espirito do philosopho—citarei ainda, para accentuar a grandeza d'esta conclusão, as palavras com que, no trabalho citado, elle fecha a exposição do seu systhema:

«A virtude, liberdade suprema, é por isso a realidade por excellencia, a unica realidade plena. Tudo o mais são vagas, incertas approximações do Ideal, pallidas imagens, grosseiros symbolos do ser verdadeiro. A consciencia do justo é o unico templo do unico Deus. E, n'esse templo, a renuncia ao egoismo é o unico culto. Cessasse um só instante esse culto, esse holocausto do egoismo nas aras do ideal, e immediatamente toda a vida moral se suspenderia: no instante seguinte ter-se-ia dissolvido. O mundo moral só subsiste por esta renuncia. Ella enche de intrepidez o coração dos heroes, de constancia a vontade dos justos, de uncção a alma dos san-

tos. Ella dá aos simples a candura e a graça: dá aos humildes a dedicação sem alarde; a uns e outros o perfume da virtude que se ignora. Ella é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento. Essa pouca justiça, que consegue penetrar n'este mundo de lucta, cegueira e egoismo, vem toda d'ali, porque só ali tem a sua raiz profunda. Superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda do que toda a sciencia e toda a especulação, só ella torna patente o intimo segredo das cousas e é, em si mesma, a unica verdade evidente, o unico saber sem duvidas nem obscuridades. Ella vence a morte, porque faz comprehender a significação do exito final e apreciar quanto elle vale. Se, pois, só a perfeita virtude, a renuncia a todo o egoismo define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das cousas e o fim ultimo do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a esse supremo resultado. O drama do Ser termina na libertação final pelo Bem.»

Insisti n'este esboço da doutrina philosophica de Anthero, porque ella é, pelas suas consoladoras illações, uma obra superior de humanidade, e porque o estado da sua alma, no derradeiro periodo, ahi transparece com rara crystalinidade e pureza.

IV

N'este equilibrio admiravel, que as suas proprias palavras exprimem melhor do que nenhumas outras, é que se deram os dois subitos regressos aos estados anteriores, a que atraz me referi. Um momento pareceu resurgir para a Acção, ao assumir a presidencia da Liga Patriotica do Norte, por occasião do conflicto anglo-luso.

É uma pagina curiosa e singular da sua vida, que todos leram e de que, comtudo, só muitos poucos, rarissimos, conhecem o intimo significado.

Quatro annos vão volvidos sobre esse episodio... que passou á historia. Quem escreve estas linhas teve n'elle uma certa influencia, pois foi sua a ideia de pôr Anthero á frente d'essa Liga — aspiração de união e força, que brotou espontanea d'um encontro de corações, n'uma hora de angustia.

No meio do optimismo descuidoso e sceptico do reinado anterior, vozes dissidentes prediziam de ha muito a approximação d'uma crise, a qual não seria mais do que a resultante final de todos os fermentos de dissolução e anarchia, que lavravam no seio da sociedade portugueza, sob uma illusoria apparencia de ordem e de equilibrio. E, dados o estiolamento de raça e o seu temperamento caprichoso, mixto de molleza imprevidente e submissa e de violencia desordenada e epileptica, dados mais d'um antecedente historico comprovativo d'esta idiosyncrasia psychica, não se affigurava impossivel a esses pessimistas que nos esperassem, para breve, dias convulsionados e tragicos como aquelles em que a nação se agitára na primeira metade do seculo. Tudo o deixava prognosticar: a desorganisação da economia nacional; a loucura cega da administração fazendaria acumulando uma divida publica monstruosa e levando-nos no caminho de mais uma bancarrota; as *tripotages* e negociatas dos bandos de aventureiros politicos e de *brasseurs d'affaires*, famelicos e rapaces, associados na exploração da nossa ruina; a pobreza e a fome de uma sociedade sem trabalho, creando uma burocracia sugadora e exhaustiva; o divorcio, cada vez mais accentuado, entre a nação e os seus dirigentes; o perpetuo regimen de sophisticação das leis, de suborno, de corrupção, de mentira nas coisas e nos negocios publicos; a inercia da opinião ante os erros e as faltas dos

governos e a fraqueza do principio da auctoridade perante as subversivas exigencias das massas politicantes; e, emfim, a anarchia dos espiritos, o fermento republicano, a myopia dos estadistas, a indisciplina geral, o descontentamento de todos, a desordem de tudo.

Com todos estes elementos — não era de surprehender que a hora da conflagração batesse d'um momento para o outro. E, para ateiar o incendio, a mais leve faúlha bastaria. Prever as condições do phenomeno, o como e o quando houvesse de realisar-se — não era coisa que estivesse na alçada de nenhum espirito, por mais perspicaz e experimentado. Mas a fé de que assim succederia, de uma forma ou d'outra, por esta ou por aquella determinante occasional, estava profundamente radicada em todos aquelles que de alto contemplavam a vida da sociedade portugueza.

Nos primeiros dias que se seguiram á explosão do conflicto diplomatico de 11 de janeiro de 1890 — tudo levava a crêr que o momento agudo da crise latente chegára. Os symptomas da esperada epilepsia eram positivos e irrecusaveis. O governo perdera totalmente o pé, e desapparecia por completo na tempestade da excitação geral — excitação que não podia dominar, nem soube dirigir n'uma orientação proficua ao levantamento do espirito civico e patriotico. A anarchia era completa. A linguagem da imprensa de todos os matizes, perfeitamente desvairada. As manifestações publicas, em que o elemento militar entrava abertamente, repetiam-se em Lisboa, no Porto, em todos os centros do paiz, tomando um caracter tumultuario e ameaçador.

N'uma d'essas manifestações rompeu a ideia vaga e indefinida d'uma Liga Patriotica. Era o cahos aspirando pela ordem, a massa amorpha procurando um orgão. No meio da tempestade incoherente, em que o paiz se debatia, essa ideia affigurou-se-me uma ancora salvadora. Era

preciso tomar pé, entrar no rumo das soluções practicas. Mil riscos, mil perigos, nos cercavam de todos os lados. Tudo era possivel: uma violencia de parte da Inglaterra, uma revolução interna, um desastre, uma loucura. Se havia, de facto, uma ancora, era preciso deital-a ao mar...

Pareceu-me, pois, que levantar uma bandeira, cujo lemma stricto fosse a palavra *Patria*, em meio d'essa desordem, que parecia haver já subvertido a propria Auctoridade — seria offerecer um ponto de juncção a todos os bons elementos, sinceros e desinteressados, que exgotavam as suas forças n'uma convulsão anarchica. Se, realmente, a opinião publica havia despertado do seu marasmo, se um verdadeiro fremito de civismo tinha posto de pé a nação, já que os poderes constituidos, por inepcia ou por criminoso machiavelismo, não sabiam ou não queriam approveitar esse movimento — era preciso que um orgão saído d'essa mesma opinião tomasse sobre si esse alto e difficil encargo.

Tudo, porém, dependia da direcção superior, tudo dependia d'*um homem*. Era preciso que á frente d'essa Liga se pozesse uma consciencia absolutamente pura e immaculada, um grande coração generoso e heroico, um nome que a todos inspirasse uma absoluta confiança e fosse já aureolado d'uma gloriosa popularidade. Pensei em Anthero e lembrei-o ao elemento academico, que em todo o movimento tomára um papel preponderante. A indicação foi recebida com alvoroço. Mas acceitaria Anthero o encargo? Que pensaria elle da agitação que ia pelo paiz? Acaso algum tenue raio de esperança civica teria de novo aquecido a sua alma de luctador? — Era o que restava saber.

Fui a Villa do Conde. Fallei-lhe. Expuz-lhe a situação, tal qual a via, e o plano ainda mal esboçado da Liga. Achei-o em tudo d'accordo com os meus juizos e opi-

niões. O momento affigurava-se-lhe grave, e ao meu apello para a sua intervenção respondeu, pouco depois, annuindo a tomar sobre os hombros esse encargo, que para a sua saude, para o seu genio, para o seu espirito, constituia um sacrificio desmedido.

Não vem para aqui historiar esse triste episodio da Liga, tão cheio, comtudo, de ensinamento e salutares licções. Só desejo pôr em relevo como o grande poeta entrou n'ella, e como elle proprio encarou o movimento em que se achou envolvido.

A questão ingleza, em si, preoccupava-o pouco. Era um caso facil de compôr com alguma habilidade diplomatica. Em vez d'uma calamidade, fôra um successo providencial. Espicaçára a nossa molleza, pozera de pé a nação abatida. A seu ver, a hora de crise prophetisada soára. E essa crise podia ser uma de duas coisas: ou a alvorada d'um renascimento ou a derradeira convulsão da morte. Se tivesse de ser a primeira, urgia pensar no futuro, preparar as bases d'essa *vida nova,* cuja primeira tentativa, por via dos antigos orgãos politicos, falhára tão desastradamente. Se tivesse de ser a segunda, era então preciso fazer por acabarmos com nobreza e honra. O pensamento de Anthero e dos seus amigos, era este simplesmente.

A Liga, pois, que se apresentava, apellando para o patriotismo puro e estreme e que se punha fóra de todas as luctas e interesses partidarios, era no fundo o nucleo d'um futuro partido politico, para quem a questão constitucional se subalternisava em frente d'um vasto plano de renascimento nacional. Propondo-se, assim, como orgão, aos homens sinceros e desinteressados de todas as facções, bem como á grande massa de descontentes e abstencionistas, que de todos os lados viamos, com espanto, tomar parte em manifestações e actos de protesto — ella esperava os acontecimentos, disposta a ser, na hora

decisiva, ou a egide salvadora ou o punhal redemptor d'um suicidio heroico.

Era esta a nossa chimera patriotica, em que a ardente vibração do movimento inicial nos fazia ter fé. E, quando descobrimos as manhas e artificios dos elementos conservadores para deterem a corrente que os assoberbava, suppozemos, sinceramente, que elles seriam derribados no choque.

Não foram... Os illudidos eramos nós. E poucos dias depois de iniciados os trabalhos preparatorios para a organisação da Liga, verificávamos já quão profundo era o nosso engano, quão incerto e instavel o terreno sobre que edificavamos. Da commissão elaboradora dos Estatutos, em vez d'um orgão energico de acção, de fabrica simples, de movimentos rapidos e fortes — saia uma caranguejola, vasada toda em moldes parlamentares e representativos, de acção lenta e morosa, enredada em mil formulas, em mil votações, delegações e subdelegações de poder, consultas, licenças, auctorisações, toda uma complicação mechanica, que, á força de engrenagens e de rodas, vinha a dar este maravilhoso resultado: uma forçada e esteril inacção.

Peior, porém, do que a pessima machina que se construira, era o combustivel moral que a devia alimentar. O incendio patriotico fôra um fogo de palha: clarão d'um momento! Depois do primeiro arranque, sincero e nobre, o egoismo organico da burguezia e a inconsciencia popular reappareceram e predominaram. Na nossa preoccupação de defender a Liga dos politicos de officio, fômos creando o vacuo em redor de nós. Desde que não serviamos como um elemento de jogo na tavolagem dos seus interesses e ambições — a prudencia aconselhava o abandono. E se os politicos voltavam á sua politiquice, os indifferentes voltavam á sua indifferença e os abstencionistas á sua abstenção. Assim, a meio da nossa obra,

comprehendiamos a sua absoluta inanidade, abrindo os olhos ante a desillusionante evidencia. O desamparo era completo — á excepção da massa academica e de um pequeno elemento radical, sincero, mas restricto, e sempre esperançado em fazer evolucionar a Liga no rumo das suas ideias, tornando-a n'um nucleo das tramas revolucionarias, que então começavam a levedar.

N'estas condições, aluida de todo a base sobre que enganadamente andávamos construindo, não querendo desvirtuar o pensamento inicial da Liga, nem tornal-a um instrumento de ambições e vaidades pessoaes, que não moviam o generoso coração do alto poeta nem o dos seus amigos — só uma solução restava aos que de boa fé haviam entrado no movimento: retirarmos.

Foi o que se fez. N'uma ultima assembleia geral, quasi só concorrida de academicos e do elemento radical a que acabo de me referir — Anthero apresentou inabalavelmente a sua demissão, affirmando a inutilidade da Liga em vista dos novos symptomas de somnolenta inercia em que via o paiz. «A licção ainda não foi bastante dura, observou o poeta. Outra virá, mais dolorosa e cruel. Será esse o momento da acção.»

Assim terminava para Anthero esta derradeira aventura politica, em que o lançou, não uma ancia de ambição, mas um puro pensamento de sacrificio civico e de dedicação patriotica.

D'essa rapida escaramuça elle retirou de novo, com o coração rasgado por mais um cruel desengano. O pensamento puro abria-se-lhe outra vez como a região mais propria ao largo bater d'azas do seu espirito. O seu reino não era, tambem, d'este mundo...

O outro regresso a um estado de espirito anterior, de cuja negra influencia parecia de vez libertado, essa brusca reacção de pessimismo, que deu á sua vida um epilogo tragico — é um facto bem mais doloroso e cruel

de referir: tão doloroso e cruel que o coração, alanceado de saudades, pede-me que sobre elle não insista. A morte de Anthero é, ainda hoje, para os que mais o conheceram e amaram, para os que mais profundamente têm meditado n'ella, um problema psychologico mergulhado na maior incerteza e mysterio. Comtudo, é preciso affirmar bem alto que esse acto, violento e negativo, não destróe a obra de affirmação moral do derradeiro cyclo da sua vida. Esse suicidio não é a apostasia d'um renegado, consciente do seu acto. É (fossem quaes fossem as causas occasionaes que o determinaram) uma fatalidade natural, acaso imposta por uma herança de sangue. Anthero não morreu, quando as duas balas de rewolver lhe atravessaram o cerebro. Morreu no momento em que premeditou o suicidio. N'essa hora findára a sua vida moral: enlouquecera d'essa terrivel loucura lucida, que é muitas vezes o desequilibrio do genio.

V

Eis, a largos, apagados e mesquinhos traços, o que foi a vida de Anthero de Quental. Eis, nas suas linhas mais geraes, o contorno vago e incerto da sua complexa physionomia psychica.

D'essa vida, tão simples externamente, mas interiormente tão grande, que nos resta, que nos fica?

Uma obra poetica sublime, genial; uma philosophia tão larga e grandiosa nas suas vistas quanto subtil na sua intima contextura logica; a tradicção, emfim, d'um caracter que tocou, a um tempo, as raias do estoicismo e da piedade christã.

Do poeta e do pensador fallam os seus versos e os seus escriptos. Do homem, porém, é preciso que falle o coração dos seus amigos. Por isso, n'esta breve memoria,

eu insisti, sobretudo, na face moral d'essa eminente personalidade. É preciso que a exposição dos factos justifique a tradicção, que a historia confirme a lenda. E só quem o conheceu de perto sabe quanto essa tradicção e essa lenda exprimiam de absoluta verdade!

Se o poeta foi sublime, se o pensador foi grandioso — o homem ascendeu a uma altura moral não menos sublime que a da sua inspiração, não menos grandiosa que a do seu pensamento: — ascendeu quasi á santidade, expressa n'uma vida que, em todas as suas antitheses e contradicções, foi uma continua aspiração para o Bem.

Entre os seus pensamentos, as suas palavras e as suas obras, houve sempre a connexão da mais inalteravel coherencia. A verdade foi para elle, não apenas uma aspiração da intelligencia, mas uma aspiração moral. A sua vida tem, assim, o brilho e a transparencia da luz — da luz que parece haver sido o plasma da sua alma.

Admiremos, pois, o poeta; admiremos o philosopho. Mas amemos o homem, amemos-lhe, sem reserva, a memoria santa, que esse amor elevará as nossas almas. Da contemplação d'essa vida brotam inspirações de justiça e de infinita bondade. Ella é como que uma prova viva — de que o Bem não é, sobre a terra, uma chimera irrealisavel.

Luiz de Magalhães



O FIM DO POETA



OS santos não se suicidam, disse Pascal, e é tão grande verdade que parte d'ella se applica ainda aos padres, que tambem se não suicidam senão mui rara e excepcionalmente, talvez porque tenham de commum com os santos as crenças profundas do christianismo, em que foram educados e preparados para o seu ministerio, crenças que mais ou menos vivas, mais ou menos discutidas, subsistem comtudo n'elles durante toda a vida. De Anthero de Quental póde dizer-se, posso dizel-o eu e os que foram, como eu, testemunhas confidentes de todos os actos da sua existencia, que era quasi um santo, um santo leigo, desligado da doutrina christan; mas sempre obediente á ideia do bem, luctando pela perfeição, e cheio de indulgencia para com os seus instinctos religiosos, que não punha duvida em manifestar. Agradava-lhe a noção christan da virtude, e cuido não afrontar a sua memoria, se disser que o via ler com complacencia o Flos-sanctorum. Fazia porém mais, porque era cheio de caridade e exercia-a, de um modo largo, relativamente ás suas forças: posso dar testemunho d'isso. O nosso que-

rido amigo suicidou-se entretanto, sem que nada lhe valessem aquelles seus instinctos religiosos, as suas crenças vagas, mas tão profundas que pareciam antes nascidas da fé, que da rasão. E mais de uma vez me fez impressão indelevel o tom affirmativo e convicto, com que lh'as ouvi ennunciar.

O seu suicidio causou-me pois uma grande dôr, porque o vi morrer em contradicção comsigo mesmo, sendo para desejar e havendo todos os motivos para esperar que elle respeitasse e cumprisse o curso da natureza, cuja origem considerava como coisa superior e santa. Não obstante tudo isto, não me surprehendeu excessivamente; podia-se contar com a rasão e com o coração de Anthero de Quental, mas todos os seus amigos mais intimos, que melhor o conheciam, tinham grande desconfiança e receio do seu systema nervoso. Aquelle nosso amigo era um misero escravo, uma triste victima do seu organismo, um nevropatha. Como outros, em quem predomina o mesmo temperamento, resentia-se sempre do estado meteorologico, e o clima dos Açores era precisamente um dos seus mais crueis inimigos. Apesar de ser natural da Ilha de S. Miguel, quando alli voltou e permaneceu algum tempo no archipelago, depois de longa ausencia, sentiu-se lá muito mal. Eu que tambem tinha experiencia propria da influencia nociva d'aquelle clima sobre um systema nervoso susceptivel, e não só eu, mas alguns outros seus amigos receámos bastante pela sua saude, quando o vimos para alli voltar. E succedeu o peior, parece que os elementos se conjuravam contra elle. Durante alguns dias, que precederam a sua morte, houve uma alteração atmospherica notavel, sensivel a todos, que produzio nos seus nervos tal irritação que lhe não poude resistir. O seu suicidio foi um acto de exaspero, um acto inteiramente involuntario. Se em tal momento de dôr e de desespero, a sua philosophia e a sua religião

não tiveram força para se oppôr ao terrivel proposito, menos resistencia lhe opporia ainda o instincto da conservação, muito enfraquecido, senão totalmente destruido em Anthero de Quental, para quem a vida era uma coisa van, uma forma inferior, sem apreço, da existencia, cujas formas, graus ou estado superior unicamente sollicitavam o seu espirito, que não pouco se gastou em devassar os mysterios do que é mais que vida e morte, e não se alcança de humano entendimento, como diz o nosso grande Camões no admiravel soneto 236 (das collecções antigas), que era um dos preferidos por est'outro poeta, que hoje commemoramos, e que elle havia invertido por um rasgo da sua jovialidade, de que me não apraz agora dar conhecimento ao leitor (1). Quanto ao

(1) Eis o soneto:

Verdade, Amor, Rasão, Merecimento.
Qualquer alma farão segura e forte:
Porém Fortuna, Caso, Tempo, e Sorte,
Têem do confuso Mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento.
E não sabe a que causa se reporte:
Mas sabe que o que é mais que vida e morte
Não se alcança de humano intendimento.

Doctos varões darão rasões subidas;
Mas são as exp'riencias mais provadas:
E portanto é melhor ter muito visto.

Cousas ha hi que passam sem ser cridas;
E cousas cridas ha sem ser passadas:
Mas o melhor de tudo é crer em Christo.

Que parece ter sido inspirado pelos versos seguintes de Antonio, poeta christão do seculo 4.º citados por Brucker:

Percurri, fateor, sectas attentius omnes.
Plurima quæsivi per singula quæque cucurri,
Nec quidquam inveni melius quam credere Christo.

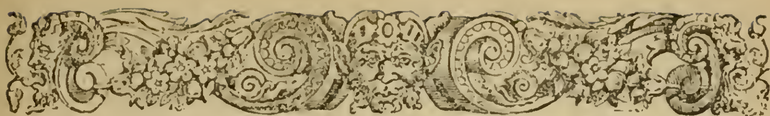
desprezo e desamor que sentia pela vida é sentimento caracteristico dos santos, e eu já disse e ha muita gente a dizel-o, que Anthero de Quental era um santo, um santo heterodoxo. Para não sairmos de casa, lembremo-nos de frei Bartholomeu dos Martyres, que, de cada vez que adoecia exultava com a esperança da morte, a que elle chamava o seu despacho, e via os medicos com maus olhos, considerando-os como advogados rabulas, que enredavam o processo, embaraçando os seus termos e dilatando-lhe a conclusão. Ora os santos certamente se suicidariam, se um dever de religião os não impedisse de praticar este mau acto; acto rarissimo nas sociedades que teem principios, vulgarissimo n'aquellas que não os teem, que chegou a ser preceituado pelos philosophos como proprio de todos os homens de bem, n'uma das epochas mais abominaveis da triste historia dos homens, o que de modo algum admira, sendo, como é, um symptoma infallivel de total decadencia.

Se o systema nervoso do notavel poeta (que por tal o acclamam até os extranhos), o perturbou nos seus ultimos dias a ponto de o não deixar, mais esta vez, sair victorioso dos seus accessos de irritabilidade, que só amigos velhos e conhecedores dos segredos da sua natureza sabiam accalmar; do mesmo modo lhe foi no decurso da vida bem mau companheiro, e tão mau que fez d'elle um homem mallogrado, que nunca poude ver satisfeitas as tendencias das suas poderosas faculdades. Bem o sentia o nosso amigo e soffria bastante com a falta de plenitude da sua vida, tendo a consciencia da incompleta expansão d'ella. Nunca poude seguir o rumo direito e largo que havia traçado para o seu espirito, nunca se sentiu com as forças necessarias para se pôr a caminho, seguro de poder chegar ao seu destino, *jam certus eundi.*— Sorte cruel, para a qual não ha consolação, nem lenitivo fóra da humildade e da abnegação christan que nos permitte

ir contentes ou resignados pelas vias, embora escabrosas, por onde Deus nos quer levar; e estes sentimentos não faziam falta no coração do mystico cantor da Virgem e mystico leitor da Imitação de Christo. Para dizer toda a verdade, outros elementos concorriam tambem para a sua resignação, a saber: uma riqueza intellectual mui avultada que lhe consentia viver meio-satisfeito com uma parte sómente do seu capital, e d'esta parte sómente procedem os fructos que chegou a produzir; além d'isto, um bom humor, uma veia ironica, á qual elle se offerecia, victima e sacrificador a um tempo, a si-proprio em holocausto. Este equilibrio porém sómente se mantinha emquanto o toleravam os nervos caprichosos e despoticos.

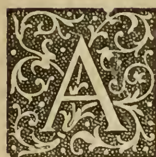
Era uma luz brilhante, cujos raios se projectavam a grande distancia, e poderiam ter allumiado espaços mergulhados ainda na escuridão, mas ardia n'uma lampada fendida, que deixava derramar o oleo precioso que a alimentava; e assim se extinguiu, deixando comtudo na alma dos seus amigos um rasto luminoso, que não se apagará jámais. Espero reviva na luz eterna, que os seus olhos procuravam sempre avidamente.

João Lobo de Moura



MEMORIAS

« Peritur persona, manet res. »



PRIMEIRA vez que eu vi Anthero de Quental foi em Coimbra numa ceia de estudantes, na rua da Mathematica, em casa de Germano Vieira Meirelles, por outubro de 1861. Estavam presentes os dois Sampaios, Theophilo Braga, Nicolau de Almeida, rabequista e calouro mistificador, que morreu negociante de vinhos no Porto, os Machados de Faria e Maia, e outros. O repasto corria alegre e animado entre os ditos de espirito, as apreciações litterarias, preoccupação quasi exclusiva d'aquelles convivas e o vasto mar dos casos e aventuras da mocidade, narradas e commentadas com uma estranha ausencia de chulices e obscenidades, que contrastava frisantemente com as praticas da geração precedente.

Theophilo Braga, apparencia de retorico romano com uma phisionomia austera e macilenta de benedictino, es-

torcia-se diante das ironias e sarcasmos de Germano, pequeno coxo de pés invertidos para dentro, queixo ponteagudo, nariz aquilino, sob uma testa alta e larga e grandes olhos castanhos, expressivos duma curiosa mistura de bondade, malicia e intelligencia vasta e imaginosa, o que não impedia que o todo da sua face correspondesse no repouso ao tipo duma Mater dolorosa.

Anthero tinha então para com Germano a extrema afeição, que, depois da sua morte, mostrou para com Oliveira Martins: em ambos os casos ella resultava duma mutua apreciação e comprehensão de caracteres e ideias, e, contra a opinião, por certo inconscientemente injusta de Theophilo Braga, derivada de suppostos agravos pessoaes, pouco generosamente expandida, depois da sua morte, creio poder afirmar, pelo conhecimento muito intimo, que tive de Germano, que elle era digno da dedicação, que Anthero teve para com elle e para com suas filhas.

Naquelle *momento* a bellesa da forma preoccupava mais ainda a nova geração do que o valor das ideias: embora já estivesse abandonada a imbecil e grotesca imitação pueril do classico estilo quinhentista, restaurado pela geração precedente. Admirava-se Castilho, ainda grande pontifice litterario, citando-se, como um atrevimento do seu genio, um periodo sem verbo, e Germano notava o extremo arredondamento das phrases, que Camillo começara a exagerar naquella epocha.

Á medida que o vinho exacerbava a excitação, o borborinho crescia e os paradoxos extremos fusilavam entre os convivas, até que Anthero começou a recitar as «Indianas» de Mendes Leal.

Naquelle tempo, era só no circulo restricto de uma duzia de amigos muito intimos que Anthero de Quental revelava, fortemente, a livre superioridade do seu talento e do seu espirito, e o genuino e sincero ardor de senti-

mentos, convicções e entusiasmo, que era como que o nucleo central da sua personalidade.

A capa e batina dissimulavam-lhe admiravelmente os pequenos defeitos do corpo, qué o seu trage civil, sempre descuidado, revelava depois, accentuados por um pizar de marinheiro, equilibrando-se na coberta contra o chão da tolda, que lhe foge sob os pés. A phisionomia, admiravelmente bella pela sua frescura juvenil duma tez pallida, levemente rosada, e claros olhos verdes, emoldurada numa curta barba á Christo de um louro claro, contrastando salientemente com a negrura da batina, perdia bastante do seu encanto, não pela curtissima testa larga, mas pela desproporcionada gaforina, crespa e mal aparada, que lhe dava um ar de bohemio romantico, desharmonico com a grave expressão usual do seu todo.

Recitador commovido e vibrante sob a emoção, sem se preoccupar mediocremente do effeito correcto e pretencioso, a sua voz tinha o timbre mais apropriado para a expressão das grandes e vastas ideias e dos sentimentos fortes e heroicos do que para os apaixonados «cormentalismos» peninsulares, a que elle dava apenas um nebuloso relevo de sentimentalidade alleman.

Sarcastico e implacavel, na ironia contra o patriotismo reles e exagerado a dez reis a linha; mas impregnado desse sentimento com uma intensidade real, embora reservada, como é curial num paiz gasto, abatido no seu valor, elle exprimia o mais adequadamente que era possivel o dolente espirito das estrophes, em que o victorioso clangor das luctas homericas é mais uma memoria e recordação do passado saudoso do que a viril afirmativa, quer da força e energia do presente, quer das esperanças e ambições do futuro. E logo apoz, cubrindo-se de um grande lençol branco, recitou-nos o *Pavilhão negro*, ora grave, ora burlescamente, com a mimica no-

tavel, que era um talento heriditario na sua familia; e ao dizer-nos:

Hoje palida a memoria,
Com um gesto de proscripto,
Cinjo aos hombros de granito
O manto da minha gloria,

envolvia-se hirto nas dobras monumentaes do manto improvisado.

Em poucos momentos, conseguira dar-nos, com o mais nitido relevo a impressão da estranha versatilidade do seu espirito, passando sem transicção da commoção religiosa para o delicado *humour* de um realismo frisante.

Nicolau de Almeida, tocando-nos então as mais bellas partituras do seu repertorio, fez-nos entrar, apoz curto intervallo, nos reinos do sentimento, da imaginação e da fantasia, até que, umas exclamações indignadas, rompendo do andar inferior, vieram dissipar o nosso encanto. Um murmurio de vozes objurgatorias se fazia ouvir, protestando contra a nossa orgia, quasi matinal, amaldiçoando a interrupção incessante de um repouso querido.

Houve um momento de silencio... Depois Nicolau de Almeida, respondendo na sua rabeca aos desesperados inquilinos, com a mais comica imitação das suas apostrophes e invectivas, exacerbou-lhes as iras num crescendo furioso, que elle acompanhava immediatamente com a mais fiel e viva reproducção das suas injurias tumultuosas.

Afinal, separamo-nos ás tres ou quatro da manhan, tendo acabado uma *pandega* de estudantes com a costumada troça ao futrica.

*

O que representava Anthero para uma duzia de homens, que mais intimamente o conheciam, antes que a publicidade e as luctas litterarias lhe dessem uma notoriedade repentina? Qualquer d'elles acharia difficil a resposta, tão inconscientes, indiscutidos ou pouco analisados eram os sentimentos, que nutriam a seu respeito.

A muitos acudiria, no primeiro momento, a resposta de Montaigne, explicando a sua amizade por Luiz d'Orléans: «Porque era elle, porque eramos nós. Porque era Anthero.»

Apesar, porém, do desinteresse effectivo e real da nossa dedicação, a verdade é, que, sem pensarmos em nol-o provar a nós mesmos, sentiamos nelle uma destas superioridades moraes, que, illuminada por talento fora do commum, nos dava a convicção de algum alto destino, que atrae naturalmente os espiritos capazes de o apreciarem.

A inteireza moral do temperamento de Anthero, revelada na sua vida, a nobreza de um caracter, profundamente dedicado e corajoso, aquella extrema sensibilidade, compassiva dos soffrimentos ou da desgraça, que constituia o nucleo duma personalidade, que pensava e escrevia, como Joanna d'Arc se batia «pela piedade das desgraças humanas,» eram o bastante para atrair fortemente as almas, naturalmente nobres, da primeira mocidade, se a lucidez e a força de espirito do escriptor não produzissem natural e espontaneamente a atracção, que indica e aclama os chefes e os mestres.

De facto naquelle primeiro periodo da vida de Anthero tudo mostrava nelle a força mais que necessaria para o desenvolvimento de aptidões brilhantes, eminentemente

favorecidas pela ausencia dos embaraços ou travões duma erudição pesada ou indigesta, que reclamaria annos de desbaste e aperfeiçoamento, para sequer ser tolerada no mundo pratico, em que a sua influencia se poderia exercer.

Demais uma circumstancia, quasi fortuita, vinha naquelle tempo pôr em relevo uma feição do caracter de Anthero, que, irmanando-se admiravelmente com a especialidade do seu temperamento revolucionario, revelava nelle dotes praticos, prenuncios de tendencias, facilmente aproveitaveis para as luctas e para os triumphos da vida positiva.

O regimen do foro universitario, forte e rigorosamente exercido sobre os estudantes e as tendencias reaccionarias e autoritarias do professorado e sua participação nas questões religiosas, que a introducção das Irmans-da-Caridade suscitava em Portugal, iam dando lugar a uma forte reacção entre os academicos, reacção, que, aliás, não fazia mais que acompanhar o movimento politico, que o partido, intitulado progressista, promovia em todo o paiz.

Todas as simpathias de Anthero e da mocidade daquelle tempo, entusiasticamente garibaldina, em relação ás indecisas questões italianas, convergiam assim naturalmente para a união e acção contra a propaganda autoritaria, religiosa e catedratica, que em toda a parte procurava suscitar os mais decididos embaraços á unidade da Italia. Esta ligação e connexidade de factos, de um alcance politico e social europeu, explica o entusiasmo e empenho com que Anthero tomou em mão a, aliás pequena, questão da omnipotencia reitoral.

Operava-se um movimento, que embora meramente local, se relacionava dum modo positivo com as suas ideias politicas e radicaes; e Anthero, cujas notaveis aptidões praticas nunca foram devidamente apreciadas, or-

ganisou, em poucos mezes de carbonarismo *sui generis*, em 1862, uma agremiação de mais de tresentos estudantes, que formaram o nucleo da chamada Sociedade do Raio cuja primeira, inesperada e mesmo incomprehendida manifestação, apenas destinada a um ensaio da sua disciplina, se realisou, com espanto das autoridades, subitamente, numa noite de maio ou junho daquelle anno, a proposito da volta de Lisboa de um deputado liberal, Bernardo de Albuquerque, então desconsiderado pela Universidade. Bernardo de Albuquerque deliciou-se com uma popularidade, que fora apenas devida a uma coincidencia, habilmente aproveitada para uma especie de revista ou parada de forças.

Foi este, por certo, o tempo mais feliz da vida de Anthero, aquelle em que o interesse, a occupação, a influencia e a responsabilidade afastaram do seu espirito as tendencias hipocondriacas, que já transpareciam nos *Sonetos* publicados no anno de 61.

*

Em 22 de outubro de 1862, a visita de Humberto (actual rei de Italia) veiu fornecer mais uma occasião para um pronunciamento liberal, quer contra as ideias ultramontanas e contra o Reitor, para quem Anthero apontava, como para um *phantasma do passado*, ao ler o seu discurso ao principe, quer a favor da Italia liberta. Tanto esse discurso, como a poesia recitada, nessa noite, por Fialho Machado no theatro Academico, foram recebidos com intensissimo entusiasmo por corresponderem completamente ás combinações e fins da Sociedade do Raio.

Em 8 de dezembro seguinte, todos os academicos abandonavam ruidosamente a Sala-dos-Capellos, ao começar o discurso do Reitor, na festa da distribuição dos

*

premios, e este pedia a sua demissão, caso lhe não dessem força para dominar violentamente os estudantes insubordinados.

Fechado este incidente, em 1863, pela demissão do Reitor, Anthero abandonou completamente a direcção da sociedade, que, sob a influencia de alguns dos seus successores, já muito politicos, se transformou numa succursal da maçonaria portugueza, passando a servir de elemento eleitoral aos Lentes da Universidade.

Assim terminou rapidamente a carreira revolucionaria academica de Anthero: as ambições egoistas, ridiculas e miseraveis, que acompanham sempre mais ou menos estes movimentos, tinham enojado profundamente o seu temperamento desinteressado e as suas susceptibilidades de artista e, dahi por diante, elle conservou-se, não só indiferente, mas até hostil ás manifestações mais ou menos collectivas da Academia, troçando-as com a inimitavel graça, que lhe era peculiar.

Entre estas troças, uma pratica (*Practical-joking*, como dizem os inglezes) absolutamente inexcedivel, e conhecida hoje apenas do actual ministro da justiça e de mim, unicos comparsas de Anthero, consistiu em raptar a Academia inteira, transportando-a de Coimbra para o Porto, por occasião dos tumultos, originados pela negação do perdão de acto, em abril de 1864.

Nos primeiros dias desses tumultos, achavamo-nos todos tres bucolisando no Bussaco, segundo o nosso costume, quando fomos surprehendidos pela vaga noticia dos acontecimentos, a que me venho referindo.

Voltamos immediatamente, e entrámos em Coimbra com o destacamento, que do Porto fora para ali requisitado pelo governador civil.

Eu creio que, pela organisação da Sociedade do Raio, Anthero meditára, ou esperára vagamente, constituir uma força revolucionaria, digna dos brilhantes papeis, que a

Academia representára nas campanhas da liberdade e, em 46, nas da Junta do Porto.

Era, pois, natural que elle pensasse encontrar em Coimbra a insurreição nas ruas e por todos os motivos e consequencias, que a sua imaginação podia antever, sorria-lhe, por certo, o partilhar e dirigir esse movimento.

Ao chegarmos, porém, ao quartel presenciámos uma scena, que nos revoltou: a Academia, que, na vespera, apedrejára os poucos soldados, que tinha pela frente, agora recebia os novos com vivas entusiasticos, como se os temesse porventura.

— Miseria, covardia, imbecilidade! É preciso fazer uma partida a estes idiotas!

— Mas qual?

— Não sei; vamos pensando nisso.

E seguimos até á Calçada, onde avistamos F*** perorando a um grupo, em frente do Arco d'Almedina... Anthero parou:

— Vou começar oferecendo a F*** tresentas clavinas.

— Ora! Elle não te acredita!

— Não conhecem o homem: vão ver!

E dirigindo-se ao orador, disse-lhe com emphase:

— Sr. F*** as nossas inimisades acabaram, desde que conheço que está em perigo de ser riscado. Offereço-lhe tresentos homens e outras tantas clavinas!

F*** cahiu-lhe nos braços, exclamando com o seu accento de Ayres de Gouveia:

— Ó meu amigo!

Inimisara-os, havia pouco, o prefacio da poesia *Ermelinda* em que Anthero, ridicularisando aquella personalidade de *imperador romano, falando, de manhan, de christianismo, como um doutor de igreja*, estigmatisava, *de duresa e cobardia excessiva,* o facto, que á noite presenciára, de elle fazer chorar uma infeliz perdida, com as chulices obscenas, a que era vezeiro aquelle curioso exem-

plar do litterato portuguez mundano do seu tempo, cubrindo com imbecis idealismos incomprehensiveis de estilo pretencioso a bruta grosseria da sua naturesa de selvagem, envernisada para uso dos salões!

Subiamos a Coiraça de Lisboa, quando um de nós, supponho que Anthero, se lembrou de mistificar a Academia, raptando-a para o Porto.

—É uma partida monstruosa e quasi impossivel, mas vale a pena tentar-se. É uma truanice, que talvez encerre a solução mais digna e prudente nas circumstancias...

E concordámos no modo pratico de a efectuar, até entrarmos em casa. Ali todos os companheiros reprováram de tal modo a ideia, acoimando-a de louca, impossivel de realisar e destemperada, que apenas podémos seduzir o grande Filomeno, um tipo de *gentleman* hollandez, de pernas curtas, herculeo seide de Anthero, de mansa naturesa, quasi feminil, enganado, como um negro, pelas graves palavras do amigo.

Eramos, pois, quatro: Anthero encarregou-se de propor a resolução á assembleia geral, então reunida no theatro; um dos Hercules, Filomeno ou o actual ministro da justiça, foi incumbido de vigiar Theophilo Braga, que tencionava oppor-se á proposta; os outros, collocados em dois dos extremos da sala deviam appoiar com a mais estrondosa vozearia a moção do orador.

Anthero tinha então uma grande deficiencia de eloquencia publica: exprimiu-se em meia duzia de palavras, que lhe andavam ás facadas, na garganta, segundo dizia Lobo de Moura; os nossos brados aclamadores arrebataram a multidão, um incidente imprevisto excitou ainda mais os animos irritados, e a proposta foi aprovada, sahindo a Academia em tropel, emquanto um dos Hercules arrebatava nos braços Theophilo, que daquella movente tribuna exclamava:

— « Sr. presidente, ainda tenho mais uma rasãosinha a expôr... »

*

No outro dia, chegávamos ao Porto, e começava para Anthero a expiação da aventura, que elle fantasiára. Designado pela sua popularidade e procedimento para chefe e director dos *emigrados*, elle foi encarregado da redacção das proclamações. O desgraçado, que não tomára a serio similhante esturdice, não achava nem palavras nem ideias, e foi necessario que o embebedassem com café, para que elle podesse escrever, em estilo biblico, uma serie de manifestos dos quaes o ultimo aconselhava o regresso para a « Sião bem amada.»

Na volta, Anthero vinha sombrio, declarando muito gravemente aos companheiros, ao entrar em casa, que esbofetearia quem lhe fallasse naquelle extranho successo.

Eu não tinha rasão para magoas áquelle respeito: ficára-me, porém, a experiencia, muito pratica e positiva, do poder da influencia de tres homens, mesmo scepticos sobre um assumpto, forçando a vontade e decidindo o proposito duma multidão de oitocentos.

*

Se o anno de 64, representa para Anthero um desenvolvimento de espirito para o qual estava preparado pelas suas leituras de Guizot, Michelet e Proudhon, elle revelou-lhe ao mesmo tempo uma nova direcção, que se afastava completamente d'aquella, por onde até ali seguira.

Privado dos antigos companheiros, representantes do

velho e fossil romanticismo e da metaphisica idealista, Germano, Alberto Sampaio, Francisco M. de Faria e Maya e outros, elle viu-se cercado duma nova roda, absolutamente contraria nas ideias, composta de mathematicos e naturalistas, J. Falcão, M. M. de Faria e Maya, Filomeno da Camara e Carlos Mayer, determinando nelle naturalmente a curiosidade dos methodos e da philosophia das sciencias positivas, ennobrecidas por St. Simon, Comte e Littré, cuja influencia sobre os estudos da litteratura e historia é evidente em Taine e Renan e tantos outros do nosso tempo. A academia restricta, especie de cenaculo, a que presidia Anthero desde 61, progredia, pois, na senda, que lhe abria o movimento das ideias europeas, em que sempre temos sido meros adaptadores ou vulgarisadores.

Entre o acervo cahotico destas leituras e das precedentes, o espirito de Anthero desenvolve-se no sentido revolucionario, para o qual o talhára a sua naturesa de pensador, de apostolo e de propheta, apesar da lucidez critica dum temperamento e intelligencia, que a si proprio se analysava sem piedade nos seus productos, mesmo os mais expontaneos.

A *Encyclica do Papa Pio IX*, destinada a provar a incompatibilidade do catholicismo com a sciencia e civilisação modernas, é o elo que prende o quasi monarchico e quasi catholico romantico de 62 do discurso ao principe Humberto, ao extremo radical e pantheista das *Odes Modernas* de 65, cujo resumo é o mote revolucionario «Destruam et ædificabo».

Na sua auto-biographia, Anthero parece desconhecer a fatalidade logica desta evolução natural e inevitavel do seu pensamento, e, em contrario do demonio de Dante, «pensou que não fôra logico.»

E, comtudo, fora-o tanto, quanto é neste anno de 65, que, profundamente penetrado do vago socialismo do seu

livro, elle destroe todas as suas producções anteriores, os bellos versos romanticos do «Vasco» e as expansões amorosas da sua primeira mocidade, «cousas obscenas» dizia-me elle, na sua exaltação ascetica e revolucionaria ao mesmo tempo, que solicitava o meu auxilio para aquella hecatombe dum passado, tão odioso aos seus olhos, agora puritanos, como o poderiam ser os erros juvenis da carne a um monge da idade média. A scena passou-se na casa da Praça de S. Pedro: os pobres versos, uns, o «Vasco» por exemplo, em grandes cadernos, cuidadosamente cozidos, outros em centos de folhas soltas, sahiam duma grande lata envernisada para as nossas mãos, que impiedosamente os lançavam, rasgados em mil bocados, embranquecendo o solo onde cahiam.

Achei-me penetrado das mais contradictorias impressões perante este convite e durante esta execução. Por um lado eu comprehendia profundamente o ponto de vista, stoico e varonil, que levava Anthero a pôr de accordo as suas ideias e propaganda com as suas decisões e actos: pelo outro, menos ultra, e, graças á minha educação ingleza, julgando as coisas sociaes e moraes sob um ponto de vista mais largo e tolerante, eu deplorava intimamente aquella destruição bárbara, que aniquilava tantos primores insubstituiveis. O argumento da «chaga romantica pessoal», que já naquelle tempo eu julgava exagerado, hoje parece-me absurdo.

A poesia subjectiva dum grande espirito é o espelho em que todo o homem se revê «idealisado, definido, correcto.» Não é, pois, nem uma obscenidade, nem uma obra inutil.

Por isso pensei em lhe pedir que me cedesse aquelles versos, sob o pretexto de que elles me assegurariam, no futuro, o ministerio da marinha. Deteve-me a vergonha humana, ás vezes má conselheira. Por isso, ao findarmos, limitei-me a dizer-lhe:

—Acabámos de destruir quanto bastava para fazer tres secretarios do ultramar.

Eu vi algures Anthero accusado de vesania mental pelo facto de ter dito na sua auto-biographia «que possuia o dom da prosa portuguesa e fora o porta-estandarte das ideias revolucionarias em Portugal». É, pois, naturalissimo que um dia ainda o venham a acoimar da vesania mental de se julgar um grande poeta portuguez.

Não pensaria em discutir esta asserção, senão fora encontrar a sua melhor critica nuns bellos trechos do sr. Theophilo Braga, que vem a proposito inserir neste lugar. São os seguintes:

«Sobre este ponto nada ha de mais eloquente do que as «Causas da decadencia dos povos peninsulares» do snr. A. de Quental, o homem que melhor escreve a lingua portuguesa, e que relanceou a nossa historia da mesma altura a que Edgar Quinet pensou a philosophia da Historia de França».

Theophilo Braga—*Epopeias da Raça Mosarabe.* Porto, Imprensa Portuguesa, 1871—8.º A pag. 377.

«Ao lerem-se as paginas desse protesto «Bom senso e bom gosto», que ha de vir a ser um capitulo da historia da litteratura contemporanea, sente-se vibrar em cada palavra um sentimento ilimitado de justiça, como a sabem sentir os corações novos ou os homens que teem sofrido victimas da perversidade dos outros. Este mesmo sentimento de justiça, que é sempre a principal inspiração da poesia do sr. Anthero de Quental, tradusida na sua forma mais austera do dever dá-lhe um vigor logico á dicção: dotado das qualidades que fazem admiravel um estilista, imaginação e uma intuição generalisadora, é nesta carta que vemos melhor caracterisado o seu genio. Tem a franquesa de linguagem, o desenfado de quem se fia na sua

dialectica firme, a penetração que segue um principio até as mais remotas conclusões.

Alma rectissima de Proudhon, comprehensão e tenacidade de Feuerbach, o sr. Anthero de Quental obedece á fatalidade da sua natureza. Tem todos os dotes para um terrivel pamphletario. Elle serve-se da sua obscuridade e despreoccupação litteraria para que este processo não seja um resentimento, mas lhe dê direito a julgar desasombradamente, com friesa e boa fé. Nesta carta admiravel ha dois elementos distinctos que o auctor soube combinar de uma maneira condigna com o talento: é a seriedade com que discute as ideias, o lirismo com que se apossa dellas, e o ridiculo que derrama sobre as ninharias das nulidades altivas».

Theophilo Braga—*Theocracias litterarias. Relance sobre o estado actual da litteratura portuguesa.* Lisboa, 1865—8.º A pag. 8.

Anthero publicou muito pouco em prosa e destruiu muitissimos dos seus versos, pelo mais delicado escrupulo de consciencia.

Se aquelles que teem a vesania mental de escrever bem procedem deste modo, o que farão os outros, que não a tem? Engolem o mal escripto, provavelmente!

É talvez, por isso, que toda a nossa prosa e poesia são sempre... optimas!

*

Exceptuando os *Sonetos*, impressos em 61 para subsidiar um estudante pobre, os unicos trabalhos, que Anthero publicou, por iniciativa sua, foram os de propaganda politica e social, taes como a *Encyclica*, as *Odes*

Modernas e os de critica da philosophia das litteraturas: todos os mais, quer religiosos, quer amorosos ou de fantasia, devem a sua impressão á intervenção de amigos, (1) o que prova evidentemente, o que acima afirmei, ao fallar da absoluta indiferença, que Anthero tinha pela fama exclusivamente litteraria.

A este respeito, Theophilo Braga é completa, singular e exquisitamente exacto, quando confessa que foi quem o estimulou a sahir á estacada «dando replica ás insidias de Castilho», no folheto *Bom senso e bom gosto*.

Anthero chegou mesmo a deplorar o ter entrado nessa discussão, tanto pelo acervo de publicações disparatadas, a que ella deu logar, como pelo receio de que a sua propria iniciativa fosse atribuida a intentos de orgulho, que repugnavam ao seu genio desinteressado, profunda e quasi nevroticamente sensivel e opposto a exhibições de vaidades litterarias. Foi esta preoccupação, que deu origem ao folheto *Dignidade das Letras e Litteraturas oficiaes* em que transparece bem claro o empenho do auctor, tirando á questão a sua aparencia de pretenções irritadas, para a elevar ao unico ponto de vista, que a tornava seria, digna e justificada.

A publicação das *Odes Modernas* em 1865, representou da parte de Anthero um destes actos de fé e de apostolado, que, se por um lado revelam a singular mistura de hegelianismo e humanitarismo francez, proveniente das suas leituras antigas e recentes, pelo outro dão — o que é mais importante quando se trata duma obra, que não é meramente um simples exercicio retorico — a me-

(1) Os *Sonetos* de Coimbra foram impressos por Santos Valente; a segunda collecção do Porto foi publicada por Joaquim de Araujo; *Portugal perante a revolução de Hespanha* é devido a José Fontana; a *Poesia da Actualidade* foi ainda impressa por J. de Araujo e finalmente os *Sonetos completos* foram colleccionados por Oliveira Martins, que os deu a lume.

dida do caracter e intensidade do seu modo de pensar e sentir naquelle tempo, talvez, ainda mais apparente para aquelles, que o observavam, do que para elle proprio, como o prova a critica tão estranhamente objectiva, e como que indiferente, que elle lhe faz na sua auto-biographia. Adiante se verá a notavel confirmação desta minha interpretação, tanto na primeira carta, que delle possuo, daquelle anno, como na de um amigo intimo, adepto das suas ideias e convicções.

Foi este livro, que, ainda mais pela preoccupação idealista e humanitaria, do que pela forma, pouco plastica ás vezes, o collocou na posição, que elle caracterisa, *apenas exactamente*, de «porta-estandarte da revolução social e litteraria entre nós». É elle o primeiro, que termina o reinado da trivialidade das letras em Portugal, e, se ali não ha uma verdadeira philosophia, ha pelo menos, uma notavel suggestão de ideias novas e fecundas; como Tyndall diz de Carlyle, Anthero mostra-se uma «força dinamica», cujos resultados permanecem, mesmo depois que a explosão lhes aniquilou o poder. É um destruidor, e um creador, documento historico, como o é sempre qualquer destas entidades! Percorre a obra, como todas as de Anthero, um esplendido e imperecedor relevo de sinceridade e vigor, apenas ás vezes diminuido por algum gracejo voltairiano, que sempre me surprehendeu, por ser Anthero pouco veseiro a este genero de espirito.

Nada de comparavel, depois, na nossa litteratura, embora os imitadores subsequentes lhe fossem muito superiores no manejo da forma plastica: falta-lhes, porém, aquella inteireza e energia, que é o cunho dos poetas, que ficam, e que Anthero revelou ainda nas suas poesias posteriores.

Admirando, mais do que todos os outros versos, as primeiras oitavas das *Odes Modernas*, tanto pelo masculo clangor camoniano, como pelo largo espirito

philosophico, amesquinhado, apenas a curtos intervallos, por uma ou outra estrophe de combate, ainda antes da publicação, eu indicava-as a Anthero, como base dum grande poema, absolutamente adaptado ao seu temperamento e tendencias de então. Esta preferencia, que, por certo, lhe parecia excentrica e original, fazia scismar Anthero que me respondia com um *talvez*, que tem hoje para mim uma explicação na conscienciosa dedicação, que elle votava ás suas convicções sociaes, expressas nas poesias de combate, que antepunha a todas as outras composições.

Eu não estimava estas producções senão como uma *étape* de um espirito, digno de apreciar aquelles assumptos sob um ponto de vista mais philosophico, embora não indifferente: Anthero, porém, tinha naquelle tempo, a ambição da lucta a que se refere neste soneto da phase de 62-64:

Empunhasse eu a espada dos valentes!
Impellisse-me á acção, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e o Fado
Dão a lei aos reis tremulos e ás gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado...
Ou cahira radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gladios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inuteis annos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e anciedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
Desta pallida e esteril mocidade!

De facto, ao vel-o dirigindo as conspirações da Sociedade do Raio, redigindo discursos e manifestos no

mais bello estilo de proclamação, arrastando atraz de si centenas de estudantes, subita e misteriosamente convocados para manifestações de revoltas academicas, eu surprehendia-me a sonhar para elle um destes destinos á Garibaldi, Kossuth ou Mazzini, de tribuno, pamphletario e soldado na nossa Hespanha, que nos parecia dever de perto seguir (como de facto seguiu, embora em outro sentido) o exemplo da nova Italia, que então se constituia.

Este amor da acção e da lucta ideal, a que Michelet prestava, naquelle tempo, o auxilio da sua auctoridade prestigiosa, foi de certo a preoccupação constante de Anthero de Quental até que a doença e as consequentes desillusões o substituiram por aquelle extranho amor da Morte, que é, ainda assim, o unico que resta *aos novos e fortes*, que realisarão definitivamente a inutilidade da sua existencia.

Para mal seu, talvez, estes projectos ambiciosos, como elle lhes chama na sua auto-biographia, não tinham nenhum fito, quer de engrandecimento pessoal, que facilmente poderia ter attingido, como tantos, que ahi teem feito mercancia do seu radicalismo, quer mesmo de gloria ou fama, tal como a desejam muitos; eram simplesmente o cumprimento dum dever stoico, a que a consciencia o impellia como a polvora impelle a bala.

Extranho feitio de caracter, que eu supponho será tão difficilmente comprehendido ou apreciado pelos homens do nosso tempo, como foi o de Cromwell, antes do luminoso trabalho de Carlyle sobre a sua correspondencia.

Embora Oliveira Martins alluda á força de vontade e ao stoicismo de Anthero, elle não dá á combinação destes elementos com a inteiresa moral do seu temperamento o relevo, sem o qual a sua vida publica é um enigma tão inexplicavel, como a infinita desolação dos seus poemas,

dada a ignorancia das peripecias dolorosas da sua existencia.

Alguns trechos de cartas suas e dum amigo darão aqui, talvez melhor do que quaesquer reflexões, a rasão determinativa de muitos factos, que, aliás pareceriam apenas filhos duma ambição agitada, esteril e illudida.

O tipo ideal do homem, que Anthero teve em mira realisar, está admiravel e fortemente expresso neste periodo duma carta, que tenho á vista: — «Conheci-te sempre um caracter viril e uma natural inclinação para os sentimentos moraes, fortes e stoicos.»

Melhor o podia elle dizer de si do que de qualquer outro, e talvez nada o exemplificasse mais do que a persistencia dos trabalhos socialistas, a que elle se dedicou por muitos annos, apezar da sua doença, sem a minima esperança de qualquer resultado pratico, procurando, apenas, realisar virilmente o dever que a sua consciencia lhe impunha.

Em 18 de agosto de 1880 dizia-me Lobo de Moura: «... Agora publicou um manifesto, que ainda não li, a respeito da sua candidatura platonica e exclusivamente theorica pelo partido socialista. Digo platonica e theorica, porque não ha probabilidade, que digo, nem possibilidade de eleição!»

Em 2 do mesmo mez, terminava Anthero uma carta, que me dirigia: — «Se por acaso vires nos jornaes que sou candidato socialista por Lisboa, não tomes isso a serio. São cousas que podem succeder a qualquer, independentemente da propria vontade e determinação, exactamente como apanhar chuva ou ter de ouvir um discurso massador ...» Annunciando-me assim, dum modo apparentemente cinico, um facto a que elle não se prestava senão como a um sacrificio, absolutamente inutil sob o ponto de vista immediato e positivo, a que se resignava, como o soldado a uma morte improficua e ingloria!

A disparatada polemica, originada pela questão coimbran, enojára Anthero até á nevrose de se irritar com a simples menção ou discussão do assumpto.

Quando appareceu o folheto de Ramalho Ortigão alguns dos seus amigos de Coimbra lembraram-lhe um desforço pelas armas, a que elle se recusou terminantemente, alegando que as injurias a proposito de questões litterarias não tinham o caracter de ataque pessoal, por mais violentas que fossem as expressões empregadas. Schopenhauer era então completamente desconhecido em Portugal e creio mesmo que o idiotismo metaphisico *á priori*, com que elle condemnou de todo o duelo não teria então influencia sobre as opiniões de Anthero, levado já a applicar ao estudo das questões sociaes a observação dos elementos espontaneos, irreductiveis e eternos, constitutivos do animal e do homem, revelados, quer pela sciencia positiva, que determina as leis da sua statica, quer pela Historia, que as confirma, pela constatação da dinamica dos seus movimentos e combinações.

No emtanto um grupo de amigos, que no anno precedente passára para Lisboa, intimavam Anthero a que se desforçasse da accusação de cobardia, que lhe dirigira Ramalho. Anthero, embora não se rendesse ás rasões expostas, declarou-nos que iria ao Porto desancar Camillo e Ramalho com o grosso bengalão, que então usava, para mostrar que não era atreito a cobardias. Debalde o quizemos convencer que um duelo era a unica solução adequada: elle julgava o duelo ridiculo naquelle caso, se por ventura fosse batido, e partiu para o Porto com a resolução de amassar o physico dos escriptores tripeiros, com o seguro azambujeiro dos nossos antepassados.

Passeiando ali em cata das suas victimas, ao voltar o canto da Viuva Moré encontrou-se repentina e inesperadamente defronte de Camillo, que o abraçou com affecto; era impossivel começar a primeira parte da execução, e Camillo decerto prevenido dos intentos de Anthero, arrancou-lhe, sem dificuldade, o segredo; isso conseguido, fazendo-lhe ver que a solução imaginada não evitava o duelo, convenceu-o a propol-o. — Este duelo teve uma feição comica, que vale a pena notar.

Anthero era valente, atrevido e dotado de tão extrema agilidade, que lhe permitia até vencer muitas vezes na lucta o herculeo Filomeno da Camara, e efectuar os grandes passeios de quarenta e quarenta e cinco kilometros, em oito ou nove horas, que então faziamos nos arredores de Coimbra.

Pouco tempo antes, no gymnasio do convento da Estrella, receberamos do actual professor de sanscrito, G. de Vasconcellos Abreu, algumas lições de esgrima, em que Anthero se distinguia; comtudo elle considerava-se muito inferior a Ramalho, que tinha uma grande reputação de duelista, provavelmente devida á vivacidade da sua imaginação e á sua estada em Paris. Considerando-se, pois, de antemão vencido, Anthero resolveu-se a atestar, pelo menos, a sua coragem por uma vigorosa ofensiva, e, deslumbrando o fulgurante escriptor com um rapido sarilho, furou dum só golpe, ao primeiro *dégagé-d'avant-bras,* o braço e a fama do nosso unico homem de combate!

A escola de Coimbra vencia, pois, pelas letras e pelas armas!

Dizem-me que este passo foi o caminho de Damasco, «hoc est signum Dei» que, na convalescença do seu ferimento, converteu o notavel escriptor para as ideias, até ali por elle odiadas e combatidas, — as doutrinas do cahos moderno de Theophilo Braga!

De quão pouco depende o pensamento humano e a direcção das litteraturas!

*

Em 1865 Anthero escreve-me de Lisboa:

Meu João: — Não vou a Coimbra. Este proposito é inquebrantavel na minha vontade. Note-se que não vou egualmente a * *. Reputo estes termos correlativos. A mesma posição de espirito dá a rasão dum egual pensamento dominando duas situações parallelas. Nada mais acrescento porque tinha então de acrescentar muitissimo. Mas muitissimo não é só para a palavra, para a vista, para o coração? A escripta é apenas o esqueleto da ideia!

Adeus. Teu amigo

Anthero.

N. B. — Esta gente aqui é desgraçada. Entendo que o mais alto resultado da philosophia pratica é sobretudo a piedade... Mas, porventura, este sentimento, tão distante de qualquer sciencia ou systematisação, não presuppõe toda uma concatenação philosophica, explicando a consciencia, a liberdade, a virtude ou o vicio, por uma superior concepção metaphisica, que nos dê parallelamente a explicação das luctas, instabilidade e movimento fatal do mundo phisico? O que eu noto é que não é mais responsavel o homem, que rouba a luz e o ar a seu irmão, do que a planta, que esterilisa ou estiola outra mais fraca, que o destino fez nascer á sua sombra.

O agiota, ou o intrigante politico são tão naturalmente innocentes ou tão naturalmente infames como o chacal ou o milhafre. O que uns e outros são, é desgraçados. Triste é (mais ainda do que quem os sofre) quem os vê, os intende, e nem sequer lhe é dado odial-os. Mas o mundo é uma formosura toda feita de asquerosidades. Em todo o caso não é feito para alegrias excessivas...

O * *, esse é que é tolo e contente!

Que vivida e exacta impressão do homem não revela a quasi paraphrase desta carta, que eu não relera ha mais de vinte annos, e quanta luz não derrama ella sobre o

substractum irreductivel das tendencias moraes, que dominavam essencialmente os varios aspectos superficiaes do espirito, das obras e das peripecias da vida de Anthero! A carta acima dá, sem indiscrição, o segredo e a chave da *Beatrice* e dos versos anteriores a 68, assim como um affecto posterior dá a chave, talvez ignorada, dos versos amorosos, datados de 186... e daquelles, que, primitivamente, foram publicados sob o pseudonimo de Carlos Fradique Mendes.

Isto não é uma inconfidencia. De facto, quando em vista desta carta eu esperava a expansão verbal, a que ella alludia, encontrei-me perante uma reserva, que nem sequer pensei em violentar, não só por saber o bastante sobre o caso, mas principalmente porque não ignorava que Anthero era nestes assumptos, consoante o seu dizer, «pudico como um elefante.»

Como resultado desta pudicidade e reserva, os pseudonimos e as datas truncadas dos versos relativos ao segundo drama da sua vida, que um acaso de viagem me revelou ha pouco, drama absorvente, doloroso e violento, como são em geral os da edade madura, ávida de paixão e realidade, impaciente das contrariedades, perturbada e revolta até ao intimo perante a fatalidade irremediavel e irreparavel, á semelhança de uma mocidade vigorosa em presença da morte prematura.

É mais que provavel que estas emoções violentas e malogradas, acompanhadas de contrariedades doutra especie, que incessantemente o torturaram, de 1863 a 1870, contribuissem muito para a extrema hipocondria, a que o levava a doença, da qual já em 1875, elle duvidava curar-se.

Entre 65 e 70, Anthero efectuou duas viagens a França, sendo a ultima motivada pela doença, que já o incommodava. Em relação á primeira, diz-me Lobo de Moura, escrevendo-me em novembro de 66 as seguintes palavras,

que, sendo caracteristicas do afecto, que os amigos lhe votavam, o são tambem do estado de espirito do Poeta: «Quer agora que falle do Anthero? Partiu para França: abandonou o *litus avarum*. Esteve aqui em Thomar, despediu-se dos parentes e amigos, e, na vespera da partida, estava animado de bellas, grandes e cheias de sacrificio resoluções (estilo do dr. Secco). Dissemo-nos adeus. Entendo que elle leva muito bom destino e quando mais não seja, vae, como elle dizia, adquirir o direito em boa consciencia de remetter-se a um canto do mundo durante o resto da sua vida: o que tal não succederá, segundo espero em Deus e nos tempos, que hão-de vir.»

Desta viagem voltava-me elle com uma extranha preoccupação a proposito dum dito de Michelet em relação ao seu atheismo ou indifferença religiosa, — «Je ne puis me passer de Dieu.» A preoccupação de Deus é de facto uma das particularidades caracteristicas de Anthero, não só porque domina incessantemente toda a sua vida, mas tambem porque os pontos de vista, sob os quaes elle a encara dão uma curiosa visão da especialidade do seu temperamento e da sua raça, comparados com outros tipos da humanidade! Seriam assumpto para um estudo interessante os bellos e profundos versos, que elle lhe dedicou.

Como cultor assiduo da philosophia das sciencias positivas parece que elle podia limitar-se ao dito de Laplace: «Je n'ai pas besoin de cette hypothèse.» É o contrario que elle sente evidentemente na longa serie dos seus pensamentos neste assumpto. No meio da crença e do amor, da descrença, da injuria e do epigramma, vê-se o debater-se do espirito entre a lucta e a paz, como aquelles extremos da paixão, quer viril quer feminina, que ama e adora quasi ao mesmo tempo que detesta e despresa!

Dos sonetos deste ciclo, um dos mais notaveis pela

formula da ideia, comparada com a de outra raça, é por certo o intitulado

DIVINA COMEDIA

Erguendo os braços para o céo distante
E apostrophando os deuses invisiveis,
Os homens clamam : — « Deuses impassiveis,
A quem serve o destino triumphante,

Porque é que nos criastes ?! Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguiveis,
Dôr, peccado, illusão, luctas horriveis,
Num turbilhão cruel e delirante . . .

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente ?

Porque é que para a dôr nos evocastes ? »
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
Dizem : — « Homens ! porque é que nos criastes ? »

Aproximar esta expressão dum europeu meridional, doente e cheio de finalidade e absoluto, do bello sentimento humano e divino do norte-americano Ingersoll, — « a mais bella creação do homem é Deus », é ter juxtapostas, com duas interpretações diferentes, ideias, no fundo identicas, de que se extrahiram, ora a blasfemia aflicta e incerta, ora a adoração serena e consciente !

*

É de 1867 que datam as relações de Anthero com Oliveira Martins.

Estavam ambos bem preparados para se entenderem e apreciarem e fraternisarem no misticismo e positivismo do socialismo moderno.

Por 70 e 71, colaboraram em jornaes republicano-socialistas, de ideias talentosamente extravagantes em qualquer parte, e ainda mais no velho Portugal.

A tentativa das conferencias democraticas, suprimidas pelo Marquez d'Avila, tinha por objectivo preparar o publico para realisações eminentemente praticas, e representavam como que um echo da fermentação revolucionaria, que então dominava a França e a Hespanha.

Nada, pois, havia de extraordinario neste movimento, embora elle fosse tão extemporaneo, entre nós como naquelles dois paizes.

Os mais elevados espiritos e os mais nobres caracteres da mocidade ou, melhor, da virilidade de então, concorriam para illusões, que tinham a sua origem nos trabalhos de publicistas de alta valia e que se repercutiam facil e fortemente no phantastico meio, que a nossa educação cahotica, confusa e excessivamente theorica, lhes preparára.

A carta, em seguida publicada, que já naquelle tempo guardei, como um documento historico, dá frisantemente a expressão palpitante dos sentimentos, que então dominavam os homens de movimento e de combate.

Não dou o nome do signatario, embora elle já seja falecido e as suas idéas, publicamente expressas, ao tempo, não lhe acarretassem dissabores, graças á brandura dos nossos costumes, porque encontrei a missiva por acaso num volume, que emprestara a um amigo, a quem ella havia sido dirigida.

Direi sómente para caracterisar a importancia, que lhe dou, que o seu auctor não tinha menos de trinta annos, occupava uma das mais elevadas posições scientificas officiaes do nosso paiz e juntava á mais formosa intelligencia o mais nobre dos caracteres. Dito isto, comprehendem-se as ilusões de Anthero e de seus companheiros; não as partilhando por me parecerem absoluta-

mente erroneas e contraproducentes em relação ao bem estar do maximo numero, detestando o desperdicio inutil, que ellas impunham a um talento, que eu desejava ver mais bem empregado, por uma curiosa contradicção, achava fatal e honesto que elle se lhes dedicasse, e estimo possuir, para sua justificação, o documento que se segue:

... 14 de Maio de 1871.

*Meu F****: — A minha esperança não era ilusoria! A Communa caminha! Faz hoje um mez que o mundo dizia que Paris estava prestes a succumbir, e eu, contra essa opinião geral, dizia-te que estava cheio de esperanças no triumpho dos Federados. Hoje, apesar de tudo, tenho mais esperança, tenho maior certesa!

Sim, meu F***, o mundo do previlegio agoniza e a Justiça aproxima-se: o clarão das suas labaredas alumia as consciencias e avigora os braços!

O halito da Deusa tem a impetuosidade do ciclone. As bastilhas e os imperios, os parlamentos e as corrupções cahem ou estão prestes a cahir.

E este nosso pequeno mundo, este nosso constitucionalismo e a sua grotesca côrte teem os seus dias contados. Ou eu me engano muito ou isto está por pouco. O Anthero e amigos vão em breves dias fazer no Casino Lisbonense conferencias repetidas com o fim, sobretudo, de manifestar a existencia em Portugal da nova doutrina. Julgo que fasem bem: mas creio que podiam faser ainda melhor.

Teu do C . . .

*J** F**.*

Quão poucos dias mais eram necessarios para dar uma significação precisa e positiva a estes *clarões de labaredas, impetuosidades de ciclone e derrocadas de Bastilhas,* representados pela implacavel destruição dos mais bellos e populares monumentos de Paris!

Se é entorpecedor e humilhante para a rasão humana ver a alta intelligencia, que media exactamente as forças e as longinquas extensões do infinito universo avaliar tão

mal o impulso e as proximas e desvairadas intensidades dos homens, é comtudo commovente sentir o profundo intento generoso do sentimento destas palavras e observar que quem assim pensava, desceu ao tumulo na esperança de ver realisado dum momento para outro o seu intimo ideal. Anthero de Quental, apesar de poeta, mais refletido e progressivo, não logrou sequer este viatico!

*

Em 74 ou 75, de Angra, supponho, porque Anthero nem sempre datava ou localisava as suas cartas, escreve-me: «Peço-te o favor de me mandares vir de Inglaterra as obras de que resa a nota junta. No meu estado de doença, quasi entrevado, pois já é raro que possa sair de casa, que seria de mim se não fosse a leitura? O que aqui tenho está quasi exgotado, e preciso fazer provisão nova.»

Pouco depois de Angra, — 26 — ? — ? — : «A estreiteza do tempo não me deixa escrever senão duas linhas, muito á pressa. Obrigado pela tua carta. Não tenho melhoras sensiveis, por ora, mas ha probabilidades de as ter em breve, pelo que indicam (diz o medico) certos symptomas. Veremos em que isto dispára; entretanto é necessario demorar-me até outubro ou talvez novembro.»

Foi nesta occasião que Anthero me fallou de Oliveira Martins referindo-se vagamente á identidade das suas ideias socialistas. Como então me occupava de estudos economicos e propendesse para as doutrinas consideradas oppostas, pedi-lhe que me explicasse o seu socialismo. Respondeu-me indicando os dois livros de Oliveira Martins, e accrescentando:

— «Eu e elle é que nos entendemos a esse respeito.»

E rimo-nos de um sistema destinado a revolucionar

o mundo social, até as suas profundidades, e que só era comprehendido por dois apostolos.

Informando-me do autor, disse-me Anthero com aquella admiravel graça e hombridade de espirito, independente e antitartufista, que indica a verdadeira grandeza moral e intellectual do homem superior, odiosa ao estreito jacobinismo, nevroticamente impressionavel, pelo humourismo zombador de si ou das suas ideias:

— «O Oliveira Martins? Oh! esse é o director dum caminho de ferro idealmente socialista. Paga aos empregados, mas não dá um real de dividendo aos accionistas! A realisação pratica e positiva da gratuitidade do credito e dos capitaes.»

Mandei, pois, vir os livros deste feliz pensador, a quem o acaso proporcionava a exemplificação das suas theorias scientificas, cuja efectiva valia intellectual conheci pessoalmente por aquelle tempo.

Livros e homem deram-me ao primeiro relance a ideia dum tipo muito portuguez á Alexandre Herculano, aspero e duro, cheio de absoluto e de intransigencia.

Os primeiros revelaram-me muita e extensa erudição desconnexa, pontos de vista originaes e suggestivos, e extranha força de convicção; tudo, porém, exposto em tão pessimo estilo e com tal desordem e confusão, que se comprehendia bem a phrase de Anthero, e haver ali mais um forte sentimento, que vagamente procurava fixar-se de um modo scientifico do que uma doutrina rigorosamente determinada e relacionada, quer com a sciencia pura, quer com o movimento historico dos factos economicos. Sem prever que Oliveira Martins se tornaria um perigosissimo exemplo para que pessimos escriptores esperem tornar-se optimos, o que poucas vezes se realisará, pareceu-me comtudo, que dada a sua vida de trabalho positivo e as tendencias, tambem muito positivas, do seu espirito, elle encontraria com o tempo, o seu verdadeiro

caminho, embora sempre mais ou menos aos encontrões com a realidade, quando a imaginação e a biliosa misantropia portuguesa de Herculano o chocassem contra os marcos da estrada.

Julguei, porém, Anthero completamente transviado da sua vocação natural, e, se isso me agradava por me confirmar a grandeza moral do homem, desesperava-me pela inutilidade absoluta, que dahi resultaria.

Socialismo, republica, federalismo, iberismo eram ainda a sua preoccupação.

O socialismo imperava apenas então entre nós nos cerebros de dois individuos, que nem sequer se intendiam com os seus eleitores, como se verá adiante.

A republica, que elles desejavam apenas por a considerarem o mais seguro vehiculo do socialismo, oportuna em 1871, quando o exemplo da França e da Hespanha parecia arrebatar o mundo latino, tornára-se impossivel desde que este ultimo povo reentrára no gremio das monarchias sob a protecção do todo poderoso imperio germanico.

O federalismo, uma absurdissima illusão, quando ultrapassa a descentralisação, para os povos, que unificados pela lingua, pela geographia e pela tradicção, teriam de desfazer o trabalho secular da sua raça, para se entregarem ao desequilibrio sangrento dos pequenos agrupamentos, em que a insignificancia das maiorias provoca constantemente as minorias ás revindicações armadas, que são a vida quotidiana das republicas sud-americanas e, agora, do nosso pobre Brasil!

Eu assisti a uma daquellas destruições das regalias do federalismo, pelas quaes a republica Norte-Americana vae caminhando, lenta mas seguramente, para a sua completa unificação. Foi, em 1886, no acampamento do general Mr. Cook, que com 1:200 homens e meia duzia de peças de artilheria executara os decretos federaes, abo-

lindo a poligamia, contra 25:000 mormões em armas em Salt-Lake-City. Appareceu ali um dos anciões (*Elders*), que tinha um *rebanho* (como elles diziam) de 25 mulheres:

— Acabou-se a liberdade individual, o direito dos estados e até a constituição federal, que, pela liberdade religiosa, me garantia o exercicio da minha religião que me permitte quantas mulheres eu queira!

Responderam-lhe:

— É verdade! a diminuição do federalismo começou pela abolição da escravatura, segue pela prohibição da poligamia e continuará pela unificação legal de muitas instituições mais!

Alegar o exemplo dos Estados-Unidos da America é desconhecer as necessidades historicas e geographicas, que o explicam, e, ainda mais, o facto de que esse grande povo, como tem acontecido a todos os povos europeus, caminha da descentralisação e do federalismo para o tipo, a todos os respeitos superior, da unidade.

Esta tendencia geral verificar-se-ha ainda no Brazil, que tendo tido, graças ao seu sangue unitario portuguez, a felicidade, unica no novo mundo, de ter realisado, desde o começo, a sua completa unificação com amplissima descentralisação, quiz agora arrepiar o caminho do seu desenvolvimento para satisfaser os caprichos de uns pseudo-positivistas, que preferem as fantasias da sua imaginação ás bases solidas, que a historia de desoito seculos nos oferece.

Sobre iberismo citarei apenas a ultima opinião de Anthero, que é datada de Villa do Conde, 11 de outubro (de 83 ou 85?) carta dirigida a Joaquim de Araujo: — «O iberismo não se hade realisar nem pela simpathia mutua, nem pelo convencimento, mas pela força e necessidade das cousas. Os portugueses hão-de ser sempre refractarios a tal ideia, e os hespanhoes não precisam do

conhecimento da litteratura portuguesa para a abraçarem (a ideia), como abraçaram ha muito.»

Anthero, em 1877, referindo-se ao seu antigo e generoso ideal da união iberica por meio da republica federativa, classifica-a de grande ilusão, «da qual desistira (como de muitas outras desse tempo) á força de golpes brutaes e repetidos da experiencia.» São as palavras formaes da auto-biographia.

De facto, de todas as convicções, mais ou menos absolutas, que dominaram o seu espirito até 1880, a unica que o não abandonou completamente foi, talvez, a do vago socialismo a que imaginara ter encontrado uma base juridica. Esta modificação de ideias, devida á experiencia, representaria para elle, por certo, um progresso, se o desalento, proprio da doença, que o debilitava implacavelmente não o levára a consideral-a, romantica e sentimentalmente, como uma desilusão. A tal ponto se transformam, sob a influencia de estados emocionaes, os mais stoicos e vigorosos luctadores.

*

Foi por este anno que Anthero me fallou na polemica litteraria, suscitada por Theophilo Braga (1) a proposito

(1) Como documento do brio e pundonor que Anthero mostrou nesta pendencia, inserimos a seguinte

DECLARAÇÃO

Constando-me que varios amigos do sr. T. Braga correm essas ruas do Porto, dizendo a quem os encontra que «andam á minha procura», tenho a annunciar-lhes para que não se incommodem muito, que me podem encontrar todas as tardes, das 5 ás 7 horas, no café da Aguia d'Oiro, aproveitando a occasião para lhes comunicar que já não estou absolutamente nada doente. — *Anthero de Quental.*

(*Primeiro de Janeiro,* de 1 de agosto de 1872. N.º 170. Impresso em typo normando).

das suas *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portuguesa* que os inimisara em consequencia das affirmativas atrabiliarias de Theophilo. Nem por isso mudou a sua opinião sobre o valor, que conscienciosamente atribuia aos notaveis e extraordinarios trabalhos deste escriptor. Julgando-se porém, gravemente ofendido por alusões á sua vida particular, ao receber, «mimoso dom de prasenteiro amigo», aquella notavel folha da *Historia de Camões*, suprimida em quasi todos os exemplares, onde se acha impressa a celebre carta de Ayres Barbosa (que, datada da Esgueira, esgueirou Theophilo Braga do bom senso critico até ao ponto de atribuir a um escriptor do seculo XVI um documento, que contem versos do seculo XVIII), elle entregou-m'a, dizendo-me, com aquella generosa hombridade, que o caracterisava:

—Não sou inimigo do Theophilo, apesar das suas insolencias, não provocadas; podem, porém, considerar-me como tal, e não devo nem quero conservar nas minhas mãos uma prova de tão picaro engano seu...

Invocar a cegueira de um Milton ou de um Castilho (como fez Theophilo Braga) a proposito de uma questão litteraria, é, por certo tão absurdo, como querer defender a theoria do Mosarabismo dos ataques de Anthero, citando os copos espumantes de vinho, que elle bebeu em Coimbra, em companhia dos seus amigos, na tia Poncia!

Apesar de vivermos intimamente, naquelle tempo, eu nunca presenciára, ou sequer ouvira mencionar, os seus excessos alcoolicos, senão como os de tantos outros estudantes de vida airada, á bohemia.

Embora uma extraordinaria similhança de sofrimentos nos levasse, desde 85, ás longas conversas sobre a sua origem e simptomas, que tanto agradam aos doentes, a verdade é que jámais me lembrei de atribuir os padecimentos de Anthero a esses excessos, por isso que via de perfeita saude muitos companheiros e amigos nossos, que

os haviam tido identicos. Depois da sua morte, soube que, tanto elle, como alguns medicos, de facto pensavam ser essa a causa dos seus padecimentos, que Sousa Martins atribuia a um fundo histerico, como se lê na introducção ás *Cadencias Vagas*, uma bella collecção de versos de Anthero, disposta, anotada e publicada pelo seu amigo Joaquim de Araujo.

O meu affecto e interesse por tudo quanto lhe dizia respeito, a curiosidade e alguma experiencia de doenças similhantes levaram-me a coordenar as minhas ideias sobre o assumpto, ideias, que agora exponho, não para o defender duma accusação, que não tem a menor gravidade—Anthero foi o mais sobrio dos homens, desde que deixou de ser estudante—mas para ter uma explicação racional da doença, explicação que dá a rasão de ser, quer da hipocondria, evidente nas suas producções litterarias, quer da causa do seu suicidio.

Byron foi, como é geralmente sabido, hipocondriaco desde muito novo, e, se acontecimentos dolorosos intensificaram esta tendencia até ao ponto de elle realisar no *Manfredo* o extremo emotivo, cuja expressão Goethe julgava impossivel attingir sem a experiencia positiva das mais extraordinarias aventuras e desgraças, a verdade é que esta ideia de Goethe não tem fundamento algum real, e que esses acontecimentos não tiveram mais importancia ou valor do que aquelles, que experimentou Anthero, que não dariam noutros individuos os mesmos resultados. É, pois, claro que, em ambos, a acuidade do sentimento, como lhe chama Anthero, tinha a sua origem na especialidade da sua organisação, especialidade, que a similhança dos simptomas torna bem aparente.

Uma das causas mais frequentes da hipocondria é a dispepsia, ou dificuldade das digestões e consequente imperfeição ou anulação ao assimilar dos alimentos.

Byron, um poderoso bebedor, lamenta no *D. Juan*

poder só tomar Bordeus, e enuncia que em certas epochas da sua vida chegára a ingerir, numa unica noite, trêse garrafas de soda-water. A dispepsia é aqui evidente, bem como o é a hipocondria, e tanto uma como a outra podem provocar o uso dos liquidos alcoolicos, quer como correctivo immediato da primeira, quer como estimulante para os desalentos da segunda.

Desde os quinze annos, Anthero mostrou indubitavelmente todos os simptomas dum hipocondriaco, quer no seu modo de ser habitual, quer na tendencia geral das suas composições. Neste facto está provavelmente a explicação desses excessos alcoolicos da sua mocidade; taes excessos, porém, que terminaram muito cedo, não motivam suficientemente a marcha progressiva e fatal da doença, a não ser que a suponhamos acompanhada duma predisposição organica especial, que, de per si, lhe destruiria a saude e com ella a visão equilibrada das cousas.

Um medico dos Estados-Unidos — em nenhum paiz do mundo existe mais pratica de doenças nervosas — dizia-me que para os extremos da hipocondria de origem nevrotica, proveniente de emoções moraes não achava senão dous derivativos ou estimulantes, capazes de divertirem a imaginação das impressões, que os produziam, de modo a restabelecer o equilibrio phisico e moral do individuo: o vinho forte e o amor da mulher, esse maximo excitante e calmante no homem.

Anthero de Quental perdeu cedo a possibilidade do emprego do primeiro e as circumstancias tornaram-lhe o segundo mais uma causa de perturbação do que de calma e restabelecimento, que, pelo menos, lhe permittiria o alivio de sofrimentos, provavelmente inevitaveis, por não serem unicamente nevroticos. Até pouco antes da sua morte elle atribuia os embaraços das suas digestões a uma causa mecanica.

Nestas condições morbidas, embora no primeiro pe-

riodo a apparencia phisica não sofra alteração, a energia ou força de vontade desapparecem quasi totalmente, embora a coragem possa persistir.

Nem sempre isso acontece, mesmo nos mais bravos, como exemplifica a covardia nevrotica do homem mais energico dos nossos tempos, Napoleão I, na sua viagem de Fontainebleau para a Ilha de Elba, por occasião da sua primeira abdicação e a sua indecisão e apathia depois de Waterlow, ambas resultado do extremo dispendio da vontade, não compensado pelas reparações da nutrição, anulada por excessivas emoções moraes.

Theophilo Braga frisa bem esta anulação da vontade, apontando dois casos, em que provocou Anthero a escrever, ao que eu accrescentarei o da *Defesa da Carta Enciclica*, que me parece ter sido devido á minha intervenção.

Exceptuadas as *Odes Modernas* que foram um acto de fé e apostolado, muito conscientemente decidido, como o cumprimento de um dever, todos os mais trabalhos de Anthero de Quental representam accidentes fortuitos, e, é por isso que na sua auto-biographia elle lhes chama «escriptinhos de occasião», e confessa não ter em prosa produzido «o que se chama uma obra, isto é uma cousa original, pessoal e aprofundada», ao que eu accrescentarei «propositada», para caracterisar este esforço reflectido da vontade, sem o qual nenhuma obra nas condições mencionadas é possivel; o seu estado morbido não lhe permittia similhante empresa. Direi mais: a coexistencia deste estado morbido com uma vasta imaginação, uma lucidez incomparavel de intelligencia sadia e uma extensa e viva erudição tornavam-lhe ainda mais impossivel seguir sequer o delineamento de similhante obra. De facto, a combinação, juxtaposição e opposição de todos estes elementos determinavam, dum modo anormalmente saliente, na individualidade de Anthero, a existencia daquelle «homo duplex», de si proprio contradictorio,

que mais ou menos fortemente sentimos agitar-se dentro de nós.

Conversado, era Anthero o espirito mais sadio, equilibrado e genial, que tenho conhecido, aplicando ás cousas do mundo tudo quanto a observação, a sciencia e a rasão positiva e o sentimento humano podem suggerir a uma grande capacidade, que julga o homem adequado ao meio em que nasceu, como em definitivo não pode deixar de ser normalmente. No teterrimo remanso do gabinete, porém, o demonio interior, que lhe dilacerava as entranhas, como vitriolo, retomava o seu imperio absoluto e incontestado, affirmando-se no extremo das opiniões desoladas, cujas consequencias ultimas seriam a contestação de uma entidade opposta ás proprias condições da sua existencia, vendo

> . . . com tedio, em tudo quanto fita,
> A illusão e o vasio universaes.

É claro que a derradeira palavra desta ideia de aniquilamento universal não pode ser uma obra ou uma creação no sentido fecundo destas palavras.

O que este estado de espirito pode dar é uma serie de pensamentos, isoladamente concebidos, como aquelles que Anthero exprimiu nos *Sonetos*, cuja unidade, não premeditada, lhe constitue a aparencia e o fundo duma obra quasi completa.

É absurdo, pois, atribuir este estado de espirito, quer á educação coimbran, de que Anthero se libertou muito cedo, quer á voluntariosa apathia, quando, debatendo-se na peior das prisões, a prisão cellular do seu proprio pensamento (a peior das penitenciarias) elle fixou e idealisou tão perfeitamente as impressões e sentimentos da alma universal humana em lucta com uma

face dos problemas, que serão sempre a sua eterna preoccupação!

É esta a sua obra!

*

Hipocondrias de origem nervosa ou imaginosa, filhas do desespero da comparação do real com o ideal não levam o homem stoico, como era Anthero, ao extremo do suicidio. Anthero conhecia as bellas palavras de Carlyle fallando das que Oliver Cromwell sentia:

Samuel Johnson tambem teve hipocondrias: todas as grandes almas estão sujeitas a tel-as e a permanecer geralmente numa espessa escuridão até que as eternas vias e as celestiaes estrellas guiadoras se descubram e o vago abismo da vida se concentre em firmamentos para elles! Tentações no deserto. Escolhas de Hercules e o similhante, em forma solta ou succinta, estão destinadas para todo o homem, que quer afirmar em si uma alma e ser um homem.

Que Oliver tenha conforto nas suas negras tristesas e melancolias! A quantidade de magua, que elle tem, não significa, porventura, a quantidade de simpathia, que possue, a importancia de faculdades e victoria, que ainda hade obter? A nossa tristesa é a imagem invertida da nossa nobresa. A profundidade do nosso desespero mede o quanto de capacidade e a altura do direito, que podemos esperar. Embora fumo tão negro, como o de Tophet, encha o vosso universo, podeis com verdadeira energia do coração tornal-o chamma e deslumbramento do Ceu! Coragem!

Anthero era homem para comprehender a grave nobresa destas palavras. A sua vida, desde muito novo, foi, como se vê, «a dolorosa, mas intrepida resistencia á fraquesa e ao desespero: como que o desafio duma indole stoica á sorte adversa, obstinadamente sofrida sem receio, embora sem esperança!» Foi por certo esta naturesa de luctador, que durante longos annos o salvou do suicidio naquelles periodos da doença e dos sofrimentos agudos,

em que o homem conserva apenas a lucidez necessaria para comprehender que está suspenso pelo mais debil dos fios, prestes a romper-se, sobre o abismo da loucura.

É debaixo destas impressões que elle diz: «O mundo real, o mundo visto á luz da sciencia é uma cousa atroz! *Despair and die!* Desespera e morre!» (*A Poesia na Actualidade, a proposito da Lira Intima*).

De facto, qualquer homem de sciencia com alguma attenção podia marcar o dia, em que a inanição completa, tão certa como se fosse produzida pela fome, o levaria, talvez atravessando a loucura, á morte inevitavel. Foi esta loucura que elle quiz evitar pelo suicidio. Nos ultimos dias achava-se tomado daquella agitação extrema, que não fixa, sequer por momentos, a mesma ideia ou o mesmo objecto. Tomava os livros ao acaso, discutia-os por segundos e passava dahi, succumbido até ao extremo, para as intimas expansões aliviadoras (unicas que lhe conheci) de preoccupações, em que o infinitamente pequeno se transformava no infinitamente grande, a visão de um mosquito tomava as proporções de um elephante. Surprehendi-lhe o receio da loucura, ao lembrar-lhe a hereditariedade dessa doença, sem me recordar que o irmão morrera doido. No ultimo dia, porém, em que o vi, julgava-se atacado de uma afecção da espinal-medulla e procurava anciosamente entre os meus livros algum tratado sobre o assumpto.

Os ingleses consideram os suicidas, como victimas de uma insania temporaria. Embora esta ideia não corresponda a um certo aspecto dalgumas realidades, como n'este caso, pois que evitar a loucura, mesmo pela morte, é preferir muito racionalmente o menor dos males, ella é conservadora do respeito do homem pelos seus similhantes e por si, unica base indestructivel da humanidade, perdida a qual retrogadamos para os mithos degradantes da graça e do acaso.

Nenhuma fé stoica, deista ou athea, evitou jámais o suicidio!

Se não o queremos admirar como uma consagração da liberdade humana, é forçoso respeital-o, como um facto superior a todas as nossas religiões, a todos os nossos sistemas.

*

Anthero, republicano emquanto julgou essa forma de governo a mais favoravel ás suas ideias socialistas, torna-se, desde 79, benevolamente sceptico em relação ao partido monarchico, intitulado progressista, em que Oliveira Martins dali a pouco se filiava com a mais decidida aprovação delle. Em fevereiro desse anno, pedindo-me informações sobre a possibilidade da venda das suas propriedades em S. Miguel, «onde não prevejo voltar a viver em epocha alguma, por me ser nocivo o clima», accrescenta:

Isto por aqui, parece-me cada vez mais pôdre. Entre os progressistas alguns ha de boas intenções: mas tenho observado, na historia, que quasi sempre são precisamente os homens de boas intenções, que fazem as maiores asneiras. Tal é a natureza humana e a das humanas sociedades! Entretanto, não quero ser pessimista, e por isso exclamo, ainda que com tibia convicção: — Deus proteja os progressistas!

*

Por agosto de 80, escrevendo a Lobo de Moura, que via frequentes vezes Anthero, encarreguei-o de lhe apresentar algumas observações contrarias ao socialismo systematico e intransigente, que, por estes caracteristicos,

me parecia ir de encontro exactamente aos seus fins confessados.

Apontava-lhe a realisação na Inglaterra, dentro da liberdade, de um grande numero de medidas socialistas, superior, por certo, ao das alcançadas nos paizes mais impregnados de socialismo theorico, cathedratico ou dogmatico; e notava-lhe a constante baixa de juro ali, determinando uma aproximação constante e segura dessa gratuidade do credito e valorisação do trabalho que, sendo um dos dogmas do novo evangelho, é, em definitivo, apenas uma consequencia do movimento fatal da sociedade moderna pela sciencia, pela industria e pela liberdade. Mais tarde tive o prazer de ver esta ideia largamente desenvolvida por Morley, na sua admiravel biographia de Cobden (1.ª edição 1881, a pag. 185), que elle termina por estas palavras:

Se juntarmos á vasta fabrica da nossa legislação sobre o trabalho, o nosso sistema de assistencia publica, chegamos ao surprehendente resultado de evidenciar que o paiz em que menos se tem fallado em socialismo, é aquelle em que os seus principios teem sido mais extensamente aplicados.

Esta mesma ideia vem, pelo menos, imparcialmente exposta no ultimo livro de Oliveira Martins—*A Inglaterra de hoje.*

Lobo de Moura respondeu-me em 18 de agosto e... de setembro:

Li a sua carta a Anthero, sem a discutir, porque me sinto fraco na especialidade... Tenho visto o Anthero, que não vae mal; já passeia um pouco: sofre, porém, uma grande susceptilidade nervosa. que lhe dificulta o adormecer, e come uma só vez por dia. Agora publicou um manifesto, que ainda não li, a respeito da sua candidatura platonica e exclusivamente theorica pelo partido socialista. Digo platonica e theorica, porque não ha probabilidade de eleição. Elle mesmo assim o considera, e, confessando ideias diversas das vulgarmente apelidadas

socialistas e das que professam os seus eleitores, consente todavia no facto por motivos, que lhe não aprovo, se os não censuro.

Confesso que não entendo nada do novo plano de direito economico, que se pretende substituir ao antigo, e acho dificuldades em defender aquelle nosso amigo, como se deve defender um amigo, quando o seu nome vem á discussão. Por isso, aguardo um livro promettido pelo Oliveira Martins, para ver se comsigo pôr-me a par da questão. Em tempo fui um pouco socialista: as minhas ideias, porém, chegavam apenas ás medidas correctivas e limitativas e presumia vel-as realisadas só pelo estudo da natureza do imposto, na sua incidencia, na transformação em obrigação juridica de certos deveres moraes, etc. Hoje, porém, estou afastado do problema, que se me tem afigurado insoluvel e que me parece dever ter antes uma solução na moral.

Como se vê, apezar dum Orçamento do Estado a paginas tantas do *Portugal e o Socialismo*, a theoria do sistema não adquiria adeptos e via-se obrigada a acceitar, como qualquer Fontes ou Braamcamp, os votos de eleitores, que não comprehendiam as ideias dos seus eleitos. O sufragio universal dará sempre este erro fundamental, em quanto o não limitarem ás eleições unicas em que elle é competente, deixando aos seus eleitos primarios e aos destes a escolha dos representantes das categorias superiores.

*

Em 1882, Anthero participa-me que fixou a sua residencia em Villa do Conde, terrasinha antiga placida e campestre, onde viveu como verdadeiro eremita, muito ao sabor dos seus humores de solitario. Levaram-n'o a esta resolução as miserias de Lisboa e o descalabro definitivo e sem remissão de Portugal. A vida monacal, aplicada nos ermos inhospitos do mundo, ás indagações da sciencia, foi o ultimo *desideratum* de Anthero, que, por certo, via nella, principalmente, aquella submissão

da vontade propria á vontade alheia, a prece de libertação do espirito, cançado da lucta e privado da energia, exgotada pelos insucessos da vida!

O isolamento produz naturalmente este crescimento da personalidade, a que elle se refere, cristalisando sem atrictos ou resistencias, as suas ideias, sentimentos ou manias: «É-se monarcha de tudo que se vê» dentro e fóra de si, ainda mais dentro do que fóra de si! A contradicção não limita, perturba, contesta ou destroe essa extensão infinita do individuo, envolvendo e povoando, como um verdadeiro Budha, o universo pela contemplação definitiva, livre e isenta das alterações do passado do ser, sujeito ao tempo e á mudança.

Nenhuma phrase dá melhor a ideia do sentimento do homem, muito absolutamente pessoal, nestas condições, do que a da imitação. *Quoties inter homines fui minor homo redii.* Observação ingenua do orgulho do monge, do asceta e do solitario, tão contraria á humildade christan, mas tão expressiva á impressão do seculo e do mundo sobre o philosopho e mistico, que pelo seu isolamento chega á completa afirmação e definição dos seus mais intimos, vagos ou indecisos pensamentos.

Não sei se em alguma outra composição Anthero exprimiu jámais, tão profunda e religiosamente, como na carta que se segue, de envolta com algum sentimento humano, esse fundo ou *substractum,* preciso e vago ao mesmo tempo, como uma theoria ou um culto, cheio do eterno e immortal, que elle suppõe á alma humana; esse dá o segredo da sua vida e imprime ás suas ideias e sentimentos e actos, desde a mocidade, aquella inalterada direcção, a que as fortes individualidades viris dobram os mais perturbadores accidentes da existencia! A compaixão por uma grande perda irreparavel e o isolamento, que fundira definitivamente em bronze inalteravel o nucleo central, stoico, dos seus pensamentos, explicam por

um lado a piedade comovida do homem e pelo outro a crueldade inconsciente do philosopho e do mistico, que imagina poder dominar, num momento e sem repulsão, por um abstracto sistema espiritual as vivas convulsões de um sofrimento recente!

Villa do Conde, 12 de agosto de 1884.

Meu João: — Só ha dias pelo ***, que encontrei no Porto, soube a cruel noticia, e tenho pensado muito em ti. Meu João: — Conheci-te sempre um caracter viril e uma natural inclinação para os sentimentos moraes, fortes e stoicos. Oxalá que isso só baste para te abrir as portas da serenidade. Muita gente te dirá que te distraias. Eu, pelo contrario, dir-te-hei que não te distraias, mas trates de ser pelo pensamento superior á sorte e á dôr. Mas estará o teu pensamento no verdadeiro caminho, e comprehenderás tu plenamente que a realidade é mera apparencia e só existe verdadeiramente como simbolo e vehiculo da vida moral? Se sim, fico descansado a teu respeito. A dôr será para ti transparente e luminosa, não opaca e soturna, como o é para os homens só naturaes; e o dever, perdendo o que para esses tem de amargo e como que de fatal e inexpressivo, aparecer-te-ha como o mel mais fino e a essencia da vida moral. Nelle encontrarás mais do que consolações: serenidade e plenitude... quanto cabe em limites humanos. A nossa vida, meu João, verdadeiramente é só a vida da nossa alma, do misterioso e sublime Eu, que somos no fundo. Ora esse Eu ou essa alma tem a sua esfera na região do impessoal; o seu mundo é o da abnegação, da puresa, da paciencia e do contentamento; na renuncia do individuo natural e de tudo quanto o limita, algema e obscurece, é que consiste a sua misteriosa individualidade. Taes são, meu muito querido amigo, os votos que por ti faz o meu coração e as exhortações que elle te dirige.

Acceita-as, não só como inspiradas por uma funda amisade mas autorisadas, se tanto posso dizer, pela experiencia duma vida quasi só de sofrimento, de que até hoje, apesar de lapsos e tentações, a alma tem sempre saído triumphante e contente.

Não sei se tens algum conhecimento do Budhismo. Desejava muito que te aproximasses desta grande doutrina. Facilmente distinguirás o que ali ha de local e transitorio; o que resta é eterno e fonte de toda a consolação e bem moral. Adeus. Recebe um apertado abraço, etc.

Naquelles que teem sofrido, nos espontaneos, como as mulheres, mesmo as mais cordealmente admiradoras de Anthero, (que foram muitas!) a impressão de indignação á primeira leitura desta carta tem sido invariavelmente identica.

— Este Anthero! este Anthero!... a dôr transparente e luminosa!

Assim exclamava uma illustre dama, amarrotando a carta, ao contemplar no seu pequeno salão, em volta da plenitude da sua felicidade de esposa e mãe, o espectro destas consolações, que embora não banaes, teem aquelle caracter de resignada submissão, que indigna o sentimento palpitante, revolto ainda mesmo perante a fatalidade do inevitavel!

E comtudo, passada a primeira impressão da creatura natural, como diria Anthero, a alta nobresa espiritual dos pensamentos, direi mais: a verdade da observação impõe-se como o reflexo da nossa propria experiencia e sensação. Não que essa ideia stoica do homem mais que natural corresponda á realidade (os proprios rugidos poeticos de Anthero o desmentem), mas porque ella representará sempre para o homem aquelle alto ideal, que, elevando-o acima do bruto e do animal, satisfaz o pundonor do seu espirito e do seu sangue.

Não é stoico quem o quer ser! O temperamento, talvez ainda mais do que a educação, afeiçoa o caracter, a que esta dará a consciencia intima e propria com o relevo que o distingue da vulgaridade, escrava das temporalidades da carne e do momento. O excesso da vontade, porém, que, consciente ou inconscientemente, é forçoso dispender, destruindo o animal, reduz e humilha o homem até áquella sua verdadeira posição na escala dos seres, a que elle se julgava superior, não pela observação ou pela sciencia, mas simplesmente pela illusão de uma grandesa relativa, que aliás lhe parece inexplicavel.

*

Desde esta data as peripecias da minha vida, a que Anthero dedicava um interesse afectuoso, raro de encontrar, aproximaram-nos, quasi dia a dia, embora separados quasi sempre por milhares de legoas. Excepcionalmente, em fevereiro de 86, passámos alguns dias na Foz e ahi me explicou elle a origem e intentos da aproximação do grupo politico presidido por Oliveira Martins, no Porto, do partido progressista.

Embora apenas benevolamente simpatico áquelle movimento, de que elle não esperava demasiado, a verdade é que a sua amisade por Oliveira Martins e a influencia natural do meio em que vivia levaram-no a interessar-se mais vivamente do que era de prever, pelos planos que esse movimento pretendia realisar. Nessa occasião Oliveira Martins partira para Lisboa, segundo me disse Anthero, afim de decidir o partido progressista a apoiar um plano de conversão, atribuido a Fontes, que era uma bancarrota parcial, similhante áquella que se realisou nos ultimos tempos. Pareciam-me naquelle tempo absolutamente destituidas de fundamento aquellas ideias e, não acreditando que ellas fossem perfilhadas por Fontes, vaticinei ao partido que as aventasse o mais completo dos fiascos.

Os successos futuros deram rasão ás previsões de Oliveira Martins; confesso, porém, que as bases, de que elle as deduzia, ainda não me parecem suficientes para explicar os factos occorridos e que attribuo a circumstancias accidentaes, incalculaveis naquelle tempo.

Voltando, então, de uma viagem aos Estados-Unidos, as minhas descripções da California impressionaram de tal modo Anthero, que pouco depois elle escrevia-me:

Quando tenhas tomado alguma resolução definitiva communica-m'a, pois; ao menos, quando pensar em ti, saberei onde paras e o que fazes. E, quem sabe? Se se realisarem os teus planos californianos, talvez um dia vá lá juntar-me comtigo, buscando mais largos horisontes, senão para mim, para aquellas duas creanças, que fiz minhas.

Acho que sempre valerá mais do que a cadeira de Senador, que o Oliveira Martins me promette. Serio: tenho-me surprehendido já por duas vezes a scismar nisto. Mas o futuro a Deus pertence, como eloquentemente disse o dr. Jardim.

Como se vê, Theophilo Braga, inexactissimo, quer nos factos, quer nas apreciações relativas a Anthero, ainda o é quando afirma que este se magoara e indignara com o que elle chama *a apostasia* de Oliveira Martins. Anthero de Quental, embora não tomasse uma parte activa na politica, a que aquelle se ligara, considerava util ao paiz a interferencia de homens de valor, até ali abstencionistas por uma questão de forma governamental, acima da qual estavam interesses de importancia muito superior, em parte nenhuma absolutamente antinomicos com a monarchia.

É por isso que em março e julho de 86 elle me diz:

Os bons astrologos politicos dizem que o ministerio, tal como está, não poderá durar muito, pois se acha dividido em dois campos rivaes. e preveem crise para depois do casamento do Principe. O campo de batalha é o novo ministerio, destinado a Oliveira Martins e o programma financeiro e economico do *nosso grupo*. O Oliveira Martins leva para o ministerio projectos importantes, um principalmente para a colonisação do Alemtejo. Oxalá não caia tudo á agua.

Em julho de 89, notei nelle um extraordinario abatimento phisico: envelhecera rapido; moralmente, porém, vivia naquella resignação, que tão bem descreve:

Já socega, depois de tanta lucta,
Já me descança em paz o coração.
Cahi na conta, emfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e á Sorte se disputa.

e ainda melhor, porque mais sabiamente, numa carta, dirigida a Joaquim de Araujo, que tenho á vista:

Tenho envelhecido voluntariamente, o que é uma grande cousa. V. falla-me em desilusões Doa-se como é natural, mas não as maldiga. As desilusões são a sabedoria, que vem ter comnosco disfarçada em carrasco. Mais tarde é que se conhece isso. Assim, pois, coragem.

Nenhumas palavras mais adequadas para tornar saliente a ideia que eu desejaria dar delle, explicando pela sua vida intima e pela sua prosa de todos os dias o lirismo dos seus versos, uma cousa, que lhe seria muito grata, por ser como que o desdobramento, ou melhor: a justificação de quanto de vago e quasi irracional, proprio da musica e dos versos, existe nos seus trabalhos e que lhe era profundamente antipatico! Ser um romantico, era a maior injuria, que elle recearia para a sua memoria, quando renunciou a uma existencia, que lhe parecia inutil senão nociva! Doia-se em bellos versos, como é proprio da expansão de toda a creatura viva, na linguagem que lhe é peculiar, mas fazia-o objectivando-se nos seus proprios sentimentos e sensações, com aquella alta nobreza e isenção de quem lhes é superior e de quem os domina.

O grão de areia que, matando Cromwell, mudou a face da Europa está aqui, desviando uma alta intelligencia da senda que a rasão lhe impõe, para o estudo das nevroses que a oprimem. Pessimo psicologo em causa propria é neste anno de 89, que elle me diz:

Como sabes sofri sempre de manias; posso, pois, dar conselhos de experimentado sobre esse ponto... Fallo-te, como doente a doente. Contra a ideia fixa só tenho encontrado um remedio, mas radical e heroico: abstrahir do motivo da ideia fixa. Se tenho já por vezes escapado á loucura, á ideia fixa, tem sido pelo emprego deste processo, custoso bem o sei, mas digno dum homem!

Erro quasi inacreditavel da parte de observador tão intelligente, porque a ideia fixa, a parasita humana que, como a vegetal, indica o enfraquecimento de quem a alimenta, só desaparece com a renovação ou a morte do ser que a sustenta.

Se a duração da vida de Anthero mostrou a importancia deste esforço, o termo della provou quaes os limites, que a naturesa impõe á fragil creatura, embora dotada da mais robusta vontade.

*

Numa carta, que tenho á vista, o sr. Göran de Björkman diz a proposito de Anthero:

Aquelle que, por causa das minhas disposições individuaes, tinha adquirido mais que os outros poetas contemporaneos, a minha simpathia, o grande vidente deste fim de seculo, o irmão espiritual dos Dante, dos Dürer, dos Beethoven já não existia aqui como um nobre arauto do mundo eterno do ideal! E o sentimento da solidão, a escura nostàlgia de nossas almas crescia ainda mais; o deserto da vida não tinha já um unico farol! Porque estes corypheos do ideal não nascem cada epocha, para se substituirem uns aos outros sem interrupção.

Ora quanto mais eu me familiariso com a atmosphera intellectual em que vivia Anthero, tanto mais desejo escrever uma memoria sobre a sua posição na evolução poetica do seu paiz. É verdade que esta tarefa me será bastante dificil, não estando ainda publicados muitos documentos necessarios, e elaborados com a imparcialidade desejavel aquelles que já o foram . . . Comtudo, graças á minha boa vontade e ao concurso desinteressado do grande numero de verdadeiros amigos de Anthero, espero que o meu trabalho terá algum merecimento, e para isso atrevo-me já de antemão a reclamar o seu concurso quando delle tiver necessidade.

Não poderei occupar-me da tarefa, definitiva e continuamente senão daqui a algumas semanas. Comtudo desejo começar já hoje a serie dos meus pedidos. 1 — Acaso tem a Bibliotheca publica de Ponta Delgada já impresso o catalogo da Livraria de Anthero? Não é pre-

ciso indicar-vos quanto me seria util para a minha tarefa conhecer as leituras de Anthero. 2 — Não tendes a intenção de publicar uma collecção completa das obras de prosa de Anthero, comprehendendo nella as suas cartas de interesse geral?

Como se vê, o sr. Björkman alia ao enthusiasmo mistico, especial dos povos do Norte, o mais seguro methodo de indagação biographica e litteraria, propria da nossa epoca. A approximação de Anthero com os Dante, os Dürer e os Beethoven revela uma comprehensão muito exacta e frisante, tanto da factura artistica, como da poesia intima e das tendencias do espirito de todos elles.

Dante, idealisando a theologia da Idade-media e antevendo o futuro; Dürer, iniciando a Renascença cheio de reminiscencias do passado; Beethoven, abrindo o seculo XIX com as suas prodigiosas improvisações, em que a alma humana, depois de martirisada até ao infinito do soffrimento a descer os extremos sombrios da desesperança do presente, paira por momentos nas cadencias vagas e incertas da duvida, entre a dôr e o prazer, para remontar pelos crescendos sublimes e precipites dos sons, das vozes, e das aclamações victoriosas, ás alturas divinas da luz e da esperança, no livre sonho illimitado das visões do futuro,—são de certo os irmãos genuinos de Anthero; revelando-se, quer na duvida ou crença dos seus poemas religiosos a severa e dolente harmonia de Dürer e Dante, quer no desespero, duvida e aspiração á Beethoven a ancia perturbada das suas poesias sociaes!

Ha nisto quanto basta para morte . . .
Para fechar os olhos sobre a vida
Eternamente, abandonando á sorte
A palma da victoria dolorida!
Ha quanto baste por que já se corte
A amarra do destino, emfim partida,
Com um grito de dor, que leve o vento
Onde quizer — *a morte e o esquecimento!*

. . . .
Com que passo tremente se caminha,
Em busca dos destinos encubertos,
Como se estão volvendo olhos incertos,
Como esta geração marcha sosinha!

Fechado em volta, o ceo, o mar escuro
A noite longa, o dia duvidoso,
Vai o giro dos ceos bem vagaroso...
Vem longe ainda a praia do futuro...

Não é a grande luta, braço a braço,
No chão da patria, á clara luz da Historia...
Nem o gladio de Cesar, nem a gloria...
É um mixto de pavor e de cansaço.

. . . .
Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os ceos, os ceos ingentes
Serão leito de amor — tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

Sob o ponto de vista phisiologico e psicologico, é curioso comparar os temperamentos de Beethoven e de Anthero. A extrema sensibilidade nervosa, que determina as expansões musicaes ou poeticas, a profunda intuspecção da impressão das sensações e ideias proprias, donde brota com uma força indominavel a inspiração, traduzindo os mais intimos sentimentos e concepções, em que toda a alma humana se reconhece immortal atravez das gerações, teem em ambos, muito provavelmente, a mesma causa morbida actuando sobre intelligencias excepcionalmente completas e lucidas.

Ambos doentes e hipocondriacos, Beethoven, ora inacreditavelmente irritavel e sombrio, ora extremamente afectuoso e communicativo, corresponde a Anthero infinitamente triste na sua vida e nos seus versos, mas sempre bondoso e genial para com todos. Beethoven deve ter sido um dispeptico, como Anthero o foi por tantos

annos. A cada passo, no seu diario e nas suas «revelações», se encontram as epigraphes — «Miser et pauper sum — Ainda um dia de dôr — Inter lacrimas et luctum» — correspondendo ás poesias desoladas de Anthero! Conservador e humorista de encantar, dizia-se delle, como [illegible]eria dizer deste ultimo, que a sua conversa era a [illegible]ção ou o *libretto* das suas obras. De facto, se [illegible] tivesse a seu lado um stenographo, teria dado ao mundo volumes de pensamentos, humorismos e con[illegible] originaes de extranho e incomparavel interesse!

Certas formas da hipocondria determinam estes extremos de expansão, que podem illudir a quem não sabe quanto o padecente precisa sahir fóra de si, fóra do horror e amargura dos seus proprios pensamentos.

Retirado do mundo, Beethoven diz no seu testamento:

Homens, que me julgaes odiento, intratavel ou misantropo, como sois injustos! Não sabeis a causa secreta do que parece tal. O meu coração e a minha intelligencia foram desde a infancia ternos e bondosos, a minha inclinação dirigida para realisar grandes cousas. Mas pensae que desde ha seis annos tenho um mal incuravel... — Nascido com um temperamento activo e ardente, apaixonado mesmo pelas diversões da sociedade, vi-me obrigado a retirar-me della ainda novo, e a levar uma vida solitaria... Éra-me impossivel dizer aos homens: Fallae mais alto, gritae, porque eu sou surdo!... Como me seria possivel confessar a fraqueza dum sentido, que eu possuira mais perfeito do que qualquer outro homem?

Anthero de Quental escreve-me, em 2 de janeiro de 1882:

Não sei ha quanto tempo te não escrevo, mas bem sabes que és daquelles poucos que tenho sempre perto do coração. Participo-te que fixei actualmente a minha residencia em Villa do Conde, terrasinha antiga, placida e campestre, muito ao sabor dos meus humores de solitario. Vivo aqui como verdadeiro eremita, e quando quero socieda-

de, que não me faça envergonhar de ser homem, vou até ao Porto conversar com Oliveira Martins. Villa do Conde é quasi nos arredores do Porto. Penso que não sou naturalmente misantropo, antes muito sociavel: mas a sociedade de Lisboa, com tantas miserias, sem lado algum bom que as resgate, acabou por me fazer tomar tal enjoo por tudo isto e tal desalento, que vim metter-me neste buraquinho com um sentimento de alivio inexprimivel.

Considero tudo perdido em Portugal e sem remissão possivel. Sendo assim, para que ha de a gente affligir-se inutilmente? A natureza, para quem sente crescer-lhe a vida interior no meio della, basta. Adeus.

A hipocondria, que põe uma nevoa luctuosa na visão de todas as cousas, tornadas inexpressiveis e incomprehensiveis, é aqui clara e patente:

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo d'esse mundo morto
E torna a olhar as cousas naturaes,

A' bella luz da vida, ampla, infinita,
Só vê *com tedio, em tudo quanto fita*,
A illusão e o vasio universaes.

e tanto mais, quanto Anthero era fundamentalmente um destes espiritos, que tudo perdoam porque tudo comprehendem. De facto, apenas ligeiramente merencorio na primeira mocidade, a hipocondria e os simptomas dispepticos acentuam-se-lhe parallelamente ás emoções moraes, que elle confia aos seus versos, se não á palavra ou ás missivas aos seus amigos dirigidas.

Estas emoções produzem a dispepsia, e nos cerebros dos artistas aquella excessiva e incessante producção de ideias que os intensifica, e que é muitas vezes, ao mesmo tempo, a origem das mais vividas creações litterarias.

Já em 1867, Anthero se me queixava aqui — «do remoer da intelligencia sobre si, que o torturava excessiva

e incessantemente.» Um dos maiores compositores da Allemanha, fallecido pelo meiado deste seculo, não podia, no ultimo periodo da sua vida, conciliar, sequer por um momento, o somno, pela impossibilidade de fazer cessar a producção das suas ideias musicaes.

Encontraram-se-lhe ossificações no cerebro.

*

Que dizer dos estudos metaphisicos, a que Anthero parecia querer dedicar os ultimos annos da sua vida? O que elle publicou dá a ideia de um Heine de *première qualité* e não de segunda, como elle modestamente se qualifica em relação aos *lieder*. Ao lembrar-me, porém, do mordente humourismo do homem e do seu profundo conhecimento de Shakespeare — pergunto a mim mesmo, se, no final da sua existencia, elle não repetiria, sorrindo, a phrase daquella desolada do grande poeta: *Ensina-me a metaphisica, para que eu possa enlouquecer*.

*

Na ultima carta, que delle possuo, 19 de maio de 91, diz-me:

Isto por cá vae-se desconjuntando seriamente. De perto te explicarei a situação, que me parece gravissima, para não dizer desesperada.

A phrase lembra Camões ha tresentos annos!

Num pequeno poema simbolico, impregnado daquella alta nobresa de ideias e estilo, que lhe era peculiar: *Os vencidos*, Anthero resumiu em tres quadras a historia da

sua vida e seus desastres, no mais bello e verdadeiro epitaphio, que poderia ser posto no seu tumulo:

Irmãos, amei — amei e fui amado . . .
Por isso vago incerto e fugitivo,
E corre lentamente um sangue esquivo
Em gotas, de meu peito alanceado.»

Irmãos, amei a Deus, com fé profunda . . .
Por isso vago sem conforto e incerto,
Arrastando entre as urzes do deserto
Um corpo exangue e uma alma moribunda.»

Irmãos, amei os homens e contente
Por elles combati, com mente justa . . .
Por isso morro á mingoa e a areia adusta
Bebe agora meu sangue, ingloriamente.»

Esta clara previsão do seu fim indica a naturesa e a intensidade do sofrimento, a ampla desillusão do espirito e a hipocondria, que juntas (aqui talvez por um acaso da sua organisação phisica, não como causa e effeito) são as mais seguras provocadoras da ideia de suicidio, que decerto o tentou mais de uma vez (1).

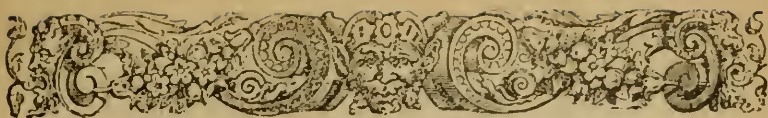
Ponta Delgada (ilha de S. Miguel), 30 de novembro de 93.

João Machado de Faria e Maya

(1) Como confirmação do nosso modo de ver a Questão Coimbran, incluimos nesta nota final a seguinte passagem, que comnosco protesta tambem contra as opiniões recentes de um critico:

«O publico cansou-se de comprar folhetos disparatados, e a questão cessou pela indifferença; os editores fecharam as livrarias aos escriptores revolucionarios, e o nome de Anthero de Quental foi envolvido «**na lenda perfida da loucura...**»

Theophilo Braga — *Historia das Ideias democraticas em Portugal* pag. 154. Lisboa, 1880.



TRIBUTO SINGELO



OR uma d'essas malquerenças da Sorte, que não teem muitas vezes explicação, e que temos, não menos frequentemente, a consciencia de não merecer, eu nunca vi Anthero de Quental. Parece quasi incrivel que, tendo o grande poeta vindo a esta ilha, sua patria, duas vezes, depois que aqui resido, e n'ella estado por alguns mezes, eu nunca o encontrasse na rua, no theatro, n'um lugar publico, nem n'uma casa particular. Anthero, na sua terra natal, isolava-se e concentrava-se. Geralmente hospedado por um amigo, em cuja familia encontrava uma familia, cercado de alguns intimos, que o admiravam até ao fanatismo, e formavam, em redor d'elle, uma pequena e intelligente corte, Anthero vivia entregue, é verdade, aos soffrimentos physicos de que foi martyr, mas cercado de affectos e admirações, que retribuia principescamente, espalhando sobre quantos o cercavam as flores brilhantes do seu incomparavel espirito.

Foi por isso, talvez, que eu nunca vi Anthero de Quental, embora o houvesse cumprimentado em uns pobres versos por occasião da sua vinda a S. Miguel, a primeira vez depois que resido n'esta Ilha.

Anthero lêra a minha saudação, citando-a amavelmente a João de Deus e a outros amigos; a sympathia com que o grande poeta se referia ao meu nome ficou bem assignalada nas suas conversas, d'onde passou a fixar-se no prologo das *Cadencias vagas*. Só ha pouco me foi dado pagar um debil quinhão da minha divida, imprimindo, em opusculo, com um dos queridos amigos do poeta um pequeno estudo que, por signal, ficou sendo a sua unica obra dada a lume em Ponta Delgada, e apresentando, primeiro que ninguem, o alvitre da impressão do catalogo critico da sua livraria. O senado Michaelense adoptou a minha indicativa. A taes motivos, com certeza, devo eu aos srs. Björkman e Prestage a honra de me escolherem para depor os seus livros de homenagem antheriana na nossa bibliotheca municipal.

Como os demais collaboradores d'este livro, não pertenço ao numero das pessoas que conheceram pessoalmente Anthero de Quental; mas pertenço indubitavelmente ao numero dos que o amaram e dos que têm vivido, pela sua obra, uma vida intensamente espiritual. E considero para mim como um titulo de gloria a autorisação gentilissima de Anthero «de dispor do seu nome» para a lista de collaboradores de um modesto semanario de litteratura que redigi e que teve a duração das rosas de Malherbe. Com essa autorisação, alludindo aos seus trabalhos philosophicos, Anthero dizia-se-me «absorvido por estudos d'outra natureza, que todavia não estão tambem sufficientemente completos, para me permittirem escrever n'essa outra ordem de ideias».

Era em 1888.

*

Um dia, entrei na loja em que Anthero devia, passados annos, comprar a arma que lhe serviu para a perpetração do suicidio, e um empregado d'esse estabelecimento disse-me:

— Se V. vem um pouco mais cedo, encontrava-se aqui com o sr. Anthero de Quental.

E ficou-me na alma como uma funda magua, por não ter visto o poeta maximo, o pensador profundissimo, cujos versos sabia de cór, e para cujo pessimismo tenho encontrado explicação em tantas phases da minha vida.

E, se o tivesse encontrado, tel-o-hia reconhecido á primeira vista: o seu bello perfil correcto e nobre, apanhado em diversas photographias, ficara-me na retina, como os seus versos me haviam ficado na memoria.

Passaram-se mezes, passaram-se annos, e na occasião em que Anthero voltava á ilha que lhe fôra berço — com intuito, affirmava-se, de n'ella estabelecer residencia — disse-me um dos seus intimos, o sr. João Machado de Faria e Maia, encontrando-me em casa de seu sogro e meu venerando amigo, dr. José Pereira Botelho:

— Vae ter a visita de Anthero de Quental. Tem para lhe entregar um poemeto de Joaquim de Araujo, e perguntou-me onde residia, querendo em pessoa desempenhar-se da sua incumbencia.

Effectivamente, realisara-se pouco antes a brutalidade do *ultimatum* britanico, que inspirara a Joaquim de Araujo a sua ode patriotica, *A estatua do poeta,* um exemplar da qual me fôra destinado pelo auctor, que o confiara á amabilidade de Anthero de Quental. Ouvi com alvoroço e esperei com impaciencia a visita do poeta.

Estava, porém, escripto que eu não veria Anthero de Quental.

Passados dias, tive de seguir para a Ilha Terceira, onde me demorei aproximadamente dois mezes, e onde recebi, *coup sur coup*, pelo primeiro paquete de setembro (1891) o poemeto de que Anthero era depositario, e que me remetteu pelo correio, e pelo segundo, a grande, a deploravel, a ruidosa noticia de que o poeta do *Elogio da Morte* acabava de consagrar um novo preito á sua Deusa, procurando nos seus braços, doces como o somno, attrahentes como o abysmo e tenazes como o esquecimento, um refugio supremo, uma consolação eterna contra o *mal de viver*, tão caracteristicamente definido n'este verso pessimista, como o são quasi todos da sua grande obra:

De tudo, o peor mal é ter nascido!

. . . .

Ausente na Terceira, só dias depois do tragico passamento de Anthero chegaram até mim os funebres echos de tão deploravel catastrophe. A um amigo que me pedira pormenores detidos d'aquella triste morte, escrevi no meu regresso as seguintes linhas, que archivo na expressão mais facil de uma carta:

Anthero de Quental veio para esta cidade — sua patria — com intento de aqui se estabelecer; tomada tal resolução, mandou vir de Lisboa duas meninas, suas pupillas, orphãs de um amigo, o dr. Germano Vieira de Meyrelles.

Alugou uma casa em sitio retirado, no lugar denominado *San Gonçalo*, e mobilou-a, com o intuito de para alli ir residir com uma de suas irmãs, a sr.ª D. Anna de Quental, e as duas pupillas, que tão piedosamente adoptara.

N'isto surgiram-lhe umas difficuldades que, no estado nervoso em que se achava, o impressionaram fortemente.

Dias depois, hospedado em casa do seu amigo, o sr. José Bensaude, abastado negociante d'esta praça, e pae do conhecido mineralo-

gista Alfredo Bensaude, desistiu do prédio que alugara, e desfez-se da mobilia que havia adquirido.

Por essa occasião, fallou em seguir para Lisboa no paquete que d'aqui devia sahir a 18 de setembro, em consequencia, dizia, de se haverem aggravado os seus incommodos.

No dia da catastrophe tremenda, que talvez a elevação barometrica ajude a explicar, foi á loja de quinquilharias do sr. Benjamim Ferin, e dirigindo-se ao empregado d'esse estabelecimento perguntou-lhe se tinha revolvers á venda, accrescentando que, como ia residir para sitio retirado de visinhança, achava prudente andar armado para qualquer eventualidade. O empregado mostrou-lhe um revolver Lefaucheux, e ensinou-lhe a carregal-o, o que Anthero não sabia, pois, segundo disse, «nunca pegara em uma arma de fogo.» Pediu-lhe mais que lh'o carregasse, pois queria leval-o já prompto. Estava perfeitamente calmo e tranquillo.

— Ouvi contar, disse-lhe o empregado, que o senhor doutor seguia para Lisboa?

— Pensei n'isso, mas desisti, em consequencia de ter passado ultimamente melhor.

Tirou em seguida da algibeira algumas libras, e disse ao empregado que se pagasse, pois não estava habituado a fazer deducção de moeda fraca. Em seguida retirou-se.

Esteve nesse mesmo dia em casa do seu primo e amigo, sr. Augusto de Arruda Quental, e ao entrar, collocou sobre uma mesa um embrulho, e, sobre este, o seu chapeu. Conversou socegadamente. Quando se dispunha a sahir, o sr. Arruda Quental tomou o chapeu do poeta, para lh'o offerecer, e ia a dar-lhe por egual o embrulho. Anthero atalhou-o, dizendo:

— Não lhe pegues!

O sr. Arruda Quental não ligou attenção a estas palavras, de que depois se recordou. De resto, o revolver havia sido envolvido em varios papeis e de forma que se não denunciasse o contheudo.

Pouco depois, no campo de San Francisco, praça publica da cidade, o desventurado poeta — sob uma amorosa legenda que dizia ESPERANÇA, inscripta n'um velho muro de convento — suicidou-se disparando dois tiros.

Iam n'esta occasião chegando ao Campo os srs. drs. Jacintho Julio de Souza, cirurgião-mór do regimento de caçadores 11, e Mont'Alverne de Sequeira, distincto medico, auctor de um tractado de *Hypnotismo e suggestão*, muito apreciado.

Transportaram-no immediatamente ao hospital, que fica alli mesmo situado, e onde lhe prodigalisaram os maiores cuidados, du-

rante a sua horrorosa agonia, que durou cerca de uma hora, e que finalisou pelo derramamento cerebral!

. . . .

Acima falei no *Elogio da Morte;* vem a proposito intercalar n'estes paragraphos uma traducção ingleza inédita de tão magnifico numero da obra de Anthero, traducção devida ao sr. Edgar Prestage, um novo, cuja sympathia pela litteratura d'este pequeno paiz do sul se tem por diversas vezes affirmado, e que é ainda quasi desconhecida do publico portuguez:

IN PRAISE OF DEATH

To die is to be initiated.
GREEK ANTHOLOGY.

I

Oft the Inconscient at night's midmost pace
Shakes me with force, and I awake affright,
My heart as if crushed by a blow, poor wight,
Although robust, pauses amid its race.

Not that my mind fills full of tombs this space,
This vacuum of still and awful night,
That reason forces it to put to flight
Some pangs remorseful it dare hardly face . . .

No visionary ghosts of night I spy,
No mortuary phantoms filing by,
Nor yet of God and Fate have I a fear . . .

Nothing: the bottom of a warm dank well,
Curtained around by gloom, a silent spell,
And Death's sepulchral footsteps in the rear.

II

My painful thoughts immure themselves and me,
Each day, in dreamlands forest undefined.
Through realms of vague oblivion and blind,
Step after step, I'm led of phantasy.

I pierce, at dark, the chilly mist and see
A world most strange that's peopled by the wind,
While full of doubt and querulous my mind
Trusts but the ghosts of night full hopefully.

What mystical desire distracts me so?
Nirvana's deep abyss appears below
Confronting me so silent and so vast!

And in this voyage through solitary space,
I only seek to meet thee and embrace,
Sister of Love and Truth, thou Death at last!

III

I know not who thou art — yet do not seek,
(So great my trust is), to discover it.
Enough among night's forms with whom I speak,
If thou beside me in the dark dost sit.

Across the solitude obscure and bleak
Thy steps I follow fearing not a whit,
Right o'er the chasm of the Future e'ek
I lean me at thy voice, to fathom it.

For thee engulfed amid the world of night
Where phantoms dwell and on a nameless strand,
I try to fix thy wondrous gaze aright . . .

To fix, and fathom it, an hour's enow,
Funereal Beatrice with the icy hand . . .
The one consoling Beatrice here below!

IV

I guessed not long (what mist invincible
Blinded my spirit, this I may not know!)
Whom 'twas that by my side did constant go,
By day and night, comrade impassible . . .

Ofttimes! 'tis true, amid the unbearable
Extremest tedium of a life of woe,
To thee I gave a troubled look, alo
Invoked thee my last friend so peaceable . . .

But then I loved thee not nor knew indeed:
My listless pensament could nothing read
On this calm countenance, this silent scroll.

But now, enlightened by an inner flame . . .
Child of the selfsame oire, I know thy name,
Death co-eternal sister of my Soul!

V

Spectre austere, how shall I name thee pray,
Whom at the highroad's turning, undismayed,
I sight e'en as my soul's poor strength doth fade,
When it's worn out and weary of the way?

The crowd sees in thine eyes a gulf, and aye
It hides its visage and draws back afraid . . .
But I confide in thee, thou veiled shade,
And think I understand what thou dost say . . .

And step by step I see more clear indite,
In thy profoundest gaze that ne'er doth cease,
The lemmas of the Ideal, daughter of night . . .

I'll sleep upon thy breast changeless as fate,
In the communion of a worldwide peace,
O liberating Death inviolate!

VI

He only whom Non-Being doth affright
Feareth thy silence vast and mortuary,
Night without end and space most solitary,
Thou night of Death, the dark and dreadsome night...

Not I: my humble soul and full of might
Thy hall of mourning enters faithfully;
To others thou art ashes, vacancy,
For me thy gloomy face hath smiles most bright.

I love the holy peace ineffable,
The peerless silence of the Unalterable,
That cloaks the eternal Good in mourning suit.

Non-Being, though 'twere wrong to seek for thee,
It's not to dream about and worship thee,
The only Being true and absolute.

*

Não é só na Inglaterra que Anthero encontra um interprete intelligente e, nas almas de *élite,* um publico de admiradores:

Na Allemanha, no paiz em que Kant e Hegel ergueram os seus systhemas philosophicos, Schiller cantou e Schopenhauer arvorou o pendão da Desesperança, são lidas e apreciadas as eruditas versões antherianas do dr. Wilhelm Storck.

Na Suecia, é o paciente investigador Göran Björkman quem torna facultativa aos seus conterraneos a formosa e profunda obra litteraria do grande portuguez.

Na Italia, são diversos os traductores, devendo, no entanto, citar-se como o mais constante, o poeta Tommazzo Cannizzaro, cujos olhos se fecharam para a luz

do sol, victimados por uma enfermidade cruel, quando se abriram para o sol da immortalidade.

O povo mais culto do mundo, aquelle cuja litteratura é cosmopolita, e cujos livros são avidamente lidos pelos habitantes civilisados de um e outro hemispherio, tambem demora por um pouco o espirito *blasé* sobre a obra profundamente pensada e primorosamente artistica de Anthero, que encontra em Maxime Formont, um amigo intelligente e dedicado das boas lettras portuguezas, um biographo e um admirador consciencioso.

E, finalmente, na parte oriental da peninsula, os srs. Curros Henriquez e Baldomero Escobar, transplantaram para a lingua a que Carlos v chamava dos deuses, alguns dos sonetos impeccaveis do illustre morto.

*

Dadas as consagrações feitas pelos estrangeiros ao espirito de Anthero, não é muito que nós, os que o conhecemos ou o amamos, nos reunissemos para compôr esta corôa de flores nostalgicas, apenas dignas da memoria senhoril do poeta, cuja perfeição artistica na Forma sómente foi excedida pela concepção profunda da Ideia!

Ponta Delgada, 17 de dezembro de 1893.

Alice Moderno



UM JUSTO



Á longe do triste momento em que a surpreza me turvava o espirito e me cortava o coração, já longe da hora em que um desastre cruel roubou da vida o melhor dos meus mestres, desprendida das hallucinações da saudade e dos desvairamentos da dôr, a grandeza de Anthero de Quental cresce e attinge aos meus olhos proporções que n'outra atmosphera lhe desconhecia. A distancia não escurece esse homem superior que com a sua auctoridade e o seu talento engrandeceu a desditosa terra portugueza; pelo contrario, parece despojal-o das qualidades propriamente humanas, para o revelar sómente na candidez do puro espirito, força incorporea e inalteravel, inflexivel, proseguindo sem desvio na senda que o destino lhe marcou. A sua vida torna-se uma silenciosa epopêa, o combate d'uma grande alma em busca da Verdade, elevan-

do-se pelo proprio esforço das trevas do egoismo á imperturbavel paz do amor, para deixar-nos amplo e illuminado o caminho da redempção, a estrada que podemos trilhar sem sentirmos os espinhos da existencia, invulneraveis ao odio e ao mal que ensanguentam os corações miseraveis.

Não procurarei aqui marcar datas ou apontar factos da vida de Anthero de Quental; tudo o que sobre esse assumpto poderia dizer está dito por quem o sabe melhor do que eu poderia sabel-o. N'este ponto, uma só cousa me parece convir accentuar e repetir: é que a vida temporal de Anthero de Quental não foi assignalada por grandes penas ou por grandes trabalhos. As condições do nascimento e a modestia do viver permittiram-lhe ignorar os embaraços de descobrir meios economicos de existencia, ao mesmo tempo que, não tendo directamente a seu cargo familia numerosa ou quaesquer outros compromissos de ordem publica ou particular, encontrou-se sempre n'uma liberdade relativamente grande. Outro foi o campo em que combateu, outras e mais altas batalhas as que pelejou.

Não procurarei ainda esclarecer o caracter da sua philosophia ou da sua obra poetica; a sua exposição e critica estão feitas ha muito no magistral estudo que o snr. Oliveira Martins junctou á edição dos *Sonetos completos* de Anthero de Quental. Seria louca vaidade tentar corrigir ou ampliar no quer que fosse aquelle trabalho, que póde dizer-se definitivo e ha-de ficar como uma das joias da moderna litteratura portugueza.

Seja-me licito porém recordar a grandeza moral que a constituição d'aquella philosophia representa e a fecundidade pratica que encerra, e seja-me licito ainda lembrar que o desastre em que terminou a vida do apostolo não contradiz nem prejudica a verdade da sua doutrina.

Quem ler os *Sonetos* de Anthero de Quental — e só

a esta obra me referirei como a que melhor condensa toda a evolução d'esse elevado espirito — immediatamente descobrirá que o seu traço mais fundamentalmente caracteristico é uma indomavel anciedade de Verdade; descobril-a, para guiar e libertar do erro a sua alma, é a preoccupação permanente do poeta. Este sentimento domina e inspira toda a sua obra, é a fonte perenne da actividade do seu espirito, derrama-se por todas as emoções poeticas como por todas as meditações philosophicas; é o genio que arma o cavalleiro para a lucta, que lhe avigora o braço e que o isenta do desfallecimento. Essa anciedade, essa *vis intima*, é o traço dominante de toda a natureza tão rica de Anthero de Quental.

Armado com a unica couraça, a unica armadura, que resiste sem quebrar a todos os golpes, possuido o coração d'um sentimento que é a razão soberana da sua actividade, eil-o combatendo longos e dolorosos combates! Desalentos, desillusões, angustias, nada faltou a consagrar o seu martyrio. Contal-os, para quê!? Dizer como o poeta um momento julgou que na expansão dos instinctos naturaes estava a felicidade, quanto foi curto esse sonho e com que amargura despertou! Dizer como caiu no pessimismo e na desesperança, crendo vãs todas as promessas de paz, e dizer ainda como desvaneceu esse novo erro para alcançar então um mundo em que a felicidade não mente; contar um a um os passos do seu calvario, a duvida que tanta vez lhe assaltou o espirito e lhe perturbou a alma, valeria como recordação historica e como prova do seu longo soffrimento; mas é inutil insistir no que todos reconhecem. Basta-nos saber que a sua vida, interiormente inquieta e atormentada, posto que exteriormente, para o espirito vulgar, tão repousada, foi agitada durante muitos annos por uma ardente necessidade de conhecer a Verdade e de lhe subordinar a existencia.

De toda essa cruciante fadiga veio a concluir que o Amor é o unico fundamento racional da existencia, a verdade suprema no seio da qual o coração do poeta encontra tranquillidade e d'onde lhe dimanam balsamos que confessou valerem bem as lagrimas e o sangue com que encheu as asperezas do caminho. Todo o passado se illumina á luz d'esta nova estrella, todas as dôres se santificam pela graça que as coroou; e agora, nem a mancha dos proprios erros e ambições que a humildade lava, nem o desvairamento alheio que a caridade perdoa, tormenta alguma d'esta fragil e ephemera existencia terrena poderá roubar a paz ao coração do homem em que uma vez penetrou esse alento vivificante. — Viver para os outros — foi, em linguagem vulgar, a conclusão ultima de toda a philosophia de Anthero de Quental, conclusão alcançada n'um fervor intimo, n'uma tão viva sede de verdade, que tarde saciada, foi durante muitos annos a causa de todas as suas angustias.

Só um espirito particularmente estreito ou loucamente obcecado poderá deixar de vêr como a philosophia de Anthero de Quental termina n'uma conclusão nitida e clara, como essa mesma conclusão é fecunda em consequencias praticas e encerra a regra da existencia de que todas as demais são meros corollarios. Porque embora a critica se delicie no exame d'essa philosophia, desmembrando-a em mysticismos, budhismos e nirvanas, dissolvendo-a e desconjuntando-a n'uma analyse incompleta; embora a falta de sentimento moral, por incapaz de sympathia, pretenda que a sua obra é d'um louco, para a gente alheia a subtilezas philosophicas, para os que lèem aquelles *Sonetos* singelamente, sem o peso de maior bagagem que instinctivos impulsos do coração e ainda mesmo inconscientes tradicções, se quizerem, não ha alli outra inspiração senão aquella que ha dezenove seculos fundou uma egreja e lançou os unicos fundamentos so-

lidos da frouxa paz em que desde então as sociedades humanas se tem mantido.

Para nós que vivemos n'um tempo de renascença religiosa e idealista, para nós a quem o quixotismo da liberdade parece já qualquer cousa distante, definitivamente passada aos archivos historicos, para os filhos de uma época desilludida por dolorosa experiencia da utopia do scepticismo, tendo involvido na mesma condemnação o desregramento sentimental que se chamou romantismo e o desregramento orgiaco que se chamou naturalismo, para aquelles que por lei da vida reconheceram a Obediencia e a Fé, a philosophia de Anthero de Quental é apenas a mais simples e justa comprehensão do Universo, aquella que na creação deu um logar supremo á humanidade, por isso que só ella a percebeu e sentiu conscientemente. Mas para aquelles que nasceram em plena bacchanal naturalista, para aquelles cujo coração insistentemente protestava contra as doutrinas dominantes, essa resistencia dentro d'uma atmosphera adversa significa a incarnação da alma mais estremadamente pura e mais energicamente valorosa que o peito humano póde abrigar. Salvar-nos do corrompido paúl em que o epicurismo nos afundou, foi um trabalho titanico. Foi preciso dia a dia trazer o espirito em lucta contra as ideias reinantes e contra os sentimentos por que a sociedade se regia n'este banquete a que dava o nome de progresso e que era apenas um trasbordar de sensualidade; foi preciso destruir todo o castello de tentações e de prazeres que o pensamento humano levantava, convencido de que edificava o mais solido monumento, vaidoso da propria grandeza, fiado na Razão, proclamando-se liberto e soberano; foi preciso banir todas as duvidas e hesitações que necessariamente derivavam da opposição entre a necessidade ingenita de justiça e de amor, em que a alma do poeta se inflamava, e a onda crescente de sensualismo desbragado

*

em que a sociedade se embebecia reputando-o a melhor das bençãos; foi necessario destruir, destruir sem repouso, a toda a hora e a todo o instante; e depois, mais tarde, sobre esse montão de ruinas em que passava um vento agreste de negação e pessimismo, perdida a alma em tenebrosa escuridão, foi preciso ainda descobrir no horisonte um facho luminoso. Tal foi o gigantesco trabalho de Anthero de Quental; tal foi a lucta em que consumiu a existencia.

Quem attentar no labor politico e philosophico da segunda metade d'este seculo, comprehenderá quanto significa essa lucta. A litteratura traduzia e glorificava, com nomes mais ou menos pomposos, a embriaguez sensual, e a sua irmã gemea, a embriaguez sentimental; a philosophia, vaidosa das descobertas scientificas, fazia o elogio do materialismo, e a politica derrubava imperadores e reis para semeiar no sangue com que banhava as cidades essa planta melindrosa que chamou Liberdade, dando esse nome ao desprendimento de todos os vinculos sociaes; e em tudo, na politica como na litteratura, como em toda a actividade social, infiltrava-se o espirito de violencia que é proprio das sociedades em desordem. A razão do poeta devia ter acolhido muitas d'essas illusões, sujeita aos erros do seu tempo e por elles levada na sua natural fraqueza; embora superior e das mais altas, não podia deixar de ser humana. A razão acceitava o que o sentimento negava; a lucta, a violencia, a expansão individual, tudo o que a sciencia lhe representava como as melhores forças da natureza humana, negava-o o sentimento, reputando-o manifestação de instinctos primordiaes que era necessario combater, e procurando fóra d'elles e acima d'elles a razão de ser da humanidade. E viveu opprimido por esta contradicção intima que, á medida que as suas aspirações se exaltavam, havia de transformar-se em angustia, tanto mais viva quanto maior era

a distancia entre as ambições da sua alma e a organisação social do seu tempo.

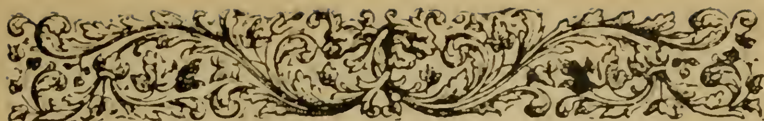
Foi um precursor. É agora que o vemos bem, quando para todo o espirito sincero é manifesta a renascença do idealismo, um momento suffocado na innundação sensualista, mas nunca perdido, porque não póde perder-se, porque é a qualidade humana por excellencia.

Os innumeros documentos que a litteratura contemporanea deixa aos vindouros dão testemunho do que foi esse combate de que Anthero de Quental fez o fim supremo da sua existencia. Iniciada a reacção contra a vertigem sensualista, os melhores e mais altos espiritos paravam a meio caminho, hesitantes ou desesperados. Renan, n'um doce scepticismo, affirmava a coexistencia de dois mundos oppostos, um de fragil idealismo, e o outro de imperioso naturalismo, e n'uma espontanea e indulgente bondade ia sorrindo sempre das proprias contradições e das alheias; Schopenhauer, desesperado de encontrar no mundo paz e felicidade, transformava em sarcasmo a desillusão e proclamava o mal a lei por excellencia das sociedades: e Amiel morria na Duvida, depois de ter vivido oscillando magoado entre dois extremos, a desapiedada realidade do mal e a impreterivel ambição de amor, cuja aproximação e conciliação não logrou realisar. É n'este confronto que Anthero de Quental nos apparecerá um dos raros triumphadores d'essa batalha: soffreu como os demais o pungente despertar das illusões e os agudos tormentos da duvida, mas pelo valor do seu animo não sossobrou na tempestade, e caminhou até vencer, até alcançar a paz na communhão do Amor.

Passando por iguaes penas foi mais longe que os seus contemporaneos. Que é pois de estranhar que succumbisse ao fim da jornada? A sua morte não é uma rebellião contra as dores do mundo, é uma confissão de

anniquilamento. Julgára-se inutilisado para viver essa segunda vida, em que agora entrava, e deixou cahir por terra o corpo exhausto, sentindo que não podia reanimal-o para o reino de luz que avistára ao fim da tormenta. Desconhecendo o que só a admiração e a amizade sabiam, ignorando quanto a sua vida era preciosa, quanto valia o seu conselho e o seu estimulo, succumbiu ao fim do combate, legando aos que vierem apoz elle a riqueza e a tranquillidade da victoria; e, para o coração agradecido em piedoso recolhimento, os penetrantes espinhos que durante a vida um immenso amor lhe cravou no peito cobrem hoje o seu tumulo, transformados em gloriosas palmas de martyrio.

Jayme de Magalhães Lima



NOSOGRAPHIA DE ANTHERO

> Indeed, educated men, as a rule, have a tendency, when their nervous systems become exhausted, to brood over such questions as the relation between matter and mind, the doctrines of free will and necessity, the existence of evil, the nature of the first cause, and the great insoluble problems of the universe.
>
> (J. Ross. *Diseases of the Nerv. System.*)

I

ESDE que duas ou mais unidades organicas se associam em «Cooperativa de Vida», em uma *Symbiose,* estabelece-se entre todas a reciprocidade de direitos e deveres, a differenciação do trabalho com o seu natural aperfeiçoamento, a compartilha nos lucros e nas perdas e a identidade na aspiração commum. Que taes unidades sejam cellulas, tecidos, orgãos, systemas, individuos, povos, o resultado é sempre o mesmo e uma a lei reguladora do phenomeno: *todos por um e um por todos.*

Nas fórmas mais rudimentares da agremiação organica, tudo é rudimentar tambem. Uma Alga verde e um Cogumello, conjugados no que Bordier chamaria a *rasão social* «Lichen», e, um pouco mais acima, a reunião de

varias Hydras n'um Polypo-hydracio, aperfeiçoam, é certo, mas em termos modestissimos, a vida de cada elemento social: no Lichen, a chlorophylla da alga serve á fixação do carbone para ella e para o cogumello, como este, por processo diverso, collabora na nutrição dos dois; no Polypo-hydracio, as hydras, differenciando-se em dactylozoarios, em gastrozoarios e em gonozoarios, ficaram respectivamente com os exclusivos encargos da apprehensão dos alimentos, da digestão d'elles e da reproducção da especie, funcções todas preexistentes, mas acanhadas, em cada membro da futura associação; como antes do Lichen preexistiam rudimentarmente, em ambos os seres, que haviam de compol-o, as capacidades de fixar o carbone e a de captar os demais elementos de nutrição.

Nas expressões mais elevadas da *Symbiose*, na vida individual de um homem, na vida social de uma nação, o facto fundamental, com ser essencialmente o mesmo, é tão complexo nas applicações, que se não antevê ainda quando o determinismo scientifico haja de desvendar o ultimo segredo da anthropologia e de dizer a ultima palavra em sociologia. O que de ha muito se sabe, porém, é que o *consensus*, a identificação statico-dynamica de todas as parcellas, a unificação de todas as energias-componentes em uma energia-resultante, se acha superiormente incumbido nas Nações ao Estado, no Homem ao Systema nervoso.

Superiormente, mas não exclusivamente.

Do mesmo modo que a vida nacional depende basilarmente da vida de cada cidadão, a vida de cada homem anda fatalmente presa á vida de cada cellula humana; e assim como nos povos ha vidas regionaes, com *fóros* privativos, ha no homem vidas locaes — de systema, de orgão, de elemento anatomico — com regalias proprias e autonomias inviolaveis.

Subentende-se que nem os fóros municipaes, por

exemplo, nem *verbi gratia* as autonomias visceraes irão ao ponto de, por excessivos ou inopportunos, perturbarem o equilibrio do systema. Só assim se manterá a Saude no individuo e a Ordem no paiz. Do contrario cair-se-ha nos dominios da pathologia, pessoal ou nacional.

Ora, ao *consensus* da colonia individual, corresponde o consenso de quaesquer dois ou mais dos colonos: consenso das cellulas nos tecidos, dos tecidos nos orgãos, dos orgãos nos systemas.

O d'estes no individuo, representa o *consensus unum* — o do ser inteiro. O apologo do Monte Aventino, baseado na mutualidade de serviços entre o estomago e o cerebro, fôra genial intuição da lei de solidariedade histologica, sómente seculos depois promulgada pela biologia positiva.

Em quanto cada unidade anatomica, idealmente normal, encontra no meio organico — sua atmosphera proxima — condições por egual modo normaes, a vida parcellar, a dos organitos, deslisa suavemente pela trajectoria hygida; e assim a vida total, a do individuo-colonia, se mantem nos limites physiologicos. Seja, porém, de nascença ou de outra maneira, viciada a cellula, humilde ou nobre, nada importa, e não haverá impeccabilidade mesologica bastante poderosa para d'ella desferir a nota sã. Nem a mais aprimorada estructura da cellula terá o condão de preserval-a das aggressões morbigenas de um meio plasmatico hostil, á força de incorrecto. A anormalidade de qualquer dos factores, *conteudo* e *continente*, importa logo a anormalidade do producto *vida*.

Essa anormalidade é a Doença, na acepção latissima do vocabulo.

É perante ella que o consenso organico, n'este caso denominado *sympathia,* como se poderia chamar *condolencia,* mais se avigora e se affirma; tal qualmente a in-

tervenção do Estado se accentua e amplia em face das perturbações nacionaes.

As sympathias, que umas vezes levam á conflagração geral do organismo, por mero effeito de imperceptivel faula pathogenica, e outras se limitam a incommensuraveis modificações de toda a substancia, apesar da grandiosidade apparente do elemento perturbador, não são menos reaes n'este do que n'aquelle caso. Tanto que em boa nosologia se não admitte doenças locaes; sim doenças de causa local. Por muito que o agente morbigeno circumscreva em apertada zona o seu effeito primario e directo, a repercussão geral, mais ou menos grave, mais ou menos theatral, é inilludivel. Fraquissimo que seja o seu potencial, generalisada virá a ser a sua acção. Tambem um grão d'areia lançado n'um oceano vae, pela transmissibilidade mollecular dos liquidos, actuar em toda a massa fluida...

Maravilha o contemplar a variedade dos echos morbidos.

Assombra até o inventario das reacções organicas, ditas *reacções vitaes*.

Virtualmente, acham-se todas concatenadas no sentido de primeiramente anniquilar a capacidade malfaseja do elemento aggressor; logo depois, á cautella, não vá elle reincidir n'uma culpa insufficientemente expiada, no de o banir do corpo aggredido; finalmente, no de reparar os damnos, maiores ou menores, da aggressão derivados.

a

Ao espirito de Hippocrates, em eguaes partes divinal e genial, foi revelada esta suprema lei no Sinai da *Observação*. Os pósteros não tiveram de bulir-lhe, em 23 seculos. Teem-se limitado a applical-a,— com criterios varios.

Bastas vezes, comtudo, carece a famosa *vis medicatrix naturæ* de que a arte clinica a dirija, como sagaz ti-

a medicina — da ilha de Cós. n. 460 A.C. floresceu sobre tu[illegible]
guerra do Peloponeso, viajou e residiu em toda a Grécia
medicina era exercida por sacerdotes reduzindo-se a [illegible]
e a práticas supersticiosas. Divulgou os métodos curativos
secretos. [illegible]

moneiro. Se apenas a ella confiados, muitos enfermos seriam como o barquito sem leme, arrastado na torrente impetuosa de rio perigoso. Numerosas pelejas pathologicas se dão, é certo, em que a victoria do organismo é comprada singelamente á custa das espontaneas reacções e naturaes synergias do individuo; mas em milhares de batalhas morbidas a victoria só póde ser conquistada pelas tacticas combinadas da natureza e da arte, e em milhões de doenças nem esse poderoso syndicato consegue fabricar escudo capaz de resistir aos implacaveis golpes da morte.

A morte! não é esta sempre a peor das desgraças. *To die, to sleep*...

De tão feroz ruindade existem morbos, que, não contentes com o desmoronar do organismo, primeiro objectivo da sua campanha, vão, atravez das gerações, propagando o mal, flor e fructo da sua actividade. Messalinas de novo feitio, alaxada a impetuosa brutalidade das primeiras acommettidas, tentam ainda, ricas de desejos e não de todo desfallecidas, saciar a indomavel virulencia, não já no frio cadaver da primeira victima, senão nas tepidas carnes dos descendentes d'ella.

Alguns d'esses morbos, sobre ruins são perfidos. Insinuam-se branda e subrepticiamente no corpo, por fórma tal que passam ahi despercebidos a principio. Não incommodam, então; e quasi não prejudicam. Infiltraram-se, todavia, até nos mais escusos meandros organicos. Deixaram nodoa, pouco perceptivel agora, mas já indelevel, em todas as cellulas: nas reproductoras, como nas outras. Transmittem-se, portanto, hereditariamente. Na segunda geração, aonde clandestinamente foi dar, a nodoa alastra. *Vires acquerit eundo.* Na geração immediata, a nodoa como que tem relevo. Na quarta, o relevo é montanha.

A *perfidia* dera de si, em successivos actos, a deca-

a Natureza do homem, onde se acha a célebre teoria dos 4 h[illegible]
e, flegma, bile e atrabile). Das fracturas, Dos ares, das águas
es das Epidemias que contêm preciosos materiais para a [illegible]
filaxia; os Prognósticos e sobre tudo os Aforismos
derada a sua obra prima. Sobre ele contam-se n[illegible]
[illegible] a peste em Ate[illegible]

dencia organica e a degeneração do typo especifico. Corrompeu o individuo, estragou os moldes da especie e se não deteriorou irremediavelmente esta, foi porque a suprema lei das compensações biologicas oppoz ás tendencias revolucionarias da doença o *veto* de esterilidade, que é interposto ao cabo de um certo numero de gerações.

II

O cerebro, como qualquer outra provincia do encephalo, não sabe furtar-se ao despotismo das leis biologicas.

Toda a sua nobreza organica e toda a sua sublimidade dynamica estão bem longe de outorgar-lhe privilegios. Os demais orgãos consideram-no seu par. Com elles é servido á mesma mesa; bebe do que elles bebem; o mesmo ar serve á respiração commum; como todos, recebe salario na proporção do trabalho; como qualquer, excreta para um receptaculo geral os residuos da vida propria; corre-lhe, como ao mais humilde, prospera ou adversa a fortuna conforme forem bonançosas ou tempestuosas as monções da *circumfusa*.

No vasto mundo da nosologia, não possue o cerebro districto seu privativo. A bem dizer, nem sequer lhe pertence o exclusivo da *loucura;* muitos outros orgãos deliram tambem; alguns, de exaltados, se tornam maniacos: varios cáem no torpor melancholico; tantos e tantos se fenecem na demencia. Em termos não allegoricos: as perturbações organico-funccionaes do cerebro teem todas ellas as suas homologias pathologicas nas restantes peças do corpo humano. Não ha duas medicinas radicalmente differentes e menos ainda irreductivelmente antagonicas — a do cerebro e a do não-cerebro. Nem a nosologia geral pede ás molestias mentaes subsidio, que não peça,

por exemplo, ás doenças da respiração ou ás da digestão, nem para estas ou outras estatue de modo diverso do que para aquellas.

A todo o instante se acha intrommettido o cerebro no conflicto vital. A todo o instante; e simultaneamente pela activa e pela passiva: dando sempre e sempre recebendo energias. Pelo que, á integridade cerebral está subordinada a de qualquer outra viscera; e vice-versa. Egualmente e reciprocamente, o cerebro e os de mais orgãos se subordinam nas vicissitudes morbidas.

Não ha cerebro são em pessoa doente.

Não ha cerebro doente em pessoa sã.

Como acima, fica declarado novamente e talvez sem necessidade agora, que os termos *são* e *doente* figuram aqui no mais amplo significado.

Toda a funcção biologica, cerebral que ella seja, é comparavel á faisca nascida do attrito do fusil com a pederneira. Depende a faisca tanto das qualidades da substancia percutora como das da percutida, em primeiro logar; e em segundo, do angulo de incidencia das arestas e da força viva da percussão.

Para qualquer *faisca biologica*, o sangue é o fusil commum; para as *faiscas psychicas*, só são pederneira umas tantas cellulas do cerebro.

Normaes a cellula e o sangue: normal a funcção.

Anormal qualquer dos factores: morbido o producto.

Anormaes ambos elles: o producto morbido é colossal.

Por variadissimas maneiras sáe da normalidade qualquer cellula. A herança pathologica é uma d'essas maneiras. Restringindo o caso ás cellulas cerebraes, se a doença, motivo do desvio hereditario, se accentuou fortemente ou demoradamente no cerebro ancestral, a herança é *pesada* sempre; por vezes, pesadissima.

O sangue póde sahir da normalidade por modos dif-

ferentissimos tambem. A exemplificar, os erros de digestão. Erros taes, levam por dois caminhos á má crase do sangue, á dyscrasia hematica: cerceando-o do *bom* e inquinando-o de *mau;* isto é, defraudando a massa sanguinea d'uma quota parte do nutrimento e conspurcando-a ao mesmo tempo com productos toxicos de uma chimica pervertida. Sobre isso, que é muito, adveem, por influição malefica e remota das dyspepsias gastricas, perturbações no modo da irrigação sanguinea das diversas visceras; — perturbações de quantidade, de velocidade e de tensão do liquido nos vasos capillares. À viciação da chimica junta-se pois o erro da hydraulica. Somma total: — sangue mau, circulando mal.

Abstraindo de todas as outras engrenagens da machina humana, ponhamos em collaboração um cerebro viciado já, hereditariamente por exemplo, e um estomago avesado na dyspepsia. Cada qual aggrava a situação alheia e por ella é aggravado na sua propria. O numero dos ruins derivados será infinito, como o das imagens de um objecto luminoso entre dois espelhos parallelos.

O reverbero, em ambos os casos, é reciproco; interminavel portanto.

Foram em todos os tempos celebradas as *sympathias* de origem gastrica. *Dum viget stomachus, vigent omnia,* dizia aphoristicamente Baglivi; mas produsida a derrocada do estomago, nada regula no corpo. O encephalo, se incorrecto, perturba, sympathicamente tambem, as digestões. De modo que entre essas duas grandes visceras, a repercussão morbida é bi-reflexa. Se ambas se acham adoecidas, embora independentemente, a mutua influição sobe de ponto na gravidade dos effeitos. Não ha *espirito* que resista a uma digestão má. Cruelmente o sentiu Voltaire e sarcasticamente o disse, em carta á Marqueza de Deffand: «Notre âme immortelle a besoin de la garde-robe pour bien penser.»

III

Tal cerebro, tal espirito.

A esta singela formula chegou a psychologia, logo que, desilludida do seu poetar pelo incognoscivel, se decidiu a descer ás calmas regiões do determinismo.

De sciencia autonoma, rica de bolorentos pergaminhos, vã nos processos, illusoria nos resultados, borboleteando constantemente em de redor da implacavel chamma, na qual em vez da luz demandada, capaz apenas de offuscal-a, não de esclarecel-a, só encontrava o fogo, que lhe abatia os voos com o queimar-lhe as azas, a *sciencia da alma* condensou-se modernamente n'um dos troncos mais virentes, mais floridos e mais fructuosos da *sciencia da vida.*

Simples provincia biologica, a psychologia perdeu em hierarchia tanto quanto ganhou em caracter. Como qualquer prodigo, prosperou sob tutella.

O psychologista de hoje deixou de ser o quasi archaico sujeito, que, no cortante dizer de Proudhon, *s'enferme dans sa chambre, ferme ses contrevents, se met les poings sur les yeux et songe.* Ao contrario d'isso. Lembra mais Claude Bernard, o grande physiologista, que á porta do seu laboratorio deixava *Monsieur l'Esprit et Madame la Matière,* visto como, para determinar o condicionamento da phenomenalidade, na mechanica, na physica, na chimica, na biologia geral ou na psychologia, na queda d'um grave, na polarisação d'um raio luminoso, na genese d'um sal, como na secreção d'uma lagrima ou como na formação d'uma idéa, as noções puramente abstractas de *força e materia* não devem ser confundidas com a mentirosa objectividade de qualquer d'ellas. *Cor-*

pos em perpetua actividade intrinseca e em intermittente actividade extrinseca, — eis os unicos seres concretos.

O psychologo *ancien règime* devorava o instrumento, que se propunha tanger. Outra coisa não era essa variante do autophagismo: o espirito vivendo de si proprio.

O estudo das leis da alma humana inicia-se no da psychologia do atomo, — que n'elle se acham affirmados já uns rudimentos de consciencia. Segue no da alma mollecular e prosegue no da psychologia do crystal, — aurora plastica da vida. Continua-se no do espirito do protoplasma, — primeira condensação vital da materia organica. D'ahi, avança para o da alma da cellula e logo do reino dos protistas, depois para o da alma de toda a gamma vegetal. Chega em seguida ao conhecimento psychologico da serie inteira animal e ahi pára no *terminus* d'essa serie — o homem.

Quando a cellula adquire a aristocratica architectura, que lhe permitte conservar as impressões recebidas — como o ferro, de dada structura mollecular, conserva a memoria dos *toques* magneticos, como os corpos fluorescentes conservam parte das ondulações luminosas recebidas, como o phonographo guarda e restitue fielmente as vibrações sonoras — a *consciencia*, propriamente dita, apparece. Até ahi, os actos de ideação eram meramente reflexos, — como os do idiota, por annullação pathologica do cerebro psychico, — pois a cellula, em vez de ser lente, que refrange e absorve, não passava de espelho, que reflecte e não retem.

E quantas consciencias, de que o *eu* nem suspeita, não ha no corpo humano? São incontaveis os centros *conscientes* na e só para a medula espinhal, postos a toda a luz na intenção, na ponderação, na opportunidade e na volição de actos realisados sem audiencia do cerebro, pois que se trata de animaes decapitados.

Isto, e muito mais do que isto, só o viram os psychologos quando, no estudo, procederam de baixo para cima, do elementar para o complexo. Até então viam *trevas,* porque só olhavam de cima e para cima. Fôra como se houvessem tentado começar e completar a aprendizagem da musica pelas operas de Wagner...

N'esses tempos, que não vão longe, os philosophos, absortos na pesquisa do *principio,* nem mesmo logravam entrever o *resultado.* Faziam metaphysica com a mais supina ignorancia da physica. Usavam das pernas como se azas fossem. Por cada tentativa de voo, uma queda — e ás vezes mais de uma. E, depois, nem para marchar ficavam aptos, — que as contusões entorpeciam-lhes os passos.

Desenganados, por fim, trocaram avisadamente a esteril investigação do *porque*, pela prolifica indagação do *como.*

Nem para mais dá o cerebro humano.

Mera dependencia do ectoblasta, de onde descendem egualmente os sentidos, não poderá o cerebro dar-nos outro conhecimento dos phenomenos que não seja o da *relação entre elles.*

Para a captação do Absoluto falta-nos de todo o instrumento.

Empregar o encephalo n'esse uso é deterioral-o sem proveito, como inutilmente se deteriora todo o utensilio, se forçado a mesteres para que seja incapaz.

É possivel que, n'um remotissimo aperfeiçoamento differencial, o cerebro humano adquira capacidades mais sublimadas do que as actuaes e que n'um futuro seculo, indeterminavel já, o espirito possa ver *em foco* mais longe do que vê agora — que hoje, em metaphysica, a visão cerebral é confusa, sem localisação e por tanto sem nitidez. Nas differenças do *grau psychico* das várias raças humanas ha um começo de satisfação d'este anhelo. O poder

de abstração, por exemplo, differe muitissimo ethnographicamente. É possivel, talvez, — pois a serie phylogenesica dá-nos a conhecer maravilhas de differenciações progressivas na statica e na dynamica da vida — que o homem chegue, no seu progredir incessante atravez do tempo, a ampliar prodigiosamente as suas capacidades de visão mental, adquirindo assim enormissima *hypermetropia* psychica. É possivel, talvez.

Até lá, porém, são *insalubres,* além de impotentes, esses esforços da alma para desvendar a sua propria essencia, como a essencia de qualquer outro phenomeno. Por mais recuado que vá sendo o *punctum remotum* dos olhos do espirito, esse ponto — por ser um ponto — marcará um limite.

Ver longe, ver muitissimo longe, não é ver no infinito.

Adstricta, pois, á rigorosa determinação das condições genesicas e modificadoras das chamadas faculdades da alma, a psychologia busca assenhorear-se dos segredos do instrumento cerebral typico e definir a influencia, que sobre elle teem, isoladas e combinadas, as mil energias incidentes.

D'essas energias, as normaes proveem de fontes geralmente conhecidas. Umas intrinsecas, outras extrinsecas, fazem todas parte do *meio* organico ou do *meio* cosmico, pautados ambos pelas condições de saude e pela observancia da hygiene. Edades, sexos, temperamentos, constituições, estaturas, raças, pelo que respeita ao intrinseco. Climas, estações, vestuario, alimentação, profissões, no respeitante ao extrinseco.

Por maneira tal se complicam essas influencias em um mesmo individuo, no tempo e no espaço, que não chegará a ousadia o pensar-se que mais de um exemplar humano, ao cabo de uma vida longa e accidentada, terá por vezes *mudado de alma*, sem haver todavia resvalado

para os dominios da psychose. Succederá accidentalmente na nossa especie o que evolutivamente se dá nos insectos de metamorphose, que, em cada uma das tres phases morphologicas, possuem um diverso *sentimento da identidade*.

Nem o caso é, no genero *Homo*, tão excepcional como a desattentos poderá parecer. Quem não conhece o imbecil de hoje, que fôra hontem o menino-portento? Quem se não espantou ao ver um dia primar nas artes ou nas sciencias o acanhado e mediocre companheiro dos lyceus? Que de devassos, outr'ora honestos; de prodigos, avaros. E não se chega, acaso, pelo simples progredir da senilidade physiologica até ao ultimo grau da demencia, isto é, á abolição completa dos attributos psychicos?!

Pois, se, sem ultrapassar as balisas de saude, o espirito humano póde apresentar modalidades tão varias, quanto mais não influirá no seu polymorphismo o peso, sempre grande e por vezes esmagador, da doença?

IV

Um dos capitulos mais attraentes da pathologia é o que indaga as relações das diversas organopathias com os varios estados da alma.

Ao illustre Cabanis se deve o primeiro estudo serio do problema.

Fraco de saude, com a intuição de que ao seu valetudinario organismo só conviria profissão capaz de lhe dar simultaneo e incessante pasto á prodigiosa actividade do espirito e á irrequieta mobilidade do corpo, o futuro auctor dos *Rapports du Physique et du Moral de l'Homme* decidiu-se pelos estudos da medicina. Medico e enfermo, inspirando-se mais, segundo contam os criticos da sua

obra, em Hippocrates e Descartes do que em Condillac e Helvetius. como elle ideologos do seculo xviii, Cabanis começou de estudar em si proprio a reciproca influencia do moral e do physico.

O seu livro, onde tanto beberam depois physiologistas e psychiatras, ainda hoje se lê com proveito, abundante como é de factos suggestivos e de luminosas criticas. Se de tão opulenta galeria houvessemos de escolher um quadrinho, seria aquelle em que se acham pintadas com magistral palheta as vicissitudes do animo em cada um dos tres estadios d'um accesso febril. A tristeza e a anciedade do periodo ascendente, do de *frio;* a vivacidade das idéas, logo seguida de desordem, no periodo de estado, no de *calor;* a acalmia e coordenação mentaes, que reapparecem no periodo descendente, no *sudoral,* — todos esses phenomenos são descriptos com um vigor, um pittoresco, uma exacção e um senso critico inexcedíveis.

Se, no breve espaço de poucas horas, uma febre implica tão radicaes mudanças no ser psychico, quão luxuriantes não serão os modos doentios da alma, desde que o organismo inteiro seja presa de inveterada e tenaz molestia.

São proverbiaes a alegria do tisico (de certos tisicos ao menos e sobretudo nas phases ultimas da pulmo-tuberculose) e a melancholia de quem tem padecimentos abdominaes. A frequencia do caso justificaria a crença de que o diaphragma fosse para o tronco uma especie de equador moral, cortando-o em dois hemispherios, o thoracico, depositario da alegria, o abdominal, depositario da tristeza, — cada uma d'ellas latente até que as impressões moraes ou a doença as pozessem em evidencia.

Na esphera sensorial, a mesma dualidade se nota : o cego, alegre em regra ; o surdo, triste sempre como a noite.

O que se conclue, pois, é que no espirito existem potencialmente, equilibradas pela sua opposta polaridade, a alegria e a tristeza, e que a libertação d'um d'esses estados tanto póde depender do incitamento dado pelas impressões psychicas, como ser originada nas titillações physicas da doença. Conforme á procedencia d'essas titillações, irão ellas, pelos filetes nervosos respectivos, aptos para determinar jogos oppostos, fluxos e refluxos de circulação, praiamares e baixamares das marés sanguineas do cerebro, patentear uma ou outra d'essas polaridades. A loucura circular e, de um modo geral, a fórma alternante de varias nevroses, teem o seu radical na bi-polaridade normal do sentimento.

Nem só no caracter tem imperio a doença. Tem-no por egual no intellecto. Mais de um mediocre deveu á febre typhoide um talento antes ausente ou inedito, e depois ephemero algumas vezes, definitivo outras. Compensação dos casos em que o enfermo para sempre perde com tal doença o melhor das suas aptidões mentaes e até o peculio de saber já adquirido. De mais, é classica a estupidez dos typhosos no fastigio das fórmas graves da doença. Nem *typho*, á letra, quer dizer senão *estupor*.

O typho abdominal traz-me agora á lembrança o succedido com um condiscipulo do meu quinto anno. Foi elle toda a vida o que em dizer academico se chama um estudante *regular:* lia muito, decorava tudo e declamava-o toscamente. Sempre approvado, está claro. Sem R R e sem distincções, está bem de ver. No ultimo dia, porém, da aula de partos, dia de sabbatina, o *medianissimo* condiscipulo meu sahiu-se *talentoso;* mas a valer. Não decorára: comprehendera. Não recitava; compunha. Mais ainda. Fazia o que nunca fizera: argumentava, e bem; criticava, e optimamente. Espantados e enthusiasmados, finda a aula, corremos pressurosos a apertar-lhe

a mão. A mão escaldava. Escaldava da invasão de uma febre typhoide, a cujo calor tropical se accendera fugazmente o talento *subjacente* n'aquelle cerebro, que quinze dias depois era dado em pasto aos vermes.

Este exemplo lembra, n'outra escala, o do cretino citado por Lombroso: só quando a hydrophobia rabica estava a empurral-o para a cova é que o pobresito se manifestou intelligente!

Pela inversa, citarei outro caso de observação propria. Um homem idoso, que, muitos annos havia, era presa de delirio continuo, foi atacado de pneumonia aguda; ao 4.° ou 5.° dia de doença, entrou o doente em plena lucidez, prolongada até ao 9.°, em que o rapido declinar da pneumonia obliterou novamente a luz d'aquelle espirito. O costume é que o delirio na pneumonia venha no acume do mal; aqui, n'esse periodo, o velho delirio eclipsou-se. N'uma e n'outra hypothese a pneumonia *mudou o signal* á alma. Tanto ella está na contingencia dos orgãos...

Quem ha que se não tenha sentido eloquente, bravo, epico, etc., por effeito da morbida incitação, da tenue *intoxication*, levada ás cellulas cerebraes por algumas molleculas d'alcool?

Quem ha que não tenha recolhido um discurso, interrompido um estudo e adiado até a escripta de uma carta, sómente porque uma digestão mais penosa lhe entorpeceu a attenção? Falle mais uma vez Voltaire, que era *mestre psychologo* no tocante a estados dyspepticos: «La faculté digérante me quitte», escrevia elle a Condorcet, «et par conséquent la faculté pensante.»

Sobre a memoria reinam despoticamente os morbos physicos. Por demasiado banaes calarei as doenças, que a enfraquecem. Mais raros, muito mais curiosos portanto, são os estados morbidos susceptiveis de robustecel-a. D'esses referirei apenas um, de observação pessoal. Pas-

sou-se o facto, vai para seis lustros, na minha aprendizagem escolar. Uma rapariga de 18 ou 20 annos tinha *hysteria-major*. No intervallo dos ataques, fallava correntemente o portuguez e não conhecia idioma nenhum outro. Dado o ataque, se n'elle intercorria delirio, o discurso era sempre e todo no mais fluente castelhano. Apurado o caso, soube-se que a doente estivera, até aos 8 ou 10 annos, ao serviço d'uma familia hespanhola, em Elvas, sua terra natal. Com essa familia aprendeu a lingua, de que só nas phases delirantes se lembrava. Por seu turno, a memoria da lingua portugueza estava obliterada na constancia do delirio. Tal qual esta, a hysterica observada por Morel: dominada por exaltação religiosa, ouvia e lia muitos sermões, que só era capaz de recitar, e então com a mais escrupulosa fidelidade, nas crises agudas da sua nevrose.

A vontade egualmente se deixa tyrannisar pela doença. São banalissimos tambem os factos comprovativos. O que valerá a pena de lembrar é a possibilidade, demonstrada clinicamente, de vir sobrepor-se á vontade pessoal uma ou mais vontades ancestraes, que consoante forem, n'um dado momento, convergentes ou divergentes da primeira, a reforçarão ou a entibiarão, sem que a consciencia do individuo possa presentir as enormes parcellas de automatismo, que ha no seu *querer*. Archiva-se na litteratura medica a observação de uma rapariga, que desde as 8 horas certas de cada noite até á madrugada, levava a declamar muito solemnemente um discurso. A insensatez do acto accusa-o logo de morbido. Morbido era e vindo por herança paterna. O pae da doente tinha tido exactamente a incoercivel balda do interminavel discurso nocturno. Descendo a exemplos menos extravagantes: qual de nós se não tem surpreendido e sustado na execução, apparentemente voluntaria, mas na realidade inconsciente, de actos, que não queriamos praticar?

As mais das vezes é-nos possivel reconhecer, na acção interrompida ou emendada, uma copia servil de habitos de algum dos nossos ascendentes. Habitos que fizeram casa, constituiram autonomia nos centros nervosos, e assim passaram, *estereotypados*, para a prole. Em geral, póde affirmar-se que as qualidades moraes, adquiridas por herança, melhormente se revelam nas occasiões de doença do que nas de saude; como se aquella fosse no individuo cerceando de preferencia tudo o que, havido por adaptação, está menos bem consolidado do que o estão os haveres recebidos por legitima.

Mais sagaz do que todos os outros reagentes, a molestia é o grande revelador dos segredos da alma.

Fragmentando-a, facilita-lhe a analyse.

V

Anthero de Quental não logrou subtrair-se ao rigor da lei commum.

N'elle, a personalidade psychica foi mero corollario da individualidade physica. Qualquer, dada a biographia moral de Anthero, poderá fazer-lhe *in absentia* a autopse do complicado organismo. Reciprocamente, o conhecimento da anatomia-pathologica bastaria para determinar, na pessoa, a formula por assim dizer algebrica da alma.

Equivalem-se, essas duas partes d'esse grande todo. As eminentes qualidades e correlativos defeitos do artista e do philosopho, as desegualdades do seu trabalho, as maneiras varias, algumas antitheticas, do sentir, as opposições do seu querer; o que no homem houve de superior e de raro, de vulgar e de extravagante, de genial e de infantil; o antagonismo, tantas vezes saliente, das idéas e da acção, tudo emfim quanto foram componen-

tes heterogeneas da actividade d'esse grandioso espirito, como tudo quanto foram conjugados soffrimentos n'aquelle martyrisado corpo, tudo se explica pelo ouro e pelo barro da plastica d'essa animada estatua de um novo Nabuchodonosor.

A mais completa e perfeita correspondencia. No genero, Anthero attingiu a perfeição. Que, em verdade, todos, n'este ponto de vista, somos perfeitos. Nem todos, porém, documentamos a nossa *perfeição* com prodigalidade egual á d'elle.

Anthero foi o que em linguagem de clinicos se chama *um bom caso*. Fôra vasado nos moldes classicos. Nem exhuberancias, nem deficiencias. Symptomas e lesões adaptavam-se á maravilha. Não teve aspectos larvados, não teve syndromas insolitos, não teve fórmas abreviadas. Tudo proporcionado. Harmonico tudo.

Quando as molestias seguem um curso assim regular, desde o inicio se lhes póde fazer a prognose total: a de cada phase e a do exito. Dá-se isto sempre que, por um lado, a etiologia se apresente franca, leal, *ponderavel*, e que, por outro, no organismo se não escondam ignoradas propathias. Conhecendo o factor-agente e o factor-paciente, o medico vae calcular, quasi por simples multiplicação, o producto-doença.

Tal o caso da nosologia de Anthero.

A sua eterna enfermidade, que se traduziu subjectivamente em polymorphos padecimentos, exteriorisou-se artistica e philosophicamente em polychromas concepções. De onde se deduz ter sido prodigiosamente complexo o mal. É que não menos complexas foram as causas efficientes. E sobre complexas, precoces umas, insistentes ou reincidentes outras.

O nosso *doente* era-o *abovo*; e em toda a sua vida ulterior o actuaram energias pathogenicas.

A molestia, já por assim dizer adulta ao nascer, só

teve de robustecer-se pelo tempo adeante. E com o ganhar alentos novos, novas maneiras foi adquirindo.

Doente e doença tiveram por berço os Açores.

Parecerá, mas não o é, indifferente esta circumstancia. Não que eu pretenda fazel-a valer em abono de Buckle, por, como elle, attribuir aos paizes vulcanicos capacidade maior na genese dos artistas; senão porque é fóra de duvida ter a vida insular, na evolução das especies, uma influencia capital.

O *insulamento*, em seus differentes graus, corre parelhas com a *selecção natural,* no transformismo dos seres vivos. A conhecida doutrina de Darwin está sendo completada pela moderna doutrina de Moritz Wagner, que attribue *á segregação* a capacidade de *formar especies*. De casa temos uma prova, que vale como *experimentum crucis*: o coelho vulgar, *Lepus cuniculus,* levado para a nossa ilha de Porto Santo, ahi encontrou adaptação tão extraordinaria e sequestração tão perfeita, que mudou de typo especifico; hoje é o *Lepus Huxleyi*, incapaz de cruzar com os representantes da primitiva especie.

Assim — lentamente e em massa — póde haver degenerescencias progressivas, aperfeiçoadoras. O tempo vae permittindo que a elasticidade de adaptação se exerça em o novo meio, sem perda do elasterio; e a multidão de individuos submettidos simultaneamente ás mesmas condições de progresso *suave*, dá occasião a que o numero dos adaptados, dos que resistiram á serie de metamorphoses, seja, embora pequeno, sufficiente para matriz de successivos exemplares, que, atravez dos espaços e dos seculos, irão perpetuando as fórmas novas e as novas qualidades.

É, pois, evolutivo, como o de qualquer systematisação, como o da crystalisação mineral por exemplo, o processo creador dos novos typos especificos — vegetaes ou animaes.

Na ilha de S. Miguel, como em todas as pequenas ilhas, são de regra ou pelo menos vulgarissimas as allianças consanguineas. Nas familias mais abastadas ou mais nobilitadas, a regra não tem excepção, ou não a tinha na vigencia do regimen dos morgadios.

Anthero padeceu, atavicamente, dos erros de allianças taes.

É certo que a consanguinidade *per se* não deve ser accusada de maleficios, que não póde determinar. De dois seres irrepreensivelmente sãos, por mais proximo que n'elles seja o grau de parentesco e por mais incestuoso até que seja o respectivo connubio, nunca poderá, pelo só effeito d'essas circumstancias, nascer um filho doente. A consanguinidade não cria doenças, não gera estados morbidos.

O que ella faz, porém, e com escrupulosissimo zelo, é promover na prole o andamento de doença, que preexista em ambos os germens reproductores.

Por uma especie de *intensiva cultura* pathologica, as mais tenues sementes morbidas são aproveitadas. Um exemplo: o maior numero de casos, que tenho observado, de *epiplocœle da linha branca* eram em açorianos, quasi todos de S. Miguel.

Dê-se, porém, de barato que isto seja mero acaso das chamadas *series clinicas*. O que decerto pelo acaso se não explica é a prodigalidade com que nos Açores se nos deparam, segundo Arruda Furtado, os excellentes ouvidos musicaes, a extrema facilidade de traduzir em verso as idéas e o desenvolvidissimo sentimento religioso, —qualidades que, reunidas, encontraremos em Anthero. Só a intensiva cultura, como já disse, advinda pela consanguinidade, póde ter banalisado, no povo açoriano, attributos taes.

É então que a consanguinidade não perdoa, pela soberana razão de que, na hypothese, se dá a hereditarie-

dade bi-lateral *convergente* ou *conspirante*, de todas a peor. *Similar* se póde dizer essa maneira de herança, porque dada a doença em um dos progenitores, existirá ella com o mesmo fundo, quasi sempre com a mesma fórma, no outro.

Por vezes a *doença de familia* é em começo pouco mais do que uma penumbra, uma tenue suspeita; mas com o *breeding in and in*, a penumbra vae-se aclarando, a suspeita vae adquirindo consistencia e o escalracho acaba por não ser extirpavel do terreno em que surdamente germinára.

Ora nada mais trivial do que essa reptante graminea em familias aristocraticas, familias de morgados, qual era a dos Quentaes, de S. Miguel.

VI

Anthero foi gerado em condições morbidas.

Um facto d'estes é nodal na vida inteira de qualquer. Tanto o vulgo está na posse d'esta verdade, que já a perpetuou no bronze de um seu proloquio.

A heriditariedade é o alicerce mais firme da nosologia. Os males herdados são inalienaveis, como os bens vinculados. Nem ha, em biologia ao menos, melhores titulos para affirmar o direito de propriedade. Logo que se é doente de juro e herdade — tuberculoso, arthritico, nevropatha, etc., — é-se para a vida e para... a morte.

Era *nevropatha* de raiz, Anthero de Quental.

Era francamente o que psychiatras dizem um *hereditario* ou, com mais exacção, um *degenerado-hereditario*.

Seu avô paterno, o poeta André da Ponte, foi amigo e companheiro do Bocage, o que já deixa adivinhar muito talento e algum desequilibrio. Nos ultimos 20 annos de

vida dera em misanthropo: não sahia de casa. Joaquim de Araujo, a quem devo e agradeço aqui estes e muitos outros esclarecimentos, ao deante chamados à collação, referiu-me um grande numero de analogias, por vezes identidades, entre o caracter moral de Anthero e o de seu avô poeta.

Dois filhos teve André da Ponte: Filippe de Quental, que foi lente de medicina em Coimbra e [illegible] muito celebrado por memoraveis excentricidades, e Fernando de Quental, que, com o ter sido um dos 7:500 [illegible]*enticos* da praia do Mindello, deixa entrever, atravez da bravura, uns laivos de nervosismo.

Fernando foi o pae de Anthero.

A mãe foi uma santa senhora, que de familia [illegible]ava na theomania, — pertença vulgar do hysterismo.

Do casal houve dois filhos e tres filhas. Todas, as mais novas dos cinco, são, em grau diverso, hystericas. Dos filhos, o mais velho, morreu alienado; tinha idéas de perseguição, parece mesmo que o delirio [illegible]-sado; por duas vezes tentou suicidar-se com instrumento cortante.

O outro filho, segundo na ordem do nascimento, foi Anthero.

É portanto *convergente e pesada* a sua herança nosologica. Dos cinco, coube-lhe, porém, o melhor quinhão na partilha.

Coube-lhe o *talento com fulgurações*.

Talento morbido e por isso mesmo assombroso; que o equilibrio manda não haver tal monstruosidade mental nos regrados, nos irrepreensiveis.

Talento vesanico e por isso mesmo com scentelhas geniaes; que o genio e a loucura são ramos da mesma parabola, facetas do mesmo polyedro. *Nullum magnum ingenium*, dizia Aristoteles, *sine quadam mixtura dementiae*.

Talento de degenerado, emfim; que o paradigma da

especie não comporta a desproporção das peças constitucionaes da machina nem a desharmonia das respectivas funcções.

De degenerado, sim; mas de *degenerado superior.* D'aquelles que aberram da especie pelo recalcar dos attributos inferiores com o subjugante peso de exaltadas qualidades superiores. D'aquelles que no encephalo deixaram atrophiar relátivamente as cellulas subalternas, na mesma gradação em que se iam hypertrophiando as unidades histologicas de primeira cathegoria.

Por ser pathologica, não deixa de ser bella semelhante degenerescencia. Tambem a perola é um producto de degenerescencia: — uma hypersecreção morbida. Não se poderá dizer uma hypercrinia psychica o maravilhoso talento de Anthero?

Tantas vezes, desgraçadamente, a degenerescencia leva á exhuberancia dos instinctos animaes, com detrimento das caracteristicas humanas. Tantas! O idiota, o impulsivo, o obsidiado, para não falar de outros, dão testemunho de que por erros da ontogenese o homem deixa avantajar no seu organismo esta ou aquella modalidade das innumeras, que, no discorrer dos seculos, atravessou na serie philogenesica. É o atavismo a fazer primar os seus direitos, sempre que a evolução embryonaria, por vicio de herança ou por erro de adaptação, correu irregularmente.

A degenerescencia não cria attributos; apenas faz sobresahir os que estavam latentes, por se acharem compensados ou por serem rudimentares. Individualmente, não se degenera *para deante;* degenera-se *para traz.* Um africano, por mais que degenere, não dará um latino; menos ainda um teutonico. Este é que, no declive da degenerescencia, póde ir a rolar successivamente até á statica e dynamica do homem primitivo. A degenerescencia solitaria, a do individuo só, é muito brusca, muito brutal

no processo, para permittir a adaptação perfeita, continuada nas gerações. As proprias plantas, que a cultura intensiva degenerou em proveito da nossa esthetica e até da nossa plastica, não se reproduzem espontaneamente; carecem de que a arte lhes suppra a falta ou a esterilidade das sementes.

Os degenerados na especie humana, se o são a valer — e só são taes se o *salto* houver sido grande — repugnam por tal modo ás immunidades especificas de que dissentiram, que acabam, a breves gerações, por ser irreproductiveis. Quando o meio não póde *regeneral-os*, a especie repelle-os, tornando-os infecundos.

É porque o grande degenerado, podendo sociologicamente ser um individuo prestantissimo, biologicamente é sempre um ente teratologico; porque é desharmonico; porque traduz uma desproporcionalidade de desenvolvimento nas componentes organicas; porque só alcançou a luxuriante exhuberancia de umas funcções á custa do atrophico amesquinhamento de outras. Um cerebro potentissimo a que sirva de cauda ridicula medulla, é qual coração hypertrophiado, servido por apertadas arterias; n'este caso, um disparate da hydraulica hematica: n'aquelle, um disparate da *hydraulica neurica;* em ambos, e uma monstruosidade statica e uma incongruencia dynamica. E a isso a *especie* não perdôa.

A degenerescencia do individuo é pois e sempre, por descompassada, um retrocesso. A da especie é que póde ser um progresso, e sel-o-ha se compassada houver sido.

Ora, quanto vem apontado das qualidades eminentissimas de Anthero parece em contradicção com tal asserto. Pois Anthero, um meridional, um portuguez, *retrogradou* acaso em ascender na gamma intellectual a notas d'um agudo, que não estão na corda da sua raça?

A illusão estará em suppor-se que Anthero fosse um genuino luso, quando genealogicamente era tambem um

scandinavo. O seu *facies* deixava bem perceber-lhe a remota ascendencia. A vastidão do craneo, o louro dos cabellos, o azul da iris, n'este filho d'um pae com accentuada tez morena e o perfeito typo meridional, tudo conclamava que era, em grande parte, um homem do norte, aquelle açoriano. A degenerescencia hereditaria trouxera á flor ancestraes qualidades, que jazeram latentes nos antepassados mais proximos.

Se não, veja-se este precioso documento escripto por João Machado de Faria e Maia e obsequiosamente cedido por Joaquim de Araujo:

«A circumferencia exterior da cabeça de Anthero de Quental posso affirmar que era de 0,57 (cincoenta e sete centimetros) o que talvez valha a pena constatar por não se ter feito a autopsia, que permittiria avaliar o volume e peso do cerebro.

A sua apparencia physica era a d'um scandinavo, a tal ponto que por duas vezes me encontrei com homens d'esta procedencia, que tomei por elle. Este atavismo provinha de Quentaes, por quanto os Arruda Quentaes, seus primos, são muito parecidos com elle, que não era Arruda. Suas irmãs e suas tias maternas tinham tambem bastante d'este typo, emquanto o irmão, tio e pae eram meridionaes puros. É possivel que este atavismo remontasse aos Bettencourts, de quem dizia descender pelos reis das Canarias, o que não posso verificar, por não ter visto a genealogia, devida a Ernesto do Canto. Remontaria pois a mais de doze gerações; por isso que este numero póde cobrir os annos de 1350 a 1842. Conheço aqui uma familia de Bettencourts, que decerto não tiveram crusamentos subsequentes, que expliquem a fidelissima reproducção que são do typo francez do norte. É innumeravel a descendencia de Bettencourts, na Madeira, nos Açores e no Brazil, o qual talvez deva mais d'um terço da sua população a estas ilhas.

Convem, porém, notar que em quasi todas as familias nobres dos Açores existem umas poucas de ascendencias de inglezes, belgas, flamengos. Embora Anthero de Quental denunciasse um muito pronunciado sentimento de portuguez é inegavel que o seu caracter e intelligencia eram o dos povos do norte, cuja influencia preponderante deu as grandes paginas da nossa historia com as dynastias de Borgonha e Borgonha-Aviz-Lencastre até ao seculo dezeseis; de facto, nada havia n'elle de commum com aquella grande parte do fundo portuguez

de berberes, mosarabes, ciganos ou semitas, cujos rebentos ahi estão fazendo do nosso paiz uma Tunis, Tripoli, Marrocos ou Egypto.

O retrato de Anthero, *tirado* por Stenio aos 19 annos, precede a publicação dos primeiros Sonetos, 1861; vale a pena ser citado, por ser um dos mais profunda e vivamente burilados, que se podem imaginar:

> Pela mão vos trago um vate:
> . . . .
> Amigo Anthero.
> Aproxima-te á machina: o retrato
> [illegible] fique a primor. Eia! Arrepela-me
> [illegible] bastas guedelhas cor das messes
> [illegible] largo [illegible] em tarde [illegible]
> O grande Moribundo! [illegible]
> [illegible] me com esse olhar tão sobranceiro
> De vivo lume [illegible] e puro affecto!
> Inclina mais ao lado o teu sombreiro,
> E assenta no quadril a mão segura
> Do braço firme e leal. Estende a perna . . .
> Deixa-te ficar assim, que estás famoso.»

Uma degenerescencia, que tem as suas raizes a 5 seculos de... profundidade!

E como aos 19 annos o *olhar tão sobranceiro* revelava bem uma altivez de caracter, que foi um traço dos mais caracteristicos e um dos elementos dominadores na vida inteira do futuro suicida!

O caracter, como a intelligencia, como a memoria, como o sentimento, como a vontade, como em fim qualquer das mil energias psychicas, localisadas em outras tantas regiões cerebraes, são como a vista, o tacto, o ouvido ou qualquer outro sentido, todos localisados para a percepção em zonas circumscriptas da codea do cerebro, do *cortex:* nenhuma d'ellas e nenhum d'elles póde expandir-se além dos limites *normaes na especie* sem por esse facto molestar os outros. Vista d'aguia, faro de carnivoro, ouvido de herbivoro e tacto de homem não cabem no

mesmo craneo. Caracter rigido, intelligencia aristotelica, memoria d'anjo, sentimentos nobres e vontade de ferro não cabem na mesma alma — porque se atropellariam em um mesmo encephalo. Pelo menos no encephalo humano *actual.*

Em Anthero a intelligencia avassalou, em graus diversos, todas as outras manifestações do *eu.* Fallo de Anthero na maturação da vida, na plena fructificação da sua individualidade.

Antes de tal predominio, a razão teve de ferir varias pelejas rudes. A alma scandinava e a alma lusa deram-se repetidas batalhas.

Por isso elle foi, como todos os degenerados, um desequilibrado. O esplendidissimo astro do seu espirito teve frequentes eclipses, antes de para todo o sempre se diluir nas sombras da morte.

Apontem, se o conhecem, um gigante moral, que fosse harmonico em todos os actos da vida. Onde está esse maravilhoso instrumento — capaz de desferir com egual pureza todas as notas musicaes?

Busquem, rebusquem na historia de todos os tempos e de todos os logares. Concentrem, por mais expedito, a inquirição em *O Homem de Genio* de Lombroso, e respondam. Esse gigante moral terá de ser fabricado pela phantasia, e compor-se-ha de pedaços de seres diversos, como o monstro de Horacio.

Esqueçamos os grandes heroes da mentalidade, que teem, elles sós, determinado o progresso humano — pois a especie, reduzida strictamente ao typo, estaria ainda hoje na edade de pedra. Esqueçamos esses deuses bem menos phantasticos do que os dos varios Olympos, e relanceemos a vista tão sómente pelos nossos compatricios, que no ultimo meio seculo teem primado nas artes, nas letras ou nas sciencias. Façam-lhes rapido inquerito á vida. De tudo encontrarão, menos o completo equilibrio

nas idéas ou nos actos. Aquem depara-se-nos uma intelligencia adamantina ligada a um caracter orgulhoso; além topamos com um sentimental, curto de idéas; agora, vemos, em repetidos exemplares, talentos de primeira grandeza casados com sentimentos de baixo preço; logo, temos pela frente a bravura marcial, mesclada de extravagancias scientificas; aqui, alguns politicos fluentes na palavra e gagos na acção; alli, bastos poetas falhos na vontade ou lesados, para mais ou para menos, na memoria. Seguem: estadistas egualmente profundos nas subtilezas da arte, nos segredos do mundo, no conhecimento dos homens e no uso dos cosmeticos; academicos tres vezes opulentos: na erudição, no dizer e nos terrores pueris; pintores, esculptores, musicos e actores, riquissimos de senso esthetico, mediocres uns no senso ethico, mesquinhos outros no senso commum; grandissimos ornamentos da tribuna sagrada ou da parlamentar, accusando a degenerescencia, qual na kleptomania, qual na loucura alterna, qual na hypocondria; tribunos dos mais alevantados, professores dos mais afamados, desmanchando-se, já por inversões sexuaes, já por indecisões doentias. *J'en passe*...

Seria interminavel a serie. Escavem na genealogia, se nos proprios não puderem ou não souberem ler os stigmas somaticos, as affirmações morphologicas da degenerescencia (asymetrias faciaes ou craneanas, prognathismos, implantação caprichosa dos dentes, strabismos, acromegalias, molluscos cutaneos, *habitus* feminil, orelhas mal feitas ou mal postas, face glabra, erro numerico ou topographico dos dedos, aspecto macrofetal, etc., etc.), e lá encontrarão, na linha directa ou na collateral, a contraprova da aberração especifica — se, claro está, ella não houver provindo de accidente do meio, na phase embryologica. E então, perante a *fatalidade anatomica*, os nossos sentimentos de enthusiasmo por quanto se diz gran-

*

dioso, e de repulsão por quanto se considera vil, terão de esbater-se mais e mais até se confundirem n'um sentimento meramente contemplativo da irrevogabilidade das leis biologicas, perante as quaes o genial artista, o eminente sabio, os sacerdotes do amor grego e as sacerdotisas do amor lesbio, o piedoso philantropo, o ladrão incorrigivel, o philosopho transcendental, o asceta, o impio, o alcoolico e o louco varrido são, singelamente, productos *naturaes* do implacavel laboratorio da Vida.

Anthero — vae ver-se — não mentiu ao destino, que muito antes do berço o marcára.

Ainda não era nado e já n'elle se incrustára a NEVROSE.

Nevrose, a fórma-amorpha (permitta-se o inconsequente dizer) de um estado morbido do systema nervoso; da doença, que não haja ainda optado por algum dos multiplos systemas cristallographicos da *nevropathia*. Especie de sal, que, de mistura com varias outras substancias, e, como ellas, dissolvido n'uma agua mãe, esteja ahi sem *feitio*, que só mais tarde virá a tomar, regular ou irregular, pulverulento, lamellar, glutinoso ou geometricamente facetado, conforme a sua tendencia intrinseca e o condicionamento occasional.

Quando as unidades nosologicas se desdobram em parcellas pathologicas e uma *doença* se fragmenta em *affecções*, estas são determinadas pela cooperação da essencia morbida com a mesologia.

Vejamos pois a essencia morbida e a mesologia de Anthero. O mesmo é estudar-lhe a degenerescencia hereditaria e os accidentes da vida.

Então justificada ficará cada uma das suas *affecções*.

VII

As espheras sensorial, sentimental e intellectual teem diametros differentes no individuo e em cada individuo. A relação d'esses diametros é tambem vária nas raças, nos sexos e nas edades. Na creança predomina a esphera dos sentidos, na mulher a do sentimento, no homem a da razão. É esta egualmente a ordem nas raças inferiores, medias e superiores.

Pela herança physiologica transmittem-se *virtualmente* todas as qualidades, positivas ou negativas, dos dois progenitores, e na proporção em que ellas n'elles existam. Os filhos de gente *sã* apresentam, *realisada, a média* das qualidades dos ascendentes proximos; os filhos de pae ou mãe enfermos apresentam *a resultante* das qualidades antagonicas; os filhos, que de ambos os lados receberam doença, apresentam a *mistura* ou a *combinação* dos morbos ancestraes. N'estas leis primarias se comprehende a determinação dos sexos: se, por qualquer das mil razões que para isso póde haver, o pronucleo materno, é, no instante da fecundação, potencialmente mais energico do que o paterno, o embryão orienta-se em feminino; se menos energico, em masculino.

O mesmo para os attributos mentaes. Á prole d'um casal cheio de saude, o sentimento corre-lhe do lado da mãe e o intellecto do lado do pae. Estejam porém invertidas em alguns dos progenitores as proporções psychicas, os filhos poderão pensar feminilmente e masculamente sentir. Se as proporções foram respeitadas, mas augmentadas as energias de um e outro lado, o descendente ainda acusará essa proporção e esse augmento com o ter descomunalmente ampliadas as espheras racional paterna e affectiva materna.

Esta ultima hypothese é a de Anthero. Da linha do pae adveio-lhe a hyperintellectualidade e da linha da mãe a hypersentimentalidade.

Elle, que pela ascendencia masculina era um septentrional, pela feminina era um meridional. Estas duas procedencias brigaram toda a vida, como de si dizia Renan: terem n'elle brigado o *bretão* e o *gascão*.

Estes casos de *conflicto de mentalidades* pedem algum desenvolvimento.

Antes mesmo de fecundado, já o ovulo, que haveria de dar uma das metades ao embryão do futuro poeta-metaphysico, tinha os seus plastidulos, como diria Hæckel, vibrando em unisono com o mysticismo; e, antes de permear esse ovulo, já a cellula fecundante se achava norteada no rumo da vesania.

Essas duas ordens de vibrações, reciprocamente dissonantes, mantiveram-se, durante toda a vida do filho, em parte isoladas, sem se prejudicarem, e determinando umas o fundo mystico e as outras o fundo transcendental da alma de Anthero; em parte, sobrepostas e combinadas, ou antes baralhadas, determinando o coefficiente mental do artista-philosopho: — a dôr do espirito, a *psychialgia*.

Dôr — e bem excruciante foi ella. Dôr nascida ora das contusões, que a Razão produzia na Fé, ora das feridas, que a Fé praticava na Razão. Dôr, que só podem soffrel-a os rarissimos entes a quem tyrannisa uma crença bastante enraizada para com ella por vezes illaquearem a intelligencia, e uma intelligencia bastante guindada para com ella de quando em quando subjugarem a crença.

Esta lucta, de uma existencia inteira, com alternativas victorias de lado a lado, que foi todo o soffrimento moral de Anthero, foi-lhe — maravilhas da vida! — ao mesmo tempo uma quasi completa redempção espiritual.

Se uma pela outra se não mantivessem parcialmente

sopeadas, as duas energias mentaes de Anthero teriam dado com elle, successiva ou alternadamente, n'um asceta, digno de canonisação, e n'um louco, digno de manicomio.

Houvesse-lhe acaso sua mãe dado um pae de genealogia não-vesanica, Anthero teria sido um santo.

Houvesse-lhe seu pae escolhido para mãe uma senhora sem exaltado sentimento religioso, Anthero teria sido um doido.

Mas — dir-se-ha — como é que o irmão mais velho de Anthero foi um *verdadeiro alienado* e suas irmãs accusam sómente a *hysteria*, tendo todos elles os mesmos progenitores? Ah! É que Anthero foi gerado na phase *menos inopportuna* d'aquelle matrimonio. Ve-se, por esses mesmos exemplares, que, ao ser gerado o primeiro filho, eram predominantes no casal as vibrações masculinas; que ao serem gerados os tres ultimos prevaleciam as femininas; e que ao ser gerado o segundo — Anthero — se equivaliam as de um e outro lado.

É de regra que a influencia psychica materna predomine, até ao ponto de parecer unica, nas tenras edades. Ha para isso em primeiro logar e sempre o facto de uma comprida gestação, em segundo e muitas vezes o de uma demorada lactação — em ultimo, e não raramente, o da inicial educação; o que tudo, integrado, dá de si serem as creanças (sensações á parte) a miniatura mental das mães, avultando n'ellas, como n'estas, a sentimentalidade.

Além d'isto, na alma humana não são coevos — porque o não são no desenvolvimento seriado de zoologia — os attributos sensoriaes, os do sentimento e os da razão. Os mais velhos, no individuo e no reino animal, são os primeiros acima notados; apoz veem os segundos e só mais tarde os terceiros.

O sentimento fructifica mais cedo e mais cedo ama-

durece do que a razão. Por isso mais cedo fenece, igualmente.

Assim se passaram tambem as coisas em Anthero. N'elle, o sentimento, ao mesmo tempo mystico e artistico, descobre-se-nos sazonado n'estes versos dos seus 19 annos — primordial phase do poeta:

« Se sentir dentro d'alma alguma f'rida
Vertendo sangue e fel. em dor extrema,
Buscarei no Senhor algum alivio: »

Quem diria que, menos de dois annos decorridos, a duvida lograria penetrar n'aquelle espirito tão valentemente blindado! Pois o facto é que o ultimo verso do Soneto *Momentos de tedio* resa assim:

« Antes minha alma não voasse... e visse! »

É que ao tempo já o *novo meio* tivera artes de patentear o seu poder de modificador espiritual e temporal!

O *novo meio* foi Coimbra.

Aos 14 annos — edade sobre todas critica para o homem — Anthero foi forçado a trocar o affectuoso regaço de sua mãe pelos descaroaveis tratos de uma madrasta — a Universidade.

Coimbra! A Coimbra de 1856! Com a sua vida bohemia, com a sua tradição escholastica... Vida capaz de derrancar o proprio Hercules! Tradição capaz de ensandecer a propria Minerva!

Dois venenos, qual d'elles mais deleterio. Só em doses minimas poderiam actuar como remedio.

Anthero não foi cauteloso na posologia. De ambas as drogas abusou. D'ahi, uma dupla intoxicação: do corpo e da alma. Dupla e reverberante — que os males physicos acarretam os moraes, e estes trazem aquelles.

Saudavel que Anthero fosse, ao transpor a vez primeira a *porta-ferrea*, teria alli colhido germens de doença, attenta a sua maneira de viver, como rapaz e como estudante.

Enfermo, o seu estado não fez senão aggravar-se; lenta, mas progressivamente.

Mostram-no as varias maneiras da sua arte, as varias mutações da sua philosophia e as varias localisações da sua molestia.

VIII

Essa molestia foi a *neurasthenia*.

N'ella veio a definir-se a indecisa *nevrose* hereditaria, como se em vaso se moldasse amorpha cera derretida.

Ao tempo em que a doença de Anthero ganhou *fórma*, era ella anonyma ou antes polynonyma na sciencia.

Confundida com as especies mais affins, uns lhe chamavam *nervosismo*, outros *nevrose proteiforme*, estes *hysterismo*, aquelles *hystericismo*, qual a dizia *vapores*, qual a denominava *cachexia nervosa;* e muitos, outros appellidos lhe attribuiam.

O certo é que nome legitimo não o tinha, pela boa razão de lhe faltar identidade. Só quando esta lhe foi determinada pelo medico americano Beard é que a nosologia a houve como a especie definida e acceitou as duas denominações propostas em 1880 por esse medico: *nervous exhaustion* e *neurasthenia;* prevalecendo a ultima, mercê do seu travo hellenico.

Neurasthenia, á lettra: falta de tom nos nervos.

«Fraqueza irritavel» se lhe dá como synonymo, e acertadamente, visto serem os neurasthenicos um mixto

paradoxal de impetos e impotencias, de luz e trevas, de positivo e negativo.

Estabelecido o fundo nevropathico, sua causa predisponente, a neurasthenia brota ao mando de qualquer sobreposse ou esfalfamento, *surmenage* se preferirem, do systema nervoso.

Comprehende-se agora que na America do Norte a molestia recebesse o seu baptismo.

Levillain, Bouveret e Mathieu foram quem melhor a estudaram em França. Na Allemanha, Arndt.

Para Levillain os «excessos de litteratura» bem como os da «musica moderna» são factores possiveis da neurasthenia. Mathieu nota entre outros factores «a preparação para os exames do bacharelado.» Bouveret aponta «o exaggero do trabalho affectivo e do intellectual.» A *anciedade prolongada*, as *subitas dôres d'alma, o contagio por suggestão,* as *irregularidades de vida,* eis ahi novos elementos etiologicos, admittidos hoje.

De todos elles houve em Anthero. Uns actuaram simultaneamente, dando o primeiro impulso á doença; outros vieram successivamente, eternisando-a em feitios varios.

Como dos mais decisivos notarei os factores *contagio moral* e *subita dôr d'alma.*

O primeiro, no crivel dizer de Theophilo Braga (*Esçorço biographico*), deu-se na especial convivencia do doente com os seus companheiros d'estudo, Germano Meyrelles e Eduardo Xavier, dois nevropathas emeritos, que por seu turno haveriam recebido de Anthero nefastas influições morbidas. Com os tres se deu reciprocamente o que se déra entre Bouilhet e Flaubert, segundo conta Maxime du Camp: «Viveram tempo de mais juntos, em face um do outro, reflectindo-se, reproduzindo-se, formando para elles um universo d'onde o resto do mundo era excluido.»

Na moderna pathologia, a noção do contagio moral perdeu muito do seu antigo mysterio. Ha alguma coisa de tão delicadamente material n'esse contagio, de tão commensuravel até, como nas tenuissimas ondulações do ether luminoso. O transporte, desde um ser vivo até outro ser vivo, da *materia peccante,* fautora de contagios taes, é realisado pela *irradiação neurica*, pela «força neurica irradiante», como lhe chama Baréty, a qual é a base scientifica das fascinações pela vista e das tão insensatamente negadas allucinações telepathicas.

Seja porém como fôr, o facto, sobrenadante a theorias, é que dois nevropathas similares, se associativamente se cultivarem, ficam quaes dois espelhos concavos affrontados: o que de irradiavel estiver no foco d'um, vae focalisar-se tambem no do outro. Cada um dos focos, pois, é accrescentado com a dadiva alheia — e isto reciproca e indefinidamente. Em caso de doença, a revigoração do morbo chega possivelmente a lethifera. Ainda depois de desconjugados, cada foco leva em si e por muito tempo o accrescimo advindo — como o ferro, que fica para sempre magnetisado apoz intensivo contacto com o iman.

Para a neurasthenia, o caso é tanto mais flagrante quanto o doente tem grande tendencia para se auto-suggestionar no sentido da doença. Quanto mais grave a suggestão não será, dando-se a chamada *neurasthenia-a-dois*, de que ha registrados curiosissimos exemplares e que Rauzier considera a peor das neurasthenias.

Da dôr d'alma, agudissima e brutal, que Anthero recebeu com a morte de sua mãe, testemunha Oliveira Martins, que, ao referir-me o facto, me fez notar n'elle um elemento importante do aggravamento dos males do seu amigo queridissimo.

A *Sociedade do Raio*, com as suas noites veladas, dias dormidos, refeições caprichosas; as disputas sabbatineiras *de omni re scibili;* as leituras apocalypticas e

abracadabrantes; o trabalho de lufa-lufa para os exames, e abusos de outra ordem, faceis de presumir — eis mais uns tantos agentes da determinação morbida.

Como etiologia — remota e proxima, predisponente e occasional — o caso Anthero é, portanto, completo.

Como expressões symptomologicas não o é menos. Anthero teve quanto pertence a um neurasthenico-hereditario: — no moral e no physico.

Teve as *dores*, as *asthenias musculares*, a *dyspepsia*, a *insomnia*, varias *phobias*, a *lesão da vontade* e uma infinidade de outras *aberrações do eu*.

A principial, não unica, dôr physica foi a sua frequente cephalea, com feições caracteristicas. Não é uma qualquer dôr de cabeça; é um soffrimento de extensa escala, que tem por nota fundamental a sensação diffusa de peso. Porque essa sensação dá aos doentes a idéa d'um capacete na cabeça, chamava Charcot a alguns neurasthenicos, antes de baptisados por Beard, os *galeati*. O capacete é por vezes pesadissimo. Os doentes dizem-n'o de *chumbo*. Anthero foi *galeatus* d'este modo. E' ouvil-o nos seguintes versos, que pela vez primeira se me depararam nas *Cadencias vagas*:

«Quando o Tedio, com plumbeo capacete,
«Esmaga a fronte ao homem desolado»

Sendo os versos de Anthero *vividos*, — como Oliveira Martins escreveu em 86 e como elle proprio, em 85, assevera em carta ao Visconde de Faria e Maia: «. . . a poesia tem sido para mim coisa sincera e tirada cá de dentro,» — a neurasthenia estava caracterisada já em 1873; e com ella, como de ambos os sonetos de *O Possesso* se deduz, estava consolidado tambem o pessimismo. A esse tempo, Anthero só acreditava, *lá de dentro*,

« no Peccado ineluctavel,
« Na Maldição primeira inexpiavel,
« E no eterno reinado de Satan! »

De Satan, a quem rendia preito:

« Honra, pois, e preito eterno
« A Satan, que nos deu o blasphemar. »

Sente-se que o *plumbeo capacete*, n'um certo dia ao menos, o cegara para o Bem. Mas onde ia, a esse tempo, a Crença? Onde se alojára a Fé primeira? A Fé, que vinha de longe e ainda na edade dos 22 annos déra de si uns resquicios na *Defeza da Carta Encyclica do S. P. Pio IX contra a chamada opinião liberal?* Aos 31 annos tinha-se substituido não por alguma coisa definida, mas pela incerteza. É que a esphera intellectual e a sentimental do poeta, que acima se disse em parte sobrepostas, estavam-no de maneira ondulante, doentia; não de modo estavel, sadio. Imaginem-se dois pedaços, dois discos, de vidro, um azul, outro verde, embricados. Se a zona d'embricamento fôr sempre a mesma, e invariavel a distancia das superficies affrontadas, essa zona ficará d'um amarello fixo. É o caso da saude, em que a razão e o sentimento se engrenam harmonicamente, dando este áquella uma suavidade quasi luminosa de contornos e pagando-lhe a razão com o manter o sentimento nos amplissimos limites do sensato. Que, porém, os discos azul e verde sejam oscilantes em dois planos, supponhamos no horisontal e no vertical, que se cubram ora mais ora menos e que o façam agora a pequena e logo a grande distancia: o amarello será incerto na área, na figura e no tom. Assim a sobreposição morbida do sentimento e da razão. A *área mixta* é variavel, indecisa; a *figura,* caprichosa, phantastica; o *tom,* indeterminavel.

A *indecisão*, a *variabilidade*, o *caprichoso*, o *phantastico* e o *indeterminavel*, eram o normal em Anthero.

Asthenias musculares, impotencias de locomoção sobretudo, teve-as o doente. Tão frequentes, que dizer-se podem constantes. O mais suave e curto passeio o fatigava. Por costume tinha o deitar-se sobre a cama logo depois de andar. Sentia-se extenuado. Como haviam de os musculos trabalhar, se a espora nervosa estava romba?

Esta impotencia muscular, derivada da impotencia medullar — da *myelasthenia*, — foi-lhe de varios modos nefasta. Impedia-o de na locomoção encontrar auxiliares ao penosissimo labor digestivo; defraudava-lhe o cerebro dos hygienicos incitamentos, que a marcha lhe daria com o proporcionar aos sentidos, em horisontes dilatados, impressões variadissimas; pela sedentariedade, finalmente, obrigava esse mesmo cerebro a produzir á custa da sua propria substancia, como o navio de Julio Verne, que por fim, só com a madeira da amurada podia entreter accesas as caldeiras da machina.

A *dyspepsia* de Anthero foi-lhe tres vezes cruel: pela intensidade, pela duração, e pelos echos que na alma lhe acordou.

Como no mundo não ha mal absoluto, essa dyspepsia foi para o meu egoismo um bem. Deu-me ella o delicadissimo prazer do conhecimento de Anthero e a honra de por algumas vezes o aconselhar, como seu medico de passagem.

Era o que nós hoje chamamos *gastrectasia,* o que por Glénard é chamado *gastroptose,* e eu prefiro, em hypotheses analogas, chamar *gastroplegia*. Ao tempo, 1874, dizia-se *dyspepsia atonica*, indicando-se assim a sua dependencia, tão bem suspeitada que está hoje provada, de uma falta de *tonus*, nervoso ou muscular.

Figure-se, dentro do ventre, um sacco amplissimo e inerte, suspenso da base do peito e cahido, como flaccido

avental, até muito abaixo do umbigo. Quanto cáia no sacco, fica. Tão bambas as suas paredes, que a mais leve oscillação imprimida, faz chocalhar os liquidos de mistura com os gazes, como em vascolejado odre, mal cheio e com ar.

Tal o estomago do desventurado. Os alimentos eram ahi introduzidos uma só vez nas 24 horas. Para serem digeridos? Não. Para serem, na melhor parte, apodrecidos, — que as deficiencias mechanicas, physicas e chimicas da viscera não comportavam metamorphoses — peptonisações e outras — regulares. A passagem do errado chylo para o duodeno, nem essa se fazia em termos; não era gradual, era de jacto. Nem de jacto, a bem dizer; que a atonia não dava para isso. Era por queda, por *débâcle*.

Consequencias? As mais graves e multiformes.

Primeira de todas, nutrição insufficiente, com os seus corollarios de anemia, de fraqueza accrescentada á anterior debilidade, e de incapacidade, por inanição, para o regular desempenho de cada dever organico, — do dever cerebral, como de qualquer outro.

Segunda, um envenenamento, uma auto-intoxicação de todas as horas, produzida pela passagem, atravez do sangue, de productos pathogeneos ao plasma vivificador de todas as cellulas, que, mal alimentadas por deficiencia, por erro ficavam sendo-o ainda peor.

Para o cerebro, pois, fome e veneficio.

Terceira, perversa influencia de um tal estomago, por acção nervosa reflexa, sobre todas as visceras, sem excepção da viscera intra-craneana, antes com desfavoravel privilegio para o encephalo, dada a classica *sympathia* entre este e o estomago.

Essa sympathia, pela segunda vez alludida aqui, é mutua; mas é desegual. O estomago, pathologicamente, manda mais no cerebro do que por elle é mandado. Vem isto de que o cerebro, sendo morphologicamente mais

nobre do que o estomago, chronologicamente o é menos. Na sua passagem de milhares de milhões de seculos pela estrada phylogenesica, teve o organismo humano uma demoradissima paragem nas alturas da *gastrula*. Por isso o estomago *impera* como tyranno no corpo do homem. Por isso, com altissima intuição, van Helmont o fazia quartel general do seu famoso *duum-virum*, que, bi-partido como a realesa de Siam, espreitava e commandava pelo orificio superior (cardia) as funcções elevadas e pelo inferior (pylouro) os mesteres vis do organismo,

Ainda que são fosse de origem o cerebro de Anthero e que a sua terrivel dyspepsia não tivesse tambem, nos alicerces, um peccado original, bastaria ella, no auge a que chegou, para perturbar oscillantemente a grandissima alma do enfermo. Oscillantemente, é o termo. Cada phase digestiva, pela acção vaso-constrictora ou pela vaso-dilatadora sobre os capillares cerebraes, commanda de modo diverso a mentalidade. Isto, que se percebe em saude, porque as oscillações são pendulares, isochronas, vê-se, como atravez de lupas, na doença gastrica, em que ellas são desordenadas, ataxicas. Já Galeno dizia: *Ventris torpor, omnium confusio.*

A gastroplegia durou pela vida adeante. Resistiu a todos os tratamentos. Ao de Charcot — e isto diz tudo. De 74 a conhecia eu. Na carta *auto-biographica*, datada de 87, diz o auctor que em 74 *adoeceu gravissimamente.* Para Anthero, a sua doença foi sempre ou primacialmente uma doença do estomago.

Em carta de José Bensaude, companheiro de casa do poeta, escripta de S. Miguel, cinco dias depois do suicidio de Anthero, li eu, mercè da obsequiosidade de Oliveira Martins, que

«por momentos, que chamarei lucidos, elle, quasi envergonhado, reconhecia as aberrações do seu temperamento e o offuscamento occasio-

nal da sua razão, e passavamos a assumptos geraes de conversa, para depois, *quasi sempre no começo da digestão*, tornar a dizer que a sua salvação era uma febre typhoide, porque não tinha coragem de se suicidar.»

E adeante:

«Nem eu nem o medico conseguimos que deixasse de ingerir, uma só vez por dia, o alimento para 24 horas. Apenas pude leval-o a aligeirar a dieta.»

O processo alimentar de giboia contribuiu não pouco para a insistencia do mal gastrico — sempre em tom maior.

Póde dizer-se que este mal foi milliario na psychologia do enfermo.

Elle, que, de 60 a 62, no periodo pre-dyspeptico, e por mero effeito da *nevrose*, ainda mal norteada, começou a sentir dentro da alma um vago rumor de descrença e os inicios da apathia physica

«Meus dias vão correndo vagarosos
Sem prazer e sem dôr, e até parece
Que o foco interior já desfallece
E vacilla com raios duvidosos.»

e, n'esse mesmo periodo, teve um rapido recrudescimento de dôr intima, com ephemera *erupção* de pessimismo —

«Só males são reaes, só dor existe;
....
Anda o mal em cada hora e instante e dia.»

— recrudescimento suggerido acaso pela nevropathia de Germano Meyrelles, a quem o soneto d'estes ultimos versos é dedicado; no periodo dyspeptico e logo na invasão d'elle, sente-se de tal arte inerte e vazio, que, impotente

a razão, triumphante *ipso facto* a fé, a esta se volve, como a um fôfo coxim de descanço do pensamento...

Veja-se no ultimo terceto de *O Convertido*, estes dois versos:

« Amortalhei na fé o pensamento,
« E achei a paz na inercia e esquecimento...»

Crê? Sim. Hygidamente ou morbidamente? Completemos o terceto:

« Só me falta saber se Deus existe! »

Esta ironia corresponde a um verdadeiro *tic* da alma. Uma pequenina, microscopica, impulsão de degenerado. Está-se a ver um cerebro de neurasthenico, já fatigado pelo burilar maravilhoso de um bellissimo soneto, descambar, findo quasi o trabalho, n'uma polarisação antithetica. Não lembra, aquelle verso, uma das *caudas extravagantes* das producções artisticas de Hoffmann, esse *alcoolico perseguido e allucinado?*

A doença progride. Toda ella; e salientemente a sua expressão gastrica. O desalento aggrava-se, a impotencia lança-o quasi no desespero e a Morte é para Anthero a visão querida. Querida, mas não desejada ainda. Como a fallencia, para o negociante arruinado: — temida e affagada. No soneto *Em viagem* o poeta vê uns *peregrinos singulares*:

« Dor, Tedio, Desenganos e Pesares...
« Atraz d'elles a Morte...»

E diz-lhes:

« Conheço-vos. Meus guias derradeiros
« Sereis vós. Silenciosos companheiros,
« Bemvindos, pois, e tu, Morte, bemvinda! »

Antes d'esta *Viagem*, já a *Mors liberatrix* fôra cantada n'estes dizeres:

> «Firo, mas salvo... Prostro e desbarato,
> «Mas consólo... Subverto, mas resgato...
> «E, sendo a Morte, sou a Liberdade.»

A insistente apotheose era o prologo, ao mesmo tempo artistico e vesanico, de um epilogo simultaneamente vesanico e tragico.

Estava definitivamente viciado o trabalho cerebral. D'ahi as *insomnias*, as *phobias* e restantes *syndromas episodicos da degenerescencia*, como diria Magnan, um dos grandes psychiatras contemporaneos.

IX

A *insomnia*, que muito torturou o doente, foi, como de regra, effeito da nevropathia e motivo do aggravamento d'ella. Durante o somno, não é sómente o cerebro que refaz as suas perdas; todos os orgãos descançam mais ou menos e n'esse descanço readquirem exhaustas capacidades. Mais nos deterioram prolongadas vigilias do que longos jejuns, — pois um orgão inquinado pelos residuos chimicos do seu proprio trabalho fica menos apto para o exercicio do que apenas cerceado nos elementos da sua nutrição. Para a trama cerebral, como para a de qualquer outro orgão, mais damnosas são as lentidões dos processos catabolicos do que as deficiencias dos anabolicos. Antes assimilar pouco do que desassimilar mal. Antes faminto do que envenenado. A insomnia, de per si, é capaz de invalidar o funccionamento geral. Se procrastinada, de o abolir até. Em Anthero, aggravou poderosamente, e por ultimo tragicamente, o desequilibrio cellular.

*

Vejamos as *phobias*, os terrores.

Mais dependentes do fundo heredo-degenerativo do que da neurasthenia propriamente dita, os terrores varios de Anthero, as suas innumeras *phobias*, imprimiram cunho especial ao homem, ao artista e ao philosopho.

N'este curioso capitulo, o enfermo fôra como que um requintado. Dir-se-hia que tendo o direito d'opção, escolhera as phobias menos vistas, as menos banalisadas. Assim, livrou-se do horror dos largos espaços, da *agoraphobia;* livrou-se da *phobophobia*, o medo do medo; da *monophobia*, o terror de estar sósinho; e de tantas outras se livrou. Teve porém, uns apenas esboçados, outros amplamente desenvolvidos, muitos terrores morbidos.

A *anthropophobia*, o horror das multidões, traduziu-se em Anthero pelo seu quasi-desterro em Villa do Conde. Por uma das fatalidades da neurasthenia dos degenerados, que por vezes reveste a fórma *circular* ou *alternante* (como de resto tantas psychoses) a *anthropophobia* de Anthero representou o reverso da sua mania de viajar — *vagabundeamento* — que annos antes o levara, um pouco á moda do judeu errante, a percorrer a Hespanha, a França e os Estados Unidos da America do Norte. O horror das multidões radicava-se no horror do homem, na *misanthropia*, de seu avô André da Ponte.

Em grau attenuado teve Anthero a *gynophobia*, o medo da mulher. De alguma maneira havia de ser n'elle morbido o amor. A phase mais delicada do desenvolvimento do senso genesico, passou-a o doente em Coimbra; e ahi as circumstancias todas conspiravam para que o estudante corrompesse a evolução normal das funcções reproductoras. N'um organismo manchado pela herança nevropatha, os erros de tal evolução deixam sulco permanente na structura geral, que para sempre fica debilitada, e na structura especial, que para sempre tambem fica incorrecta.

E assim é que Anthero foi o que entre psychiatras se diz um *cerebral anterior*. Não amava com intenção de posse. Amava, divinisando. Não queria á mulher com o coração, mas com o pensamento. Se o não soubera eu de testemunhos authenticos, bastar-me-hia esta estrophe de *Os Vencidos:*

> « Porque irrompe no azul do puro amor
> O sopro do desejo pestilente?
> Ai do que um dia recebeu de frente
> O seu halito rude e queimador! »

Outra fôra a sua maneira, outra houvera sido a sua sorte. A mulher *vivida* teria travado a roda do infortunio, como não logrou fazel-o a mulher *idealisada*. Assim estão as coisas dispostas na natureza e não ha fugir-lhe impunemente. Até na mais indiscutivel integridade mental, o homem e a mulher são psychicamente incompletos. Cada um d'elles tem, certo é, a razão e o sentimento; mas estes attributos acham-se, n'uma só pessoa, incapazes de reciprocamente se equilibrarem, se não em os casos triviaes, ao menos nas occasiões criticas da vida. Patenteada a *crise*, é mister procurar reforço alheio.

Cada sexo encontra no contrario esse reforço mental: no intellecto, como no affectivo. Sem Fornarina, Raphael não fôra. O *casal* é tão indispensavel á vida sexual como á vida moral. Nem o caso, na sua generalisação maxima, é unico na serie zoologica. Pois não ha gasteropodos hermaphroditas, que, incapazes de auto-copulação, teem de se acasalar para, n'um coito duplo e simultaneo, realisarem o acto fecundante? O *cherchez la femme* do celebre jurisconsulto francez, não deve limitar-se apenas ao estudo de factos da criminalogia; deve estender-se a cada facto da vida dos homens. Em todos, mais ou menos ostensivamente e mais ou menos conscientemente, actuou a influição, proxima ou remota, da alma feminina. Se o

atomo social é o individuo humano, a mollecula é a familia. Ora, os atomos só depois de aggremiados mollecularmente deixam ver todos os seus potenciaes. A psychologia social é a integração das psychologias, não de cada homem e de cada mulher, isoladamente, mas de cada familia; entendendo-se por familia a expressão *perfeita* d'ella, isto é, um casal, com, pelo menos, um dos ascendentes d'elle e um descendente. As tres gerações é que dão o *accorde* perfeito: a creança, pela nota sensorial, a mulher pela sentimental, o homem pela intellectual e o velho pela nota empirica, pelo «saber de experiencias feito.»

Tudo isto faltou a Anthero na phase perigosa da vida: paes, esposa e filho! Sem *acompanhamento*, a desafinação era fatal.

Outra feição morbida teve ainda o amor do poeta. Foi eivado de feitiço. Foi uma das variedades do que Binet chama *l'amour fétichique,* o qual póde ir desde os mais leves tons d'uma alienação custosamente perceptivel, passar d'ahi á manifesta insensatez do amor dos objectos inanimados, amor *azoophilico*, até chegar ás asquerosas profanaçães de cadaveres, á *necrophilia.*

Na sua aberração, Anthero foi... um delicado. A arte era n'elle *diathesica.* Em vez, porém, de idealisar cada um dos attributos physicos e psychicos da mulher, chegando ao que Stendhal chamou a *cristallisação do amor*, atteve-se strictamente aos olhos, aos *olhos negros.* N'este exclusivismo é que está o criterio pathologico. Ouçamos Binet:

«L'amour normal nous apparaît comme le résultat d'un fétichisme compliqué... on pourrait dire que dans l'amour normal le fétichisme est polythéiste; il résulte non pas d'une excitation unique, mais d'une myriade d'excitations: c'est une symphonie. Où commence la pathologie? C'est au moment où l'amour *d'un détail* quelconque devient prépondérant au point d'effacer tous les autres.»

De onde viria a Anthero esta predilecção pelos *olhos*

negros? A pergunta soará extranhamente a quem ignore que as *phobias* dos degenerados teem o seu determinismo. São produzidas pelo constante repercutir de uma primeira impressão subita e forte. Tal fica para toda a vida com a *cynophobia*, por haver, na infancia, sido mordido por um cão. Tal outro nunca perde o *enguiço* dos 13, ou o do corcunda, ou outros, analogos, por haver em creança recebido a *suggestão* do desastre concomitante.

Mais este grupo de factos a testemunharem quanto a vontade se acha peada pelo preconceito, ainda quando menos coacta parece.

Nas *phobias* amorosas assim é tambem.

Jean Jacques Rousseau, famoso degenerado, delirou em amor por mercê das condições especiaes em que pela vez primeira *sentiu* mademoiselle Lambercier; e Berlioz, purissimo neurasthenico, teve até aos 64 annos varios paroxismos da paixão amorosa, que aos 12 lhe inspirára uma rapariga de 18. De Anthero sabe-se que aos 23 annos se apaixonou, a seu modo, por uma *loira de olhos negros*. Ao seu atavismo scandinavo repugnaria, pela lei biologica do amor por contrastes, penhor de fixação da especie, tudo quanto n'essa senhora lembrasse as raças do norte. De aproveitavel para amar, n'essa belleza loira, elle, grandemente loiro tambem, só encontrára os olhos, — por serem *negros*. Isto o decidiria pelo resto da vida.

Outro horror de Anthero: o dos ruidos. Como hypersthesia de ouvido, chama-se isso *hyperacusia;* como *phobia* mental poderá, no dizer de um hellenista meu amigo, chamar-se-lhe *kelaphobia*, para o distinguir da *phonophobia*, que é o horror dos sons rythmados. Afim de annullar a percepção dos ruidos, usava o doente de dois artificios, consoante estivesse de pé ou deitado. De pé, comprimia ambos os *tragus* com uma especie de funda, de sua invenção, cuja molla circumdava o occipital e pavilhões auditivos. Deitado, tapava o ouvido livre com

pequenos saccos d'areia, que do mesmo modo vedavam, por depressão do *tragus*, a entrada das ondas sonoras no ducto auditivo.

Deu-se com a *hyperacusia* em Anthero o mesmo que em Berlioz: a ampliação do seu ouvido musical, por ser morbida, era o que lhe tornava insupportaveis os ruidos; como á delicadissima retina de um felino repugna a luz crua do dia.

Digno de figurar ao lado d'este horror dos ruidos, notarei o horror do desarranjo. A um seu amigo confessou que para elle, Anthero, a imagem do inferno era uma Redacção, — pela confusão dos papeis. E não ha, de facto, estreitissima analogia entre a imagem visual de objectos em desalinho e a imagem auditiva de ondas sonoras em confusão? Flaubert, que foi hyperacusico, foi tambem martyr de doentias impressões retinianas. «Assim ha mobilias, diz elle, trajos, côres de casacos, perfis de cadeiras, guarnições de cortinas, que me fazem mal.»

A uma retina hypersensivel, quasi em *photophobia*, devem, com effeito, repugnar as cruesas opticas. Por isso em Anthero se dava o singular caso de possuir em alto grau a noção das fórmas e a das linhas com a quasi atrophia da noção da côr. «Aos quadros chama *paineis*, com horror», diz-nos Oliveira Martins. Novo caracteristico este de degenerescencia: exaltação d'umas qualidades sensoriaes á custa do amesquinhamento de outras. Aos *degeneradòs*, que detestam a pintura, se refere Camões:

«Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe côres,
Honra, premio, favor que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que *degeneram* certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,»
. . . .

Um novo horror de Anthero: o dos aprestos de viagem. N'isto parodiou o seu correligionario em nevropathia e em pessimismo, Carlyle, para quem o *fazer as malas* era *negocio d'estado*. A esse horror chamemos, na conceituosa lição da pessoa já alludida, *ephodiophobia*. Foi sempre angustiosa no nosso enfermo a idéa de ter de arranjar as suas malas. Era demasiado subjectivo, demasiadamente synthetico, o seu espirito, para descer a tão meudos pormenores de analyse. Do mesmo modo que o poeta *não podia pintar nem descrever, e achava isso inferior e quasi indigno*, como refere Oliveira Martins, o homem não podia *contar*; nem podia ser superior ao medo de que as coisas não ficassem *bem arrumadas*. Era-lhe, todavia, angustiosa essa impotencia — como nos *delirantes do tacto* é cheia de dolorosas ancias a lucta entre os desejos positivo e negativo de tocar em certos objectos, como nos *onomatomanos* é excruciante a busca impotente de certo vocabulo. Nas vesperas do seu suicidio, vesperas tambem de frustrada viagem, que de S. Miguel o deveria transportar a Lisboa, Anthero sentiu bem o peso da sua *ephodiophobia*. «Resolvido a ir n'este vapor — Açor — (diz José Bensaude na mesma carta acima citada), *aterrava-o* a massada de ter de despachar a bagagem em Lisboa. Assegurei-lhe que nem pensaria n'isso, que ella lhe iria ter a casa; ao que me respondeu extranhamente que, não sabia porquê, mas esse plano não lhe agradava.» É typico, este querer e não querer.

Por aperfeiçoamento de todos os seus morbidos horrores, cahiu Anthero na *pantophobia*, no medo de tudo. «Estado de angustia, d'anciedade permanente por tudo e por nada», segundo a define Mathieu. Conforme mais tarde se verá, d'esta *phobia universal* se derivaram, como troncos da mesma arvore, o *pessimismo* do poeta, o *psychismo* do philosopho e o *suicidio* do desvairado.

X

A *lesão da vontade*, o seu enfraquecimento, que, no dizer de Bouveret, constitue «a nota mais caracteristica do estado moral dos neurasthenicos», foi terrivel no nosso doente, e teve além dos factores geraes, acima enunciados — a herança e sua modalidade neurasthenica — um factor auxiliar ainda não considerado: uns laivos de hysteria, de procedencia materna. Esses laivos bastaram a Charcot para, em tempo anterior aos estudos de Beard, capitular de meramente *hysterico* o padecimento inteiro de Anthero. Á face da nosologia de hoje, o que se deve admittir é que o nosso superior degenerado era um hystero-neurasthenico, variedade relativamente frequente. Mais pelos stigmas mentaes do que pelos somaticos, se chega a esse diagnostico.

«A sua intelligencia quer e não quer», diz-nos o seu mais carinhoso biographo. Na carta a W. Storck refere Anthero a sua queda «n'um estado de duvida e de incerteza» e dá conta da sua «forçada inacção», que não era continua, antes uma alternativa de «fogachos e abatimentos». Muito mais explicito, porém, é o doente quando se abre com o seu amigo Visconde de Faria e Maia, na carta de 1885, a outro proposito transcripta acima. Ahi falla elle de:

«... o grande desarranjo nervoso de que padeço, que ataca em mim sobretudo a vontade e a determinação; e é assim que desejando fazer uma coisa e não havendo apparentemente obstaculo a isso, pois só depende de mim, passam-se todavia mezes e annos sem que logre fazel-a. Isto em coisas tão pequenas como escrever uma carta, etc., etc. Imagina o que será nas outras, e se poderei entregar-me a trabalho algum seguido! É um estado singular esta *alienação da vontade*, que só te poderei dar uma idéa d'elle dizendo que se me affigura que estou

encantado... como nos contos de fadas. Mas com tudo isto vou adquirindo uma serenidade interior, e não me julgo infeliz, antes feliz. Possuo um mundo ideal, que de tudo me consola, para tudo é compensação. Mas atravez de que nevoeiros, por meio de quantos spectros tenho caminhado!»

D'esta abulia, d'este affrouxamento da volição, d'este atrophiamento da personalidade, nasceram a indecisão de Anthero e a sua impossibilidade de fixar demoradamente a attenção.

A sua *obra* não é creador sol, que deslumbre; na arte, é uma scintillante constellação, que maravilha; na philosophia uma vaga nebulosa, que faz scismar.

Envergadura para lavor de grande tomo, se a tinha no intellecto, não a tinha na vontade. Esta manifestava-se apenas por breves lampejos; por isso aquelle era a meudo cortado de sombras. E esses clarões da volição nem todos foram, para que assim o digamos, espontaneos. A *questão coimbrã,* ao que dizem, não foi de iniciativa sua; entrára n'ella instigado por Theophilo Braga. Era falho na iniciativa, e só arrastado deixava fulgurar as chispas do engenho.

Nos mesmos trabalhos de impulsão propria — as *Conferencias do Casino* e a *Revista Occidental* — estou em dizer que Anthero teria estacado ao primeiro passo, ou logo depois, se não se houvesse sentido... collaborado; como certa especie de timidos, incapazes, por exemplo, de jazerem a sós no escuro e que todavia adquirem a precisa coragem se acompanhados, ainda que seja por uma creancinha.

O soneto foi o molde predilecto e quasi unico da sua poesia. Para isso houve duas razões, ambas de ordem pathologica.

Uma d'ellas foi, como para o seu *amor de feitiço*, certa impressão primeira e forte. Não foi essa impressão,

segundo me informam, a que se deduziria d'esta passagem do *Escorço biographico:*

«O talento de Anthero revelou-se pela poesia no jornal *O Academico;* em 1861, levado pela admiração do lyrismo de João de Deus, cultivou a fórma do Soneto.»

Antes foi a que derivou da influencia dos Sonetos de Camões, a esse tempo predominante em Coimbra.

Foram os *olhos negros* da loira...

A segunda razão está em que a *exhaustion* do seu systema nervoso lhe não permittia trabalhos de folego; a intermittencia, sem periodicidade, era a sua maneira de produzir, na alta ideação como em tudo; por exemplo, na rapida locomoção. Varios projectos grandiosos, talvez *ambiciosos*, no sentido pathologico da palavra, lhe abortaram pelo despotismo d'esse motivo. Assim, não passou das primeiras 80 estrophes o poema O *Monge;* e se a traducção do *Fausto* chegou a mais de dois terços, esse esforço de volição, que o foi, poz-lhe a nado, no exhausto espirito, a vontade ancestral: — Anthero inutilisou esse trabalho e do mesmo modo inutilisou, depois de todo escripto e de lido a poucos intimos, o *Programma para os trabalhos da geração nova*, como o poeta André da Ponte queimára os seus ineditos, que Bocage, todavia, pudera ler e apreciára em alto valor.

A perfeita compreensão d'estas desegualdades do querer, como a final a de todas as desegualdades dos *neurasthenicos hereditarios*, requer um simile baseado na velha theoria do «fluido nervoso» e do «tubo nervoso». Supponha-se, pois, que ambos os elementos morphologicos do tecido nervoso — cellulla e filete — sejam respectivamente uma ampôla e um tubo metallicos, e que o chamado fluido nervoso seja a agua. No estado normal, esse liquido enche completamente a ampôla, e do mesmo modo enche o tubo, cujas duas extremidades estão, uma her-

meticamente fechada e a outra em communicação com a cavidade ampolar. Nos estados de nevrose, a agua só em parte enche o systema, sendo o restante espaço occupado por ar.

Resultados?

Na primeira hypothese, a agua não terá movimento de translação, quaesquer que sejam as variantes do eixo do systema; horisontal, vertical ou obliquo esse eixo, o liquido não se desloca por effeito da gravidade, vistas a homogeneidade da sua massa e a plenitude das cavidades. Só movimentos vibratorios são realisaveis; e só possiveis quando transmittidos á agua, pelas vibrações da ampôla ou do tubo. Além de que, essas vibrações são propagadas com presteza e absoluta fidelidade, attenta egualmente a homogeneidade do fluido.

Na segunda hypothese, nas condições da neurasthenia, o nivel da superficie livre do liquido está á mercê da gravidade; as posições do systema determinam a figura e a área dos contactos da agua e do ar; os movimentos de translação dão-se, e podem ser aos saccões; haverá por vezes um chocalhar da agua no tubo ou na ampôla. De tudo isto, o *não se poder contar* com tão aleatoria estabilidade da massa liquida. Pelo outro lado, pelo das vibrações, o caso é peor ainda. Se a camara d'ar está na ampôla, as vibrações d'esta são em parte interceptadas e o liquido recebe-as cerceadas; se no tubo, é a agua da ampôla que fica prejudicada. Além de dizimadas, virão atrazadas, que o ar transmitte-as com velocidade menor. Succederá mesmo que tão lentas e tão insignificantes cheguem essas vibrações, que passem despercebidas — ao tubo, se oriundo da ampôla; a esta, se provenientes d'aquelle.

Tal é a neurilidade, central e peripherica, de um neurasthenico bem definido: deficiencia no todo, e má distribuição das parcellas. O *fluido* não chega para a ubi-

quidade, no systema. As intermittencias da vontade são a fatal consequencia d'essa não-ubiquidade, derivada ella da baixa pressão, da *hypotensão neurica*.

Nos loucos impulsivos o caso é mais grave, pois o *ar da camara*, em rarefacções successivas, póde chegar a desapparecer, e então o *martello d'agua* explicará a subitaneidade e a violencia dos *choques*. Limitemo-nos, porém, aos neurasthenicos e á sua *frouxa tensão nervosa*.

Não haverá modo de attenuar o desastre? Ha, mas violento. Voltemos ao *simile*. Consiste em *amolgar* ora o tubo, ora a ampôla, para que o ar, mais denso por comprimido, se assemelhe ao liquido na promptidão e na exactidão das transmissões.

É isto o que succede aos *brain-workers*, de que a nevrose se haja apossado: teem de *amolgar* em graus, que vão do *pianissimo* ao *fortissimo*, ora as cellulas do cerebro, ora os filetes nervosos da sensibilidade.

Anthero seguiu o primeiro caminho. Não procurava excitantes extrinsecos. Fazia um esforço sobre si mesmo e a breve trecho exgotava-se. *Amolgava* o cerebro; não os cordões nervosos.

Outros teem andado melhormente avisados. *Amolgam* os nervos, deixando as cellulas cerebraes illesas de qualquer auto-excitação, de qualquer *amolgadura* — tomada esta palavra no sentido convencional do momento.

Pedem ao mundo exterior que, pelos sentidos, os excite, que lhes empreste as dynamias no encephalo deficientes; e, por mera transmutação de energias cosmicas em energias psychicas, chegam ao resultado de produzirem sem esfalfamento. Tal foi, por exemplo, Schiller, poderoso nevropatha, que, para trabalhar, fazia affluir sangue ao cerebro, envolvendo os pés em gelo e, como complemento d'essa excitação, extravagantemente lhe acrescentava a do cheiro das maçãs podres, sempre guardadas na gaveta da sua mesa de trabalho. Tal foi Jean Jacques,

que trabalhava andando e, para melhor meditar, expunha a cabeça á chapa do sol, pela hora do meio dia. Tal outro encontra na equitação (Goethe foi d'estes), tal no patinar, tal no fumar, tal nos arrebiques do vestuario (Buffon por exemplo), tal no aroma de predilectas flores, tal nas picadas de morphina ou de ether, e tantos e tantos no alcool — por vezes com intemperança, haja vista Edgar Poe, — o aculeo de uma cerebração entorpecivel.

Anthero esporeava-se a si proprio. Não houve fazel-o sem damno grave. O mundo exterior, que acabou por negar, antes o entorpecia; — tão funda era a degenerescencia da sua esphera sensorial.

Só é falso o *nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*, se o referirmos ao individuo com esquecimento das gerações suas antepassadas; — que as idéas herdadas, as ancestraes, são ponto assente. Os sentidos são os vehiculos da materia prima que a officina cerebral affeiçoa em productos psychicos. Conhecem-se já os *armazens* das imagens mnemonicas, onde os centros superiores vão fornecer-se dos *materiaes da ideação*. Querem transformar um homem em besta? Inutilisem-lhe alguns dos principaes sentidos. Se todos, fica menos do que isso, fica vegetal.

Quem não conhece o caso, referido pelo dr. Renaudin, de um rapaz que tinha, intermittentemente, insensibilidade completa de toda a pelle, e que por isso, decahia n'essas occasiões, de um caracter «doux, do cile et affectueux», n'um estado de ente «brutal, méchant, susceptible, jaloux, emporté jusqu'à la violence, n'ayant plus ni frein ni morale»?

E o caso, talvez mais conhecido, do soldado que em Austerlitz, ferido por uma bala de artilheria, perdeu, com a sensibilidade cutanea, a consciencia da personalidade? Depois do desastre, referia-se sempre na terceira á sua propria pessoa.

No primeiro doente, a anesthesia dava a fera; — fera intermittente, como os ecclipses da vontade.

No segundo, a anesthesia dava a abolição do *eu*.

Em Anthero, a deficiencia de incitações cosmicas adequadas, não só lhe ampliou o ingenito languor de açoriano — o *azorean torpor*, de Bullar, mas como que lhe abaixou a tonalidade do *eu*, abrindo-lhe na alma lacunas diversas.

E como não haveria de assim ser, desde que Anthero esfarelava, desassimilava, o cerebro em idéas, sem lhe assimilar equivalencias?

Se ha trabalho fatigante é o mental. Muito mais do que o muscular. Fatigante por consumir muito e por consumir ingredientes especialissimos. Consome alimentos e consome sensações. A physiologia conhece bem a equação da receita com a despeza cerebraes. Traduzem-se na statica e na dynamica, taes despezas organicas. Restringir-me-hei ao cerebro e, n'elle, a dois unicos elementos do calculo.

Na ordem dynamica: sabe-se, pelos trabalhos de Taschanoff, que o trabalho mental, de *sentimento* ou de *intelligencia*, determina, em toda a superficie da pelle, uma corrente electrica; e mais se sabe que, se com a contracção muscular coexiste a mesma corrente, não é esta effeito d'esse trabalho de contractibilidade, mas do trabalho de *esforço volitivo*, necessario para a producção do movimento do musculo.

Na ordem statica, bastarão dois exemplos: — o de Kant, que, perseguido pela gotta, conjurava os attaques dolorosos fixando a attenção em qualquer arduo problema e conseguindo, por este artificio de desassimilação intensiva, solubilisar os *tophi*, como Gladstone solubilisa os seus mediante um rude trabalho muscular — o de rachar lenha; e o conhecido caso do prégador inglez, a quem cada sermão custava uma dobrada eliminação de phos-

phatos. Não só no sentido etymologico e no physico, o phosphoro é o *portador de luz.* Tambem no sentido psychico.

Que ao menos, quando a luz no espirito não possa ser gerada pela methodica combustão cellular do phosphoro, lhe seja levada pela luz do sol, luz que é uma das mais potentes energias vitaes e a mais bella das energias moraes, pelo astro rei repartidas com o nosso planeta.

É mais vulgar do que se crê, chega a ser trivial, o anhelo ultimo de Goethe: *Luz! Mais luz!*

A grande obcecação da alma deveu ter chegado Anthero, para repudiar a luz, como o faz no *Hymno da Manhã:*

Antes tu nunca fosses, luz formosa!
Antes nunca existisses! e o Universo
Ficasse inerte e eternamente immerso
Do possivel na nevoa duvidosa!»

XI

Com o pleno desenvolvimento do organismo, deu-se em Anthero o pleno desenvolvimento da doença.

Pela volta dos 40 annos, a poesia e a philosophia do enfermo, até ahi em floração caprichosa, fructificaram. Amargos, porém, foram os fructos.

Transposta a idade em que o sentimento sobrepuja intellecto, passada a phase em que ambos se equilibram, chegou o tempo em que a razão domina quasi absoluta. Anthero, que, no dizer de Oliveira Martins, *pensava o que sentia e sentia o que pensava*, no ultimo periodo da sua vida, quanto a mim, apenas *pensava que sentia.* N'elle, a razão pura tomou então tal ascendente, que abafou as cordas do sentimento. As derradeiras crenças sairam-lhe da intelligencia. Eram antes convicções.

Convicções abstrusas, visto que á razão succede como a qualquer quantidade algebrica: — em passando pelo infinito, muda de signal.

O espirito de Anthero transpoz o *infinito* e desarrazoou.

Estava escripto que assim fosse. O transcendentalismo é uma especie de neoplasia da alma, e como neoplasia nem todos os estofos lhe prestam. Os degenerados por herança constituem o terreno predilecto para esses tortulhos psychicos. Nos geniaes, como Anthero, o tumor póde ter structuraes rendilhados, que o tornem estheticamente bello; nos degenerados mediocres, a structura é infima, sem bellezas. Em todos elles, porém, se dão excrecencias d'essa natureza. Já o vimos, de maneira abstracta, nas palavras do neurologista inglez, que encimam este estudo, e poderemos vel-o agora no neurologista allemão Arndt, que dá como possivel manifestação da neurasthenia «a aspiração vaga para qualquer coisa de novo.» Poderiamos vel-o, de maneira concreta, nas mil observações clinicas dispersas pelos livros de psychiatria. Ainda no corrente mez, a Sociedade de biologia de Paris ouviu da bocca de Magnan a relação de um curioso caso de degenerescencia mental, que, entre varios syndromas episodicos, apresentava um, assim descripto:

«Il a, en outre, été tourmenté par la recherche obsédante de questions métaphysiques, telles que l'origine du monde, la destinée humaine, l'immortalité de l'âme, etc., etc. Une fois l'idée fixée dans l'esprit, il lui était impossible de songer à autre chose et il éprouvait de très grands malaises dans ses recherches stériles.»

A noção do infinito é como a luz do sol. Uma e outra, temos de aproveital-as diluidas. Se as fitarmos insistentemente, offuscamos n'um caso a razão, no outro a vista. Amblyopia do cerebro, amblyopia das retinas:

quando não amaurose de ambos. Quanto mais delicada é a trama organica e mais differenciadas as suas parcellas, tanto mais attenuados teem de lhe chegar os incitantes. Um schizomyceto póde respirar o oxygenio nascente, ozonisado, concentrado por assim dizer: o homem ha-de respiral-o muito diluido no inerte azote — sob pena de desordem grave.

Nos cerebros do norte é menos perigosa a adaptação ao transcendentalismo, já porque a sua architectura mollecular, a sua tempera, seja differente da das outras raças, seja menos despolarisavel, já porque a lentidão do trabalho mental e o relativo embotamento da sentimentalidade, n'elles, se prestem ao estudo frio e desapaixonado dos altos problemas, estudo que por isso mesmo os não extenua, lhes não é *insalubre*.

Era Anthero um septentrional por atavismo; mas da herança materna recebera tambem uns grãos de hysteria, e isto constituiu uma das *harmonicas* do seu *timbre* psychico. A sua cerebração, tendente por um lado a investigar do sobrenatural, não podia, por outro lado, conter-se no trabalho regrado.

Os problemas metaphysicos, não os estudava em longas ruminações; eram digeridos tumultuosamente, resolvidos impulsivamente. Na interminavel estrada do *audelà*, Anthero não progredia marchando; avançava saltando, pulando. A sua alma ancestralmente scandinava attraia-o para essas perigosas viagens; o seu temperamento maternalmente hysterico semeava-lhe de precipicios o caminho, ou antes não o deixava ver, nem portanto evitar os precipicios immanentes.

O maior de todos foi o pouco lastro scientifico, com que se embarcou para navegação de tal arte arriscada. O *peso* dos factos positivos da sciencia ter-lhe-hia dado o que lhe faltou sempre: *equilibrio de fluctuação*. O formoso *steamer* da sua intelligencia nem teria *jogado* tan-

to, n'esses mares quasi sempre encapellados, nem teria sossobrado por fim.

A todo o homem illustrado se impõe este quesito: — qual é o papel da humanidade no theatro universal?

Os sabios, para responder, consultam a natureza.

Os philosophos, dispensando essa *formalidade*, poem-se a olhar para o invisivel.

Os primeiros chegam a conhecer a *Natura-naturata;* — e, parando ahi, quedam-se, resignados, n'uma sapiente ignorancia. Melhor do que resignados, bemaventurados pelo suavissimo prazer do commercio intellectual; pois, no dizer de S. Thomaz, *essentia beatitudinis in actu intellectus consistit.*

Os segundos phantasiam uma *Natura-naturans;* — e, porque seja movediço o terreno, muitos se derream na impossivel manutenção de uma estabilidade falsa. De derreados, o mundo affigura-se-lhes, como a Baudelaire:

«Un oasis d'horreur dans un désert d'ennui.»

Anthero teve deante de si o problema. Elle proprio o confessa, dizendo-nos na auto-biographia: «antes de morrer, quero saber porque vim ao mundo».

Resolveu-o como *metaphysico sem physica.*

Partiu das velhas concepções geocentrica e anthropocentrica: a Terra é o nucleo do Mundo e o Homem o nucleo da Terra. Concepções d'uma philosophia infantil e que Copernico e Lamarck respectivamente reduziram a nada. Sobre essas concepções assentou esta outra: «A liberdade, em despeito do determinismo inflexivel da natureza, não é uma palavra vã;» = asserção que o experimentalismo reduziu a pouco mais de nada.

Ao enganador clarão d'estes principios, quiz ver a Natureza. Não poude conseguil-o. Em vez de esclarecido, ficou deslumbrado. Viu mal, portanto. Para Anthero «o

Naturalismo, na sua fórma empirica e scientifica, é o *struggle for life*, o horror de uma lucta universal no meio da cegueira universal.» Este *horror* (genuina *phobia* neurasthenica, no grau em que Anthero o teve) não existe para quem saiba que a *segregação* wagneriana determina muitos dos resultados até aqui attribuidos á *selecção* darwiniana; e sobretudo não existe para os naturalistas, educados por egual na contemplação das expressões brutaes e cruentas, mas relativamente raras, d'essa lucta, e na contemplação das suas expressões mais vulgares, que são incruentas, suaves, tantas d'ellas carinhosas e tantissimas superiormente artisticas. Se Anthero conhecesse *de visu* a Natureza, se, por valetudinario, não houvesse rompido com ella a ponto de não a encarar, a sua concepção naturalista houvera sido bem differente do que foi. Conhecendo-a de outiva sómente, succedeu-lhe como a geographo, que só pela leitura houvesse informação dos accidentes physicos do globo. Havemos mister, os que estudamos a Natureza, de a lidar, com mão diurna e nocturna: *por dentro*, mediante a observação; *por fóra*, mediante a experimentação. Sob pena de tomarmos a nuvem por Juno — o que leva a um optimismo falso; ou a Juno por nuvem, — o que leva a um falso pessimismo. A idolatria de Goethe pela Natureza, veio-lhe de a conhecer de trato intimo . . .

A pretensa *cegueira universal* apenas existe para os espiritos, que não logram enxergar a *consciencia universal*, indicada no atomo e progressivamente sublimada até ao *eu* humano.

D'ahi por deante e justamente por causa da logica, o erro tinha de ser, e foi, collossal. Corollarios logicos de principios falsos, até muitos delirantes sabem tiral-os.

Se ha um Bem e elle não está na Natureza, é que está além d'ella. A natureza é o Ser: *logo*, o Bem estará no Não-Ser.

Mas existirá acaso o Ser, a Natureza? Sim, como systema exterior, como apparencia.

E o que é que se nos depara n'esse systema? Logicamente, o Não-Bem.

E eis a estrada pela qual Anthero chegou, como naturalista, como observador (!), a apostolo do *pessimismo;* como philosopho, como especulador, a crente do *psychismo.*

Não viu as harmonias do cognoscivel e phantasiou-as no incognoscivel!

Conhecem o *pseudoscopio,*—uma curiosidade dos gabinetes de physica? Linhas harmonicas, contornando figuras regulares, que n'elle se reflictam, apparecem-nos deformadas, incongruentes; figuras de certa maneira irregulares, em *anamorphose,* espelham-se alli em contornos harmoniosissimos. Se o instrumenento for sterosco-pico, dá-nos o concavo pelo convexo e reciprocamente; disparatando de modo que, por imagem da Venus de Milo nos dê, suppunhamos, a besta do Apocalypse.

Era *pseudoscopico,* por fim, o superior espirito de Anthero. Aberração de curvatura encephalica, a final.

Se o seu cerebro fora melhormente ponderado, ou se teria abstido de pesquizar o *insondavel,* ou a ter-se abalançado a semelhante empreza, ter-se-hia a tempo abstido de proseguir n'ella.

O *incognoscivel* está para o cerebro como o *invisivel* para a retina. Por muito que isto lembre La Palisse, o certo é que a banalidade anda soffrivelmente esquecida.

Dada a structura de uma certa retina, ninguem pretende que ella veja quaesquer vibrações ethereas; todos comprehendem que haja um limite da visibilidade e que, para aquem ou para além de determinado numero de vibrações, variaveis com a especie, com a idade e com a idiosyncrasia, a retina seja cega para as ondulações do ether, como a corda, afinada para uma nota, é surda para

todas as outras. Ninguem pretende que o definido possa adaptar-se ao indefinido.

Em respeito ao cerebro, pensa-se, ou antes sente-se, geralmente de modo contrario. Finito, como é, ha-de servir tambem para arcar com o infinito. Querer conhecer e poder conhecer, são equivalentes no sentir quasi geral. São-n'o sempre, no sentir de quem se dispensa de estudar a lyra, antes de tentar desferir-lhe as melodias.

Se os philosophos estudassem a physiologia e a pathologia cerebraes, moderariam os seus impetos de voar no vacuo. Icaros de nova especie, a impotencia das azas vem-lhe, não de que ellas se despeguem, mas de que lhes falta ponto d'apoio.

Foi desastrosa a queda de Anthero.

XII

Não é pessimista quem quer, como não se é optimista por deliberação volitiva. «A differença essencial entre os pontos de vista optimista e pessimista da vida é simplesmente uma questão de temperamento» — ensina-o Maudsley, na sua *Pathologia do Espirito.*

Dão-se na alma daltonismos, como na vista.

E' uma cegueira parcial do espirito, isto de não sentir o lado agradavel da existencia. Cegueira condicionada por lesões cerebraes, muito subtis embora, mas nem por isso menos verdadeiras.

Tambem ha quem, por degenerescencias medullares, não perceba as impressões do calor ou as da dôr, sentindo não obstante as do tacto; quem, por affecções do ouvido, seja surdo para umas notas e não para outras. E deixam acaso por isso de ter objectividades essas inapreciadas vibrações thermicas, doloriferas ou acusticas?

O subjectivismo exaggerado de Anthero prejudicava-o muitissimo na objectivação.

Já vimos que na sua mente o Cosmos pintava-se como se reflectido fôra por deformante espelho curvo. Affigurava-se-lhe necessariamente disforme — caricato ou medonho:

« Pedindo á fórma, em vão, a idea pura,
Tropéço, em sombras, na materia dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe. »

D'est'arte impressionada a alma d'um neurasthenico, a *phobia* tinha de vir e com feição determinada. Se *tudo* era incorrecto, *tudo* inesthetico, o horror devia ser de *tudo*. Estava creada a *pantophobia*.

N'um espirito avezado ao transcendentalismo, a *phobia geral* havia necessariamente de se definir em um systema philosophico.

Outro não podia ser senão o *pessimismo*.

Para consolidação de semelhante syndroma, convergiam no invalido organismo do philosopho mais do que os elementos indispensaveis; porque innumeros eram n'elle os soffrimentos physicos. Digestão penosa, locomoção pênosa, cerebração penosa, — nem tanto fôra preciso para que o metaphysico neurasthenico tivesse do *seu* mundo interior uma idéa tão negra como a negra idéa, que do mundo exterior lhe era dada por uma incorrecta objectivação.

O pessimismo de Anthero foi morbido, pois.

Como o de todos os pessimistas.

Leopardi, por exemplo, era um degenerado. Com Anthero teve elle mais de um ponto de contacto. A ambos adviera por herança a degenerescencia; ambos tiveam a psychopathia da duvida; Leopardi namorou-se da

Morte e traduziu esse sentimento em palavras, que se diriam copiadas por Anthero: já considerando-a «irmã do Amor», já invocando-a como «bella e misericordiosa.» Não foi suicida o desventuroso *Giaçomo;* todavia por mais de uma vez se surprehendeu, debruçado n'uma cisterna, a perguntar a si mesmo se deveria precipitar-se n'ella, e é de crer que, se um hydropericardio, a meu ver de procedencia brightica, lhe não houvesse encurtado tão precocemente a existencia, esta teria encontrado em qualquer bala de revólver o seu ponto final. Vagabundeou pelo mundo fóra, ainda mais do que Anthero. Eram *cerebraes anteriores* um e outro; ambos cultivaram a mesma fórma amorosa, enervante para o individuo, esterilisante para a especie; e de Leopardi chegou a dizer-se que morreu virgem, como Newton — outro genial nevropatha. A *desillusão* traduziram-n'a os dois poetas em amarissimas ironias; o portuguez, na *Disputa em familia*, invoca o *Deus grande,* o *Deus forte,* o *Deus terrivel,* para o injuriar: «Não passas de uma vã banalidade»; o italiano, no *Dialogo de Hercules e de Atlas*, depois de ter posto os dois a jogar á pella com a Terra e uma vez verificado que esta, cahindo, se não quebrára e d'ella se não levantam clamores, põe na bocca de Hercules um sarcasmo: «Disse Horacio que o mundo cahiria sem perturbar o homem justo; é provavel, visto elles não se queixarem, que todos os homens se tenham tornado justos.» Anthero, apoz haver demoradamente fitado o *infinito* e chegado á sua derradeira formula philosophica, declara que *morrerá com a satisfação de ter entrevisto o Norte para onde se inclina a divina bussola do espirito humano*, e morrerá docemente, isto é, na *placidez de pensamentos tão irmãos das mais intimas aspirações da alma humana.* Leopardi, diluindo a alma no *Infinito,* exclama:

«Il naufragar m'è dolce in questo mare.»

E Baudelaire? E Byron? Pessimistas, por degenerados-hereditarios. O primeiro, impulsivo e padecendo de numerosas *phobias*, pretendia, como se intentasse justificar Anthero, que entre os *direitos do homem*, tinham sido esquecidos dois *muito importantes*: «le droit de se contredire et le droit de *s'en aller.*» O segundo, que, depois de vagabundear como um Ashaverus, deu em louco moral, qualificou-se (e Anthero a si, com as mesmas palavras, se poderia ter classificado) como: *the world's tired denizen.*

Flaubert, pessimista emerito, moldára a sua degenerescencia hereditaria na epilepsia. Um grande doente, portanto. São conhecidas a lentidão e as desegualdades do seu trabalhar, melhor se dirá do seu produzir. Tinha a *busca anciosa da palavra*, syndroma episodico vulgar nos degenerados e que elle ingenuamente attribuia á necessidade de encontrar para a expressão verbal de cada idéa o vocabulo *unico*. Este *pôr em foco* do pensamento, consumia-lhe o melhor da actividade mental. Assim foi Anthero egualmente, que não largava de mão a obra sem miudamente a burilar. A poesia era n'elle espontanea e rapida, como irradiação; trabalhada e lenta, como modelação. Na plastica do soneto, chegou ao perfeito, ao inexcedivel. Suppunha e dizia ter o *condão da prosa*. Que de *anciosas buscas* essas bellezas lhe não custariam! E a confissão, escusada, dos seus meritos de prosador, não será, como a affirmação implicita de Flaubert, de que a sua prosa era impeccavel, um esboço de *delirio ambicioso*, tão vulgar em certos psychopathas?

Não param aqui as analogias. Era Flaubert *myelasthenico*: «a marcha é-me deleteria», dizia elle. Era *cerebral anterior*, chegando a confessar, na sua vida, «a ausencia radical do elemento mulher» e a declarar que *uma recordação lhe atravessou toda a existencia;* segundo elle, «a mulher é a desolação do justo.» Teve a *hyperacusia*,

em grau insupportavel: o menor ruido repercutia-se-lhe nevralgicamente na cabeça. «Sou mystico no fundo e não creio em nada», dizia elle, em termos que Anthero subscreveria. Como subscreveria este outro aphorismo: «A felicidade está na *idéa*». Tinha Flaubert «*ideaes* contradictorios», que lhe davam a inhibição — ou, como se diria em physica, a *interferencia* das vibrações. Como Anthero com Meyrellês, teve Flaubert o seu espelho morbido em Bouilhet. Ambos eram *galeati:* — Flaubert accusava o seu «capacete de ferro sobre o craneo». Ambos de abundante *barba de ouro.*

As differenças, e muitas são, que nos dois houve, explicam-nas as variantes, hysterica de um e epileptica do outro.

Doente Schopenhauer tambem. Um hereditario. Pela doença d'elle e dos ascendentes, explica Meyer o *pessimismo* do sombrio philosopho de Danzig. *Vagabundeou*; foi *hyperacusico* e teve, entre outras *phobias*, a que se manifestava pelo enfurecimento contra quem lhe duplicasse o *p* do seu nome. O pae, extravagante no caracter, suicidou-se; a mãe era de espirito desusadamente vivo. No filho não poderia ter falhado o transcendentalismo. De facto, eil-o já grandemente manifestado aos 25 annos, na these do doutoramento, intitulada: *Da quadrupla raiz do principio da razão sufficiente.* Transcendentalismo com pretenciosa base nas mathematicas, qual o de Anthero, que pretendia fundar-se n'um certo naturalismo. Como finalidade da vida, cria o rude allemão «o anniquilamento no *Nirvana*», e por isso Ribot o diz *um budhista perdido no Occidente.* Tinha Goethe na conta de enigmatico o caracter de Schopenhauer, porque não soubera lel-o á luz da pathologia. Era o caracter de um alto nevropatha: desegual, antagonico. Ha d'isso testemunho authentico. Alexandre Weil, de uma vez, e Challemel-Lacour, de outra, lograram surpreender o philosopho á mesa de um

hotel e cada qual conta do que observou. Weil achou-o um *poseur*, de nenhum modo pessimista, o mais alegre dos companheiros, d'uma alegria doida, tratando-se todos os dias a champagne, zombando por egual modo da sua *Vontade* e do *Imperativo* de Kant. O outro, Lacour, achou-o de fallas lentas e monotonas, dando a impressão de ir a passar por cima de nós *um sopro gelado atravez da porta entreaberta do nada*... Jouvin, criticando o caso, aventa que Schopenhauer houvesse estado a divertir-se alternadamente com os dois. Leviana critica. O sol não zomba de nós porque ora se occulta, ora desponta no horisonte. Houve sinceridade maior do que a de Anthero? Pois são de um intimo amigo d'elle estas palavras: «O seu temperamento apresenta um contraste correlativo: é meigo como uma creança, sensitivo como uma mulher nervosa, mas intermittentemente é duro e violento». E estas outras: «é um mysanthropo, quando não é o homem do trato mais affavel, da convivencia mais alegre; é um pessimista, que todavia acha em geral tudo optimo». Não acham flagrante a semelhança moral dos dois divinisadores do Mal? Se ambos eram degenerados! A degenerescencia de Schopenhauer deu-lhe a *gynophobia*, no escandaloso grau traduzido por estes termos: «Foi preciso que o homem se deixasse obscurecer pelo amor, para que chegue a chamar bello a esse sexo de pequena estatura, de espaduas estreitas, de largas ancas e de pernas curtas; toda a sua belleza reside no instincto do amor». O nosso philosopho, com a sua alma de poeta, que faltava ao outro, traduz o mesmo pensamento n'esta adamantina estrophe:

« A flor rubra e olorosa da paixão
Abre languida ao raio matutino,
Mas seu profundo calix purpurino
Só reçuma veneno e podridão. »

Hartmann parecerá são; mas é doente. A precocidade do seu engenho, a vastidão desordenada da sua sabedoria, a maneira febril do seu estudar, bastariam para a diagnose de uma degenerescencia psychica, como phenomenos aberrantes do typo especifico. Mais um exemplar comprovativo da opinião de James Sully, que attribue o pessimismo ao estado pathologico dos allemães.

Approximemos agora, nas concepções do transcendentalismo, os dois pessimistas allemães e o pessimista luso-scandinavo.

Para Hartmann a razão da phenomenalidade inteira está no *Inconsciente*. Para Schopenhauer a *Vontade* é o fundo universal. Para Anthero «o *Espirito* é que é o typo da realidade».

Tres maneiras archi-aphoristicas de exprimir este pensamento: — *O mundo só tem existencia subjectiva.*

Seguramente, para quem não o conhece; para quem, por falta de apoio nos factos, delira na theorisação da Natureza.

Houvessem elles *palpado* o Atomo, como soem fazel-o os *naturalistas*, e n'essa *objectividade* teriam encontrado a *realidade.*

Palpar o atomo? Sim. Pois que?! Não é palpal-o em *individuo*, que então zombaria elle da imperfeição das nossas papillas tacteis; é palpal-o quando em massas molleculares, em *corpos*. Então será *tangivel;* como visivel em verde é a agua nos oceanos, ella que em gottas se mostra incolor; como visivel em azul é o ar, visto em toda a espessura da atmosphera, elle que em particulas não impressiona a nossa retina.

O Atomo condensa em si todas as staticas e todas as dynamicas universaes. N'elle e só n'elle residem intrinsecamente os phenomenos da consciencia — que tanto hão martellado os cerebros dados, pela nevropathia, a perigosas excursões no transcendentalismo.

Affirmando a sua propria indestructibilidade, a consciencia do homem não erra, pois. Com o desmoronamento cadaverico do corpo, resolve-se ella nas incontaveis e impereciveis consciencias atomicas; — como, em qualquer *Symbiose*, ás vidas parcellares se volve a *vida una*, pela morte destruida. E eis como vem «a não ser a consciencia humana extravagancia no meio do universo», para me servir das proprias palavras de Anthero!

Tomemos ao acaso um livro. Ha n'elle uma alma, uma consciencia, traduzida na unificação, na synthese de todas as idéas em cada pagina expressas. O livro não morre, por hypothese; morre, porém, a *fôrma typographica* de que elle é imagem. Pois bem, a *alma* d'essa *synthese graphica* é immortal tambem. Desmanchada a composição, cada typo leva comsigo a consciencia individual e no respectivo caixotim aguardará o momento de novamente entrar com a sua quota parte na structura da alma mais ou menos complexa de qualquer outra producção litteraria. Vinha de servir a um Evangelho de paz e amor e vae servir a uma Proclamação de exterminio e nihilismo? Pouco importa. É seu fado, ha-de cumprir-se.

Assim o *destino* de cada Atomo, nos mundos e nas edades.

Sempre identico na essencia, o Atomo póde, pelas varias circumstancias, revestir fórmas variadissimas, antagonicas até. O carbone, por exemplo, tanto nos dá luz, quando incandescente, como nol-a rouba, se a frio, principalmente no estado de *negro de fumo*; — mera questão de temperatura!

E *porque* existe o Atomo?

Ah! Digam-nos então os metaphysicos, *porque* existe a *Idéa* de Hegel, a *Vontade* de Schopenhauer, o *Inconsciente* de Hartmann, ou o *Espirito* de Anthero!

XIII

A fórma circular de certas nevroses e de certas psychoses radica-se, já acima foi dito, na maneira *circular* das funcções normaes. A *vida* é uma serie de antitheses; e tanto, que Claude Bernard poude definil-a assim: — a *vida é a morte*. Antitheses rythmadas, em saude: arythmicas, na doença. Mas sempre antitheses: actividades e repousos, vigilias e somnos, systoles e diastoles, fluxos e refluxos, maximos e minimos, expansões e depressões. Dentro dos limites physiologicos temos, quanto á cerebração geral, a actividade e o torpor no intellecto, a alegria e o pesar no sentimento, as energias e affrouxamentos na vontade. A pathologia não faz nascer qualidades novas; o que faz é amplial-as ou cerceal-as ou inverter-lhes a proporção. A mania e a melancholia *alternas*, são, a bem dizer, a exaggeração irregular, morbida, de estados hygidos.

A neurasthenia de Anthero revestiu por vezes o feitio circular. Os «fogachos e abatimentos», que elle nos conta, e o seu «caracter intermittentemente meigo e phrenetico», de que nos falla Oliveira Martins, bastariam para attestar aquelle feitio, se outras provas não houvesse. Ha-as e mais concludentes.

A todas sobreleva a *metamorphose moral* de Anthero, documentada na sua passagem de *pessimista*, quanto ao mundo real, a *optimista*, quanto ao mundo ideal. Mero effeito de mudança do instrumento. Trabalhando a razão, produzia-se o pessimismo. Trabalhando o sentimento, produzia-se o optimismo. Como se Anthero houvesse posto ao serviço da sua observação, alternadamente, um microscopio e um telescopio. Com o primeiro, veria sempre e só o infinitamente pequeno; com o segundo, sempre e só o infinitamente grande.

Foi *livre* n'esta mudança? De modo nenhum. Foi a doença que mudou de syndroma, invertendo-o; como, em pessoa hysterica, se muda da hypersthesia para a anasthesia, ou da akinesia para a hyperkinesia.

Chegado á phase de evolução organica em que a razão toca o *acmé*, Anthero foi pensador sobre tudo. A intelligencia, servida por sensações e percepções incorrectas, deu-lhe do Mundo a visão em negro, admiravelmente expressa n'estes versos:

«O que é a Dor? Um mar. E a alegria?
Perola occulta n'esse mar fremente.»

Da *Fada negra*, que outra não era senão

«Uma velha de olhar agudo e frio,
De olhos sem cor, de labios glaciaes,»

recebera o poeta o condão de ver o mundo. Vendo-o, como não podia deixar de ser, atravez do seu pseudoscopio, pareceu-lhe uma *Visão*,

«Um grande mar de nevoa, de illusão,
E a luz do sol como um luar de mortos...»

Sabem quem era esta *velha*?

«...... de olhar agudo e cru
E de halito mortal mais do que a peste!»

Era a Razão! O poeta bemdil-a:

«Bemdita sejas tu pela agonia
E o lucto funeral d'aquella hora
Em que eu vi baquear quanto se adora,
Vi de que noite é feita a luz do dia!»

Ficára *deslumbrado*... pelas trevas!

É que Anthero, tendo passado da *beatitude primeira* do crente, á *duvida excruciante* do philosopho, encontrára o *redemptor-repouso* de uma falsa certeza. O viandante, exhausto de forças, acceita o tojo, se melhor não tiver, como leito de arminhos.

Fôra laborioso, por innumeras dystocias, este parto da Razão. O puerperio foi correlativamente longo e complicado. A organisação ficára um tanto avariada. Era mister restaural-a. No entrementes, porém, o espirito não podia quedar-se inerte — que as energias vitaes estão presentes sempre, ora umas, ora outras.

Exhausta a razão, entrava em scena o sentimento.

O sentimento, de mais, estivera tão ocioso, ou antes tão abafado, tão sopeado, que, mal soube entorpecido o intellecto, tratou de rehaver por inteiro os seus direitos. Afflorou á superficie da alma — e por seu turno ia dominar.

Em que sentido? No mystico — que foi sempre o timbre usual, pela mãe hereditario, do nosso neurasthenico.

A reacção foi completa, como intensidade e como theor: ao *pessimismo* do racionalista, succedeu o *optimismo* do sentimentalista.

Foi mais do que isso; foi excessiva: o *pessimismo*, dil-o muito bem Oliveira Martins, *tornou-se d'esta fórma um optimismo gigantesco.*

Se a razão lhe mostrou ser a natureza um composto de dôres e de trevas, era fatal que o sentimento lhe désse a ver um mixto de luz e de alegria. Onde encontrar, porém, essa especie de corvo branco? Na natureza, positivamente não. Fóra d'ella, pois. Além d'ella, portanto. No transcendental, no metaphysico. Hegel (irmão d'uma doida...), cuja doutrina foi, ahi pelos 18 annos, *o ponto de partida das suas especulações philosophicas*, tinha mi-

nistrado a Anthero a theriaga para os males da incerteza: adorar a *Idéa* e elevar-se pelo transcendentalismo á identificação com o eterno ser, isto é, com a *Idéa Universal.*

Leiam-se os dois tercetos do *Transcendentalismo*:

> «Não é no vasto mundo — por immenso
> Que elle pareça á nossa mocidade —
> Que a alma sacia o seu desejo intenso...
>
> Na esphera do invisivel, do intangivel,
> Sobre desertos, vacuo, soledade,
> Vôa e paira o espirito impassivel!»

O tangivel é Nada, é o Não-ser.

A consciencia humana tem direitos inauferiveis. É-lhe mister o Tudo, o Ser.

É completamente impossivel á intelligencia pura *crear*, tirar do *nada*. Facillima tarefa essa, não obstante, para o sentimento... morbido.

E assim foi que, ao *fiat lux* de Anthero, surgiu do Nada-objectivo o Tudo-subjectivo.

N'esse *cosmos de phantasia* viveu o doente o ultimo periodo de vida mental.

Era o budhismo, como quer Oliveira Martins? Fundamentalmente, era; que a religião do Budha deriva do pessimismo. Consoante o ensina o primeiro dos seus quatro mandamentos, «A Dor é a condição de ser do homem, qualquer que seja a sua existencia, brilhante ou obscura.» E um dos meios de obter a salvação budhica é «a persuasão do *nada* de todas as coisas.»

Essa persuasão tinha-a o poeta. No soneto *Nirvana*, ainda a visão do Nada lhe é angustiosa: «Para além do Universo luminoso», diz-nos elle, «Abre-se como um va-

cuo tenebroso.» E quando o pensamento «torna a olhar as cousas naturaes»

> «A' bella luz da vida, ampla, infinita,
> Só vê com tedio, em tudo quanto fita,
> A illusão e o vasio universaes.»

Mais algum tempo de iniciação na nova crença e esta surgirá pura. É ver o *Elogio da Morte*. Ahi «Altas horas da noute, o Inconsciente» saccode e acorda o sonhador que sente «ao longe os passos sepulchraes da Morte.» Em viagem mental pela *floresta de sonhos*,

> «Do Nirvâna os abysmos apparecem
> A *seus* olhos, na muda immensidade!»

Abysmos taes não o aterram, como lhe não faz pavor a Morte:

> «Só quem teme o Não-ser é que se assusta
> Com teu vasto silencio mortuario.»

Se por aqui se tivesse detido, n'esta adoração do

> «Não-ser, que és o Ser unico absoluto»

Anthero daria inteira razão aos que o tomaram por um budhista das raças latinas, á semelhança de Rosny, que em Paris se fez apostolo de Budha e chegou a formar uma tal ou qual egreja, em que se mantinha o respectivo culto. Nem era isso de extranhar, desde que poetas e philosophos pessimistas professaram morbidamente essa mesma religião.

Anthero, porém, não tinha, não podia ter, estabilidade em acto algum da vida. Na convicção, como na crença, era, pela fatalidade pathologica, um oscillante, talvez melhor um ondulante.

*

O budhismo puro foi n'elle um ponto, um ponto apenas, da tão sinuosa trajectoria philosophica.

Já em 1885, na carta ao Visconde de Faria e Maia, se accusa o inicio da mudança: «Recuei no caminho da negação absoluta, em que estava precipitado».

Precipitado! Dir-se-hia ter toda a consciencia da *queda* vertiginosa na negação absoluta do Ser-objectivo.

Em 1887, na auto-biographia, confessando haver *muita coisa commum entre o budhismo e as suas doutrinas*, que são um modo especial do psychismo — o *panpsychismo*, o absolutismo universal do Espirito — accrescentava que *ha n'ellas mais alguma coisa do que budhismo.*

Esse mais «alguma coisa» era um aperfeiçoamento, no sentir d'elle; era outra Reforma de um novo Luthero....... Seria o *budhismo do Occidente,* uma *doutrina mystica definitiva, com mais solidos alicerces e, por todos os lados, em melhores condições do que o do Oriente.*

Definitiva! Como é candida e sincera, mas como é falsa e illusoria esta persuasão de Anthero! O *definitivo* é incompativel com a incoordenação moral de um hysteroneurasthenico. Essa mesma «acuidade de sentimentos, propria da nevrose», confessada na carta a W. Storck, e que o levara a um tal ou qual delirio ambicioso, expresso na tentativa de reformador da crença universal, acabou por mais uma vez lhe exhaurir as faculdades sentimentaes. O cançasso veio; e com elle um assignalado retrocesso ás maneiras primitivas do seu sentir — pois todas as senilidades fazem retroceder ás infancias.

É o que poderá ser provado com os derradeiros sonetos.

Como todos os seus versos, foram esses *perfeitamente involuntarios.* «Fazer versos, diz elle na auto-biographia, foi sempre em mim coisa perfeitamente involuntaria». Não lembra isto o caso referido por Marcé, de um homem, que, desarrazoando sempre que escrevia em prosa, chegava a

ser sublime no conceito e na plastica das suas elegias? Ou, melhor ainda, a doente de van Swieten, que, falha de qualquer talento poetico, se em saude, tinha, a cada accesso de mania, verdadeiros paroxysmos de *versejadura*?

Além de involuntarios, ou mesmo por involuntarios, eram *perfeitamente sinceros* os versos de Anthero. É ainda elle quem o diz: «pelo menos ganhei com isso fazel-os sempre perfeitamente sinceros.»

Vejamos, pois, os derradeiros sonetos do poeta.

Em um d'elles arranca *Solemnia verba* ao coração, dizendo-lhe:

> «............ Olha por quantos
> Caminhos vãos andámos! Considera
> Agora, d'esta altura fria e austera,
> Os ermos que regaram nossos prantos...»

E o coração, interrogado,

> «Respondeu: D'esta altura vejo o Amor!»

Reapparece o Amor. O Bem tinha reapparecido já. Na *Voz interior* depara-se-nos a prova:

> « Só no meu coração, que sondo e meço,
> Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
> Em segredo protesta e affirma o Bem!»

Não reapparecerão, é certo, os canticos de outr'ora *Á Virgem Santissima — Cheia de graça, Mãe de Misericordia;* — mas o mysticismo christão vae reapparecer, na alma do que fôra atheu, sob a fórma de adoração do Deus Padre:

> « Na mão de Deus, na sua mão direita,
> Descançou a final meu coração. »
> ....
>
> « Dorme o teu somno, coração liberto,
> Dorme na mão de Deus eternamente! »

A esta *liga intima da piedade com a ironia*, revelada na ultima phase do poeta, chama Oliveira Martins «humorismo transcendente.»

Sel-o-ha no ponto de vista da arte, e Anthero seria, no genero, um discipulo e emulo de Swift—que pela loucura furiosa chegou á demencia.

No ponto de vista medico é apenas um syndroma paradoxal, como são a *febre-algida*, a *paralysia-agitante* e a *fraqueza-irritavel*, peculiar esta dos neurasthenicos. É o embricamento de phenomenos morbidos, que usualmente apparecem distanciados. É a expressão d'uma desordem de actos, d'uma incoherencia de funcções. Em musica chamar-se-hia uma desafinação, um atropellamento de notas—um *charivari*. Na vida physiologica todos o temos experimentado, uma vez ou outra, mercê das visões multiformes e sempre enormes, que prefaciam o somno: zonas excitadas e zonas meio adormecidas, trabalhando independentes—sem partitura e sem maestro...

Em Anthero, o cançasso da razão, deu o trabalho sentimental exaggerado. Este motivou uma fadiga, seguida de descanço incompleto. Terminaria por ser completo, se a enfermidade não estivesse minando constantemente aquelle por todos os modos, bons e maus, privilegiado cerebro.

E *minado* ficou elle, por maneira que a breve trecho o enfermo, olhando, sómente enxergava trevas, e, olhando-se, apenas descortinava dôres.

Tendo dedilhado, em escalas ascendentes e descendentes, *toda a lyra* psychica, de que nunca lográra tirar accordes perfeitos—nada mais restava ao desditoso *virtuose* do que fazer-lhe estalar as cordas.

XIV

« *Morrer é ser iniciado.* »

Da Anthologia grega extrahiu Anthero este subtil veneno, com que se matou. O revólver foi apenas a taça.

Havia muito que o doente — e por sel-o — namorava a Morte. Mas de longe e a medo. Singelo *flirt*. Com o tempo foi esse indeciso sentimento ganhando corpo, avolumando. Chegou a ser amor. Por fim, descambou em paixão.

Esfalfado o pensamento, esfalfado o sentimento, cada vez d'um *amarello mais confuso* a zona de sobreposição d'esses dois discos da alma, a consciencia segredou a Anthero que a missão do *eu* estava cumprida na natureza. Era mister ir continual-a além-da-natureza; no *ideal*, que é o unico *real*. Ora, como « o espirito é que é o typo da realidade », contraproducente se tornava a existencia corporea, visto não passar ella de « um symbolo obscuro e imperfeito do espirito ».

Venha, pois, a Morte, a « unica Beatriz consoladora », a « Morte libertadora e inviolavel » ; venha essa *irmã do Amor e da Verdade*, essa *irmã coeterna da alma* do poeta ; que elle anhela por estar *Com os Mortos* :

> « Os que amei, onde estão ?...
> ....
> Vejo os, ouço-os e ouvem-me tambem,
> Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
> Na communhão ideal do eterno Bem. »

Baudelaire ainda mais uma vez justifica Anthero, com o dizer que, em dadas crises da vida, no nosso espirito se fórma :

« une compagnie de fantômes déjà nombreuse, qui nous hante familièrement, et dont chaque membre vient nous vanter son repos actuel et nous verser ses persuasions. »

A Morte eis a sua terra da promissão. Para lá se encaminhou. A passos vacillantes, como não podiam deixar de ser os de um circular, de um alternante, de um *hesitante;* mas sempre por Ella norteados.

Os neurasthenicos e particularmente os mesclados de hysteria, teem no seu destino um pelo menos d'estes dois pontos negros: a vesania e o suicidio. Mais correcto será dizer-se que teem a loucura, com o possivel corollario do suicidio.

Anthero, ainda mal não fôra presa da primeira, resvalou no segundo — e fez voar os miolos.

Foi *livre*, n'isto ao menos?

De modo nenhum... Um doente, apenas.

Não se suicida quem quer, nem pessoa alguma tem a liberdade de não se suicidar. O suicidio é sempre e simultaneamente um signal e um effeito de errada mentalidade.

Pará as pessoas alheias á psychiatria, que geralmente vêem no delirio a caracteristica da loucura, a fórmula será a um tempo atrevida e falsa. A alienação mental é, porém, independente dos estados delirantes, que por vezes a accusam, mas nunca lhe são essenciaes. O suicidio nos delirantes é por assim dizer um epiphenomeno, um accidente: matam-se sem *pensar* que o fazem.

Outro é o suicidio dos loucos moraes. Muitas vezes, é premeditado, raciocinado e reveste-se de todas as apparencias de um acto voluntario. No raciocinio, que o conduz á morte, o louco do sentimento prevê todas as hypotheses, affasta todos os obstaculos e previne todos os fracassos, desenvolvendo em tudo isso pasmosa lucidez e logica inexcedivel. A premeditação mede-se por dias, por mezes, por annos até; haja vista o, por isso celebre,

H. Cousteux, que em 1863 se suicidou em Castellamare, decepando a cabeça n'uma guilhotina por suas proprias mãos construida, dia a dia, durante o longo periodo de dois annos.

O criterio da loucura, agente do suicidio, não está, pois, no delirio. Tem de ser procurado fóra d'elle.

Tal criterio está no *fundo degenerativo*, que invalida o instincto de conservação individual.

Tanto mais superior é uma raça humana, tanto mais facil a degenerescencia pessoal de representantes seus — já que os machinismos mais complicados são os mais sujeitos a desarranjos. D'aqui vem crescer o numero de suicidios com a nobreza da raça; como para a alienação mental. N'esta, o caso chega a ponto de que nos selvagens, e assim tambem nos cavallos por exemplo, a loucura quasi se dá sómente *em massa* — quando o *panico* houver actuado na collectividade. Cada individuo de per si, sem a suggestão do contagio, não chegaria a enfraquecer sufficientemente as physiologicas resistencias do equilibrio mental.

O salutar instincto de conservação, que obriga os organismos, tanto os mais humildes como os mais nobres, os mais elementares e os mais complicados, a reagir, por modos conscientes e por inconscientes, por actos volitivos e por actos reflexos, por influencias inhibitorias e por determinações incitantes, a reagir incessantemente, dia e noite, a reagir perpetuamente, durante uma vida inteira, a reagir as mais das vezes triumphantemente, contra quaesquer agentes, grandiosos ou mesquinhos, fugazes ou pertinazes, susceptiveis de alterar a saude ou de ameaçar a vida; esse axile instincto, que, no homem ao menos, avassala tantos outros, inclusivé, por vezes, o da conservação da especie; esse instincto dominador, capaz de arrastar o ente mais civilisado á crueldade do homicidio e até á bestialidade da anthropophagia; esse instincto fundamental,

infiltrado como *alma mater* em todos os seres vivos, dá-nos, quando lealmente reflectido na consciencia, o ingenito horror da morte e assim constitue uma *phobia* physiologica — a *necrophobia* — que só póde ser levada de vencida por uma *phobia* pathologica mais intensa e contraria, o pavor da existencia, o *tedium vitæ* — a *biophobia*.

Nem esta faltou ao nosso desventurado hereditario-neurasthenico!

Por largos annos luctaram em Anthero as duas *phobias:* o horror da morte e o horror da vida. A doença, todavia, no seu devastador progresso, foi atrophiando o primeiro, na mesma escala em que ia hypertrophiando o segundo.

O deleite da morte, que tanto vale como o tedio da vida, adquiriu a sua expressão artistica, derradeira, no final do soneto *O que diz a Morte:*

« É, na sua mudez, mais retumbante
Que o clamoroso mar; mais rutilante,
Na sua noite, do que a luz do dia. »

Pois ainda assim, a paixão da vida, que tanto vale como o pavor da morte, não bateu em retirada senão muitos annos apoz.

Porque? Se aquelle deleite se expandia em dizeres tão sublimados e tão *lá de dentro*, e se esta paixão se obstinava em um silencio de sepulchro, parecendo assim antes adormecida do que vigilante? Porque?

Porque o apego á vida, em Anthero, esteve nos ultimos tempos amparado, melhor direi accrescentado, por uma das modalidades do amor-da-prole.

Como se sabe, por obito do seu grande amigo e co-nevropatha Germano Meyrelles, ficou Anthero sendo o anjo tutellar de duas filhas d'aquelle. Na alma d'essas desditosas creanças verteu o tutor a mais olorosa essencia dos seus affectos. Foram affectos de pae postiço e de ho-

mem degenerado; extravagantes, portanto. Queria-lhes mais do que commummente se quer a filhos.

Tanto lhes quiz, que a idéa de das filhas se separar, vindo elle para Lisboa e ficando ellas em S. Miguel, foi o grão d'areia, capaz, *por muito pesado,* de decidir o fiel da balança para o lado do tumulo.

A idéa do suicidio, ruminada pausadamente, fôra como polvora cuidadosamente arrumada na culatra de uma espingarda. Sem o fulminante, a deflagração não virá. Como sem a *scena da despedida* das creanças, o suicidio não viria, então.

José Bensaude, testemunha ocular de todos os actos de Anthero durante os ultimos dias da vida d'este, contou assim, na carta já acima alludida, aquella *scena:*

«Resolvido a embarcar, foi a 10 installar as pequenas n'uma casa de gente modesta... Ellas, creanças, que tomaram esse acto como inicio da separação, choraram muito e levaram-n'o a fazer o mesmo, *o que lhe tirou o somno de quasi toda a noite de 10 para 11.*»

A commoção moral deprimente, aggravada por uma noite — que seria a ultima! — de insomnia, enervou de todo aquelle depauperado organismo, e a resistencia redemptora da vontade, sempre fraca, a miude fraquissima, no enfermo, fallecendo de todo, pol-o á beira do abysmo. Logo no dia seguinte — 11 de setembro de 1891 — depois de ter almoçado ás 11 e de ter *cavaqueado* mais de 1 hora, ahi pela volta das duas e meia da tarde sahiu e, diz a mesma carta:

« foi comprar um revólver, pretextando ao vendedor que ia morar n'um ermo e que desejava acautelar-se contra ratoneiros; e depois de ir ver dois amigos e parentes, foi, pouco depois do anoutecer, seriam 8 horas, para um square que aqui temos — Campo de S. Francisco — sentou-se n'um banco encostado ao muro da cerca do antigo convento da Esperança e suicidou-se com dois tiros. »

Posto á beira do abysmo, foram as primeiras trevas da noite que lhe deram o derradeiro empuchão e para o fundo o fizeram resvalar.

Amputada a sua existencia da existencia dos filhos do seu *alter ego* da adolescencia, cerceada assim a instinctiva e n'elle complexa *necrophobia,* a insidiosa *biophobia* jogou o bote certeiro.

Jogou-o á noitinha, que a Morte teme a Luz...

XV

Antes de chegar a extremo tal, Anthero fôra, por assim dizer, *enchendo-se de razão,* com o dar relevo a coisas que não o tinham.

São assim muitos suicidas: Camillo Castello Branco e Julio Cesar Machado — para não fallar d'outros. Com ambos tratei de perto e n'elles pude estudar como, no cerebro em que germina a premeditação do suicidio, a insania se vae nutrindo até de futilidades, usualmente incapazes de desequilibrar o espirito. Ambos nevropathas, hereditarios, Camillo e Julio; pois em ambas as familias havia a dupla tradição da vesania e do suicidio.

O primeiro, antes do tiro decisivo, no decurso de annos, mais de cem vezes — 4 ou 5 á minha vista — sacou do revólver, que, a meio caminho da cabeça, pendia da mão, paralysada pelos instinctos conservadores. Por fim, os *accessos* iam-se amiudando; e o ultimo, se, a pretexto de um nada, fez crise *ad mortem,* foi... porque era fatal o transbordar d'uma taça em que, tantos annos havia, gotejava o fel da adversidade! Tambem a cegueira, amargurando o occaso da longa vida de Sesostris, acabára por leval-o ao suicidio. Em Camillo havia, porém, mais do que a amaurose. Esta, determinada pela atrophia dos

nervos opticos, era apenas a expressão peripherica d'uma sclerose myelencephalica, que em tantos casos leva á loucura moral...

Julio Machado sustentou, nos dias que lhe antecederam a morte, homerica lucta com ò amor da vida. Era tal ou qualmente um *circular:* a sós, tristonho; no mundo, folgasão. Os excitantes cosmicos abafavam-lhe a nota fundamental, que era a melancholia, em jorros de sonora alacridade. A tragica morte do pedaço fluctuante da sua alma — o seu queridissimo filho — reforçara-lhe a sombria nota ingenita do espirito; mas por entre as sombras rompiam, a custo embora, raios luminosos. Foram-se estes esmaecendo pouco a pouco na certeza crescente de que a memoria idolatrada do seu melhor affecto não recebia culto geral. Por fim a luz apagou-se, não sem primeiramente deflagrar em erradas tentativas de resurreição. Esse deflagrar traduziu-se nas *illusões visuaes,* que o faziam ver policias-perseguidores em qualquer mulher do povo — policias disfarçados no *travesti*... —; nas *allucinações auditivas*, que lhe segredavam ameaças de castigos crueis; e, por ultimo, chegado aos derradeiros instantes, na necessidade de uma companheira para a viagem ultima, necessidade que menos accusava o medo do caminho, do que a enorme adhesão ao terreno pisado — o enorme esforço de *arrancar* d'esta vida. Para vencer semelhante attricto, não lhe bastando a suggestão da vontade propria, procurou o reforço de alheia suggestão — o que é de regra no *suicidio a dois.*

É vulgar, nos degenerados, esta loucura dos ultimos dias. Teve-a Anthero, de duas maneiras: no recrudescimento da *ephodiophobia,* a proposito das malas para a partida no *Açor,* e na falsa apreciação das suas condições financeiras, «suppostas difficuldades pecuniarias, diz José Bensaude, que me não parece ter podido desfazer, ainda que com todo o geito o diligenciei.»

É que não ha *geito* capaz de desfazer uma concepção vesanica.

E sem concepções d'essas, não ha suicidar-se. Podemos lel-o em todos os livros; mas por agora bastarão duas paginas, das ultimas arrancadas ao registo do meu serviço hospitalar, na enfermaria de S. Miguel.

Resa a primeira de um rapaz de 20 annos, degenerado e neurasthenico com gastroplegia — qual Anthero. Por mais de uma vez, no espaço de 3 annos, esteve na enfermaria, sem nunca haver disparatado. Por fim, aggravada a nevrose e com ella a dyspepsia, começou de se julgar perseguido por visões e vozes, meramente subjectivas. Um allucinado, pois. Fez, para se livrar dos phantasticos inimigos, uma tentativa reles de suicidio. Vendo, mesmo de longe, a Morte, tomou-lhe medo. O tempo todavia, foi esbatendo esse medo na mesma proporção em que ia reforçando a doença. Voltavam, e mais intensas, as allucinações perseguidoras. D'essa vez, suicidou-se a valer, de jacto, precipitando-se d'uma janella. É possivel que, se tivesse escolhido processo menos summario, recuasse a meio d'elle, para só n'uma terceira tentativa dar cabo da existencia.

A segunda pagina conta de um homem novo, não degenerado, litteratiço e muito amante da sua pessoa. Uma dolorosa doença de bexiga o lançara no leito nosocomial. Era facil de tratar e possivel de curar a molestia, por uma intervenção cirurgica; mas tão disparatadas condições punha o enfermo para a realisação do acto operatorio, que a cirurgia, lá, nunca chegou a intervir. Soffria, pois, por sua conta e risco. Um dia mandou dizer-me por um estudante que se eu lhe não tirasse as dôres, independentemente de operação, «se suicidaria como Camillo, Julio e Anthero» (sic.) Pelo *caso* da pergunta lhe mandei a resposta: que sim, que se suicidasse como qualquer dos *tres*; com tanto que antes d'isso escrevesse, como *elles*, alguma

coisa *viavel*, sob pena de no cadaver lhe ficar amortalhado o nome. Não se suicidou. — Nem se suicidará ..

Em Anthero, aos motivos ponderados já, todos elles conducentes ao anniquilamento do ser, accresceram outros, de cathegoria secundaria, certo é, mas convergentes no mesmo sentido.

Um d'elles, remoto póde dizer-se, foi de ordem social. Consistiu na desillusão cruel, que ao seu espirito trouxera o mallogro da *Liga patriotica do Norte*. Toda a sinceridade da sua grandissima alma fôra posta ao serviço d'essa nobre instituição, que os acontecimentos desastradamente abortaram.

Foram immediatos e de ordem metereologica, os outros motivos.

Resume-os assim José Bensaude:

«Pessimas condições do nosso clima, insistentemente mau nas ultimas semanas da vida; e excepcionalmente peor no dia do suicidio. Tempo quente e humido; capacete de nuvens sombrias; ar quasi saturado de vapor de agua, 75° a 90° hygrometricos, sendo a saturação 100; pressão barometrica de 770 a 780 m/m, produzindo tudo um mal estar e tristeza, que eu mesmo penosamente supportava. Capricho do acaso! Morto Anthero, o hygrometro passou a marcar, dias a fio, de 50° a 60° e o barometro de 750 a 760 m/m!»

Ainda n'esta obediencia ás influições do meio atmospherico, o doente foi *classico*. Sempre o tempo quente foi o mais propicio aos suicidas. Influencias depressoras do calor humido, não ha quem não as tenha experimentado. Qualquer terá sentido a tristeza, que um ceu pesado lhe reflecte na alma. A repercussão barometrica sobre o espirito é por vezes notavel: Goethe — sublime degenerado, com allucinações visuaes — trabalhava melhor quando o barometro estava alto; Anthero, no seu ponto de vista, que era o da auto-destruição, *trabalhou* perfeitamente sob a enorme pressão de 780 millimetros de mer-

curio: — um e outro eram o que a sciencia chama *nevropathas barometricos.*

Classico tambem, na instrumentação suicida. Os que exercem profissões liberaes preferem commummente as armas de fogo; os suicidas por arma de fogo visam quasi sempre a cabeça, e os que apontam á cabeça fazem-no, em dois terços dos casos, pela bocca. Escreve Bensaude na sua carta:

«Entre os dois tiros mediou o tempo necessario para um policia, que ouvira confusamente o primeiro, andar de vagar na direcção d'elle uns 60 metros — 40 a 60 segundos. Uma bala sahiu pela saliencia ossea do nariz, ao pé dos olhos, e a outra penetrou pela abobada palatal (sic) no cerebro. Parece que o infeliz inclinára a cabeça para traz, para introduzir o revólver na bocca com commodidade, mas que o primeiro tiro, dirigido muito em sentido parallelo á tangente vertical da cara, foi o da bala que sahiu pelo osso do nariz; e que depois de 40 ou 60 segundos, consciente de que assim não morria, resolveu um segundo tiro, mais na direcção do cerebro!!».

Só n'este instante ultimo da vida, a vontade se mostrou resoluta — como o cantar preagonico do cysne.

Mas antes d'isso, que de labutações! E como ellas accusam a necessidade de ir pondo o instrumento no *verdadeiro tom* morbido. O mundo externo reflecte-se na alma consoante a receptividade *actual* do cerebro. *Quod volumus, facile credimus.* N'essas curiosas molestias a que os inglezes dão os nomes nimiamente práticos de *Railway-brain* e *Railway-spine*, é a vibratilidade especial dos centros nervosos, no *momento psychologico* da antevisão do descarrilamento ou da do embate dos comboios, o que a esses centros dá a extranha capacidade productora de affecções singularissimas; e tanto, que a simples antevisão suscita affecções analogas, ainda quando o desastre venha a ser frustrado.

Assim para o suicidio, que se realisa, dada a propicia afinação do cerebro, sem mesmo ter advindo a temida catastrophe, cuja previsão determinára o adequado tom mental. D'est'arte se explicam actos de tanta violencia, sem razão *externa* plausivel.

Plausivel, para os juizes; — que a final raros podem bem julgar da subjectividade alheia.

Não foi sufficientemente motivado o suicidio de Vatel, e tel-o-ha sido o de Annibal? E quem nos diz que para um general carthaginez valia mais uma batalha perdida do que valia para o cosinheiro de Luiz XIV um prato *manqué?*

Não foi fluctuante a opinião de Cicero ácerca do suicidio? É que este portentoso nevropatha (que se diz ter derivado o nome de familia de um cutaneo stigma de degenerescencia e que teve um filho alcoolico) nunca tivera motivo *intrinseco* para se decidir. Já o mesmo não succedeu a Seneca, adversario doutrinal do suicidio e suicida a final, quando na morte voluntaria achou o unico possivel refugio contra a morte affrontosa. Ao contrario de Seneca, Schopenhauer. Este, apostolando a morte voluntaria, foi como Bertholdo, que nunca encontrou arvore *boa* para se enforcar.

As oscillações do espirito de Anthero, foram tendo amplitudes cada vez menores — como o pendulo que vae parar.

A somma crescente de parcellas negras, pequenas, mas numerosas, fez estacar o motor d'aquella extraordinaria existencia.

Foi *livre*, Anthero, na escolha do momento?

É como se indagassemos da *liberdade* com que o mathematico determina o valor de um x.

Foi *livre*, ao menos, na escolha do processo de morte?

Contra tal supposição, reclama antecipadamente a

estatistica, mostrando que, em regra, as pessoas mais illustradas se matam com um tiro, pela bocca, no encephalo.

A ter de matar-se, Anthero só poderia tel-o feito quando e como o fez.

A morte voluntaria era um ponto obrigado na tortuosa, mas fatal, trajectoria da sua vida. Vimol-o já. Veremos agora como esse ponto foi determinado geometricamente pela intersecção de linhas nossas conhecidas.

Findam os *Sonetos* — assim o auctor os deixára — *Na mão de Deus.*

N'esta phase de mysticismo christão, terminou a obra do poeta. Na carta auto-biographica, proseguiu a do philosopho. A distancia é de tres annos. D'ahi a quatro deu-se o suicidio.

Quaes metamorphoses se operaram n'estes sete annos?

Nos tres primeiros, novo, mas frouxo predominio da razão sobre o sentimento; o mystico abateu-se um tanto e o metaphysico avultou um pouco mais, com promessas, ou antes, desejos confessados de *realisar a exposição dogmatica das suas ideias philosophicas* e de «concentrar n'essa obra suprema toda a actividade dos annos que *lhe* restam de vida.»

Nos ultimos quatro, houve falta do «esforço tão grande e tão aturado, como fôra indispensavel para levar a cabo tão grande empreza.»

Não que a portentosa penna de Anthero se quedasse ociosa n'esse lapso de tempo, pois de janeiro a março de 90 publicou elle, na *Revista de Portugal*, um formosissimo estudo sobre as *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX.*

Esse estudo, com o ser por egual critico e erudito, não passava, porém, de um como que prologo de obra de maior tomo — da *obra suprema,* planeada annos antes.

N'essa especie de prefacio de livro inedito, depara-se-nos, em harmoniosissimo conjuncto de soberbas linhas e pela vez primeira nitidamente contornado, o crédo philosophico de Anthero.

Ahi, e só ahi creio eu, se alcança a *synthese do pensamento moderno*, no conceito ultimo do mallogrado escriptor.

«O espiritualismo, diz elle, resolve-se pois n'um dynamismo psychico, assim como o materialismo da philosophia scientifica da natureza se resolvera n'um dynamismo mechanico.»

Esses dois dynamismos, conjugados, dão-lhe a famosa *synthese*.

É lel-o: «Partindo de polos oppostos e seguindo cada qual as suas naturaes tendencias, sciencia e especulação vêm encontrar-se n'um mesmo ponto.»

Depois vae dizendo que «um systema de *forças* é em que, para ambas, se resolve toda a realidade. Sómente, em quanto para a sciencia essas forças são abstractas, cegas e passivas, são ellas para a especulação concretas, racionaes e espontaneas.»

Mas, no seu desenvolvimento, o que eram para este novo *duo-dynamismo*, aliás bem differente do de Barthez, essas duas forças?

Seriam, como para o da eschola de Montpellier, dois alicerces da *vida?*

Ao contrario d'isso. Eram dois conselheiros da *morte!*

Quem por qualquer dos dynamismos de Anthero fosse marchando, como por estradas, uma real, outra ideal, encontrar-se-hia, de frente, com o anniquilamento—ponto de *convergencia* de ambos esses caminhos.

Anniquilamento do ser physico, pela *estrada real*, que era o dynamismo mechanico.

Anniquilamento do ser moral, pela *estrada ideal*, que era o dynamismo psychico.

Quanto ao primeiro: «Esta concepção do universo, resultado da elaboração scientifica de quatro seculos, apparece-nos como alguma coisa simples e grandiosa e, ao mesmo tempo, tenebrosa e desolada. É immensa e todavia falta-nos o ar... D'ahi o quer que é de glacial e morto na sua lucidez. É um universo que se move nas trevas, sem saber porque nem para onde... Para quê, um tal universo? e para quê, viver n'elle?»

Quanto ao segundo: «Só quem, dissolvendo a propria vontade na vontade absoluta e identificando-se com ella renuncia ao *eu* limitado e a tudo quanto é d'elle — o seu egoismo, as suas paixões, o seu erro profundo e a sua innarravel miseria — só esse alcançou a vida eterna... Esta renúncia, verdadeira immortalidade, é por isso mesmo a fonte de toda a virtude.»

Sinistro binoculo este, que, refrangendo o cosmos, por um lado mostra em negro a condição do ser organico, e por outro, mostra em azul a diluição do ser espiritual!

Armado de tão perfido instrumento, ninguem sentirá em si envergadura para avantajados emprehendimentos.

Por isso ficou em embryão a *obra suprema* — que para leval-a a cabo faltára, em Anthero, o *esforço indispensavel*...

A consciencia plena d'essa falta deveu tel-o atormentado enormemente.

O homem deu, então, *balanço* á sua vida. No activo, uma *obra* grandiosa; a seus proprios olhos, todavia, insufficiente, incompleta, incoherente talvez. No passivo, um acervo de *dôres* — physicas e psychicas. A obra não podia ser refundida; era tarde e as posses escasseavam. As dôres não podiam ser conjuradas; eram inveteradas e sobre isso constitucionaes.

D'ahi, o desespero.

Do desespero, a ira.

Contra quem? Contra o quê?

Contra o fautor de uma situação complexamente e insoluvelmente dolorifera!

Esse fautor, diagnosticára-o Anthero nos desmandos da sua sentimentalidade: — forte de mais para se curvar complacente ao intellecto: fraca de mais para imprimir ao mysticismo religioso fórmas estaveis e consoladoras — *assimilaveis*.

Irado, o espirito vingou-se.

Vingou-se do Sentimento, ordenando á Razão que o assassinasse, embora a preço da existencia propria d'ella — e da integridade do resto; que na morte são solidarias todas as unidades vitaes.

E a Razão, elegendo para cumplices os interpretes mais sagazes da sua linguagem — os que sabem traduzil-a graphicamente e verbalmente — encarregou-os de, á voz do commando, fazerem fogo.

Então a dextra, empunhando a arma, e dado que foi o signal, despediu por entre os labios o mortifero projectil, que, retrogradando pelo caminho do pensamento, foi aninhar-se, esphacelando-a, na matriz da ideação.

XVI

. . . .

Estavam cumpridos os Fados!

A *Especie*, zelando suas magestaticas prerogativas, mandára que o pestilento sopro da Morte dissociasse os elementos histologicos da prodigiosa e aberrante *symbiose* — que dava pelo nome de Anthero de Quental.

E os *Atomos*, em que, apoz regressões mil, se desataram as inanimadas cellulas, surgiram redivivos, imperceciveis, saturados de potencial energia, volitando em cata de destinos novos...

. . . .

Janeiro, 1894.

J. T. de Sousa Martins.



ANNOS DE COIMBRA



NTHERO de Quental foi considerado em Coimbra por todos os que conviviam de perto com elle como a intelligencia mais poderosa, como o espirito mais original e mais promettedor do seu tempo. Em todas as manifestações da actividade intellectual ha homens cuja envergadura não póde ser medida pela obra que deixaram escripta. Muitas vezes, para avaliar devidamente a grandeza d'um escriptor, é necessario ampliar e completar os seus escriptos com o conhecimento da influencia que elle teve na orientação litteraria e scientifica do seu tempo, com o testemunho dos contemporaneos e com a impressão viva, gravada no espirito dos que viveram mais de perto com elle.

A obra escripta de Anthero de Quental é grande, quer o consideremos como poeta, quer o apreciemos como phi-

losopho, critico e socialista; mas inquestionavelmente não se encontra n'ella toda a emotividade d'aquella alma d'artista, todo o vigor d'aquella intelligencia privilegiada, todo o brilhantismo e vivacidade e toda a complexidade d'aquelle incomparavel espirito. Só lhe poderam apreciar a verdadeira pujança os que tiveram a felicidade de conviver com elle.

Deixou no espirito dos seus amigos a impressão indelevel d'uma figura athletica, como artista e como pensador.

Nas conversações despretenciosas, nas discussões litterarias e scientificas, rijamente travadas nos passeios ou nos nossos quartos escholares, nas quaes se debatiam os problemas mais complexos e embaraçosos que se podem submetter á sagacidade humana, era incontestavel a sua superioridade sobre os que se defrontavam com elle. Quantas vezes succedeu, no decurso d'estes debates, calarem-se todos, insensivelmente, subjugados pela palavra prestigiosa de Anthero, que sabia dar ás cousas aspectos completamente novos, e apresentar aos nossos olhos maravilhados horisontes que não tinhamos sabido descortinar!

Nenhum dos seus amigos lhe contestava a grande superioridade, e da pleiade dos seus intimos sahiram vultos de primeira grandeza, tanto na litteratura como na sciencia.

A obra de Anthero não foi, porém, tão harmonica, tão grande e tão completa como devia ser, se não tivesse adoecido muito novo, se tivesse sido mais acertada a orientação dos seus estudos, como succederia fatalmente se pertencesse á geração que lhe succedeu. Elle começou por onde devia acabar.

Segundo uma engenhosa e exacta comparação de Diderot, a natureza é como uma mulher formosissima, que só concede a graça de ser contemplada n'uma parte da

sua belleza aos constantes, aos pacientes, aos que de noite e dia espiam os movimentos do objecto da sua adoração. Anthero não pertenceu ao numero d'estes observadores pacientes da natureza; não partiu dos factos para as theorias; entregou-se desde o começo dos seus estudos ás lucubrações mais abstractas e á leitura dos livros mais transcendentes da eschola metaphysica, d'essa eschola que pretendeu dar-nos uma concepção do mundo pela pretendida força de raciocinio *à priori*, pondo nas cousas, segundo diz Littré, as vistas do espirito como necessarias. D'esta má orientação resultou um dispendio enorme d'actividade psychica na resolução impossivel de problemas insoluveis, actividade que se perdeu, debaixo do ponto de vista do effeito util, como o choque que vai d'encontro a uma grande massa, cujo momento d'inercia é incapaz de vencer.

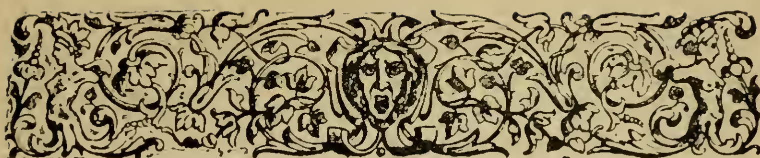
D'esta má orientação, e do excessivo trabalho a que ella conduziu, derivou ainda uma outra consequencia, a mais deploravel de todas: a terrivel doença de Anthero, hoje conhecida com o nome de neurasthenia, que o prostrou no vigor da edade e que o levou, ainda novo, á resolução fatal que todos nós deploramos.

Como seria grande, fecunda, prodigiosa a obra d'aquelle grande espirito, se elle tivesse posto ao serviço de uma observação constante e de um estudo methodico e sereno os recursos das suas grandes faculdades! Seria talvez a obra mais completa da nossa geração, porque é forçoso repetil-o, parece que nenhum dos contemporaneos de Anthero revelou faculdades tão poderosas e aptidões tão variadas como elle. Era poeta, era critico, era philosopho. Tinha imaginação viva, e intelligencia robusta, e sabia dar ás suas ideias, uma fórma encantadora. Temos escriptores de raça, mas eu não conheço prosa mais lucida, mais simples e ao mesmo tempo mais elegante do que a de Anthero de Quental. Por todos estes

dotes, e pela elevação do seu caracter moral, devia ser um Mestre, um dirigente da geração moderna, de excepcional valor, se a sua educação, demasiadamente metaphysica, o não tivesse prejudicado em parte, e a sua doença o não tivesse quasi inutilisado na edade em que o espirito attinge apenas o seu completo desenvolvimento. Apezar de tudo, a morte de Anthero foi uma perda nacional.

Coimbra, março, 1894.

Philomeno da Camara



O SONHO DO POETA



OS amigos de Anthero de Quental resolveram dedicar-lhe um monumento. Esse monumento é este livro. É um livro de saudades, escripto pelos que mais de perto o conheceram e amaram. É a homenagem distinctamente delicada dos seus amigos intimos. Eu chego tarde para fallar d'aquelle meu querido companheiro, d'aquelle privilegiadissimo espirito, simples e forte, que allumiou uma geração inteira com luzes novas. Outros se referiram por certo á sua influencia enorme e decisiva na direcção espiritual da mocidade do seu tempo. Outros contaram tambem certamente as vivas e animadas festas da intelligencia celebradas quotidianamente no seu quarto d'estudante, modesto e desguarnecido como um templo de protestantes, onde ha trinta annos se fez uma verdadeira revolução no mundo das ideias e do pensamento, e onde

se conceberam os mais generosos e desinteressados planos de uma vida nova, que viesse substituir a existencia decrepita, convencional, atrazada uns poucos de annos, mal disposta a novações intellectuaes e de fórmas já obsoletas. A mocidade de então abria a porta do estreito impasse das ideias e das litteraturas tradicionalistas, em que os melhores espiritos do tempo se haviam enclausurado, e mostrava-lhes, com um facho acceso no lume moderno, os caminhos do espirito novo. Era uma revolução que vinha acabar com um antigo regimen.

Em Coimbra chamavam Cenaculo á casa de Anthero. O pão do espirito era ahi repartido profusamente n'aquellas ceias espirituaes, de que então se referiam excentricidades e maravilhas. A lenda apoderou-se d'ellas. Phantasiaram-se cousas tetricas e tenebrosas. Bordaram-se a seu respeito contos mais extraordinarios que os de Poe, e mais phantasticos que os de Hoffman. Attribuiam-se-lhes propositos satanicos. O Cenaculo era considerado como uma especie de *Sabbat*, em que Anthero officiava pontificalmente de ministro de Satanaz, e onde os seus amigos serviam, n'aquellas *missas negras*, de diaconos ou de sub-diaconos, conforme as ordens das suas tonsuras intellectuaes. Suppunha-se que n'aquellas catacumbas profanas e hereticas se celebravam mysteriosas reuniões de conspiradores, a que não eram estranhas as maçonarias, e onde se tramava contra os homens e contra Deus. Havia pouco tempo que Proudhon tinha escripto que Deus era o mal, e essa phrase celebre, repetida inconscientemente por muita gente, era tida pela divisa impia e demagogica dos blasphemadores do Cenaculo.

Comtudo não podia haver nada mais praticamente inoffensivo que aquelle protestantismo dos novos contra os velhos, da liberdade contra o fatalismo, da razão contra a auctoridade. Os conspiradores eram todos excellentes rapazes. Ardentes, enthusiastas, apaixonados, artis-

tas, poetas, philosophos, mal com o passado, peior ainda com o presente, cheios de fé e d'esperança no futuro; eram por isso mesmo demolidores e revolucionarios, mas demolidores e revolucionarios theoricos. Discutiam religiões, anniquilavam philosophias, desconjunctavam os velhos systemas, destruiam as litteraturas officiaes, derrubavam os antigos idolos carunchosos e pôdres, revolucionavam a historia, e faziam tambem projectos de revolucionar o mundo, de o metter n'uma estrada direita e de o fazer girar n'uma orbita nova de sciencia, de justiça e de moralidade. Creava-se assim um grande e desmedido ideal, que por isso mesmo que era grande e desmedido, não podia vir nunca a caber nas estreitezas da pobre e mediocre realidade. O seu defeito era a sua grandeza, mas tanto o Mestre como os Apostolos tinham vinte annos, e estavam cheios de todas as ideias novas, que então dominavam para além dos Pyreneus e para além do Rheno.

Essas ideias novas tinham vindo de França nos livros de Michelet, de Edgar Quinet, de Proudhon, de Renan, de Taine e dos exegetas audaciosos da universidade de Strasbourg, de Allemanha nas traducções dos seus philosophos e dos theologos da eschola de Tubingue, de Italia na *Scienza Nuova* de Vico e na vulgarisação das doutrinas hegelianas por Vera. Tudo isso era novo. Tudo isso equivalia a uma profunda revolução nas ideias. Era a grande *avalanche* vinda dos dois lados dos Alpes, que caia de repente sobre o nosso chão. A lei nova devia substituir outra vez as Taboas da lei antiga. Quando a Biblia envelheceu, vieram os Evangelhos substituir as suas doutrinas auctoritarias, mas o Evangelho envelhecêra tambem, e o mundo tinha caminhado muito n'estes ultimos seculos. A santa e veneravel fé antiga, trôpega e carregada de seculos, não o podia acompanhar na sua vertiginosa jornada. O eterno caminheiro, o infatigavel

Ahasvero, passou-lhe adiante, para ir edificar a sua cidade nova longe das cidades antigas, arrazadas e subvertidas pelas revoluções e pelos violentos abalos moraes do mundo. Essas revoluções e esses abalos de terra, produzidos lá fóra, sentiram-se pela primeira vez em Portugal, bem fortemente e bem distinctamente, em Coimbra.

Nos grandes fócos do saber, do estudo e do trabalho, em todos elles se renovavam as ideias. Os factos iam-nas acompanhando a maior ou menor distancia, vencendo umas vezes as resistencias sociaes, sendo mais vezes ainda vencidos por ellas. A lucta pela vida foi sempre isto. É a applicação permanente das leis naturaes da adaptação. A sociedade tem de se contentar com a pequena porção d'ideal assimilavel, mas a eschola *coimbran*, como os de Lisboa e os do Porto chamavam então aos de Coimbra, tinha o defeito de querer escalar de repente o Olympo. Aquella mocidade era impetuosa, e tinha pressa. Depois via o mundo das janellas do gabinete do doutor Fausto. Os seus calculos tinham de sahir necessariamente errados como os dos astrologos. Enganavam-se com a terra, como estes se tinham enganado com o ceu. As gerações academicas immediatamente anteriores tinham sido educadas nas ideias e nos exemplos da revolução de 48, das doutrinas socialistas e do estabelecimento do segundo imperio. Tinham aprendido algumas utopias, mas tinham aprendido tambem a desdenhar d'ellas, e a transigir e capitular com a realidade. Assim se lhes havia formado o espirito n'uma eschola de politica e de sciencia historica applicada. Não se perderam em abstracções, nem tão pouco na discussão de problemas trancendentaes e especulativos, ao contrario do que acontecia dez annos depois á mocidade de Coimbra, quando todos se deixavam seduzir e encantar pela novidade das theorias allemans, n'aquelles banquetes em que se serviam todos os fructos prohibidos da sciencia do bem e do mal, e em que eram audaciosa-

mente tiradas pelos famelicos convivas as ultimas consequencias da theoria de Vico sobre os poemas homericos, do systema historico de Niebhur sobre as origens romanas, da *Vida de Jesus* de Strauss sobre a mythologia christan, da *Symbolica* de Creutzer sobre a morphologia dos deuses pagãos, de Renan e de Max Müller sobre a origem e a natural evolução da linguagem, de Michelet e de Quinet sobre a renovação da sciencia historica, de Proudhon sobre a justiça na sociedade civil e ecclesiastica, de Taine sobre os processos novissimos da critica. Algumas vezes tambem se tratava de politica, mas quasi nunca se descia do crystallino das ideias puras. Fazia-se metaphysica politica. Subordinavam-se as cousas ás ideias e a historia á philosophia. Explicava-se a Constituinte por Kant, a Convenção por Fichte, a Restauração por Hegel, e assim por diante.

Comprehende-se bem que não eram esses os melhores preparatorios para os triumphos da vida pratica, e é d'esse modo que se explica ter-se inutilisado para a carreira publica uma grande parte da mocidade mais intelligente d'aquelle tempo. A geração anterior não valia por certo mais, e a seguinte tambem não. Comtudo ellas deram para a vida pratica muito maior numero de homens distinctos e proeminentes do que aquella que fez realmente no paiz uma revolução nas ideias e no pensamento. Esse defeito acompanhou sempre nos seus destinos a maior parte dos que mais conviveram com Anthero, e dos que mais collaboraram com elle n'essa memoravel revolta dos novos contra os velhos. Os theoricos do Cenaculo, jacobinos idealistas, foram por isso mesmo fracos homens de acção. Mais tarde sossòbraram quasi todos no mundo, quando tiveram de entrar na vida pratica, e quizeram pôr em execução a sua moral e a sua philosophia. Só os habeis podem dizer com verdade que o seu reino é d'este mundo. Os outros, os que não pro-

fessam na escola futil das habilidades, e se não adestram na esgrima social e na gymnastica da vida, esses estão condemnados a cumprir perpetuamente na terra a sentença evangelica. D'elles se pode dizer que o seu reino não é d'este mundo. São muito pezados para poderem ascender ás alturas onde as mediocridades facilmente sobem. Não são os mais fortes os que melhor trepam pelos mastros da *cocagne.* São os mais ligeiros. Na *cocagne* da vida acontece o mesmo. São os mais ligeiros d'espirito os que mais depressa chegam. Ter ideias, ter opiniões, é um incommodo e um embaraço. Para correr é preciso estar desembaraçado, e para correr pelos caminhos da vida fóra, o melhor é aligeirar o espirito, despindo-lhe o vestuario complicado das ideias, das crenças e dos principios. Isso porém não é sempre facil. Um espirito e uma orientação mental são a obra d'um trabalho lento. Não se desfaz com a mesma facilidade da teia de Penelope, nem se apaga tão rapidamente com a palavra escripta na ardosia. Quando se tem formado um espirito podem os desenganos produzir o desgosto da vida, mas são geralmente impotentes para lhe darem direcções oppostas. A fixação do caracter torna muito rude para aprendisagens novas. Algumas vezes o paiz das desillusões é como se ficasse para além da campa. Não se volta de lá. Muitos foram por isso acommettidos pelo desalento, e o maior de todos elles, Anthero de Quental, foi tambem o mais desalentado. Assim se explica em parte a sua vida e o seu destino.

*

Não sei o que os collaboradores d'este livro escreveram da vida de Anthero de Quental. O que sei é que todos nós fomos seus amigos; admirámos, desde as alegrias

da sua mocidade até ao prematuro entristecer da sua existencia, as prendas excepcionaes do seu espirito e do seu caracter, e ainda hoje o avistamos sobranceiro ás ultimas gerações como um gigante. Sei tambem que a sympathia, o affecto, a admiração e a saudade devem ter inspirado primores de desenho, de expressão, de colorido e de sentimento, a que a pobreza da minha penna não poderia já agora accrescentar senão alguns louvores mais ao nosso querido morto. A' sua biographia, que é a de um pensador duplicado por um santo, deve estar feita. É mesmo provavel que esteja repetida. Não repetirei por isso mais uma vez os episodios d'essa vida, aquecida na sua manhan pelos mais fulgurantes enthusiasmos que podem inflammar uma alma de eleição, arrefecida logo ao começar a tarde da sua existencia pelas melancolicas desconsolações do desalento, mas allumiada sempre pela chamma luminosissima de todos os instinctos generosos.

Lá diz a ballada que os mortos passam depressa, mas a figura de Anthero deixou na memoria de todos quantos trataram com elle uma brilhante e triste imagem, cuja irradiação se prolongou até á geração presente, inteiramente estranha já hoje ás luctas e aos problemas que lhe consumiram o espirito e o coração. A sua obra não foi grande, e a sua vida não foi ruidosa, tendo sido, pelo contrario, sacrificada pelos votos quasi monasticos de uma obscuridade voluntaria: e comtudo não se condensaram ainda sobre o seu tumulo as trevas do esquecimento. É preciso realmente que tenha havido n'elle alguma cousa de bem extraordinario, para que viva ainda na memoria de todos quem não deixou de si numerosos e perduraveis monumentos, nem fez á roda do seu nome a bulha, que poucas vezes consegue salvar do esquecimento ou da indifferença os poderosos e os afortunados. Houve, com effeito. A mocidade intellectual de ha trinta annos escolheu-o para seu chefe, e a mocidade tem melhor memoria que os

velhos. Nunca mais o esqueceu, e Anthero ficou sendo o symbolo d'essa geração em que predominou, e na qual foi popularissimo. Não costumam durar muito os favores e as mercês da popularidade, mas n'aquelle tempo de mais sinceridade, e de menos egoismo, ninguem lhe disputava o primado intellectual, e depois d'isso não podia o isolamento de Anthero incommodar as ambições, as susceptibilidades, as invejas e as fraquezas de ninguem. Os que o conheceram ficaram-lhe tributando uma especie de culto. Os outros experimentam por elle a fascinação do desconhecido, porque Anthero foi para muita gente um desconhecido, de quem se fez um typo lendario de talento, de bondade e de justiça, tudo coroado pelo resplendor das aventuras e excentricidades que compunham o romance da sua mocidade, e que ainda hoje dão com os seus tons variados e caprichosos um singular realce de sympathia, interesse e curiosidade, aos actos da sua vida.

Do concurso de todas estas circumstancias provem poder-se fallar hoje de Anthero, sem que para isso seja necessario avivar recordações ou desenterrar a sua memoria do cemiterio do esquecimento, onde jazem na valla commum, e já sem nome, muitos outros que fizeram mais bulha que elle, e luziram na vida maiores honras e opulencias. Além d'isso Anthero de Quental não foi sómente o symbolo de uma geração academica inteira. Passou-se no seu espirito mais completamente, e melhor do que em nenhum outro, toda a tragedia moral do seu tempo. Na sua alma reflectiu-se mais de meio seculo de luctas e de controversias. O grande movimento philosophico, que veiu descendo desde Kant, pelas espiraes da duvida abaixo, até ás tristes e desoladas profundezas do pessimismo de Schopenhauer e de Hartmann, foi estudado por Anthero, mas foi talvez ainda mais sentido que estudado. A mesma evolução pessimista, que na Allemanha se realisou

devagar, lentamente, durante umas poucas de gerações e umas poucas de escholas, tambem se realisou n'elle, dentro da sua alma reflexiva, scismadora e sensivel, mas precipitadamente, tumultuariamente. O que lá fóra era feito segundo a logica dos systemas, e determinado pelas decepções crescentes dos philosophos e dos poetas, operava-se naturalmente no espirito philosophico e poetico de Anthero, que partindo dos mesmos principios, e ferido tambem de decepções eguaes, chegava sem grandes transições, e quasi de um pulo, aos mesmos resultados. Em poucos lustros, o poeta, que tinha assignalado primeiramente a sua vida pelas mais eloquentes proclamações de revolucionario sincero, via a sua existencia dobrada ao pezo da cruz dos desenganos e arrastada por uma via dolorosa, onde servem ainda hoje de marcos ás estações do seu espirito, e aos passos da sua Paixão, muitos dos seus *Sonetos*. Não era um philosopho, tirando friamente conclusões com a impassibilidade dos metaphysicos allemães. Era um poeta, sentindo profundamente as dôres e as agonias do seu tempo. Pela experiencia, pela sensibilidade e pelos desenganos, mais que pela observação, pela analyse ou pela logica, Anthero tinha chegado ás mesmas conclusões de Schopenhauer e de Hartmann. Tinha feito, talvez sem querer, o poema melancolico das suas doutrinas. Esta circumstancia, que fez d'elle o mais completo representante do movimento intellectual do seculo no nosso paiz, e que serve a explicar, juntamente com as mais que levamos apontadas, a popularidade de Anthero e a sobrevivencia do seu nome, explica tambem as tristezas e as amarguras da sua vida, que nenhuns acontecimentos extraordinarios perturbaram, e que teria corrido serena, despreocupada, alegre e feliz, se os problemas que agitavam o seculo, e determinavam em toda a parte fortes crises moraes, o não tivessem agitado tambem profundamente a elle, abrindo-lhe na sua alma de philoso-

*

pho a crise do pensamento, e na sua alma de poeta a crise mais dolorosa ainda do sentimento.

As musas, que tanto lhe queriam, e que tanto o tinham favorecido com os presentes magnificos da inspiração, já o não consolavam. Apenas lhes pedia emprestados de longe em longe os tons lugubres e melancolicos dos seus *Sonetos*, feitos todos elles da mais sentida poesia que se conhece. Com outra alma e com outro coração, onde podesse perpassar algum sentimento menos generoso, teria escondido talvez dentro d'esse ramilhete de flores poeticas, composto de violetas e saudades como uma corôa funeraria deposta sobre o tumulo das suas esperanças mortas, as viboras da ironia e as peçonhas mephistophelicas do seculo; mas as suas amarguras não tinham fel como as de Heine, nem a sua alma purissima podia destillar venenos. A ironia é sem duvida uma grande consolação dos espiritos desilludidos. Dá os prazeres da vingança, apetecidos até pelos deuses, mas Anthero considerava a vingança uma cousa mesquinha, indigna de um justo. Certamente não lhe faltava essa corda na sua lyra opulenta, porque o espirito de Anthero era prodigamente dotado com todas as magnificencias. Alegrava-lhe por vezes o mais vivo humorismo a sua austeridade de estoico, e temperava-se não raramente a sua alma mystica por uma forte dose d'ironia. A complexidade do seu espirito era assombrosa, mas essa complexidade prejudicava-o. Cada um dos predicados que a compunham era forte de mais para ser governado pelo outro. A razão e a imaginação disputavam o predominio d'essas complexas faculdades, com forças quasi egualmente poderosas. Foi esse o seu peior mal. Isso tornava-o ás vezes indeciso. Provinham-lhe de ahi indecisões, que pareciam fraquezas. Essas faculdades, repartidas por uns poucos de espiritos, teriam bastado a fazer alguns homens notaveis e talvez felizes. O equilibrio exa-

cto e estavel d'aquelles dois principaes attributos da alma constitue o estado de perfeição ideal, mas esse equilibrio, que foi o sonho da Grecia antiga, nem mesmo ahi, n'essa terra classica da harmonia, passou nunca de uma aspiração van, ainda não realisada até hoje senão uma vez, quando muito, excepcionalmente e olympicamente, no espirito de Goethe. Esse desiquilibrio fatal foi a causa profundamente perturbadora das faculdades de Anthero. A imaginação illudia-o, e a razão não lhe deixava correr livremente pelas nuvens da phantasia o seu carro de Phaetonte. Com um espirito menos critico, teria sido o nosso maior poeta d'estes ultimos tempos. Com menos imaginação, seria a estas horas notabilissimo na sciencia, nas lettras, na politica ou no professorado, porque para tudo isso havia no seu espirito recursos e aptidões de sobra.

Os resultados d'esse combate da razão com o sentimento foram o que deviam ser. As ultimas manifestações de Anthero e todas as agonias moraes da sua vida intima sahiram dos seus precedentes tão logicamente, como uma conclusão sae das premissas postas n'um syllogismo. A tempestade era fatal, porque ambas as suas forças dominadoras eram, como fica dito, egualmente grandes e egualmente fortes. Essa lucta não se travava entre a imaginação e a realidade, entre os sonhos e as desillusões, como nos poetas romanticos. Se fosse só isso, Anthero teria talvez feito como Espronceda, Musset ou Larra. Teria procurado o esquecimento e a desforra na embriaguez e nas orgias, ou teria desabafado o seu desespero no sarcasmo, na ironia ou na satyra. Mas a lucta de Anthero travava-se entre a razão e a imaginação, e a sua vontade escolheu a razão para dominadora do seu espirito, que depois de ter percorrido todas as regiões do pensamento, e todos os espaços da poesia, procurou debalde na philosophia um descanço, que esta tambem lhe não deu. A

poesia, tal qual elle a considerava, não podia já convir ao seu espirito grave e reflectido. Tinha deixado de ser para elle uma cousa séria. Não tinha já uma missão social. Não era um sacerdocio nem um agente de civilisação, como tinha sido antigamente. Pensava elle por isso que o poeta já hoje não podia dizer nada ao mundo, que valesse a pena ao mundo parar para o ouvir. A poesia reduzia-se assim, na sua opinião, a uma simples maneira litteraria de exprimir sentimentos pessoaes, e Anthero tinha muito orgulho para continuar, durante toda a sua edade madura, a dizer ao mundo o que elle entendia que era absolutamente indifferente ao mundo. Quebrou por isso a sua lyra, onde primeiramente havia cantado com os enthusiasmos frementes de um revolucionario e de um reformador as *Odes Modernas*, e em que mais tarde soluçou, com as tristezas de um desalentado, os seus *Sonetos*.

Comtudo o pobre mundo, que visto á luz da realidade lhe tinha parecido essa cousa atroz que lhe inspirou as suas mais lugubres poesias, não lhe pareceu melhor, visto á luz da sciencia. Depois do vasio que se tinha feito na sua alma, não podia haver para elle senão duas soluções do problema da vida humana, a indifferença ou o pessimismo, mas a primeira d'estas soluções, embora fosse a mais desejada, e talvez mesmo appetecida como uma felicidade da terra, não era compativel com o espirito de Anthero. A indifferença é o cynismo da intelligencia. A sua manifestação superior é o desdem, mas só se desdenha d'aquillo que se não sente, e na alma de Anthero eram muito vastos os dominios do sentimento, para que elle pudesse ser um indifferente, sentado á beira da estrada, e rindo-se das miserias que passam, douradas ou rotas. Restava-lhe o pessimismo, e foi justamente no pessimismo que elle cahiu, tão profundamente como a propria metaphysica alleman, que nos ultimos annos de

Anthero, esteve exercendo sobre o seu espirito uma notavel influencia.

*

Creio que o ultimo escripto que Anthero publicou foi ha quatro annos na *Revista de Portugal*, e versava sobre questões de metaphysica. O seu primeiro estylo de pamphletario, superiormente provado na *Defeza da Encyclica*, que é um acabado modelo de logica e um perfeito exemplar de polemica, modificou-se inteiramente. Descrevendo n'essa pagina final da sua vida litteraria as tendencias da philosophia moderna, fel-o com a concisão de um verdadeiro philosopho e com a sobriedade de linguagem propria da edade viril de um grande escriptor. N'essa hora quasi extrema, o movimento scientifico, que elle acompanhara quasi sempre com os maiores disvelos, apparecia-lhe nitidamente desenhado, com todos os seus abysmos, á claridade da sua lucidissima razão e das suas poderosas faculdades de critico. Esse seu testamento publico é datado das mais altas e serenas regiões do pensamento, donde elle contemplou até ao fim da vida, com uma vista clarissima, a doutrina complexa da evolução, e donde observou as suas origens na inconsciente mas fundissima aspiração da natureza a um fim soberano, que deveria ser a propria consciencia, a plenitude do ser e a ideial perfeição. Escrevia como um pantheista, mas como um pantheista idealista. Pantheista tinha elle sido sempre, mas o estudo, a reflexão, o isolamento, a melancolia, o desgosto da vida, as desillusões do mundo, a desapparição de todas as esperanças, tinham-lhe transformado a sua antiga concepção naturalista n'um espiritualismo apparentemente doce, resignado e quasi religioso. Era assim que elle interpretava o rea-

lismo transcendental de Schelling e Hegel, transfigurando-o em idealismo objectivo. Parece-me terem sido estas as ultimas palavras que Anthero escreveu para o publico. Não quiz levar os seus leitores mais para diante, pelos degraus do desespero abaixo, até á philosophia do mal. Deixou-os á entrada da duvida, escondendo-lhes piedosamente o nihilismo das ideias e dos sentimentos para onde dava essa porta do inferno. É verdade que já Fichte tinha chamado ao universo a peior cousa que podia haver, ao que Schelling accrescentara que sobre a natureza toda se estendia um immenso veu de dôres, donde provinha a irremediavel melancolia de toda a existencia. Mas não parava ahi o progresso scientifico da theoria do mal. O resto, a decomposição d'essa doutrina no pessimismo ou na philosophia do inconsciente, não o descreveu Anthero. Guardou-o para si, dentro da sua alma dilacerada e compungida. Sentiu-o profundamente e dolorosamente. Acabava o drama das suas luctas intellectuaes. Começava a sua tragedia intima. Encerrado n'uma decadencia sem remedio e n'um ambiente social pervertido, abandonou todas as esperanças terrestres, e teria procurado no ceu o bem que lhe recusava a terra, se a fé não fosse já incompativel com a educação moderna de Anthero. Assim veiu o seu espirito caminhando scientificamente para a duvida, e processionalmente para o nada. A fria sciencia ensinava-lhe, tão bem como a cruel realidade, o horror da existencia, o tedio e a aspiração ao não ser. N'essa formula pessimista o grande fim das intelligencias é renunciar ás illusões da existencia, *e descer passo a passo a sua escada estreita*, como elle disse n'um dos seus ultimos sonetos. Este aspecto lugubre do universo não foi somente uma concepção pessimista do seu espirito; foi tambem um sentimento doloroso da sua alma. Era o philosopho que raciocinava e era o poeta que sentia. O primeiro poderia ainda resi-

gnar-se á fatalidade das conclusões, e assistir talvez indifferente á sorte do mundo, mas o segundo não podia deixar de sentir na sua alma o desgosto irremediavel da vida e o desejo consequente de acabar com ella.

*

N'um dos seus poemas em prosa descreve Baudelaire os encantos de um porto de mar. Ha com effeito um certo prazer mysterioso e aristocratico para aquelles a quem já não restam na vida nem curiosidades nem ambições, ao contemplar todos os movimentos dos que partem e dos que voltam, dos que possuem ainda a força de querer e o desejo de viajar, ou de se ir enriquecer a longes terras. Anthero tinha uma notavel predilecção pelo mar, junto do qual procurou quasi sempre viver, mas o seu espirito não se podia contentar com esse espectaculo de contemplações ociosas e estereis. Elle não queria nada do mundo. O desejo de viajar tambem já o não podia ter quem depois de ter lustrado paizes estrangeiros, á procura de venturas sonhadas ou de perfeições imaginadas, voltara á sua terra apenas com algumas desillusões mais; e a ambição das riquezas tambem não dominou nunca aquelle coração d'estoico, opprimido e suffocado n'este meio egoista e n'este moderno baixo-imperio das ambições vulgares e dos interesses pessoaes. Tinha demasiada educação scientifica para ser apenas um poeta lyrico, e possuia uma alma excessivamente poetica para ser um homem pratico e de negocios, como modernamente se diz. O seu caracter não era feito da cêra molle dos outros caracteres, que facilmente se ageitam ás exigencias do mundo, dos homens e das cousas. A sua vida foi por isso, nos ultimos annos principalmente, quasi a de um commtemplativo solitario, interiormente agitado pelo pensa-

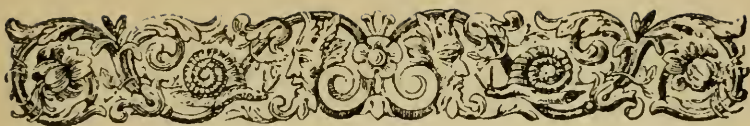
mento e pelos desenganos. Um dia resolveu-se repentinamente a mudar de solidão, e partiu para a Ilha de S. Miguel. Escolhia para sepultura a mesma terra que lhe tinha servido de berço, escondendo cuidadosamente dos seus amigos a ideia funebre que o dominava, e levando já d'aqui o destino tragico da sua vida, amortalhado no seu segredo.

Diz-se que o solitario de Crusoé se occupava principalmente em preparar pelas suas proprias mãos uma barca para sahir da sua ilha deserta. Anthero preparou tambem pelas suas proprias mãos a barca em que devia sair d'este mundo, que para elle era já pouco menos deserto que para Robinson, e saiu. N'outro seculo teria ficado até ao fim, e teria sido certamente um apostolo e um luctador. No tempo em que vivia, pensou elle — e talvez com razão — que a sua voz clamaria no deserto, e que a sua obra seria apenas uma utopia mais na sua vida. Tinha um grande ideal politico, cheio de grandeza, de moralidade e de justiça. Poderia tel-o doutrinado com a sua grande e forte voz, e exemplificado com o modelo da sua vida immaculada, mas elle bem sabia que o não entenderiam os surdos moraes, e que estes apenas lhe chamariam excentrico. Convenceu-se de que era praticamente um inutil, elle que tinha no seu cerebro as mais poderosas e excepcionaes faculdades, e no seu coração os mais finos e generosos sentimentos. Disse-lhe porventura a sua consciencia forte e san que era de mais no mundo, que elle deixou sem o amaldiçoar, e suppondo talvez mesmo, com a sua excessiva bondade, em nada inferior aos seus talentos, que as culpas eram mais d'elle que dos outros. Não esperou que a morte o viesse procurar. Foi elle mesmo ao seu encontro, sem phrases, sem queixas, e sem azedumes. Desceu modestamente do palacio encantado da Illusão com o passo firme de um estoico. Tinha horror ás vans ostentações, e era excepcionalmente bom para

amaldiçoar as pessoas, as cousas e até mesmo o destino. Não lhe conheci um unico defeito. A poucos acontece, quando se tem feito o curso da vida e o conhecimento dos homens, não se trazer d'essa viagem, tormentosa para muitos, de recreio para alguns, o azedume misturado com a descrença, mas Anthero conservou no seu scepticismo toda a generosidade da sua grande alma e toda a sua immensa bondade. Ninguem foi mais digno que elle de viver, e de ser amado e admirado. Morreu, tendo sido amado e admirado por muitos, mas não tanto como merecia.

Lisboa, 31 de março de 1894.

Anselmo de Andrade



ANTHERO DE QUENTAL



ONVIDADO a tomar parte nesta homenagem dos espiritos que amaram e profundamente veneraram Anthero de Quental, com cujas relações pessoaes muito me honrei, lanço mão de um trabalho inédito por mim lido na abertura das aulas do Lyceu de Ponta Delgada em 1 de outubro de 1893. Alguns instantes hesitei sobre se daria nova fórma á expressão do meu sentir, em face d'esse extraordinario e luminoso vulto; decidi-me, porém, pela primitiva redacção do meu escripto (1). É que assim, registrando impressões de todo o ponto indeleveis, archivo

(1) O presente trabalho é com pequenos retoques de forma, a segunda parte da allocução que o A., como Reitor do Lyceu de Ponta Delgada, proferiu na abertura solemne das aulas d'este estabelecimento no 1.º de outubro de 1893.

neste livro santamente consolador, a memoria da primeira festa escolar em que em terras de Portugal se apresentou o nome immorredouro de Anthero como incentivo á mocidade portugueza.

*

Ao meu intento, vem de molde o vulto d'um homem que se é a mais excelsa gloria d'esta terra nos ultimos dois seculos e por quem as lettras patrias tràjam ainda apertados crépes, é tambem uma physiognomia moral que se não póde encarar sem emoção e que se não admira sem amor.

Adivinhaes de certo que me refiro a Anthero de Quental, o profundo philosopho, poeta evidente, mystico author dos «Sonetos», prosador irrivalisavel, portuguez de lei, cujo espirito gentil, tão pouco ha, se partiu, como a donosa Natercia do grande epico: «*tão cedo d'esta vida descontente*», deixando apoz si o vacuo jamais preenchivel da saudade nos corações que o estremeciam carinhosos.

Perante esta figura homerica, póde haver divergencias de sentimentos ou d'opiniões; mas não se póde ser injusto na apreciação do que ella tão eloquentemente revela: a bondade.

Nas suas negações energicas, satanicas, ha aculeos que fazem brotar sangue de muitos corações piedosos; fel para afistular muitas almas na descrença horrenda que mergulha o homem na mais desconsoladora das incertezas; não obstante, porém, tudo isso é sentido, é palpitante, tem a força das affirmações rasgadas que commovem pela sinceridade, quando não movem pela persuasão.

Se, como diz Santo Agostinho, devemos ao nosso proximo tanto amor como justiça, é preciso que, pondo

de parte o nosso sentir intimo, a funda divergencia das nossas crenças e opiniões, sejamos justos e julguemos Anthero de Quental á luz d'um criterio superior para melhor podermos comprehender a grandeza da sua estatura moral.

Ora, n'este particular, não se póde contestar que Anthero de Quental tinha a admiração unanime dos seus contemporraneos.

Porque, meus senhores, n'este momento de suprema agonia para a familia portugueza, o immortal author dos «Sonetos» como um genio tutelar, doce e bondoso até ao sacrificio, semelhava á figura d'aquelles prophetas biblicos que o Senhor, de seculos a seculos, enviava para consolação do povo predestinado.

Por isso, quantos não perderam ainda a fé na regeneração d'este desgraçado Portugal, condemnado ás maiores provações que podem assolar um paiz altivo e brioso; quantos collocam a reforma do individuo moral, acima e muito para além das reformas collectivas, politicas ou sociaes, todos esses haviam os olhos fitos em Anthero de Quental como no prototypo vivo de todos os ideaes de justiça e progresso, a encarnação completa d'um sentimento patriotico energico, que infelizmente cada dia mais nos vae fallecendo.

E aquella gigantissima personalidade tinha de facto o magico dom de se impôr a todos n'uma epocha em que a mais leve sombra d'authoridade alheia parece ser um pesadello a que ninguem quer sujeitar-se!

Sabeis porque assim succedia?

É porque no temperamento de Anthero de Quental via-se a maxima inteireza moral alliada á mais escrupulosa, e quasi diria religiosa, comprehensão de todos os deveres, via-se uma alliança não menos intima entre o sentir e o querer, entre o pensamento e a acção; uma bondade de anjo a par do valor e audacia d'um heroe; a

summma energia da convicção d'um demolidor ao lado da ingenua credulidade da creança; uma inflexibilidade de doutrina ao lado do mais dedicado espirito de conciliação e de cordura, e tudo isto combinado em um profundo sentimento de sympathia e de amor, de commiseração e até de sacrificio pelas miserias humanas e pelas fatalidades da sorte adversa, que não respeita jerarchias nem grandezas.

A grande força de sympathia que Anthero de Quental chegou a conquistar proveio, quanto a mim, de dois predicados do seu temperamento, por egual intensos e interessantissimos, que convém indicar-vos.

O primeiro está, quer na consequencia e harmonia, por assim dizer rythmica, entre a sinceridade das suas affirmações pessoaes e a linha recta do seu proceder, quer na connexão logica entre as suas doutrinas e as suas obras.

Grande é a força d'este sentimento de coherencia n'uma vida consagrada ao serviço dos nossos semelhantes!

Sem ella podeis crer que não veriamos hoje a brilhante reacção iniciada na Russia pelo grande Tolstoï nem o nome do seu irmão no extremo Occidente europeu attrairia agora tantas complacencias dentro e fóra do nosso paiz. A coherencia levou Tolstoï, o grande senhor, a trocar a vida facil e deleitosa da côrte imperial pelo vegetar obscuro e solitario nos campos, e d'um artista, que pela penna estipendiada poderia accrescentar milhões de rublos ao seu largo patrimonio, fez um humilde artifice, um sapateiro, subsistindo parcamente no meio dos *moujicks* seus servos d'outr'ora, mais feliz que entre os seus pares!

Em Anthero de Quental, o solitario de Villa do Conde, tão semelhante por temperamento e pela inteireza moral ao romancista philosopho de Yassuya Polyana — o sentimento da coherencia foi quasi uma obsessão que lhe

incendia na face as aureolações d'um S. Vicente de Paula ou d'um S. João de Deus — os dulcissimos enfermeiros dos captivos e hospitalados.

O segundo predicado que no nosso meio deu a Anthero de Quental a consagração unanime d'uma figura typica, altamente sympathica, está em que no seu temperamento se encontravam fundidas e como que combinadas qualidades raras, que no seu conjuncto faziam d'elle um traço d'união entre o passado e o presente, as quaes parecendo á primeira vista constituir um mixto paradoxal, traduziam, todavia, este estado vacillante dos espiritos na actualidade e que cada qual, ao menos uma vez, soube em si observar, sem quebra da continuidade logica das suas convicções ou ideaes mais solidamente assentes.

Do passado conservava elle a força epica, o valor intemerato na affirmação, a linha da moral justa, a piedade e o dó christãos dos soffrimentos alheios, a dedicação desinteressada por tudo quanto se lhe perfigurava grande e augusto, a aversão ás pompas, á publicidade, ás honras ovantes, ao applauso stulto das maiorias; a franqueza que dicta louvores, mas que não poupa o vituperio; a indulgencia e magnanimidade que relevam ainda quando podiam deixar de esquecer.

Do presente tinha a orientação philosophica, a sede da critica subtil que tudo analysa, para tudo comprehender; o encyclopedismo exigente; as normas do trabalho que tudo vence; a capacidade pratica de ver os aspectos oppostos das cousas; o amor do progresso indefinido; o culto da sciencia positiva e da arte suggestiva; o sentimento do rythmo, a energia das affirmações que vão até ao fundo dos peitos; a nostalgia do passado; o incessante batalhar por ideaes afastados; o pessimismo na apreciação dos phenomenos sociaes; o espirito de exame; a negação dos processos dogmaticos nas questões contro-

versiveis, e por sobre tudo isto uma tendencia manifesta para uma synthese superior, para um vago mysticismo, filho do isolamento entre os homens e no mundo, e feito substancialmente á custa dos despojos de todas as crenças e dos residuos incoerciveis e irreductiveis de todas as philosophias, sepultas ou por nascer.

Em face d'uma organisação tão complexa e com elementos tão variaveis comprehende-se facilmente que especie de fascinação Anthero de Quental exercia sobre os seus contemporaneos, e como, fossem quaes fossem as crenças e idéas d'elles, a sua figura transparecia sempre e por todos os lados, para as almas d'eleição, atravez d'um prisma amoravel. É que, sobretudo, avultava o seu lado moral — o lado bello que se não discute, porque ou só se admira ou só se detesta.

Ha, porém, em Anthero de Quental outros traços caracteristicos que eu não devo calar aqui; porque vem, por assim dizer, inspirar um sopro de vida no esboço até agora frouxamente delineado.

Depois do brutal *ultimatum* de 11 de janeiro, quando o nosso paiz em lucta com a cubiça britanica, se agitava convulsionado n'uma febre de patriotismo sincero e raro visto, foi em Anthero de Quental, como sabeis, que os mais incendidos na sede da nossa regeneração moral e social procuraram a direcção, as luzes da experiencia e o sabio conselho, a alma, em summa, para aquelle ingente movimento de rehabilitação tão auspiciosamente iniciado, mas infelizmente tão pouco duradouro! tão repleto d'esperanças no seu apparecimento e tão esteril, todavia, na sua ephemera existencia!

O stoico sacrificou-se mais uma vez pelo que se lhe prefigurava uma necessidade da patria e um bem para os seus concidadãos, e não obstante os duros golpes da passada experiencia dos homens e das cousas, lá o vemos abandonar os commodos do seu viver patriarchal, e não

o entibiarem nem os egoismos d'uns nem os desvarios dos outros.

Como astro que aquece e illumina amoravelmente cuidava elle que com o prestigio do seu nome era possivel em momento de tanta angustia fundir todos os propositos, esclarecer todas as duvidas, congregar todos os elementos incontaminados da politica, produzir emfim uma obra de confraternisação e de futuro.

Enganou-se?

Quem sabe se porventura na sua mente clara, como um crystal, se houvera antereverberado a prelucidação d'aquelle desfecho; com os seus tristes tons, com as negras cores de mais tarde?

A acção devia ser, porém, harmonica com o pensamento, custasse o que custasse, houvesse muito embora sacrificio de tempo e de saude.

Era mister ir até o fim.

Por isso caminhou, chegando até onde era possivel chegar sem quebra das normas que a si proprio se impozera sempre.

Foi o seu derradeiro esforço patriotico!

Oxalá que no momento opportuno este exemplo de dedicação civica não fique infecundo.

*

Podendo aspirar ao predominio politico, ao elevado commando de hostes aguerridas, congregadas sob o seu nome prestigioso que de certo lhe concertariam triumphos estrondosos, podendo brilhar pelo seu genio scintillante na pleiade dos que trazem na mão os destinos da patria, Anthero de Quental preferiu alistar-se na phalan-

*

ge dos humildes proletarios como simples soldado que se expõe intemerato pela sua causa e isso com o raro merito de jamais fazer valer nem a sua dedicação, nem os seus preciosos serviços. Podendo ambicionar riquezas, tendo aptidões variadas para o trabalho que conduz á opulencia, n'uma epocha em que tantas mediocridades teem angariado fortunas fabulosas, Anthero de Quental contentou-se da mediania que lhe proporcionavam os seus parcos haveres, não pondo jamais a mira do estipendio na sua obra, que segundo elle dizia, lhe afeia e desmerece o valor moral, mas vivendo como Spinosa, como Kant, aquella vida solitaria, tocantemente bella na sua simplicidade, definida por Cicero nas Tusculanas e, salvas as devidas distancias e differenças, tão intensamente synthetisada por Bourget em Adrien Sixte, o pensador, quasi alheio ao mundo exterior, que só cogita e vive para a especulação e para o estudo!

E para em tudo patentear a feição singela e caroavel do seu temperamento, o neto de morgados opulentos de preclara estirpe e tão illustres nos fastos das nossas chronicas, quiz tambem ser artifice, saborear o pão amassado com o suor do seu rosto; quiz, como Tolstoï, entrar no affectuoso convivio dos corações apurados no sacrificio dos trabalhos e das privações, e em Paris, a moderna Corintho—que contraste este!—ser um obscuro aprendiz da arte typographica!

Não se contempla indifferente este rasgo tocante de virtudes antigas, muito menos, quando se sabe, que Anthero de Quental cortava muitas, muitissimas vezes pelo que lhe era strictamente necessario para supprir alguma miseria alheia, chegando no fervor de sua caridade a impor-se privações pesadissimas.

D'uma vez, consta, que recolhendo-se a casa em Paris encontrou um desgraçado que lhe confessou ter n'aquelle dia curtido fomes e frios incomportaveis. Anthero

de Quental, não curando de averiguar se era ou não verdadeiro o lamento, deu ao desconhecido tudo quanto tinha na sua modesta bolsa, sem attentar em que aquelles magros soldos, producto d'alguns dias de trabalho, eram os ultimos e tinham sido tão duros de ganhar! Finalmente, meus senhores, quando nos tempos que vão correndo, d'egoismo encarniçado e de completa dissociação dos elementos que formam o nervo da familia, a sociedade nos está cada dia offerecendo o quadro pungente de paes desnaturados que abandonam os filhos ás inclemencias da sorte ou deixam vegetar na pobreza ou na mizeria parentes e amigos, a quem deviam sollicitude e amor, quando isto vemos, não podemos furtar-nos ao imperio da emoção que nos arranca do imo peito um grito de ingente respeito pelo homem pobre que, tomando no seu regaço as orphãs do amigo, faz d'ellas filhos e familia, e, como o mais estremoso e providente dos pais, lhes consagra todos os disvelos, educa-as e por fim assegura-lhes a futura subsistencia, legando-lhes uma parte de sua fortuna. Não ignoraes talvez que para este lance de verdadeira piedade Anthero de Quental não tinha uma palavra de arrependimento nem de vangloria. É que a modestia n'este homem, ao mesmo tempo tão genial como um Gœthe e tão fundamentalmente bom como um Kempis, era uma virtude que se accusava em todos os actos da sua vida e em todos os productos da sua intelligencia.

Se alguma hora os amigos ou estranhos lhe recordavam com louvor esta ou outra das suas muitas acções generosas, elle ou não os ouvia ou repellia, como se foram aggressões, os encomios.

Anthero de Quental não era modesto por systema, nem por *dilletantismo*, nem ainda por intuitos de singularidade ou de applauso.

Era modesto, como era generoso, era bom, como era sincero e justo para com o proximo; ás qualidades cor-

deaes do seu espirito correspondiam predicados d'um coração estreme e bondosissimo.

Se os seus olhos se fitavam na região serena da Luz da verdade para de longe a comprehender e sentir-lhe os estos, o seu pensamento e a sua acção convergiam sempre para outra região não menos serena nem menos luminosa: o *Bem*.

Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e affirma o Bem!

D'ahi a grande força suggestiva e sympathica do grande homem, d'ahi tambem o valor da sua figura moral.

Procurae, meus senhores, estudal-a e imital-a na medida das vossas inclinações e crêde que ella é modelo que jamais vos induzirá em erro, exemplar que se copie sem proveito. Admirae o poeta, o philosopho, o patriota, o homem d'acção, sim; mas tende presente que se a qualquer d'esses respeitos Anthero de Quental é grande, muito maior é sob o ponto de vista da sua vida moral. Presentis que o espirar do seculo se annuncia grávido de commoções, de luctas infrenes, de reivindicações temerosas que abalarão as sociedades nos seus fundamentos e tirarão talvez a vida e o sangue a muitos milhares de homens? Antevêdes que a sociedade portugueza soffrerá o duro embate d'essa onda destruidora incolume ou que cada vez mais decadente e relapsa á reforma jazerá sepultada nos escombros da grande derrocada? Seja como fôr, o que não padece duvida é que esta situação anomala e profundamente inquietadora tem todos os similes da pobreza, da corrupção, da indifferença, da falta de energia, e do alquebramento moral que caracterisam os derradeiros annos do seculo XVI, quando o desastroso des-

enlace de Alcacer-Kibir preparava a rapida annexação a Castella.

Recordando-vos, ao fechar esta allocução, o parallelismo das duas situações, tão semelhantes, e tão cheias d'angustiosas provações, quiz mui de industria inclinar-vos a um derradeiro confronto entre Camões — o grande epico que abalisou o cyclo glorioso da nossa Historia, e Anthero de Quental, que demarcou talvez o ultimo lampejo da vida autonoma do nosso Povo. Prouvera, entretanto, a Deus que assim não succedera. Um, finando-se nas vesperas da derrocada, e como quem antetragava o fel da desdita, quiz legar e legou de facto um como testamento de consolação para o seu paiz, em que as passadas glorias, e todos os feitos heroicos dos seus filhos ficaram esculpidos em caracteres diamantinos.

O outro, pondo termo a pesada existencia n'um accesso d'incomportaveis dores, legou-nos mais que um testamento de passadas glorias nacionaes para nosso deslumbramento ou linitivo na hora da adversidade, legou-nos o exemplar typico d'uma figura moral acabada, vivendo uma vida votada á pratica do Bem — e a par de tudo isso, uma obra collossal onde ha inefaveis consolações para muitas dores, amparo para muitos corações affligidos, estimulos para bons propositos, a doçura da palavra que anima e a energia da vontade que decide, o pensamento que remonta ás verdades eternas e os sentimentos que arrebatam todas as organisações que não sejam de frio marmore.

Estudando e meditando a miude os livros que constituiram a bibliotheca do grande homem os quaes ahi temos como um penhor posthumo de dedicação pela terra que o viu nascer, não deveis desvanecer-vos com a sciencia que n'elles haurirdes: procurae antes seguir o trilho da vida d'aquelle homem e cidadão prestante, que n'isso prestaes sem duvida o mais rendido preito d'admiração

e respeito que deveis, a quem depois de morto, quiz ainda viver, por assim dizer, entre vós, e moralisar-vos pelo cultivo do espirito, encaminhado para o Bem. Esta é a norma.

Seguide-a, se vos apraz perlustrar o bom caminho.

Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro



O SUICIDIO DE ANTHERO

TENTATIVA DE INVESTIGAÇÃO DAS CAUSAS QUE O PRODUZIRAM

É PRECISO pôr, completamente, de parte a ideia de padecimentos physicos incomportaveis, que, pelo desespêro, levassem o Anthero á tragica resolução, que tão inesperadamente poz termo aos seus dias.

Tal hypothese é, a meu ver, absolutamente insustentavel—e só quem não conhecesse a rija tempera d'aquelle caracter, um tanto desegual, é certo, mas heroico, mas dotado, em summo grau, de todas as energias moraes; só quem não soubesse do, relativamente, placido e resignado viver do Anthero nos ultimos tempos é que a poderia admittir.

O Anthero só era fundamente vulneravel aos soffrimentos do espirito, ao mal do pensamento, e creio bem

que nunca o tormento physico, por mais cruel e dilacerante que fôsse, lograria quebrantar-lhe a robustez do animo a ponto de o forçar a eximir-se-lhe por um acto de fraqueza. Não que eu capitule assim a solução do suicidio, em toda e qualquer hypothese que elle se produza. Casos póde haver e ha, com effeito, em que o suicidio, longe de revelar pusillanimidade, de significar ausencia de energia para arcar corajosamente com as difficuldades da existencia ou para supportar o pêso de amarguras e adversidades iniquas e inexplicaveis que nos couberam em partilha, é, pelo contrario, um acto de coragem serena e reflectida, uma prova authentica de verdadeira grandeza moral. É escusado recordar exemplos historicos e por demais eloquentes, que sobejamente o comprovam e que a ninguem mediamente illustrado é licito desconhecer.

Quanto á sua legitimidade, como acção livre e independente, considero o suicidio, em absoluto, um direito fundamental e sagrado, tão sagrado como o direito á vida, se nos apraz viver, exclusivamente limitado e circumscripto pelas circumstancias e responsabilidades individuaes, sobretudo as que dizem respeito á familia, quer dizer, pelas circumstancias e responsabilidades que o homem, no pleno gôso da sua personnalidade moral e juridica, voluntariamente se creou e contrahiu.

O simples tedio da vida, a meu juizo, basta a justifical-o cabalmente, — quanto mais a deshonra immerecida e irreparavel, a calumnia triumphante e incoercivel, a absoluta incompatibilidade com o meio social ou domestico, adstricta á impossibilidade manifesta de, por outra fórma, dignamente os repudiar, e quantos, quantos outros ponderosos motivos, de egual quilate e magestade no fôro intimo, que podem fatalmente determinal-o em organisações pundonorosas, excepcionalmente delicadas e susceptiveis!

Em regra, tenho por mais acertado crer-se que só os covardes e os cynicos é que se não suicidam.

Já não me parece que tão facilmente possa caber na categoria dos motivos absolutorios e justificantes da voluntaria renuncia á vida e aos seus inestimaveis dons o soffrimento physico, só por si, ainda o soffrimento mais atroz e sem esperança; porque, para esse, póde haver compensações moraes, elementos de ponderação e de equilibrio, que singularmente lhe attenuem a gravidade e o valor, fazendo da existencia, ainda em tão lastimaveis condições, um imperioso e indeclinavel dever.

Mas — seria esta a hypothese do Anthero? Precisarei mais ainda a minha pergunta. Seria realmente um martyrio sem tregua, um padecimento crudelissimo e incomportavel, que lhe armou o braço com que, deliberada e friamente, poz termo á sua preciosa existencia? Só os que não o conheceram ou o não trataram de perto durante um largo periodo — de annos, talvez — antecedente á deplorabilissima catastrophe, poderão conceber tão erroneo juizo.

A derradeira phase da existencia do Anthero derivou pacifica e repousada. As grandes luctas moraes e sobretudo intellectuaes, que no seu espirito, por vezes, tão violentamente se debateram, haviam cedido o logar a uma serenidade calma e philosophica, feita de decepções e amarguras, como é a sorte de nós todos, mas nem, por isso, menos solida e resistente; a uma quasi perfeita conformidade, em summa, com as condições humanas da existencia, com as suas dores e as suas miserias, intransferiveis e inevitaveis, conformidade que era, nelle, aureolada pelo divino reflexo da bondade moral que de si espargia e fortalecida pelo ascendente prestigioso, que elle

bem conhecia exercer no circulo restricto de amigos, que o admiravam e comprehendiam.

Teve illusões, por certo. E quem é que não as tem? Quanto mais alto, mais alado e — deixem-me assim dizer —menos *terreno* fôr o espirito, maior é o quinhão de illusões e desillusões, que a sorte inexoravelmente lhe reserva. A ultima, no terreno das cousas politicas e sociaes, foi a ephemera tentativa da Liga Patriotica do Norte. Os estudantes seduziram-no, encantaram-no, por um momento, com o seu bello arranque, impetuoso e juvenil. Os politicos, que tiveram artes, e bem malas-artes, em verdade, de se apoderar do sympathico e esperançoso movimento, para o desvirtuarem e o ferirem de incapacidade e de impotencia, desencantaram-no e entristeceram-no. Mas nem, por isso, a sua grave e reflectida serenidade levemente se turvou, nem sentiu, desde esse momento, mais funda a descrença no futuro da patria, do que anteriormente a sentia.

Os padecimentos physicos haviam acalmado tambem. As insomnias, aquellas pavorosas e memoraveis insomnias, que tão horridamente o haviam torturado durante a epoca mais agitada da sua vida intellectual e que eram devidas, sem duvida, ao trabalho incessante, trabalho profundo e exhaustivo, do seu poderoso cerebro, no periodo de gestação e systematisação das suas ideias philosophicas, acabaram a final por desapparecer completamente, permittindo-lhe um somno tranquillo e physiologicamente reparador. O appetite, e com elle o vigor physico — um certo vigor physico, é claro — voltou, como era natural. Dava passeios de legua, a pé, sem experimentar a menor fadiga, como por mais de uma vez me asseverou.

Alimentava-se pouco, é certo, e uma só vez ao dia,

habito que contrahira desde 1869, seguidamente á crise mais aguda e cruciante da sua indenominada nevrose. Foi por esse tempo que lhe aconselharam e effectuou a sua viagem aos Estados Unidos do Norte, viagem, até certo ponto, de instrucção e de aventura, mas subordinada tambem, e essencialmente, ao intuito de melhorar a sua quebrantada saude pela benefica influencia de uma larga travessia por mar.

E que essa viagem não podia ser curta basta a evidenciál-o o facto de ser emprehendida num pequeno barco de vela — hiate, se bem me recordo — pertencente a um distincto cavalheiro do Algarve, o snr. Joaquim Negrão, que foi quem lhe suggeriu a ideia da viagem e dedicadamente lhe offereceu logar a bordo, como egual convite e offerecimento fizera antes a João de Deus, de quem, assim como do Anthero, era amigo particular.

João de Deus chegou a enthusiasmar-se deveras com o projecto. Sem manifesta aleivosia e clamorosa perfidia, ninguem ousára pôr em duvida a sua firme e decidida resolução de partir. Succedeu, porem, uma bella manhã, nas vesperas do dia aprasado para o grande feito, largarmos todos em visita á soberba nau, fundeada um pouco ao poente do Caes das Freiras, margem de Gaia. Para chegar a bordo era indispensavel passar por cima de uma enorme jangada de cortiça em folha, interposta ao barco e á praia e fluctuante sobre o rio.

Negrão, a quem a natureza fizera dom de um genio irrequieto e jovialissimo, não quiz — não podia — perder o admiravel ensejo de nos fazer partida. Escarrancha-se numa extremidade da plataforma de cortiça movel, onde já nos achavamos alcandorados, o Anthero, o João e eu, e, desprecatadamente, imprimindo-lhe, com as pernas em

arco, um forte impulso em tempos e direcções deseguaes, de tal feitio e geito a faz oscillar, e a nós com ella, em solavancos subitos, desequilibrantes, que o João desata desde logo a protestar, em grita, que já não entrava no barco. E não entrou. E foi uma vez uma viagem por mar aos Estados Unidos... Ainda se podesse ser por terra!

Que o meu caro João perdoe á memoria inexoravel, mas affectuosa, d'um coração que—ainda mal! nada esquece (quem dera que antes assim podesse dizer da minha desgraçada memoria do espirito!) a recordação fortuita d'este apagado episodio, do qual, como d'um *sachet* esquecido e impregnado de finas essencias, se evola ainda, ao relembral-o, o perfume saudoso, inconfundivel, d'uns tempos—que não voltam mais!

Mas, arripiando carreira e protestando solemnemente desarmar de vez os praguentos que me queiram arguir de impertinentes divagações: alimentava-se pouco o Anthero e uma só vez por dia, dissera eu. Devo, todavia, accrescentar que esse pouco bastava á sua regular nutrição, como elle proprio o reconhecia, sendo certo que, desde muito, se habituára completamente a esse regimen sobrio e que possuia a inestimavel felicidade de se dar bem com elle, sem que vez alguma sentisse a necessidade de o alterar.

Parece-me ter dito já o bastante para excluir, terminantemente, a hypothese de que a tragica morte do Anthero fosse devida a qualquer causa que, ainda remotamente, podesse filiar-se num padecimento physico excruciante, desesperado, allucinador. Quando pela ultima vez partiu para S. Miguel, o seu estado de saude, mental e physica, era, como se vê do exposto, quanto possivel, normal. E' indispensavel que fixemos bem este ponto.

As razões determinantes do seu regresso á ilha, onde, pobre amigo! para sempre devia ficar dormindo o seu impenetravel e derradeiro somno, referiu-m'as elle, minuciosamente, e é de crer que a mais algum amigo, pouco antes da saudosissima despedida. Ainda que muito de leve, não posso deixar de fazer d'ellas, aqui, uma breve menção.

— As suas queridas pupillas estavam senhoras feitas. Acabavam de sahir do collegio: precisavam de *entrar no mundo*, de abandonar aquella monotona e arredada thebaida de Villa do Conde, na qual o seu dedicado protector voluntariamente se encerrára e d'onde, a final, um dever de coração, do seu largo e generoso coração, o forçava a partir. Ali, no seu remançoso e poetico recanto da beira-mar, vivêra e passára o Anthero quasi absolutamente desconhecido. Não estreitára relações de amizade com pessoa alguma da villa. Como apresentál-as, e a quem, naquelle deserto de relações sociaes? Poderia elle acaso sacrificál-as ao seu egoismo, subjeitál-as ao seu teor de vida, cenobitico e transcendental, naquelle casarão melancolico e ermo, cuja amplitude, todavia, elle considerava indispensavel ao seu genero de vida excentrica, á sua idiosyncrasia particular? Evidentemente, não. Não lh'o permittia a natural delicadeza dos seus sentimentos nem a affeição, muito intima e paternal, que, de pequeninas, consagrava ás suas queridas orphãs.

Duas soluções, apenas, se lhe antolhavam como praticas para o difficil problema, que instantemente se lhe impunha. Mudar os lares, indispensavelmente, e transferir-se com as pequenas ou para Lisboa ou para Ponta Delgada, em S. Miguel. Em qualquer d'estas cidades lhe seria facil introduzil-as no mundo, insinuál-as na sociedade, pois que em ambas contava amigos, relações suffi-

cientes, em ambas tinha familia e, principalmente na ultima, familia numerosa, a quem desassombradamente as podia confiar.

Mas aqui surgia outra face, e não menos ardua, do espinhoso problema. O Anthero não podia prescindir de casa espaçosa e ampla, com um vasto salão, pelo menos, onde podesse isolar-se, em plena liberdade, passear de extremo a extremo, quando o seu espirito nervosamente exigia a concentração creadora, a ausencia de todo o ruido, o afastamento de toda a communicação com o mundo exterior.

— Comprehendes bem, ponderou com tristeza, que, em Lisboa, o aluguel d'uma casa em taes condições absorveria a melhor parte dos meus recursos, que não são largos. E ahi tens uma das razões, que me levam, imperiosamente, a optar por S. Miguel.

Havia, porém, ainda outra, e não menos grave, que era a seguinte: O Anthero sentia, cada vez mais urgente e inaddiavel, a necessidade de reduzir a systema o conjuncto das suas ideias philosophicas, de as coordenar e fundir em corpo de doutrina, dando-lhes a forma architectural e technica, a definitiva redacção, em summa. Era a sua obra decisiva, o seu ultimo grande trabalho, ao qual desejava consagrar exclusivamente o resto da sua existencia, todas as energias e toda a efficacia do seu pensamento e da sua acção.

Para um tal emprehendimento, Lisboa não lhe podia convir. — Entrámos, me disse elle, no periodo da derradeira confusão, na dissolução final. Esperanças de renascimento, de revivescencia nacional, já não pode alimentál-as ninguem. Não sei qual a sorte que nos espera; mas a perda da nacionalidade não será ainda, talvez, o

maior dos males que nos estão reservados. Em Lisboa, mais que em parte alguma do paiz, se observam, com tedio e dor inexprimiveis, os repugnantes symptomas, que costumam preceder e annunciar estas grandes crises nacionaes. A intriga é enorme, trovejante, ensurdecedora. Só ella fala, escreve, barafusta, e grita, e se lamenta, e se enfurece, e acaba, a final, por se insinuar e impor. Só ella reina, emfim. E' uma embrulhada inextricavel, um desfazer de feira sinistro e barbaro, que gela de pavor a alma e lhe incute a mais cordeal e intima aversão. Ouve o que me succedeu nos ultimos mezes que ali passei.

Sem distincção de matiz politico e, ás vezes, sem especie alguma de distincção, homens de procedencia varia — meros adventicios, uns, mais curiosos de conhecerem as minhas ideias ou a mim proprio, do que meus amigos; outros, simples affeiçoados, outros, sem duvida, amigos velhos e leaes—procuravam-me, assediavam-me, contando cousas, casos, intrigas, velhacadas, commentando o escandalo do dia, alguns visando a convencer-me da superioridade da sua influencia e do seu credo, outros, finalmente, pondo em relevo a inanidade ou a protervia das ideias e dos homens do partido contrario ou, ainda, philosophando com tristeza sobre a nossa irremediavel perdição.

E nenhuma ideia convergente, nem sombra de pensamento patriotico — sincera e desinteressadamente patriotico — salvas rarissimas excepções, entre tantos alvitres oppostos, tantos desalentados queixumes, tantas invectivas pessoaes e miseraveis intrigas e inconscientes affirmações do mais impudente e desvairado egoismo!

No mesmo dia, os visitantes mais heterogeneos e antagonicos revezavam-se ou encontravam-se junctos no meu

quarto, pondo-me no espirito uma indecifravel confusão, um tedio profundo e invencivel, pela divergencia inconciliavel dos pontos de vista de cada um e até de factos concretos, occorrencias do dia, que cada qual pormenorisava a seu modo e em discordancia radical com o que outros, pela sua parte, affirmavam ser a verdade pura.

D'ahi, uma desoladora impressão de desgosto e espanto, que se apossava de mim, inevitavelmente, não sei se pela absurdeza e puerilidade do maior numero das ideias emittidas, se mais ainda pela vacuidade vertiginosa de uns cerebros, que ingenuamente assim se escancaravam e tão frivolamente as produziam.

Em taes condições é impossivel pensar. Toda a serenidade, de que o espirito necessita, esfarrapa-se, dissolve-se na bruma espessa, gelatinosa, d'esse meio asphixiante, d'essa bisbilhotice morbida, tão incorrigivel, quanto insaciavel, ficando-nos, de tudo, apenas uma grande sensação de fadiga, de aborrecimento, de insuperavel e apavorada repulsão.

Decididamente, não é aquelle o *habitat* talhado para a minha organisação, enfermiça e contemplativa. Parto para S. Miguel. Não ha embargos que me detenham. Vou acantonar-me, e de vez, naquella ilha. A minha preoccupação exclusiva vae ser, d'ora avante, a conclusão da minha obra, a forma exterior do edificio, o tracejamento das grandes linhas architectonicas, pois que os materiaes da construcção, completos e trabalhados no meu pensamento, estão até, em parte, já ligados e reunidos no ensaio que publiquei na *Revista de Portugal.*—

E nestas disposições partiu, com effeito, resignado e descrente quanto aos futuros destinos da patria, animado

de vivissimo ardor, de uma resolução mascula e decisiva de levar a cabo, finalmente, a execução da sua obra capital. Que succedeu ali, que, tão depressa e contra todas as previsões, fez sossobrar o plano, que se havia traçado e provocou a sangrenta catastrophe, que todos deploramos?

Difficil cousa, em verdade, averiguar e surprehender num espirito tão complexo e profundo (e ao mesmo tempo tão candido e crystallino!) as causas psychologicas, que poderiam determinar tão irreparavel resolução. Todas as hypotheses que têm vindo a lume e ao meu conhecimento me parecem futeis e inverosimeis, senão macissamente absurdas e deprimentes, até, d'aquelle grande caracter e intemerato coração. Formularei, no entanto, uma explicação que ainda não vi produzida e que, sem embargo, ao soar-me a horrivel noticia, penetrou logo no meu espirito com uma tenacidade e fixidez, que nenhum esforço de dialectica saberia desarraigar ou abalar: a hereditariedade morbida.

Considerações de natural delicadeza e respeito me impedem de explanar detidamente esta ideia. Basta que a deixe consignada aqui — e aquelles, que, tradicionalmente ou de perto, conheceram a ascendencia e a consanguinidade do Anthero, serão, esses, quem devidamente lhe aquilatará o valor.

A esta causa remota viria, talvez, sobrepor-se outra, que, por seu turno, fosse a determinante, a causa proxima e occasional da manifestação da primeira. O systema philosophico do Anthero, a alliança intima do espiritualismo e do materialismo, indissoluvelmente fundidos num mysticismo superior e transcendente, seria, na realidade, um systema perfeito, impeccavel, absoluto, invulneravel e

inaccessivel á acção e á influencia progressiva das sciencias physico-naturaes, que na sua ininterrupta evolução têm feito ruir por terra as maiores producções do espirito humano, para as substituir por novas formulas e novas concepções, que, a seu turno, cederão o logar a outras que melhor correspondam e satisfaçam a um mais adeantado grau de civilisação?

—O meu systema é solido, indefectivel, dizia-me o Anthero um dia, no quintalzinho das Aguas Ferreas, ao terminar uma saudosa e amenissima palestra, em que, largamente, me exposera a summula das suas ideias. E, tomado de crescente enthusiasmo, proseguiu: Como vês, assenta macissamente no solo, sem precisar de escoras. Eleva-se por si, naturalmente; não carece do auxilio emprestado de estranhas theorias nem de vagas hypotheses ou postulados iniciaes. O progresso das sciencias physicas, seja qual for, ha de fazer-se dentro do meu quadro e não virá senão confirmar, cada vez mais, a solidez indestructivel da minha construcção.

Tal era, com effeito, a sua convicção intima no momento em que me falou. Mas o espirito do Anthero era eminentemente progressivo e mobil, de uma plasticidade inegualavel ou só egualada pela sua insaciavel sêde de saber. A duvida, o monstro incoercivel e informe, o lendario abutre de Prometheu, mordia-o, espicaçava-o, de continuo, como succede a todos os espiritos d'aquella envergadura e compleição.

E, se elle viesse a descobrir uma falha, uma fenda, por onde o seu grandioso e solido edificio podesse aluir-se e desabar? E, se lh'a descobrisse precisamente no momento em que se dispunha a pôr-lhe o remate e a franqueál-o ao mundo, como a affirmação mais poderosa e authentica do seu genio, como a sua mais duradoura

e gloriosa creação? Se lh'a encontrasse, já quando a edade começava a declinar e o progresso, embora lento, da doença, as crises graves, decisivas, que inopinadamente podiam sobrevir, lhe faziam cada vez mais contingente, mais incerta e, á luz da sua febril imaginação, quem sabe se de todo o ponto inexequivel, a possibilidade de reconstruir, pela base, o seu edificio colossal?

Todos os que mais longa e intimamente conviveram com o Anthero e lhe estudaram o caracter moral respondam, se poderem, até onde poderia levál-o o desespêro, o desalento subito, o desconsôlo amarissimo, inexprimivel, de ver perdido num momento, sem remedio, o fructo do seu longo e persistente trabalho, de ver desfeita em fumo a sua mais entranhavel e estremecida illusão.

Porque, é bem saber-se, o Anthero tinha tanto de resignado, como de violento e brusco. Para elle a vida valia apenas o que vale para todo aquelle que possue uma ideia e sente em si o desejo ardentissimo e obsidiante de a realisar. Valia tão somente como condição, de forma alguma como fim. Verificada a impossibilidade, ou como tal julgada, de conseguir esse *desideratum* supremo, cessou toda a razão de existir. Avivarei este topico essencial, que cumpre não esquecer: os combates de ideias foram sempre os que mais violenta e dilacerantemente se travaram na personalidade moral do Anthero. Era do pensamento sobretudo que elle soffria, muito mais que do corpo ou ainda do coração.

E' sabido o que aconteceu com o *Programma de trabalhos para as gerações futuras*, esses dois notabilissimos volumes, que tão funda impressão produziram no grupo selecto que lh'os ouvira ler e onde, é bem que se diga, não escasseavam competencias para julgar, nem tão pouco

inteireza e hombridade para, lealmente e sem biòcos, exprimir ao auctor o seu assentimento ou a sua desapprovação. Pois, no momento em que se convenceu de que o seu livro estava levemente em desaccôrdo com as ultimas conquistas da sciencia e não correspondia cabalmente ás exigencias do seu espirito, serenamente, despreoccupadamente, como quem cumpre um simples dever, fez d'elle oblata ao fogo purificador, que nunca, talvez, em tempo algum consumira tão precioso combustivel!

Ser-me-hia facil produzir copia de factos similhantes, conducentes não só a corroborar o que levo dito, mas ainda a demonstrar que o Anthero, tão complacente, por via de regra, e tão tolerante com os outros, tinha comtudo, por vezes, e conforme os casos, vivacidades e durezas inesperadas, que faziam pasmar os seus mais intimos e que, uma vez que estivessem na logica combinada do seu temperamento e dos factos, não se calcula precisamente, como de leve poderá imaginar-se, a que extremos de severidade, de rude e recta e summaria justiça, eram capazes de o propellir. Vejam-se os pamphletos litterarios *Bom senso e Bom gosto*, a *Carta ao Marquez d'Avila e Bolama* etc. E ainda isso não é tudo. O particular é o melhor. Ah, que, se eu quizesse levantar um pouco o veu de intimos colloquios inolvidaveis, quantas e quão curiosas revelações não traria a lume, que, para muitos, seriam uma surpreza, para outros, uma exauctoração cruel!

Mas, deixemos lá os outros, que não é d'elles que se tracta aqui, mas sim, unicamente, d'esse grande e generoso coração, que, se alguma vez, por excesso de tolerancia, pela fragilidade inseparavel da natureza humana, ainda nos seus representantes mais nobres e mais altos, peccou, punha sempre tão elevado o fito dos seus fidalgos sentimentos, que toda a nossa estima, cordeal e absoluta,

se alava para elle, em vôo harmonico e parallelo com a nossa rendida admiração.

Synthetisando: um accesso brusco de arrebatado mau humor, uma crise mais violenta e profunda de nervos, um movimento de tempestuosa e cega furia, d'esses que tão peculiares eram, na sua edade juvenil, ao temperamento desegual do Anthero; o subito despenhar-se do pinaculo de uma suprema e deslumbrante illusão — poderiam bem, a meu ver, despertar, explosivamente, nas profundezas physio-psychicas da sua organisação doentia, os germens de uma predisposição hereditaria, que lá jazessem latentes e sopitados, á espera do momento propicio, do momento psychologico, para se manifestarem. E, se esse momento, por este ou por outro caminho, chegou, que muito que o abalo, a perturbação por tal forma produzida, lhe armasse o braço d'essa força impassivel e calma, que elle punha, quando lhe aprazia, na execução das mais revôltas phantasias, como dos actos de uma vontade fria, absoluta, logicamente disciplinada e superior a toda a commoção? Attingiria eu, porventura, o intimo segredo, a razão occulta e concludente da sua mysteriosa e tragica resolução? Cabalmente, só elle o poderia dizer.

*

Deixei deslisar a penna ao sabor das minhas impressões pessoaes e das minhas reminiscencias, sem descabida preoccupação de estylo nem do que outros possam pensar ou dizer, sem grandes phrases pomposas e orchestraes, d'essas que, á vontade, se adaptam a todos os assumptos, á mingua d'uma ideia para exprimir, mas que, neste especialissimo caso, se me affigura deverem soar

como gargalhada satanica no religioso silencio d'um templo, onde só deve palpitar o mystico rumor da aza espiritual, o santo e casto murmurio da oração.

E' com o coração limpo de fezes, de irritantes e mesquinhas vaidades, e a penna expurgada da mais tenue parcella de litteratice, que se deve escrever de um homem, que, em sua vida, deu aos outros homens um dos mais altos e raros exemplos de integridade pessoal, de absoluto desprezo pelas vanglorias do mundo, de affavel e candida bondade, de encantadora simplicidade de costumes, de lealdade e pureza de pensamentos, de tocante e quasi humilde abnegação, emfim.

Não, querido amigo, tu, que tão cordealmente detestavas a rethorica, os artificios, as convenções; que sabias, tão causticamente, zombetear e rir da seccura atrabiliaria, mas cheia de sufficiencia e pretenção, dos inesgotaveis engranzadores de muito philosophicas e frivolas congeminações, dos buriladores peritissimos de periodos harmoniosos, a que só falta, todavia, um pensamento justo, original ou não, para se fazerem estimar: tu, mestre e amigo, não perdoarias nunca á minha penna, obscura, sim, mas leal e aprumada, outro tributo, que não fôsse o preito singello e puro da verdade, nem ao meu coração outra homenagem, que não fosse o piedoso e pudico respeito pela tua memoria, o voluntario culto devido á tua isenção austera e sem macula, á tua inexhaurivel bondade, fortalecida e acendrada de continuo pelo esforço da vontade e da razão.

Sim. Nestas breves e descoradas linhas, não procurei tracejar um Anthero sobrenatural e phantastico, para ter o pretexto e o prazer de lhe acolchetar depois os factos e os commentarios criticos, e bordar sobre essa creação da minha phantasia um tecido scintillante de imagi-

nosas pedrarias. de tropos faiscantes, ou recamado de eruditas e auctoritarias considerações.

Narrei singellamente factos; formulei conjecturas e inducções; e se, de umas e de outros, não resaltar, irrefragavel, a evidencia das conclusões alvejadas, destacar-se-ha, pelo menos, espero eu, um pallido reflexo d'essa immortal e radiosissima figura — soberbo diamante preto, de incomparavel e profundo fulgor, que nas lettras portuguezas riscou tão inapagavel e inconfundivel traço — d'esse paladino idealista e intemerato sonhador, que, alfim, se partiu em demanda da sua fria noiva sepulchral, deixando nos corações dos que o amaram uma tão vivida saudade, uma tão indelevel e espontanea e sympathica veneração.

Foz do Douro, 24 de janeiro, 1894.

M. Duarte d'Almeida



RECORDAÇÕES DE FAMILIA

E

IMPRESSÕES PESSOAES



OETA pelo coração e pelo amor da arte, Anthero de Quental nasceu fadado para soffrer os martyrios de uma alma elevada e poetica, que vive em epocha de prosa e positivismo.

A sua existencia, toda ideal, furtava-o, em grande parte, á realidade do seculo. A sua alma recolhia-se á contemplação das cousas do espirito, e, no meio dos interesses dos homens do seu tempo, vivia vida de poeta, de philosopho e de moralista. Raras vezes descia da sua thebaida de anachoreta, d'artista e pensador, a envolver-se nas luctas dos outros individuos. Todavia, nem sempre podia passar invulneravel atravez dos combates do mundo. As suas agitações nem sempre lhe eram completamente extranhas; as suas amarguras, tambem lhe attribulavam o espirito enlevado pelo estudo, pela concentra-

ção e pela poesia, essa fada, que sempre o trouxe captivo n'um palacio encantado, que a sua imaginação bordava com as flores mais delicadas e formosas, e com os arabescos mais phantasticos.

Anthero de Quental era uma d'essas almas mysticas; se nascesse n'outra edade, dedicar-se-ia á vida contemplativa dos mosteiros, como Bartholomeu do Quental, o fundador da ordem do Oratorio, e como Fr. Luiz de Souza, o grande prosador portuguez do seculo XVI.

Estas tendencias do seu espirito revela-as elle mesmo na sua carta auto-biographica...

«Li ainda mais os moralistas mysticos antigos e modernos, entre todos a theologia germanica e os livros buddhistas. Achei que o mysticismo, sendo o desenvolvimento psychologico, deve corresponder, a não ser a consciencia humana extravagancia no meio do Universo, á essencia mais funda...»

E ainda que não confessasse essa sua inclinação, sabia-se que elle era, pelo espirito e pelo sangue, da familia d'esses homens illustres.

Anthero de Quental, o escriptor que tão bem conhecia as bellezas da lingua portugueza, no seculo actual, pertencia pela linhagem dos Coutinhos, de que descendia, á mesma geração do velho monge de S. Domingos, que, em obras tão primas, opulentou a lingua patria, com as galas e louçanias do seu estylo brilhante, singello, harmonioso e delicado.

Este facto curioso de dois abalisados escriptores da mesma nação, ambos mysticos, ambos poeticos, e ambos grandes, pela virtude e pelos dotes literarios, pertencerem á mesma familia, póde verificar-se pela leitura da *Chronica de S. Domingos* e das historias dos Açôres dos padres Fructuoso e Cordeiro.

Aqui vem a ponto dizer que Anthero de Quental era d'uma das mais antigas e distinctas familias dos Açôres,

cujos membros se tornaram notaveis pelas letras e pelas armas. Na carreira maritima, a que tantos açorianos se dedicaram, teve ella, tambem, ousados navegadores.

A origem do seu nome deveu-a, segundo se lê na historia dos Açôres de Fructuoso, a um ascendente receber grandes mercês d'el-rei de Castella, que levaram os cortezãos a murmurar, pelo favor com que viam tratar aquelle illustre portuguez. O principe, porém, conhecendo a injustiça das accusações, parece que disse que sempre mereceria o seu real agrado — « Quem Taes » — acções sabia praticar.

D'aqui se diz que se derivou o appellido que este ramo da antiga casa de Coutinhos trocou pelo que até então usára, e com que fôra conhecida na historia de Portugal.

Os laços de parentesco de Quentaes com D. Philippa Coutinho levaram naturalmente, seu marido, o capitão donatario da Ilha de S. Miguel, Ruy Gonçalves da Camara, a chamar um d'elles para o substituir no seu governo, quando d'ella se ausentou.

Relações de familia e, tambem, o espirito d'ella associaram D. Philippa Coutinho com a mulher de Fernando de Quental, para fundarem o mosteiro das freiras da Esperança da cidade de Ponta Delgada. D. Philippa Coutinho fez de sua terça, como diz Cordeiro, a maior parte do convento, e Fernando de Quental e sua mulher deram o terreno para elle.

Alguns filhos d'esta familia serviram nas praças de Africa, n'essa escola militar de Portugal, em que tantos noveis guerreiros conquistaram as suas esporas douradas.

Paulo de Quental é o nome d'um d'esses cavalleiros d'Africa, que nos apraz citar, por se parecer na nobreza de caracter com Anthero de Quental.

Os nossos antigos guerreiros, que eram tão esforçados, como audazes, nem sempre se esqueciam de sollici-

tar o premio dos seus serviços, em boas tenças. Paulo de Quental assignalára-se por relevantes serviços, nos campos de batalha de Africa, e podia, como alguns seus contemporaneos, alcançar uma recompensa, em commenda rendosa. O seu animo, porém, isento e cheio de abnegação, como o do nosso poeta, impelliu-o a pedir que a mercê, que se lhe devia pelos seus feitos militares, se limitasse a uma certa quantia, para remir captivos.

É este um acto, que todos, que conheceram Anthero de Quental, podem affirmar que elle praticaria com a maior naturalidade, como um velho habito de familia, contrahido na primeira infancia, se fosse ao tempo, em que os poetas tinham — mente ás musas dada, braço ás armas feito —.

*

Em tempos mais recentes Anthero teve, tambem, parentes em que se divisam as suas nobres qualidades. Seu avô paterno André da Ponte Quental da Camara e Souza era poeta da escola de Bocage, cujo amigo fora. As suas poesias pareciam-se muito com as do melodioso Elmano, e chegaram a passar por producções d'elle. A policia de Lisboa illudiu-se a ponto de prender os dois poetas, por não saber distinguir qual fora o auctor d'uns versos, que ambos reconheciam como seus, para, com louvavel generosidade, se salvarem mutuamente da prisão.

Seu tio, Philippe de Quental, distinguiu-se sempre muito como estudante e lente da Universidade, e era homem muito notavel, pelos dotes intellectuaes e pela nobreza de caracter, que o tornaram muito estimado dos seus contemporaneos.

Como artista, Philippe de Quental, fez brilhante figura, no genero comico, no theatro academico de Coim-

bra. No *Camões do Rocio*, n'essa bella comedia de costumes nacionaes, me lembra de o vêr desempenhar o papel de capitão de ordenanças, com a graça que lhe era particular, e que não é facil achar nos actores dos primeiros theatros do mundo.

Nas scenas do *Camões do Rocio*, em que Philippe de Quental entrava, o seu talento comico punha-nos diante dos olhos um quadro dos nossos costumes nacionaes, tão comico e tão verdadeiro, que toda a plateia, a morrer de riso, applaudia, freneticamente, o artista admiravel.

Na familia Quental havia uma certa propensão artistica, que em Anthero se elevou ao mais alto grau. Anthero encetou a sua carreira muito novo, e para logo começou a manifestar as tendencias do seu espirito.

Pelos versos que vamos transcrever e que elle escreveu na nossa pasta ao 5.° anno de Direito, no dia em que fizemos acto de formatura, se conhecerá, como a sua alma principiou, no alvorecer da vida, a alar-se para as maiores alturas do mundo espiritual.

A MISSÃO

(FRAGMENTO)

Ama a Deus sobre tudo, e ao
proximo como a ti mesmo.

J. C.

Nobre e santa a missão d'aquelle martyr
Que por amor d'irmãos soffre na terra ;
Cuja alma é como a flôr que se descerra
Em perfumes que em torno e ao longe envia !
A' flor vae-se-lhe a vida c'os perfumes
Que no espaço entornou, que leva o vento ;
E elle, martyr tambem, vae-se-lhe o alento
N'esse amor que nutria !

Abraza-o outro fogo! Affecto immenso,
Que por ser luz é chama abrazadora,
A' falta de expansão lento devora
A vida que não pode em si contel-o:
Estala o peito como vaso terreo
Aonde se lançou metal candente,
Se abriga dentro em si o affecto ardente,
Que tem de Deus o sêllo.

Mas que importa que estale o terreo vaso,
Se o metal pelos poros se lhe imbebe,
Se dá lustre e valor ao pó que o bebe
E das fezes da terra o purifica!
E esse fogo d'amor que abraza uma alma
Que importa? Se lhe dá divino brilho,
Se mais certo do ceu lhe indica o trilho,
Se mais celeste fica?

Como a luz da manhã dissipa as trevas
E as sombras indecisas afugenta,
E á estrella rebelde que inda tenta
Alastrar mais um instante o brilho incerto
N'um diluvio de luz sepulta e immerge;
Tal o fogo celeste o involve e inflama,
Dissipa-lhe as paixões c'o a ardente chama,
Faz-lhe d'alma um deserto.

Amor, sonho brilhante de mancebo,
C'roas, que o mundo dá ao genio ardente,
Ambição do poder, que escalda a mente,
Amor, gloria, ambição, e chama intensa,
Tudo, ouvindo outra voz, desfez no peito,
Tudo com mão de ferro esmaga e acalma:
Basta a encher-lhe o deserto de sua alma
O immenso d'uma crença!

Ai, crença e amor infindos! Reluzira-lhe
Por largos horisontes, nova estrella;
E elle, a quem a vida ha pouco bella
Surrira no festim ameno e vário,
Agora, como falto de folguedos,
Deixa em meio o banquete começado,
Vai da estrada n'um marco abandonado
Sentar-se solitario!
....

*

Anthero de Quental, na quadra da vida em que escreveu estes versos, era um bello mancebo de 18 annos, alto, delgado, airoso e de porte nobre. Os cabellos bastos e louros, o nariz um pouco aquilino, o rosto oval, as faces d'uma leve côr de rosa, recebiam grande animação e realce d'uns olhos azues e animados, como as ondas dos nossos mares, quando os raios do sol se reflectem n'ellas e as brizas as agitam suavemente.

A phisionomia de Anthero de Quental parecia mais d'um homem do norte do que d'um peninsular. O seu temperamento, porém, revelava que nascera n'um paiz meridional. Dir-se-hia que elle nascera d'uma antiga familia portugueza, cruzada com algumas raças do norte das que emigraram para os Açôres, por causa das luctas religiosas da sua patria.

O fogo sagrado da poesia, acceso já n'essa alma, manifestava as faculdades, que a natureza lhe dera, e que a poriam em grande evidencia.

Nos versos — *A Missão* — Anthero seguia a corrente do seu tempo, e obedecia á tendencia natural do seu espirito. Romantico e mystico estava debaixo da acção da brilhante pleiade de espiritos, que nos primeiros quarteis d'este seculo dominaram na litteratura.

N'essa epocha Anthero era um espirito a um tempo jovial e serio. Ás vezes tinha idéas d'um genio folgazão, como quando se lembrava de metter-se na cama, com um chapeu alto, que fôra de Alexandre Herculano, para lhe servir de barrete de noute, e para saír com elle na cabeça de debaixo dos lençoes, a fim de fazer rir os amigos que lhe entravam no quarto.

Outras vezes, serio, convicto da sua missão de poeta, de martyr, de propheta e de grande reformador, «queria, como elle diz na sua auto-biographia, reformar tudo, eu que nem sequer estava a meio caminho da formação de mim mesmo.»

N'esse tempo Anthero de Quental lia muito. Seu tio Philippe de Quental com quem vivia, tinha uma grande livraria, herdada em parte de seu pae. Anthero servia-se d'ella e era avido pela leitura. Poetas, romancistas, historiadores, philosophos, theologos, classicos portuguezes e estrangeiros e socialistas, tudo elle devorava com o ardor da sua edade e do seu temperamento meridional.

D'os amigos colhia muita licção, porque tinha grande facilidade de assimilar idéas, pela conversa e pela discussão. Socialista desde esse tempo, quer-me parecer que o era mais por sympathia pelas classes desvalidas, do que por ter feito um estudo profundo das questões sociaes. Sempre o conheci socialista desde tão verdes annos que não creio que elle tivesse já reflectido bastante, para o ser em consequencia d'uma grande applicação.

É natural que depois estudasse muito os escriptores que tratam da questão social, que tanto o preoccupára, mas affigura-se-me que estava em más disposições para a tratar, porque entrara n'ella influenciado, principalmente, pelos impulsos do coração. Como não acredito na solução socialista e abraço os principios da escola economica liberal, com que elle não sympathisava, não me é dado acabar de entender como uma intelligencia tão lu-

cida se deixara levar por theorias, que tenho por meras utopias mais ou menos engenhosas.

Anthero, porém, era um socialista sincero e um apostolo dedicado da sua doutrina. Em tempo posterior ao que agora me refiro, disse-me elle, com effusão muito forte e natural, que se chegasse a hora do triumpho dos seus principios, por elles sacrificaria vida e fortuna. Eu, que não tinha as suas idéas, sempre lhe notei:

—Mal empregada dedicação em tão ruim causa!

Em verdade, o socialismo para mim é uma doutrina de seculos despoticos. Não comprehendo que a sua organisação, toda artificial e auctoritaria, possa servir ás sociedades modernas, em que domina o amor da liberdade.

*

O espirito de Anthero muito cedo se sentiu attrahir pelo amor das sciencias. Todas as suas questões de maior vulto prendiam-lhe a attenção fortemente. Todas as theorias e muito particularmente as philosophicas, religiosas, economicas, sociaes, politicas e litterarias captavam-lhe a mente por tal arte, que elle vivia quasi sempre dedicado ao seu estudo. No decurso da vida manifestou elle que se elevára no mundo intellectual por assiduos e variados trabalhos. Como jornalista, como pamphletario, como philosopho, como critico litterario deixou elle fructos excellentes do grande culto, que prestára aos differentes ramos da arvore da sciencia [1].

(1) Não citei as producções de Anthero de Quental no texto; muitas d'ellas appareceram com o nome do poeta, e o leitor não carecia de se lhe indicarem os seus titulos para as conhecer. Das que se imprimiram sem o nome do author tambem não fallei, por saber que pessoa muito competente tomava a seu cargo fazel-o. Ha, porém, dous trabalhos de Anthero de Quental, que não devo olvidar n'esta

N'esta quadra da sua vida era deista, como se revela na poesia—*A Missão*—e nos seguintes versos:

«Dissidentes no mais, Deus nos reune;
No impio, ou no crente, em tudo Deus existe;
E a todos chama a si, e a todos ama!»

Na flôr da mocidade Anthero tinha as mais altas aspirações do espirito humano, e o seu coração sentia-se abrir para o amôr, com a vehemencia propria da sua natureza e com o sentimento d'um coração de poeta.

«Esta quadra d'amor quanto nos punge
Com tão doce pungir!...............»

«Punhal, que ferindo o peito nos consola
Mas que a afagar nos vae roubando a vida,
Antegosto do que é o ceu e o inferno!
Será isto o amor? Será? Quem sabe?...
....
A ti mulher, a ti deu-te o mysterio
De matar ou dar vida...»

Como os risonhos devaneios da mocidade, e como a felicidade da vida humana, passou rapida para o poeta a

nota, *As Tendencias da Poesia Contemporanea* e a *Philosophia da Natureza dos Naturalistas*, publicadas em Portugal, vieram a lume, ultimamente, nos Açôres, editadas e revistas por pessoas e em circumstancias a que não posso deixar de me referir.

Anthero de Quental era um dos filhos dos Açôres que mais honraram a sua patria, e cobriu-a da aureola de gloria, que dá ao seu paiz um artista de genio. A Italia de certo, apezar de todas as suas bellezas naturaes, não teria para nós tanto encanto, se com ellas não ligassemos as recordações dos Virgilios, dos Dantes, dos Petrarchas e dos Tassos.

É pois natural que a patria consagre um sentimento de gratidão aos seus filhos, que como Anthero de Quental a elevam e a tornam mais sympathica.

Em vida Anthero de Quental captivou o coração dos seus con-

estação dos amores, com todos os seus enlevos e martyrios.

A morte de mulher adorada, ou alguma illusão perdida impelliu-o cedo para outra especie de poesia, e a sua alma parece que já não esperava deparar na terra com o ideal dos seus sonhos:

«No céo, ó virgem! findarão meus males:
Hei-de lá renascer, eu que pareço
Aqui ter só nascido para dôres.

Ali, ó lyrio dos celestes valles!
Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.»

Nos versos — *A Missão* — já elle dizia:

«Amor, gloria, ambição e chama intensa,
Tudo, ouvindo outra voz, desfez no peito.
. . . .
Basta a encher-lhe o deserto de sua alma
O immenso d'uma crença!»
. . . .

Então, porém, Anthero não estava no momento psychologico, para sentir realmente só — «o affecto ardente

terraneos pela poesia da sua alma, pela elevação do seu caracter e pelo seu merecimento litterario.

Com a morte, porém, começaram a raiar novos dias de justiça para o nosso poeta. É que o nome dos homens, que conquistam titulos perduraveis de gloria, brilha sempre com mais vivas côres, quando a campa cobre os seus restos mortaes e quando a sua memoria se vae consagrando no espirito das gerações que lhe succedem.

Nos Açôres toda a imprensa prestou então a devida homenagem ás eminentes qualidades de Anthero de Quental.

Alguns amigos sinceros, em cujo coração deixava profunda saudade, tambem lhe tributaram preito honroso pela imprensa, editando na propria patria do poeta, em volume, artigos que elle publicara em jornaes do continente.

O snr. Joaquim de Araujo, editou e reviu com a snr.ª D. Alice

que tem de Deus o sêllo» —. Mais tarde, naturalmente, é que alguma tormenta do coração o levou a escrever

> «Minh'alma! ó Deus, a outros céos aspira:
> Se um momento a prendeu mortal belleza,
> É pela eterna patria que suspira...»

Aos versos crentes da mocidade de Anthero de Quental succedem outros, que nos descobrem os segredos de um coração triturado pela duvida. Dir-se-hia que, perdendo a crença no amôr da mulher, perdera tambem a fé em Deus e n'uma vida além da campa.

As duvidas do espirito de Anthero, porém, nasceram do seu estudo da philosophia d'além Rheno. No nosso tempo de Coimbra o grupo de rapazes mais da nossa intimidade iniciou-se na philosophia allemã, debaixo do influxo de meu irmão Francisco Machado de Faria e Maia, cujas tendencias intellectuaes o impelliam fortemente para os trabalhos philosophicos.

Anthero, como muitos espiritos de Portugal e de Allemanha, sentiu-se tomar pelas mesmas duvidas, que se apoderaram d'outros sectarios d'alguns philosophos allemães. A philosophia d'este paiz não achou n'elle um adversario, como em Balmes.

Com a leitura dos nebulosos escriptores d'Allemanha Anthero viu-se envolver n'um mar tenebroso, com

Moderno aqui, em S. Miguel — *As Tendencias da Poesia Contemporanea.*

Este exemplo foi seguido por outro cavalheiro illustrado, naturalista já notavel, o snr. dr. Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro, que nos deu nova edição, em volume, da *Philosophia da Natureza dos Naturalistas,* precedida d'uma explicação previa, em que revela os dotes do seu espirito.

Com prazer registramos estes factos, em nota, feita depois de concluido o nosso artigo sobre Anthero de Quental, porque só depois tivemos conhecimento de ambas aquellas publicações.

a mente cheia de perplexidades. É então que elle, o poeta religioso e metaphisico se transforma em descrente e em innovador. A sua poesia, escripta com o proprio sangue, revela a crise por que a sua alma passava. As duvidas martyrisavam-lhe o espirito e causavam-lhe dôres mui pungentes, mas elle com a corôa do martyrio conquistava a de grande artista, que por uma fórma original exprimia em versos esplendidos as evoluções do espirito humano.

A obra de Anthero eleva-se com as transformações do seu espirito. Por ellas comprehende elle o estado psychologico de muitos dos seus contemporaneos e torna-se o verbo poetico e inspirado d'elles. É d'esta arte que elle compõe uma serie de poesias, ligadas por um pensamento dominante, e destinadas a dar-nos uma especie de poema psychologico.

É assim que elle se distingue no mundo poetico, attribulado pela duvida, mas sempre dominado pelo idealismo. A sua obra prima pelos mais altos pensamentos. A sua alma não rasteja pela terra, vôa ao mundo dos espiritos. Elle não é poeta das paixões mundanas, das bellezas terrestres, da felicidade n'esta vida mortal. A sua heroina é

A alma, a flor do paraizo antigo,
Lyrio bello do valle, feito humano,
A Sulamite da Sião celeste,
A Psyche triste e pallida que vaga
Nas praias do infinito — a Alma — ó homens,
Em meio do folgar que vae no mundo,
Cada vez chora mais e mais soluça,
E mais saudosa a eterna expatriada!

A obra poetica de Anthero é toda ella muito original, e revela um genio raro no seu genero. Poucas pro-

ducções litterarias tem um cunho tão particular e tão espiritual.

Nos versos de Anthero de Quental ha, realmente, bellezas d'uma ordem superior. O soneto — *Á Virgem Santissima* — é um primor d'arte, que não podemos deixar de transcrever, para prova do que aventamos:

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Estes versos são magnificos. Anthero revela n'elles o seu genio todo ideal. A imagem da Virgem apparece-nos mais radiante de belleza moral, do que nos melhores quadros de Raphael. Por elles sente-se o encanto que uma visão celestial poderia produzir no espirito.

Ainda n'esta poezia se divisa a tendencia mystica de Anthero, e ella accentua-se tambem muito nos versos:

Busca-se, anceia-se, e o alvejar da campa
Mais que o sorriso d'uma amante é doce;
A lembrança da morte mais que a esperança
Do poder ou da gloria nos enleva;

E ainda mais notoria se torna ella no formoso terceto:

> Firo, mas salvo... Prostro e desbarato,
> Mas consólo... Subverto, mas resgato...
> E, sendo a Morte, sou a Liberdade.»

N'este ultimo verso repete-se um pensamento que quasi todos os mysticos exprimiram por estas mesmas palavras.

Anthero, após uma vida agitada pelas duvidas do espirito, entrou n'uma quadra mais serena por fórma curiosa, como elle proprio nos dizia n'uma carta:

«...Logo suppuz quando te mandei os meus sonetos, que te haviam de causar uma impressão de tristeza. Mas que queres? Combinaram-se a doença, os desgostos e a evolução do meu pensamento, para, durante um periodo de annos, me pôrem n'um estado de espirito singular; singular pois tinha de ser a obra que d'alli saiu. Mas a tua penetração disse-te logo que não podia ser aquella a minha ultima palavra, e acertaste... Pensando muito e escutando docilmente o segredar da consciencia, pude emergir do pessimismo que me entenebrecia a existencia e recuei no caminho da negação absoluta em que estava precipitado. E' certo que a minha philosophia não mudou essencialmente, e ainda hoje não a acceitarás *in principiis*, mas alargou-se, aprofundou-se, e sobretudo expurgou-se de elementos estranhos, que a perturbaram; e ao menos, as conclusões moraes d'ella poderão ser bem acceitas por ti...

Aqui se vê que Anthero, depois de grandes luctas intellectuaes, passadas a sós com os seus pensamentos, no mais intimo da sua alma, entrava n'uma nova phase da sua existencia, e podia com as suas poderosas faculdades apresentar uma obra philosophica que honrasse a sua memoria e a nação, de que elle já era uma das mais brilhantes glorias.

O seu suicidio tão lamentavel e imprevisto não nos deixou conhecer, completamente, a nova evolução philosophica do seu espirito.

O suicidio de Anthero de Quental foi realmente um acontecimento tão triste como inesperado. Elle n'essa mesma carta acima citada escrevia-me:

«... Mas com tudo isto, vou adquirindo uma grande serenidade interior, e não me julgo infeliz, antes feliz. Possuo um mundo ideal, que de tudo me consola, e para tudo é compensação. Mas atravez de que nevoeiro, por meio de quantos espectros tenho caminhado...»

Na sua carta auto-biographica escrevia elle:

«Não sei se poderei realisar, como tenho desejo, a exposição das minhas idéas philosophicas... Morrerei, porém, com a satisfação de ter entrevisto a direcção definitiva do pensamento europeo, o Norte para onde se inclina a divina bussola do espirito humano. Morrerei tambem, depois de uma vida moralmente tão agitada e dolorosa, na placidez de pensamentos tão irmãos das mais intimas aspirações da alma humana, e como diziam os antigos, na paz do Senhor...»

Como pois explicar o fim tragico de Anthero de Quental, quando parecia que elle entrava n'uma quadra de vida mais tranquilla, quando elle mesmo se não considerava infeliz?

Anthero de Quental sentia, ás vezes, uma certa exaltação, propria dos espiritos dos grandes artistas. Não era uma natureza fleugmatica; tinha as qualidades das almas dos poetas, que nem sempre estão placidas, e que nem sempre obedecem ás regras d'uma vida sem emoções. Todavia a sua existencia corria quasi sempre tranquilla.

A sua economia, a sua fortuna proporcionada aos seus habitos, a independencia do seu caracter, o despre-

zo por todas as cousas mesquinhas e vulgares, que tanto enlevam os outros homens, tornaram-o superior ás vicissitudes do mundo, e proprio para viver n'elle sem grandes desgostos, e para se considerar feliz.

Como portanto comprehender a causa da sua morte, por um suicidio? Uma unica razão me parece que o levou a commetter aquelle acto, em que não posso pensar sem horror e sem o reprovar, com a maior magoa. Anthero estava gravemente doente, a sua debilidade era extrema; via-se em Ponta Delgada, n'uma terra pouco propria para os seus habitos de espirito; achava-se aqui muito só, no verão, epocha em que todos fogem da cidade para o campo. Devia ter saido para lá, e refugiar-se dos influxos nocivos da estação calmosa em algum sitio afastado da cidade. Negocios, porém, que tinha n'ella, e sobretudo como elle me dizia — «uma falta de vontade que, desejando fazer uma cousa, e não havendo apparentemente obstaculo a isso, pois só depende de mim, passam todavia mezes e annos sem que logre fazel-a» — levaram-o a ficar em Ponta Delgada, e a succumbir ahi ás suas proprias mãos, victima, naturalmente, d'uma fraqueza extrema, causada pela doença que se exasperára, pelo cortejo de circumstancias que o cercavam.

Creio, porém, firmemente, que Anthero de Quental na hora solemne em que morria em soffrimentos horrorosos, teria o pensamento que se lê nos versos:

«Eu não caio, meu Deus, sem ter luctado;
Fraco sou, porque sou de barro e limo
. . . .
Eu sou teu filho: A um filho desgraçado
Que ha-de um pae recusar? Oh, da-me arrimo,
Estende-me tua mão por sobre o abysmo.»

Tenho pois para mim que Anthero de Quental se

não morreu na «paz do Senhor», como desejava, descansa, como elle dizia:

> Na mão de Deus, na sua mão direita,
> Descançou a final meu coração.
> Do palacio encantado da Illusão
> Desci a passo e passo a escada estreita.
> ....
> Dorme o teu somno, coração liberto,
> Dorme na mão de Deus eternamente!

Visconde de Faria e Maia



ANTHERO E A ALLEMANHA

I

Eu fui a ultima a entrar no circulo dos escolhidos que tiveram a ventura de conhecer Anthero. As nossas relações abrangem pouco mais de um lustro, mas ainda assim (ou talvez por isso mesmo) poucos haverá entre os amigos do poeta, a quem elle proprio fallasse tão frequente e tão minuciosamente de si, patenteando a sua grande alma toda inteira, respondendo a perguntas, prevenindo objecções, contando e analysando com olhar retrospectivo as peripecias da sua vida, os anhelos do seu coração, desenvolvendo as suas aspirações e o seu Credo philosophico.

Foi no tempo outomnal, durante o periodo de Villa do Conde, quando as luctas e dôres intellectuaes já tinham começado a descobrir a possante testa germanica, outrora escondida sob a basta e loura «Marráfa» ondu-

lante (que lhe valeu o cognome entre os companheiros de Coimbra) durante o tempo relativamente sereno em que ia juntando os materiaes para o seu testamento de poeta, o *Livro dos Sonetos*, radiante de suave luz, por ter podido accrescentar aos prolongados gritos de desolação da epoca de desespero e agonia, uns vinte canticos de paz e resignação — suspiros de allivio em que, depois da crise, a imaginação ainda escandecida, mas tendendo a resfriar, se escoava. São esses os unicos versos, em que elle reconhecia poesia superior e de que dizia repetidas vezes: « para fazer muitos d'aquelles dava eu todos os outros, e ainda talvez quanto n'outro campo podia fazer.»

Conheci-o, portanto, calmo e meigo, um verdadeiro sabio santo, de uma singeleza e sinceridade encantadora; triste e inquieto apenas no tempo da *Liga patriotica* e nos ultimos mezes antes da partida, quando volvia os mil pequenos problemas reaes da nova vida familial que ia estabelecer na Ilha; violento e duro unicamente quando fustigava vilezas e perversidades. O socego com que fallava, revelando em prolongadas expansões os dotes do seu coração de ouro, a sua fina intelligencia e o seu nobre caracter, era, porém, socego depois de tempestuosa tormenta. O tom que prodominava era o de um pessimismo suavisado — e trahia o que a physiognomia, o porte, o timbre da voz, as suas cartas e as suas obras mostravam: que no fundo da alma lá estava o *immedicabile vulnus*.

Oh, as boas conversas, os ditosos dias, em que sentados á mesma mesa esqueciamos as horas! o bello enthusiasmo e a graça com que volvia aos tempos da juventude e da infancia! Que confissões tão discretas! que perguntas ingenuas! e a alegria infantil com que deixava acarinhar a sua alma com palavras consoladoras, e o macilento corpo com pratos escolhidos! O franco sorriso, quando ao cabo de algumas semanas de convi-

vencia reconhecia de repente, pelo somno um pouco mais socegado e um leve accrescimo de carnes que nós o estragavamos, que a sua unica refeição diaria era em nossa casa «sybaritica», comparada com a frugalidade do seu repasto ordinario, e que o estoico era um guloso! Os bons planos que arquitectámos para o futuro, esboçando trabalhos em commum e até viagens pela sua Ilha! As pequenas idiosyncrasias que a solidão e a doença tinham desenvolvido e que Anthero não escondia, nem expunha! o horror com que mandou tirar de diante da sua cama uma pelle de leopardo — o monstro, cujo olhar vidrento e aduncas garras o incommodavam, com todas as restantes inutilidades que achára no seu quartinho de 3.º andar, onde os ruidos da casa não chegavam, e muito menos os barulhos da rua! A sua satisfação, quando logo na primeira noite consegui improvisar-lhe uma almofada especial, que collocada sobre a face direita vedava quasi hermeticamente o seu ouvido sensitivo! A gratidão por se vêr liberto por algum tempo de todos os cuidados caseiros, e achar-se bem no nosso meio!

Quantas recordações que nunca esquecerei!

Entre as occorrencias a que os constructores d'este monumento de saudade alludem, e Anthero historiou — infelizmente com grande laconismo — na carta autobiographica -- poucas haverá que elle me não contasse — e com que maestria! — algumas rapidamente, outras com minuciosos pormenores; de outras sei, que nem indicadas vejo. Caracterisou o avô e o pae, Fernando, um dos bravos do Mindello, que levado pelas ideias revolucionarias mandou picar o brasão da casa, ajudando com as proprias mãos; e a mãe, muito catholica. Fallou dos seus ascendentes, do feitio nordico que muitos dos Quentaes e Bettencourts tinham tido, forjando hypotheses sobre a origem do appellido, e regeitando, meio hor-

rorizado, meio rindo a deturpação vulgar «do Quintal» e «Quintaes», de que alguns antagonistas costumam servir-se. Pintou a paizagem dos Açores, os montes vulcanicos de formação monotona, demasiadas vezes envolvidos n'um tenue veu de vapor quente, que tornando baixa a abobada do ceu, e pesada a atmosphera, lhe entristecia e emmodorrecia a alma, sedenta de sol, já quando criança; descreveu o primitivo commercio de laranjas e batata doce, feito em pequenos barcos de remo e vela, que circulando entre as ilhas o transportavam á Grecia dos tempos de Homero; narrou as impressões agradaveis do collegio do Portico onde lhe ensinaram francez, com muita bondade e paciencia; muitas anecdotas das suas «mocidades» estudantinas, entre comicas e tragicomicas; os pormenores da questão de Coimbra; a sua phase theologica e o seu fraco, nunca completamente vencido, pela vida monastica; lembranças de Paris; a viagem á America; a historia de Fradique Mendes, o ideal de um portuguez moderno, que Anthero modelára com a collaboração efficaz de Eça de Queiroz; as suas relações com Herculano e Castilho. Da sua bocca é que sei como e quando despertou Poeta na Ilha, ainda antes do tempo escholar, em alegre festa campesina, onde depois de ouvir entoar e compôr cantigas populares, teve a sensação «anch'io sono poeta», improvisando quasi que inconscientemente as primeiras quadras amorosas.

Mas os verdadeiros assumptos das nossas longas conversas e disputas eram litterarios. Versavam sobre a evolução do Poeta; as suas leituras predilectas; as influencias alheias que tinham actuado sobre o seu espirito; a arte de traduzir, a fórma do Soneto e os motivos por que Anthero a preferira a todas as outras; a diversidade do genio allemão e do portuguez; a educação nacional; a litteratura patria e a sua dependencia — princi-

palmente desde que fôra dado ao mundo, nos Sonetos, o melhor da sua vida, aquella parte mais alta que justamente por ser humana, e não só pessoal, se impunha á attenção.

Pena foi que meu filhinho, que gostava de assistir attento á maioria das conversas e que Anthero ia affagando e interrogando com carinhoso interesse, não fosse já então o bom tachygrapho que hoje é, e fixasse no papel as palavras eloquentes do Poeta! Muitas cousas esqueci naturalmente; de muitas me lembro, mas não é meu proposito repeti-las aqui. Peço venia apenas para relevar tres incidentes, com o intuito de desfazer mythos que principiam a formar-se com relação á forma e ao fundo dos «Sonetos».

Não é licito affirmar que foi de João de Deus que Anthero aprendeu a fazer este genero de versos: nas linhas dedicadas á especie no Circulo Camoniano (vol. II fasc. XI) ha positivamente uma interpretação erronea. Uma phrase, do fino e enthusiastico panegyrico do Soneto, tecido por Anthero em annos muito juvenis, e que diz que aquella forma superior do lyrismo puro do coração, perdida de ha muito, fôra restituida aos portuguezes por João de Deus, concede ao amigo apenas a vantagem de ter sido *chronologicamente* entre os novos o primeiro que resuscitou a velha estrophe, mas não affirma que os Sonetos, por elle cantados, serviram de modelo a Anthero. Quando foi lançada, o magno Sonetista a quem o futuro vindicará incontestavelmente, e com justiça, aquella honra, e que, de resto, venerava o «Poeta do Amor» como altissimo lyrico, com quem elle não podia rivalizar, já se tinha estreado, facetando numericamente mais Sonetos do que o conjuncto total dos que João de Deus compoz durante a sua fertil e gloriosa carreira de poeta. E, exceptuando um, de admiravel sabor camoniano, que todos os portuguezes sabem de cór, não ha na

corôa poetica de João de Deus um unico da pureza diamantina dos de Anthero. «Levou-me para o Soneto uma predilecção impensada e singular (pois quando comecei, ninguem entre nós os fazia já, sepultados como estavam com todas as outras fórmas classicas debaixo da reprovação dos romanticos) e talvez a influencia dos do nosso Camões, — os primeiros que conheci e tive em conta de um evangelho do sentimento». Da sinceridade d'estas palavras contidas n'uma carta que recebi, não posso duvidar. Outras passagens corroboram, além d'isso, a affirmação.

Igualmente illusoria é a ideia que a confecção dos Sonetos lhe custava anciosas buscas, e que os burilava miudamente, á maneira de Flaubert, cultivando a arte pela arte. Muito pelo contrario, o fundo, mais do que a fórma, era o que lhe importava. A ideia que alguem o tivesse na conta de um poeta *ex-officio* e visse na sua obra vestigios de acrobatismo era-lhe odiosa. Nunca se preparou para fazer versos: foi sempre espontaneamente que encontrou a poesia ao seu lado, e involuntariamente que o seu pensar e sentir revestia a fórma metrica. Com melancholico sorriso dizia-se irresponsavel dos seus Sonetos, que nasciam sempre que o seu *eu* metaphysico o impellia a manifestar-se. E por isso mesmo repugnava-lhe retocar posteriormente a obra feita. Mesmo onde reconhecia pequenos defeitos — rimas impuras, pouca harmonia na sequencia dos sons de alguns versos, e adjectivos daninhos por enfraquecerem a ideia essencial do substantivo — não era bem capaz de os emendar. Não ignoro que antes de elle coordenar os Sonetos sob o impulso de Oliveira Martins (que tinha o justificado desejo de erigir-lhe um monumento *aere perennius regalique situ pyramidum altius)* o Poeta ia contando aos amigos que se entretinha a revêr os Sonetos com o intuito de os tornar impeccaveis, mas não seria difficil docu-

mentar que pouco ou nada fez n'este sentido, embora gostasse de ouvir observações discretas a este respeito.

Uma vez, por exemplo, dirigi-lhe algumas perguntas sobre a maneira como concebera imaginativamente a *Morte*, mostrando-lhe a impossibilidade de dar uma copia allemã perfeitamente congenere do poema *Mors-Amor*, visto que o *Amor* (DIE LIEBE) é feminino na minha lingua, e varão a *Morte* (DER TOD) que costumamos figurar como cavalleiro esqueletico, montado em fogosissimo corcel, desde Dürer pelo menos; em quanto em portuguez o amor é masculino e a morte é substantivo feminino. Não lhe escapou então a leve falta de logica que ha entre as poeticas visões em que nos apparece Beatriz, a Libertadora, ora em funebre bacchante, ora em loba faminta, e a phantasmagoria *Mors-Amor* em que um corcel negro exclama: «eu sou a Morte». Por muito tempo não o abandonou a impressão, de um lado: da dependencia em que a ideia está tantas vezes da palavra, (ou da involuntariedade de certas associações apparentemente originaes, mas na realidade escravas de meros accidentes linguisticos) e do outro lado da incoherencia da phantasia, «*la folle du logis*»; mas nem um instante pensou em alterar o que estava feito.

Quanto a algumas concordancias entre phrases e conceitos d'Anthero e certas concepções de outros pantheistas amorosos e espiritos de eleição — desde o humanissimo *poverello* de Assis que no seu maravilhoso *Hymno do Sol* saúda flores, pedras, estrellas e toda a natureza inanimada, como outros tantos irmãos, São Paulo que já ouvira os suspiros de redempção que perpassam toda a creatura, Vergilio cuja singela formula *sunt lacrymae rerum* lhe suggeriu tão profunda e engenhosa interpretação, até Leopardi e as suas amargas queixas sobre *l'infinita vanità del tutto* — , Anthero declarou-me com absoluta lealdade, depois de scismar durante

*

algum tempo, que *conscientemente* não imitara a ninguem, e que, compondo os Sonetos nunca tivera presente ao espirito outra cousa além do proprio pensamento em que andava absorvido e quasi abysmado, e que, portanto, as reminiscencias notadas eram perfeitamente fortuitas, filhas talvez de um estado psychico analogo ao d'aquelles grandes mysticos. Comtudo, não negou a verdade evidente que essas e outras leituras tivessem fecundado o seu pensar, e sempre admittiu que fôra principalmente em fontes allemãs que hauriu bellas e boas inspirações.

Ficarei por aqui.

Mas, certa de que a mutua sympathia que nos ligava, tinha as suas raizes na admiração commum das mesmas summidades, e na possibilidade de conversarmos, sem reserva, sobre os assumptos nacionaes e internacionaes que mais o interessavam, direi o que sei d'esses pontos de contacto, fallando do germanismo de Anthero e das suas relações com a Allemanha, e farei por condensar as impressões que a este respeito me ficaram das nossas palestras, aproveitando as notas que extrahi da nossa correspondencia.

II

Na auto-biographia, o poeta-philosopho proclama-se «discipulo da Allemanha philosophica e poetica», e «porta-estandarte da revolução germanistica» em Portugal. Aos Sonetos chama flores que uma semente, trazida pelo vento do seculo, fez desabrochar no solo portuguez; ás *Primaveras romanticas: du Heine de deuxième qualité* e á sua philosophia pan-psychica uma reacção provocada pela inoculação do germanismo no espirito de um meridional. E em outros escriptos, assim como em cartas e conver-

sas particulares, frizou mais de uma vez este seu «germanismo.»

Mas que sabia, e que pensava Anthero da Allemanha?

Direi, em primeiro logar, das suas relações com a nossa lingua. Não a fallava. Pronunciava-a de vagar e a custo. Nem a escrevia. E muito menos entendia a linguagem familiar, rapidamente enunciada.

Quando em nossa casa, entre a conversa habitual, em portuguez, se intercalava de vez em quando pequenos ápartes em allemão, Anthero esforçava-se por seguir-lhes o fio, mas sem resultado. Percebia apenas phrases soltas, chamadas em voz alta, e citações conhecidas. Lia, mas como todos os que não teem pratica, porque não receberam o idioma estrangeiro pelos ouvidos, lia apenas com a vista, preferindo livros impressos em typo romano. Tinha desaffecto aos caracteres gothicos, que chamava demasiadamente originaes, principalmente na escripta. Quando, ainda sem conhecer estes pormenores, lhe dirigi a primeira carta, lançada sem uso de travão, como a escreveria a um compatriota, Anthero teve de estudal-a e traduzil-a, depois de a transcrever lettra a lettra para caracteres latinos.

A nação portugueza, que desde seculos está em contacto constante e intimo com nacionalidades diversas, dentro e fóra do paiz, tem por herança o ouvido apurado e a lingua agil; aventura-se com invejavel arrojo a fallar e a escrever idiomas exoticos, chegando a manejal-os com certo desempeno, e olha, por isso, da altura do seu raro polyglottismo, com ironica compaixão e critica um pouco injusta e irracionalmente severa para povos e individuos menos talentosos, que não teem a mesma facilidade. Não querem reconhecer que, fallar realmente bem, com correcção, fluencia e vernaculidade qualquer lingua, além da materna, é uma arte difficil,

que exige como todas as artes, não só uma aptidão especial, mas ainda uma cultura intelligente e methodica, isto é, um paciente e longo trabalho. Desattendem o facto que, entre os maiores espiritos europeus ha verdadeiros sabios, — mesmo entre os que investigam scientificamente as origens e a estructura das linguas ou da linguagem —, que não dominam senão duas: a materna e mais *uma*, estrangeira. Esquecem que as nações de originalidade mais possante — a Grecia na antiguidade, e nos tempos modernos a Inglaterra —, se conservaram monoglottas. Não querem vêr que o decantado polyglottismo portuguez, se é, practicamente uma força e uma qualidade de alta valia, não deixa de ter inconvenientes, e leva quasi inevitavelmente á balda da imitação, e de um incolor cosmopolitismo litterario.

Anthero (que, de resto, fallava muito bem francez, pela sua parte, lia inglez, italiano e hespanhol e não era de modo algum hospede em latim) não receiava confessar a sua insufficiencia no manejo do allemão. Ouviu, todavia, com agrado, provas e exemplos do facto alludido: que outras individualidades distinctas estavam nas mesmas condições, e que entre os meus correspondentes nos paizes romanicos mais de um me pedira para escrevêr na sua respectiva lingua. Nem desgostou vêr memoradas algumas anecdotas historicas, como a celebre entrevista entre M.me de Staël e Schiller; e a scena passada entre dois grandes artistas: Meissonier e Menzel que, adorando-se mutuamente, não tiveram, quando frente a frente, outro meio de expandirem os seus sentimentos de admiração além de um osculo e um mudo abraço.

O que lhe importava, e muito, era saber lêr, mas ler os Mestres, apropriar-se as ideias proficuas com que a Allemanha augmentára o cabedal da sciencia; ter trato intimo e directo com os seus mais fecundos pensadores, cuja probidade, livre consciencia, disciplina mental, sym-

pathico idealismo e austera e nobre concepção da vida já o tinham ganho para o germanismo, quando, estudante de Coimbra, ainda os conhecia imperfeitamente por traducções francezas. Resposta cabal aos mil problemas que o atormentavam — a resolução das duvidas que tinham começado a transformar o deista romantico e mystico em um descrente — eis o que, cheio de anceio juvenil, pensava encontrar na litteratura, que sustentava o primado nas sciencias. Com este fim é que aprendeu a lingua, logo depois do tempo de Coimbra. Principiou como autodidacto em 1867, (salvo erro) e continuou em Paris, e durante a viagem na America, utilisando as grammaticas de Ahn e de Anstett, até ter vencido as difficuldades iniciaes, aproveitando depois para as primeiras leituras independentes, obras com que já se familiarisára e de que possuia versões francezas. Só assim é que o *tour de force* de começar com a *Phenomenologia* de Hegel e com o *Faust* de Goethe se tornou exequivel. Não só afim de formar ideia geral do desenvolvimento da litteratura, abrangendo o horizonte todo, mas em especial para apossar-se dos intrincados segredos da syntaxe e estylistica germanica, é que leu mais tarde, systematicamente, algumas Selectas allemãs, que juntamente com excerptos chronologicamente agrupados, de poesia e prosa, ministram noticias sobre a vida e obras dos principaes escriptores. Assim preparado, internou-se resolutamente no estudo da philosophia allemã.

Quem conheceu a livraria de Anthero, sabe que era pequena, mas escolhida, e continha obras sobre sciencias naturaes, philosophia, theologia, historia e sociologia, além dos versos dos primeiros poetas do mundo. De auctores allemães apenas haveria n'ella meio cento de volumes. A unica summula de catalogo que conheço, não elucida bem; e mesmo o catalogo completo, promettido ha muito, não poderá dar noticia exacta do que

Anthero leu realmente. Não comprava livro algum, que não representasse, para elle, um verdadeiro subsidio intellectual. Nem acceitava escriptos de somenos valor; ou quando os recebia e lia, não os conservava. Ainda na ultima mudança para a Ilha fez uma derradeira selecção do seu peculio bibliographico, sacrificando tudo quanto não lhe servia para o alimento espiritual quotidiano. É evidente que estudou tambem muitas obras, que pedia emprestadas a amigos.

Possuia a *Ethica* de Spinoza, a *Monadologia* de Leibnitz, a *Critica da Razão pura* de Kant, assim como a da *Razão pratica*, as obras de Hegel, a *Philosophia do Inconsciente* de Hartmann, o *Materialismo* de Lange, a *Philosophia grega* de Zeller, o magnifico livro de consulta de Ueberweg e o pequeno manual de Schwegler; e lêra ainda de Schopenhauer a obra: *Die Welt als Wille und Vorstellung*, de Büchner: *Força e Materia*, assim como grande parte dos trabalhos de Haeckel e de Dubois-Reymond. Os seus informadores e inspiradores em questões religiosas eram Max Müller, Baur, o fundador da Escola critica de Tübingen, David Strauss, Feuerbach, Pfleiderer e Harnack; apreciava os escriptos de Schleiermacher e recorria a miudo ao excellente compendio de historia ecclesiastica de Hase. Para as sciencias politicas e sociaes estudára Bluntschli, von Treitschke, e os Annaes de Richter. Os seus guias em litteratura greco-latina foram Ottfried Müller, Curtius e Teuffel. A historia romana de Niebuhr e a obra-prima de Mommsen eram-lhe familiares assim como o admiravel livro de Burckhardt sobre a Renascença e a Historia dos Papas de Ranke.

Da litteratura propriamente poetica leu, comtudo, relativamente pouco; e esse pouco em fragmentos, ao acaso, ou apenas ao sabor da disposição do momento. Só nos ultimos annos, depois de ter dado forma poetica ao seu Credo, quando já não pensava em escrever versos,

é que começou a affeiçoar-se profundamente á Lyrica allemã, haurindo novas revelações em cada volume que abria.

Além do incomparavel «poeta da humanidade», quem o encantou mais intimamente foi Wilhelm Müller, cujos heroicos «cantos gregos» não se cançava de relêr, e cujo cyclo poetico-amoroso sobre o «Bella moleira» o arrebatou positivamente. De entre o thesouro de setecentos velhos cantos populares que os romanticos Clemens Brentano e Achim von Arnim tinham colleccionado no principio d'este seculo, dedicando-os a Goethe sob o titulo: *Des Knaben Wunderhorn,* Anthero fizera uma selecção muito distincta; igualmente de entre os alegres versos folgazões do *Commersbuch* dos estudantes, gostando muito do succulento humor que caractérisa as producções de Victor von Scheffel. Não devemos esquecer os recursos que tirou de outra fonte litteraria, o Psalterio (*Gesangbuch*) de Luther, cujos canticos ecclesiasticos mais vigorosos admirava a par com os de Paul Gerhardt.

Romances em prosa, não os lia, e do drama occupou-se relativamente pouco. Da Epica conhecia os *Niebelungen*, as modernas adaptações de Simrock e o gracioso e tocante *Waltarilied*, que um acaso lhe levára ás mãos, em Lisboa, n'um dos ultimos annos, e cujos versos latinos, impregnados pela Psyche allemã de um perfume realmente delicioso, o tinham enlevado.

Para definir bem a impressão que o conjuncto d'estes livros, e cada um de per si, n'elle produziu, o mais acertado será citarmos um aphorismo de Goethe que agradou muito a Anthero e dá expressão feliz ao que sentia. Resumindo a arte na sua fórma mais perfeita e completa, o drama, o mundo germanico no seu maior genio, Shakespeare, e o romanismo hispanico em Calderon, o olympico poeta diz:

«Shakespeare dá-nos viçosos cachos, repletos de uvas maduras, colhidas de fresco, da videira. Livres somos de os saborear, bago a bago, ou de expremel-os, transformando-os quer em mosto espumoso, quer em vinho que deixâmos envelhecer para o bebermos mais tarde vagarosamente, gota a gota, ou de um só trago: sempre ficaremos reconfortados. Calderon, pelo contrario, nada deixa ao nosso arbitrio; o que recebemos de sua mão é uma preciosa e inebriante bebida, distillada e condimentada de variadas especiarias e enfraquecida com doçuras artificiosas. É preciso engulir a poção, tal e qual, como tónico gostoso e sublimado, ou regeital-a simplesmente.»

Anthero admirava principalmente o individualismo accentuado dos autores allemães entre os quaes não ha dous que se pareçam; a independencia do seu pensar, o sincero e indomito desejo de inquirir a verdade, que os impulsiona; a profunda, ainda que serena passionabilidade dos seus poetas, que vae tanto ao encontro da falsa opinião, vulgarmente espalhada na Peninsula, sobre a pouca sensibilidade e frio raciocinio dos homens do Norte; a plenitude, ás vezes indigesta, dos seus pensamentos, que contrasta com a limpidez crystallina dos textos francezes; e (muito negativamente!) o intrincado das construcções syntacticas. Rindo, comparava certas orações germanicas a boccados de floresta virgem, atravez dos quaes o explorador tem de abrir caminho á força de machado. Lêr francez é um gosto que cança pela sua placida monotonia, dizia elle; lêr allemão, um trabalho, ás vezes realmente rude, mas que avigora as nossas faculdades, porque além do muito que esses allemães enunciam, deixam outro tanto entre linhas, obrigando o leitor a collaborar com elles, proseguindo no caminho indicado, ou procurando uma fórma mais precisa e lucida para as ideias expendidas.

O germanismo de Anthero, impossivel de negar,

visto que elle mesmo o confessa, e que os seus compatriotas, filhos genuinos do paiz menos metaphysico do mundo, o perceberam e ironisaram muito cedo, motejando com duros sarcasmos das suas «nebolusidades abstrusas» (Castilho e Herculano) é, comtudo, difficil de definir com rigor, porque foi uma affinidade natural entre o seu pensar e o pensar germanico que o attrahiu para aquelle campo, e as influencias estranhas desenvolveram apenas germens já preexistentes. Só uma analyse minuciosa de toda a sua obra philosophica permittiria delimitar a parte com que os pensadores allemães contribuiram para a construcção d'ella.

E o germanismo dos seus versos?

É superfluo dizer que Anthero não imitou este ou aquelle vate, mas a occupação com o mundo da philosophia e theologia germanicas fecundou indirectamente a sua imaginação de poeta, dando-lhe tambem o tom metaphysico. Os Sonetos representam as flores que brotaram espontaneamente dos seus estudos. Os problemas ethicos que o philosopho agitava em dias de trabalho e noites de insomnia reflectiram sobre aquelles versos, fazendo com que a Lyrica portugueza, cujo elemento de vida quasi exclusivo se resumira até alli apenas em emoções pessoaes eroticas e successos da vida sentimental dos poetas, se occupasse d'oravante do universo, do homem e do seu destino ideal, saturada de ideias geraes.

*

Como introductor e defensor do germanismo na poesia portugueza, Anthero sentia, ás vezes, desejos de fazer conhecidas, na patria, as obras typicas da litteratura allemã, que o tinham sensibilisado mais profunda-

mente, e como que um dever moral de destruir o tosco preconceito portuguez: «que a patria de Kant fazia muita somma de philosophia bronca, por não poder fazer versos suaves» (Camillo). Estes desejos, porém, ficaram em mero projecto.

De tempos a tempos a citação de uma bella phrase alada, ou alguns raros conceitos grandiosos de pensadores germanicos, alguns titulos de poesia em allemão (*Das Unnennbare — Mehr Licht — Das Unbewusste —*), e só muito de longe em longe algumas traducções directas, inscriptas em albuns de amigos: quatro linhas sentenciosas de Friedrich Bodenstedt, o eximio cinzelador do Divan oriental de Mirza-Schaffy; um *suelto* de Rückert sobre os *dous quartos da casa do coração* no album da filha de João de Deus (1); uma quadra de Heine, outra do poeta hungaro Petöfy, modelada sobre a versão allemã de Hugo Meltzl von Lomnitz (2); uma versão litteral do intermezzo de Heine, em prosa, que Joaquim de Araujo aproveitou posteriormente para as suas elegantes imitações; emfim alguns excerptos de uma versão do *Faust*: eis as poucas flores com que enriqueceu o alias tão deserto Parnaso luso-germanico!

Corre o boato que Anthero tinha acabado mais de dous terços do *Faust*, mas de sua bocca ouvi sempre a asseveração que não, que nunca chegára a tanto. O que foi impresso são apenas tres pequenos fragmentos: a Dedicatoria (3), a Canção do Rei de Thule (4), e a scena na Cathedral (5), tentativas bellas, sem duvida, e de alto va-

(1) Todas estas versões acham-se impressas no *Archivo dos Açores* (fasc. 69, a pag. 244).

(2) Os versos: *O que é a dôr* appareceram na *Nova Alvorada* n.º 7, no dia 1 de novembro de 1891.

(3) Nos *Raios de extincta luz*.

(4) Na «*Folha*» de 1871, n.º 1, a pag. 6-7.

(5) ib. n.º 3 a pag. 18-19.

lor poetico, mas ainda assim meras imitações livres, e de modo algum traducções verdadeiras. As maravilhosas quatro oitavas da *Zueignung*, que metricamente eram faceis de reproduzir em portuguez em estancias eguaes, foram substituidas por sete sextinas; ás seis quadrinhas do *Lied* de Gretchen correspondem nove portuguezas; e os versos do dialogo foram tambem diluidos. Quanto ao rhythmo, á rima e á dicção, o texto de Anthero affasta-se completamente dos grandiosos trechos em prosa cadenciada e sem rima do original. O proprio poeta reconheceu isso, e bem depressa. Ao lêr a liberrima nacionalisação de Castilho, a qual coincidiu quasi com o seu traslado e as apreciaveis versões da Segunda parte por Agostinho de Ornellas, que seguiram um anno depois, assim como differentes ensaios de outros poetas portuguezes (1); confrontando uns e outros com as cópias magistraes de um Maffei, Valera e Taylor, e inteirando-se cada vez mais da belleza dos sublimes versos originaes até ao ponto de deliciar-se n'aquella musica que *centies repetita placebit*, Anthero chegou a comprehender que não bastava reproduzir fielmente, como julgára, pensamentos e conceitos, vestindo-os arbitrariamente á estrangeira, mas que a fórma, o estylo, o tom, o *quid* original, a physiognomia individual, que o poeta deu á sua obra, deve ser imitada quanto possivel.

De ahi as censuras energicas e os grandes reparos que fez, na critica do *Faust* de Castilho, á absoluta e continua disparidade de estylo e de espirito entre o poema de Goethe e a pseudo-traducção do velho Arcade, por elle elogiada apenas como «monumento de dizer vernaculo».

De ahi tambem a destruição total de quanto já tinha vertido do *Faust*. D'ahi, finalmente, o plano de reco-

(1) Penso nos fragmentos rimados de Dom. Ennes (*Folha* 1872, pag. 35) e Candido de Figueiredo (ib. 1868 pag. 2).

meçar, depois de se ter assimilado completamente o espirito da lingua — plano que chegou a tomar fórmas precisas só quando em face das admiraveis traducções camonianas de W. Storck reflectiu maduramente sobre as *regras* a empregar na difficillima arte de traduzir, e em especial na de verter estrophes de um idioma germanico para outro romanico, ou vice-versa. Só então é que estudou um pouco mais a fundo a poetica allemã, tão original, tão rica e interessante.

*

Infelizmente, o plano não se realisou. Estou certa, comtudo, que vingava, se Anthero vivesse, porque vi como a ideia ia criando raizes no seu espirito. Desde 1886 o poeta, que ia transformando-se em philosopho, declarou decidida e repetidamente, por escripto e de viva voz, que já não poetava, porque não tinha que dizer em verso. «Este mundo está velho e a poesia só está á vontade n'um mundo novo, joven, energico. Adormecida nos recessos mais mysteriosos do coração humano, tem de ficar á espera até que um novo symbolo se desvende e novas ideias lhe forneçam um novo alimento e lhe insuflem nova vida: só então voltará a cantar» — escrevia-me elle, um pouco mysticamente, accrescentando: «se me fôr dado ainda, antes de morrer, ter levado uma pedra para o edificio da nova egreja, serei feliz». Os ultimos vinte e dous sonetos eram, como já dissemos, o seu testamento poetico, a que não pensava addicionar apostilha alguma. A sua ambição, muito séria e sincera, consistia em coordenar e concatenar systematicamente as suas ideias philosophicas, expondo a sua concepção do mundo — aquelle seu nobre pan-psychismo optimista (esboçado nos tres

estudos da *Revista de Portugal)*, cujas pedras angulares são a ideia do *Bem* e da *Liberdade moral*. Antes de mudar para as Ilhas *jurára* de, vivendo como um eremita, concentrar n'essa obra suprema toda a sua actividade. A phrase «todos os annos que me restam a viver», empregada na auto-biographia, *não* deve, comtudo, ser entendida litteralmente. Outros planos, ainda que muito menos vastos, estavam reservados para uma epocha posterior. Já me referi a um d'elles, o *Fausto* portuguez, modelo de traducção em que tencionava dar a cada personagem não só a linguagem caracteristica que lhe compete, mas um rhythmo especial, adequado ao seu modo de pensar, sentir e expressar ideias e sentimentos, differenciando tão plenamente como no original, a Valentim, Mephisto, Margarida, Faust, Wagner e Martha.

A segunda empreza era uma Anthologia luso-germanica que ideára, penalisado ao ver quão assombrosamente pouco Portugal se apropriára até hoje da litteratura allemã, sendo esse pouco escolhido sem o menor plano e vertido sem engenho, nem arte. A *Lyra teutonica*, colligida por Gomes Monteiro, (em 1848) é deficientissima, «fundindo versos sublimes, de vôos arrojados, em quadrinhas monotonas e triviaes de *lundum* chorado, de linguagem insossa, aguada e insonora», para empregarmos termos já consagrados pela critica nacional (Camillo). A intenção foi louvavel, mas o traductor, que conhecia apenas a lingua, sem comprehender o genio allemão, não tinha estro; e apesar de escolher versos de uma duzia de vates de primeira ordem (1), talvez de alguma selecta destinada a collegios, preferiu o que era relativamente facil de verter (balladas narrativas) e muito pouco do profundo e verdadeiro lyrismo ideal.

(1) Voss, Goethe, Lessing, Arndt, Platen, Körner, Hauff, Rückert, Chamisso, Freiligrath, Uhland.

E além d'essa *Lyra*, o que possuimos?

A prova flagrante do schisma profundo, que ainda hoje subsiste entre o mundo litterario portuguez e o allemão está nos annuncios do bi-semanario moderno — *A Leitura* — onde os editores promettem fornecer em romances, novellas e dramas em prosa todas as obras primas contemporaneas, e, mencionando as glorias de oito nacionalidades, excluem a Allemanha, como se esta não possuisse romancistas, novellistas e dramaturgos notabilissimos. Na curiosa, mas parca lista de obras trasladadas para portuguez que ajuntei, encontro quasi unicamente cousas de somenos valor litterario e uma unica traducção de uma obra-prima completa, que satisfaz plenamente, e merece ser lida: as *Magoas de Werther*, vertida por Gonçalves Vianna. Pondo de parte obras antiquadas da época de Frederico o *Grande*, que os Arcades e os Academicos se assimilaram: os Idyllios e as Poesias pastoris de Salomon Gessner, algumas Elegias de Haller, as *Solidões* de Kronegk, o insignificante discipulo do semsaborão Gellert, excerptos de Gottsched, e o *Arminio* do insulso adepto d'esse mesmo Gottsched — von Schönaich — temos apenas algumas paginas de Wieland, o *Messias* de Klopstock, em prosa mais que indigesta, as *Fabulas* de Lessing (1) o *Visionario* de Schiller, (sendo estas duas traducções do fallecido João Felix Pereira um lavor correcto) e os romances para meninas de Madame Marlitt.

O drama *Mysantropia e arrependimento* de Kotzebue (em ms.), o patriotico *Gladiador de Ravenna*, passado dos hendecassylabos de Halm para a prosa esmerada de Latino Coelho, e algumas comedias inoffensivas, como o *Tio-milhões* (Goldonkel) e outras, constituem todo o pe-

(1) O'Neill (Visconde de Santa Monica) publicou um volume de fabulas, no genero de Lessing, que não são porém traducções, como alguem poderá suppôr.

culio que os portuguezes descobriram na moderna litteratura allemã. A diminuta parte que escolheram no enorme thesouro lyrico reduz-se a fragmentos de Heine em versões de Soares de Passos, Gomes Monteiro, Souza Monteiro, D. Izabel Leite, e a livres mas delicadas imitações de Gonçalves Crespo e Joaquim de Araujo; á *Zueignung* de Goethe—consagrada a Schiller—em versos melodiosos de Almeida Garrett; e ás balladas de Bürger *Lenore* e o *Caçador feroz* em magnificas adaptações de Herculano.

Accrescente o leitor o que já foi dicto da *Lyra teutonica* e da litteratura do *Faust* para completar a serie.

Quão differente, ostentando opulencia, esmerada critica e primorosa fórma não sahiria a *Anthologia* de Anthero!

Se as poucas, mas fecundas paginas sobre o segundo periodo classico da poesia allemã (1748-1832), com que Nordau precede no seu prestigioso livro de critica: *Entartung* as justas e acerbas invectivas, fulminadas contra o grupo dos novos que imitam o naturalismo francez, já deram aos seus leitores portuguezes uma vaga ideia do que vale e significa a Allemanha poetica, esses ao menos lamentarão comigo que o bello plano falhasse.

Ainda devo mencionar um terceiro projecto que occupava o poeta e que foi enthusiasticamente e muito a miude discutido, em circulo intimo, em nossa casa: uma *Bibliotheca infantil.* O problema: quaes os textos que havia de dar a ler ás suas pequenas pupillas, a fim de, satisfazendo a sua curiosidade insaciavel, cultivar-lhes o espirito e educar-lhes o coração, preoccupava, seriamente, o collector do *Thesouro infantil.* A pobreza nacional tinha-o espantado na mesma proporção em que o deslumbrára a riqueza e a formosura da poesia e prosa, com que uma serie de vates allemães brindára a mãos cheias o mundo das crianças. Deleitava-se muitas vezes em fo-

26

lhear as cartilhas e os variadissimos livros de leitura que meu filhinho lhe ia mostrando. Ouviu recitar, cheio de candida admiração, o incomparavel *Blauveilchen* (Violeta) de Rückert, e leu com intimo prazer no grosso caderno, encimado pelo pomposo titulo de: *Motivos para futuros poetas portuguezes*, em que o pequeno ia inscrevendo, em mediocre calligraphia, traslados portuguezes de originaes teutonicos com as competentes notas sobre o rythmo, a forma metrica, a linguagem e os caracteres peculiares de cada obra. A principio o auctor das *Fadas* (no *Thesouro infantil*) declarou-se incapaz de inventar cousa alguma ao gosto das creanças, e até de fallar uma linguagem que lhes fosse intelligivel. Pouco a pouco, porém, foi mudando de ideias, offerecendo e promettendo afinal, espontaneamente, a sua effectiva collaboração em tudo quanto quizessemos preparar n'essa especialidade, apresentando-lhe os materiaes em bruto, que elle afeiçoaria, redigindo-os ora em prosa, ora em verso.

III

E que pensa e sabe de Anthero a minha patria, o paiz do pensamento e do saber?

Será atrevimento o responder eu a esta pergunta? Que poderei dizer a tanta distancia da opinião de cincoenta milhões? Com efeito, pouco ou nada. Mas... a Allemanha que lê Anthero e que publicamente ou em particular, já deu expressão aos sentimentos que tributa ao auctor dos *Sonetos*, não é uma vasta mole de milhões, nem de milhares: compõe-se apenas de uma pequena minoria, a qual conheço, e cujos porta-bandeiras tenho a honra de chamar meus amigos. Eis o que me desculpa e me dá o direito de responder em nome d'elles.

Bem sei que a affirmação cathegorica: que os admiradores allemães de Anthero se contam até hoje só por centenas (quando muito), soará no primeiro instante desagradabilissima a ouvidos nacionaes, que já se iam accostumando a crêr que a Allemanha não só nacionalizára, mas universalizára a obra do Poeta-Philosopho, traduzindo-a com esmero, e editando-a *aos milhares* (1). Mas em verdade não ha ahi nada que deva assombrar.

Citem-me um poeta *lyrico* que conquistasse fama universal de um dia para outro! Mesmo o magyaro Petöfy, o Shakespeare da Lyrica, viu passar um quarto de seculo até têr entrada na litteratura do mundo; e ainda assim, quem é que o conhece e se enthusiasma pelas suas grandiosas poesias? Talvez seja porque ao findar este seculo, todo de sciencia, a sentimentalidade poetica encontra um publico cada vez mais restricto — facto positivo que não pode ser negado, nem mesmo por aquelles que, longe de subscreverem a brilhante, mas paradoxal these, defendida por Anthero no folheto *A Poesia na Actualidade* sobre o definhar ineluctavel da divina arte, não acreditam na sua morte nem no caracter scientifico da Lyrica futura, julgando, como eu, que a Poesia não morre senão com o ultimo homem, ficando na essencia o que sempre foi, subjectiva e individual, porque o dia de ámanhã é apenas a continuação do dia de hoje, e a indole humana não se modifica senão em pouco ponderosas exterioridades accidentaes. Ha e haverá sempre poetas e enthusiastas de bellos versos, pelo menos entre os novos, e no mundo feminino. Mas esta phalange, ainda assim não pouco numerosa, tem nas terras de além-Rheno, na riquissima Lyrica indigena — a primeira do mundo aos olhos de todos quantos a compulsam na Europa e na America — minas inexgotaveis, que contentam os mais exigentes

(1) Vejam no *Archivo dos Açores* o vol. XIX, a pag. 10.

*

e escusa de procurar em obras estrangeiras aquellas intimas sensações que sómente a musica da lingua materna nos proporciona.

A opulenta litteratura de traducções para o idioma allemão, que abrange as obras primas de todos os povos, nacionalizadas pelo generoso lavor de gerações successivas de poetas e eruditos, é, por isso mesmo, na parte lyrica, acolhida e assimilada apenas por aquelles espiritos mais cultos que, capacitados a recorrerem directamente aos originaes, já os conhecem e amam. Os que lêem portuguez e se interessam pelas evoluções da litteratura d'esta nação são comtudo poucos, mesmo na douta Allemanha.

Não convèm me alargue aqui sobre a indifferença glacial que acolheu tudo quanto Storck tentou introduzir: as *Obras completas de Camões*, a *Anthologia portugueza* e as *Cantigas archaicas* de D. Diniz... aliás haveria muito que contar.

E a vulgarisação dos versos de Anthero era particularmente difficultosa por duas circumstancias especiaes. É a primeira uma questão de fórma: certa antipathia, velha e arreigada, contra o feitio exotico do *Soneto* que vigora além-Rheno.

Foi, é certo, um compatriota meu, que lançou n'um bello Soneto encomiastico d'aquelle metro a celebre phrase:

In solcher Ordnung, solcher Zahl gedeihen
Die stolzesten und herrlichsten der Lieder,

affirmando que é no molde e no numero dos quatorze hendecassylabos, agrupados em dous quartetos e um par de tercetos, que se vasam as obras mais primorosas e senhoris da arte apollinea. Mas o pensador germanico, que assim enalteceu a classica creação do genio italiano, per-

filhada posteriormente pelos peninsulares, foi um cosmopolita archi-romantico, que adorava tudo quanto era catholico-romano, de essencia e de perfume. A. W. von Schlegel, e os melhores sonetistas allemães, Rückert e Platen, foram insignes polyglottas e interpretes abalisados de poesias estrangeiras, tendo por natureza e por educação o gosto do raro, do exquisito e do artificioso. Goethe, pelo contrario, embora burilasse tambem em um Soneto, a egualmente afamada fórmula:

In der Beschränkung zeigt sich erst der Meister

(e com elle todos os Nacionalistas: bardos de Göttingen, Teutones da Suabia e revolucionarios da «Joven Allemanha») nunca sympathisou com as proporções acanhadas, nem com a difficillima estructura e as rigorosas leis prohibitivas do Soneto, a que o genio expansivo e o subjectivismo exagerado da musa germanica não se submette facilmente.

Temos, sim, versões apuradas dos maiores sonetistas do mundo: Dante e Petrarca, Miguel Angelo e Vittoria Colonna, Shakespeare, Milton e Camões, porque a nossa lingua e metrica, de uma maravilhosa flexibilidade e variabilidade, permitte não só modificar continuamente as numerosas formações idiomaticas da poesia allemã, mas ainda imitar fielmente tudo quanto as outras nações, antigas e modernas, do Oriente e Occidente, crearam: hexametros e alexandrinos, *ghazeles* e *makames*, saphicos e anacreonticos. E não nos faltam sonetos deliciosos, de finissimo lavor, de poetas de raça, como Novalis, von Arndt, von Schenkendorf, Lenau, Körner, Heine. — Mas que significam e provam traducções, e uma mão-cheia de sonetos originaes, entre não contados milhares de poemas divergentes? Não podem fazer (ou pelo menos não conseguiram até hoje) que o grande publico al-

lemão, que não tem o culto da fórma pura, deixasse de regeitar e aborrecer o Soneto, excommungado desde o velho Gottsched.

O seu credo poetico é outro. O que lhe importa é que o poeta tenha que dizer. E visto que poetar, no sentido mais elevado da palavra, é uma reacção incoercivel do individuo, violentamente emocionado, contra os abalos psychicos que ressentiu, uma descarga electrica, um acontecimento involuntario e não um acto raciocinado de volição, a ideia e a fórma devem nascer juntas; e só a expressão encontrada no momento poetico é que póde ser verdadeiramente sincera, adequada e feliz. O poeta de raça inventa, ou encontra pelo menos, no acto da concepção, a fórma metrica apropriada á emoção que sentiu e pretende produzir: exemplo Schiller no poema do *Sino*, Goethe no *Prometheu* e nos outros seus hymnos philosophicos, no *Waldlied*, no *Veilchen*, no *Fischer* e Heine nas grandiosas *Scenas do Mar do Norte*. N'uma palavra, o genio teutonico (que exige, em primeiro logar, espontaneidade da inspiração e da dicção) não acredita *a priori*, e em regra, que possa ser a ingenua expressão de sentimentos verdadeiros uma poesia cuja estructura impõe o achado de quatro vezes duas e mais duas vezes tres (ou tres vezes duas) rimas raras e caras, e cujo caracter epigrammatico requer que depois de uma habil gradação das ideias se acabe com uma cadencia final sonora, expressiva, lapidar e que produza um effeito surprehendente.

A segunda circumstancia que veda ás maiorias o accesso aos versos de Anthero, refere-se ao fundo de ideias, a um *quid* especial da sua philosophia, o seu negro pessimismo. Porque a Allemanha, apesar de ter procreado o Messias do Pessimismo, os seus mais apaixonados adeptos, e os seus martyres, (ex.: a familia Mainländer) não está de modo algum, como a litteratura franceza contemporanea, debaixo do signo do funereo Saturno.

Não! procurando desvendar a razão do facto não esperado que das edições portuguezas dos *Sonetos* só uns vinte exemplares se venderam na Allemanha e pouco mais do dobro das admiraveis copias de Storck (1), reconheço cada vez mais que o poeta da *Noite*, o creador do *Elogio da Morte* e do tragicamente bello *Hymno da Manhã* nunca poderá ser um poeta popular, conhecido das grandes massas e por ellas amado. O publico prefere, em geral, em verso e em prosa, o que é mediocre, ameno e ephemero, e affasta-se respeitosa, mas silenciosamente dos que a desgraça assignalou, e que nos gritam as suas dôres.

Póde ser que o nome de Anthero, aureolado pela lenda, seja no futuro transmittido aos milhares que, espalhados pelo mundo, se occupam do estudo da litteratura universal; mas apenas uma pequena minoria chegará a lêr os Sonetos e a apreciar e sentir a sua belleza. Esta, porém, composta de espiritos illustrados, persuadir-se-ha facilmente de que para o genio romanico, cuja phantasia é, por assim dizer, essencialmente plastica, de uma rapidez de concepção e execução, que o escriptor do Norte desconhece, o Soneto é realmente uma fórma espontanea e de unidade organica, uma obra de arte talhada de uma só peça, sem emprego de artificiosos encaixes.

O que deixo dito, é o que se me affigura provavel. Outros pensarão de modo diverso. E julgando reconhecer, ainda assim, nos magros algarismos que indiquei, um fundo de menosprezo, e na indifferença do publico allemão um resto de rudeza barbara, poderão imaginar que estou mal informada e que além dos pequenos grupos de iniciados que conheço, ha ainda outros gremios mais vastos que confessam, á puridade, o culto de Anthero e admiram a sua obra.

(1) De 400 impressos, nem uma oitava parte foi vendida: apenas 43 exemplares até 11 de agosto de 1893.

*

O que sei de positivo resume-se no seguinte:

Ainda não ha dous lustros que os allemães sabem do poeta. O conhecimento póde datar-se da apparição dos Sonetos em 1886. O que até aquella data se tinha dito e escripto a seu respeito era muito pouco. Reduzia-se a algumas referencias de C. von Reinhardstoettner em tres valiosos artigos de revista (1) ácerca da Lyrica moderna de Portugal, baseados sobre o *Parnaso* de Th. Braga, a *Renascença* de Joaquim de Araujo e o folheto de Anthero *A Poesia na Actualidade*: a curtas noticias minhas em algumas encyclopedias, e notas soltas, lançadas em cartas particulares. As *Odes modernas* e as *Primaveras romanticas*, conhecidas por um grupo de romanistas especialmente affeiçoados a cousas peninsulares, tinham agradado, mas sem causarem espanto, e diga-se de passagem, sem que alguem se lembrasse de descobrir ahi um *Heine de deuxième qualité*. Os Sonetos soltos porém, que pouco a pouco vieram á luz, primeiro em jornaes e revistas nacionaes e depois na pequena *separata* da *Renascença*, despertaram vivissimo interesse, e o forte ecco que logo lhes respondia de longe, me confirmou que o meu enthusiasmo por essas poesias era merecido e partilhado. Ainda sem conhecer pessoalmente o Poeta, tive que fallar d'elle, contando o pouco que sabia, e remettendo as biographias publicadas na *Renascença*, no *Mandarim* e nos *Homens illustres*.

O terreno estava, portanto, preparado quando appa-

(1) Estas Revistas são: *Deutsche Wochenschrift* 1877 vol. II pag. 278; *Magazin* 1880 n.º 29; e *Auf der Höhe* 1883, vol. IX pag. 41. — Os artigos sahiram reimpressos na obra *Aufsätze und Abhandlungen*. Berlin. 1877. (pag. 267-289).

receu o volume dos Sonetos *completos* (1) que revelava afinal toda a valia do Poeta-Philosopho. Inutil dizer que, impellida pelo duplo desejo de mostrar aos allemães quão genial individualidade o torrão portuguez produzira, e de proporcionar ao poeta um prazer muito effectivo, tão raras vezes sentido por filhos de pequenas nacionalidades, o de ouvir de longe vozes de assentimento e repercussões dos seus pensamentos, reparti numerosos exemplares do livrinho que considerava e considero um dos mais valiosos que a litteratura portugueza tem produzido.

Foram dous os focos principaes de onde irradiou então a fama dos Sonetos, e dous são os fieis lusitanophilos que os propagaram activamente: o professor Carl Goldbeck em Berlim, e em Münster, Wilhelm Storck, cujo nome, tantas vezes repetido n'estas paginas, deve ser caro a todos os portuguezes.

O primeiro fez, a 11 de outubro de 1887, uma conferencia na agremiação *Gesellschaft für das Studium der neueren Sprachen*, em que durante uma pequena hora dissertou sobre a vida e a psychologia de Anthero. No dia 8 de novembro seguiu-se, diante do mesmo auditorio de homens de lettras, uma segunda conferencia sobre os Sonetos, accompanhada da leitura de umas vinte poesias, e da recitação magistral das correspondentes traducções de Storck, acolhidas ora com fremitos de enthusiasmo, ora com mudos calefrios de admiração. Outras foram vertidas em magnifica prosa rhytmica pelo proprio conferente, cuja universalidade pouco commum, vastissima leitura, fina percepção e eloquencia os ouvintes applaudiram (2).

(1) O adjectivo «completo» não é rigorosamente exacto. Alguns Sonetos, do tempo da juventude, (16, se não me engano) foram intencionalmente excluidos.

(2) Ha no *Archiv für das Studium der neueren Sprachen*, vol. 81 a pag. 185, uma succinta nota sobre esta prelecção.

Em Storck a reacção foi differente. A remessa de um exemplar, em que Anthero inscrevera uma simples dedicatoria, deu-se n'uma epoca em que a traducção e interpretação de todas as obras attribuidas a Camões já não occupava as horas vagas do eminente cathedratico. Esperei por isso anciosa pelo efeito que suppunha immediato, porque conhecia o caracter e as affeições do philologo-poeta, cuja musa pudica e severa gosta de pairar em altas regiões. O primeiro bilhete, recebido quasi na volta do correio, chamava aos Sonetos «notabilissimos, commoventes, fascinantes». Dias depois uma carta mais extensa dizia: «Todos elles são realmente emocionantes, de uma belleza sombria que actua poderosamente mesmo sobre personalidades, cuja indole e cujo credo são differentes, e até oppostos aos do poeta. Logo á primeira leitura senti que a unica maneira de me desprender da forte impressão recebida seria traduzil-os; mas, por ora não pode ser. Torna-se necessario relêr e tornar a lêr, penetrar até ao fundo do pensamento, assimilar-me completamente as sensações do auctor, de sorte que a ideia e a fórma me saiam como um todo indivisivel: de outro modo não poderei germanisar estes cantos. A fórma do soneto, mesmo quando um poeta-creador a emprega, escolhendo-a livremente e moldando o assumpto á feição do seu proprio intellecto, é difficil de manejar em allemão, e muito mais quando se trata de meras imitações, em que a construcção da phrase e a successão das ideias é prescripta, e prescripta tambem a concatenação da rima. E em obras primas de um dizer tão cerrado que é impraticavel omittir qualquer parcella, nem logar resta para accrescentar modismo que não seja essencial!... Comtudo... tental-o-hei. O que parece inattacavel ao primeiro impeto, vence-se muitas vezes ao segundo e terceiro arremesso. Com Camões já se deu o mesmo caso.»

Regozijei-me com semelhante noticia, pensando, comtudo, que a assimilação levaria tempo. Mas mal haviam passado duas semanas, e já eu tinha em meu poder a esplendida versão de cinco sonetos, que Storck conseguira nacionalisar; e chegado o Natal havia formado e engastado um precioso collar de vinte e cinco perolas, verdadeiros primores, copias tão perfeitas no seu genero como as telas de Murillo e Velasquez que Lenbach reproduziu para a celebre galeria do Conde de Schack. Pouco depois recebia Anthero mais seis, ficando então iniciadas relações directas que mais tarde se estreitaram.

Passo a passo fui seguindo a marcha do interessante trabalho, servindo de intermediaria entre os dous poetas, admirando o enthusiasmo do interprete e observando com sincero gosto a alegria que Anthero ressentia ao vêr tão estimada a sua «obrinha» ; feliz principalmente quando podia ajudar ás vezes, desfazendo alguma duvida ou resolvendo qualquer dos subtis problemas que se apresentavam ao consciencioso imitador, onde o genio fundamentalmente diverso das duas linguas o obrigava a transformar uma ou outra figura rhetorica.

O trabalho não foi facil; houve noites em que um soneto rebelde, cuja alma ficara vagueando no ambito do gabinete de estudo, exigia imperiosamente o corpo que ainda lhe faltava. Algumas estrophes levaram dias ; e semanas passaram ás vezes antes que uma hora propicia de inspiração fornecesse a rima desejada ou a fórmula que harmoniosamente completava o sentido.

Em 31 de março de 1887 deu Storck o trabalho por concluido. Setenta e oito numeros estavam promptos: os restantes não o tinham tentado, uns porque o assumpto não condizia com o seu modo de pensar, outros porque o cunho artistico não era absolutamente perfeito. Começou então a colher informações mais amplas sobre a vida do

poeta, a fim de as apresentar ao publico allemão. Forneci o que juntára e já puzera á disposição do Professor Goldbeck, p. ex. todos os opusculos relativos á questão de Coimbra. À feliz ideia de Storck de pedir pormenores mais intimos ao proprio poeta, que então veraneava nas Ilhas, é que devemos a bella auto-biographia intercalada pelo nosso amigo na sua versão. A 7 de agosto de 1887 recebi o primeiro exemplar impresso da versão dos *Sonetos escolhidos*. (1) O intervallo que medeia entre a publicação dos originaes portuguezes e das copias germanicas, não attinge, portanto, a um anno — caso talvez unico, realmente digno de reparo, e sem duvida alguma, signal de excepcional valia.

Posteriormente ainda mais algumas poesias de Antero foram vertidas para allemão. No *Cancioneiro portuguez* de Storck, (2) ha duas que então eram ineditas, mas andam hoje incluidas nas *Cadencias vagas* e nos *Raios de extincta luz*: a *Serenata* e o *Epitaphio a Zara* (3); outras duas foram colhidas nas *Primaveras romanticas* (4); uma pertence ás cinco grandiosas phantasias que Oliveira Martins salvou do anniquilamento (5); e a ultima é uma redacção reformada de um dos sone-

(1) ANTHERO DE QUENTAL: *Ausgewählte Sonette aus dem Portugiesischen, verdeutscht von* WILHELM STORCK. Paderborn und Münster, Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh, 1887; um vol. de 126 pag., sendo de 1 a 38 de introducção; até 118 de texto, cinco de notas (119-123) e as tres ultimas de Indice.

(2) *Aus Portugal und Brasilien* 1892, a pag. 180-186.

(3) Esse bello epitaphio apparece na interessante polyglotta, que Joaquim de Araujo dedica á memoria de sua irmã e de Anthero em mais outras duas versões tudescas, sendo uma de Hugo Meltzl von Lomnitz, e a outra de Joseph Stritar.

(4) *Abendwolken* e *Selige Rast* (Prim. Rom. pag. 131 e 36).

(5) *Unter Schemen* (Entre Sombras).

tos (1). Conservo ineditos mais doze sonetos (2), preciosa dadiva que recebi na noite de Natal de 1893 do traductor, o qual recorrera novamente á obra de Anthero para apagar a dolorosa impressão que um capitulo das *Modernas ideias* de Th. Braga lhe produzira. Ficam excluidos, por tanto, sómente dezanove sonetos, com os quaes o espirito allemão não se familiarisou (3).

*

Que direi do valor da versão? Simplesmente que ella é digna de Anthero, e que será extremamente difficil, se não impossivel, fazer melhor. Todos os grandiosos pensamentos do original foram fielmente trasladados; a concisão nervosa do dizer romanico não foi diluida; a linguagem tem na copia o mesmo caracter de nobre gravidade que distingue o modelo: e a plasticidade marmorea das visões soffreu pouco. O feitio total é, comtudo, em portuguez, de uma *singeleza* maior. As sobrias linhas raphaelicas são menos sensiveis no traje allemão, que é ás vezes um pouco sobrecarregado com enfeites de côres fulgurosamente ticianicas. É por isso tambem que a harmonia mysteriosa entre o som e o mundo de ideias e

(1) *Velut Umbra* n.º 39. A primeira redacção não contentava plenamente.

(2) São os n.os 35, 50, 51, 66, 70. 77, 84, 85, 91, 92, 94 e 96: *Na Capella; A Ideia II e III; Homo; O Inconsciente; O Convertido; Ignotus; No Circo; Elogio da Morte I, II, IV e VI.*

(3) São os que levam no original os titulos: *A um crucifixo* (n.os 18 e 57); *Metempsychose* (44); *Disputa em familia* (67 e 68); *A Ideia, IV-VIII,* (n.os 52-56); *These e Antithese* (60-61). *Justitia Mater* (62); *Palavras de um certo Morto* (63); *A um Poeta* (64); *Hymno á Razão* (65); *Quia aeternas* (82); *Elogio da Morte III e V,* 93 e 95; *Logos* (103).

sensações, que o poeta exteriorisou, me parece dissolvida em alguns lugares.

A razão d'estas differenças, de resto inevitaveis, é obvia. Todas as traducções tem a natural tendencia de serem diffusas, e todas as linguas precisam de espaço e liberdade para ostentarem suas bellezas. E espaço e liberdade é exactamente o que falta no leito procrustico do Soneto! De ahi a necessidade que se impoz ao interprete de escolher no vocabulario allemão palavras muito curtas — meras radicaes monosyllabicas, mas que ideologicamente tenham peso de lei, apezar do seu diminuto volume, visto que de outro modo não podia reproduzir sem omissões todas as cambiantes do pensamento original, tão maravilhosamente concentrado. De ahi tambem a propensão de reduzir outras palavras artificialmente a uma só syllaba, por meio de apocopes *(Frag', Lieb', Klag', sengt', etc.);* inversões syntacticas um pouco forçadas; e a escolha de vozes desusadas, archaicas umas, *(grass, lass)* e outras construidas pelo proprio traductor *(versehnt)* (1). Medidas de rigor, que deram rhythmicamente aos versos de Storck, exactamente como ás versões inglezas do snr. Prestage, um estampido e clangor marcial, um movimento muito menos suave, o qual, realçado ainda pela regularidade com que a *arse* e a *these* e as rimas masculinas e femininas alternam nos iambos germanicos, contrasta com o desempedido vôo dionysiaco dos versos de Anthero.

(1) Se estes *senões* não têm correspondencia exacta nos textos de Anthero, cujo vocabulario é de uma pureza classica, encontram, todavia, o seu equivalente em bastantes rimas impuras do original (que Storck evita cuidadosamente) e em certas licenças na construcção do Soneto a que Anthero não fugiu, repetindo p. ex. no sexteto a ordem da rima dos quartetos (quer *incrociata*, ou *incatenata*, quer *alternata*), como p. ex. nos n.os 67: *Disputa em familia* e 15: *A Germano.*

Será necessario accrescentar que só se atreverá a censurar estas pequeninas desigualdades quem não tiver em conta a facilidade com que as rimas occorrem nas linguas meridionaes que accentuam os suffixos, nem a enorme difficuldade de encontrar o seu equivalente em allemão, onde a syllaba accentuada é sempre a principal, a *raiz*, a alma da palavra, de sorte que quasi não ha rima que não seja rica, musicalmente e ideologicamente?

Julgo que não.

*

Anthero agradeceu do coração a «benevolencia» do traductor; e apezar de já conhecer a arte de Storck pelas versões das poesias camonianas e remodelações dos versos medievicos do tempo de D. Diniz, ficou ainda assim surprehendido dos seus recursos, pasmado da grande fidelidade, que não sacrifica a elegancia nem adultera a feição propria do estylo romanico, nem prejudica em geral a fluencia da phrase germanica. Mais de uma vez me declarou—como já mencionei mais atraz—que aprendera do seu interprete o que era *traduzir*, e que, chegado o momento de voltar ao *Faust* e a outras creações do genio allemão, poria o fito muito alto, tentando alcançar a mesma perfeição. Algumas lyricas agradaram-lhe até mais na copia do que no original, como p. ex. a *Serenata*, que se transformára na linguagem de Goethe, n'um verdadeiro *Lied*. O facto é positivo que Anthero avaliava muito mais e amava melhor os seus «pobres versinhos», desde que viu que os distinguiam «no paiz da força e da vida moral, da sciencia e da consciencia» como dizia, citando as palavras de um eminente sabio portuguez. Elle, que fallára sempre com absoluta modestia das suas poesias, considerando-as apenas como indicação de alguma

cousa superior que porventura poderia ter feito, citava-me agora sorrindo o espirituoso dicto de Guerra Junqueiro ácerca dos Sonetos «de um Miguel-Angelo portuguez que não fizera o seu *Juizo final*», lisonjeando-se de ter feito uma cousa, *que fica*.

*

A critica allemã foi justa. Enalteceu quasi incondicionalmente a arte de Storck, que no dizer d'um amigo se vae acrisolando cada vez mais. Quem aventou reparos, fel-os apenas no sentido que indiquei, notando o emprego frequente de apostrophes e algumas palavras que os diccionarios usuaes não incluem. — Penso que o leitor curioso encontrará na Bibliographia, com que Joaquim de Araujo prometteu enriquecer este livro, a lista dos artigos que a critica official dedicou em revistas e jornaes acreditados aos Sonetos de Anthero e Storck, e talvez alguns excerptos, ou transcripções. Por isso apresento-lhe apenas a quintessencia de alguns juizos não impressos, colhidos da bocca de amigos ou de cartas.

Nenhum dos amantes de verdadeira poesia, que tiveram animo para abrir os «Sonetos» vindos da ultima Thule e apresentados por um glottologo erudito, se arrependeu da tentativa: nenhum de quantos provaram do vinho embriagador, distillado do fructo de cepas transplantadas das margens do Rheno para o calido solo portuguez, depositou a taça de ouro, sem que a mão lhe tremesse, mais ou menos fortemente, sacudida por fremitos de admiração; e quasi todos os que lêram, tornaram a lêr, captivados. Citarei apenas os nomes de dous, que fecharam os olhos para sempre. Nicolaus Delius, o justamente afamado editor e commentador das obras do Cysne do Avon, cujos sonetos conhecia a fundo, assistiu

immovel a uma leitura em casa do seu amigo de Münster, deixando escapar dos seus labios, inconscientemente, de vez em quando, a exclamação: *Schön! Schön!* — Ten-Brink, o mallogrado historiador da litteratura ingleza, escriptor de fina e poetica intelligencia, confessou que a força immanente das concepções antherianas se impunha irresistivelmente ao seu sentir e o abalava.

Como não houve lá fóra quem visse retratos de Anthero, sem adivinhar n'elle um descendente dos homens do Norte — um dos romanos altos e louros, e de olhos azues, a quem o já citado Schlegel dirigiu a allocução:

« *Halb Römer stammt Ihr dennoch von Germanen* »

ninguem leu os Sonetos sem reconhecer que a organisação psychica do poeta o aproximava de nós, os Germanos. Ganhou-lhe a sympathia da raça dos pensadores a alta ideia que Anthero formava dos deveres da vida, e da sua arte, e que fez com que se abstivesse, vivendo e poetando, do que é frivolo, banal e baixo. Respeitam-no por causa das suas preoccupações moraes, a ancia de verdade e a religião do Bem que o dominaram, a seriedade e sinceridade que se sente atravez da sua poesia, fazendo d'aquelles versos «vividos», documentos psychologicos e effectivamente fragmentos das *Memorias de uma consciencia*, como elle dizia, ou da *Tragedia de uma alma*. Collocam-no alto por ter tido além de um solido capital de conhecimentos adquiridos por consciencioso trabalho, o que toda a poesia superior presuppõe: uma *philosophia*, cujo disco luminoso projecta o seu fulgor sobre cada um d'aquelles sonetos; e uma *consciencia* que não se cinge automaticamente a dogmas herdados. E amando o homem por causa do seu querer moral, admiram sobre maneira o poeta romanico, cujos versos têm aquelle Incommensuravel e aquelle vago anceio, tão raro nos afrance-

zados parnassianos e positivistas do Occidente, e que soube dar uma fórma, que é sua, ás ideias geraes de que elaborou a sua concepção do mundo, transfigurando phantasmagorias metaphysicas e abstracções como o Bem e o Mal, o Amor e a Razão, a Liberdade e a Morte, em estatuas de nitidez classica.

O trabalho artistico foi unanimemente gabado.

E poucos houve entre os «sublimes caturras do Norte», como Latino Coelho apellida os nossos lettrados, que não reconheceram o *homem* atravez da obra (talvez porque não olhassem para a biographia), imaginando, levados pelos preconceitos a que alludi, que o Sonetista cinzelara seus versos a frio, para mero exercicio litterario e acharam apenas interessante o vêr como a philosophia do Oriente ia conquistando emfim o Occidente.

Com relação ao caracter da philosophia do Poeta, a opinião dos leitores germanicos oscilla, comtudo, como a dos proprios compatriotas. Os que conhecem meramente a Selecção de Storck, da qual foram eliminadas algumas scenas de tom mais crú e de absoluta negação julgam de um modo, e de outro os que se serviram conjunctamente da edição portugueza, lendo o resto e o esboço psychologico de Oliveira Martins; e ainda diversamente os que folhearam, além da obra poetica, os escriptos em prosa do auctor (1). Deixando de parte diversas duvidas e perguntas sobre a interpretação a dar a alguns sonetos

(1) Os estudos de Anthero sobre a Philosophia da Natureza que abrangem cinco artigos sobre a Theoria transformista do dr. Arthur Vianna de Lima, impressos na *Provincia* (1876, n.º 48 a 52) foram lidos com vivo interesse por alguns philosophos modernos que acharam meritorias e perspicazes as suas objecções contra o evolucionismo monistico de Haeckel, sympathisaram com a importancia que o pensador portuguez liga aos factos da Consciencia humana. Especialisarei o professor Weimarense Hugo Wernekke, auctor de uma dissertação sobre Giordano Bruno.

menos claros (p. 48, 69, 82, 91, 94 e outros), o antagonismo instinctivo que obriga a protestar contra alguns assumptos (p. 39), e certas censuras feitas ás incoherencias e contradições das ideias philosophicas tratadas nos Sonetos, direi que é sobre os differentes estadios do credo de Anthero, sua ligação, e sua ultima phase, que a discussão se move. O Soneto final, principalmente, *Na mão de Deus* influenceia os juizos, em harmonia com as soluções intellectuaes, moraes e sentimentaes a que cada um chegou.

Ha um grupo de leitores que reparando na uncção e verdadeira piedade, no tom sacerdotal e na frequencia de phrases biblicas nos versos de Anthero, na sua preoccupação constante de santidade, abnegação, sacrificio e redempção, e na Invocação á *Virgem Nossa Senhora* (em que ninguem percebeu de moto-proprio aquelle humorismo e a ironia transcendental que Oliveira Martins notou) veem no idealista portuguez um espirito intima e essencialmente religioso.

Aceitando como sinceras todas as notas da lyra de Anthero, firmam-se no derradeiro soneto, persuadidos de que o pensador, depois de percorrer systemas philosophicos e sciencias positivas, voltou desenganado d'aquelles palacios encantados da illusão ao ponto de partida, as crenças infantis, deixando descançar o coração, liberto de duvidas e ancias, na mão de Deus, afim de poder adormecer na paz do Senhor. Parte dos que pensam assim consideram esta evolução como uma marcha *ascencional* e amam Anthero exactamente por causa d'este nobre regresso, promptos a baptisal-o, apezar de todas as suas heresias e luctas, com o bello superlativo, «*theissimum et christianissimum*» que Goethe criou para caracterisar o sancto philosopho judeu Baruch Spinoza. A outra parte lamenta, pelo contrario, tal conversão, como artisticamente incoherente, não achando o nexo nem uma transi-

ção motivada entre a philosophia dos restantes sonetos e a jaculatoria que fecha o volume e que, segundo elles, merece realmente um logar de honra em qualquer livro de rezas. E sinceramente magoados pela curva final, pensam: «Que lastima que o livro, que começa com duvidas rebeldes, acabe com Deus».

Outro grupo de leitores — e este parece-me ser o mais numeroso — regeita tanto a ideia de uma conversão, como a de um deismo final, opinando que Anthero abandonou, na refundição philosophica da sua primitiva religiosidade mystica, todos os residuos dogmaticos e formalisticos do christianismo positivo, salvando apenas a sua parte eterna, a ethica, ou concepção moral da vida. Estes põem resolutamente de parte os dous psalmos — (por discordantes e isolados, e não porque não os achem bellos) — como simples reminiscencias antigas, meio inconscientes, ou como fraquezas de um moribundo que devem ser encaradas como a historia encara as conversões *in finibus* de um Voltaire, Littré, Heine e outros, e cingem-se á auto-biographia e aos *Traços de Philosophia*, onde em vez de *Deus*, temos o *Bem* e a *Liberdade moral*. Desejariam todavia que as tendencias moraes se manifestassem mais decididamente; e preferem entre os Sonetos todos os tetricos, sem distinguirem entre os de negação e revolta e os de piedosa resignação.

Quem tem razão? E que dirá o futuro? Não o sei. É possivel que as differentes opiniões se conservem sempre em equilibrio. Inclino-me, comtudo, a pensar que Anthero ficará vivendo na historia como Poeta do Desespero e da Morte.

Quando lá fóra souberam a triste nova, todos, mesmo

aquelles que anteriormente tinham duvidado da espontaneidade e sinceridade dos Sonetos, ajuizando que Anthero nunca chegaria a ter o renome de um Leopardi, por lhe faltar a tragica sorte d'aquelle egregio pessimista, exclamaram unisonos, frementes de saudosa admiração: «*So hat er also wirklich ernst gemacht! so hat er also sein Werk durch die That besiegelt!*» Agora sim, que ninguem tem o direito de duvidar da sua paixão real pelo Nirvâna.

E longe de condemnarem despiedosamente aquelle desfecho atroz, mas quasi inevitavel, consideram-o como a suprema consagração dos Sonetos.

Eis porque, a meu ver, versos como o *Elogio da Morte*, o *Hymno da Manhã*, *Oceano Nox*, *Lucta*, *Lacrymae Rerum* serão no futuro indicados na *Welt-litteratur* como os cantos typicos da musa de Anthero. — E na litteratura patria, quantitativamente tão opulenta, mas tão singularmente pobre em vultos poeticos de um individualismo pronunciado, cuja *vida* esteja em perfeita harmonia com os seus *versos*, e em obras possantes, que por serem muito individuaes chegam a ser internacionaes, um logar de honra será certamente dado ao sincero espirito, que depois de invocar em cantos de poder genial a funerea Beatriz, se agarrou, n'um dia de desalento e enfraquecimento moral, exhausto de forças, á mão gelada da formidanda libertadora.

Porto, Agosto de 1894.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos



RECORDAÇÕES QUERIDAS



ROS homens terão sido em sua vida mais geralmente e sinceramente admirados que Anthero de Quental, como poucos pela sua morte deixaram em tantos corações saudade tão intima. A que ainda sinto pelo meu leal e sempre lembrado amigo sobreleva-se á minha admiração pelo genial poeta, pelo critico e philosopho notavel, e pelo perfeito homem de bem que elle foi. Desde a infancia, fomos companheiros, nós nascidos n'esta formosa ilha de São Miguel, que imprime nos caracteres e intelligencias dos seus filhos um cunho singular. Aqui a natureza apresenta contrastes notaveis, que predispõem os espiritos que os observam desde á infancia, para a descoberta e comprehensão da *alternativa dos contrarios*, que a observação penetrante reconhece nas coisas e factos, sobre que depois vem a exercer-se.

Aqui, pelos valles, nem amplos nem limitados por alterosas montanhas, pelas ravinas pouco profundas, pelas planicies não extensas, ostenta-se uma vegetação exuberante, caracteristica do clima humido e da fertilidade dos terrenos, que torna a paizagem, sobretudo, amena e suave, e incute nos caracteres um fundo melancolico, que os tornaria frouxos se não fossem tonificados pelos panoramas que encerram os valles das Furnas e Sete-Cidades, e pela contemplação do largo oceano.

No valle das Furnas, em um pequeno espaço, contiguo a uma paizagem ridente e bellissima, encontram-se notaveis *geysers*, que se aos espiritos incultos causam pavor e aos cultos admiração pela energia das forças vulcanicas, que ahi se expandem, a todos communicam o sentimento da actividade da natureza no seu eterno *devenir*, e como que os incitam a não esmorecerem na lucta pela vida. O valle das Sete-Cidades maravilha quem o defronta pela primeira vez. O sentimento da natureza exalta-se á vista d'um panorama de tal grandeza: encostas alcantiladas revestidas de verdura em que de espaço a espaço se destacam listras negras das rochas basalticas, que irromperam a diversas alturas de tão ampla caldeira, mattas olorosas de varias especies e de bello porte que cobrem as vertentes menos ingremes e parte do valle, os campos não inundados cuidadosamente cultivados, dois bellos cones de detritos que se erguem no valle, a grande lagôa que occupa com suas limpidas aguas o foco vulcanico que gerou tamanha cratera.

Os espiritos reflexivos ficam enlevados não só por tão bello quadro, mas ainda pelo contraste do que foi e do que é, hoje tranquillidade onde outr'ora houve profundas convulsões, e adquirem de subito a inesperada revelação da energia extrema do vulcanismo, que aqui actuou, e das varias manifestações das forças naturaes. O largo oceano pela sua esplendida magestade, pelos seus multi-

plos aspectos em que affirma a sua immensa sensibilidade, e absoluta liberdáde, insinua em todos que nascem em terra que elle banha hombridade nos caracteres, e desperta nas intelligencias e corações que se cultivam uma aspiração ardente a descobrir um ideal de perfeição e verdade, com que se orientam na vida.

A patria do açoriano explica e determina o seu caracter e as tendencias da sua intelligencia e sentimento, associando-se estas áquelle, em completa harmonia, constituindo assim, nos maiores de seus filhos, individualidades portentosas como Anthero de Quental e Theophilo Braga. Anthero pelo seu scintillante espirito recordava a remotissima origem franceza da sua familia, da qual por hereditariedade recebeu a sua rara aptidão litteraria.

Aos dez annos partiu da ilha para o continente, a começar os seus estudos; por isso houve uma curta interrupção em nossas relações, que depois se reataram por muitos annos em Coimbra, Lisboa e São Miguel.

Quando eu fui para Coimbra, em Outubro de 1859, á Anthero lá estava, creio desde 1856, gozando a sua mocidade em toda a plenitude, e era muito considerado como poeta. Desde então o seu genio poetico revelou-se em successivas producções, qual mais caracteristica da corrente d'ideias e sentimentos, que dominavam os seus mais intimos amigos e contemporaneos, sendo por todos acclamado um dos primeiros poetas d'essa epocha, em que brilhavam João de Deus e Theophilo Braga. Anthero unia-se mais que estes ao sentir complexo e indefinido d'essa geração que cursou a Universidade de 1859 a 1864, por isso era mais querido d'aquelles, cujo ideal e comprehensão do mundo elle traduzia em sublimes composições.

A grandeza da poesia lyrica no seculo XIX explica, segundo Brunetière, pela sua evolução successiva do individualismo ao naturalismo, do naturalismo ao pessi-

mismo, do pessimismo ao symbolismo, cujo cyclo Anthero percorreu e fixou, cada um d'aquelles estadios por que passou em poesias eternamente bellas, monumentos immorredoiros do seu genio poetico, nos quaes synthetisou o seu altissimo pensar e sentir n'um estylo verdadeiramente attico, em que as imagens nunca superabundantes, mas brilhantes, são como focos luminosos, em que avulta com a maior nitidez a idéa exprimida.

Anthero anteviu com toda a lucidez, pela sua poderosissima imaginação, os estados d'alma mais tristes da vida contemporanea, sentindo-os profundamente. Pessoalmente só foi affectado por dois cruelissimos desgostos que occultou a quasi todos os seus amigos, e que nunca expandiu em poesia alguma, mas cuja impressão enorme nunca se desvaneceu em seu espirito, predispondo-o desde então para esse estado de tristeza resignada, que depois associando-se á pacificação intima a que elle julgou ter chegado pelas suas concepções philosophicas, inspirou os seus ultimos sonetos.

São estes os que hoje mais quero; dão-me conforto egual ao com que elle, nunca esquecido amigo, me amparou em varios lances da minha vida.

É notavel o ultimo engano d'alma d'este eminente poeta que, suppondo-se tão forte e sereno pelo apoio da sua philosophia, como Camões quando escrevia:

> D'esta arte se esclarece o entendimento
> Que experiencias fazem repousado,
> E fica vendo, como d'alto assento,
> O baixo tracto humano embaraçado...

acaba, como acabou! Quem me diria, quando eu em Coimbra admirava aquelle bello e vigoroso rapaz, que me parecia ter inspirado a Diderot a celebre graça «*je vous connais Monsieur, vous etes la jeunêsse*» sempre vi-

vido e animado d'uma immensa actividade intellectual, que o levava a discutir permanentemente com uns litteratura, com outros sciencias e philosophias e com todos politica!

Os seus sentimentos revolucionarios não eram menos ardentes que os dos seus companheiros, que, se então vivessem na Italia, teriam sido os heroicos soldados de Garibaldi, ou os intrepidos conspiradores de Mazzini.

Para aviventar o nosso ardor revolucionario, concorria a leitura assidua das obras de Proudhon, de Victor Hugo, de Daniel Stern, e mais que tudo o enthusiasmo que sentiamos pela epopêa italiana, de que eram protogonistas Garibaldi e os seus *camisas vermelhas*. Exaltados como estavamos, resolvemos, em quanto não podiamos actuar na sociedade portugueza, reagir vigorosamente contra as praxes universitarias e a severidade do reitor, que nos submettia a uma disciplina arbitraria e injustificavel. Conjugamo-nos, pois, por suggestão de Anthero, e sob a sua direcção e de outros, numa sociedade secreta organisada pelo typo das italianas, para derribar *com a violencia do raio*, os regulamentos e auctoridades que offendessem a nossa dignidade e as nossas reclamações justas de homens livres.

O nome que demos a essa aggremiação — *Sociedade do Raio* —, definia com precisão o ideal que nos propozemos, quando a constituimos. Recordo-me ainda com saudade da forma singela e severa do juramento dos neophytos, das nossas mysteriosas reuniões por altas horas em sitios ermos por ordem do directorio activo e desconhecido de quasi todos os iniciados, e especialmente d'essa noite em que depois da evacuação da Sala dos Capellos nos demos a conhecer uns aos outros.

Que surprezas extraordinarias então houve, e que prazer immenso transparecia na physionomia de todos, conscientes de terem cumprido o dever de homens livres

e desaffrontado para sempre a Academia de uma tyrannia offensiva da sua dignidade!

Anthero, então, n'um manifesto admiravelmente escripto, pelo vigor do estylo e da argumentação, justificou perante o publico o acto praticado pela Academia, dando-lhe a sua verdadeira significação de protesto justissimo contra a iniquidade dos processos e regulamentos universitarios a que ella estava escravisada, não de affronta pessoal ao reitor, verdadeiro homem de bem.

Referindo-me a Bazilio Alberto devo relembrar o seu procedimento n'aquella occasião. Costumava este dar todas as tardes um passeio a cavallo pelos arredores de Coimbra; continuou n'esse exercicio, apezar da Academia estar muito agitada, nos dias seguintes áquelle em que elle recebera tamanha desconsideração.

Eu na tarde do dia immediato ao da evacuação da Sala dos Capellos, estava com muitos estudantes na fonte de Coimbra, e todos nós ficamos surprehendidos, vendo regressar á cidade, montando um dos seus bellos cavallos, Bazilio Alberto que se aproximou sereno e intrepido de aquelles de quem podia receiar fossem menos attenciosos com elle, e aos quaes impoz respeito pela sua incontestavel coragem, como lh'o provaram, cortejando-o com toda a deferencia.

Bazilio Alberto, depois Visconde de São Jeronymo, era digno membro da familia Souza Pinto pelo seu saber, pela sua vida immaculada; dotado, porém, de uma austeridade quasi tyrannica que o indispoz com a mocidade de então, a qual hoje na idade madura presta, como eu, homenagem respeitosa á sua memoria. O Governo deu satisfação á Academia, substituindo o reitor; e desde então os regulamentos universitarios foram applicados com brandura.

Outra occasião houve, em que evidenciamos os nossos sentimentos revolucionarios. Chegára a Coimbra o

principe Humberto, e a Academia nomeou uma commissão para ir comprimental-o, da qual faziamos parte eu, Anthero e outros rapazes. Todos, excepto eu, eram de grande valor, e muito considerados dos contemporaneos. Reunimo-nos e confiamos a Anthero, a quem de direito pertencia, a redacção da allocução que tinhamos de lêr ao principe.

Anthero excedeu a nossa expectativa no conciso e bello discurso, que redigiu, no qual punha em relevo a nossa altivez revolucionaria, dizendo ao principe que o saudavamos por ser o amigo de Garibaldi e não o filho de Victor Manuel, herdeiro da corôa da Italia. Ao receber-nos, Humberto olhou com sympathia a commissão composta de bellos e vigorosos rapazes, mas, logo que Anthero desfechou a allocução, lida pausadamente, para ser bem comprehendida de todos, o principe perturbou-se, ruborisou-se e ficou confundido; todavia, a breve trecho, dominou a impressão que lhe causavamos. Em poucas palavras agradeceu os nossos votos pela prosperidade e engrandecimento da sua patria, e ao despedir-nos apertou com a maior cordialidade a mão a todos quantos acabavam de comprimental-o de uma maneira tão insolita. Era de vêr a indignação que transparecia nas physionomias de quasi toda a comitiva do principe pelo nosso atrevimento, o qual só provocou em Cialdini e Pallavicini um mal reprimido sorriso que me pareceu muitissimo benevolente.

Os sentimentos revolucionarios não absorviam completamente Anthero, que dedicava tambem grande attenção ás questões scientificas e philosophicas, em que se instruia já por varias leituras, já pela conversa com certos amigos. Assim, coube-me a mim e a José Falcão inicial-o na mathematica. Ella dava-lhe não só uma ideia exacta do que é uma sciencia, mas ainda do methodo geral que o espirito humano emprega em suas indagações

positivas. Em nenhuma outra sciencia as questões são resolvidas por um modo tão completo, e as deducções levadas ao extremo limite com mais rigor. Anthero comprehendia perfeitamente o objectivo da mathematica, a razão da sua divisão em concreta e abstracta e das suas subdivisões, e adquiria noções superficiaes dos problemas que em cada especialidade se tratavam e dos methodos usados para os resolver.

Elle recalcitrava em certas partes que suppunha conhecer melhor que nós. Assim, nunca aceitou a concepção mathematica do espaço; pretendia substituil-a por outra tão nebulosa, que tornaria impossivel a geometria.

A hypothese cosmogonica de Laplace, sobre que muitas vezes fallavamos, encantava aquella extraordinaria intelligencia. Ella era universalmente acceita, por ser a unica explicação plausivel da formação do nosso systema solar, em harmonia com as observações astronomicas d'então, identidade da direcção de todas as circulações planetarias d'occidente para oriente e das rotações, os mesmos phenomenos nos satellites, pequena excentricidade das orbitas, e emfim o pequeno afastamento dos seus planos comparados ao do equador solar. A hypothese de Laplace, sem desdoiro para o seu immortal auctor, desde que se reconheceu que os movimentos dos satellites de Urano e Jupiter são retrogrados, foi habilmente refundida por Faye, celebre astronomo francez, para a accordar com as novas descobertas astronomicas. Anthero, aqui, em S. Miguel, por suggestão minha, compenetrou-se da ultima transformação das idéas cosmogonicas do seculo XIX, as quaes estão resumidas ou na theoria de Laplace modificada, ou na da agglomeração meteorica proposta pela primeira vez por Julio Robert Mayer.

As idéas de Darwin, a theoria atomica, a hypothese da unidade das forças physicas, eram themas de constan-

tes conversas e discussões, em que Anthero se distinguia sempre pela sua extraordinaria penetração em atacar os pontos fracos das hypotheses scientificas para exaltar a necessidade e a superioridade da metaphysica. N'ella se instruia com indefessa predilecção pela leitura de Hegel e principalmente por interminaveis discursos, a que eu estava quasi sempre presente, com o meu parente Francisco Machado de Faria e Maia, que a cultivava com grande aproveitamento e incontestavel superioridade, como depois provou em uma publicação d'alto valor.

Em 1864, quando nos separamos em Coimbra, Anthero considerava uma revolução necessaria para a revivescencia economica e moral da sociedade portugueza deprimida por uma immensa atonia, e propagava com enthusiasmo as suas pouco precisas idéas philosophicas, derivadas do Naturalismo de Hegel, a que n'aquella robusta intelligencia se associavam conhecimentos muito variados sobre as sciencias naturaes, sendo este conjuncto do seu saber e sentir modificado pelo factor pessoal e pelas contingencias da sua vida, já então affectada por um grande desgosto, que determinou a sua evolução poetica de 1859-64, e a explica.

Ao terminar o curso universitario (em que tive por condiscipulo, no ultimo anno, o meu nunca esquecido amigo José Falcão, notabilissimo pelas suas variadas aptidões), tanto eu como este, se, pelas nossas leituras e pelo convivio e influencia de Anthero eramos revolucionarios e admiradores do Naturalismo na arte, conservámo-nos comtudo, pela nossa solida instrucção scientifica, indifferentes ás idéas philosophicas que dominavam na Academia, as quaes, pela sua falta de precisão, não satisfaziam ás nossas exigencias intellectuaes.

Convivi depois com Anthero, em Lisboa, de 1868 a maio de 1869, conservando com elle, no entretanto, de 1864 até aquella epocha, uma correspondencia mais ou

menos activa, consoante as nossas saudades e as impressões que um ou outro tinhamos a confiar.

Achamo-nos, em 1868, em Lisboa, os novos amigos de Anthero (Jayme Batalha Reis etc., etc.) e muitos dos antigos (Eça de Queiroz, Lobo de Moura, Conde de Rezende), todos intimamente relacionados uns com os outros; ali renovámos a nossa vida de Coimbra, em as nossas constantes e ardentes discussões. Reconheci então que Anthero ainda não havia dominado a emoção que lhe causára a celebre Questão coimbran, emoção á qual vinha associar-se a tristeza pelo seu destino incerto e pela impressão profunda d'um incidente intimamente doloroso, succedido creio em 1867, e a nostalgia insipiente, mal dissimulada pela grande actividade intellectual.

Anthero era ainda o centro do nosso pequeno mundo scientifico, philosophico e litterario, no qual não se aceitavam, todavia, incondicionalmente, as suas affirmações.

Não fôra debalde que, para muitos dos seus amigos, tinham passado quatro annos, durante os quaes alguns estudaram e adquiriram experiencia.

Em mim, que desde 1866 a 68 estudára muito com o bello, talentoso espirito de Henrique de Macedo, a mathematica e philosophia de Augusto Comte, encontrou elle um intransigente positivista. É claro que um intransigente positivista não podia concordar com a orientação politica e philosophica de Anthero, então intransigente metaphysico. Elle esqueceu n'um momento infeliz o que devia ao seu nome, classificando de banalidade franceza os trabalhos de Comte, um dos maiores genios de que a humanidade se orgulha, e que merece com justiça, segundo Stuart Mill, ser considerado superior a Descartes e Leibnitz, por ter manifestado uma potencia intellectual igual á d'estes, n'uma idade mais avançada do saber humano. Todavia, para honra de Anthero, o nosso immortal poeta, que aliás escrevêra aquella phrase, em uma

carta particular, não destinada á publicidade, numa serie de artigos insertos na *Provincia* hoje reunidos em volume por iniciativa d'um talentoso michaelense e seu admirador, Dr. Eugenio Pacheco, discutiu com alta seriedade o positivismo. N'esses artigos, affirma elle que a sciencia não pode ser para a philosophia mais que uma materia prima, e nega a possibilidade de se formar uma concepção geral do mundo, — Philosophia — só com o saber scientifico. O argumento principal, com que defende esta these, é que o conhecimento scientifico não é o typo do conhecimento ultimo e perfeito. Notarei sómente a este respeito que, se o espirito humano possue algum processo de investigação positiva, differente do por elle empregado nas sciencias, então terá rasão de existencia a metaphysica; mas como tal não succede, segue-se que a comprehensão real e effectiva do mundo tem de ser formada pelo saber scientifico systematisado.

Pode não reconhecer-se nos escriptos philosophicos de Anthero os traços geraes e precisos de um systema philosophico perfeito, mas o que não é justo contestar-lhe é a originalidade da sua argumentação, a sua subtileza, em deduzir dos seus muitos conhecimentos engenhosas theorias, e mais que tudo a lucidez com que elle critica os pontos realmente fracos das hypotheses scientificas modernas.

Anthero pela rectidão do seu espirito, pela generosidade da sua alma compassiva, e pelo cabal conhecimento da evolução politica e social do seculo XIX, não podia deixar de iniciar ou melhor apoiar o movimento socialista. Elle que na Questão coimbran, agitara o mundo litterario, seria inconsequente comsigo mesmo se, reconhecendo a miseria intellectual do proletariado portuguez, não o incitasse a acordar do seu somno secular para adquirir instrucção sufficiente que o habilite a ter a consciencia dos seus direitos e a servir-se dignamente da influencia

politica que lhe foi dada. Anthero não podia entregar-se á vida da acção, propria do verdadeiro democrata socialista, embora o fosse por convicção, porque a isso se oppunham a sua natureza contemplativa, um certo scepticismo que dominava o seu espirito, e talvez as exigencias do seu temperamento fidalgo.

*

Quando Anthero chegou á Ilha em 1891, que grande tristeza senti ao vel-o e abraçal-o! Era a sombra d'esse lindo e vigoroso rapaz, que d'aqui tinha partido havia quarenta annos. Os seus bellos olhos azues como o céo, em que eu vira, em Lisboa e Coimbra, em scintillante brilho, arder a luz immensa d'aquella extraordinaria intelligencia, estavam amortecidos, indicando-me para logo a intensa concentração de Anthero. Tive o presentimento de que elle atravessava alguma crise pessoal grave, e um receio indefinido pelas suas consequencias, em um homem tão enfraquecido. Aqui n'este quarto, onde agora trabalho, ouvi-lhe n'um dos dias em que, achando-se mais forte, me procurou, a exposição da sua ultima e muito querida concepção philosophica — o mysticismo. Anthero conversava admiravelmente; era tão espirituoso como Batalha Reis e Eça de Queiroz, expunha com a maior clareza as suas idéas; por isso comprehendi perfeitamente a sua nova philosophia. Pareceu-me, e ainda me parece, uma illusão sympathica, a sua aspiração ardente de deduzir d'um novo Budhismo um conhecimento mais fundo das coisas, e um ideal de orientação do sentimento humano, cuja lei suprema é ou deve ser o Bem. Que o Bem foi a lei suprema, a essencia d'aquelle incomparavel espirito provam-no a sua vida immaculada, a sua dedicação extrema pelos seus amigos e a protecção que dis-

pensou a duas orfans, que com a sua adopção foram subtrahidas a uma desventura certa.

Anthero de Quental foi o porta-estandarte da revolta d'essa geração séria e intelligente que, comprehendendo a vacuidade da instrucção nacional, promoveu e conseguiu dar largos horisontes á parte estudiosa da sociedade portugueza e de vez a associou ao grande trabalho scientifico, philosophico e litterario das nações mais cultas do mundo. Acompanhou-o Theophilo Braga, obedecendo cada um á sua idiosyncrasia especial.

Cabe á minha patria a gloria immensa de serem dois dos seus filhos, Anthero e Theophilo, vultos litterarios de primeira grandeza, que pelas lettras mais honram Portugal, que por elles se representou e se representa condignamente na grande evolução moderna do pensamento humano.

Anthero de Quental, o genial poeta michaelense, deu em seus *Sonetos* á litteratura da humanidade uma obra eternamente bella, que será sempre lida com admiração e sentimento por quem padecer crueis dôres intimas e procurar as consolações sinceras e sentidas d'um desconsolado da vida, que, tendo descançado o coração na mão de Deus, repousou o seu admiravel e dolorido espirito no seio da Morte que lhe segredara:

> As torrentes da Dor, que nunca param,
> Como n'um mar, em mim desapparecem.

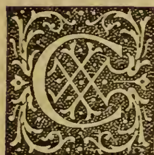
Ilha de S. Miguel (Açores) 2 de maio de 1894.

M. A. Machado de Faria e Maia



ANNOS DE LISBOA

(ALGUMAS LEMBRANÇAS) [1]



ONHECI o Anthero de Quental em 1868. Eu era por essa epocha muito novo. As cartas do Anthero na famosa *Questão de Coimbra*, as *Odes Modernas*, a *Defeza da Carta Encyclica*, haviam-me impressionado profundamente e faziam-me luctar, pelas novas ideias, só, entre os meus amigos que eram então, como eu, Estudantes das Escholas de Lisboa. Essa lucta limitava-se, é claro, a conversas, a discussões, ás vezes, comtudo, bastante vivas: a socco me recordo haver discutido, por causa das *Odes Modernas*, na Livraria Rodrigues da Rua do Ouro, com um dos meus mais intimos amigos que lhes antepunha, não sei já se o *D. Jayme*, se o *Poema da Mocidade*.

(1) As pessoas que organisaram a publicação d'este livro conhecem as objecções que eu apresentei quando fui convidado a collaborar n'elle. Instado, apesar d'ellas, a enviar a unica cousa que me pareceu possivel prometter, — o apontamento de algumas breves recordações anecdoticas dos quinze annos em que o Anthero de Quental e eu vivemos junctos, — não é mais do que isso o que vae lêr-se.

Um dia pois de 1868, o Marianno Machado, o Francisco Machado, o Eça de Queiroz e o Manuel de Arriaga trouxeram o Anthero de Quental a minha casa. Eu occupava então um quarto d'estudante, n'um dos predios d'esquina entre a travessa do Guarda-mór e a rua dos Calafates. (Estas ruas teem hoje, julgo eu, nomes de contemporaneos illustres.)

O Anthero de Quental acabava de publicar o *Portugal perante a Revolução de Hespanha.* Era um dia lindissimo de sol e de céo azul.

—Vimos-te buscar, disse rindo o Marianno Machado, para um largo passeio e uma revolução iberica.

—Prompto, respondi eu logo, prompto emquanto á primeira parte do programma; que emquanto á segunda, talvez não seja máo pensar antes.

—É bom sempre pensar, disse o Anthero, com um sorriso muito alegre—e muito ironico.

O Anthero de Quental ainda então se parecia com um retrato dos seus tempos de Coimbra que foi ha pouco reproduzido e ampliado, em Lisboa, na Photographia Fillon: Usava uma enorme cabelleira encrespada, d'um louro avermelhado que lhe invadia a testa; uma barba frisada, intonsa, que lhe trepava pelas faces; tinha uns olhos muito claros, alegres, ironicos, maliciosos,—ou abstractos e perdidos.

Partimos todos, por S. Pedro de Alcantara e a Patriarchal, para o Passeio da Estrella. Ahi, junto d'um banco onde alguns se sentaram, sob as arvores, no isolamento dos alegretes de flores, começámos—*a conspirar.*

Mas dentro em pouco já nenhum de nós pensava na Revolução de Hespanha, ou no Iberismo: uma terrivel e ruidosa lucta se empenhára entre a Metaphysica serena do Anthero de Quental e o Positivismo inflammado do Marianno Machado.

Desde esse dia até 1872, só me apartei do Anthero de Quental durante as suas viagens, ou durante as minhas.

*

O Anthero de Quental vivia em 1868, algures, para os lados da rua dos Fanqueiros, n'um 5.º andar; mas passava quasi todos os dias, e todas as noutes, no meu quarto da travessa do Guarda-mór.

Alli estavam sempre o Eça de Queiroz, o Salomão Saragga, e frequentemente o Lobo de Moura, o Marianno Machado, o Manuel de Arriaga e o Santos Valente, que nos espantava recitando versos de sua composição em latim e grego.

Todos os grandes problemas do Universo foram ahi discutidos, agitados, durante mezes, por longas horas, até ás madrugadas. No quarto proximo, separado apenas do meu por uma porta, habitaram por muito tempo dois Conegos da provincia. O ruido dos nossos violentos debates, por ventura a impiedade de muitas das nossas opiniões radicaes sobre todos os assumptos, politicos, sociaes, religiosos, philosophicos, não os deixava dormir. De manhan já, quando nós, emfim, nos deitavamos ou sahiamos, ouvia-se os Conegos furiosos, desistindo de descançar, lavando as mãos como quem afia espadas, e bradando, atravez da porta, ameaçadores, para nós:

—Isto não póde continuar assim: Ou nós ou elles.

E do outro lado do tabique, o Eça de Queiroz, melodramatico, bradava-lhes:

—Sempre, sempre, ao pé da Egreja a Revolução!

Muitas vezes iamos, atravessando a cidade, pela meia noute, para os lados de Belem e Paço d'Arcos, para Xabregas e Beato Antonio, ou para o Cemiterio dos Praze-

res e Monsanto, conversando, discutindo perpetuamente, até vermos, d'algum alto, nascer o sol.

Por cima do muro do Cemiterio, que nós costeavamos para descer á Ribeira d'Alcantara e passar á Serra, via-se de corpo inteiro, sobre um tumulo, a estatua de pedra de qualquer morto illustre ou rico, que ás vezes parecia mover-se na noute, entre as cruzes, os corocheus dos monumentos e as ramarias agitadas das arvores. Um de nós havia-a denominado «a estatua do Commendador... Soares»: O Anthero de Quental interrogava-a, gravemente, em discursos anciosos, sobre o Enigma das Cousas; o Eça de Queiroz, supersticioso, atterrado, livido, dirigia-lhe versos phantasticos; e eu fui uma vez encarregado de a convidar para a ceia, por meio do recitativo ironico do Leporello de Mozart.

Outras vezes, nas praias do Tejo, para os lados de Cascaes, onde chegavamos alta noute, deitavamos-nos na areia, ou sentavamos-nos n'algum barco deixado só na amarração, e ahi, sob o luar, ou sob as estrellas, seguiamos discutindo até nascer o sol.

N'estes passeios nocturnos o Anthero descrevia, inexgottavel, as suas theorias, as suas improvisações philosophicas e sociaes, o seu sonho de crear uma Philosophia, uma Fórma de Governo, uma nova Fórma de Sociedade. As ideias socialistas que elle expunha então eram principalmente derivadas de Proudhon; as concepções philosophicas do Idealismo hegeliano.

O Eça de Queiroz pensava publicar em volume, sob o titulo ironico de *Prosas Barbaras*, os contos extranhos que escrevera na *Gazeta de Portugal;* mas desdenhava já d'essa fórma romantica e phantastica. Flaubert era para elle o primeiro escriptor do mundo; *Madame Bovary*, o maior livro de todas as Litteraturas; o Naturalismo a Eschola definitiva da Arte. E escreveu então, em grande parte no meu quarto, e leu-nos, uma noute, a

mim e ao Anthero de Quental, o esboço completo d'um romance que elle intitulava *Historia d'um lindo corpo.*

De accordo com este naturalismo esthetico o Eça de Queiroz dizia-se positivista e considerava a Metaphysica cousa tão absolutamente morta como a Mythologia greco-romana:

— O que menino? palavra? Ainda a Metaphysica?! — dizia elle ao Anthero.

E tinha sobre a philosophia os ditos mais originaes.

Eu era um estudante de Sciencias naturaes, lia muito Comte, Littré, a *Revue de Philosophie positive,* e appoiava o Queiroz com frenezi.

O Anthero sereno, demorado na phrase, em voz quasi baixa, dissecava as minhas invectivas, e respondia com outros ditos, ao faiscar dos ditos inesperados do Eça de Queiroz.

Ás vezes ia comnosco o Manuel de Arriaga, contra cujo Espiritualismo, sentimental, e como que fluctuante, nos ligavamos todos tres. E quando então paravamos sob as arvores, — de cujos ramos o Manuel de Arriaga dizia que as estrellas vinham suspender-se como fructos de ouro, — este recitava-nos poesias em que a Natureza apparecia vagamente anthropomorpha, tenuemente pantheista, n'uma melodia de fórma e n'uma indecisão de ideia que o Anthero comparava a indeterminadas *Sonatas* musicaes.

*

E como, o Anthero e eu, nos tivessemos habituado a estar junctos dia e noute, pensando em voz alta, conversando, discutindo, esquecidos muitas vezes, quasi, de tudo que não fossem as ideias em conflicto dos mil Systemas, fomos viver ambos para S. Pedro de Alcantara,

em frente da Alameda, na sobreloja d'uma casa que foi depois substituida por um palacio moderno, perto do Convento do alto.

O Anthero já então caminhava pouco, cedendo gradualmente a um estado morbido intermittente ainda, mas que ás vezes, por dias, o impedia de bem se alimentar, e o conservava invalido, deitado de costas sobre a cama, a ler, a scismar, a conversar, a discutir, puchando incessantemente pelos cabellos das barbas, com as sobrancelhas muito elevadas, a tésta pautada de numerosas rugas horizontaes, e os olhos cerrados, dirigidos vagamente ao tecto, como que perdidos n'uma visão longinqua.

A Alameda de S. Pedro de Alcantara, em frente de nossa casa, permittia ao Anthero de Quental fazer algum exercicio sem se afastar muito. De madrugada iamos para lá continuar peripateticamente as nossas discussões metaphysicas.

Accommettera-nos por esse tempo uma mania de esgrima; e com dois sabres de páo, ás 4 ou 5 horas da manhã, n'um canto afastado da Alameda, sovavamos-nos mutuamente, com grande alvoroço da guarda do Convento que por duas vezes correu a prender-nos como duellistas, e depois, conhecendo-nos já, nos considerava como doidos inoffensivos.

A nossa conversação só terminava quando o sol nascia por detraz da Senhora do Monte, dos altos da Graça, ou do Castello de S. Jorge; e era só com o céo já coberto de nuvens alegres, em baixo o valle do Passeio publico já fresco de manchas verdes, e o Tejo ao fundo, cheio de nevoa penetrada de luz, que nós recolhiamos a casa para dormir.

De dia desciamos ás vezes ao Jardim que está immediatamente sobre a muralha, e ahi passeavamos, por horas.

O sitio era solitario: Duas ou tres amas dormitavam

nos bancos, requestadas pelo ardor disciplinado de guardas municipaes dolentes. Algumas creanças passeavam graves, como que impressionadas, já, tão novas, por um tedio ethnologico.

Uma tarde o Anthero de Quental, o Eça de Queiroz e eu, — por ventura philosophicamente oppressos pela inaccessibilidade do Absoluto, talvez pessoalmente contrariados por simples miserias da existencia, quem sabe se afflictos por algum defluxo teimoso, — praticavamos, acabrunhados, no angulo do Jardim que olha para a Calçada da Gloria, e davamos, a espaços, expressão fragmentada, em phrases interrompidas, ao que nos commovia:

— Que fazer... que fazer!...

— Os Problemas esvaem-se, quando já julgamos havel-os posto em equação...

— ... com mais Incognitas do que as que podem ser explicadas...

— As Religiões estalam em volta das almas que já não cabem dentro d'ellas...

— As necessidades religiosas dos espiritos completos perturbam as Philosophias racionaes...

— Em todos os Progressos se sente, essencialmente, que a distancia ao Infinito é sempre, para todo o sempre, a mesma...

— Que fazer... que fazer?!...

— Antinomias insoluveis...

— O resto do mundo não vale mais que este paiz...

— ... sendo ao mesmo tempo certo que este paiz vale menos que o resto do mundo...

— Porque não poder entrever, ao menos, a Theoria do Universo...

— Entremos contentes na realidade burgueza...

— Corramos a Cenóbios...

— Corramos ao Chiado...

— Tra la rá la ri
Tra la ra la rá...
Oh! prazeres da Baixa,
Quem vos dera cá!...

— Ensimismemos-nos na contemplação do Ser.

— Vejamos idiotamente passar Deputados...

— ... ou sejamos, nós mesmos, Deputados idiotas que passam...

— Admiremos os Poetas lyricos gratos ás Damas de Lisboa...

— ... ou recitemos, nós mesmos, versos sanccionados no Martinho...

— Que fazer... que fazer?!...

— Tantos Mundos, em descoberta, a explicar...

— Tanto cerebro incapacitado por Dispepsias...

— Oh! tempos simples da Belleza grega!

— Oh! Epicuro!...

— Tempos do nitido e simples ideal heroico!...

— Oh! Homero!...

E todos tres, tristissimos, desesperados, n'um mesmo movimento nos voltámos...

Exactamente por detraz de nós, na quina do alegrete, erguia-se um busto de Homero que vagamente conheciamos, mas em que nunca haviamos reparádo.

Fitámol-o sombrios.

Mas para logo... n'uma convulsão... n'um espasmo... todos tres, apertando as ilhargas, cahimos a rir... a rir... a rir... n'um banco proximo e no chão do Jardim.

E d'então por diante, sempre que algum de nós descria do Ideal, ou desesperava da vida, baixava ao Jardim de S. Pedro de Alcantara a contemplar o busto alegre de Homero, esculpturalmente realisado, por não sei que artista portuguez, em marmore e em grotesco, tão grande,

n'outro genero, como a *Iliada*, e muito maior, no mesmo genero, que a *Batrachomyomachia*.

O Anthero de Quental, e todos nós, devemos muito, por annos, a esse busto hilariante e consolador.

Foi á casa de S. Pedro de Alcantara que o Guerra Junqueiro veio ler o primeiro manuscripto da *Morte de D. João*.

Foi aqui que começámos a tratar o Oliveira Martins, e era aqui que mais tarde, já reconciliado com o Anthero de Quental, com quem no Porto se batera em duello, apparecia, ás vezes, o Ramalho Ortigão.

O Augusto Fuschini, o José Tedeschi, o Philemon da Silva Avellino, o Alberto Telles, o Antonio Machado e o Augusto Machado,—que começava então a compôr musica, a quem nós encarregavamos de nos fornecer de ideal sob essa fórma, e para quem o Anthero de Quental traduziu um *libretto*,—vinham tambem, alem dos já mencionados, mas mais accidentalmente.

Mais tarde chamou-se a isto um *Cenaculo*. Varias pessoas brilhantes, e *do mundo*, acharam util collocar-nos em attitudes consagradas e interessantes e attribuir-nos *póses chics*, calumniando-nos com a imitação da Bohemia litteraria franceza de 1830. Posso porem asseverar que o Anthero de Quental, e o grupo muito limitado dos seus amigos, ignoraram sempre, absolutamente, que fossem *um Cenaculo*, ou qualquer outra cousa com pretensões a *Eschola*, a *Centro*, a *Nucleo* pittoresco de Philosophia e Arte.

*

Aos Domingos, de manhan, e n'outros dias, tarde, depois de cerrada a Livraria Bertrand, vinha ver-nos o José Fontana: Sempre vestido de preto, muito alto, mui-

to magro, muito palido, o cabello longo, negro e corredio, um pequeno bigode alourado, todas as feições como que aguçadas, o olhar e o sorriso tristes, apertava-nos as mãos silenciosamente e sentava-se a um canto, se havia mais alguem presente, sem quasi tomar parte na conversação.

Logo, porem que se achava a sós comnosco, depois de examinar cuidadosamente o quarto e o corredor perto, sorrindo sempre, com a mesma melancholia, mas com inteira segurança, o José Fontana dizia em voz baixa:

— Para a semana... sabem? Para a semana sem a menor duvida, rebenta *ella*.

E contava pormenores, mostrava cartas recebidas, — que repentinamente lhe appareciam desdobradas nas mãos, e n'um momento, tambem, desappareciam, não se via bem como, nas algibeiras interiores, nas dobras do longo casaco negro que sempre o cobria: — Uma serie de movimentos revolucionarios, habilmente preparados, methodicamente distribuidos, maduros já, ia infalivelmente cobrir de Republicas a Europa. A Revolução social, — *ella*, — seguir-se-lhes-hia, ou far-se-hia de per si só, d'um modo infalivel, absolutamente seguro, sem a possibilidade d'um revez.

O Anthero apresentava as suas duvidas, eu accumulava as minhas objecções. O José Fontana ouvia-nos com toda a attenção; e, com a cabeça, com as duas mãos abertas e estendidas, approvava o que nós diziamos, approvava todas as contradicções, approvava a exposição dos planos, dos systemas, das doutrinas as mais encontradas, frio, sorridente, mas, implacavel, murmurando, sempre, a espaços:

— Perfeitamente,... sem a menor duvida... estamos de accordo: mas por tudo isso creiam, que — *ella* não póde deixar de rebentar, o mais tardar, para a semana.

Ás vezes, ás horas tradicionaes das conspirações romanticas, o José Fontana vinha buscar o Anthero para o apresentar em *centros*, para o fazer conferenciar com chefes e agentes.

Foi assim que o Anthero escreveu alguns dos seus opusculos socialistas e que algum tempo se redigiu a *Republica federal*.

E' porém um erro completo, — uma das muitas lendas que se formaram em volta do Anthero de Quental e dos seus amigos, — o suppôr que algum plano revolucionario positivo, politico ou social, foi jamais concebido, combinado, e posto sequer em começo de execução.

Havia já então em Lisboa e em Portugal muitos descontentes politicos: Medicos, Professores de Escholas, Litteratos, alguns Empregados publicos pensavam no modo de interromper fundamentalmente a serie banal constituida por um «fontes» permanente e «braamcamps», «bispos de Vizeu», e «avilas» variaveis, todos de accordo em manter os mesmos *deficits*, e em repetir os mesmos emprestimos. Havia então já tambem, sem duvida, muitos rapazes novos, mas eminentemente praticos, que desde os 18 annos aspiravam generosamente a ter um Partido politico, e a ser, em successivas phases de dedicação patriotica, Administradores de Concelho, Deputados influentes, Oradores imaginosos e Ministros argutos. Mas havia, ainda, uma mocidade alimentada, pelo idealismo das revoluções francezas de 89 a 48 que só podia interessar-se pela politica, se ella se manifestasse em movimentos apaixonados e pittorescos. Para esta ultima os Estadistas portuguezes eram sobretudo odiosos pela sua extensa mediocridade litteraria, pela sua emphatica nullidade rhetorica, e pela sua absoluta chateza artistica. Estes visionarios descontentes d'uma politica, com effeito sem finanças, mas escandalosamente sem esthetica, re-

uniam-se em differentes cafés, em typographias de jornaes pouco lidos, em lojas maçonicas emprestadas, e discutiam, vagamente, toda a sorte de ideaes politicos e administrativos. Em torno dos ingenuos grupavam-se os especuladores e espiões, (como muitas vezes soubemos,) dos differentes Partidos da Politica official.

D'uma vez, em successivas reuniões do mesmo grupo, um cavalheiro de aspecto profundamente respeitavel pedia sempre a palavra para fazer um longo discurso: N'elle expunha o pessimo estado do paiz, da Hespanha, da Europa; a necessidade instante de uma reforma radical, cujos principios elle exemplificava largamente, collocando-se, como critico, em diversos pontos de vista, suppondo differentes hypotheses:

— Para tudo isto porem, meus senhores, terminava elle, para tudo isto, o que é preciso fazer? Publicar livros, pamphletos, um jornal. E para publicar livros, pamphletos, um jornal, que precisamos nós possuir? Um prélo: Ora eu sei, n'este momento, d'um prélo que se vende muito em conta...

Duas, tres, dez, vinte vezes foi este discurso pronunciado: o cavalheiro de aspecto profundamente respeitavel queria uma revolução, — para vender o seu prélo.

A isto chamavamos nós, ironicamente, *conspirar*.

D'estas conspirações voltava o Anthero, e voltavamos nós todos, epigrammaticos e frios, a discutir, entre nós, por dias e noutes sem fim, as vantagens theoricas e innegaveis, em dadas condições... de todos os systemas, desde a Monarchia até á Republica e ao Cesarismo.

São d'este periodo numerosas invenções burlescas, principalmente do Eça de Queiroz, por este pouco depois publicadas nas *Farpas*.

O Anthero de Quental interessava-se pouco na importancia pratica de serem os *deficits* e os *emprestimos* dos Orçamentos portuguezes organisados pelos Ministros

da Fazenda d'uma Republica, em vez de serem dispostos pelos Ministros da Fazenda d'uma Monarchia; ou de ser uma maior ou menor lista civil embolsada por um Presidente — eleito, de casaca, — em vez de o ser por um Rei — hereditario, de farda e manto. — Interessava-se porém vivamente pela condição social e economica das Classes operarias: A este assumpto desejou elle, por mais d'uma vez, consagrar inteiramente a sua vida. O *Povo*, a *massa das classes dirigidas*, foi sempre, para elle, o unico, mysterioso mas verdadeiro, heroe da Historia, *entidade collectiva*, mas *organica* e *individual*, que creara os Mythos, as Religiões, as Artes, as Epopeias e que, de tempos a tempos, em momentos fataes de crise, providencial e inconscientemente, substituia os Codigos e illuminava o mundo em revoluções ferteis.

Nem sempre o seu pensamento tomou a fórma precisa e secca com que aqui o resumo: Analysando, discutindo, vivendo, o Anthero de Quental, nas continuas incertezas philosophicas do seu espirito, modificou muitas vezes uma tal concepção, que era, todavia, a genuina fórma, primitiva, espontanea, como que religiosa, do seu sentir.

*

O João de Deus era uma das rarissimas pessoas que o Anthero de Quental ia ás vezes ver, de tarde ou á noute, primeiro á Hospedaria da Bella Estrella, na rua da Prata, depois n'uma casa de hospedes, na rua dos Correeiros.

O João de Deus tinha ainda então uma longa barba preta-azulada de moço chefe marroquino, e uns olhos prodigiosos de cavallo arabe. Estava por esse tempo preoccupado com a invenção do seu *Methodo de Leitura*... e com a adopção d'um aparo especial de pennas de pato de que elle se servia para traçar lettras elegantes como

arabescos. Se lhe fallavamos d'algum escriptor moderno, o João de Deus encolhia os hombros, sem mesmo procurar saber o nome mencionado, e lia-nos com enthusiasmo os versos de *Marilia de Dirceu*, accrescentando:

— Creiam VV.: todos os versos de que as nossas cosinheiras não gostam são maus por força. Para mim ha hoje só duas leituras verdadeiramente interessantes: é a *Marilia* e os annuncios do *Diario de Noticias*. Querem VV. vêr?

E puxando d'um jornal, começava a commental-o.

Frequentemente, com o João de Deus, havia padres, com quem o Anthero discutia, — muito mais profundo, e, apparentemente, muito mais catholico do que elles, — theologia christã.

N'uns tempos que esteve em Lisboa, ia muitas vezes comnosco, ao João de Deus, o Joaquim Negrão, — o pescador de atum, artista, negociante, aventureiro, romantico, e capitão de navios com quem o Anthero fez a viagem de Nova York.

Em certas tardes, depois de jantar, na Hospedaria da Bella Estrella ficavam a conversar comnosco alguns hospedes.

Dois d'elles, Commendadores brazileiros, sabendo serem o Anthero de Quental e o João de Deus, grandes escriptores portuguezes, chamavam-lhe *doutores*, sempre que lhes dirigiam a palavra, e procuravam instruir-se, propondo-lhes problemas de difficil solução.

Uma noute um d'esses brazileiros, preoccupado, perguntou ao João de Deus:

— Oh snr. Doutor, qual é a razão porque uma bala que atravessa um vidro, faz n'elle, em geral, apenas um buraquinho redondo, sem o estalar?

— Ora essa! — respondeu o João de Deus sem hesitar um momento: — A bala não estala ó vidro porque não vale a pena.

— Porque não vale a pena! — disseram juntos os dois Commendadores estupefactos.

— Está claro. — continuou o João de Deus.

— Clarissimo. — appoiou o Anthero de Quental.

— Clarissimo. — echoámos nós, sem fazer a menor ideia do que ia seguir-se.

— Ora reparem bem: — continuou o João de Deus, apontando para uma das janellas da casa de jantar. — Supponham que se dava um tiro de pistola n'essa vidraça: Hão-de admittir que, por perto que a pistola estivesse do vidro... mesmo que estivesse muito perto, muito perto... sempre, entre a bocca da pistola e o vidro, haveria uma certa distancia...

Os Commendadores interromperam com um gesto, aproximaram-se da janella, levando um pão de bico nas mãos, apontaram-n'o a differentes distancias, e concordaram, por fim, com a permissa.

— Muito bem — continuou o João de Deus, abrindo muito os seus olhos magneticos de Beduino. — Agora sigam-me com toda a attenção: Da bocca da pistola ao vidro a bala tem de percorrer um certo caminho, durante o qual não póde estalar o vidro, porque ainda lhe não toca...

— ... Perfeitamente, — disseram os Commendadores.

— Durante o momento... o instante... em que a bala toca no vidro, atravessando-o, a bala poderia estalal-o...

— E então?... — exclamaram os Commendadores, anciosos.

— Mas vae com uma tal pressa... com uma tal pressa... que não tem tempo...

— Elle as balas andam que tem diabo, — ponderou com gravidade o Anthero.

— Depois de passar pelo vidro... proseguiu o João de Deus...

— É verdade: e depois? — repetiram os brazileiros machinalmente.

— Depois?... depois não vale a pena, — concluiu o João de Deus com convicção.

*

D'outra vez um dos Commendadores brazileiros apresentou duvidas sobre a rotação da Terra e contou:

— Eu hoje fui passear ao Campo de Santa Anna e disse commigo: Se a Terra anda e eu atirar com uma pedra ao ar, o ponto da Terra sobre que eu estou, girando commigo, deve afastar-me da columna de ar que n'este momento está sobre a minha cabeça, e a pedra irá cahir muito mais longe, no ponto do Globo que então se achar por debaixo d'ella. Meu dito, meu feito: peguei n'uma pedra e atirei-a o mais alto que pude.

— E... aconteceu? perguntámos todos.

O Commendador com um sorriso profundamente ironico, — evidentemente dedicado á credulidade presumpçosa dos sabios, — respondeu com vagar:

— ... E aconteceu, meus senhores, que a pedra veiu-me cahir em cima do chapeu, e ia-me partindo a cabeça... exactamente como se a Terra não girasse.

O Anthero de Quental tomou então a palavra e fez notar ao Commendador:

— Essa experiencia não me parece decisiva. Olhe o meu amigo, que n'este mundo ha muito garoto que joga a pedra e ninguem nos assegura que a pedra, que cahiu sobre o chapeu do Commendador, não houvesse sido atirada por alguem quiçá a muitas leguas de distancia.

Os Commendadores brazileiros pensaram por momentos na objecção e todos nós a achámos inteiramente procedente.

— Com effeito... com effeito... — repetiam os Commendadores, meditabundos.

Tempos depois, quando já ninguem pensava em tal, os Commendadores sorrindo, triumphantes, disseram para o Anthero:

— Saberá o snr. Doutor que temos hoje uma prova decisiva de que a Terra não gira.

— Como assim?! — exclamámos todos.

— *Não gira:* — repetiram os dois Commendadores apoiando com firmeza cada uma das palavras.

— Voltei hoje ao Campo de Santa Anna, — continuou o 1.º Commendador.

— E eu fui com elle. — interrompeu o 2.º Commendador, porque eu sou muito pratico e gosto sempre de vêr pelos meus olhos.

— E então? — perguntou o Anthero.

— Então, — disse o 1.º Commendador, escrevi o nome «Soares» na pedra que atirei ao ar de modo que, quando ella cahiu pude verificar... que era a mesma: tinha Soares.

— Tinha Soares, — reforçou o 2.º Commendador: — tinha Soares: eu vi elle.

E ficou n'aquella noute decidido por nós todos, em Lisboa, na Rua do Ouro, e na Hospedaria da Bella Estrella, que a Terra não girava.

*

Pouquissimas pessoas conheciam e quasi ninguem via o Anthero de Quental em Lisboa. Dias e semanas passavam sem que fallassemos a alguem fóra do grupo limitado de amigos que tenho mencionado.

Para a gente de Lisboa o Anthero de Quental passou muito tempo por ser absolutamente inintelligivel, quer

fallando quer escrevendo, ainda mesmo depois da *Carta* ao Visconde de Castilho, promptamente esquecida, e das *Odes modernas* que poucos haviam folheado, e esses, entre gargalhadas e epigrammas. O *Estylo coimbrão*, de que o Anthero de Quental era considerado o grão-mestre, designava então em Lisboa, tudo que parecia obscuro.

De uma vez um festejado litterato lisboeta, um dos melhores espiritos do Martinho e do Chiado, que me conhecia, appareceu por nossa casa contando ironicamente que vinha aprender Metaphysica com o Anthero.

Conversou-se largamente no assumpto.

O litterato, entre as profundas exposições e os ditos imprevistos do Anthero, perdeu logo o seu ar de disfructador, entontecido pela rapidez com que Metaphysica e ditos cahiam sobre elle.

Por fim o Anthero, animando-o nas suas graves intensões apparentes, disse-lhe que havia um ponto de partida essencial e prévio, para qualquer investigação metaphysica, que consistia em *sentir o ser:*

— V. *sente o ser?*

O litterato pediu explicações, pensou no caso... mas declarou que lhe parecia não *sentir o ser.*

Estavamos presentes o Eça de Queiroz, o Lobo de Moura, o Salomão Saragga, eu... e todos olhámos com lastima para o infeliz.

— Pois então, meu caro amigo, — disse o Anthero depois d'um silencio, — veja se consegue chegar a *sentir o ser*, e volte por cá.

Passados dias o litterato voltou. Mas como absolutamente lhe houvesse sido impossivel *sentir o ser*, o Anthero aconselhou-o a que se entregasse de todo á Litteratura, mas á *grande Litteratura*, á *nova Litteratura*, principalmente inaugurada pelos Poetas — kossacos.

O litterato sahiu de nossa casa para o Silva livreiro

a encommendar as traducções francezas dos Poetas — kossacos.

*

Em Agosto iamos, o Anthero e eu, para casa de meu pae, perto de Torres Vedras, e depois para Santa Cruz, uma praia de banhos proxima, completamente desconhecida, então, dos habitantes das cidades de Portugal.

Santa Cruz tinha, por esse tempo, apenas algumas casas espalhadas sobre as ribas, d'onde se avistava, para noroeste, Peniche, n'um extremo da costa, e, ao largo, os ilheus das Berlengas.

N'uma pequenissima casa, ao rez do chão, feita de adobes rebocados, com a porta sempre aberta para um campo valado de piteiras, viviamos, o Anthero e eu, um ou dois mezes, quasi inteiramente sós.

A nossa casinhola, todos os annos a mesma, era então a ultima ao sul, sobre o mar, com as trazeiras voltadas para o resto das habitações da aldeia.

Por muitos dias, só viamos a velha Magdalena, que nos servia, e o marido, o Francisco, meio lavrador, meio homem do mar, sempre pasmado das historias dos Açores que o Anthero lhe contava.

O Anthero tentava concertar, em banhos de mar, os seus nervos cada vez mais desequilibrados. Queria tambem cansar-se, caminhndo ao ar livre, como nos tempos de estudante, em Coimbra; e passavamos, ás vezes, dias inteiros, atravessando as dunas, ao longo da costa, e passeando até á Ponte de Rol, á Assenta, á Maceira, ao Vimeiro, eu herborisando, caçando insectos, o Anthero philosophando, na permanente discussão em que vivemos por annos.

Estavamos em Santa Cruz durante as grandes crises da guerra franco-prussiana:

Todos os dias, pelas dez horas da manhã, chegavam de Torres Vedras, para a pequena povoação de banhistas, as provisões e a correspondencia, trazidas pelo Leonardo, em dois ou tres burros, que nós iamos esperar ao caminho da Silveira, anciosos de conhecer as peripecias da extraordinaria historia. Assim soubemos, dia a dia, o esmagamento methodico, calculado, infallivel, dos exercitos francezes, desde Reichshofen até Sedan.

— Que raça! Que raça! — dizia o Anthero, com veneração. — O futuro é do germanismo: Amigo, é preciso saber allemão.

Nós haviamos n'esse anno levado para a praia, entre outros livros, o *Fausto* de Goethe, alguns volumes de poesias de Heine e de Rückert, a *Historia de Portugal* de Schæfer, — e liamos e traduziamos febrilmente allemão.

O Anthero de Quental estava então muito agitado. Os banhos do mar, os largos passeios de leguas, ás vezes em areia, sob o sol e a luz de setembro, pareciam excital-o, endoidecel-o. As nossas discussões que, apesar da quasi constante differença de modos de vêr, eram sempre serenas, tornaram-se então em luctas pessoaes: D'uma vez, vivendo sós, como descrevi, na casinhola onde mal cabiamos, dormindo no mesmo quarto, comendo á mesma mesa, por não sei que divergencia de opiniões philosophicas, ou talvez porque soprava um vento electrico de oeste, estivemos, — caso unico durante as nossas longas relações, — dois dias inteiros sem nos fallarmos.

*

Um dia, pensando na riqueza immensa do moderno movimento de ideias, cuja existencia parecia ser tão abso-

lutamente desconhecida em Portugal, pensando na apathia chineza dos lisboetas, immobilisados, durante annos, na contemplação e no cinzelar de meia ideia, velha, indecisa, em segunda mão, e em mau uso, — pensámos em supprir uma das muitas lacunas lamentaveis creando ao menos, um poeta satanico. Foi assim que appareceu Carlos Fradique Mendes.

O nosso plano era consideravel e terrivel: Tractava-se de crear uma philosophia cujos ideaes fossem diametralmente oppostos aos ideaes geralmente acceites, deduzindo, com implacavel e impassivel logica, todas as consequencias systematicas dos pontos de partida, por monstruosas que ellas parecessem. D'essa philosophia sahia naturalmente uma poesia, toda uma litteratura especial, que o Anthero de Quental, o Eça de Queiroz e eu, nos propunhamos construir a frio, applicando os processos revelados pelas analyses da Critica moderna, desmontando e armando a emoção e o sentimento, como se fossem machinas materiaes conhecidas e reproduziveis.

Para que o movimento se apresentasse respeitavelmente aos olhos dos imitativos Publicistas da capital portugueza, onde nós iamos fazer viver e pensar Carlos Fradique Mendes, era indispensavel crear-lhe uma tradição uma Eschola, que se pudesse suppôr admirada algures, nos venerados paizes extrangeiros. Além de que, nós projectavamos crear no mais intimo e phantastico absurdo, no mais extremo contradictorio, nas regiões mais irracionaes e insensatas do Espirito, mais longe, mais fundo que Poë, que Nerval, que Beaudelaire.

Os *Satanicos do Norte* foram assim inventados; os seus nomes, biographias, e obras, coordenadas. Sobre elles se publicou um primeiro folhetim na *Revolução de Septembro* acompanhando algumas poesias de Fradique. O nome d'um d'esses monstruosos poetas era perigoso de pronunciar, produzia o vomito, tendo só consoantes:

Hrldwzh. Mas o *grande artista* que mais acceitação teve em Lisboa foi Clurug, citado, com respeito e louvor, em livros de Critica litteraria do tempo: Os livreiros, instados por alguns dos mais cultos litteratos portuguezes, durante muitos mezes encommendaram, para Paris, as *Obras completas*, d'este diabolico e phantastico author.

As poesias publicadas sob o nome de Carlos Fradique Mendes não dão porém ideia do que realmente nos propunhamos fazer. As obras mais caracteristicas ficaram ineditas. Algumas conservo eu ainda nos autographos originaes do Anthero de Quental e do Eça de Queiroz.

Essas poesias eram suppostas artificialmente escriptas, como eu já disse, collocando-se os verdadeiros authores, de proposito, n'um ponto de vista extranho. Não estou porém inteiramente certo que o Anthero de Quental — porque é d'elle apenas que me occupo agora, — não puzesse ás vezes, com sinceridade, sentimentos proprios no que Carlos Fradique Mendes assignava.

Esta brincadeira, — porque não passou d'uma brincadeira, — revela porém um dos estados por que a miudo passava o espirito do Anthero de Quental: o do mais profundo e desanimado scepticismo.

— Todos os systemas são equivalentes — dizia elle, — todos os systemas são bons, porque todos os systemas são maos. A obra do Ser-collectivo «Humanidade» hade fazer-se infalivelmente: está-se fazendo n'este momento; estamos nós todos a fazel-a sempre; e, se não somos nós, alguem é, alguem será. Não nos desesperemos. Todos os systemas são equivalentes: Mas é preciso ter um systema, qualquer que seja.

E n'este tom o Anthero tinha ditos incomparaveis, proclamando a impassibilidade inexpressiva, e a absoluta inercia, como o ideal do aspecto do homem, em face do Enigma irritante das Cousas e das contradicções insoluveis da Existencia.

*

Mas tudo isto era exterior e momentaneo.

O Anthero de Quental tinha o mais violento, apaixonado e affirmativo dos temperamentos. A paixão exaltava-o, principalmente, nas suas permanentes preoccupações philosophicas. Considerando o homem capaz de se aproximar, cada vez mais, da natureza intima das Cousas, acreditando mystica e invencivelmente na possibilidade de chegar a possuir o seu conhecimento, julgava-se pessoalmente, elle que dedicava a vida á contemplação das Noções fundamentaes, como que com direito á Verdade. A desordem das ideias, o cahos do pensamento, a persistencia dos grandes Enigmas, irritava-o, enlouquecia-o Foi esta a tremenda, a transcendente lucta de toda a sua existencia. Eu conheci, por muitos annos, os mais intimos incidentes da sua vida de familia e do sentir do seu coração. Sei o que, durante esse tempo, o inquietou, o apaixonou mesmo violentamente: — porém tudo com passageiras vibrações. Emquanto eu tractei de perto com o Anthero de Quental o seu profundo interesse foi, sempre, a coordenação do seu pensamento, a determinação d'um ideal transcendente e exacto, a solução do definitivo problema. E foi philosophicamente, mas com transcendente desespero, que elle chegou ao *Nirvana* e ao Pessimismo, onde tantos tem chegado, — onde elle entendia que sempre devia chegar-se, — sereno e contente. Milhares de homens perderam a vida em busca da verdade, em busca da solução de problemas por elles proprios postos em equação insoluvel. Mas o que caracterisa o Anthero de Quental é a magoa apaixonada e mortal que sempre o possuiu, superior a todos os raciocinios e a todas as consolações philosophicas, de que a humanidade não pudesse attingir essa verdade.



Não sei já porque sahimos da casa de S. Pedro de Alcantara e fomos viver para a rua da Cruz de Páo (que hoje tambem já se chama d'outra maneira), ao alto de Santa Catharina, onde nos demorámos pouco tempo.

Um dia alguem descobriu na rua dos Prazeres, a meia encosta da rampa que do valle da rua de S. Bento sóbe á praça da antiga Patriarchal, uma casa que pareceu absolutamente convir-nos, e onde nos estabelecemos até 1872.

A rua dos Prazeres era então uma verdadeira rua de aldeia, incompletamente ladeada de casas baixas que não occultavam de todo as arvores dos quintaes, onde se ouvia, ás tardes, o tinir das malhas nas partidas populares de chinquilho. Por mezes não se via ahi uma carruagem. De manhan gritavam alguns pregões pittorescos e musicaes, e o resto do dia soavam apenas, perto, as vozes de creanças, e de algures, para os lados da cerca do Convento de S. Bento, os lamentos arrastados d'uma nóra e o cahir fresco da agua.

O Augusto Soromenho, que morava a pouca distancia, apparecia-nos então a miudo.

Foi n'esta casa que se planearam as *Conferencias democraticas do Casino.*

O fim directo do Anthero de Quental, e o dos que, com elle, iniciaram a empreza, era lançar nas preoccupações dos portuguezes as mil questões que agitavam então o pensamento dos homens, discutindo em publico e livremente, todos os problemas, descrevendo sem rebuço todos os resultados a que as Sciencias, a investigação, a Critica tinham chegado.

Para isto convidaram-se todos os homens, moços ou velhos, que pareciam estar ao facto do movimento intel-

lectual moderno e que pareciam dever ser sinceros, desligados de qualquer interesse que os pudesse fazer calar ou mentir.

Como é sabido, alguns politicos especularam com o acontecimento, outros assustaram-se com elle. Descobriu-se que, visto como havia em Portugal uma Religião official, não podia ser permittido discutir — n'um paiz da Europa, e em 1871, — nem o Concilio de Trento, nem os *Historiadores criticos de Jesus*, nem o *Socialismo*. A lenda apoderou-se então largamente do assumpto. As *Conferencias democraticas do Casino* eram, segundo ella, a primeira manifestação d'um movimento revolucionario, socialista, e republicano. Assegurou-se que atraz de nós havia organisados milhares de operarios, promptos a obrar...

*

Entretanto o José Fontana continuava a apparecer, sempre mysterioso, acautelado, fallando pouco e baixo, sorrindo com melancholia, mostrando cartas e promettendo que, sem falta, *ella* rebentaria, — para a semana.

D'uma vez entrou-nos, de noute, em casa, onde o Anthero e eu prevenidos, o esperavamos sós. Vinha acompanhado de tres homens estrangeiros, novos ainda, pobremente vestidos: Eram tres chefes emissarios da *Associação internacional dos Trabalhadores.*

Estes tres homens, sem duvida muito notaveis e, depois, muito conhecidos em todo o mundo, — disseram-nos o plano da vasta organisação, expuseram as doutrinas de Karl Marx, e as theorias que, já mesmo então, dividiam o Socialismo nascente, sob esta nova fórma de combate.

Ouvimol-os quasi toda a noute.

No dia seguinte o José Fontana appareceu mais cedo e contou-nos, sempre tranquillo, sempre sorrindo, que a policia o seguia por toda a parte, que não podiamos tornar a reunir-nos n'uma casa qualquer, e suggeriu — o Tejo e um barco.

N'essa mesma noute fomos ao Aterro, o Anthero e eu, pagámos a um barqueiro para nos deixar remar sósinhos no seu bote e fizemo-nos ao largo. A uma hora combinada aproximámo-nos d'um outro caes onde o José Fontana nos esperava com os internacionalistas. E durante horas, n'essa noute e nas seguintes, sobre o Tejo, emquanto eu remava, o Anthero discutia, com os emissarios socialistas, a revolução operaria que já lavrava na Europa.

Em 1875 o Anthero de Quental e eu fomos convidados por uma casa editora de Lisboa para dirigir uma Revista — a *Revista Occidental*, — collaborada por escriptores portuguezes e hespanhoes, e conseguintemente, escripta nas duas linguas da Peninsula, porque a casa editora julgava assegurar assim á publicação, em Hespanha e na America do Sul, um mais vasto numero de leitores. Mas, quaesquer que houvessem sido 7 annos antes as ideias do Anthero de Quental sobre Iberismo, os fins da *Revista Occidental* foram absolutamente litterarios. Ella tinha para os seus directores e, pelo menos, para os seus collaboradores portuguezes, os mesmos fins que as conferencias do Casino.

O Anthero de Quental vivia então com sua mãe e sua irmã mais nova, na rua do Thesouro Velho, e estava muito doente. Quasi não sahia de casa e começava a poder apenas comer uma vez em 24 horas. O Curry Cabral applicava-lhe *botões de fogo* ao longo da espinha dorsal.

As suas opiniões, — deverei antes dizer *crenças* philosophicas, porque todas as convicções do Anthero de Quental assumiam caracter religioso, — começavam, por esse tempo, a soffrer uma profunda transformação dolorosa que elle mesmo julgava equivalente á morte do homem que elle fôra por 15 ou 16 annos.

Assim o deixei em 1876.

No mez de março d'esse anno partia eu de viagem para a America do Norte.

*

Quando em 1877 voltei á Europa, o Anthero de Quental estava perto de Paris, tratando-se. O Dr. Charcot examinara-o, diagnosticava-o profundamente hysterico, e aconselhara-lhe choques d'agua fria na espinha dorsal. Por isso residia n'um estabelecimento hydrotherapico, em Bellevue, onde fui vêl-o.

Pareceu-me transformado: Estava alegre, animado, expansivo, cheio de planos. A sua lucta terrivel com o anjo armado que guarda o segredo intimo das Cousas continuava, como sempre, terrivel e incessante, e era, como sempre, o seu interesse capital e absorvente. A este misturava-se então, porém, um interesse pessoal mais normalmente humano e ordinario.

Fomos n'essa manhan, — uma manhan clara de Outono, — almoçar, em Bellevue mesmo, a um *restaurant*, ao ar livre, sobre uma mesa collocada juncto d'uma grande arvore, entre cujos troncos havia um pavilhão suspenso, e meio occulto pelas folhagens que começavam a rosar-se, e onde, quando nós partimos, se installaram, rindo e abraçando-se um rapaz e uma rapariga.

D'ahi fomos a Versalhes, e passámos o dia percorrendo os jardins, deitando-nos sobre as camadas espessas

e elasticas das folhas que já cahiam apressadas dos arvoredos, juncto dos Faunos ironicos e das Nymphas *coquettes* do Seculo XVII.

O Anthero de Quental tinha muito que me contar, — o seu ultimo romance. N'esse dia discutimos casos subtis de psychologia, que não podem, é claro, ser entregues á publicidade.

Um dia, antes de eu partir de Paris, uma Senhora, estudando a mão esquerda do Anthero de Quental, diante de mim e de mais pessoas que ainda hoje o podem testemunhar, disse-lhe, a rir, as seguintes palavras de que exactamente me recordo:

— Tome cuidado... tome muito cuidado... Vejo que hade morrer de morte violenta...

*

O Anthero de Quental voltou pouco depois a Portugal. Parecia com effeito ter melhorado. Os novos projectos que me contara em Bellevue e Versalhes, a ideia d'uma nova existencia normalmente organisada, animava-o ainda. Pouco a pouco porém as bases d'essa edificação começaram a alluir, e a doença a desenvolver-se, mais forte que nunca, sobre as ruinas.

Vivia então em casa de sua irmã a Sr.ª D. Anna Callado, na rua do Passadiço, por detraz da Egreja de S. José. O bairro é bastante socegado; o quarto do Anthero fôra escolhido no alto da casa para o lado dos quintaes. Mas o Anthero tinha insomnias implacaveis; e, quando, extenuado, começava a dormir, o mais leve rumor o acordava. Inventou apparelhos que o isolassem de todos os ruidos exteriores; deitava-se com a cabeça envolvida em almofadas; e n'esta lucta passava noutes inteiras, grande parte do dia, querendo ter ou mostrar, pelo me-

nos, serenidade, para remediar, dominar o seu estado, mas ás vezes, por momentos, abandonando-se, como doido, a furias irresistiveis.

De dia, abatido pelas longas horas de combate, ficava sobre a cama scismando. São de então muitos dos ultimos *Sonetos,* que elle escrevia deitado: Sobre a mesa da cabeceira havia sempre um livro marcado de signaes symetricamente cortados, um pequeno pedaço de papel com alguns versos,—ás vezes apenas um ou dois, nos tercetos finaes do futuro soneto, cujas quadras estavam ainda em branco.

Pela morte de seus paes, o Anthero de Quental tirava das terras que herdara, na Ilha de S. Miguel, o minimo que ellas podiam render. Socialista, que acreditava na gratuitidade do *Capital,* e invalido impossibilitado de ganhar a vida pelo mero *Trabalho,* a sua situação material era causa tambem de luctas constantes. Fez aos seus rendeiros a melhor situação possivel e ainda achou meio de adoptar as duas filhas d'um amigo morto. Sempre o conheci indifferente ao conforto, vivendo na mais extrema frugalidade.

Os novos planos que elle me contara esperançado em Paris, e que ainda o animaram, por algum tempo, quando voltou a Portugal, eram porem, segundo elle julgava, irreconciliaveis com o estado da sua fortuna. De modo que, emquanto circumstancias fataes, independentes da sua vontade e iniciativa, lhe iam desvanecendo a nova visão de possivel paz, elle proprio se julgava obrigado, em qualquer hypothese, a não se lhe entregar.

Mais que nunca, então, a ideia de que não tinha, na Sociedade, um papel definido, uma funcção, um officio, o attribulava. Por que viver e para que viver?

Este periodo foi talvez o mais tempestuoso—o de tempestade mais complexa de toda a sua vida.

São d'essa epocha as mais frequentes evocações da

30

morte nos seus *Sonetos*, nas suas poesias, que elle me lia no quarto da rua do Passadiço, ou ia ler á minha casa da rua d'Andaluz; é d'esse periodo o seu internamento, cada vez mais profundo e absorvido, nas doutrinas do Nirvana transcendente.

Assim o deixei, formando com os versos arrancados ao seu derradeiro poema lyrico, as suas ultimas odes philosophicas, quando ha 12 ou 13 annos, pela ultima vez o vi, antes de eu, pouco depois, sahir de Portugal.

*

Não teriam fim estas paginas se eu deixasse a penna correr sobre ellas, recordando os traços do caracter, da personalidade intima do Anthero de Quental.

Durante o tempo que eu o conheci, o que mais lhe occupou a existencia, logo depois da leitura, foi as discussões philosophicas. Nunca vi ninguem mais discutir assim. Nunca vi uma penetração egual, um poder de analyse tão subtil, uma intelligencia tão profunda das ideias. Discutia em voz quasi baixa, enunciando as palavras vagarosamente, com pausas, quasi sempre deitado, com a testa pautada de rugas horizontaes, os olhos cerrados e perdidos no ar, absolutamente sereno, por horas, por noutes inteiras, sem que a contradição o irritasse, sem que o desejo de sustentar uma these, ou de responder a um argumento, o fizesse, por um momento sequer, desviar do esclarecimento imparcial da verdade. Todos os argumentos contrarios ás suas opiniões eram por elle tranquillamente recebidos, analysados, avaliados; e quando lhe faziam especial impressão, reservava-os para novo estudo, reconhecendo, sem rebuço, quanto o haviam aballado. Anthero de Quental é o unico homem, dos muitos que eu tenho conhecido, que não punha nas suas discussões nem vaidade, nem lucta pessoal.

*

Muitas das anecdotas alegres que eu recordei nas paginas que precedem, como characterisando um dos lados do espirito do Anthero de Quental, e muitas outras que me esquecem agora, fizeram a este e aos seus amigos uma larga reputação de trocistas. Formou-se uma lenda, n'esse sentido, como em muitos outros.

Ponderosos politicos, graves academicos, pessoas officialmente respeitaveis declararam os membros do grupo — do supposto *Cenaculo,* — incapazes e perdidos para toda e qualquer utilidade.

O Anthero de Quental e os seus amigos foram, com effeito, o mais moços, o mais alegres, o mais meridionaes que poderam. Todos os que, d'entre elles, ainda hoje são vivos, mas já velhos, lamentam apenas, decerto, que não fosse possivel fazer durar mais tempo, nem nas ideias, nem na saude, nem na alegria descuidada, os felizes, e, ao que parece, futeis vinte annos de então.

Mas eu não me atrevo pela minha parte a suppôr que os ponderosos politicos, os graves academicos, e as pessoas officialmente raspeitaveis a que alludo, jamais estudassem e trabalhassem como durante toda a sua vida o Anthero de Quental estudou e trabalhou.

Nunca conheci quem, como o Anthero de Quental, tomasse tão completamente a vida a serio: Uma vez imposta a si mesmo uma missão, — e uma missão que era de realisação impossivel, — não deixou uma só hora de trabalhar no seu cumprimento.

*

Não é, mesmo para aquelles a quem o Anthero de Quental intimameute revelou as suas preoccupações e as

suas ideias philosophicas, estheticas, sociaes, — e não são de modo algum todos os que o conheceram na mais estreita convivencia, — o tentar dar por agora d'ellas uma noção qualquer. Não tentarei sequer, por isso, descrever, como n'elle, por fim, o Moralista absorveu o Philosopho, e como, na maturidade da vida do seu espirito, a *Bondade humana* o consolava de todas as cahidas aspirações d'uma trabalhosissima mocidade intellectual. Notarei apenas que, obrigado por temperamento a fazer sempre da sua vida uma fiel expressão da sua philosophia, o Anthero de Quental foi um dos homens mais profundamente bons que eu tenho conhecido. As crianças, as mulheres, os populares, todos os simples, todos os espontaneos, todas as ignorancias innocentes, exerciam sobre elle uma attracção poderosa; por ellas se esquecia das intelligencias, das ideias, das construcções reflexivas, a ponto de julgar, por fim, que, dada a inaccessibilidade de ser *verdadeiro*, era transcendentemente completo ser *bom*.

Jayme Batalha Reis



O DRAMA DA SUA VIDA

I



OUVE, em germen, em Anthero de Quental um santo, um filosofo e um heroe.

Heroe, isto é o idealista batalhador, o visionario homem d'acção, o revolucionario ardente e generoso, cuja figura impavida se destaca com um relevo belico de atleta e uma fulgurancia juvenil de aventureiro iluminado. E' o Anthero da mocidade. Conhecio-o ainda. Mostraram-me ha dias um retrato d'essa epoca. Era elle, lá estava a mesma cabeça resplandecente e vigorosa: a juba d'oiro leonina, a testa curta d'Hercules Farnesio, o olhar azul, cheio de intrepidez e de candura, e o labio virgem, d'uma puresa hellenica, d'uma frescura silvestre e matinal. Esse Anthero, impetuoso e combatente, alegre figura indomita de paladino, morreu novo.

Filosofo, isto é o espirito abstracto e metafisico, vi-

vendo, não a vida efemera e relativa das aparencias e dos fenomenos, mas a vida invisivel e intima do universo, interrogando não o *como,* mas o *porquê* da existencia, librando-se, impalpavel molecula consciente, avida de infinito, no Tempo e no Espaço, a contemplar até á morte o enigma eterno, com a certesa absoluta de nunca jamais o decifrar.

Nas almas mediocres e superficiaes actua sobretudo a realidade transitoria das linhas e dos sons, das formas e das cores. As naturesas elevadas, ao contrario, são sempre subjectivas e metafisicas.

Explicar a existencia, atingir o infinito, eis para ellas o martirio cruciante, a necessidade inexoravel. E, á medida que os anos decorrem, que os apetites se extenuam, que a animalidade se adelgaça, mais o espirito idealista se vae libertando das exterioridades enganadoras do mundo tangivel e material.

Em Anthero foi inato e precoce, irresistivel e organico esse dom de filosofia, de curiosidade transcendente. Desde moço ao fim da vida cravou os olhos hipnotisados no misterio supremo do *au delà.*

As theorias duravam-lhe mezes ou semanas, mas, aniquilada uma, architectava outra, porque o seu pensamento superior não podia exilar-se do infinito incomensuravel para a mesquinhez anecdotica da estreita vida dos sentidos.

Em quanto novo e combatente, a acção equilibrou n'elle a contemplação, e a pletora de saude e o movimento da lucta não lhe deixavam derivar todas as energias animicas para as regiões vertiginosas e perigosas da eternidade e do absoluto. Era um balão captivo. A doença partiu o cabo, e lá foi o aerostato levado pelos ares, atravez de nuvens, atravez de raios, atravez d'estrelas, n'um vôo d'aguia halucinada e fabulosa, até desaparecer e engolfar-se para sempre no abismo desconhecido e inenar-

ravel, onde as miriades infinitas de nebulosas e de mundos são argueiros invisiveis e fogos-fatuos instantaneos.

O *santo*, isto é a alma para quem a virtude é o fim unico da vida, o motivo soberano da existencia. Anthero aliou, caso raro, á grandesa intelectual a grandesa moral. Ao talento correspondia o caracter. Rasão luminosa, consciencia limpida. Ha moralistas imoralissimos. Em Anthero concordancia plena, identificação ininterrupta do escriptor com o homem. Mais bela ainda que os seus livros, a sua vida.

Mas nem o heroismo, nem a filosofia, nem a virtude creariam, de per si só, o grande, o imorredoiro poeta dos dois ultimos livros dos Sonetos. O poeta anterior era de segunda ordem. Quem operou então a maravilha? O soffrimento. A doença, aniquilando-o, imortalisou-o.

II

Analisemos um pouco.

A personalidade de Anthero, inicialmente, desdobra-se da seguinte forma:

Consciencia de justo, cristalina, limpida, inalteravel.

Rasão metafisica, ardentemente buscando o segredo do ser, o enigma da existencia, o destino do homem.

Vontade impetuosa e caracter inflexo, levando, pelo cumprimento do dever, ao heroismo e á santidade.

E, emfim, um principio morbido, (almas inferiores) no organismo ligado ás tres modalidades supremas, e, ora adormecido ou vencido, deixando-as expandir livremente, ora rebelde e venenoso, intoxicando a vontade, agoniando a rasão, mas nunca obscurecendo, um instante

que fosse, o brilho virginal e perene da consciencia e do caracter.

A vida de Anthero, desenrolando-se harmonica e luminosa, no jogo acorde e fecundo das tres virtualidades capitaes, sem que o elemento morbido, por crises, lhe houvesse nunca dificultado ou modificado a trajectoria, dar-nos-hia de certo, não talvez um grande poeta, mas antes um grande heroe, ou um grande santo. *Não um grande poeta*, tomando a palavra no sentido restricto da litteratura, pois que, na essencia e verdadeiramente, é Nunalvares ainda maior poeta do que Camões e S. Francisco d'Assis maior poeta que Nunalvares. Heroismo, genio, virtude, — tres momentos do mesmo ser, tres aparencias da mesma realidade: O Espirito evolucionando para Deos.

Em Anthero, dada a sua nobreza moral, a filosofia não significa apenas a curiosidade do intelecto. A ideia torna-se n'elle em conductora da vida, em norma da existencia. As abstracções fazem-se sangue, o verbo faz-se carne.

Ha, como disse, naturesas de moralidade baixa e mentalidade superior. Tal um Schopenhauer, entre faisões e champagne, prégando a beatitude nirvanica pela mortificação e pela renuncia.

Em Anthero o senso moral não desfalece, nem hesita. Pertence á raça d'um Spinoza ou d'um Loyola, cujas ideias, mal se geram, se traduzem em actos. N'essas creaturas o Espirito, a alma divina, subjuga as infinitas almas embrionarias, que constituem a animalidade de todos nós. Pensar é executar, conceber é realisar. E, dominando-se, dominam o mundo.

Porque não foi Anthero um d'esses homens?

Por duas causas:

A influencia deleteria do elemento morbido e a dis-

paridade continua da consciencia e da rasão, ante o problema metafisico.

A consciencia, agulha reveladora, marcando imovel o seu norte,—Deos. A rasão, inquieta e desvairada, oscilando febril n'uma tremura d'angustiá, hoje apontando o desalento, amanhã o desespero, uma hora a indiferença, outra hora a duvida, fechando cada periodo de anciedade por um momento de equilibrio, equilibrio que de novo se destroe para de novo se encontrar, e que só ao cabo de vinte anos definitivamente se realisa, pela comunhão de da toda a alma na luz absoluta da mesma fé.

Por noite negra e mar tormentoso, um barco fragil a duas bussolas guiado, esta indicando sempre a unica estrelinha do horisonte, aquella, meia louca, continuamente vacilando, paralelas ambas de fugida, logo diversas e contrarias, até se fixarem, por ultimo, na direcção unanime da mesma estrelinha redemptora.

D'ahi a ausencia d'aquella unidade psicologica, caracteristica dos grandes heroes e dos grandes santos, d'ahi a terrivel batalha espiritual, que fez d'Anthero um homem de genio, por fazer d'elle um extraordinario desgraçado.

O drama da Consciencia e da Rasão, eis, afinal, a sua obra.

Destruida aos desoito anos a unidade da alma pela morte da crença, a Rasão liberta-se, o drama principia. Varias vezes o escreve, e outras tantas o renova, e de cada vez mais intenso, mais largo, mais profundo. Os dois ultimos livros dos sonetos são o drama difinitivamente imortal. As versões anteriores, onde ha paginas admiraveis, não chegam ainda á sinthese absoluta, á grandesa epica e soberana, que o tempo não amesquinha, que a eternidade não dilue. É que no poeta das odes agita-se ainda o revolucionario. Os entusiasmos do batalhador encurtam a visão do filosofo. O choque das armas embebeda-o, a colera exalta-o, e o cisco da arena revolvida en-

pana-lhe as profundidades do horisonte. Soldado bravio e generoso, das rimas faz lanças, dos odes faz metralha. Imprime á sua arte um cunho indelevel de nobresa moral, mas diminue-lhe o alcance e a estabilidade, pelo ardor momentaneo que a produz, pela ideia efemera que a vitalisa. Arte acanhada e grande ao mesmo tempo. Arte incompleta. É já epopeia, mas é ainda noticiario.

Chega a hora divina, a hora do sofrimento. Ei-lo por terra o luctador. Em bocados a lança, crivado de golpes, agonisa imovel. Um rebelde exhausto, um Prometheu paralitico. Quasi um cadaver. Mas dentro do cadaver ficou uma alma, dentro do morto ficou um cerebro. Um craneo vivo n'um esqueleto congelado. Nem olhos tem. Ás escuras. E essa carcassa inerte, que deixou de ser homem, é todavia mais do que um homem: é o pensamento humano. Ideia absoluta, Espirito desencarnado.

O mundo evaporou-se. Nem pés para o andar, nem braços para o palpar, nem olhos para o ver. Onde estava? No Infinito. A que horas? O quadrante da ideia marca uma unica: Eternidade. O Espaço, eis o logar; o tempo, eis o minuto.

E é n'este scenario formidavel que o drama titanico vae desenrolar-se.

Drama genial. Tinha de o ser.

A consciencia do justo mais bela do que nunca, pela virtude e pela fé. A rasão do filosofo, já com todo o alcance da rasão humana. E a forma do artista, isenta de contagios, grandiosamente simples e varonil.

É o drama, em si, o mais alto, mais nobre e mais vehemente, que, atravez da infinidade dos seculos, no espirito humano se desencadeia e tumultua. É o drama da Vida, o drama do Destino. Implacavel, inalteravel. O primeiro homem o sonhou, o derradeiro homem o sonhará talvez! Drama do dia um, drama do dia ultimo.

Porém, só a rasão e a consciencia, aliadas á arte, não

o gerariam ainda. Dos elementos d'um corpo ao corpo vivo, que distancia enorme! O que é um diamante? Carbone puro. O que é um rubim? Aluminium, borax, chromato de potassa. Mas que temperaturas prodigiosas, que combinações desconhecidas, que electricidades genesicas, para d'ahi formar a estrela d'um diamante ou a lagrima sanguinolenta d'um rubim!

A creação requer incendios, combustões, correntes galvanicas ou nervosas d'uma intensidade ilimitada.

Na obra imortal do poeta a scentelha divina foi a Dôr. E que admira que produzisse o Genio, se ella produz a Divindade! D'um justo, atribulando-o, faz um santo, e d'um santo, crucificando-o, chega a fazer um Deos. A evolução da materia, desde um mineral até um Christo, desde um infusorio até um Buddha, não é mais que a infinita passagem da alma atravez do sofrimento, do espirito atravez da angustia, da consciencia atravez da Dôr. Em milhões de vidas e milhões d'anos, pelo Amor e pela Dôr, pode a alma vegetal da cruz atingir em perfeição a alma celeste do seu crucificado.



UM GENIO QUE ERA UM SANTO

I



M Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas *Sebentas* na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que n'esses tempos ainda era romantica, um homem, de pé, que improvisava.

A sua face, a grenha densa e loira com lampejos fulvos, a barba d'um ruivo mais escuro, frisada e aguda á maneira syriaca, reluziam, aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por traz, largamente, negra nas lages brancas, em pregas d'imagem. E, sentados nos degraus da Egreja, outros homens, embuçados, sombras immoveis sobre as cantarias claras, escutavam, em silencio e enlevo, como discipulos.

Parei, seduzido, com a impressão que não era aquelle um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquissimo seculo XVIII — mas um Bardo, um Bardo dos tempos novos, despertando almas, annunciando verdades. O homem com effeito cantava o Ceu, o Infinito, os mundos que rolam carregados d'humanidades, a luz suprema habitada pela idea pura, e

... os transcendentes recantos
Aonde o bom Deus se mette,
Sem fazer caso dos Santos,
A conversar com Garrett!

Deslumbrado, toquei o cotovello d'um camarada, que murmurou, por entre os labios abertos de gosto e pasmo:

— É o Anthero!...

Deus conversava com Garrett. Depois, se bem me lembro, conversava com Platão e com Marco Aurelio. Todo o ceu era uma radiante Academia. Os Santos mais illustres, os Agostinhos, os Ambrosios, os Jeronymos, permaneciam fóra, pelos pateos divinos, sumidos n'uma nevoa subalterna, como plebe impropria a penetrar no concilio dos Philosophos e dos Poetas. Mas o escravo Epicteto apparecia, ainda coberto das cicatrizes do latego e dos ferros — e Deus estendia ao escravo Epicteto a sua vasta mão direita, d'onde se esfarellava o barro com que elle fabrica os astros...

Epicteto, meu amigo,
Quero ouvir o teu dictame
E aconselhar-me comtigo...

Então, perante este ceu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, destracei a capa, tambem me sentei n'um degrau, quasi aos pés de

Anthero que improvisava, a escutar, n'um enlevo, como um discipulo. E para sempre assim me conservei na vida.

Intimidade, porém, com aquelle que eu depois chamava «Santo Anthero» só verdadeiramente começou na manhã em que o visitei, com muita curiosidade e muita timidez, na sua casa do Largo de S. João. Era o hereditario quarto da velha Coimbra, com as portas rudemente besuntadas de azul, o tecto alto de madeira fusca, e a cal das paredes riscada por todas as cabeças de lumes-promptos que em cincoenta annos alli se tinham raspado, com preguiça, para accender a torcida d'azeite, á hora triste em que toca a «cabra». A um canto um leito de ferro, n'um alinho rigido. Deante da janella a banca de Coimbra dos meus tempos, taboa de pinho sobre quatro pés toscos, onde uma Biblia, um Virgilio, o caderno de papel, o maço de cigarros, poisavam n'uma ordem curta e arida. E no meio d'esta quietação das coisas, e de todo o azul e todo o oiro da manhã de Maio que entravam pelas janellas, Anthero, batendo com grossos sapatos o soalho mal aplainado, parecia um leão, cheio de desordem interior e de sanha. O «olá!» que me atirou foi perfeitamente rugindo. Que dôr ou que affronta lhe erriçavam assim a juba loira? Abrira um gavetão, e tirava de dentro cartas, papeis, ferozmente, como se arrancasse entranhas. N'um arremesso empurrou para a mesa uma pobre cadeira caduca onde se abateu com amargura — e começou então a destruir as cartas e os papeis d'um modo estranho, que me maravilhou. Dobrava cada folha ao meio, esmeradamente: depois, violento e certeiro, ainda a dobrava em *quarto*; depois, com uma attenção sombria, ainda a dobrava em *oitavo*. Sob a unha raivosa achatava as dobras: — e, empunhando uma faca como um ferro de vingança e morte, cortava os papeis fina-

mente, fazendo com dois golpes pequenos massos bem esquadrados, que ia amontoando n'uma resma nitida e fofa. E todo este lento, paciente trabalho de precisão e symetria, o continuava com um modo revolto e tragico. Fascinado, surdi do vão da janella onde me refugiára, e parando á borda da mesa:

— Oh Anthero, quanta ordem você tem na destruição!

Elle dardejou sobre mim dois olhares devoradores. Depois considerou, ainda enrugado, a pilha acertada dos papeis cortados, e, um sorriso, aquelle sorriso d'Anthero que era como um sol nascente, illuminou, fez toda clara e rosea a sua boa face onde havia um não sei quê de philosopho de Alexandria e de piloto do Baltico:

— O rithmo, murmurou, é necessario mesmo no delirio.

E com effeito, n'aquella alma esthetica, sempre as angustias mais desordenadas se moldaram em formas perfeitas.

II

Foi isto, creio eu, em 1862 ou 1863. Anthero já publicara a *Beatrice,* talvez mesmo o *Fiat Lux;* — e todos conheciam, ainda manuscriptas, as *Odes Modernas.* N'esse tempo elle era em Coimbra, e nos dominios da intelligencia, o Principe da Mocidade. E com razão — porque ninguem resumia com mais brilho os defeitos e as qualidades d'aquella geração, rebelde a todo o ensino tradiccional, e que penetrava no mundo do Pensamento com audacia, inventividade, fumegante imaginação, amo-

rosa fé, impaciencia de todo o methodo, e uma energia arquejante que a cada encruzilhada cançava.

Coimbra vivia então n'uma grande actividade, ou antes n'um grande tumulto mental. Pelos Caminhos de Ferro, que tinham aberto a Peninsula, rompiam cada dia, descendo da França e da Allemanha (através da França) torrentes de coisas novas, ideas, systemas, estheticas, fórmas, sentimentos, interesses humanitarios... Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo tornado propheta e justiceiro dos Reis; e Balzac com o seu mundo perverso e languido; e Goethe vasto como o Universo; e Poë, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros! N'aquella geração nervosa, sensivel e *pallida* como a de Musset, (por ter sido talvez como essa concebida durante as guerras civis) todas estas maravilhas cahiam á maneira d'achas n'uma fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaraça! E ao mesmo tempo nos chegavam, por cima dos Pyrineos moralmente arrasados, largos enthusiasmos europeus que logo adoptavamos como nossos e proprios, o culto de Garibaldi e da Italia redimida, a violenta compaixão da Polonia retalhada, o amor á Irlanda, a verde Erin, a esmeralda celtica, mãe dos Santos e dos Bardos, pisada pelo Saxonio!...

N'esse mundo novo que o Norte nos arremessava aos pacotes faziamos por vezes achados bem singulares: — e ainda recordo o meu deslumbramento quando descobri esta immensa novidade, a Biblia! Mas a nossa descoberta suprema foi a da Humanidade. Coimbra de repente teve a visão e a consciencia adoravel da Humanidade. Que encanto e que orgulho! Começámos logo a amar a Humanidade, como ha pouco, no ultra-romantismo, se amára Elvira, vestida de cassa branca ao luar. Por todos os botequins de Coimbra não se celebrou mais

senão essa rainha de força e graça, a Humanidade. E como n'um meridional de vinte annos, lyrico de raiz, todo o amor se exhala em canto — não houve moço que não planeasse um grande poema Cyclico para immortalisar a Humanidade. O do meu visinho era a *Lyra* — uma desmedida lyra de oiro enchendo os espaços, e cada corda encarnando uma Edade Humana; onde os immensos dedos de Deus, alternadamente, desferiam sons de gloria e sons de martyrio. Do meu poema não recordo nem o thema nem o titulo, e apenas que deveria abrir por uma tremenda invocação á India, aos Aryas, á sua marcha sublime desde Gau até Septa-Sindú!... Não eramos todavia inteiramente desregrados e vãos — porque se o fim de toda a cultura humana consiste em comprehender a humanidade, já é um louvavel começo discorrer sobre ella em poemas mesmo pueris. E outro bom signal do despertar do espirito philosophico era a nossa preoccupação anciosa das Origens. Conhecer os principios das civilisações primitivas constituia então, em Coimbra, um distinctivo de superioridade e elegancia intellectual. Os Veddas, o Mahabaratta, o Zend-Avesta, os Eddas, os Niebelungen, eram os livros sobre que nos precipitavamos com a gula tumultuosa da mocidade que devora, aqui, além, um trecho mais vistoso, sem ter a paciencia de se nutrir com methodo. Formoso tempo, todavia, esse, em que eu, ignorante, mas amando religiosamente a Sciencia dos outros, perguntava a um camarada, com os olhos esbugalhados de respeito e santa inveja: — «Oh menino, já conheces bem a Chaldêa?»

E nem por isso eramos menos alegres e phantasistas. O nosso motte, como a nossa Vida, todo se encerrava n'aquelles dois bellos versos:

A galope, a galope, oh Phantasia,
Plantemos uma tenda em cada estrella!

E em cada estrella plantavamos uma tenda, onde dormiamos e sonhavamos um instante, para logo a erguer, galopar para outra clara estrella, porque eramos verdadeiramente, por natureza, ciganos do Ideal. Mas o Ideal nunca o dispensavamos, e nem as sardinhas assadas das tias Camellas nos saberião bem se não lhes juntassemos, como um sal divino, migalhas de Methaphisica e d'Esthetica. A pandiga mesmo era idealista. Ao segundo ou terceiro decilitro de carrascão rompião os versos. O ar de Coimbra, de noite, andava todo fremente de versos. Por entre os ramos dos choupos, mal se via com a nevoa das nossas chimeras... Outra das occupações espirituaes a que nos entregavamos, era interpellar Deus. Não o deixavamos socegar no seu adormecido infinito. Ás horas mais inconvenientes, ás tres, quatro da madrugada, sobre a Ponte Velha, no Penedo da Saudade, berravamos por Elle, só pelo prazer transcendente de atirar um pouco do nosso ser para as alturas, quando não fosse senão em berros. Com um intenso poder de idealisação revestiamos todos os entes so mais triviaes, de belleza ou de grandeza, de poesia ou de terror, no desejo inconsciente de que a Realidade correspondesse ao nosso Sonho. Inventavamos Genios — de quantas tricanas fizemos Ophelias! Anthero, ainda nos ultimos annos, se lamentava por ter conservado este vicio imaginativo de crear phantasmas. Todos nos moviamos com effeito entre phantasmas, por nós gerados para gastar sobre elles a abundancia do nosso enthusiasmo, ou sobre elles cevar santas indignações. O pobre Napoleão III foi para essa nossa Coimbra um Nero, um Antechristo: tal Scholasta, destro em argumentar, tomava logo as proporções augustas de um S. Thomaz d'Aquino, que nos deslumbrava: o bom Castilho passou por um oppressor das intelligencias, de cujas mãos cahia a treva sobre o mundo, e que estorvava o caminhar dos tempos! Mas nada pinta me-

lhor este engano d'espirito do que a admiração, o espanto, inspirados por certo lente de Theologia, ainda moço, de face chupada e amarella, a quem nós attribuiamos uma pathetica revolta contra os dogmas, não sei que sublimidade heretica, e estranhas praticas de mysticismo sensual. Era um theologo de costumes quietos, que lia Balmes e soffria do figado. Pois corria pelos cenaculos que este padre sombrio, todas as noites, collocava uma Biblia aberta *sobre os seios nus da sua amante*, e á luz d'uma tocha se repastava das amarguras do Ecclesiastes! E todos nós acreditavamos com inveja n'esta Biblia, n'estes seios, n'esta tocha... Assim era essa geração.

Em torno d'ella, negra e dura como uma muralha, pesando, dando sobre as almas, estava a Universidade. Por toda essa Coimbra, de tão lavados e doces ares, do Salgueiral até Chellas, se erguia ella, com as suas formas differentes de comprimir, escurecer as almas: — o seu authoritarismo, annulando toda a liberdade e resistencia moral; o seu favoritismo, deprimindo, accostumando o homem a temer, a disfarçar, a vergar a espinha; o seu litteratismo, representado na horrenda sebenta, na exigencia do *ipsis verbis,* para quem toda a creação intellectual é damninha; o seu fôro, tão anachronico como as velhas hallabardas dos verdeaes que o mantinham: a sua negra torre, d'onde partiam, ressuscitando o *precetto* da Roma jesuitica do seculo XVIII, as badaladas da «cabra» por entre o vôo dos morcegos; a sua «chamada», espalhando nos espiritos o terror disciplinar de quartel; os seus lentes crassos e cruzios, os seus Britos e os seus Neivas, o praxismo poeirento dos seus Paes Novos, e a rija penedia dos seus Penedos! A Universidade, que em todas as nações é para os estudantes uma *Alma Mater*, a mãe creadora, por quem sempre se conserva atravez da vida um amor filial, era para nós uma madrasta amarga, carrancuda, rabugenta, de quem todo o espirito digno

se desejava libertar, rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astucia, pela empenhoca, pela sujeição á «sebenta», esse *grau* que o Estado, seu cumplice, tornava a chave das carreiras. Verdadeira *chave dos campos,* no dizer francez, abrindo para a independencia, para a vida, e para a belleza das coisas naturaes. No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia ter uma attitude — a de permanente rebellião. Com effeito, em quatro annos, fizemos, se bem me recordo, tres revoluções, com todos os seus lances classicos, Manifestos ao Paiz, pedradas e vozearias, uma pistola ferrugenta debaixo de cada capa, e as imagens dos Reitores queimadas entre danças selvaticas. A Universidade era com effeito uma grande escola de revolução: — e pela experiencia da sua tyrannia apprendiamos a detestar todos os tyrannos, a irmanar com todos os escravos. O nosso enthusiasmo pela Polonia nascia de nos sentirmos opprimidos como ella por um Czar de borla e capello, que se chamava Basilio. Aquelles de nós que hoje leiam uma Historia da Vida e da Sociedade em Roma, nos fins do seculo XVIII, quando toda a cultura livre era vedada, e a banalidade tinha a estima do governo por ser uma condição da docilidade, e os melhores bens se obtinham pela intriga e o favoritismo, e se educava o homem para a baixesa, e a independencia se arrancava como herva venenosa, e a policia intervinha até na maneira de atar a gravata, e não se permittia aos cidadãos andar fóra de casa depois das *Avè-Marias,* — julga ver a escura imagem da vida universitaria ha trinta annos, quando se impunha ao estudante, com a batina de padre, a regra canonica do *Gesù.* E era por nos sentirmos envolvidos n'uma oppressão theocratica, que, além de pendermos para o Jacobinismo, tendiamos, por puro acinte de rebeldia, para o Atheismo. De sorte que a Universidade, ultra conserva-

dora e ultra catholica, era não só uma escola de revolução politica, mas uma escola de impiedade moral.

Anthero resumiu, com desusado brilho, o typo do academico revolucionario e racionalista: e d'ahi começou a sua popularidade — e a sua lenda. Não recordo, nem sei se é historica, essa temeraria noite, em que elle, durante uma trovoada, e de relogio na mão, intimou Deus a que o partisse com um raio, dentro de sete minutos, *no caso d'existir*. Desconfio do altivo episodio. Anthero não tinha relogio; a sua exegese era já muito fina para assim confundir as maneiras de Jehovah com as de Jupiter: — e, se lançou o desafio satanico, foi rindo alegremente do excesso da sua phantasia. Mas é certo que elle se affirmou sempre como o Grã-Capitão das nossas revoltas, desde aquella que derrubou o bom tyranno Basilio, até que nos levou para o Porto, uma noite, entre archotes, ganindo a Marselheza. Todos os « Manifestos ao Paiz », que a tradição nos impunha no começo d'estas sedições, sahiam da penna de Anthero: — porque já elle era, além da melhor idèa da Academia, o seu melhor verbo. E emfim foi elle ainda que se rebellou contra outro e bem extranho despotismo, o da Litteratura Official, na tão famosa e tão verbosa questão Coimbrã. Já não é facil, depois de tantos seculos, relembrar os motivos dogmaticos por que se esgadanharam as duas Litteraturas rivaes, de Coimbra e de Lisboa... O velho Castilho, contra quem se ergueram então tantas lanças e tantos folhetos, não se petrificara realmente n'uma fórma litteraria que pozesse estorvo á delgada corrente do espirito novo. Fôra, é verdade, Trovador e Bardo; mas renovára o naturalismo classico com as suas traducções de Virgilio; e passara para a nossa lingua Molière, um dos mais nobres avós da familia psychologa. Todas estas almas diversas (é certo) as moldava dentro d'uma vernaculidade arcadica que as deformava: mas a sua arte d'es-

crever era polida, e houve dignidade e belleza no seu prolongado amor das Lettras e das Humanidades. (Seriam hoje uteis, entre nós, um ou dois Castilhos). Em todo o caso, relativamente a Anthero de Quental e a Theophilo Braga, o vetusto Arcade mostrou intolerancia e malignidade, deprimindo e escarnecendo dois escriptores moços, portadores d'uma idèa e d'uma expressão proprias, só porque elles se produziam sem primeiramente, de cabeça curva, terem pedido o sello e o visto para os seus livros á Mesa Censoria, installada sob a secca olaia do secco cantor da *Primavera*.

O protesto de Anthero foi portanto moral, não litterario. A sua faiscante carta *Bom senso e bom Gosto* continuava, nos dominios do pensamento, a guerra por elle encetada contra todos os tyrannetes, e pedagogos, e reitores obsoletos, e gendarmes espirituaes, com quem topava ao penetrar, homem livre, no mundo que queria livre. Para Theophilo Braga, essa lucta Coimbrã foi essencialmente uma reivindicação do Espirito Critico; para os outros pamphletarios, todos litteratos ou alitteratados, uma affirmação de Rhetorica;—para Anthero, de todo alheio ao litteratismo, um desforço da Consciencia e da Liberdade. Por isso o seu ataque sobretudo nos impressionou, não só pelo brilho superior da sua ironia, mas pela sua tendencia moral, e pela quantidade de revolução que continha aquella altiva troça ao despota do purismo e do lexicon. Castilho, armado da sua ferula, e tendo a pretensão de dar com ella palmatoadas nas almas, apparecia aos nossos olhos, creadores de Phantasmas, como um verdadeiro monstro: Anthero, crivando de settas de oiro os flancos vernaculos do monstro, foi para nós como um Sagittario Libertador. Eu digo «nós», uso este plural de casta nobre, unicamente porque *nos simul in Garlandia fuimus*, nos mesmos bancos nos sentámos, sob o mesmo luar devaneámos. De resto, eu era meramente

um actor do Theatro Academico *(pae nobre)*, e rondava em torno d'estas revoluções, d'estas campanhas, d'estas Philosophias, d'estas heroicidades ou pseudo-heroicidades, como aquelle lendario moço de confeiteiro que assistiu á tomada da Bastilha, com o seu cesto de pasteis enfiado no braço, e quando a derradeira porta da fortaleza feudal cedeu, e a velha França findou, deu um geito ao cesto leve, e seguiu, assobiando a *Royale,* a distribuir os seus pasteis.

Mas era um devoto, (o termo não é excessivo) do poeta das *Odes Modernas*. Todos, desde então, esperavamos d'elle a renovação d'um mundo, do nosso pequeno mundo, para nós immenso—e immenso na verdade, porque uma simples alma é um vasto mundo, e a sua renovação, no sentido da justiça ou da bondade, uma vasta obra. Anthero era não só um Chefe — mas um Messias. Tudo n'elle o marcava para essa missão, com um relevo captivante: até a bondade iniciadora do seu sorriso, até aquella grenha côr d'oiro fulvo, que flammejava por cima das multidões. E havia já com effeito habitos messianicos n'esse bando de discipulos que o acompanhavam atravez de Coimbra, de capa solta, enlevados na sua palavra. Essa luminosa palavra de Anthero era uma das suas magnificas forças d'attracção. Ninguem jámais possuiu um Verbo de tanta solidez, harmonia, finura e brilho. Todo o seculo XVIII considerou como um dos maiores regalos da intelligencia o ouvir Diderot conversando. Foi um dos encantos no nosso tempo ouvir conversar Anthero. Em Coimbra a sua veia vibrava em pleno explendor. Era uma Lyra, a Lyra divina de Sete Cordas, em que não interessava e deslumbrava menos que as outras a corda de bronze do sarcasmo. Sarcasmo que nada encerrava de triste ou amargo como o de um Quevedo. Anthero, mesmo troçando e amaldiçoando, era um atheniense: e á sua ironia convinha,

mais que á de nenhum outro ironista, o nobre epitheto homerico de *alada*. Os seus ditos abriam, atravez da sua geração, grandes sulcos luminosos — e puros.

Mas sobretudo se impunha pela sua authoridade moral. Anthero era então, como sempre foi, um refulgente espelho de sinceridade e rectidão. De nascença a sua alma viera toda limpa e branca, e quando Deus a recebeu, encontrou-a decerto tão limpa e branca como lh'a entregara. Nunca, atravez da vida, tomou um caminho escuro ou obliquo: com a face levantada, como um sol, rompia a passos direitos e sonoros: — e, se topava com um d'esses muros que constantemente se erguem nas estradas humanas, ou o demolia ou retrocedia, mas nunca condescendeu em o ladear com astucia, mesmo quando para além reluzisse o thesouro que a sua idêa ou o seu sentimento appeteciam. Anthero foi um caracter heroicamente integro. E não se necessitava, para lh'o reconhecer, uma longa e penetrante intimidade: — a sua lealdade magnifica resplandecia toda nos seus olhos claros como uma luz santa ás portas d'um sacrario. O granito, o crystal, tudo o que é limpido, tudo o que é solido, eram menos limpidos e solidos que a sua amisade. Apesar de algum scepticismo e muita ironia, tropeçou simplicemente em grossos enganos, porque o seu espirito translucido não previa, nunca se lembrava, do dolo e da falsidade. N'aquelle erudito pessimista houve sempre um innocente. A justiça era n'elle ingenita. Assim era a verdade.

Que dizer da sua bondade? Por um constante aperfeiçoamento, ella chegou, nos ultimos tempos, a ser perfeita. Mas já na edade ligeira e romanesca de Coimbra era immensa — e se manifestava por uma alegria magnanima. O «claro riso dos heroes», que Michelet raramente encontrou na Historia e que o arrebatava, foi o riso de Anthero. Riso generoso do ser que ama todos os seres,

e que, pelo menos dentro d'esse amor, acha que o mundo é optimo, e se sente soberbamente optimista e doce. Elle teve a caridade nos annos em que, por se não conhecerem ainda as miserias do coração e do mundo, nunca se é caridoso:—e n'elle foi natural e simples, não como a da mocidade neo-evangelica (que agora, por Paris e Londres, languidamente ensina o Bem), sugada, ou antes decorada, na Vida de S. Francisco d'Assiz. N'essas mesmas pugnas, n'essas derrocações de Bastilhas em que parecia feroz, a sua bondade andava toda inquieta emquanto a sua colera trabalhava. Como o Sagittario antigo, apenas despedia do grande arco a grande frecha, atirava largamente um passo para diante—mas era já com o desejo de ir curar a ferida que o seu dardo rasgara. Quando, depois do encerramento tão bruto das Conferencias do Casino, elle esmagou o consideravel Marquez d'Avila sob aquella *Carta* de tão alegre, picante e patricio desdem, soube, por um amigo, que o pobre Marquez se magoara até se lhe humedecerem os olhos, com uma acerada allusão á origem do seu nome d'*Avila*. Anthero angustiado, com os olhos tambem humidos, correu á *Revolução de Setembro* a gritar «errei! errei!», e a imprimir uma retractação apiedada que consolasse o velho...

Toda esta alma de Santo morava, para tornar o homem mais extranhamente captivante, n'um corpo de Alcides. Anthero foi, na sua mocidade, um magnifico varão. Airoso e leve, marchava legoas, em rijas caminhadas que se allongavam até á matta do Bussaco: com a mão secca e fina, de velha raça, levantava pesos que me faziam gemer a mim, ranger todo, só de o contemplar na façanha: jogando o sabre para se adestrar, tinha impetos de Roldão, os amigos rolavam pelas escadas, ante o seu immenso sabre de pau, como mouros desbaratados:—e em brigas que fossem justas o seu murro era triumphal.

Conservou mesmo até á edade philosophica este murro facil: e ainda recordo uma noite na rua do Oiro, em que um homem carrancudo, barbudo, alto e rustico como um campanario, o pizou, brutalmente, e passou, em brutal silencio... O murro de Anthero foi tão vivo e certo, que teve de apanhar o immenso homem do lagedo em que rolára, de lhe limpar a lama da rabona, e de o amparar até uma botica, onde lhe comprou arnica, o consolou, citando Golias e outros gigantes vencidos. No Garrano, nas Camêllas. um prato com tres duzias de sardinhas e uma canada do «tinto» não o assustavam, nem lhe pesavam. Pelo contrario! Depois, em face da lua, na Ponte ou pelo Choupal, as suas cabriolas pelos ceus da Metaphysica eram mais fulgentes e destras.

III

Já porém, no meio d'estas qualidades explendidas que lhe garantiam uma vida forte. e superiormente feliz, existia um fermento de dôr. Bem se descobre elle n'alguns dos Sonetos d'esses annos, que são (como todos os seus Sonetos) sublimes notas postas á margem d'uma alma que se interroga. Já então o ditoso Anthero, tão prodigamente dotado por Deus, se considera um filho abandonado de Deus: já o mundo lhe parece perder a côr, e elle proprio a perder tambem, devendo para sempre ficar pallido e triste: e a belleza que então lhe apparece não a gosa plenamente, porque ella lhe lembra outra, transcendente e de mais puros gozos. O seu Presente é uma atormentada aspiração ao Futuro — mas o que é o Futuro, senão sombra movediça e mentirosa? Elle, tão seguido, tão amado, erguido como chefe por uma mocidade feita á sua imagem, já se sente solitario

entre turbas vans: e os braços, que a sorte lhe deu tão fortes e movidos por uma alma tão alta, já se prepara para os crusar com melancholia.

Todavia, em volta d'elle, esse era o tempo d'um optimismo universal. Nas duas grandes nações pensantes que o inspiravam triumphava o optimismo — lyrico em França, philosophico na Allemanha, mas em ambas rosado e risonho. Todos os Hegelianistas prussianos eram, creio eu, optimistas: — e Pelletan, para cá do Rheno, convidava o homem, tornado omnisciente e omnipotente pelo Progresso, a affirmar soberbamente, e cantando, a sua realesa sobre os Ceus. De certo já existiam desilludidos: mas era ainda o antigo desilludido do seculo XVIII, o *Candide*, depois de reconhecer que no mundo a melhor occupação, a unica que não resulta em logro, consiste em plantar quietas saladas n'um murado e frondoso quintal. Ainda então não sahira da sua hospedaria de Francfort o bom Schopenhauer, bem penteado, de calças côr de flôr de alecrim, para tirar das mãos de Candide a enxada e o regador, e lhe provar que a sabedoria realmente consiste em entrar n'um convento de Trappistas, ou, como um yoghi hindú, em jazer rigidamente sob a mangueira de Lovelane, meditando a inanidade e o mal das coisas. Ninguem então, do Rheno para cá, lera ainda Schopenhauer. E um no seu quarto de Francfort, methodicamente, tomando o seu chocolate, outro em Coimbra, atormentadamente, porque é poeta e meridional, chegando ao mesmo resumo, n'um raciocinado, no outro soluçado:

Que sempre o mal peor é ter nascido!

D'aqui provinham certos modos de Anthero ainda então inexplicaveis — dias de tristeza e esparsa colera, um querer e não querer entrechocados, enthusiasmos que

logo escarnecia, bocados de vida que deixava sumir em fumo, e esses appetites de solidão, esses periodos de Trappismo artificial em que desapparecia, se embrenhava sosinho pelas espessuras do Bussaco. O espirito de sociabilidade, é certo, sempre n'elle triumphava; e tambem essa alegria, de raizes vivazes, subsistente sob as nevoas do mais denso desalento, e que mesmo depois, nos peores dias, reapparecia — apenas elle se encontrasse entre camaradas d'espirito congenere, e crepitasse o lume das controversias. Mas, já n'esse tempo de Coimbra, Anthero, por momentos, ante a face mais florida de mocidade e saude, pensava na caveira.

Pessimismo, sobretudo nos seus começos, não vae sem inacção; — e a inacção é verdadeiramente a sua primeira e legeira forma. Se tudo no mundo conduz a desillusão e poeira — como se podem considerar, sem riso e compaixão, esses rijos esforços que cuidam revolver mundos, quando estão meramente remexendo fumo? D'ahi essas indifferenças, desprendimentos, bruscas desistencias da energia, que, da parte de Anthero, surprehendiam e contristavam os seus amigos. Durante a grande questão Coimbrã, quando mais ressoante rolava a briga contra a Troia litteraria de Castilho, elle, o nosso invencivel Achilles — um dia desapparece... Era um abandono, pactuára o heroe secretamente com Priamo? Assim o pensaram os Achaios fanaticos. Não! abalára para a Figueira, com saudades da solidão e do mar. Que importancia podia ter essa rixa de litteraturas e vaidades para quem, desde os desoito annos e dos primeiros versos, viera sempre desdenhando alegremente a superstição da gloria e das lettras? De resto todo o esforço em Anthero era acompanhado pelo sentimento secreto e divertido da sua inanidade; — e a ironia n'elle andava sempre ao lado da acção, soltando o seu assobio malicioso. Para que, meus amigos? tudo é fumo e em fumo se es-

palha!... Esta universal desillusão, este escuro e mudo Nada para onde correm, como para um mar, todos os desejos humanos, não era todavia affirmado por Anthero com amargura — antes com uma resignação risonha. «O Amor e o Bem (ensina elle então, ou parece ensinar) não se realisam n'esta Vida contingente e escrava, e só na outra, na Absoluta, quando o Espirito attinja perfeição e liberdade... No entanto, amigos, vamos acceitando as apparencias imperfeitas d'este mundo onde ha bosques, roseiras, Artes delicadas, e as mulheres entreabrem amorosamente a sua porta, e um curto heroismo por vezes ennobrece as cidades, e até se póde colher um fugitivo goso com um cesto de laranjas e uma guitarra, de tarde, n'um barco, por este Mondego acima...» Assim este homem, em cuja alma iam ennegrecendo as nuvens d'uma aspera tormenta intellectual, era ainda para todos, n'esses tempos de Coimbra, «da encantada e phantastica Coimbra d'então», um viçoso camarada, cheio d'exhuberancia e phantasia, apaixonado e luminoso, nobre amigo dos homens, embebendo os olhos francos na belleza das coisas, e tumultuosamente esperando que da Revolução e da Philosophia altos bens viessem á terra. Do negro fermento de desillusão e dôr que elle trazia já dentro da alma só conheciam alguns amigos, a quem elle lia os seus sonetos confissionaes, e que ficavam espantados escutando a confissão, e contemplando o homem que a confessava. D'esse poeta de face ardente e veia rutilante, todo idealisão, todo paixão, metaphysico e batalhador, bem se podia esperar uma epopea, o apostolado d'uma religião, longas aventuras sonoras, — nunca a passiva dôr d'um budhista aspirando pallidamente ao Não-Ser.

E a sua vida, com effeito, desde que sahiu d'essa «encantada e quasi phantastica Coimbra» foi toda de

movimento e de força. Anthero anda então anciosamente procurando um emprego para a sua grande alma. Viaja pela Europa Occidental, ou antes passeia atravez d'ella os seus sonhos de liberdade e de justiça, para encontrar algures um mundo que lhes seja congenere e onde os possa plantar e cultivar com magnificencia. Atravessa o Atlantico, por puro desejo de espaço e liberdade, n'um pequeno hiate: e durante semanas de tormenta trabalha descalço na manobra, ou, mettido no seu beliche, que as ondas alagam, embrulhado n'um oleado, relê o D. Quichote, com um interesse e uma paixão renovadas, talvez por sentir que n'essa grande historia da Illusão está lendo a sua historia. Percorre a costa da America, até á nova Escossia; e ahi, um domingo, tem uma visão que nunca esquece, a d'uma cidade puritana (Halifax ou Lunenberg), silenciosa, como adormecida no Senhor, toda de tijolo côr de rosa sob um ceu côr de perola, com fundas avenidas mais pensativas que as dos Elyseos onde os namorados passeiam, n'uma mudez de sombras, de dedos enlaçados, de palpebras baixas, respirando sem outro desejo a flôr da sua emoção. Quantas vezes Anthero me contava d'essa piedosa e suave cidade, e do longo appetite que ella repentinamente lhe dera de quietação eterna! Ao cabo dos grossos mares atlanticos Deus talvez lh'a mostrou como um prenuncio do seu destino; uma grande tormenta, depois um grande descanço — e um descanço a que Deus não era alheio.

Emfim Anthero volta a Lisboa, encontra o Cenaculo. Encontra o nosso querido e absurdo Cenaculo installado na travessa do Guarda-Mór, rente a um quarto onde habitavam dois conegos, e sobre uma loja em que se agasalhavam, como no curral de Betleem, uma vacca e um burrinho. Entre essas testemunhas do Evangelho e esses dignatarios da Egreja, rugia e flamejava a nossa escandalosa fornalha de Revolução, de Metaphisica, de Satanis-

mo, de Anarchia, de Bohemia feroz. J. Batalha Reis era o dono do aposento temeroso, e Via-Lactea, gallego illustre, o seu servo. Via-Lactea dormia pendurado, como um paio, da chaminé da cosinha. As suas occupações não consistiam em escovar ou varrer. A Via-Lactea fôra confiada a missão transcendente de espreitar a passagem da Idea ao longo do rio do Espirito, para nos avisar, e nós corrermos e a prendermos na rede rutilante do Verbo. Durante dois annos, cada dia, a horas de sol e a horas de treva, empurramos nós com fragor a porta da cosinha, e berramos em ancia: «Via-Lactea! Via-Lactea! viste emfim a Idea Pura boiando na corrente Espiritual?...» E durante dois annos Via-Lactea, de dentro da chaminé ou de sobre a tampa d'um caixote, immutavelmente rosnou com uma dignidade triste: «*Num bi nada.*» Ahi Anthero appareceu n'uma fria manhã—e foi acclamado. N'aquella viella de Lisboa resuscitou então, por um momento, a «encantada e quasi phantastica Coimbra» de que elle sempre conservara uma saudade romantica. Anthero porém que desembarcara em Lisboa, como um Apostolo do Socialismo, a trazer a Palavra aos gentilicos, em breve nos converteu a uma vida mais alta e fecunda. Nós fôramos até ahi no Cenaculo uns quatro ou cinco demonios cheios de incoherencia e de turbulencia, fazendo um tal alarido lyrico-philosophico que por vezes, de noite, os dois conegos estremunhados rompiam a berrar, o burro por baixo zurrava desoladamente, e no ceu, sobre os telhados fronteiros, a lua parava, enfiada. Mas toda a nossa alma se ia n'esse alarido, e o vento vão da Bohemia a levava, para onde leva as almas descuidadas e as folhas de loiro seccas... Sob a influencia de Anthero logo dois de nós, que andavamos a compôr uma Opera-buffa, contendo um novo systema do Universo, abandonamos essa obra de escandaloso delirio—e começamos á noite a estudar Proudhon, nos tres tomos da *Justiça e a*

Revolução na Egreja, quietos á banca, com os pés em capachos, como bons estudantes. Via-Lactea começou a varrer. E do Cenaculo, d'onde, antes da vinda de Anthero (que foi como a vinda do Rei Arthur á confusa terra de Galles), nada poderia ter nascido alem de chalaça, versos satanicos, noitadas curtidas a vinho de Torres, e farrapos de Philosophia facil, nasceram, *mirabile dictu*, as Conferencias do Casino, aurora d'um mundo novo, mundo puro e novo que depois, oh dôr, creio que envelheceu e apodreceu...

De resto o Cenaculo estava nas vesperas de se dispersar — porque a cada um de nós, bruscamente (n'essa mesma esquina da travessa do Guarda-Mór) apparecera a Vida, enrugada, de dedo ameaçador a avisar que ella não é Musa ou Nimpha que se trate com ligeireza, indifferença, e cantando. Assim aquelle Cavalleiro que uma noite em Paris, no Pont-Neuf, surgiu ante o senhor D. Gil, do solar de Vouzella, lhe deteve os passos que corriam ao Peccado e lhe gritou brandindo a lança: — «Homem, p'ra traz, para o Senhor!» Nós vimos a lança; e saudosamente entre nós murmuramos: — «Irmãos, não mais cavalgadas sobre o dorso macio da Chimera, é tempo d'irmos a concursos...»

Fomos a concursos. Anthero, esse, encontrara Oliveira Martins que era um pensador, e José Fontana que era um agitador; e ardentemente penetrara no Movimento Socialista, então iniciado em Lisboa com os fervores e os segredos poeticos d'uma religião. Simultaneamente propagava a União Iberica, fundava Sociedades Operarias, installava a Associação Internacional, lançava pamphletos, conspirava, apostolava... Era, como elle dizia, «um pequeno Lassalle». E como Lassalle, já invadido por um vago mal estar, no meio da popularidade que o começava a cercar — e a suffocar.

Eu não fui testemunha d'essa sua vida militante.

Por meu turno partira, a percorrer os mundos d'este mundo, dos velhissimos aos novissimos, da magoada Jerusalem á estridente Chicago. Longe, porém, soube que Anthero se affastara inesperadamente da actividade revolucionaria. Porque? Abalára elle, como durante as grossas guerras coimbrãs, para a Figueira, com saudades dos areaes e do mar? Não—harmonisara simplesmente a sua conducta e a sua natureza. O elemento natural do espirito de Anthero era a abstracção philosophica, e só dentro d'ella respirava e vivia plenamente. Alem d'isso, descendente d'uma muito velha familia, já illustre na Côrte de D. Affonso v, elle nunca se desembaraçara de certas hereditariedades de raça e de casta, e conservava, sob a sua vasta humanidade, um não sei quê de antiquado e de estreitamente fidalgo. Emfim era um superfino artista... Como direi? O artista, o fidalgo, o philosopho que em Anthero coexistiam não se entenderam bem com a plebe operaria. Sempre sincero, lavou as suas mãos, e proclamou que só os Proletarios eram competentes para exprimir o pensamento e revindicar o direito dos Proletarios. E amando ainda os homens, mas desistindo de os conduzir a Canaan, subiu com passos desafogados para a sua alta torre bem-amada, a torre da Metaphysica.

Quando, volvidos dois ou tres annos, regressei a Lisboa, encontrei o meu amigo estirado n'uma cama, no quarto mais remoto d'uma casa remota, quasi n'uma trapeira, para que não lhe chegassem os ruidos da cidade, morbidamente intoleraveis á sua supersensibilidade nervosa. Alli, em solidão e immobilidade, Anthero estava travando com o seu pensamento uma lucta, de que os Sonetos, de 1874 a 1880, são a notação magnifica e dolorosa. E o seu pensamento em breve o arrastara a um pessimismo negro, repassado de desespero. A certeza de morrer levara Anthero a indagar mais fundamente a razão de viver:—e, por mais que aprofundasse a Existen-

cia, ella só lhe apparecia como uma tortura gratuita, confusa, inutil. Pedia elle então á Intelligencia a explicação da Existencia. E a sua intelligencia, como elle depois contava, toda penetrada do Naturalismo, que era a atmosphera onde se desenvolvera, só lhe offerecia a solução naturalista — só lhe podia affirmar que a Vida, na sua forma empirica, é a lucta obscura de forças obscuras. E na sua forma philosophica e intellectual? Apenas a contemplação egoista d'essas luctas instinctivas. Não ha pois senão vacuo, confusão, e inutilidade universaes! É certo que uma flôr mysteriosa, semelhante áquella que rompe atravez da neve esteril revelando as fecundidades subjacentes da terra, surge por vezes do fundo da Consciencia e espalha por toda ella o seu perfume timido... Mas não nos prendamos já a essa falsa esperança, por que a flôr murchará, apenas entreaberta, e o seu perfume

no vacuo universal será disperso!

A Consciencia é uma outra illusão, uma modalidade ephemera, pois que nada de Eterno se pôde n'ella realisar. De que serve ter sido, ou procurar ser, justo e bom? Justiça e bondade findam no pó, infecundos como o pó. A vida é um desolado lôgro. E o melhor é morrer, pois que nos liberta da miseria, da vergonha, do horror da universal Falsidade. — Tal era então o sombrio e secreto monologo de Anthero n'aquelle leito estreito, — d'onde elle todavia, quando os seus amigos appareciam, sorria tão alegremente e tão meigamente aos seus amigos.

É que não o deixára nunca o espirito consolante de sociabilidade, e esse adoravel bom-humor que era n'elle como um sol immanente por traz de nuvens transitorias, e ainda essa polidez superior, quasi transcendente, forma graciosa da caridade, que não lhe consentia alongar por sobre a alma dos outros a sombra dos phantasmas de que

a sua andava povoada. Por mais descido e fundo que o seu espirito jazesse, n'aquelle «poço humido e môrno» de que falla n'um dos seus Sonetos, bastava que da borda o chamasse uma voz fraternal para que o seu espirito subisse, com compostura risonha, sem vestigios da treva inferior d'onde emergia, penetrando logo nas alegrias e cuidados alheios, e tomando um interesse acariciador pelas coisas mesmas que para elle na vida eram mais desinteressantes e vãs. Muito bem me recordo d'uma noite em que subi á sua alcova com um velho amigo d'elle e meu, Carlos Mayer. Anthero lá estava, estendido no seu leito, com uma manta por cima dos pés, a face emaciada, e sobre ella espalhada aquella sombra, semelhante a um reflexo de coisas negras, que outr'ora deu a Dante a reputação de descer cada noite ao Inferno. Pois essa mesma face, n'um momento, se illuminou de affabilidade e graça facil. Carlos Mayer andava n'essa occasião envolvido na sciencia e cuidados d'uma grande industria de distillação — e a conversa rolou sobre machinas, processos, fermentos, salarios, lucros, milhões. Anthero circulava ardentemente dentro d'aquellas questões de Chimica, Mechanica, Economia, como se ellas constituissem a paixão suprema dos seus dias solitarios. O ar do seu quarto de metaphisico ficou em breve mais cheio de cifras, de vozes technicas, que o d'um escriptorio da *City*. Depois, talvez por que a esse tempo eu me preoccupava com a civilisação chineza, deslizamos a conversar da China. Carlos Mayer attacou rancorosamente o Imperio Florido. Anthero, arrojando a manta, exaltou logo o chinez, e a sua pedagogia, e a sua agricultura, e a sua arte, e a sua sociedade, e a solidez e pureza das suas instituições domesticas — com o saber miudo e grave d'um Mandarim. E não era só a erudição que surprehendia, mas o fogoso interesse, como se o seu pensamento habitasse constantemente e só se comprazesse entre a Grande Muralha e o

mar Amarello. E ao mesmo tempo quanta abundancia comica, que finura e firmeza de juizos, que dizer tão luminoso e perfeito!

Já tarde, ao alvorecer, Anthero chamara o creado estremunhado para nos acompanhar, quando um de nós lhe perguntou por versos. Como Anthero não compunha versos por uma faculdade poetica bem cultivada, e apenas certos estados da sua razão e da sua sensibilidade crystalisavam naturalmente em verso, era esta uma interrogação familiar sobre a sua saude moral. E muito facilmente, como dando uma informação intima, Anthero tirou d'entre as folhas d'um livro um papel, e leu sem entono amargo ou dolorido, com a simplicidade corredia d'uma nota a lapis, aquelle seu poema que Oliveira Martins depois salvou da destruição, o *Hymno á Manhã*, um dos mais angustiosos lamentos que tem escapado a um forte e altivo coração d'homem. Assim podia aquelle Anthero singular, durante toda uma noite, applicar á Mechanica e á defeza historica da China um pensamento tão profundamente ferido, tão arquejante ainda das luctas tenebrosas com a Sphynge.

IV

Passaram annos em que não vi Anthero, installado então em Villa do Conde. Sabia que o meu amigo estava quasi são, quasi sereno. Mas foi uma preciosa surpreza, quando, ao fim d'essa separação, chegando ao Porto e correndo com Oliveira Martins a Villa do Conde, avistei na estação um Anthero gordo, roseo, reflorido, com as lapellas do casaco d'alpaca atiradas para traz galhardamente, e meneando na mão a grossa bengala da India que em Lisboa eu lhe dera para amparar a tristeza e a fadiga.

Era uma regressão, quasi o antigo Anthero Coimbrão, mais amadurecido, mais doce: — apenas, no logar da fulva grenha flammante e romantica, alvejava um sereno começo de calva Socratica. Era sobretudo uma resurreição moral, á velha maneira de Lazaro, uma miraculosa sahida do tumulo pessimista e das sombras da negação. Findara a lucta implacavel, o seu grande coração emfim descançava em paz!

Como chegara Anthero a esse repouso appetecido? Escutando, com uma attenção mais grave, mais crente, aquella Voz da Consciencia, que tanto tempo desconhecera, e que apesar de todos os desenganos e sempre

em segredo protesta e affirma o Bem.

Fôra attendendo reverentemente essa dôce voz; e conseguindo, por um desesperado esforço do pensamento, penetrar a sua significação; e refazendo, guiado por ella, a sua educação philosophica; e procurando depois a sua confirmação na Historia, nas doutrinas dos Moralistas, nas cofissões dos Mysticos, que elle chegara a descobrir, a comprehender bem o fim ultimo e verdadeiro de Tudo, não só do homem moral, mas de toda a Natureza, mesmo na sua modalidade physica. E essa descoberta é de ineffavel belleza e contentamento — pois que o fim de tudo é o Bem! O Universo tem por fim supremo o Bem — o Bem é o momento final augusto de toda a evolução do Universo.

Possuia pois Anthero emfim a « sua Philosophia », essa Philosophia que elle tantos annos perseguira como Deusa esquiva entre selvas duvidosas, e que fôra sempre para os seus amigos, alternadamente, motivo de esperança, de desconfiança, de enthusiasmo e de sarcasmo... Mas agora Anthero alcançara a Deusa esquiva. E a Lei

Moral d'essa Philosophia (de que elle deu na *Revista de Portugal* um esboço eloquente e poetico) consistia em renunciar a tudo quanto limita e escravisa o Espirito — egoismo, paixões, vaidades, ambições, contingencias, materialidades do mundo, — e em procurar a união do Espirito, assim libertado e limpo de todo o pesado lodo terreno, com o seu typo de perfeição que usualmente se chama «Deus». Essa união, em que a vontade limitada se dissolve na vontade absoluta, será tanto mais efficaz quanto mais completa fôr a renuncia a tudo o que é egoista, particular, individual. E só pela união com o Ser-Perfeito, de que essa renuncia é instrumento e condição, se realisa o Bem, o Bem supremo, fim verdadeiro de toda a Vida, fim divino a que tende o Universo. Em resumo, a lei moral do homem é o constante aperfeiçoamento e a progressiva Santidade.

De toda a Philosophia de Anthero (que sou bem incompetente para interpretar) só quero reter esta linha ethica, por que ella o explica n'esses annos de paz e de admiravel doçura. A vida de Anthero em Villa do Conde, era então verdadeiramente edificante — e constituia, sem doutrina, um forte ensino moral. O velho Santo Antão no monte Colzin não vivia um viver mais puro, mais entregue ao ideal, á perfeição, á «Vida Eterna», do que Anthero n'aquella casa de Villa do Conde, simplificada até ao cenobitismo, e onde por unico adorno, alem de livros n'uma estante de pinho, havia flores das sebes em pucaros de barro. Era aquelle o retiro muito nú e muito limpo (porque Anthero tinha o aceio e a ordem rigida de uma freira velha) de quem alegremente se despojou de tudo quanto embaraça, atravanca a vida de cada dia, para encetar a alta conquista da liberdade moral. Com elle viviam as duas meninas que adoptara, «as suas pequenas» que então ensinava e educava, e que, pelos cuidados da Paternidade, o prendiam ainda occasional-

mente á Sociedade. Fóra d'esses cuidados elle só se occupava com o aperfeiçoamento da sua alma, ou, como diria um catholico, com a sua «salvação». Não salvação individual e egoista, como a dos Santos—mas salvação de todos, salvação para todos, penetração lenta no Bem proprio para d'elle fazer um instrumento do Bem universal. Leituras interminaveis e longamente pensadas; soliloquios constantes d'um espirito que constantemente se confessa para constantemente se corrigir; intensas meditações em que a sua vida se confundia na vida do Ser, n'um desejo permanente de sentir na sua consciencia d'homem latejar a consciencia do Universo—eis o abstracto emprego dos seus nobres dias. Outro não era o dos Solitarios, nos desertos do alto Egypto, tentando a suprema fusão com Deus. Como regressos ao mundo, d'onde por virtude e mesmo por gosto se não sequestrara, tinha as suas visitas ao Porto, a Oliveira Martins. Era o que elle chamava as grandes «dissipações».

Oliveira Martins vivia então na sua linda e recolhida casa das Aguas-Ferreas. Se já houve em Portugal um delicado e grave retiro de estudo e de trabalho, sereno, hospitaleiro, superiormente polido e culto, forte em affeições, fecundo em obras, bello pela consciencia e pela sciencia, e como espiritualisado pelas correntes de pensamento que n'elle tão livremente circulavam, foi esse da saudosa casa das Aguas-Ferreas—emquanto não veio bater á porta a Politica, disfarçada, trazendo sobre a face torpe a mascara nobre do Civismo. A bibliotheca ficava em baixo, abrigada no silencio propicio de viellas desertas: ahi viveu Oliveira Martins os seus dias mais doces, e escreveu os seus livros mais fortes, n'uma regra e concentração de Benedictino, cortadas ás vezes por tumultuosas inspirações d'artista, como quando ao reviver a *Historia da Republica Romana*, durante quarenta horas, sem descanço, sustentado a café, elle foi empurrando com

penna magnifica, atravez das ruas de Roma, da porta Carmental ao Capitolio, o triumpho de Paulo Emilio. Anthero encontrava ahi alguns dos seus companheiros de Coimbra, mais amadurecidos, disciplinados pelo trabalho, cada um ancorado na sua pequena Ithaca, mas conservando todos o gosto das viagens incertas pelos mares da Phantasia. A «encantada e phantastica Coimbra» d'outros tempos resurgia, com mais ordem intellectual, um saber mais positivo, e uma outra consciencia da vida e da sua seriedade. E, como em Coimbra, Anthero era ainda a curiosidade e o encanto d'aquellas tertulias, misturadas de alto criterio e de bello riso, onde por vezes toda uma Metaphisica, em plena expansão, tropeçava e desabava sobre a ponta aguda d'um calembourg. O seguro renovo de saude depois das desesperanças da doença, sobre tudo a paz philosophica, tinham robustecido a alegria nata de Anthero — e dado á sua natureza, até ahi alternadamente meiga e violenta, uma serenidade egual e contemplativa como a luz d'um bello dia d'outomno. Aquellas indignações d'insurrecto, em que outr'ora constantemente o lançavam os seus instinctos de superior justiça e certos laivos persistentes de Radicalismo, eram agora rarissimas n'elle: e as miserias ou vergonhas da Politica (que em casa de Oliveira Martins, já director da *Provincia*, repercutiam com particular intensidade) só causavam a Anthero uma compaixão tranquilla. Elle, de resto, ainda acreditava então que miserias e erros provinham do vicio ou da incompetencia da pequena Casta Politica que, atravez de Lisboa, domina a Nação, — e que, no fundo do povo, existia, latente mas intacta, uma grande energia viva, capaz de reconstituir, sob a direcção da Virtude e da Capacidade, a ordem na Sociedade portugueza. Mas d'esse movimento reconstituidor (para que entrevia já os chefes predestinados) Anthero só queria ser a testemunha consolada, quando muito o philoso-

pho tutelar. O seu espirito só se interessava pela essencia pura das ideias; — e creio que dos seus tempos de propagandista lhe ficara uma pudica repugnancia pelo manejo directo dos homens e dos factos. E todavia ninguem como elle possuia o dom melhor para arrastar homens atravez de desertos — a força e graça de seducção. Anthero nascera pastor — mas um pastor que, infelizmente, não tolerava a grosseria e a materialidade do rebanho.

O seu cuidado, n'esse anno formoso em que tanto vivemos nas Aguas-Ferreas, era construir definitivamente a «sua Philosophia», que não queria desenrolar n'um Tractado, mas (como elle dizia, rindo) condensar n'um Cathecismo, muito claro, muito simples, todo em aphorismos, de quinze ou vinte paginas, que se encadernasse em marroquim, se trouxesse na algibeira como um Viatico da Razão Pura. Rindo tambem, muitas vezes se lamentava de não ter tres ou quatro discipulos que iniciasse no seu Evangelho, e que, depois de o comprehenderem finamente, escrevessem por elle as Epistolas aos Galacios e aos Corinthios. Eu sempre ardentemente me offereci para ser o seu S. Paulo, affrontar os gentilicos, derramar o Verbo. Mas Anthero receava que, como artista, eu materialisasse as suas ideias em imagens — imagens floridas, cinseladas, pittorescas, e arripiadoras portanto para quem como elle abominava o Pittoresco. Creio de resto que Anthero não sentia prazer nem utilidade em publicar o seu pensamento. Considerando o estado mental da sociedade portugueza, elle reconhecia quanto a sua doutrina e as suas conclusões parecerião incomprehensiveis, extranhas, phantasmagoricas. No seu paiz Anthero era como um exilado d'um ceu distante; era quasi como um exilado no seu seculo. Para que, pois, mergulhar na multidão, annunciar uma verdade que a todos se affiguraria um sonho, e um sonho nem ao menos composto com os elementos e os pedaços

de realidade que entram sempre no arranjo dos sonhos? Seria o pueril labor do Propheta no Deserto — emquanto a caravana bebe nos costumados poços, retrilha o costumado trilho, e avança para a costumada Meca, onde morre da costumada peste. Anthero era d'esses que intellectualmente antidatam, e que, quando escrevem, como dizia Stendhal, teem de esperar oitenta annos para serem lidos — e contestados. Por isso preferiu permanecer callado — tendo por consolação entrever «o Norte para que se inclina a divina bussola do Espirito Humano». Só mais tarde, por um esforço d'amizade, para favorecer a *Revista de Portugal*, e tambem para entreter a solidão espiritual em que o deixara a partida de Oliveira Martins, installado em Lisboa e na Politica, é que Anthero esboçou rapidamente algumas ideias, certas tendencias do seu espirito, que elle considerava, e com razão (o neo-idealismo crescente da Litteratura e da Arte, n'estes ultimos annos, o prova) serem as tendencias geraes do Espirito Philosophico no fim do seculo xix.

Anthero, com effeito, vivia muito solitario em Villa do Conde — sem mesmo a companhia das suas «pequenas» que, agora crescidas e necessitando uma educação feminina e domestica, elle collocara, depois de muito escolher, de muito cogitar, no convento das Dorotheas. Como regressos ao mundo, «grandes dissipações», sómente lhe restavam as visitas a Luiz de Magalhães, á quinta do *Mosteiro*. Anthero amava a farta lavoura, a forte vida naturalista e sã que enchião aquella antiga vivenda de frades. Mas sobre tudo lhe era doce, e talvez salutar, ver, em meio de vida tão verdadeira e livre, Luiz de Magalhães, robusto, exhuberante, patriarchal, com aquella sua clara alma onde a alegria repica de matinas a trindades, arando os seus campos e fazendo os seus versos, como outr'ora Virgilio. Estas visitas, depois a sua solidão, e sobretudo o motivo que a avivara, a defi-

nitiva entrada de Oliveira Martins na Acção, levaram Anthero a considerar com mais attenção, quasi com paixão, a Politica, os seus actos e os seus homens. Sempre intensamente portuguez, nunca alheio ao que interessava a nação, era natural todavia que a Politica se tornasse para elle uma realidade mais sentida, desde que um nobre amigo, um irmão, passara das idêas para os factos, e surgia como um Reformador, empurrado, acclamado por tantas esperanças puras e crentes. Este novo interesse de Anthero não veio senão desmanchar a suave paz intellectual que o envolvia. Seguindo o movimento do mundo politico com a curiosidade com que se olha para um mar onde o barco d'um irmão anda a manobrar e a rolar — Anthero foi recebendo repetidas impressões de tedio e de desesperança. Aquelle espirito pacificado, e tão feliz quando contemplava metaphysicamente o Universo, porque sentia o fim soberanamente perfeito a que elle marcha na sua evolução — perdia a paz, perdia a felicidade, quando observava o pequeno Portugal, e este curto momento historico em que elle se debate entre tanta baixeza e miseria moral. É certo que a sua super-sensibilidade de artista, de metaphysico e de solitario exageravam essa miseria e essa torpeza. E quando uma tarde, passeando por Lisboa, elle confessava a um amigo, com terror sincero, que em todos aquelles homens que se cruzavam na fria tarde de inverno distinguia nitidamente o signo fatidico da aniquilação imminente, e a ferocidade mal escondida de seres esfaimados que se vão entredevorar — evidentemente estava soffrendo d'uma visão e não exercendo o seu destro e lucido raciocinio. Assim S. Pacomio, descendo da alta Thebaida a Alexandria, soltava gritos pelas ruas, por que, sob as tunicas molles e bordadas d'aquelles Alexandrinos votados á sensualidade e á falsa dialectica, elle via claramente o pé de bode que revela os demonios. Mas, de resto, a visão de Anthero tinha um

seguro nucleo de realidade. E pelo exame d'essa realidade, a que elle desfazia não sómente todos os fios visiveis mas antevia os prolongamentos ainda encobertos, viera a descrer de Portugal, com uma descrença que lhe era angustia. Angústia bem contradictoria n'um grande intellectual, que sentia o mundo, atravez de todas as apparencias perversas, marchar sublimemente para o Bem, supremo e consolante momento da evolução do Ser. Que póde importar uma chaga em corpo, que, por effeito mesmo d'essa chaga e da sua decomposição, se está transformando no puro Espirito, no Anjo? Taes contradicções, porém, pullulam no mysticismo, enchem a historia dos Santos do Deserto.

E a angustia era tanto mais pungente quanto Anthero via o seu grande amigo Oliveira Martins que se debatia, já vacillando, no meio d'esse mundo por elle considerado de irresgatavel torpeza. Hercules partira para limpar as cavalhariças d'Augias: Anthero animara, acompanhara Hercules até ás portas da escura infecção: — e agora o lodo, em vez de diminuir sob o esforço (que se julgara invencivel) do filho forte de Zeus, parecia crescer, cada manhã mais espesso, para o immobilisar e suffocar. Desalento amargo para Anthero — e repassado de colera. Quando eu, justamente por esse tempo, o convidava a traçar na *Revista de Portugal* um «Quadro da Sociedade Portugueza», elle recusou asperamente, declarando que, a respeito de Portugal, só «podia rugir, vomitar amargores, e esses rugidos e amargores, sem o alliviar, magoariam e contristariam outros». Era ainda aqui o homem que, no meio da grande colera, não esquece a grande caridade.

Dentro d'essa caridade estava já a semente d'uma nova e definitiva pacificação. Mas tinha ainda de ser phantasticamente illudido, de crear outro immenso Phantasma, para o servir com amor. É seguindo Phantasmas,

atravez dos «palacios encantados da illusão», que a final se vem a repousar deliciosamente na Paz do Senhor. Essa singular illusão foi a *Liga Patriotica do Norte*. Elle proprio lhe chamava «o seu derradeiro Phantasma». Anthero acreditou então, e com deslumbrado ardor, em coisas inacreditaveis — na mocidade iniciadora; na contricção dos velhos partidos peccadores; na alma quinhentista de Portugal resurgindo; no despertar d'um povo, com a vontade bem consciente, e formulada em comicios, de ser novamente esforçado e grande!

Trazido por uma turva d'estudantes, que a força d'uma lenda impellia, e que agitavam tochas e bandeiras, deixou o seu retiro de Villa do Conde. Sem ainda saber o que se pedia á sua forte auctoridade moral, foi acclamado n'uma assembleia do Porto, onde os seccos burguezes do tristonho burgo se entretocavam o cotovello, murmurando com desconfiança: — «Quem é elle?» Era um symbolo. Na casa em que se hospedara, tremulava sobre uma varanda o estandarte de Portugal, annunciando, á velha moda feudal, a presença do senhor da terra, defensor das gentes e dos gados. Tão symbolico era que alguns mais exaltados, ou mais estheticos, estudavam a fórma d'uma dalmatica de doge, toda em velludo e arminhos, com que elle devia presidir ás sessões da Liga!... E a Liga, que ainda mal nascera, já findava, decomposta. Tão decomposta que dentro d'ella não restava outro movimento senão o fervilhar dos vermes partidarios, Regeneradores e Historicos. Quando se acabaram d'elaborar os Estatutos, que eram o programma muito complexo da Nova Vida, a Liga já não existia, dispersa, sumida, toda fugida para os habitos da Vida Velha. Os politicos tinham recolhido aos seus centros: — a Mocidade que fôra arrancar Anthero á Metaphysica, regressara, cançada d'esse esforço, ás banquetas e aos *bocks* dos cafés da Praça-Nova. Na sessão em que se le-

ram os consideraveis Estatutos só havia, na vastidão dos bancos, quinze membros que bocejavam. E n'uma outra final, como ventava e chovia, só appareceram dois membros da Liga, o presidente que era Anthero de Quental, e o secretario que era o Conde de Rezende. Ambos se olharam pensativamente, deram duas voltas á chave da casa para sempre inutil, e vieram, sob o vento e sob a chuva, acabar a sua noite em Santo Ovidio. (1)

Assim se sumiu a Liga. E, desfeitas as fórmas revoltas d'esse estouvado sonho, Anthero reentrou n'uma paz magnifica. Nunca com effeito, como n'essa primavera, quasi toda passada em Santo Ovidio, o conheci tão sereno tão estavel na vida, de uma tão deligente e risonha sociabilidade, movendo o espirito dentro d'uma liberdade tão rica. Se algum amargor lhe ficara d'essa Illusão derradeira, a que tão candidamente se abraçara e que tão chôchamente se esvaira, de certo a sua ironia lh'o adoçou ou de todo lh'o dissipou. Foi talvez mesmo um motivo para subir de novo aquellas alturas do Pensamento, d'onde as coisas se avistam na sua essencia e verdade intrinsecas, sem que importem os accidentes, as modalidades e as imperfeições transitorias. Eil-o pois de novo refugiado na impassibilidade subjectiva, na alva torre de marfim. O seu paiz, é certo, apodrece... Que importa — se o universo todo, onde elle é apenas uma mancha esverdinhada, se move divinamente para o Bem, para a Verdade, para a Belleza ?

A este equilibrio d'alma correspondia então n'elle uma verdadeira pacificação physiologica. A não ser por certos cançassos, e pelo habito de comer como os fakirs

(1) *Santo Ovidio* — nome por que é geralmente conhecido o palacio e quinta dos Condes de Rezende, sito no Campo de Santo Ovidio, hoje Campo da Regeneração.

N. do E.

da India uma unica vez de sol a sol, (o que á nossa voracidade godo-latina se affigura uma deficiencia morbida) Anthero possuia todas as facilidades e exterioridades da saude, começando pelas rosas desabrochadas que lhe resplandeciam em cada face. E n'este socego d'alma e de corpo, depois dos tormentos que ambos tinham atravessado, brilhava, com uma luz mais alta e mais visivel, a sua excellencia moral. Conviver então com Anthero foi um encanto e uma educação. Não conheço virtude que elle não exercesse: e com uma graça tão fina e facil, que a Virtude, atravez d'elle, apparecia, não só como a suprema utilidade, mas como a suprema elegancia da Vida. A alma de Anthero, com effeito, foi sempre superiormente elegante.

Logo os seus modos tinham uma harmonia carinhosa, envolvedora, que era melhor que a boa-cortesia social, e que não nascia sómente da raça e da cultura, mas do nobre fundo dos instinctos, do seu amor e alta caridade humana. Não havia n'elle nenhum dogmatismo, nem orgulho de casta philosophica: e mesmo sobre doutrinas, e em coisas da sua fé, nunca usava aquella «ponta aggressiva da contradicção» que todos os theologos concordam ser a qualidade mais desagradavel do Diabo. Era cheio de paciencia, de attenção affavel, para os seres mais fastidiosos, mais viscosos. Todas as manias e preconceitos o encontravam risonhamente misericordioso. E sem esforço, a cada instante a sua intelligencia, accostumada ás alturas, descia até ás familiaridades da rua, pequeninamente simples com os simples, tão facil que uma creança podia brincar com ella, semelhante a essa Estrella da lenda que era um mundo, e que na cabana da pastorinha vinha prestar os mais humildes serviços, e ser a fagulha que accendia a lenha e a luzinha que tremelejava na candeia. Por isso Anthero captivava «toda a sorte e condições de gentes varias», como diz a Biblia.

Vi lavradores, diplomatas, industriaes, toireiros, meros vadios, voltarem da sua companhia gratamente encantados, e cada um louvando n'elle um dom diverso, qual o bom senso, qual o saber especial, qual a gentil graça, qual a doçura. Tacanhos beatos, de relicario e opa, amavam aquelle livre Philosopho: e mundanos, de estouvada mundanidade, viviam no enthusiasmo d'aquelle asceta. Isto provinha, menos da sua illimitada aptidão para comprehender, que da sua amoravel facilidade em se interessar: — e ainda tambem d'aquella sua delicada arte, tão rara e benefica, provando sempre nobre raça e muita humanidade, a arte de «saber escutar». E não só d'escutar, mas de ajudar o pensamento dos outros a surgir dos embaraços da expressão pêrra, a lançar o seu pequenino brilho: — e assim muitos affirmavam que, conversando com Anthero, se sentiam inesperadamente mais inventivos, mais intelligentes... A intelligencia era a d'elle, que, como o generoso sol, feito d'oiro candente, tudo doira em redor.

Era tocante como attrahia as creanças. Muitas noites em Santo Ovidio, quando junto do fogão Anthero conversava, sentado no meio d'um divan, na sua attitude costumada, com as pernas cruzadas, as duas mãos cruzadas sobre o joelho magro, surprehendi pequenos de seis e sete annos, que, desviando os olhos d'algum livro de estampas, o contemplavam maravilhados. Elle possuia, de resto, a subtil sciencia de tratar com creanças, sendo ainda elle proprio como uma creança, porque a sua alma, que tanto vivera pela cogitação, nada perdera da candidez — e era assim ao mesmo tempo muito velha e muito innocente.

O motivo d'esta incomparavel seducção era a sua bondade, tão luminosa, tão repassada d'intellectualidade. Anthero n'esse tempo, tornado verdadeiramente Santo Anthero, irradiava bondade. Como n'aquelles jardins

espirituaes celebrados pelos Mysticos, d'onde se varreram todas as folhas seccas, d'onde se arrancaram todas as hervas más, muito limpos e enfeitados para receber a visita do Senhor—na alma de Anthero, de que elle fôra jardineiro cuidadoso, não restava herva má ou folha secca, nem egoismo, nem soberba, nem intolerancia, nem desdem, nem colera. Só as flores do Bem (de cuja duração e perfume elle outr'ora duvidara) floriam, e tão lindamente e frescamente que o jardineiro agora repousava, e a cada hora de sol ou de crepusculo o Senhor podia descer e visitar o seu jardim... Quando muito, aqui, além, n'uma ponta de folha mais lustrosa, corria uma faisca d'ironia.

Mas o Sarcasmo, esse, inteiramente o abandonara, como arma de batalha que se deixa enferrujar logo que vem a bella e doce paz. Tambem o meu santo amigo perdera aquella exhuberante veia comica, que fazia da sua conversação como um seguido estalar de foguetes, enchendo o ceu de festivo ruido, de estrellas quasi verdadeiras, de sulcos côr d'oiro onde se iam levados o nosso pasmo e os nossos *ahs!* deleitados. O seu conversar agora era calmo e lizo, desadornado de todos os brilhos intensos, d'uma elegancia muito leve, d'uma insinuancia muito lucida, sempre risonho, sempre sociavel, e tão naturalmente harmonioso que formaria paginas de uma incomparavel prosa, só com ser transcripto, sem necessidade de lima e arte que o apurasse. A grande obra de Anthero, na verdade, foi a sua conversação. O que resta em Pamphletos, Artigos, Ensaios, representa tão incompletamente o seu pleno, rico, povoado, fecundo espirito, como seccas folhas d'arvore entre folhas de papel representam um fundo bosque da Florida. Só os que o escutaram, na intimidade, ficaram conhecendo a prodigiosa abundancia, originalidade, finura, profundidade e força do seu pensamento. A antiquada comparação do «re-

lampago» allumiando subitamente horisontes, campos, estradas, casaes, toda uma vastidão de vida e terra que se não suspeitava sob a escuridão, descreve muito graphicamente o effeito intellectual de Anthero conversando. E o encanto estava em que todo este deslumbramento era produzido com muita simplicidade—quasi com humildade.

Tão fortes qualidades moraes fundidas n'uma graça tão captivante, modos tão suaves e amoraveis servindo uma tal energia pensante, faziam de Anthero de Quental uma personalidade magnificamente consoladora. No meio da mediocridade espiritual, e da inconsiderada rudeza dos costumes, e do materialismo argentario, os espiritos delicados encontravam na sua intimidade, e mesmo na sua fugidia convivencia, um repouso semelhante ao que o corpo cansado e pisado do calor, do pó, dos encontrões d'uma feira de gado, recebe ao penetrar na frescura e na elevação d'um templo.

Anthero possuia uma alma, onde, na meiga e intraduzivel expressão de França—*il faisait très-bon.* Por isso todos os intellectuaes, que uma vez o encontrassem, lhe conservavam para sempre um sentimento que era misturado de amor e não dessemelhante da devoção. E tinhamos ainda n'elle um confortante orgulho, pois bem sentiamos que esse homem tão simples, com uma má quinzena d'alpaca no verão, um paletot côr de mel no inverno, vivendo como um pobre voluntario n'um casebre de villa pobre, sem posição nem fama, sempre ignorado pelo Estado, nunca invocado pelas multidões, era o elo rijo, o mais rijo elo de fino oiro, que prendia Portugal ao mundo do pensamento. Ora uma nação só vive por que pensa—e pelo que pensa. *Cogitat, ergo est.* N'aquelle humilde, pois, que se comprazia entre os humildes, estava a mais larga e mais rica somma da verdadeira vida de Portugal.

Como aquella noite de Coimbra em que o conheci, era tambem de primavera e de luar a noite derradeira que passamos juntos em Santo Ovidio. De tarde andaramos por sob os nobres e seculares arvoredos da quinta. Depois elle descansou no meu quarto, estendido na cama, com o seu cigarro, como nos tempos escolasticos. Pela varanda, orlada de glycinias, aberta sobre os jardins, entrava frescura, paz, o murmurio dos repuxos dormentes, todo o aroma esparso das rosas de Maio. Anthero amava aquella velha vivenda patricia, refugio excellente para um erudito, ou para um magoado da vida que procurasse um ermo ainda florido e onde a severidade fosse risonha. E assim viemos a conversar d'esta materialidade dos tempos, e estridor das cidades, e exageração da actividade cerebral, e aspereza das democracias, que começam a empurrar tantos seres sensiveis, ou mais imaginativos, para a quietação religiosa e para o Deserto moral. Anthero pensava que uma forte reacção espiritualista e affectiva se seguiria á materialidade d'este duro seculo utilitario e mercenario; — e, rindo, relembrou a sua antiga idea, a fundação da *Ordem dos Matteiros*. Estes monges do idealismo teriam por missão o reconstituir, em toda a sua belleza e dignidade primitivas, a vida rural, a mais elevada, porque immolando toda a civilisação sumptuaria, e portanto todos os appetites e paixões e necessidades falsas que d'ella derivam, e reclamando apenas ao seu bocado de terra o seu bocado de pão, conquista socialmente a verdadeira liberdade, e atravez d'ella se prepara a attingir espiritualmente a verdadeira perfeição. Mas não era esta a obra melhor dos *Matteiros*. Toda essa reorganisação do mundo, na fórma de quietos e fecundos hortos, servia de base a uma alta renovação religiosa. Qual? Anthero tendia para uma mistura do Platonismo e do Budhismo. Eu preferia que os *Matteiros*, retomando a grande obra de cultura que fez a conversão do Chris-

tianismo Catholico em Christianismo Historico, a adeantassem, deslocassem o Christianismo da região da Historia para a região da Psychologia, removessem toda a alluvião ecclesiastica e theologica, e descobrissem, revelassem o ponto verdadeiramente divino — o estado da Consciencia de Christo... Tudo isto occorria muito familiarmente, sem pompas exegeticas ou philosophicas; e terminámos mesmo por escorregar da Philosophia para a Phantasia, organisando a Ordem, os seus estatutos, a sua disciplina, o seu trage, o seu ceremonial. Toda a difficuldade foi que, para esta adoravel reconstrucção da terra e da humanidade, repercorrendo os nossos amigos, só encontrámos tres *Matteiros* sérios. E eu proprio, tão dedicado, reclamava já confortos, regalias estheticas, e uma poltrona no Deserto. Depois appareceu o Conde de Rezende, que immediatamente pediu o habito e a enchada, e offereceu, para se erguer o primeiro mosteiro, uma das suas terras, Canellas ou Rezende. A velha quinta de Rezende parecia a Anthero excellente, quasi fatidica para uma obra de conquista espiritual — pois sob os seus historicos arvoredos fôra educado Affonso Henriques, d'entre elles sahira a velar as armas na sé de Zamora, e, depois, cavalleiro christão, a batter o Moiro, e a fundar o reino christão. Acceitamos a quinta com apostolico fervor. Mas o senhor de Rezende teve exigencias tão epicuristas a respeito do refeitorio, que Anthero indignado, apesar da magnifica offerta, o expulsou logo da Ordem como tinhoso, servo irremivel da carne... Assim riamos, brincando com os Problemas, entre o aroma das rosas, n'aquella noite de Maio.

Já tarde acompanhei Anthero á casa que elle habitava na rua de Cedofeita. Conversamos sobre os seus planos — porque agora, as suas pequenas, crescidas, iam sahir das Dorothêas, e, para as installar no mundo, devia elle repenetrar no mundo. Pensava pois em voltar á sua ilha,

a S. Miguel, como sendo um mundo mais sereno, mais puro, mais facil. Lisboa para Anthero era uma Ninive revôlta e sordida. Deante da sua porta aberta ainda nos retardamos em pensamentos ligeiros da vida e da sorte. Por fim: — «Adeus, Santo Anthero!» — «Velho amigo, adeus!» Elle mergulhou lentamente na sombra do corredor... E não o vi, nunca mais.

Foi para S. Miguel, para o seu mundo mais doce, mais facil... Depois, uma tarde, como aquelle philosopho Demonax de quem conta Luciano, «concluindo que a vida lhe não convinha, sahiu d'ella voluntariamente, e por isso muito deixou que pensar e murmurar aos homens de toda a Grecia». O que d'elle pensam os homens da nossa Grecia não o sei — pois que de ha muito, na nossa Grecia, uma apagada tristeza traz os homens desattentos e mudos. É morta, é morta a abelha que fazia o mel e a cera! Quem se nutre ainda do gostoso mel? Quem se allumia ainda com a pura cera? Por mim penso, e com gratidão, que, em Anthero de Quental, me foi dado conhecer, n'este mundo de peccado e de escuridade, alguem, filho querido de Deus, que muito padeceu porque muito pensou, que muito amou porque muito comprehendeu, e que, simples entre os simples, pondo a sua vasta alma em curtos versos — era um Genio e era um Santo.

Eça de Queiroz



UM AVÔ DO POETA

BARTHOLAMEU DO QUENTAL

(1626-1698)



OMO simples lembrança, dedicada á memoria de Anthero, offerecemos as seguintes linhas, que se referem a um retrato notavel de um de seus illustres avós, o Veneravel Padre Bartholameu do Quental, fundador da Congregação do Oratorio em Portugal (1668-1672). Descobrimol-o no paço episcopal de Fontello, perto de Vizeu, n'uma das arrecadações da capella. O retrato deve merecer pelo valor da tela, certamente muito apreciavel, e pela pessoa que representa, um logar de honra na pequena galeria de pinturas d'aquella historica habitação.

A biographia do illustre sacerdote está escripta por Barbosa Machado *(Bibliotheca lusitana*, vol. 1, pag. 474-477) proficientemente. As suas virtudes, tão admiradas no seculo, os seus escriptos (sobretudo os sermões) que lhe valeram um logar a par de Vieira, a sua influencia, como reformador dos costumes e dos estudos, na côrte e

nas provincias, estão reclamando um exame especial [1]. Quer á frente do hospicio religioso de Lisboa ou na posição de confessor e prégador da capella e Casa Real; quer nas provincias, como promotor das filiaes da Congregação do Oratorio no Porto, em Braga, Vizeu, Extremoz, etc., foi sempre o mesmo modelo de bondade, saber e dedicação. A Congregação inspirou e manteve até á extincção das ordens religiosas em Portugal a admiração e o respeito que mereceu em vida do fundador. As boas lettras devem-lhe optimos serviços [2].

....

Oliveira Martins mostrou-nos em 1881 um retrato do P.e Bartholameu, dadiva (salvo erro) de Camillo Castello Branco. Era uma pequena tela, a oleo (cêrca de 2 palmos de altura por 1 ½) que elle e Anthero pareciam considerar como retrato authentico. A primeira vista reconhecemos ser uma pintura amaneirada, elegante, da primeira metade do seculo XVIII, muito propria para enfeitar, cercada de linda talha rendilhada, uma capellinha airosa, perfumada, cheia de *rocaille,* azul e oiro. Do vulto austero do seculo XVII, nem sombra! Pouco depois vimos pela primeira vez o retrato de Vizeu, que deixou em nós indelevel impressão. O veneravel padre está em pé, pintado de tamanho natural, com as vestes negras, severas, da Congregação; na cabeça o barrete de quatro pontas [3]. Deveria contar pelo menos 50-55 annos, quando foi retratado; alto, magro, rosto macerado pelas vigilias e pelo

(1) Ha apenas uma biographia em latim, escripta pelo Dr. João Catalano, doutor em ambos os direitos e professor de theologia. Romæ, typis Antonii de Rubeis, 1734, 8.º citada por Barbosa Machado.

(2) Vid. Silvestre Ribeiro.—*Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, vol. I, pag. 188-89.

(3) *Ordinum religiosorum in ecclesia militanti Catalogus*, etc. in iconibus expressa et oblata a P. Philippo Bonanni S. J. Romæ, 1738. Ed. quarta. Pars prima. Estampa n.º XLVI.

estudo, aguçando para a barba; nariz sêcco e comprido, um tantô aquilino, que ainda carrega mais a expressão severa de uns olhos fulgurantes, perscrutadores, de côr azul-parda, que se escondem em fundas orbitas. São os de um varão habituado a mandar e a ser obedecido. As orelhas grandes, encarquilhadas e bastante affastadas do craneo completam o typo extranho, ascetico e visionario, que nada tem de bello, nem de sympathico; comtudo, é profundamente caracteristico. O cabello, que mal se vê, por causa do barrete, é branco; devia ter sido louro, a julgar pela brancura da tez, que a velhice precoce e as privações fizeram ligeiramente eburnea. As mãos brancas e seccas de carnes, os dedos compridos e delgados, denunciam o aristocrata.

O vulto está envolvido n'uma allegoria, á moda do seculo XVII. Parece estar discursando, a mão direita erguida, em acção de fallar; da esquerda pende um grande, pesado rosario, de grossas contas. Do lado esquerdo vê-se uma mesa com tinteiro e areeiro, enfeitado com duas pennas de pato, e o competente canivete; ao fundo, uma grande estante com livros; aos pés uma mitra branca. Do lado direito do padre collocou o artista uma grande tarja oval, de estylo baroque, sustentada por um genio, cuja dextra aponta para o seguinte distico: *Elegit Philippum | et Bartholomæum | Ille huic eripuit | ne esset primus | Hic illi | ne esset solus |*. Na base da pintura, o rótulo: *Vera effigies V. P. Bartholomei do quental fundatoris congregationis | oratorii in Lusitania. obiit 20 die decemb. 1698. ætat. suæ 72.* Logo depois, o *Epigramma* de Marcial, (lib 10 Epigr. 32). *Ars utinam mores, animumque effingere posset | effigies multo verior ista foret* (1).

(1) O *Epigramma*, na lição do original diz, no segundo verso: *Pulchrior in terris nulla tabella foret.* Barbosa Machado assim o transcreve. Entendemos, porém, dever conservar a variante posta na tela de Fontello.

A inscripção da tarja começa por uma allusão aos dous apostolos: Felipe e Bartholomeu, cujos nomes são tambem os do fundador italiano e do imitador portuguez, os quaes equipara, dizendo: aquelle privou este da gloria de ser o *primeiro*; e este tirou áquelle o merito de ser o *unico*. Oxalá, accrescenta o epigramma, que a arte podesse pintar a pureza dos seus costumes e o vigor do seu espirito, então o retrato seria mais verdadeiro. A mitra branca, no chão, allude á recusa da cadeira episcopal de Lamego, que a sua modestia não admittiu.

Segundo Barbosa Machado, o autor da allegoria foi o P.e Antonio de Faria, filho da mesma Congregação e varão douto nas lettras divinas e humanas. Na casa professa de Lisboa existia ao tempo do eminente bibliographo uma grande tela, que condiz perfeitamente com a de Vizeu. Tinha apenas uma inscripção biographica muito mais extensa, que Barbosa Machado copiou. O P.e Diogo Curado, filho da Congregação de Lisboa, grande theologo e prégador mandou gravar em 1713, estando em Roma, o retrato do illustre padre portuguez com o titulo *Veneravel*, concedido pelo Papa Clemente XI. Innocencio da Silva (*Diccion. Bibliogr.* vol. I, pag. 336) cita esse retrato (1). Para completarmos a nossa singela noticia lembraremos mais dous retratos: um, de meio corpo, sem nome, da Bibliotheca Nacional de Lisboa (2); outro, tam-

(1) Innocencio cita em outro logar (vol. VII pag. 108) uma outra gravura, de corpo inteiro, 12 cent. com a indicação: *Vera effigies*, por Nicolaus Billig. Deve talvez ler-se: Billing, ou Billingue, parente ou irmão de Clemente, que gravou muito em cobre, em Portugal, na segunda metade do sec. XVII. Outro mais moderno, e differente em feições, grav. em Lisboa, por Silva, 9 cent.

(2) Vem mencionado com uma boa noticia biographica nos *Estudos biographicos* ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisboa por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco. Lisboa, 1854. Fol. 227-228 n.º 275.

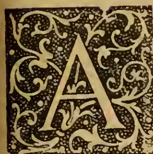
bem de meio corpo, e de tamanho quasi natural, existe na Bibliotheca de Evora, collocado por cima da porta da sala principal, com o n.° 344. É o mesmo typo, a mesma cabeça e expressão do quadro de Vizeu. Este ultimo foi provavelmente da casa do Oratorio, fundada n'aquella cidade; o edificio ainda lá existe, como verificámos. Temos o retrato de Fontello por uma boa pintura, original, do primeiro terço do seculo XVIII, que bem merece, como dissemos, um logar de honra no paço. Está bem conservado e não soffreu retoques. Comtudo, é completamente desconhecido, mesmo em Vizeu. Em 1881 ainda estava na capella do Paço; hoje jaz abandonado n'uma dependencia d'ella, e em risco de perder-se com a humidade e o pó. As dimensões approximadas da tela são: Alt. $1,90 \times 1^{m},15$. Nenhum dos retratos citados tem a menor analogia com o que possuia Oliveira Martins.

Porto, Dezembro de 1895.

Joaquim de Vasconcellos



NO TUMULO DE ANTHERO



QUI jaz pó: eu não; eu sou quem fui,
— Raio animado dessa Luz celeste,
Á qual a morte as almas restitue,
Restituindo á terra o pó que as veste.

Junho, 94.

João de Deus

APPENDICES

I O BRAZÃO DOS QUENTAES — ESBOÇO GENEALOGICO.

II BIBLIOGRAPHIA ANTHERIANA.

III CARTAS DE ANTHERO.





O BRAZÃO DOS QUENTAES

—



DESENHO do brazão tem por base o que usou nos bilhetes de visita o irmão mais velho de Anthero: André da Ponte Quental da Camara Bettencourt, e o que usa, presentemente, seu filho o snr. Paulo de Quental, official do exercito. Parece que pertencendo a cabeça de serpe á ponte — (familia *Ponte)* se deveria pôr no elmo o timbre dos Quentaes, que é um pescoço de lobo. Entendemos porém que, á parte o desenho mais archaico na configuração do escudo, feitio do elmo, e lavor do paquife, não tinhamos o direito de alterar em nenhum ponto essencial o symbolo historico da familia. O que fizemos limitou-se simplesmente á parte ornamental do escudo que foi rigorosamente copiada de um modelo de Ruy Telles de Menezes (morgado dos Telles), gravado em madeira, Lisboa, 1605. *(Nota da redacção.)*

Damos em seguida differentes apontamentos de varios amigos sobre a genealogia de NOVAES (1) — PONTES — e QUENTAES e seus respectivos brazões, começando com os do snr. Paulo de Quental:

I

«O nosso brazão, tal como foi dado na primitiva e se acha no livro da Torre do Tombo, fol. 37, segundo Sanches de Baena, é: em campo de prata uma banda xadrezada de vermelho e prata de tres peças em faxa, tendo a do centro coberta com cotica preta. E tem por timbre um pescoço e cabeça de lobo em vermelho e prata.

É este mesmo brazão que se acha descripto por meu pae, nos seus apontamentos para um diccionario heraldico; comtudo, por ligações posteriores, o que usamos é o que envio, onde foi introduzido um quartel com as armas dos Pontes».

II

(Communicação do snr. dr. Aristides da Motta)

NOVAES e NAVAES. — O conde D. Pedro dá principio a esta familia em D. Pedro de Novaes, *o Velho*, com geração continuada, e tratando dos Pimenteis traz outros Novaes, do que Fr. Filippe de la Gandara tem para si que houve em Galliza duas casas distinctas uma da outra, no mesmo tempo; o seu solar n'aquelle reino era o castello de Novaes, porém, passando a Portugal com o conde D. Henrique Affonso Fernando de Novaes pelos annos de 1090, fundaram n'este reino outro solar com o mesmo nome no districto de Guimarães.

(1) Figuram aqui por alliança. Simão de Novaes foi um padre illustre, fundador do convento da Praia, na Ilha Terceira (vid. no texto d'este volume, pag. 11). Vid. os n.os XII e XIII da Genealogia.

(Nota da redacção).

Foi neto do referido Affonso Fernandes de Novaes, Vasco Fernandes de Novaes, que se achou na tomada de Lisboa, e viveu no referido solar, o qual foi pae de Fernão Vasques de Novaes, por quem se continuou este appellido São suas armas em campo azul cinco novellos de prata, postos em santor: timbre, uma aspa azul entre dois novellos, como os do escudo. (Assim as traz Villas-Boas, *Nobliarchia*, pag. 311).

(Sanches de Baena pag. CXXVI do *Indice heraldico*. Lisboa, 1872, pertencente ao *Archivo heraldico-genealogico*.)

PONTE. — Esta familia é d'Hespanha; teve o seu solar no valle de Salsedo, na villa de Val de Maceda (1). Dizem proceder de Sancho Peres, que defendeu a ponte do rio Orbito (2), que pretendia passar um famoso capitão mouro ao qual cortou a cabeça. Passou a Portugal, no tempo d'el-rei D. Fernando, Pedro da Ponte, filho de Diogo Annes da Ponte e estabeleceu-se no Minho. Seus netos viveram em Elvas, e aparentaram com a principal nobreza d'aquella cidade. São suas armas em campo vermelho uma ponte de prata de cinco arcos, sobre um rio de sua côr, sobre a ponte uma cabeça de serpe, de oiro; timbre a cabeça de serpe. Os de Castella trazem em logar da cabeça de serpe uma de mouro; os de Galliza uma de lobo. (Acham-se no livro dos Reis d'armas).

(Extrahida da mesma obra pag. CXLII.)

Estas são as armas que usava a familia Quental, e são as que lhe pertencem, porque o appellido Quental veiu a esta familia por alliança, e ainda o avô de Anthero assignava-se, como os seus ascendentes, André da Ponte do Quental da Camara e Sousa. Os seus filhos e netos supprimiram: — Ponte da Camara e Sousa — e usaram simplesmente Quental.

O ramo Ponte, que passou á ilha de S. Miguel, foi: Pedro da Ponte, 4.° filho de Gomes Nunes da Ponte, que casou com..., era neto de Nuno da Ponte e de sua

(1) É erro; é: Valmaseda. Nota do snr. dr. Aristides da Motta.
(2) É erro, o nome do rio é: Orbigo. Idem.

mulher Catharina Collaço: era bisneto de Pedro da Ponte, que casou em Penella, da provincia do Minho, com...; era 3.º neto de Diogo Annes de la Puente e de D. N... Furtado de Mendonça; 4.º neto de Diogo Sanchez de la Puente e este Diogo Sanchez era descendente de Sancho Perez de la Puente (1), em quem começa a genealogia d'esta familia. Passou o dito Pedro da Ponte á ilha de S. Miguel com um emprego, e viveu em Villa Franca do Campo. Foi chamado — *o Velho* —, por differença de seu filho. Casou com Anna Martins Furtado, filha de Martim Annes de Sousa, homem fidalgo e rico, da ilha da Madeira e de sua mulher D. Violante Lopes, e teve:

André da Ponte de Sousa — Martim Annes da Ponte — Antonio de Mattos da Ponte — Manuel Martins da Ponte — Simão da Ponte — Maria da Ponte, que casou com Jordão Jacome Raposo.

André da Ponte de Sousa, filho d'este Pedro da Ponte, viveu em Villa Franca do Campo, da dita ilha, com muita opulencia e ali casou com Isabel do Quental, filha de Filippe do Quental, que viveu em Ponta Delgada, e foi ouvidor em toda a ilha. Teve seis filhos e duas filhas, seguintes: — Pedro da Ponte, que casou no Porto Formoso com Maria Pacheco, filha de Matheus Vaz Pacheco — Martim Annes de Sousa — Antonio de Mattos — Filippe do Quental — Paulo da Ponte — Fernão do Quental — Margarida de Mattos — Isabel do Quental.

Antonio de Mattos da Ponte, filho 3.º de André da Ponte, casou com Joanna Lopes Cardoso, irmã de sua cunhada Sebastiana Cardoso e filha do dito João Lopes Cardoso.

(1) Este Sancho Perez, era: Sancho Perez de la Plaza; depois da acção da Ponte é que tomou o appellido de la Puente, e com brazão allusivo á acção. *(Nota do snr. dr. Aristides da Motta).*

§ 25

Filippe do Quental, filho 4.º de André da Ponte, casou com N... da Motta, filha de Simão da Motta, morador em Agua-d'Alto, e nada mais sabemos.

§ 26

Simão da Ponte, filho 3.º de Pedro da Ponte, casou na Villa de Nordeste com N..., filha de Gaspar Manuel; teve Manuel da Ponte e outros, cujos nomes ignoramos.

Este Manuel da Ponte casou com..., filha de João Serrão de Novaes [1].

[1] A nota sobre os PONTES foi extrahida de uma *Historia genealogica manuscripta*, e enviada pelo snr. dr. Aristides da Motta, conjunctamente com as duas noticias sobre Novaes e Pontes, copiadas da obra de Sanches de Baena.

(A redacção).

III

(Nota do snr. Sebastião d'Arruda)

QUENTAL. — É familia d'este reino, que tem por solar o logar do Quental, no concelho de Besteiros, onde ainda existem as ruinas da torre, em que moravam. A primeira pessoa, de que temos noticia, foi Affonso Annes do Quental. Foram seus filhos: Lopo Affonso do Quental. que serviu na guerra el-rei D. João I, pae de Pedro Lopes do Quental, alcaide-mór de Mourão e João Affonso do Quental, de quem descenderam os que houve em Leiria e Obidos. — São suas armas em campo de prata uma banda xadrezada de vermelho e prata de tres peças em facha e a ordem do meio coberta com uma cotica preta; timbre um pescoço e cabeça de lobo, xadrezada de vermelho e prata. (Acham-se no livro da Torre do Tombo) [1].

[1] A nota sobre QUENTAL é do Snr. Sebastião d'Arruda da Costa Botelho, neto de André da Ponte do Quental da Camara e Sousa.

(A redacção).

IV

(Nota da redacção)

PONTE. — Em campo vermelho hũa ponte de prata de cinco arcos & sobre ella hũa cabeça de Serpe, de ouro & hum rio por baixo de sua côr; timbre a cabeça. (Villas-Boas. *Nobiliarchia portuguesa*, ed. de Lisboa, 1676, pag. 317).

QUINTAL. — Em campo de prata hũa banda enxequetada de vermelho & prata, de tres peças em faxa, & sobre ella uma cotica de preto, q̃ mata o enxequetado do meio; tymbre hũ pescoço de Lobo de prata, enxequetado de vermelho, com picas pretas sobre a cabeça. (Idem pag. 319 [1])

Segue o *Esboço genealogico* do snr. Ernesto do Canto.

(1) Advertiremos que a fórma mais antiga é QUINTAL; assim a traz Villas-Boas nas edições de 1676 e 1708; nas edições de 1728 e 1751 imprime: QUENTAL, como verificámos.

(A redacção)



ESBOÇO GENEALOGICO

I. ANTHERO DE QUENTAL nascido em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel (Açores) aos 18 dias do mez d'abril de 1842 e baptisado na matriz da mesma cidade, aos 2 de maio seguinte.

Com o nome de Anthero Tarquino de Quental tomou o grau de bacharel formado na faculdade de direito da Universidade de Coimbra em 1864.

Morreu solteiro, em Ponta Delgada, no dia 11 de setembro de 1891, sepultando-se no dia seguinte no cemiterio de S. Joaquim, da dita cidade.

Filho de:

II. FERNANDO DE QUENTAL, que nasceu em Ponta Delgada aos 10 dias do mez de maio de 1815, e falleceu na mesma cidade aos 7 de março de 1873.

Sahiu de S. Miguel com o posto de cadete, na expedição dos 7:500, que foram em 1832 implantar o systema liberal a favor de D. Maria II.

Casado em Thomar com D. Anna Guilhermina da Maia, filha do desembargador Anthero José da Maia e Silva e de D. Maria Sergia d'Araujo.

Tiveram filhos:

1.º André Quental, casado com sua prima D. Anna Motta Porto Carrero, de Thomar, filha de Francisco Xavier da Motta e D. Maria Amalia da Maia e Motta.

Tiveram filhos:

1.º Paulo Quental, official de infanteria, casado com D. Maria Sousa Deiró, com filhos menores — Fernando e Nuno.

2.º Jorge Quental, solteiro.

2.º D. Maria Ermelinda Quental, que nasceu aos 11 de maio de 1840, casada em 1874 com Luiz F. Tavares do Canto Taveira, filho de Fernando Annes Tavares do Canto e de D. Maria da Gloria Vasconcellos, sua 1.ª mulher (de Agua de Pau).

Tiveram Fernando e Arthur, menores.

3.º Anthero de Quental (acima I). Sem geração,

4.º D. Mathilde Quental; nasceu aos 18 de novembro de 1843; baptisada na matriz de Ponta Delgada. Casou com Manoel de Castro Borges, filho do Dr. Felix Borges de Medeiros e de D. Anna Emilia de Castro e Silva (do Porto). S. g.

5.º D. Anna Guilhermina Quental, que nasceu aos 29 d'agosto de 1845; baptisada na matriz de Ponta Delgada. Casou em 1877, em Lisboa, com José Joaquim Callado de Castro e Lemos. S. g.

Neto de;

III. ANDRÉ DA PONTE QUENTAL DA CÂMARA (1), fallecido em Ponta Delgada aos 14 d'abril de 1845

(1) Tomou parte na revolução liberal de 1 de março de 1821 em P. Delgada, e foi deputado ás Cortes em 1822 pela ilha de S. Miguel.

com 78 annos de edade. Casado na ilha da Madeira, no oratorio de seu sogro, aos 31 de maio de 1811 [1], com D. Carlota Joaquina de Freitas Bettencourt, filha de Pedro Nicolau de Freitas e Menezes e de D. Vicencia Juliana de Freitas (irmã do 1.º conde de Carvalhal).

Tiveram filhos:

1.º Fernando de Quental (acima II).

2.º D. Maria Helena de Quental casada na matriz de Ponta Delgada aos 22 de maio de 1831, com seu primo Sebastião d'Arruda Botelho da Costa, filho d'outro Sebastião d'Arruda da Costa e de D. Josefa Delfina de Quental.

Tiveram filhos:

1.º Sebastião d'Arruda da Costa, nascido a 8 de março de 1833, casado na matriz de Ponta Delgada com D. Emilia Candida de Freitas, filha de Luiz de Freitas da Silva e de D. Emilia Candida do Rego.

Tiveram: — Maria Helena, Luiz (fallecido), e Emilia (fallecida).

2.º Luiz d'Arruda, solteiro (fallecido).

3.º Augusto d'Arruda Quental, casado com D. Adelaide Loureiro. Tem um filho e uma filha menores.

4.º André d'Arruda, nasceu a 25 de janeiro de 1836, casado com D. Marianna Augusta Borges, aos 25 de maio de 1863 na matriz de Ponta Delgada.

5.º Carlos d'Arruda, que casou em S. Roque, de R. de Cão, aos 2 de fevereiro

(1) O termo do casamento, no archivo da Sé de Funchal, e na Matriz de Ponta Delgada L.º 13 do anno de 1861.

de 1860, com D. Anna Ermelinda de Carvalho (fallecido aos 8 de maio de 1865). S. g.

3.º Doutor Filippe de Quental, lente da faculdade de medicina na Universidade de Coimbra, (fallecido em 1892). Casou em Coimbra com D. Thereza Candida Soeiro de Almeida, viuva. S. g.

4.º D. Isabel Maria de Quental, casada no Funchal com Francisco Borges da Camara Leme. S. g.

5.º D. Maria Isabel de Quental, que egualmente casou no Funchal com Eduardo Licio Vilhena de Lagos. S. g.

6.º D. Maria Vicencia, que nasceu a 7 de novembro de 1834, e casou com o Dr. Alexandre Augusto Freire de Calheiros, filho de Joaquim Antonio Calheiros (Valezim, districto da Guarda). Tiveram:

1.º D. Anna Candida, casada com Candido Augusto d'Albuquerque Calheiros, paes de José, Manoel, Candido, Alexandre e Judith.

2.º D. Carlota, casada com Adrião dos Santos Viegas, com 4 filhas. Berta, Maria e outras.

3.º Maria José, casada com Antonio Faria Velloso.

4.º Bernardino. C. g.

5.º Joaquim, casado;

6.º Antonio, solteiro;

7.º José, solteiro.

Segundo neto de:

IV. CAPITÃO ANDRÉ DA PONTE QUENTAL, que casou na Sé da cidade d'Angra, ilha Terceira, aos

4 de janeiro de 1755, com D. Michaela Bernarda de Bettencourt, filha de Vital de Bettencourt Vasconcellos e de D. Maria Margarida de Carvalhal.

Tiveram:

1.º André da Ponte Quental da Camara (acima III).

2.º D. Maria Feliciana de Bettencourt Quental e Camara, que casou na matriz de Ponta Delgada aos 26 d'agosto de 1801, com o sargento-mór Antonio Corrêa de Bettencourt Henriques de Noronha, filho de João Affonso Corrêa Henriques e de D. Maria Luiza Corrêa Castello Branco, da ilha da Madeira. S. g.

3.º D. Caetana Ricarda Theotonia de Carvalhal Bettencourt, que casou aos 25 de maio de 1799, na matriz da villa da Ribeira Grande, com Antonio Jacintho d'Arruda Brum, filho de Euzebio d'Arruda e de D. Francisca Marianna Taveira Brum.

Tiveram:

Frei Bartholomeu de Quental e Frei André da Ponte Quental, que emigrou como liberal durante o governo de D. Miguel.

4.º D. Josefa Delfina de Quental, que casou na matriz de Ponta Delgada em 29 de fevereiro de 1792, com Sebastião d'Arruda da Costa, filho de Euzebio d'Arruda da Costa e de D. Francisca Marianna Taveira Brum.

Tiveram:

1.º Sebastião d'Arruda Botelho da Costa, casado com sua prima D. Maria Helena, filha de André (acima III).

2.º Francisco d'Arruda Leite, que casou na egreja de Nossa Senhora do Rosario,

da Villa da Lagoa, aos 10 d'agosto de 1826, com D. Barbara Jacintha de Mesquita, filha do dr. Caetano José de Mesquita e de D. Violante Querubina de Gusmão. Tiveram 2 filhos e 4 filhas.

3.º D. Maria Amalia d'Arruda, 2.ª mulher do dr. Matheus d'Andrade Albuquerque. S. g.

4.º Antonio d'Arruda Botelho, casado com D. Maria Placida de Souza Leitão: com 3 filhos. S. g.

5.º D. Maria Feliciana d'Arruda, casada com João Borges de Gusmão (de Villa Franca do Campo). S. g.

Terceiro neto de:

V. CAPITÃO ANDRÉ DA PONTE QUENTAL DE SOUSA, que casou na matriz de Ponta Delgada a 21 de novembro de 1698, com D. Francisca Theodora da Camara, filha do capitão Manoel Raposo Bicudo Corrêa e D. Maria de Medeiros.

Tiveram:

1.º André da Ponte Quental (acima IV).

2.º D. Maria Josefa da Camara, casada aos 9 de setembro de 1717 na matriz de Ponta Delgada, com o capitão-mór de Villa Franca do Campo, João Bento Botelho d'Arruda Coutinho de Gusmão, com descendencia representada pelos viscondes do Botelho.

3.º Uma freira no convento da Conceição, de Ponta Delgada.

Quarto neto de:

VI. CAPITÃO BARTHOLOMEU DE QUENTAL, que casou em S. Roque (R. de Cão) aos 10 de janeiro

de 1680 com D. Josefa do Couto, filha de José Gonçalves da Costa e de Catharina de Fontes.

Tiveram:

1.º Capitão André da Ponte Quental e Sousa (acima v).

2.º Gaspar Gonçalves da Camara, que casou a 16 de maio de 1711 na matriz de Ponta Delgada com sua prima D. Rosa Francisca da Camara, filha de Jeronimo da Camara Coutinho e de D. Anna Pereira (2.ª mulher). Tiveram muitos filhos sem geração.

3.º D. Anna Josefa da Camara, que casou aos 8 de setembro de 1703 com João de Bettencourt e Sá, filho de Manoel de Bettencourt e Sá e de D. Barbara Tavares. Com muitos filhos sem descendencia.

4.º e 5.º D. Maria e D. Barbara, freiras em Santo André, de Ponta Delgada.

Quinto neto de:

VII. CAPITÃO ANDRÉ DA PONTE QUENTAL, que, sendo viuvo de D. Isabel de Castello Branco, casou na matriz de Ponta Delgada, aos 9 d'abril de 1660, com D. Maria da Camara, tambem viuva de Manoel Rebello Furtado, e filha de Valentim da Camara e D. Joanna de Sá.

Tiveram:

1.º Capitão Bartholomeu de Quental e Sousa (acima VI).

2.º Capitão André da Ponte Quental, solteiro, com uma filha natural.

3.º Licenciado Padre Valentim da Camara, fallecido em Ponta Delgada aos 11 de fevereiro de 1696 (Matriz.)

4.º Padre Matheus da Camara Quental.

5.º D. Barbara da Camara, que casou na matriz

de Ponta Delgada aos 5 de janeiro de 1688, com Francisco da Camara Carreiro (de quem foi 1.ª mulher), filho do capitão João de Sousa Carreiro e de D. Margarida Coutinho, ascendentes do Barão de Nossa Senhora da Saude.

6.º, 7.º e 8.º D. Cecilia, D. Antonia e D. Catharina, freiras em S. João de Ponta Delgada.

Sexto neto de:

VIII. CAPITÃO BARTHOLOMEU DO QUENTAL DE SOUSA, que casou na matriz de Ponta Delgada aos 15 de maio de 1628, com D. Emerenciana de Quental, filha de Sebastião Luiz Cardoso e de D. Isabel de Quental. O capitão Bartholomeu instituio em vinculo a sua terça, por testamento approvado aos 24 de dezembro de 1647 e sua mulher tambem vinculou a sua terça, por testamento approvado aos 27 de julho de 1655.

Tiveram:

1.º Capitão André da Ponte Quental (acima VII).

2.º D. Jeronima Quental, que casou aos 7 de fevereiro de 1656 com o capitão Francisco Lopes da Silva, cavalleiro d'Aviz. S. g.

3.º D. Isabel Quental Coutinho, casada em 1667 com Guilherme Chamberlin. S. g.

Setimo neto de:

IX. CAPITÃO FILIPPE DE QUENTAL DE SOUSA, casado com sua parenta Jeronima de Sousa da Motta, d'Agua de Pau.

Tiveram:

1.º Capitão Bartholomeu de Quental de Sousa (acima VIII).

2.º Maria, baptisada na matriz de Villa Franca do Campo, a 29 d'abril de 1575.

Oitavo neto de:

X. ISABEL DE QUENTAL, casada com André da Ponte de Sousa, filho de Pedro da Ponte — *o Velho* —, de Villa Franca, e de Anna Martins, filha esta de Martinhannes Furtado de Sousa, e de Solanda Lopes, de que trata o dr. Gaspar Fructuoso nas *Saudades da Terra*, livro 4.º, capitulo 16, bem como dos ascendentes que seguem. Anna Martins instituiu a sua terça em vinculo, por testamento approvado a 23 de dezembro de 1559 (então viuva) para seu filho primogenito. Martinhannes Furtado instituira egualmente em vinculo a sua terça, para o mesmo filho, por testamento approvado aos 8 de julho de 1548.

Isabel de Quental (acima x) e seu marido, tiveram:

1.º Filippe de Quental de Sousa (acima IX).
2.º Pedro da Costa. C. g.
3.º Martinhannes de Sousa.
4.º Antonio de Mattos. C. g.
5.º Paulo da Ponte. C. g.
6.º Fernão de Quental.
7.º Margarida de Mattos, segunda mulher de Bartholomeu Nogueira.
8.º Isabel de Quental, mulher de Sebastião Luiz Cardoso. C. g.

Nono neto de:

XI. FERNÃO DE QUENTAL, escudeiro fidalgo, que foi ouvidor do capitão donatario Ruy Gonçalves da Camara. Sendo já viuvo, fez testamento em Ponta Delgada aos 3 de julho de 1540, que foi aberto aos 16 do mesmo mez e anno. Foi casado com Margarida de Mattos, filha de João da Castanheira, que foi o primeiro juiz nomeado pela camara de Ponta Delgada, quando foi creada em 1499. O mesmo

João da Castanheira, um dos primeiros povoadores era capitão na ilha de Santa Maria, quando alli aportou, em 1493, Christovão Colombo no regresso da America, da sua primeira viagem de descoberta (1).

Margarida de Mattos instituiu a sua terça em vinculo por testamento approvado aos 7 de maio de 1532.

Tiveram:

1.º Isabel de Quental (acima x).

2.º Affonso de Mattos, casado com Beatriz Cabeceiras, (2.ª mulher), paes de Sebastião de Mattos, casado com Catharina Ferreira, que tiveram, além d'outros, Anna de Quental, 2.ª mulher do capitão Francisco d'Andrade Cabral, natural de Freixo, termo de Trancoso, com o qual casou aos 22 de abril de 1619, na matriz de Ponta Delgada, e, além d'outros, foram paes do:

Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, fundador da Congregação do Oratorio. Nasceu nos Fenaes de Nossa Senhora da Luz a 26 d'agosto de 1626 e morreu em Lisboa a 20 de dezembro de 1698. Sendo o Veneravel Padre trisneto de Fernão de Quental, era primo em quarto grão do capitão Bartholomeu de Quental, quarto avô de Anthero de Quental.

3.º Manoel de Mattos. C. g.

4.º Henrique de Quental.

5.º Jeronymo de Quental. C. g.

6.º Braz de Quental. C. g.

(1) Vide *Archivo dos Açores*, Roteiro da primeira viagem de Christovão Colombo — Vol. 1, pag. 325 e seguintes.

Decimo neto de:

XII. D. MARIA DE NOVAES (Dama da Rainha D. Leonor, mulher de D João II), caṣada com Ambrosio Alvares de Vasconcellos, filho de Pedro Alvares Homem, Provedor da Fazenda, na ilha da Madeira, e de D. Margarida Mendes de Vasconcellos. Foi para a ilha Terceira como Memposteiro-Mór dos captivos.

Undecimo neto de:

XIII. FRANCISCO BOTELHO DE NOVAES QUENTAL, morador em Castella.

Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, Outubro de 1893.

Ernesto do Canto



ENSAIO

DE

BIBLIOGRAPHIA ANTHERIANA

BRINDO mão de memorias intimas e de recordações queridas, no Esboço que a seguir decorre, em desempenho do preceito, que nos foi atribuido, de abrir no bronze desta esplendente Consagração as tabulas da *Bibliographia antheriana,* tão somente liquidámos a missão de patentear a vasta obra do Poeta-philosopho, para nós o melhor dos Mestres e o mais estremecido dos amigos.

Explicada, no conjuncto de todas as suas modalidades, a phisiognomia moral e intellectual do grande Morto, o Catalogo-critico dos seus escriptos, é o verdadeiro *terminus* deste monumento; á sua elaboração nos dedicamos, como ao cumprimento de um dever. Attento o singular valor psycologico, que dimana dos numeros deste inventario incomparavel, o nosso trabalho, religiosamente elaborado, num extremo culto, ficará como um Roteiro, marcando as *étapes*, externas embora, da dolorida e maravilhosa viagem de um sublime Espirito pelo torturante paiz do Pensamento...

Á

I

OBRAS POETICAS

a) LIVROS E OPUSCULOS

1) *Á Historia?* — Imprensa da Universidade? — 1860? 8.º?

São as estrophes que abrem a primeira edição das *Odes Modernas*. No seu vivido estudo ácerca de Anthero, publicado na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, Raymundo Capella, cita-as em opusculo autonomo, sem indicação de titulo. Nunca podémos examinar esta edição.

2) *Sonetos de Anthero.* Editor Sténio. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1861. In-8.º de XII-23 pag.

Série de vinte e um Sonetos, dos quaes a maior parte, grandemente alterados, passaram aos *Sonetos Completos*. O prologo é um retrato em verso por Santos Valente. (V. *Nosographia de Anthero* pelo dr. Sousa Martins). A carta a João de Deus, em apologia da forma do Soneto, foi reproduzida no vol. II, fasc. VI, do *Circulo camoniano*. (V. *Camões e a Allemanha* pela ex.ma sr.a D. Carolina Michaëllis de Vasconcellos), e na *Revista Portugueza*, fasc. IV.

3) *Beatrice.* Coimbra, Dezembro de 1861. Imprensa da Universidade, 1863. In-8.º grande, de 40 pag.

Poemeto, formado de trechos liricos, e reproduzido nas *Primaveras romanticas*. Referindo-se á *Beatrice*, Innocencio da Silva chama ironicamente a Anthero «o coripheu de uma nova escola ultra-idealista». (*Dicc. Bibl.*, vol. VIII). Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, existe o exemplar offerecido pelo autor a A. F. de Castilho; têm algumas notas manuscritas.

4) *Fiat lux.* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1863. In-8.º grande, de 16 pag., sem frontispicio, mas com ante-rosto.

Extremamente raro, por terem sido rasgados pelo autôr quasi todos os exemplares, poucos dias depois de impressos. Foi incorporado nos *Raios de*

extincta Luz (V. n.º 12), sobre o exemplar da tiragem especial, em papel superior, que devemos á generosa amabilidade do nosso querido amigo João Machado de Faria e Maya.

5) *Odes Modernas.* Coimbra. Imprensa da Universidade, 1865. In-8.º grande, de 160 pag.

O texto termina a pag. 150, sendo as ultimas 10 pag. occupadas por uma desenvolvida Nota, sobre a missão revolucionaria da poesia.

Escreveram largamente, ácerca desta edição, Alberto Sampaio, na *Gazeta de Portugal*, 1865, Germano Vieira Meyrelles no *Século XIX*, 1865, e Ruy Porto Carrero, na *Persuasão*, 1865. A ella se referem, tambem: Theophilo Braga na *Historia da Poesia Moderna em Portugal, carta a João Marques Nogueira Lima* e Alexandre da Conceição nos *Ensaios Criticos.* Muitos dos opusculos da Questão Coimbran *(V. Bom Senso e Bom Gosto* (n.º 25), discutem apaixonadamente o valor das *Odes Modernas.* Nenhum trecho, porém, melhor caracterisa o livro do que a carta do autor a João de Deus, acompanhando o exemplar que lhe offertava. Trasladamol-a:

> *Meu João* — Sei que te não podem agradar as ideias por que este livro conclue. Offereço-t'o todavia sem receio, porque tenho fé que não podes senão aprovar os sentimentos que o inspiram e são como o ponto de partida, a base moral das conclusões da intelligencia. É uma voz sincera que pede justiça e verdade; vista assim, a obra é acceitavel para todos os crentes de todas as religiões, comtanto que sejam religiões espirituaes. O resto, a maneira por que intendo que a verdade e a justiça se devem realisar, isso, se for falso, é um erro de logica, não de vontade. — ANTHERO.

6) —— Segunda edição (Contendo varias composições ineditas). Porto, 1875. Typ. de Antonio José da Silva Teixeira. In-8.º pequeno, de 186 pag. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, editora.

Contém vinte oito trechos, pertencendo X ao Livro Primeiro e XVIII ao Livro Segundo. Nesta ed. foi eliminada a carta-dedicatoria a Germano Meyrelles, e bem assim a dedicatoria dos Sonetos *A Ideia*, a Camillo Castello Branco, os versos que começam: «Como a serpente larga a pelle antiga» (pag. 100), *Á Irlanda*, (pag. 121), e as duas quadras que poem em parallelo Mahomet e o Christo (pag. 133). Por egual, foi supprimida a Nota final, que assignalamos, sob n.º 5. Deste volume appareceu uma noticia anonima (de Oliveira Martins), na *Revista Occidental* e uma larga critica do mesmo autor nos — *Poetas da Escola nova*, cit. *Revista*. (V. tambem — a *Poesia revolucionaria e a Morte de D. João*, ainda do mesmo autor, nas *Artes e Letras*).

*

7) *Primaveras romanticas* (Versos dos vinte annos). Porto, Imprensa Portugueza. 1871. (Com retrato photographico, em duas variantes.) In-8.º grande, VII—202 pag.

São os versos amorosos escritos naquella «encantada e quasi phantastica Coimbra de ha dez annos», como o auctor diz nas *Duas Palavras* do preambulo. O volume contém os poemetos liricos *Beatrice*, *Idilio Sonhado*, *Maria*, *Cantigas*, e sob a rubrica de *Poesias Diversas*, vinte composições menores e um soneto de João de Deus. A poesia *Saudades pagans* fôra anteriormente impressa *(Instituto e Seculo XIX)* com o titulo o *Desterro dos deuses*, em dedicatoria a Anselmo de Andrade.

Uma grande parte destes versos haviam sido publicados no *Seculo XIX*, em 1864, e outros na *Revolução de Setembro* de 1869, com o pseudonymo de Carlos Fradique Mendes, que tambem acobertava producções de Eça de Queiroz. V. *Os versos de Eça de Queiroz*, art. de Adriano Pimentel, *Revista Portugueza*, fasc. III.

Um dos retratos desta ed. foi produzido, em gravura de madeira, no *Diario Illustrado*, n.º 1031 (IV anno), de 24 de setembro de 1875, acompanhando um folhetim de F. Guimarães Fonseca.

8) BIBLIOTHECA DA RENASCENÇA, I *Sonetos*, por Anthero de Quental. Imprensa Portugueza, 1881. In-8.º pequeno, de 32 pag. e 4 não numeradas.

Contém vinte oito sonetos, colligidos por Joaquim de Araujo. Este livro foi o ponto de partida da colleccionação dos *Sonetos completos*. (V. *Anthero e a Allemanha* pela ex.ma sr.a D. Carolina Michäelis de Vasconcellos.) Deste pequeno volume se occuparam, em Hispanha: *Chorizos polacos*, de Madrid, n.º 14, de 3 de dezembro de 1882, *El Linares* e *El Comercio*, sob os numeros adiante designados (V. *A Poesia na actualidade)*, *El Dia* em um artigo de Leopoldo Alas *(Clarin)*, reproduzido no vol. *Nueva Campaña* (1885-86), Madrid, Livraria Fernando Fé, 8.º 392 pag. e 2 inn. de indice. (V. um pequeno artigo do sr. Th. Braga, na *Era Nova*, vol. I e unico, Lisboa.) Camillo Castello Branco refere-se com alto elogio a esta collecção de *Sonetos*, no 1.º tomo dos *Narcoticos*.

9) *Sonetos completos. Publicados por J. P. de Oliveira Martins.* Porto. Livraria Portuense de Lopes & C.a—Editores. 1886. In-8.º, 48 pag. de introducção por Oliveira Martins, e 126 de texto. Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66—Porto.

Reune a collecção da Bibliotheca da *Renascença*, e todos os demais Sonetos dispersos pelas obras de Anthero, exceptuando os que foram abandona-

dos, da ed. de Coimbra (vid. n.º 2): da *Accusação aos homens de sangue de Versailles em 1871* (*Odes*, pag. 167, 2.ª ed.) e do *Possesso*, (commentarios ás *Ladainhas de Satan* de Baudelaire), que Anthero publicara na *Folha*, de Coimbra, com a seguinte apostilha explicativa, impressa como se fôra da lavra da redação daquella originalissima revista litteraria:

> A composição *Ladainhas de Satan*, a que aqui se allude, é uma das mais famosas do coripheu da chamada escola satanica, Carlos Baudelaire, o autor das *Flores do Mal*. É excusado advertir que o nosso collaborador, que em tantos dos seus escritos se mostra possuido da mais intranhavel crença na bondade e ordem providencial das eternas leis physicas e moraes do universo, não é por modo algum solidario com as desconsoladoras doutrinas que expõe nestes dois sonetos. Uma coisa é o homem e o pensador, outra o artista para quem, dentro da verdade estetica, todos os factos psycologicos tem valor egual, e a quem assiste o direito de explorar indifferentemente o céo e o inferno, a crença e a negação, quando trata de definir praticamente os varios modos de ser da alma humana.

Esta nota explica sufficientemente a não inclusão dos *Commentarios* (aliás destinados á nova edição das *Primaveras Romanticas*) na serie dos *Sonetos Completos*, onde, certo, estão a mais os numeros *A um Crucifixo*, inteiramente deslocados fora das *Odes Modernas*. O segundo desses Sonetos é evidentemente uma suggestão inconsciente da absorpção apaixonada dos *Mysterios do Povo*, de Eugène Sue, que tanto impressionaram Anthero, entre as suas primeiras leituras, antes de vir para o continente, e que foram a base sentimental das futuras theorias socialistas, por elle robustecidas a um vigoroso estudo dos problemas que agitam as modernas sociedades.

V. o *Mouvement poétique contemporain en Portugal*, de Maxime Formont, bem como a *Revue du Monde latin* e a *Revue du Siècle*, onde o trabalho do distincto escritor francês apparecera primeiramente. V. tambem a Secção V, TRADUCÇÕES.

10) —— Segunda edição, augmentada com um appendice contendo traducções em allemão, francês, italiano e hispanhol. Porto — Lopes & C.ª, editores. Imprensa Moderna, 1890 — 8.º — vi-51-184-vi.

Contém um modestissimo prologo dos editores, escrito por Anthero, e, como materia nova, uma Antologia de versões por Wilhelm Storck, Tommaso Cannizzaro, Giuseppe Cellini, Curros Enriques, Emilio Teza, Baldomero Escobar. Deste livro se extrahiu um ex. unico, em papel China, com que Anthero nos brindou. A esse exemplar está junto o autographo do prologo. As versões de Cellini sahiram, depois, mais correctas, na *Fanfulla della Domenica*, n.º 20, 1890, Roma. V. a Secção V, TRADUCÇÕES.

11) *Anthero — Cadencias Vagas. Versos colligidos por Joaquim de Araujo*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892. In-8.º, VIII — 72 pag.

Tiragem restricta de 6 exemplares em Japão, 10 em China e 24 em papel vulgar (afóra alguns, innumerados); distribuidos gratuitamente pelo collector. A lista da distribuição encontra-se em a *Nova Alvorada*, de Famalicão. A composição typographica das *Cadencias Vagas* foi aproveitada no numero seguinte. (V. um pequeno juizo critico do sr. Louis Malapert, em a *Nova Alvorada*, reproduzido no *Diario de Annuncios* de Ponta Delgada, n.º 2258, de 24 de agosto de 1892.)

12) *Raios de extincta Luz. Poesias ineditas (1859-1863) com outras pela primeira vez colligidas. Publicadas e precedidas de um Esforço biographico por Theophilo Braga.* Lisboa. M. Gomes, Livreiro-Editor, 70, Rua Garrett (Chiado), 72. Typographia da Academia real das Sciencias, 1892. In-16.º, de XLVIII pag. de introducção (comprehendendo a Carta Autobiographica), e 258 pag. de texto.

Foi feita uma tiragem especial de 4 exemplares em Japão e 6 em Whatman. A nossa collaboração neste livro foi determinada pela seguinte carta do illustre autor da *Historia da litteratura portugueza:*

> Lisboa, 13 de Janeiro de 1892 — *Caro amigo Joaquim de Araujo* — Tenho no prelo a collecção das poesias inéditas de Anthero, que dará um formoso volume; e como se trata de trabalhos inéditos do Anthero, a quem o meu amigo tanto honra, lembrou-me pedir-lhe a contribuição inédita de qualquer poesia, que tenha em seu poder, para enriquecer mais este volume. No caso de não ter nada inédito, pedia-lhe a fineza de me enviar por emprestimo o exemplar dos *Sonetos* de Coimbra de 1861, para irem nesta collecção os inéditos ou não encorporados, com o competente prologo, e bem assim de me emprestar tambem o *Fiat Lux* para ser pela primeira vez encorporado. Sempre dedicado amigo— *Theophilo Braga.*

Ás poesias deste cyclo, (V. tambem a alinea immediata, *b*) *Folhas volantes)* interessantes, como documento evolutivo, podem juntar-se ainda as seguintes, que posteriormente se nos deparam:

1. *Quero-te muito! (Preludios litterarios*, 1859).
2. *A Rosa e a borboleta* (imit. do francez) idem.
3. *Vida e Morte*, idem, 1860.
4. *A* ***, idem, 1860.

5. *O meu thesouro*, idem, 1860.
6. *A Missão*, fragmento, 1860.—Posthuma, 1892.

No *Civilisador*, de Ponta Delgada, com uma carta do dr. A. P. de Magalhães e Almeida ao autor deste Ensaio. Revela em Anthero as influencias da ode *A Camões*, de Soares de Passos.

7. *O Judeu*, 1860, *Phosphoro*, pag. 64.
8. *Flor Murcha*, 1860, idem.
9. *Consolações*, a João de Deus, *Seculo XIX*, 1864.

Resposta á poesia do grande lirico—*A donzella e o musgo*.

10. *Contra o riso*, sextilhas, idem, 1864.
11. *Lux dubia*, 1863, *Archivo dos Açores*, 1893.

Destinada pelo autor á 3.ª ed. das *Odes*, depois de emendada.

12. *Mãe e filho*—1863 (?), *Arch. dos Aç.*, 1893.
13. *Os saraus da Academia*—«triolet»—1864—*Seculo XIX*.

Foi o primeiro «triolet» composto em Portugal.

14. *Fantasia pantheista*—*Século XIX*, 1864.

É a primeira redação da poesia—*Pantheismo*, *Odes*, 2.ª edição. Reproduzida pelo dr. R. Velloso em opusculo de 8.º, 12 p., Barcellos 1895, que mencionamos neste logar por se referir a uma composição refundida nas *Odes Modernas*.

O soneto *Ao Luar*, um dos inéditos antherianos do album de João Machado de Faria e Maya, *(Archivo dos Açores)* é a primeira redação da *Sulamita*, *Sonetos Completos*, pag. 28.

V. *Premicias de Anthero*, artigo de Delfim Gomes, em a *Nova Alvorada*, 3.º anno, pag. 42. No 4.º anno, n.º 11, da citada revista, appareceu uma carta humoristica do dr. José Felix Pereira, ácerca do *Escorço* de Theophilo Braga. Additando novas poesias de Anthero, algumas todavia insertas já em anteriores collecções, o dr. Rodrigo Velloso, publicou na *Aurora do Cavado* uma extensa apreciação aos *Raios de extincta luz*, apreciação de que se chegaram a imprimir 56 paginas em separado, com o mesmo titulo do volume a que servem de commento. São de todo o ponto interessantes as annotações do sr. dr. Velloso e muito fôra para desejar que o autor désse a ultima demão ao seu estimavel trabalho.

b) FOLHAS VOLANTES

13) I. *Á distincta actriz Emilia das Neves e Sousa*. Imprensa da Universidade (sem data, mas de março de 1862).

Reproduzida nos *Preludios litterarios* e mais tarde nos *Documentos para a biographia de Emilia das Neves*.

14) II. *Ao distincto actor Simões na recita do seu beneficio em 22 de março (1862)—O Homem—o Bello—o Artista*. Coimbra, Imprensa litteraria.

15) III. *Beijo, a Gabriella Florentina*—Sem indicação de typographia, nem de data.

16) IV. *A Gabriella Florentina*—Imprensa da Universidade, sem data.

17) V. *Poesia de Anthero de Quental recitada na noite de 13 de maio de 1862, no Theatro Academico, por A. Fialho Machado*. Imprensa litteraria.

18) VI. *A Gennaro Perrelli, ao artista e patriota italiano*. Imprensa Litteraria (Sem data).

19) VII. *A Italia. Poesia recitada no Theatro Academico por A. Fialho Machado, na noite de 22 de outubro de 1862*. Coimbra, Imprensa Litteraria.

20) VIII. *Zara*. Imprensa portugueza. Porto, 1880.

Restricta tiragem unicamente para as pessoas da familia do Dr. Antonio Joaquim de Araujo.

21) IX. *A casa do coração*.

Impressa sobre um fundo lithographado, com o retrato de Anthero, e distribuida no Sarau que a Liga das Artes Graphicas do Porto, realisou em honra do illustre morto. V. o art. de Ramalho Ortigão—*Almoçando*, na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, reprod. em a *Nova Alvorada*.

As folhas I, II, III, IV foram desconhecidas ao collector dos *Raios de extincta luz*, a cujo cyclo pertencem.

c) VARIA

22) *Thesouro Poetico da Infancia — Colligido e ordenado por Anthero de Quental* — Porto. Ern. Chardron — Editor, 1883 — 8.º peq. xv — 218 — iv pag. (Typographia Alliança, 1883).

As primeiras pag. são occupadas por uma Advertencia; seguem-se 68 trechos poeticos de diversos autores, abundando os numeros de João de Deus e Castilho. As ultimas 4 paginas constituem o indice. Deste livro fizeram-se duas tiragens, em o mesmo formato. (V. *Uma carta inedita de Anthero*, por Santos Valente). No *Thesouro Poetico da Infancia*, são da lavra do seu collector além da indicada Advertencia, o poema as *Fadas* e a restituição do romance de Goesto Ansures, em linguagem moderna, reproduzida nas *Primeiras Leituras* de Joaquim de Araujo, e no *Cancioneiro de Musicas Populares* (vol. I, pag. 11), ao lado do texto primitivo e acompanhado de musica. Acerca do poema — *As Fadas* — de que «o João (de Deus) se declarara satisfeito», escrevianos Anthero: «Para mim, poeta de genero apocalyptico foi um verdadeiro *tour-de-force*». Tivemos a alta honra de trabalhar com Anthero na confecção d'este volume.

23) ANTHERO DE QUENTAL — *Serenata — Edição de 30 exemplares, impressos por ordem de Joaquim de Araujo, em homenagem ao illustre artista açoriano João Maria Sequeira, autor desta bella composição musical, formosamente adaptada a piano pelo sr. João Maria Rodrigues.* — Porto, Typographia Occidental — 80 — Rua da Fabrica — 80 — 1894 — folio de IV pag. inn.

Contém a musica e a letra, e é separata do 1.º vol. do *Cancioneiro de Musicas Populares*, pag. 221 a 223. Tem no final, uma breve observação, extrahida do referido *Cancioneiro*. Tiraram-se tambem 4 ex. em papel superior.

V. a respectiva nota nas *Cadencias Vagas*, e o artigo de igual titulo, do sr. Manuel Pereira de Lacerda, no *Correio Michaelense*, reproduzido na *Nova Alvorada*, 3.º anno, pag. 50.

II

OBRAS EM PROSA

a) OPUSCULOS

24) *Defeza da carta enciclica de sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião Liberal. Considerações sobre este documento* por Anthero de Quental. Coimbra, Imprensa litteraria, 1865—31 pag.

Tem esta dedicatoria: «A todos os catholicos sinceros e convictos. A todos os herejes sinceros e convictos. Testemunho de boa fé, O. o autor.» Anthero combatia a estreiteza de vistas dos que, dizendo-se fieis catholicos, pretendiam dictar leis á Santa Sé, em artigos de crença religiosa, atacando o espirito da Enciclica. Existem exemplares com indicação impressa de 2.ª edição. No *Nacional*, 1865, sahiram alguns folhetins de apreciação deste magnifico pamphleto. Anonimos, foram atribuidos ao insigne mathematico Pedro Amorim Vianna. (V. *Memorias* de João Machado de Faria e Maya, em referencia á parte que tomou na publicação deste opusculo).

25) *Bom senso e bom gosto — Carta ao Excellentissimo Senhor Antonio Feliciano de Castilho* por Anthero do *(sic)* Quental — *Novembro de 1865.* Coimbra. Imprensa da Universidade — 8.º, 16 pag.

Este opusculo, que veio a servir de resposta a algumas asserções do eminente escriptor e insigne poeta A. Feliciano de Castilho, no prologo do *Poema da Mocidade* de M. Pinheiro Chagas (Lisboa, Antonio Maria Pereira, 1865), deu origem á chamada «Questão de Coimbra», que Innocencio Francisco da Silva catalogou no *Dicc. Bibl.*, vol. VIII, verb. *Bom senso e bom gosto.*

Pertencem a esta polemica as seguintes publicações:

1. A. F. de Castilho — *Carta* ao editor A. M. Pereira sobre o *Poema da Mocidade*, impressa no final desta obra, 1 vol.
2. Anthero de Quental — *Bom senso e bom gosto*, carta ao Excellentissimo Senhor Antonio Feliciano de Castilho. 1865.

Teve 2.ª (?) e 3.ª edição. V. n.º 26.

3. M. Pinheiro Chagas — *Bom senso e bom gosto*, folhetim a proposito da carta que o sr. Anthero de Quental dirigiu ao sr. A. F. de Castilho.

Publicado no *Jornal do Commercio.* e reproduzido em opusculo pelo editor Antonio Maria Pereira.

4. Manuel Roussado — *Bom senso e bom gosto*, resposta á carta que o sr. Anthero de Quental dirigiu ao ex.^mo^ sr. A. F. de Castilho, 1865.

5. Elmano da Cunha — *Carta em resposta a outra, Bom senso e bom gosto dirigida por Anthero de Quental ao ex.^mo^ sr. A. F. de Castilho, o incomparavel traductor dos Fastos de* Ovidio.

6. Julio de Castilho — *O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero de Quental.*

Tem segunda edição, com algumas paginas eliminadas.

7. Theophilo Braga — *As theocracias litterarias.* 1865.

Escrito para folhetim do *Jornal do Commercio.*

8. Anthero de Quental — *A dignidade das lettras e as litteraturas officiaes.* 1865.

V. o n.º 27 deste *Ensaio.*

9. Ruy de Porto Carrero — *Lisboa, Coimbra e Porto, e a questão litteraria.— A carta do sr. Anthero de Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, M. Roussado e Julio de Castilho.*

Teve 2.ª edição.

10. A. Ferreira de Freitas — *Os litteratos em Lisboa*, poemetto illustrado por Jeronymo da Silva Motta, bacharel nas faculdades de theologia e direito.

11. Amaro Mendes Gaveta — *O mao senso e o mao gosto*, carta mui respeitosa ao ex.^mo^ sr. A. F. de Castilho, em que se falla de todos e de muitas pessoas mais, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro.

Geralmente attribuido ao medico Antonio Maria da Cunha Belem.

12. S(everino) de A(zevedo)—*Bom gosto e bom senso*, carta de boas festas a Manuel Roussado, 1866.

13. J. D. Ramalho Ortigão — *Litteratura de hoje.* 1866.

Este opusculo foi a origem do duello entre Anthero e Ramalho. V. *Memorias*, por João Machado de Faria e Maya.

14. Camillo Castello Branco — *Vaidades irritadas e irritantes, opusculo ácerca de uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria.* 1866. 8.° Viuva Moré editora.

Recentemente reimpresso pela casa Chardron. Os juizos emittidos neste pamphleto acerca das *Odes Modernas* levaram Anthero a eliminar dos seus sonetos *A Idéa* a dedicatoria a Camillo Castello Branco. Todavia, o grande romancista, em carta ao tempo dirigida ao poeta Ernesto Pinto de Almeida, que nos foi communicada pela amisade de Henrique Marques, preconisava, sem rebuço, a superioridade da inspiração dos versos de Anthero de Quental. No *Cancioneiro Alegre*, Camillo rectifica as suas opiniões sobre as *Odes Modernas*.

15. Augusto Malheiro Dias — *Castilho e Quental*, reflexões sobre a actual questão litteraria. Porto, 1865.

16. Urbano (José de Sousa) Loureiro — *Questão de palheiro, Coimbrões e lisboetas.* Porto, 1865.

17. Eremita do Chiado — *Garrett, Castilho, Herculano e a escola Coimbran*, ou dissertação ácerca da geanologia da moderna escóla.

Contém um esboço fugitivo, mas muito pittoresco, da litteratura contemporanea. Atribuido a Alberto Osorio de Vasconcellos.

18. G(uimarães) F(onseca) — *A litteratura Ramalhuda, a proposito dos srs. Castilho e Ramalho Ortigão.*

O *parti-pris* de ser pessoalmente desagradavel ao futuro redactor das *Farpas* amesquinha de todo o ponto este escrito.

19. A. F. de Castilho e J. A. de Freitas e Oliveira — *A Questão litteraria, a proposito do jazigo de José Estevão.* Lisboa, 1865.

Tiraram-se exemplares especiaes em papel cartão.

20. José Francisco — *Os Coimbrões, questão em que tambem entra pelos cem reis, José Francisco, caiador da rainha do Congo; acompanhado de uma dedicatoria por Diogo Bernardes.*

21. José Feliciano de Castilho — *A Escóla Coimbran*, carta ao redactor do *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro. 1.ª serie.

22. Idem, idem. 2.ª serie.

23. Eduardo A. Vidal — *Guelfos e Gibelinos*, tentativa critica sobre a actual polemica litteraria. Lisboa, 1865.

24. P. W. de Brito Aranha — *Bom senso e bom gosto*, humilde parecer com uma carta do ex.mo snr. A. F. de Castilho. Lisboa, 1865.

25 Eduardo Salgado — *Litteratura de amanhan, duas palavras ao sr. Anthero de Quental.*

26. Carlos Borges — *Penna e espada*, duas palavras ácerca da *Litteratura de hoje*, de Ramalho Ortigão.

27. *Anthero de Quental e Ramalho Ortigão*, Coimbra, 1866.

> O texto decorre em carta dirigida a Antonio de Azevedo Castello Branco. As iniciaes que a firmam, revelam o nome de Alvaro do Carvalhal, o excentrico autor dos *Contos*.

28. Anonymo — *O tyrannete Quental e Ortigão*, verso.

29. Sachristão — *Analyse critica*, rapida, despretenciosa, feita ao folheto intitulado *Garrett, Castilho, Herculano e a Escóla coimbran*, pelo Eremita do Chiado. Lisboa, 1865.

30. A. A. Teixeira de Vasconcellos, A. F. de Castilho, A. Osorio de Vasconcellos — *Sobre a questão coimbran.*

31. Sombra de Cicero — *Verdadeira luz derramada na Questão litteraria, e supremo remate a ella.*

32. *Carta ao eminentissimo sr. Manuel Pinheiro Chagas*, pelo seu estapafurdio admirador Costa Goodolphim. Lisboa, 1866. Folheto.

33. *Antonio Feliciano e Anthero de Quental*, por Urbano Loureiro. Porto, 1866. Folheto.

34. *Litteratura de hontem*, ou breves reflexões sobre a Questão litteraria, por Antonio Peixoto do Amaral. Porto, 1866. Folheto.

35. *Segunda Carta de Boas Festas a Manuel Roussado*, por S(everino) de A(zevedo). Coimbra, 1867. Folheto.

36. Litteratura portugueza — *A. F. de Castilho e a Carta que acompanha o Poema da Mocidade*, por Archi-Zero. Rio de Janeiro, 1866. Folheto.

37. *Horacios e Curiacios*, ou mais um ponto e virgula na actual Questão litteraria, por M. A. da Cunha Belem. Lisboa, 1866. Folheto.

38. *Perfis da Comedia Litteraria — Os livros do sr. Th. Braga* — Carta a sua s.ª por Graça Barreto.

> Este opusculo, dos ultimos, que se publicaram, não vem catalogado nas listas de Innocencio e T. Braga. Tãopouco o menciona Teixeira Bastos, no trabalho bibliographico, com que termina o volume *Theophilo Braga e a sua obra.*

39. *A aguia no ovo e nos astros, sivè a Escóla de Coimbra na sua aurora e em seu zenith*, por J. Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro, 1866.

> Publicado em dois opusculos.

40. *A Casca da Canelleira.* Maranhão, 1866.

41. *A Imprensa na gaiola.* Poemeto. 1866.

42. *Carta de Castilho* (inédita) a Ernesto Pinto d'Almeida, agradecendo o volume das *Solidões.*

Refere-se evidentemente aos poetas de Coimbra.

43. Ricardo Guimarães—*Aventuras de um Poeta nebuloso.*

Cartas no *Jornal do Commercio.*

44. *A Litteratura em Barulho.*

Vinte e nove folhetins publicados consecutivamente no *Portuguez*, por Satan (Tanas, alcunha de João Felix Rodrigues).

45. *Intelligencia cometa ou talento meteoro.*

Na *Semana Illustrada*, do Rio de Janeiro.

46. *Carta congratulatoria, ou felicitação dos Litteratos de Pernambuco, ao sr. A. F. de Castilho.*

Reproduzida em quasi todas as folhas periodicas do tempo.

47. *Carta dos Litteratos da Bahia*, ao mesmo.
48. *Parodia do Poema da Mocidade.*

Em folhetins da *Liberdade*, de Coimbra.

49. *Folhetim da* «Voz Academica», *Delenda Thibur, primeira aos homens da cigarra e do Ermo*—sem data, 8.°

É de Luciano Cordeiro.

Sobre a bibliographia da Questão Coimbran, V., além de Innocencio, *Dicc. bibl.*, vol. VIII, cit., Th. Braga, *Das modernas ideias na litteratura portugueza*—2 vol. in-8.°, Editora Livraria Internacional—Porto. Apontamos apenas os titulos, sem individuações especiaes em razão de se referirem a opusculos mais ou menos faceis de encontrar. No livro *Mi Mission en Portugal*, referindo-se á Questão Coimbran, Fernandes los Rios cita «los pontifices que excomulgaran iracundamente á Quental, Oliveira Martins, Braga y otros hombres de la escuela nueva, por haber revelado la verdad critica.» Grande numero de escriptores estrangeiros se teem occupado deste curioso periodo das letras portuguezas.

O sr. Th. Braga inscreve tambem na sua Bibliographia da Questão Coimbran o artigo de João de Deus—*Os Lusiadas e a conversação preambu-*

lar, hoje archivado em folheto, e cujo assumpto decorre em discussão do prologo de Castilho ao *Dom Jayme* de Thomás Ribeiro. Em um estudo sobre as *Novas Revistas illustradas* (*Actualidade*, n.° 44, de 22 de fevereiro do 1878), responde acertadamente o sr. Joaquim de Vasconcellos:

> «A ligação do sr. João de Deus com a Escola de Coimbra parece-nos pouco provada. O poeta foi dissidente, mas não militante, e foi dissidente antes da abertura da luta. A rasão porque não interveio nella deve elle sabel-a dizer, e talvez seja a mesma que nos levou a difinir a questão de Coimbra, questão de pessoas mais do que questão de principios.»

Advirta-se que esta nota é escripta por quem não conhecia o facto de João de Deus, ao tempo no Algarve, extranhar a Anthero de Quental o tom aggressivo da Carta, *Bom senso e bom gosto*. As palavras de João de Deus influiram grandemente na elaboração da *Dignidade das Lettras* (n.° 27.) Estes factos são absolutamente desconhecidos.

26) ——Terceira edição. Coimbra, Imprensa litteraria, 1865. 8.°, 16 pag.

Não encontramos noticia da 2.ª edição deste opusculo. Haveria porventura exemplares da primeira, com rubrica diversa, para serem postos á venda no Brazil? Anthero não se recordava já, quando sobre o assumpto o interrogamos.

27) ANTHERO DO (*sic*) QUENTAL—*A dignidade das letras e as litteraturas officiaes*—Lisboa, Typ. Universal, 1865—8.° de 48 pag., sendo as ultimas vinte e quatro de Appendice.

Neste opusculo, o auctor rectifica, sem paixão, no campo da critica serena, alguns lances mais apaixonados da carta *Bom Senso e bom Gosto*. São dignas do seu alto caracter as bellas paginas consagradas ao drama *Camões*, de Castilho, livro sem egual na litteratura portugueza, e como tal desapaixonadamente apontado com nobre isenção. As paginas do Appendice são constituidas por um estudo de critica serena, sem perturbações pamphletarias.

28) *Portugal perante a revolução de Hispanha, considerações sobre o futuro da politica portugueza, no ponto de vista da democracia iberica* por Anthero de Quental. Lisboa. Typ. Portugueza, 1868—8.° 39 pag.

Algumas conclusões deste opusculo foram combatidas na *Historia das Ideias Democraticas* de Th. Braga. Como informe curioso para a historia da ela-

boração deste pamphleto, v. *Anthero de Quental— Recordações*, por Alberto Sampaio. No livro de D. Antonio Romero Ortiz —*La literatura portuguesa en el siglo XIX*, Madrid, 1869—8.º gr., acham-se traduzidas as conclusões de Anthero, neste seu trabalho.

29) *O que é a Internacional—O socialismo contemporaneo—O programma da Internacional—A organisação da Internacional—Conclusões*—Lisboa, Typ. do Futuro, 1871. 8.º peq., 30 pag.

Este folheto sahiu sem nome de autor, por ser como que um manifesto de collectividade, e não representar, em pontos embora subalternos, as opiniões do seu illustre redactor. Para a historia da interferencia de Anthero nos trabalhos da organisação da Internacional, V. *Anthero de Quental*, valioso artigo de J. Correia Nobre França, publicado na *Voz do Operario*, n.º 623, de 4 de outubro de 1891. O artigo do sr. França, operario socialista, termina definindo Anthero «um dos poucos contemporaneos que souberam honrar a humanidade».

30) *Carta ao Ex.mo Sr. Antonio José d'Avila, marquez de Avila, presidente do conselho de ministros* por Anthero de Quental. Lisboa. Typographia do Futuro (sem menção alguma de data, mas de 1871.) 8.º gr., 8 pag.

Combate a portaria que mandou fechar as conferencias do Casino. «É uma diatribe, mas eloquente», diz o autor na carta auto-biographica ao sr. Wilhelm Storck. Umas erradas procedencias genealogicas, attribuidas neste opusculo ao Presidente do Conselho foram lealmente corrigidas por Anthero, em uma carta dirigida ao *Jornal do Commercio* e reproduzida em varios periodicos do tempo. Com motivo, nesta portaria, publicaram opusculos vehementes os srs. Jayme Batalha Reis e F. Adolpho Coelho. A questão levada para as camaras pelo deputado Luiz de Campos, foi ali abafada na votação de uma moção de confiança apresentada pelo deputado M. Pinheiro Chagas. No 1.º vol. dos *Opusculos*, Alexandre Herculano insere um capitulo sobre a *Suppressão das conferencias democraticas do Casino Lisbonense*. O grande historiador presta ali do mais alevantado modo a sua homenagem de admiração aos dotes intellectuaes e ao rectissimo caracter de Anthero.

> «No seu caracter me parece descobrir uma destas indoles nobremente austeras, que cada vez se vão tornando mais raras.» *(Opusc.* v. I, 256.) ...«o sr. Anthero de Quental, apesar da sua clara intelligencia, e da autoridade moral que lhe dá a integridade do seu caracter...» (Id., 257.)

31) Conferencias democraticas — *Causas da decadencia dos povos peninsulares nos tres ultimos seculos. Discurso pronunciado na noite de 27 de maio, na sala do Casino Lisbonense* por Anthero do *(sic)* Quental. Porto, na typ. Commercial, 1871—8.°, 48 pag., sendo uma de advertencia.

Alguns pontos de vista deste Discurso foram combatidos por Oliveira Martins *(Hist. da Civ. Iberica)* e por T. Braga em diversas passagens dos seus livros, *(Historia das idéas democraticas*, etc.) Na autobiographia, Anthero consagra-lhe algumas observações, dizendo-o estudo historico com *parti pris* de escola.

O programma das Conferencias democraticas resava assim:

> Ninguem desconhece que se está dando em volta de nós uma transformação politica, e todos presentem que se agita, mais forte que nunca, a questão de saber como deve regenerar-se a organisação social.
>
> Sob cada um dos partidos que luctam na Europa, como em cada um dos grupos que constituem a sociedade de hoje, ha uma ideia e um interesse que são a causa e o porquê dos movimentos.
>
> Pareceu que cumpria, emquanto os povos luctam nas revoluções, e antes que nós mesmos tomemos nellas o nosso lugar, estudar serenamente a significação dessas ideias e a legitimidade dêsses interesses; investigar como a sociedade é, e como ella deve ser; como as Nações têm sido, e como as pode fazer hoje a liberdade; e, por serem ellas as formadoras do homem, estudar todas as ideias e todas as correntes do seculo.
>
> Não pode viver e desenvolver-se um povo, isolado das grandes preoccupações intellectuaes do seu tempo; o que todos os dias a humanidade vae trabalhando, deve tambem ser o assumpto das nossas constantes meditações.
>
> Abrir uma tribuna, onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterisam este momento do seculo, preoccupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e politica dos povos;
>
> Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitaes de que vive a humanidade civilisada;
>
> Procurar adquirir a consciencia dos factos que nos rodeiam, na Europa;
>
> Agitar na opinião publica as grandes questões da Philosophia e da Sciencia moderna;
>
> Estudar as condições da transformação politica, economica e religiosa da sociedade portugueza:
>
> Tal é o fim das Conferencias democraticas.
>
> Tem ellas uma immensa vantagem, que nos cumpre especialmente notar: preoccupar a opinião com o estudo das ideias que devem presidir a uma revolução, de modo que para ella a consciencia publica se prepare e illumine, é dar não só uma segura base á constituição futura, mas tambem, em todas as occasiões, uma solida garantia á ordem.

Posto isto, pedimos o concurso de todos os partidos, de todas as escólas, de todas aquellas pessoas que, ainda que não partilhem as nossas opiniões, não recusam a sua attenção aos que pretendem ter uma acção — embora minima — nos destinos do seu paiz, expondo publica mas serenamente as suas convições e o resultado dos seus estudos e trabalhos.

Lisboa, 16 de maio de 1871. — *Adolpho Coelho* — *Anthero de Quental* — *Augusto Soromenho* — *Augusto Fuschini* — *Eça de Queiroz* — *Germano Vieira de Meirelles* — *Guilherme de Azevedo* — *Jayme Batalha Reis* — *J. P. Oliveira Martins* — *Manuel de Arriaga* — *Salomão Saragga* — *Theophilo Braga.*

A *Causa da Decadencia dos povos peninsulares* constituiu a segunda das Conferencias, realisadas no salão do Casino lisbonense. Por lapso, Alberto Sampaio, *Recordações*, confunde-a com a primeira, egualmente de Anthero, mas que não chegou a ser impressa, e que foi como que o programma geral das Conferencias.

É digna de archivar-se a carta de Anthero, a Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, director do *Jornal da Noite*, em resposta a alguns reparos a esta Conferencia; sahiu naquella folha, em o n.º 130, de 2 de junho de 1871, sendo reproduzida no *Primeiro de Janeiro*, de 4 de junho. Diz assim:

Ex.mo Senhor. — Espero dever-lhe o obsequio da publicação das seguintes linhas:

Com este titulo — «Como se improvisaram os factos historicos na segunda conferencia do Casino» —, publicou V. no n.º 128 do seu jornal um pequeno artigo, devido á penna de um erudito anonimo. Não é costume meu *improvisar* em questões de factos; mas o que muito facilmente e muito naturalmente me pode acontecer é enganar-me; e como tenho menos orgulho do que vontade de me instruir, folgo sempre com as lições que me queiram dar os que são mais sabedores do que eu.

Em questões, sobretudo, tão graves como são as causas da decadencia do meu paiz, esse sentimento tem em mim dobrada intensidade, e não ha advertencia que eu não considere como preciosa. Infelizmente não me quiz dar esse gosto, nem fazer esse serviço, o autor do artigo: contentou-se com affirmar que *se improvisaram factos historicos* na segunda conferencia do Casino, e esqueceu-lhe revelar-nos o mundo de coisas instructivas, que encerrou sybilinamente naquelle prometedor plural, *factos.*

Quero crêr que attenderá ao pedido instante que aqui lhe faço, e que remediará aquelle, para mim, deploravel esquecimento, restabelecendo na sua verdade os muitos factos, que, com a inconsciencia da ignorancia, adulterei na minha conferencia. Espero isto da sua delicadeza e da sua sciencia. Emquanto, porém, espero, permitta-me o escrupuloso anonimo que submeta ao seu bom juizo as seguintes reflexões. Em primeiro lugar, o que D. João de Castro fez na sua quinta de Cintra não é um *facto historico;* o caso é simplesmente uma anecdota historiça, ou melhor, uma anecdota relativa a um personagem historico.

Factos historicos são exclusivamente aquelles que se ligam á vida social, politica ou moral duma nação : ora cortar alguem (seja esse alguem o maior dos heroes) as arvores das suas propriedades, é coisa que nem directa, nem indirectamente influe no destino das nações. Permita-me dizer-lhe, em segundo lugar que é fallar mais figuradamente do que a boa logica consente á rhetorica, chamar *improvisado* a um facto que tem por si a autoridade de Jacinto Freire (historiador emphatico e sem philosophia, mas consciencioso e instruido) e uma tradição popular de tres seculos.

« Aqui se recreava com uma estranha e nova agricultura, cortando as arvores que produziam fruto, e plantando em seu lugar arvores sylvestres, e estereis ; quiçá mostrando que servia tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio. » Isto diz Jacinto Freire, referindo-se a uma epocha em que D. João de Castro não tinha ainda ido á India, nem provavelmente conhecia os famosos jardins chinezes. Esta autoridade e a da tradição popular não parecerão ao exigente anonimo, sufficiente para um facto historico: para uma simples anecdota parecem-me bastante ; pelo menos quanto é necessario para se não podêr dizer *improvisada* ha oito dias no Casino. Finalmente, não foi como facto, mas como tradição, que eu referi a anecdota quando disse : « o que se conta de D. João de Castro pode ser tomado como simbolo do espirito guerreiro do tempo, no seu desdem pelo trabalho e pela industria. » Que o facto tivesse ou não existido, é para a *verdade* do meu discurso coisa perfeitamente indifferente : entrou alli apenas como uma imagem, um *simbolo*, nada mais. Não tratava de D. João de Castro : tratava do espirito guerreiro e da industria : aquella anecdota, verdadeira ou não, exprimia bem o meu pensamento : usei della com todo o direito.

Ainda assim, emquanto o meu erudito anonimo não me provar o contrario, tenho-a por verdadeira, dando mais por Jacinto Freire e pela tradição do que pelas suas affirmativas e por quatro versos de Costa e Silva. Eis quanto tenho a dizer a respeito daquelles *factos historicos*, por mim tão audaciosamente *improvisados*.

Agora, sabe o anonimo o que me parece tão deploravelmente significativo, para a nossa epoca, como para a epoca de D. João de Castro a anecdota das arvores cortadas? É ver um critico tão sabedor e tão pensador, como deve ser o anonimo, depois de um discurso de hora e meia, em que se agitaram ideias geraes e principios que se ligam intimamente á nossa vida nacional, não achar coisa que lhe impressionasse mais profundamente as vastas faculdades do que... uma anecdota.

Isto não quer dizer que não lhe agradeço as suas valiosas advertencias, e as que hão de vir, que ainda mais valiosas serão. Appelo para a discussão : desejo-a. Simplesmente, parece-me que, quando se discutem as opiniões dum homem, será talvez conveniente ter primeiro intendido o que elle diz.

Lisboa, 31 de maio. *Anthero de Quental.*

A primeira conferencia realisara-se em 22 de maio ; foi, como dissemos, uma simples explanação de programma. « Entre as passagens mais felizes do discurso do sr. Anthero de Quental — escrevia o *Diario Popular*, de 23, — discurso

inspirado todo elle por um grande espirito de justiça e moderação, deve ser citada aquella em que o conferente estabeleceu a distincção existente entre Revolução e revoluções. Um murmurio de approvação e applauso sahiu de todas as bocas e acolheu as palavras do sr. Anthero de Quental.»

A 27 de maio, foi pronunciado o discurso das *Causas da decadencia dos povos peninsulares;* a 5 de junho, falou Augusto Soromenho sobre *Litteratura contemporanea;* a 12, Eça de Queirós sobre o *Realismo na Arte;* a 19, Adolpho Coelho sobre o *Ensino nos estabelecimentos superiores de Portugal.* A 26 devia realisar-se a exposição de Salomão Saragga sobre os *Historiadores criticos de Jesus;* uma portaria, inspirando-se em motivos de ordem publica, prohibiu, nesse dia, as Conferencias democraticas.

É de Anthero o seguinte protesto, redigido no Café Central, e levado ás redações dos jornaes de Lisboa por centenares de pessoas:

> Em nome da liberdade de pensamento, da liberdade de palavra, da liberdade de reunião, bases de todo o direito publico, unicas garantias da justiça social, protestamos, ainda mais contristados que indignados, contra a portaria que mandou arbitrariamente fechar a sala das Conferencias democraticas. Appelamos para a opinião publica, para a consciencia liberal do paiz, reservando-nos a plena liberdade de respondermos a este acto de brutal violencia como nos mandar a nossa consciencia de homens e de cidadãos. *Lisboa, 26 de junho de 1871. Anthero de Quental, Adolpho Coelho, Jayme Batalha Reis, Salomão Saragga, Eça de Queirós.*

Os conferentes restantes, Theophilo Braga, Germano Meyrelles, Augusto Fuschini, Augusto Soromenho, Manuel de Arriaga, Guilherme de Azevedo, adheriram a este protesto em declarações publicadas em diversos numeros do *Jornal do Commercio*, do mez de julho de 1871. V. n.º 30.

A imprensa religiosa (*Nação, Bem Publico* etc.) atacou diversas conclusões de Anthero, desfigurando, segundo o autor, algumas das ideias emitidas no seu discurso: Anthero respondeu com um artigo vibrante, publicado no *Jornal do Commercio*, n.º 5295 de 22 de julho de 1871. V. n.º 69.

32) *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza (A proposito de alguns livros recentes)* por Anthero de Quental. 8.º gr. 38 p. e 2 brancas. Livraria Chardron, ed. Porto. Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1872.

Occupa-se dos *Lusiadas* de Oliveira Martins, da *Theoria da Historia de Litteratura* de T. Braga, e, por accidente, do *Desenvolvimento da Litteratura portugueza*, de Pinheiro Chagas. Este livro produziu réplicas desagradaveis, nos *Criticos da Historia da Litteratura Portugueza*, na *Bibliographia Critica* de F. Ad. Coelho, e na *Carta* dêste douto escritor ao sr. Th. Braga, que todavia

não chegou a ser distribuida (V. *Dicc. Bibl.*, verb. *Joaquim Theophilo Braga*). As *Considerações* estão catalogadas na *Bibliotheca Açoriana*, *Noticia Bibliographica das obras impressas e manuscritas, nacionaes e estranjeiras, concernentes ás ilhas dos Açores*, pelo dr. Ernesto do Canto. Edição de 250 exemplares. Foram estampadas, primeiramente, em folhetins, no *Primeiro de Janeiro*.

33) *Anthero de Quental — Os criticos do Fausto, carta ao ex.mo sr. José Gomes Monteiro*, Porto 1873 (sem indicação de typographia). Edição de quinze copias unicamente. — 8.º gr. de 4 pag.

Carta de apologia calorosa ao livro, de egual titulo, de José Gomes Monteiro, condemnando os censores da tradução da primeira parte do *Fausto* de Goëthe, pelo visconde de Castilho.

34) *Estatutos da Associação Protectora do Trabalho nacional* — Lisboa, Typographia de J. C. Almeida, 63 — rua da Vinha. — 1873, 8.º 48 pag.

Interessante documento para a historia das classes operarias em Portugal.

35) *Anthero de Quental — A poesia na Actualidade, a proposito da Lira Intima do sr. Joaquim de Araujo*. Porto. Officina typographica de João Eduardo Alves, 1881 — 8.º de 20 pag.

Alguns exemplares teem nas capas rubrica de 2.ª ed., data de 1882 e a indicação — Imprensa Elzeviriana. Acerca deste opusculo, V. *El Porvenir*, de Madrid, n.º 42, de 17 de fevereiro de 1882, art. de Clarin, (Leopoldo Alas), *El Comercio*, de Palma, n.º 736, de 5 de janeiro de 1883, art. de Gamiz Soldado, *La Tribuna*, de Madrid, n.º 294 de 8 de abril de 83, art. do mesmo publicista, *El Linares*, de Linares, art. publicado em dezembro de 1882 (?), de Malibeo (pseud.), as *Notas de critica*, de Alexandre da Conceição, a versão alleman dos *Sonetos* por Storck, a nota final de uma série de folhetins de Henrique das Neves, acerca de João de Deus (*Açoriano ?*), e *Anthero e a Allemanha* pela ex.ma sr.ª D. Carolina Michaëlis.

36) *Anthero de Quental — Tendencias novas da poesia contemporanea (A proposito da «Alma Nova» do sr. Guilherme de Azevedo)* (1871) Ponta Delgada, Typ. Minerva, 1893, 8.º pequeno.

Traslada (aproveitando a composição typographica do *Diario de Annuncios*) um folhetim da *Revolução de Setembro* de 1871, incompletamente reproduzido no apendice da *Alma Nova*, e é o primeiro trabalho de Anthero impresso em separado na terra, que lhe foi berço. Esta edição, feita por diligencias e cuidado da ex.ma sr.ª D. Alice Moderno e de Joaquim de Araujo, teve uma

tiragem especial de 25 exemplares em papel de linho. V. *Recordações de familia* pelo Visconde de Faria e Maia.

37) —— Barcellos — Typ. da *Aurora do Cavado* — Editor R. V. 1895. 8.º 20 pag.

O benemerito editor não teve conhecimento da edição mencionada em o numero anterior. No seu curto prologo, atribue ao *Debate* a publicação originaria deste trabalho; aquelle semanario apenas o reproduziu da *Revolução de Setembro* (1871).

38) *Anthero de Quental — A philosophia da natureza dos naturalistas*, 1894 — Typ. Editora do «Campeão Popular» — S. Miguel, Ponta Delgada, Açores, 8.º xiii — 43 pag. e 1 de erratas. Tiragem de 200 exemplares em papel de linho, numerados.

Neste volume compendia-se a serie de artigos (5), exarados, em 1886, no diario portuense — a *Provincia* —, acerca da *Exposição summaria das theorias transformistas* pelo sr. Vianna de Lima. As pag. numeradas em romano constituem uma lucida exposição do trabalho de Anthero, feita pelo sr. Eugenio Pacheco Vaz do Canto e Castro. No anterosto lê-se: «Homenagem posthuma a Anthero de Quental (michaelense)». Vid. *Recordações queridas* por Marianno Machado de Faria e Maia e *Cartas a Francisco Machado*, na *Revista Portugueza*, fasciculo I.

39) *Anthero do (sic) Quental — O Infante D. Henrique* (Fragmentos) Barcellos. Typ. da Aurora do Cavado — Editor *R. V.* 1893.

Tiragem, apenas, de 50 exemplares, 10 em papel de linho e 40 em papel commum, que o laborioso editor não chegou a distribuir, para dar lugar á seguinte publicação:

40) *Anthero de Quental — O Infante D. Henrique* — com um prefacio do sr. Rodrigo Velloso — Lisboa, Imprensa Nacional — 1894 — 4.º 59 p. e 2 inn.

O curto prologo do sr. dr. Velloso contem indicações interessantes. Este estudo de Anthero, da mais extrema infancia litteraria, é curioso sob o ponto de vista do estilo. Sahira no *Academico*, em 1861. O retrato de Anthero, que se vê nesta edição, é o mais antigo em data (1864 ou 65). Fez-se uma tiragem especial de 5 exemplaes em papel Whatman.

41) *Anthero de Quental & Camillo Castello Branco — Sá de Miranda, com uma carta acerca da Bibliographia camilliana de Henrique Marques* por Joaquim de Araujo. Lisboa. Typ. da Companhia Nacional Editora, 1894. 8.º — 38 pag.

A parte de Anthero refere-se á magnifica edição das *Obras de Sá de Miranda*, realisada em Halle pela ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, e fôra primeiramente publicada na *Provincia* e reproduzida em a *Nova Alvorada*.

Deste livro fez-se uma tiragem especial de 10 exemplares, cuja lista de distribuição foi inserta em a *Nova Alvorada*.

42) *Anthero de Quental — Oliveira Martins — O critico litterario — O economista — O historiador — O publicista — O politico.* Lisboa, Typ. da Companhia Nacional Editora 1894 — 8.º 52 p. e 2 inn. de indece e consagração.

Contem: a parte das *Considerações* (V. n.º 32), relativa a Oliveira Martins, dois artigos discutindo opiniões dêste escritôr nos seus livros sobre Socialismo, *Diario Popular*, 1872, o estudo *Le Portugal Contemporain — Oliveira Martins*, dado a lume em 1884 na *Revue Universelle et Internationale* de Paris, e uma carta inedita dirigida a Sebastião d'Arruda da Costa Botelho e concernente á filiação do autor do *Portugal Contemporaneo* no partido progressista. Dêste opusculo se fez uma tiragem especial de 10 exemplares numerados.

O juizo de Anthero sobre a Idade-media foi combatido pelo sr. dr. Julio de Vilhena no seu livro — *As Raças historicas da Peninsula Iberica e a sua influencia no direito civil portuguez*, primeiramente impresso no *Instituto*, vols. XVI e XVII.

43) *Anthero do (sic) Quental — A Educação das Mulheres* — Barcellos — Typ. da Aurora do Cavado — Editor, R. V. 1894 — 8.º 18 p.

Impressões de leitura de Aimé Martin. É um dos primeiros escritos de Anthero, dado a lume, em 1859, nos *Preludios litterarios*, Coimbra.

44) —— *A Patria* (Fragmento de um livro) — Id., Ibd. — 8.º 12 pag.

Tem data de 1857 e é seguramente o primeiro artigo que o autor publicou. Reproduzido do *Phosphoro*, n.º 5, pag. 34.

45) *Anthero de Quental — O que toda a gente vê ou a politica numa lição.* Id., Ibd., 8.º 12 p.

Impresso primitivamente no *Tira Teimas*, 1861. Satirisa os *costumes* politicos.

46) —— *Introducção aos «Cantos na Solidão» de Manuel Ferreira da Portella.* Id. Ibd. 19 pag.

47) *Anthero do (sic) Quental — Sobre traducções (depois de ler as recreações poeticas do sr. F. Castro Freire).* Id., Ibd., 20 pag.

Sahiu anteriormente no *Tira Teimas*, n.º 1, pag. 3. Tanto este esboço como o que ficou indicado sob n.º 44, sahiram firmados com o pseudonimo de Vasco Vasques Vasqueanes, modernamente adoptado por João Machado de Faria e Maya.

48) —— *As Meditações poeticas de Lamartine.* Id., Ibd., 8.º, 20 pag.

Publicado, sem nome de autor, no *Phosphoro* n.º 1 e 2, 1860.

49) —— *Lopes de Mendonça.* Id. Ibd. 28 p.

Este lucidissimo Esboço, que Oliveira Martins largamente extractou no *Portugal Contemporaneo*, ao caracterisar a geração de 1848, appareceu no *Operario*, semanario portuense, n.º 1, 2.º anno, 30 de maio de 1880, acompanhando o retrato de Lopes de Mendonça. Dahi foi reproduzido em diversos periodicos. Ao nosso amigo Guilherme Ribeiro, um dos redactores do *Operario*, devemos a communicação da expressiva carta, com que Anthero enviou o seu trabalho áquella redacção:

> Lisboa, (sem indicação de dia, mas de 21) de maio — *Ill.mo Sr. e Correligionario* — Embora esteja doente e me tenha visto por esse motivo obrigado a abandonar todo o trabalho litterario, fiz um esforço, desejando mostrar a essa redacção que os socialistas podem commigo o que não pode ninguem mais. O que sinto é que a falta de saude me não consentisse fazer coisa mais valiosa, ou, pelo menos, mais desenvolvida. Isso que lhes mando é escassamente um esboço, mas provará ao menos a minha boa vontade. Acceitem pois os redactores do *Operario*, esse escrito como uma prova da minha inquebrantavel adhesão, embora adhesão quasi inutil, á causa que defendem.
>
> Sou, com a maior sympathia, de toda essa redacção — *Correligionario dedicado* — ANTHERO DE QUENTAL. Calçada de Sant'Anna, 207 — *P. S.* Pedia-lhes o obsequio de me enviarem cinco exemplares do numero em que apparecer o meu artigo.

50) —— *Uma edição critica de Sá de Miranda* — Id., Ibd., 8.º, 26 pag.

Fôra já reproduzido em opusculo. V. n.º 41.

51) — *O Futuro da Musica.* Id., Ibd., 1895, Imprensa da Universidade, 8.º, 47 pag.

Divulgado no *Instituto*, vol. XIII, 1866, pag. 234 e seg., donde em 1893 o transcrevemos no *Diario de Annuncios*, de Ponta Delgada, n.os 2:598 e seguintes. Extratado no *Parnaso Portuguez Moderno* de Theophilo Braga.

52) — *O Sentimento da Immortalidade (Carta ao sr. Anselmo d'Andrade).* Id., Ibd., 8.º, 35 pag.

Instituto, cit. vol., pag. 39 e seg.

53) — *Espontaneidade.* Id., Ibd., 8.º, 30 pag.

Id., Ibd., pag. 185 e seg.

Os numeros 36 e 42 a 52 constituem edições similares de 100 exemplares cada uma, sendo vinte em papel de linho e oitenta em papel de algodão, numerados seguidamente, e foram impressos por cuidadosa devoção do sr. dr. Rodrigo Velloso.

b) LIVROS EM COLLABORAÇÃO

54) *Tratado pratico da Educação Materna pelo abbade Pichenot, arcediago geral da diocese de Sens — Traducção livre.* Lisboa, Typ. de Thomaz Quintino Antunes, 1873. 8.º, 4 inn. — 203 — 5 inn.

Livro superior de ensino moral, traduzido a convite de João de Deus, a quem suppomos que pertence o prologo, assignado pelos Editores.

55) *A Europa Pittoresca — Obra illustrada com numerosas gravuras executadas pelos principaes desenhadores* — Paris. — Typographia Ch. Unsinger — s. d. (1881 a 1883) — 2 tom. in-4.º (de IV-279 pag. numeradas e 2 fls. preliminares sem numeração, o tom. I; de 283 pag. numeradas e 2 fls. preliminares innumeradas, o tom. II).

Abrange os seguintes capitulos, perfeitamente autonomicos, embora systematicamente concatenados por um fundo de unidade:

> Introducção — Normandia e Bretanha — Casas nobres inglezas — Veneza — Fontainebleau — O Mediterraneo (De Nice a Genova) — Lagos da Italia — Os Pyreneus — Roma e seus arredores — O norte da Hespanha — A Floresta Negra — O Danubio — Auvergne e Delphinado — Cidades velhas da Allemanha — Em derredor de Napoles — Noruega — Hespanha (Castella-Nova e Extremadura)

—O Lago de Genebra—Atravez da Russia—Constantinopla—Nas margens do Rheno—Athenas e suas proximidades—Uma semana em Lisboa.

Nesta obra, absolutamente original, que não deve considerar-se traducção ou imitação de outra publicada em Londres (pouco antes) sob o titulo *Picturesque Europe* (com a qual só tem de commum as esplendidas gravuras, cujos *clichés* o editor portuguez adquiriu por compra), collaboraram Anthero de Quental, Salomão Saragga, o Visconde de Castilho (Julio), e Xavier da Cunha,—mas collaboraram independentemente uns dos outros, escrevendo cada um sobre si os capitulos que lhe couberam.

Assim, Anthero de Quental redigiu os tres primeiros capitulos («Normandia e Bretanha»; «Casas nobres inglezas»; e «Veneza»); Salomão Saragga, além de elaborar o capitulo que trata de «Athenas e seus arredores», resumiu (introduzindo-lhe as indispensaveis alterações) sob o rotulo «Uma semana em Lisboa» um artigo que Julio Leclercq, em 1881, dera a lume no *Tour du Monde;* ao Visconde Julio de Castilho coube escrever sobre «Auvergne e Delphinado»; a Xavier da Cunha pertencem todos os outros capitulos e a introducção geral.

Os tres capitulos escritos por Anthero encontram-se no tom. I, pag. 1 a 87.

c) FOLHAS AVULSAS

56) *Manifesto dos estudantes da Universidade de Coimbra á opinião illustrada do paiz (1862-1863).* Folha grande de 4 pag., com o texto a duas columnas e as assignaturas (314) a 2 columnas. Sem indicação de typographia.

Escrito na occasião em que os estudantes abandonaram as aulas da Universidade. João Machado de Faria e Maya cita *(Memorias)* alguns outros manifestos de Anthero aconselhando o regresso dos estudantes a Coimbra. Nunca podemos examinal-os.

57) *Conferencias democraticas, estabelecidas na sala do Casino, Largo da Abegoaria. 1871*—Lallemant Frères. Typ. Lisboa. Folha avulsa.

Contem o programma das *Conferencias.* Vid. n.° 31.

58) Prospecto da *Revista Occidental.*

Duas tiragens: em papel grande e em formato menor. Accentua a importancia das Revistas na sociedade contemporanea.

59) *Manifesto-Circular aos eleitores dos Circulos 94, 97 e 98 pelo partido operario socialista — Typ. Progressista.* Folha avulsa, a duas columnas.

Os candidatos propostos foram, respectivamente aos três circulos, Ermelindo Antonio Martins, serralheiro, José Correia Nobre França, typographo, dr. Anthero de Quental, publicista. O manifesto, eloquentissimo, é todo da penna de Anthero.

60) *Manifesto-circular aos eleitores do Circulo 98.*

Folha avulsa, sem designação de typographia, mas impressa na mesma officina designada em o numero immediato. Manifesto assignado por uma commissão de socialistas, entre os quaes os srs. Vieira da Silva, Nobre França e Azedo Gneco.

61) *Aos eleitores do circulo n.º 98 (Lisboa) — Carta do dr. Anthero de Quental á Commissão eleitoral do partido socialista no referido circulo* — Typographia R. Nova dos Martyres, 3. Folha avulsa.

Contém o agradecimento de Anthero aos cidadãos que o honraram com o suffragio dos seus votos. Archivamol-o, como um notavel documento:

> *Meus caros correligionarios:* — Acceitando a candidatura, que novamente me offerece a Commissão do Partido Socialista no Circulo 98, folgo de poder dar mais uma vez aos socialistas portuguezes um testemunho da minha inalteravel adhesão á causa que representam, testemunho publico e revestido da solemnidade, que é propria dos actos civicos.
>
> As candidaturas socialistas têem a meus olhos — o que não têem nenhumas outras, monarchicas ou republicanas — uma alta significação politica.
>
> Têem-na, em primeiro logar, como prova de que no espirito da classe trabalhadora, ainda ha pouco tão facilmente accessivel ás seducções dos velhos partidos e ás suas perigosas illusões, penetrou finalmente uma nova e mais profunda concepção da ordem social, e que a essa luz sabe ella agora ver quanto são vasios e insignificantes os programmas de uma politica puramente formalista, rotineira e superficial, ainda quando se pretende revolucionaria, quanto são estereis evoluções politicas que apenas se traduzem em mudanças de nomes e de fórmas, quanto finalmente carece de base toda a agitação politica que não implica uma reforma da economia nacional e uma melhor organisação do mecanismo que produz e distribue a riqueza.
>
> Numa palavra, a classe trabalhadora comprehendeu que sem *socialismo* toda a politica é van e superficial: fez do socialismo a pedra de toque dos programmas e dos partidos, e achou-os a todos igualmente sem valor.

Creando no seu seio, sob a inspiração desta ideia, um partido novo, e apresentando candidaturas suas, a classe trabalhadora declarou praticamente aos velhos partidos formalistas que os considerava a todos por igual impotentes para contribuirem para o progresso social, por igual vasios de verdadeira substancia politica, por igual caducos e anachronicos.

Representantes de um movimento hoje esgotado, o movimento individualista, liberal e burguez, do primeiro quartel deste seculo, os partidos conservador, progressista e republicano tiveram já a sua razão de ser, correspondendo aos aspectos da revolução que consumaram e da sociedade que fundaram.

Mas, á medida que essa sociedade burgueza, transformando-se surdamente, entrou em decomposição, os partidos, saidos della e que a representavam, perderam tambem gradualmente a sua actualidade social: de partidos, transformaram-se em bandos, em quanto os seus programmas, a principio lemmas juridicos, se foram reduzindo ao estado de phrases de convenção de uma rhetorica tradicional.

No ambiente sutil e esterilisador dessa conspiração permanente, que é a essencia mesma do parlamentarismo, perderam a noção da realidade, e, em quanto o mundo se transforma, vão repetindo maquinalmente as costumadas theses de uma philosophia politica caduca e que nem já comprehendem.

Taes partidos, cuja permanencia só se explica pelo estado de torpor e inercia a que a incubação de um mundo novo condemna momentaneamente a sociedade, são o *caput mortuum* da politica burgueza, e nada mais.

Á politica burgueza, que agonisa, e de cuja agonia são patentes symptomas as lutas no vazio e a esteril agitação dos partidos parlamentares e formalistas, oppõe a classe trabalhadora uma politica saida da realidade social, uma politica não de fórmas mas de substancia, cujo objectivo é a alteração visceral da actual ordem economica e a reorganisação do Estado, segundo a norma do direito economico.

Haverá, entre os partidos burguezes, ainda os que se reputam mais radicaes, um só que ouse subscrever a um tal programma?

Não ha, porque elle implica precisamente a destruição da sociedade burgueza, de que elles são os naturaes representantes. Radicaes abstractos, os jacobinos recuam diante desta tremenda realidade com tanto horror como os conservadores. Um jacobino é um conservador incoherente, com phrases de demagogo.

Ter comprehendido isto, tal é o grande progresso realisado durante os ultimos dez annos pela classe trabalhadora, e é esse progresso o que traduzem com energia as candidaturas socialistas.

Se sois por nós, demagogos do radicalismo abstracto, (tal é a interpretação desse symbolo do sentimento popular) se sois por nós, porque não vos enfileiraes ao nosso lado, porque não caminhaes atraz da nossa bandeira, a unica popular, a unica hasteada por mãos populares, a unica onde se lê claro e positivo o lemma do direito popular?

Se, como pretendeis, vos é cara a reivindicação do direito do Povo, porque é que nos vossos programmas se não menciona, nem sequer por allusão, a ideia em que se resumem todas as aspi-

rações populares, a destruição do privilegio proprietario e capitalista, o fim do reinado da usura, a soberania do trabalho organisado, a igualdade economica?

Porque não apontam elles, esses programmas redundantes, ao menos como termo longinquo e criterio do progresso social, este ideal da Justiça economica? e, desde já, como meio pratico, a abrir um caminho evolutivo a esse futuro distante, porque não reclamam a organisação do Credito como funcção collectiva e a sua consequente gratuidade? porque não reclamam a reivindicação pelo Estado dos mil elementos da propriedade social, hoje usurpados, e a consequente substituição da renda dessa propriedade social ao imposto, por natureza anti-democratico e depauperisador? porque não reclamam a reforma politica do Estado, sobre a base da representação nacional por classes e funcções sociaes, unica maneira de tornar legitima e sincera a representação e effectivos os direitos politicos do povo trabalhador?

Porque emudeceis, jacobinos declamadores, perante a unica questão que importa verdadeiramente ao Povo, ou equivocaes deploravelmente, oppondo a realidades concretas, vivas, palpaveis, phrases ocas e abstrações de um direito politico incompleto, chimerico, porque sem base?

Burguezes radicaes, se a vossa republica não é mais do que a republica do capital, assim como a monarchia dos conservadores não é mais do que a monarchia do capital, que temos nós, Proletariado, que ver com essa esteril questão de fórma? É uma questão de familia entre os membros da Burguezia, nada mais.

Tal é o alto sentido politico das candidaturas socialistas.

Ellas exprimem que a classe trabalhadora, senhora do seu pensamento e comprehendendo afinal quanto esse pensamento é por natureza antipathico a todos os partidos burguezes, está firmemente resolvida a não abandonar mais a representação do seu direito, que é o da sua emancipação economica e politica, aos filhos prodigos da Burguezia, filhos prodigos, mas solidarios fatalmente com ella em interesses, intuitos e preconceitos, e com ella unanimes na exploração e sujeição do Proletariado.

Para exprimir o pensamento do Proletariado só o Proletariado é competente. Só elle é competente para reivindicar o seu direito.

Na arena politica, quem não é pelo Socialismo é contra o Socialismo; e quem é contra o Socialismo declara-se por esse facto inimigo do Povo trabalhador, para o qual a reforma social representa a emancipação pratica e effectiva, isto é, a redempção da miseria e a unica segurança positiva da sua liberdade, até aqui illusoria, como é sempre a do pobre e dependente.

As candidaturas socialistas, como um symbolo do pensamento popular, significam isto, e isto é um facto de primeira ordem na historia da consciencia politica do povo portuguez.

Por outro lado, pelo lado moral, não é menos expressivo o sentido das candidaturas socialistas.

Os habeis dos partidos burguezes, espiritos materialisados pelo egoismo, para quem só tem valor o que pesa e faz vulto, sorriram-se desdenhosos, quando viram, ha um anno, que a bandeira socialista apenas conseguira aggremiar em volta dos seus candidatos

pouco mais de um cento de votos. Cegos! que não comprehendem que as coisas da consciencia não se pesam na grosseira balança das coisas materiaes, que é a qualidade aqui e não o numero que faz o valor, e que uma só consciencia recta e san vale incomparavelmente mais do que milhares, ou milhões que fossem, de consciencias turvas, cobardes e envilecidas.

Continuae a sorrir, dignos representantes do materialismo burguez; o vosso sorriso é a formula exacta da vossa ignavia.

Mas o Proletariado, o nucleo são e resistente do Proletariado, onde se propaga a ideia socialista, tem plena intelligencia do valor dos seus votos e é indifferente ás vossas apreciações de myopes.

Esses cento e tantos votos dados ás candidaturas socialistas representam outras tantas consciencias leaes, a quem uma convicção se impõe com a soberania do dever. E representam-no em condições de uma integridade moral quasi heroica, porque esses votos, votos do pobre e dependente, para affirmarem uma convicção, tiveram de resistir a seducções e pressões, ante que a propria riqueza verga tantas vezes miseravelmente, tiveram de resistir ao dinheiro, ás promessas e ás ameaças, aos mil meios, ora vis ora tyrannicos, que emprega habitualmente a insolencia do poder e da influencia.

Eram cento e tantos votos apenas — sim, mas nem um só foi vendido, nem um só extorquido pelo temor, nem um só se traduz em vileza, em cobardia, em abdicação da dignidade e do pudor. Candidatos dos partidos burguezes, ousareis dizer outro tanto?

Estes cem votos do pobre não só foram leaes, foram incorruptiveis — grande exemplo de moralidade dado pelo povo trabalhador, alumiado por uma ideia, á Burguezia, que, por falta de uma ideia, se dissolve caduca na corrupção.

No meio da triste comedia politica das eleições do anno passado, foi este das candidaturas socialistas o unico episodio grave e digno, o unico em que a attenção do philosopho e do moralista se fixa com complacencia, para poder ainda acreditar na realidade dalguma virtude civica nesta terra.

Se os habeis e desdenhosos dos partidos burguezes não comprehendem isto, peior para elles. Pela minha parte, pondo, como ponho, as ideias acima dos factos e o valor moral acima de todos os valores, recebi commovido a parte exigua que daquelles honrados cem votos me coube, e julgar-me-hia singularmente decahido no dia em que preferisse trocal-os pelos milhares de votos que escoltaram ao parlamento, como uma comitiva de ébrios, os candidatos triumphantes da Burguezia.

Recebei, meus caros correligionarios, as minhas saudações fraternaes.

ANTHERO DE QUENTAL

62) *Representação ao Governo de Sua Magestade, em nome da Liga Patriotica do Norte, sobre a necessidade de ser retirado o «exequatur» ao consul inglez no Porto.*

Publicada na *Provincia*. A resposta do Presidente do Conselho á exposição de Anthero foi dada em officio de 23 de fevereiro de 1890. Intercallada no

manifesto — *Ao Paiz* — que a Commissão Executiva da Academia do Porto largamente distribuiu e que constitue uma folha avulsa de duas columnas, sem data, impressa na Typ. de José da Silva Mendonça — Porto.

63) *Discurso lido na sessão de 7 de março da Liga Patriotica do Norte pelo seu presidente Anthero de Quental* — Sem indicação de imprensa, mas dada a lume na Typ. Occidental — Porto, rua da Fabrica. Folha avulsa, a 3 columnas.

Expõe os fins da Liga e o estado do paiz. Teve tambem uma tiragem em papel superior. Vem a pêlo estabelecer que não pertence a Anthero (e sim aos srs. Rodrigues de Freitas e José Pereira de Sampaio) o opusculo — *Relatorio e projecto de Estatutos da Liga Patriotica do Porto*, que alguns catalogos ineptamente lhe atribuem.

64) *Manifesto ao paiz* — Porto. Typ. Occidental, 1890. Folha volante.

Não chegou a distribuir-se, sendo todos os exemplares destruidos pelo autor. Neste documento condemnavam-se os partidos militantes, estabelecendo-se que delles, inclusivè o republicano, nada havia que esperar. Razões de ordem politica (?) impediram a divulgação desta eloquente peça.

d) ESCRITOS DISPERSOS

65) *Leituras Populares*, I *Bibliothecas ruraes*.

Serie de artigos preconisando a *Felicidade pela Agricultura* de Castilho, o *Municipio* de José Felix Henriques Nogueira, etc. *Preludios Litterarios*, Coimbra, 1860.

66) *Programma para a publicação da «Lirica açoriana»*.

Datado de Coimbra, 12 agosto de 1860, e assignado tambem por Alberto Telles. A publicação devia comprehender uma collecta de versos de todos os poetas açorianos e o seu producto de venda ser applicado em favor de um monumento a Camões. Reproduzido recentemente na *Nova Alvorada*.

67) *Na sentida morte do meu condiscipulo Martinho José Raposo* — 1860 — *Preludios litterarios*.

68) *Revista litteraria de Coimbra* (1861) — Folhetim da *Revolução de Setembro*, n.º 5915, de 26 de janeiro de 1862. (XXIII anno).

Occupa-se de diversos livros, publicados ao tempo, especialmente das *Primicias* de Santos Valente, prefaciadas por Germano Vieira de Meyrelles. Com o pseudonimo de Raimundo de Castromino, de que Anthero não mais usou.

69) *A proposito de um poeta* — 1861 *(Phosphoro)*, n.os 7, 9 e 12.

Refere-se a João de Deus e é o primeiro documento impresso da viva admiração e do entranhado affecto que Anthero votou inquebrantavelmente ao seu glorioso contemporaneo. A primeira definição critica do lugar de João de Deus na poesia portugueza foi dada por Anthero de Quental. Talvez seja o mesmo escrito mencionado a pag. 201, vol. 12 do *Archivo dos Açores*, sob a seguinte rubrica:

> Um folhetim na *Revolução de Setembro* de 1861 ou 62 com o pseudonimo de Vasco Vasques Vasqueanes, contra o *Tira-Teimas*, a proposito da publicação das poesias de João de Deus.

Baldadamente folheamos as collecções da *Revolução*, relativas aos annos indicados, em verificação desta indicativa.

70) *Sobre a necessidade de uma doca em Ponta Delgada.*

Inserto, segundo o *Archivo dos Açores*, no «Jornal do Porto», em março de 1861, transcrito, ao tempo, no *Correio Michaelense* e na *Aurora dos Açores* e modernamente no referido *Archivo*, na sua *Homenagem a Anthero.*

71) *Saudação ao principe Humberto, no dia 22 de outubro de 1862.*

> Os Estudantes da Universidade de Coimbra, filhos e netos dos heroicos defensores do Porto, saúdam, em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de Carlos Alberto: a mocidade liberal Portugueza saúda, em nome da liberdade do mundo catholico o filho do amigo de Garibaldi, o filho de Victor Manuel.
>
> Á mocidade Portugueza não lhe sofre o coração, *(ainda que enlutado de tristes presentimentos)* que não recorde com saudade a memoria do heroe infeliz que, escolhendo por ultimo leito uma terra de homens livres, prestou, ainda na morte, homenagem á liberdade: não lhe sofre o espirito impaciente *(ainda que oppresso por um fantasma do passado)* que não vire os olhos para as bandas da luz, aonde, no meio do combate, se enlaça o braço do rei com o braço do povo. Não é ao representante da Casa de Saboia que vimos prestar homenagem: é ao filho de Victor Manuel que saudamos; do primeiro soldado da independencia Italiana; dêsse de quem os reis da Europa aprendem como, neste seculo ainda, se pode ser popular, sendo-se Rei; de quem a Italia espera resurreição completa; de quem espera a Igreja Christan uma nova epocha de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira.
>
> Aos votos da Europa intelligente, aos votos da Europa popular, aos votos dos que trabalham pela grande causa dos povos, unimos os nossos, sinceros como a nossa idade e como ella cheios de muita fé, para que a patria de Garibaldi possa rehaver o sagrado patrimonio da sua nacionalidade, para que o coração da Italia, que o é tambem do mundo christão, pulse com egual energia pela liberdade politica e pela liberdade religiosa. — *(Disse).*

Publicada no *Conimbricense*, n.º 912, de 1862, com a assignatura dos membros da Commissão encarregada, pela Academia, de apresentar as suas homenagens ao principe, os quaes eram, além de Anthero, Antonio Bernardino Cerqueira Lobo, José Falcão, José de Sá Coutinho, Mariano Machado, Eduardo David e Cunha, Henrique de Macedo, José da Cunha Sampaio. Reproduzimol-a da minuta original, possuida por João Machado de Faria e Maya, donde tambem foi aproveitada no *Archivo dos Açores*. Das duas passagens em italico, a primeira não apparece no *Conimbricense*, e a segunda foi pronunciada, apontando ao Reitor da Universidade, dr. Basilio Alberto de Souza Pinto, depois visconde de San Jeronimo. V. *Memorias* de João Machado de Faria e Maya e *Recordações queridas*, por Mariano Machado.

72) *Contos (ineditos) por Edgar Pöe* — «*Seculo XIX*», 1864.

Traducção de alguns contos do grande illuminado norte-americano. A poesia *Never More*, nelles intercallada, foi reproduzida nas *Primaveras*, pag. 137.

73) Carta ao redactor do *Atilla* (Rodrigo Velloso), enviando-lhe a poesia Ermelinda. — «*Attila*», n.º 8, Coimbra, 1864.

A lição definitiva desta poesia sahiu nas *Primaveras*, sob a rubrica — *Une femme qui tombe*. A missiva, que a acompanhava, foi transcrita na interessante noticia do sr. Rodrigo Velloso acerca dos *Raios de extincta luz*, V. n.º 12. Para a historia desta Carta, V. *Memorias*, por João Machado de Faria e Maya.

74) *Cartas de H. Heine a Gérard de Nerval* — «*Século XIX*», 1864.

De Anthero a Germano de Meyrelles. Tem resposta de Gérard de Nerval a H. Heine.

75) Correspondencia de Coimbra, id. id.

Tem a data de 3 de abril. Occupa-se especialmente da *Visão dos Tempos* de T. Braga. Curta mas eloquente apreciação recolhida na 2.ª ed. das *Folhas Verdes*, daquelle autor, Porto, 1869, 8.º V. n.º 121. Ha, no *Seculo XIX*, diversas outras correspondencias de Anthero, de caracter puramente noticioso e firmadas com o cryptonimo — *o Bacharel José*.

76) Apresentação de Henriqueta Elisa, id. id.

Acompanha um folhetim desta poetisa.

77) Carta a João de Deus, id., 1865, e na *Folha do Sul*, 1865.

Inserta em um trecho do poeta do Amôr, explicativo de algumas phrases injustas, por elle dirigidas a Renan, num folhetim, endereçado a Germano de Meyrelles, antecedendo os threnos da *Luz da Fé*, a que Anthero respondeu com a ode á *Luz do Sol*. João de Deus espontanea e nobremente reconheceu, em um escrito publico, a injustiça praticada para com Renan. A carta de Anthero é do theor seguinte:

> *Meu João* — Li os teus bellos versos na *Folha do Sul*. Mas nas linhas que os precedem foste injusto para com a sciencia moderna, e cruel para com aquelles que não tendo a Fé (não basta querer, nem ainda crer, para isso) tentam levantar sobre o unico alicerce que lhes fica — a Razão (e o unico possivel para elles) esse edificio da vida do espirito, a que vinte bazes de granito e vinte contrafortes de bronze não dão ainda assim solidês bastante. Querer-lhes mal porque não podem mais, João, não é generoso, confessa. A ironia ou o despreso não é a melhor consolação, para quem vergando sob um fardo excessivo lança em volta os olhos e não vê aonde se firme senão no seu esforço interior, no estoicismo duma vontade heroica. Para esses, uma piedade amiga e compadecida: essa sim, é digna da nobreza delles e da posição superior de quem, sentado na pedra cubica da sua Fé, os vê passar tremulos e sem terem a que se apegar.
>
> Depois, Renan não chama aos apostolos *patuscos*. Chama-lhes folgasãos, da folgada paz duma boa e innocente consciencia. Os bons, os simples, os crentes e pacificos são e devem ser assim — alegres. A tristeza é para os confusos e descrentes. O mesmo Christo lá lhes aconselha que folguem, porque para alegrias e folguedo deve ser na terra o tempo em que o esposo della a visita. Christo vae aos rusticos banquetes dos seus amigos e não seria elle, tão bom, quem perturbasse nas bodas a alegria innocente da esposa com pesares e lamentações.
>
> O Renan no meio da sciencia moderna, tão hostil ao christianismo, atreve-se contra ella e defende em Christo a extensão da sua personalidade historica, a grandesa da sua alma e a verdade das suas conclusões. As escolas mais avançadas da Allemanha e da França, sabes como lhe chamam? *Reaccionario*. Todas as biographias o pintam homem austero, triste e de boa fé. Não se lhe pode chamar macaco de Voltaire. Fizeste uma grande injustiça a um dos homens que neste tempo teem mostrado uma mais nobre independencia de espirito. — Teu — ANTHERO.

78) *A Biblia da Humanidade de Michelet — Ensaio Critico por Anthero de Quental* — «*Século XIX*», 1865, n.os 91, 97, 99 e 103.

Folhetins. Apesar da rubrica final, devida a um lapso typographico, este estudo critico ficou completo.

79) *Arte e verdade*, 1 — «*Revista do Século*», Lisboa, 1865, n.º 2.

Considerações geraes. Não proseguiu.

80) Protesto contra a suppressão das Conferencias Democraticas do Casino.

V. n.º 31.

81) Carta ao redactor do *Jornal da Noite*.

V. n.º 31.

82) *Resposta aos jornaes catholicos*.

V. n.º 31. É o vigoroso artigo publicado no *Jornal do Commercio*, em defesa das *Causas da decadencia dos povos peninsulares*.

83) Noticia (anonima) do apparecimento do livro — *Os Lusiadas, Ensaio sobre Camões*, de Oliveira Martins «*Primeiro de Janeiro*», 1872.

V. *Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza*, por T. Braga.

84) *O Fausto do sr. visconde de Castilho* — «*Primeiro de Janeiro*», 1872.

> «. . . O sr. Castilho, que é mestre sem rival na lingua portugueza, parece-nos ter-se excedido a si mesmo nesta obra, talvez pela variedade prodigiosa dos quadros do poema de Goethe, que lhe deu azo a mostrar condensados num só livro, todos os recursos do estilista, que até agora só parcialmente tem revelado em cada obra. As palavras são sempre as proprias que o pensamento pede, os adjectivos frisantes e pitorescos; no grave como no comico, encontra, com arte sabia e consumada os dizeres, a construção e o metro mais convenientes ao que quer exprimir. Finalmente, como obra escrita em português *de lei*, o *Fausto* do sr. Castilho é um monumento. Desinvolver este ponto fôra quasi ridiculo, visto que ninguem ignora ou contesta, a autoridade do sr. Castilho em coisas de linguagem. . »

V. *Sciencia e probidade* por F. Adolpho Coelho, *O Fausto de Goethe e a traducção do visconde de Castilho*, por Joaquim de Vasconcellos, *Os criticos do Fausto*, por José Gomes Monteiro, *O Fausto de Castilho julgado pelo Elogio mutuo*, por Joaquim de Vasconcellos, e o n.º 33 dêste Ensaio.

*

85) *A Morte de D. João (a proposito do poema do sr. Guerra Junqueiro.)* «*Provincia*» (de Villa Real), 1873.

Folhetim escrito na Ilha de S. Miguel; reproduzido recentemente na *Nova Alvorada.*

86) Programma do *Pensamento Social.*

V. n.º 115.

87) *Dois Congressos.*

Vid. n.º 115.

88) *O Japão,* por Pedro Gastão Mesnier.

V. n.º 116.

89) *Da Reorganisação social*, por João Bonança.

V. n.º 116.

90) *Alexandre Herculano* — «*Dois mundos*», Paris, 1874.

Commemoração da morte do grande historiador. Citada pelo dr. Correia Barata no seu artigo do *Seculo* (Coimbra, 1874), acerca do passamento de Herculano.

91) *Michelet* — Id., Ibid.

Michelet foi um dos educadores do espirito de Anthero, que chegou a fazer o seu conhecimento pessoal, em circumstancias pormenorisadamente accentuadas por Alberto Sampaio, *Recordações.* É curiosa a comparativa deste eloquente necrologio, escrito em Paris, durante uma das crises de Anthero, e do Ensaio critico, que, quando estudante da Universidade, consagrou á *Biblia da Humanidade.* V. n.º 78.

92) *O talento e a vontade* — Porto, 1886.

Na «Consagração», Numero-unico, e sob aquelle titulo, publicou Anthero as seguintes expressivas linhas :

«Em 1869 escrevia Alexandre Herculano a um dos *novos* de então, a quem consagrava especial estima, e que depois tem sabido mostrar quanto essa estima de um grande homem era bem empregada nelle: «Sempre tive grandes duvidas sobre a doutrina da superioridade das intelligencias; isto é da differença de intelligencia a intelligencia, quando estas são completas. No que acreditava, na epoca em que pensava nessas cousas, era na superioridade das vontades. O *querer* é que é raro, e tenho a consciencia de que fui um homem que *quiz* nas cousas litterarias.»

Parece-me que Alexandre Herculano, escrevendo estas linhas, não quiz contestar, como pode parecer á primeira vista, o facto da desigualdade das intelligencias. Esse facto é evidente. O que quiz, segundo entendo, foi contestar a importancia, que muitos reputam decisiva, dessa desigualdade, no ponto de vista dos resultados, da acção da intelligencia nas cousas humanas. Como se dissesse: o que distingue entre si os homens e praticamente torna uns superiores e outros inferiores, é a vontade, a maior ou menor intensidade della; emquanto que a intelligencia é apenas subsidiaria, apenas um instrumento ao serviço dessa faculdade soberana: por isso, embora possa haver entre as intelligencias, comparadas independentemente de tudo mais, differenças consideraveis, effectivamente e no ponto de vista concreto da pratica e dos resultados, é como se taes differenças não existissem.

Alexandre Herculano, como quasi todos os homens de grande caracter e forte sentimento moral, era pouco inclinado ás subtilezas da analyse psychologica e ainda menos ás especulações metaphysicas. Entretanto, se é correcta a maneira porque entendo as suas palavras, encontrou-se neste ponto o seu vigoroso senso-commum e elevadissimo senso-moral com o resultado das mais subtis analyses psychologicas e especulações metaphysicas de Schopenhauer e do seu discipulo Hartmann. Sustentam com effeito estes profundos pensadores que a vontade é que é a essencia do ser, a sua base e verdadeiro *substratum*, emquanto que a intelligencia, faculdade derivada, segundo elles, é apenas o instrumento para os fins superiores e em grande parte inconscientes e mysteriosos da vontade; como quem dissesse: apenas a lampada na mão do mineiro.

No nosso tempo, em que, segundo a phrase de Lange na sua *Historia do Materialismo*, «o principio da intelligencia tem assumido um predominio perigoso» e em que a consideração pelo talento orça já quasi por uma verdadeira superstição, aquelle modo de ver deve afigurar-se a muitos como paradoxal e até ridiculo. Eu por mim tenho-o na conta de profundamente verdadeiro e considero o predominio do «principio da intelligencia» e a superstição extravagante do talento como um symptoma, senão da decadencia, certamente da grave perturbação moral do nosso tempo.

A intelligencia entregue a si mesma, tomando-se como fim de si mesma e não como meio para os fins superiores da vida humana, por potente que seja, perverte-se e esterilisa-se. Essa intelligencia sem rumo e sem governo só leva ao scepticismo e, dahi ao desespero ou a uma indigna apathia epicurista. Em qualquer dos casos, suicida-se. O patriotismo, o amor da justiça e da verdade, a realisação dos ideaes da vida moral, tal é o seu fim, o fim de que ella tem de ser o instrumento, e é elle que estimulando-a e, se as-

sim posso dizer, moralisando-a, a torna vivaz e fecunda. Neste caso a superioridade da obra, reagindo sobre o instrumento, tempera-o, engrandece-o, aperfeiçoa-o.

E é por isso que a qualidade do instrumento, considerado em si mesmo, a potencia maior ou menor da intelligencia, é cousa secundaria, quasi diria indifferente. A tempera da vontade, a energia com que affirma os seus altos fins, a paixão com que os ama e tende immutavelmente para elles, isso é que é vital e essencial. O foco e centro de toda a grandeza é esse: é ahi que a intelligencia se apura, se avigora e chega porventura ao genio, não pelo seu poder proprio, mas na proporção daquelle amor que a inspira e fecunda.

O grande Newton, a alguem que se extasiava deante do seu genio, respondia: «o genio é a paciencia». E doutra vez: «quanto fiz, consegui-o simplesmente querendo sempre a mesma cousa e pensando sempre nella». Definição profunda e até sublime. O genio é a paciencia, a vontade constante, a constante attenção; por outras palavras: o genio é o amor, porque o amor é tudo isso, ou implica tudo isso. Quem ama verdadeiramente, quer e póde. O amor da patria, o amor dos homens, o amor da justiça, o amor da verdade transfiguram e elevam as mais vulgares intelligencias. Os que sabem observar terão notado mais de um destes admiraveis e instructivos exemplos.

Deixemos pois á turba dos espiritos superficiaes o culto vão do talento. Não confiemos, se nos queremos elevar acima della, nesses dons gratuitos e muitas vezes perfidos da natureza. Não é só o pão do corpo que tem de ser comido, segundo a expressão biblica, com o suor do nosso rosto. É tambem o pão do espirito. Abençoemos o esforço, manifestação da nossa intima liberdade, e confiemos só nas inabalaveis determinações que o sentimento moral inspira á vontade. Amemos e queiramos: o resto virá por si e nos será dado de sobra».

ANTHERO DE QUENTAL

93) *O Socialismo e a moral.* — «*Trabalhador*», n.º 1, 6 de janeiro de 1889 — Porto. Typ. da Empresa Litteraria.

É o ultimo artigo doutrinario de Anthero, o seu *testamento* dirigido aos socialistas. Diz assim:

«A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos mesmos trabalhadores.» Neste lema da primitiva Associação Internacional dos Trabalhadores encerra-se uma verdade fundamental, e mais comprehensiva ainda do que, porventura, pensavam os que a redigiram, homens de lucta e exclusivamente politicos. A emancipação dos trabalhadores deve ser obra do proprio esforço dos trabalhadores, por conseguinte, antes de tudo e como primeira condição, da sua energia moral, da sua perseverança, da sua firme dignidade, numa palavra, não sómente da agitação collectiva, muitas vezes superficial e inconsistente, mas da solida virtude dos individuos. Cousa alguma grande e duradoura se fundou ainda no mundo senão pela moral: e,

se o Socialismo tem de ser uma esplendida realidade, só o será como um passo mais no caminho da evolução moral das sociedades. «Audacia, audacia e sempre audacia!» exclamava Danton no meio do tumulto dramatico da grande Revolução: nós, no meio da confusão de um vasto movimento de classes, no qual o elemento dramatico é pouca cousa, mas enorme o peso das fatalidades economicas, diremos: moralidade, moralidade e sempre moralidade!

Só por ella opporá o proletariado áquellas fatalidades esmagadoras uma força capaz de as deslocar: de facto, a maior força que actua nas sociedades, a força de consciencia. Isto quer dizer que o problema economico não é independente e isolado, como se affigura a alguns, mas dependente e connexo com o problema moral e constantemente condicionados um pelo outro. Mas, emquanto acreditarmos na liberdade humana e considerarmos as forças do espirito como as forças sociaes por excellencia continuaremos a affirmar que a reacção da vontade consciente, que o esforço da justa consciencia sobre o mundo da fatalidade será sempre maior do que a acção desta sobre aquellas. O problema do Socialismo é essencialmente o problema da organisação do trabalho: ora a organisação do trababalho depende antes de tudo da capacidade moral dos trabalhadores, isto é, da sua capacidade de ordem, disciplina e justiça. Não ha systemas, por engenhosos que sejam, que possam supprir isto, assim como não ha combinações que possam supprir, numa machina, a falta ou simplesmente a fraqueza e mau estado do motor. Um eminente francês, com quem conversava não ha muitos annos, dizia-me que com a republica e o voto universal, de um lado, e do outro as condições da industria e do capital em França, os trabalhadores francêses estariam ha muito senhores da sociedade e triumphante o Socialismo, se não lhes faltasse uma cousa: a capacidade. O espirito de anarchia e tanta desordem, o ciume e inveja reciprocas, a falta de perseverança e disciplina, muito mais do que a das luzes essenciaes, intibiam as forças enormes do proletariado francês, produzindo em vez de um movimento progressivo e organico, só as convulsões duma sociedade que parece agonizar. Sirva-nos de licção aquelle exemplo. O grande Proudhon, depois de 30 annos de trabalho e martirio, desenganado da politica das revoluções, chegava finalmente, numa das ultimas paginas que escreveu, a esta conclusão: «O mundo só pela moral será libertado e salvo.» É com esta palavra de ouro que fecharei este pequeno artigo.»

ANTHERO DE QUENTAL

94) No Tricentenario de Camões.

V. secção IV, MANUSCRITOS DESTRUIDOS.

95) «*Viagem na Espanha*», *pelo sr. Anselmo de Andrade.*

Apreciação publicada na *Provincia* (?), Porto, 188...

96) Carta autobiographica.

V. secção VI, OS QUENTAES.

97) *A que vimos* — «*Rebate*», n.º 1, Porto, 1890.

V. n.º 117.

98) *Expiação*, — «*Provincia*». Numero extraordinario (sem data indicada, mas de 26 de janeiro de 1890).

V. n.º 117.

99) Artigo, sem titulo, sobre a necessidade das aggremiações e associações patrioticas. *Anathema*, Coimbra, 1890.

V. n.º 117.

100) *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do séc. XIX.*

Notavel serie de artigos publicados na *Revista de Portugal*, vol. II. V. *Recordações*, por Alberto Sampaio, *Constituição poetica de Anthero*, por F. Adolfo Coelho, *A Vida de Anthero*, por Luis de Magalhães, *Um Justo*, por Jayme de Magalhães Lima, *Nosographia de Anthero*, por Sousa Martins, *O sonho do poeta*, por Anselmo de Andrade, *O suicidio de Anthero*, por Manuel Duarte d'Almeida, *Recordações queridas*, por Mariano Machado, *Das Modernas ideias na litteratura portuguesa* por Theophilo Braga. Annos antes do apparecimento desta maravilhosa synthese, Eça de Queirós, referindo-se á geração do seu tempo, caracterisava Anthero como — «o maior de todos, a mais poderosa organisação philosophica e critica da peninsula neste século» — (*Ramalho Ortigão, carta a Joaquim de Araujo, Renascença*, p. 20, Porto, 1878).

> «Poucos philosophos, de reputação nos circulos scientificos da Europa, conseguiram formular uma sinthese tão original, tão completa e scientificamente demonstrada, como Anthero de Quental, o primeiro philosopho de Portugal e um critico de extraordinario merecimento.» «Espirito germanico, tinha uma intuição philosophica cheia de verdade e dirigida harmonicamente com as conclusões das sciencias; idealista, superiormente idealista como Hegel, o philosopho incomprehensivel, propheta sonhador da sinthese universal á similhança dos revolucionarios do seculo XVI, verificador experimental das theorias philosophicas, como Comte e Spencer, Anthero de Quental esboçou um systhema que não é o hegelianismo, nem o cartesianismo, nem o positivismo ou o evolucionismo, embora tome por bases algumas conclusões de todas estas escholas.» «... o trabalho de Quental não é inferior ao estudo feito pelos criticos mais notaveis da Europa; salva a diversidade de orientação, só encontramos em Augusto Comte nos estudos sociaes de *Politica Positiva* um simile de Anthero de Quental.» ABEL DE ANDRADE — *A Sinthese Cartesiana, Influencia do Cartesianismo sobre o Racionalismo, Estudo historico critico da Evolução da Sinthese Cartesiana, precedido de um prefacio de Theophilo Braga*, Coimbra, 1892 — p. 76, 77 e 79.

e) ESCRITOS POSTHUMOS

101) Carta a M. Ferreira Deusdado. *Revista de Educação e Ensino* — anno 6.º, n.º 9, setembro de 1890.

Agradece e aprecia um dos livros do abalisado Professor.

102) *Lettre a Mr. Maxime Formont* — «*Circulo Camoniano*», fasc. VI, 1891.

É uma lucida apreciação do livro — *Les Inspiratrices*, do distincto publicista francês. V. *Pretidão de Amór*, magnifico livro de Xavier da Cunha, (a sahir do prélo). Um jornal de Ponta Delgada publicou a traducção (!) desta carta.

103) *Carta ao Ex.mo Senhor Dr. Alberto Osorio de Castro.*

Foi primitivamente publicada na *Gazeta Nacional*, de Coimbra, n.º 107. É do theor seguinte:

> Ex.mo Sr. — Lisboa (Rua da Fé, 12, 1.º) 25 de novembro. — Só ante-hontem me chegou ás mãos a sua carta, devolvida de Villa do Conde, donde estou ausente desde fins de setembro. Recebi com effeito e li varios n.os do *Novo Tempo*, cuja sinceriedade e desprendimento me impressionaram. Logo vi que devia o jornal ser redigido por algum rapaz moço e candido e por cima disso poeta, pois só um moço poeta podia assim idealisar as miserias da nossa vida politica e pôr idéas e sentimentos onde toda a outra gente põe interesses sordidos e vaidades estultas ou ferinas. A politica nunca foi muito para poetas, hoje e entre nós menos do que nunca. Creio que fez muito bem em abandonar esse campo lamacento, ainda que não o acompanho nas esperanças revolucionarias, que diviso nalguns periodos da sua carta.
>
> Em Portugal não pode haver revolução, que mereça este nome, porque revolução presuppõe proposito, firmeza e força moral, o que aqui não ha. Portugal é um paiz eunuco, que só vive duma vida inferior, para a vileza dos interesses materiaes e para a intriga cobarde, que é o processo desses interesses. Não sei se a união iberica se realisará, mas, a realisar-se, far-se-ha pela força das cousas e não pela intervenção livre e razoavel das vontades, que as não ha cá para tanto. Uma unica revolução é possivel ou antes inevitavel em Portugal: é a revolução anarchica da fome, mas essa não precisa que ninguem a promova, nem pode ser materia de programmas politicos. Virá a seu tempo e fatalmente, como a conclusão necessaria da desrazão e do egoismo universaes. Deixemos pois passar a onda providencial, e tratemos simplesmente, como individuos, de conservar cada um em si um foco tão intenso quanto possivel de força moral, de intelligencia calma e soffredora caridade, pois, no naufragio desta sociedade, na perversão do espirito publico,

toda a esperança de regeneração está posta nas virtudes individuaes. Se, no meio do geral envilecimento, a natureza humana se manifestar grande e amavel em alguns poucos individuos excepcionaes ao mesmo tempo como protesto e como exemplo, não se poderá então dizer que está tudo perdido.

Estas considerações são-me suggeridas por dois periodos da sua carta, em que me parece que o seu generoso espirito põe, mais do que é de razão, alguma esperança nos resultados da agitação pseudo-revolucionaria que lavra na mocidade, e que eu considero perfeitamente esteril, pois não tem raizes no sentir geral, nem pode encontrar echo na massa da nação, adormecida no somno comatoso dos interesses materiaes e de que só a fome brava a fará acordar, mas não para as idéas e a consciencia civica, apenas para a anarchia cega da miseria e dos baixos odios. Quanto ao desejo que manifesta de um escrito meu para o ultimo n.º do *Novo Tempo*, peço-lhe me desculpe. Versos já os não faço, nem tenho que dizer em verso.

Em prosa teria muito que dizer, mas tão amargo e descaroavel, tão longe de toda a esperança e consolação, que prefiro muito calar-me, ou antes, entendo que é do meu dever calar-me. Com effeito, não devemos escrever para o publico senão quando tenhamos a confiar-lhe alguma palavra boa e de conforto, e é o que por ora me não occorre. Esperemos por uma hora melhor e um mais calmo espirito. Li os seus versos, que me pareceram bem. São sinceros e na sua morbideza ha uma uncção que não é affectada. É moço, sonhará ainda por muito tempo, mas, continuando a reflectir, acordará finalmente para a pura luz da razão, que só é fria e cruel na apparencia. — Sou de V. Ex.ª, Cr.º obg.^mo^ — ANTHERO DE QUENTAL. (1890).

104) *Linhas num album.*

V. *Nova Alvorada*, 1.º vol., pag. 169.

105) Carta a João Machado de Faria e Maya — *Diario dos Açores*, Anno 22, n.º 576, de 29 de outubro de 1892.

É datada de Villa do Conde, em 20 de março de 1890, e refere-se ás impressões de uma *Viagem no Brazil*, recentemente editadas na *Revista Portugueza*. Precede-a um preambulo epistolar de João Machado.

106) *Cartas de Anthero de Quental:* I *a M.lle Alice Moderno*, II, *a João de Deus*, III *a Joaquim de Araujo*, IV *a João de Deus*, V *a Frederico Diniz Ayala* — «*Nova Alvorada*», 3.º anno, n.º 6, pag. 43.

Estas cartas referem-se, respectivamente: a primeira á publicação do *Recreio das salas*, de Ponta Delgada, a segunda e a quarta á *Cartilha maternal* de João de Deus, a terceira á medalha de honra ao grande Lirico, a quinta ao livro *Velha Goa*, de Ayala.

107) *Cartas a Francisco Machado de Faria e Maia* — «*Revista Portugueza*» vol. 1, pag. 12. Porto, 1894.

São precedidas de um magnifico esboço de Francisco Machado, do qual tomamos as seguintes linhas, referentes á nossa edição da *Correspondencia de Anthero*, actualmente no prélo: «Por occasião da morte do grande poeta annunciou o nosso amigo sr. Joaquim de Araujo a publicação de um volume de correspondencia de Anthero; a imprensa periodica registrou largamente o prometimento. Para a realisação de tal designio, offerecemos hoje duas preciosas communicações do notavel morto, e que se referem: a primeira a uma critica que fiz a uns artigos por elle publicados na *Provincia*, e a segunda ás nossas discussões em 1876 quando estivemos juntos em Lisboa». V. n.º 38.

108) *Cartas a João de Deus* — «*Revista Portugueza*» vol. 1, pag. 73 e 152. Porto, 1895.

Sete encantadoras cartas, que fazem parte da collecção mencionada em o numero anterior.

109) *Carta a Francisco Affonso de Chaves e Mello* — «*Revista Portuguesa*», vol 1, pag. 108.

110) *Carta a Eduardo Coimbra*, «*Nova Alvorada*», n.º 11, 3.º anno, 1894.

Rapida apreciação dos *Dispersos*. Nas *Cadencias Vagas* (n.º 11) ficou trasladada outra carta de Anthero a Eduardo Coimbra, o primorissimo lirico, morto em plena efflorescencia de vida e de talento —, do mais prometedor e brilhante que ainda desabrochou em Portugal.

111) *Ensaio sobre as bases philosophicas da Moral ou Philosophia da Liberdade.*

Serie de interessantes notas, não concatenadas, insertas na homenagem do *Archivo dos Açores*. Foram encontradas no espolio do illustre morto.

112) *Cartas de Anthero de Quental* — «*In memoriam*» — Appendice final — I-XXXI.

Collecção de preciosas cartas, dirigidas a Germano Vieira Meyrelles (5), J. P. Oliveira Martins (8), Joaquim de Araujo (5), Jayme de Magalhães Lima (6), Candido de Figueiredo (1).

f) PERIODICOS REDIGIDOS POR ANTHERO

113) *O Academico — Publicação mensal, scientifica e litteraria* — N.os 1, 2 e 3, unicos publicados — 8.º gr., 96 pag., Coimbra, Imprensa da Universidade.

Redactores — João de Deus, Eduardo José Coelho, Anthero Tarquinio do Quental, Eugenio de Barros, Alberto Sampaio, Alberto Telles, Guimarães Fonseca, Severino de Azevedo e José Maria da Cunha Seixas.

De Anthero contem: *Esboccetos biographicos*, I, *Infante D. Henrique* e *A Senda do Calvario*, poesia.

114) *A Republica, jornal da democracia portugueza* — Lisboa, 1870 — Typographia Democratica — n.º 1, folio gr., 4 paginas, datado de 11 de maio, n.os 2, 3, 4, 5, 6 e 7 — 4.º, de 16 paginas cada um, sem data.

A redacção compunha-se de Anthero, Oliveira Martins, Batalha Reis, Manuel de Arriaga e porventura Antonio Ennes. Os artigos não teem assignatura. Ouvimos que pertencem a Anthero o artigo programma e bem assim os que dizem respeito a questões de iberismo e de politica internacional.

115) *O Pensamento Social* — «Não mais deveres sem direitos, não mais direitos sem deveres» — Publicação semanal — Folio grande. N.os 1 a 38 — 1.º anno, Fevereiro de 1872 a Janeiro de 1873 — 2.º anno. N.os 39 a 51 — Janeiro a Abril de 1873. — Lisboa. Typ. do Futuro, rua de S. Boaventura.

São de Anthero o artigo inicial constituindo o programma do periodico e o artigo *Dois Congressos*, publicado alguns numeros mais tarde. Embora a sua collaboração seja diminuta, o *Pensamento Social* foi sempre mais ou menos redigido sob a inspiração de Anthero. É possivel que lhe pertençam outros artigos.

116) *Revista Occidental — 1.º anno — Tomo primeiro — 15 de Fevereiro — 1.º fasciculo — Lisboa — Escriptorio da Revista Occidental, 3 — Rua Nova dos Martyres — 3 — 1875 — Tomo segundo — Lisboa, Escriptorio da Revista Occidental — 3 — Rua Nova dos Martyres — 3 — 1875.* Cada um dêstes volumes diz no verso do anterosto: *Lisboa — Typographia de Christovão Augusto Rodrigues 145 — Rua do Norte — 145 — 1875.*

No formato in-8.º O tom. 1.º abrange 768 pag. numeradas, e o 2.º contém 736, das quaes não chegaram a ser distribuidas as ultimas 96 — isto é, pag.

641 a 736. Nestas ultimas não figura escrito algum de Anthero; nas restantes, eis a nota da sua collaboração:

> *Elogio da Morte* (pag. 96 a 99 do t. 1.º) abrange:—*Inania Regna*, *Nirvana*, *Beatrice*, *Ab eterno*, *Euthanasia*, e *Buddhismo*. Os titulos de cada um dêstes Sonetos desappareceram mais tarde nas collecções em volume.
>
> *Da reorganisação social—Aos trabalhadores e proprietarios, por João Bonança. Coimbra: Imprensa Commercial* (pag. 764 a 766 do tom. 1.º).
>
> *O Japão: Estudos e impressões de viagem, por Pedro Gastão Mesnier. Macau, Typographia Mercantil* (pag. 254 a 256 do tomo 2.º

O prospecto da *Revista Occidental*, folha volante, em grande formato, foi composto por Anthero. V. n.º 58.

117) *A Provincia*—Diario Portuense—1890-91.

Durante o periodo da Liga Patriotica do Norte, a parte politica da *Provincia* foi quasi sempre dirigida por Anthero. Pertencem-lhe um grande numero de artigos ali publicados. Em egual ordem de ideias, escreveu o artigo-programma do *Rebate*, jornal dos academicos do Porto, a *Representação sobre a necessidade de ser retirado o exequatur ao consul inglez*, o artigo *Expiação*, no numero especial da *Provincia* de 26 de janeiro de 1890, um trecho sem titulo, no *Anathema*, demonstrando a excellencia da criação de orgãos, que, como a Liga, imposessem ao governo a pura opinião nacional, moralisando o Estado, scopo a que devem visar os movimentos populares, e o *Discurso lido em sessão da Liga*, aos 7 de março de 1890. V. o magnifico estudo de Luis de Magalhães, *A Vida de Anthero*, bem como o entusiastico artigo do mesmo autor, *A um poeta*, *Provincia*, n.º 30, de 6 de fevereiro de 1890. O *Manifesto ao paiz*, impresso nesta occasião, foi destruido pelo autor. V. n.º 64.

III

LIVROS COM ESCRITOS DE ANTHERO

118) *Universidade de Coimbra — Primicias* por A. L. dos Sanctos Valente — Coimbra, Imprensa Litteraria, 1861. 8.º xxxi — 128 e 2 inn.

Abre com um detido estudo critico de Germano Vieira Meyrelles, a que seguem diversos trechos liricos, em português e latim, prefaciados estes por Francisco de Paula Santa Clara. Os contemporaneos e companheiros de Santos Valente, na Universidade, composeram a secção final. — *Album*. Ali se encontra a poesia *As Estrellas* (mais tarde encorporada na *Beatrice*, poema, a seu turno, remodelado nas *Primaveras)*, precedida da Epistola em verso, que foi archivada nos *Raios de extincta luz*. Acerca das *Primicias*, escreveu Anthero, sob o pseudonimo de Raimundo de Castromino, a apreciação, que deixamos notada, sob n.º 68.

119) *Manuel Ferreira da Portella — Cantos na Solidão. Com uma Introducção por Anthero de Quental e um Juizo Critico por A. A. Castello Branco* — Coimbra — Imprensa Litteraria. 1865 — 8.º xiv 231 p.

V. n.º 46.

120) *Guilherme d'Azevedo — A Alma Nova* — Lisboa — Typ. Souza & Filho, 1874 — 8.º 203 pag.

Em appendice, as *Tendencias da Poesia contemporanea*, com suppressão de alguns paragraphos. V. n.os 63 e 64. O texto é precedido da seguinte dedicatoria:

> *A Anthero de Quental — Meu amigo* — Este livro parece-me um pouco do nosso tempo. Sorrindo ou combatendo, fala da Humanidade e da Justiça, inspirando-se no mundo que nos rodeia. E porque julgo que elle segue na direcção nova dos espiritos, offereço-o a um obreiro honesto do pensamento, a uma alma lucida moderna e generosa.
>
> Dezembro de 1873 — *Guilherme de Azevedo.*

121) *Folhas Verdes, versos dos quinze annos*, por Theophilo Braga — Segunda edição correcta e augmentada. 1869, Imprensa Portugueza, 8.º, 200 pag.

A primeira edição fora impressa em Ponta Delgada, antes do illustre escritor passar ao continente. «Quem antevira nas *Folhas Verdes* o poeta da *Visão dos Tempos?*» pergunta um notavel contemporaneo. Refundindo o seu primeiro livro, Theophilo Braga appensou-lhe a collecção final das apreciações, em que a critica portugueza e brazileira computara os seus trabalhos poeticos. Dessa collecção se serviu Brito Aranha nas citações do lugar respectivo do *Diccionario Bibliographico* (verb. *Joaquim Theophilo Braga*), reeditando entre outros trechos, o rapido juizo critico de Anthero, já mencionado neste Ensaio. Refere-se-lhe tambem Teixeira Bastos, no livro *Theophilo Braga e a sua obra*. Ajuntamol-o ás nossas notas:

> «O auctor da *Visão dos Tempos* teve em vista apresentar-nos a historia da humanidade, resumida nas tendencias mais profundas do sentimento humano através das edades. — Se o conseguiu absolutamente não o diremos nós. Descer a todos os infernos, voar a todos os paraizos, que a alma do homem tem atravessado desde a hora primeira do seu genenis, não é trabalho de um livro, nem de um poeta. Victor Hugo não o chegou a fazer na sua *Legenda dos Seculos*.
>
> «Mas que monta isso? O que a arte pedia aqui não era a totalidade dos periodos historicos, mas sim a verdade de um ou alguns delles. As edades que o poeta tocou com a sua vara magica erguem-se vivas no seu poema, e quaes foram, quaes deveram ser, verdadeiras, sentidas, levantam-se e apparecem brilhantes de realidade, movendo-se no largo campo da arte. Estudar a antiguidade é facil; interpretal-a póde fazel-o a meditação; sentil-a só o olhar prophetico do poeta o logra. A Grecia, principalmente, mostra-se ai tão serena, tão pura, tão allumiada pelo céo azul da Arcadia, que nos achamos mais de uma vez duvidosos se é um homem do seculo XIX que escreve, se um antiquario que publica alguns cantos ineditos de Anacreonte ou Sapho, agora descobertos nalgum templo da Jonia ou do Pireu. Mas não: o poeta moderno vê-se ali, vê-se ali o artista, que estuda tanto, quanto sente, na arte infinita com que soube juntar num poema todos os elementos da vida da Grecia patriarchal. Os amores e os deoses, os sacrificios e as navegações, o prazer voluptuoso e os fados escuros, tudo ali se enlaça harmoniosamente em volta á mesma concepção, como nos templos de Attica pórticos, altares, estatuas, columnas, todas as formas se combinam numa só e unica ideia artistica.
>
> «Podemos dizer deste livro, que o peor que tem... é o publico.»

122) *O Fausto de Castilho julgado pelo Elogio mutuo, artigos colleccionados e glossados por Joaquim de Vasconcellos* — Porto, Imprensa portugueza, 1873, 8.º VII — 71 — 4 inn.

Reproduz o artigo mencionado em o n.º 84, com a simples exclusão de um ou dois periodos. V. n.ºs 33 e 84. Transcrito integralmente em a *Nova Alvorada.*

123) *Cancioneiro Alegre de Poetas portuguezes e brazileiros — Commentado* por Camillo Castello Branco — Livraria Chardron. Porto 1879, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 8.º, XIX-548 pag. e 2 de indice.

Apesar da sangrenta critica, com que aquilata alguns dos mais notaveis coripheus da nova escola revolucionaria, Camillo, com a nobre lealdade do seu caracter, rectifica o exaggêro das suas *Vaidades irritadas e irritantes,* e explica o sentido das suas palavras, repudiando a camaradagem dos folhetos grotescos da Questão Coimbran. Reeditando o *Amor Alegre,* na lição das *Primaveras,* acompanha-o das seguintes linhas:

> As suas *Odes modernas* causaram estranheza quando appareceram como um terramoto na velha cidade dos liricos. Não se entendiam. Sahiram-lhe do Brazil umas glossas salgadas e picarescas com o titulo *A aguia no ovo.* A turba dos vates de outeiro applaudiu a chacota, e foi ao Parnaso oscular, em congratulações de jubilosas lagrymas, o Pégaso. Eu não fui, nem me ri das extemporaneas chufas. O que fiz foi pedir a Anthero de Quental que respeitasse os mestres, e não se coroasse das rosas da juventude como irrisão ás cans de um grande poeta, que adormecera sonhando com a Roma de Ovidio e a Grecia de Anacreonte.
>
> As *Odes* de Anthero de Quental são a aurora da poesia moderna. Os imitadores não tem podido estragal-as. O dia alvorecêra formoso; depois nublou-se o céo; a ventania varejava os ramos onde as aves tinham cantado o repontar da manhan; cahiu chuva grossa, que fez muita lama. Não importa. A belleza do amanhecer não esqueceu. As *Odes* de Anthero de Quental ficaram emperladas dos orvalhos da estrella d'alva; e as imitações para ahi se espapam nos marneis que fizeram.

124) —— Segunda edição, seguida dos *Criticos do Cancioneiro Alegre* — Porto, Lugan & Genelioux, editores. (Na mesma typographia da primeira ed.) 8.º, 2 vols., o primeiro de XVI-320 pag. e o segundo de 328.

A poesia de Anthero e as palavras de Camillo, transcritas em o numero anterior, figuram no segundo volume. Desta edição do *Cancioneiro* existe uma tiragem especial de vinte e cinco exemplares em papel de linho, numerados. O unico exemplar impresso em papel Japão foi adquirido pelo nosso querido amigo e apaixonado bibliophilo, dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

Fixemos seguramente a Bibliographia de Camillo, em relação a Anthero de Quental:

1. *Vaidades irritadas e irritantes* (*Bibliog. Camilliana*, por Henrique Marques, n.os 25 e 13, e 113 e 239 deste Ensaio.)
2. *A Doida do Candal* (Marques, ibd., n.os 120, 121, e 333.)
3. *Cancioneiro Alegre* (id., ibd., n.os 185 e 254.)
4. *Narcoticos* (id., ibd., n.º 204 e n.º 8 deste Ensaio.)
5. *Seroens de S. Miguel de Seide*, III, (Marques, ibd., n.º 220.)
6. *Lyra Meridional* (id., ibd., 221.)
7. *Cartas de Camillo Castello Branco a Joaquim d'Araujo* (id., ibd., n.º 289.)

Na *Doida do Candal*, e por incidente, refere-se Camillo ao duello ao sabre entre Anthero e Ramalho (Questão Coimbran, 1865), duello em cujos primordios foram testemunhas, por parte do primeiro, Manuel Duarte d'Almeida e Francisco Cardoso Pinto, e, em relação ao segundo, Custodio José Vieira e Anthero Albano da Silveira Pinto. Não ficaram actas preparatorias, nem do combate, a que as testemunhas de Anthero não assistiram, por Custodio José Vieira lhes haver contestado, no ultimo periodo das negociações, «capacidade civil»! Manuel Duarte d'Almeida, depois de haver declarado rôtas as negociações para uma solução pacifica da pendencia e ter notificado o duello aos padrinhos de Ramalho, partíra a toda a pressa para Villa Real, onde tinha sua mãe moribunda, deixando a substituil-o o poeta J. Fontellas e ficando de vir assistir ao combate, no campo. Foi neste intervallo que Custodio José Vieira, tendo, inutilmente, esgotado todos os recursos da sua rabulice, que era dextra e poderosa, para frustrar o duello, se lembrou de pôr duvida em acceitar as testemunhas de Anthero, por serem «rapazes». Eram, ao tempo, effectivamente, simples estudantes ainda. Como, porém, nem Anthero nem Ramalho desistissem de se bater, e sem mais delongas, pois que o caso, pela demorada gestação dos seus preliminares, corria risco de derivar, nos commentarios dos ociosos, para os dominios do ridiculo, houve que dividir os padrinhos de Ramalho pelos dois combatentes, hypothese prevista no respectivo codigo, e assim se realisou o duello. Com um benigno sorriso, ironisa Camillo:

> Em 1866, na bellicosa cidade do Porto, defrontavam-se de espada nua dois escritores portuguezes de muitas excellencias litterarias e grande pundonor.
>
> Correu algum sangue. Deu-se por entretida a curiosidade publica e satisfeita a honra convencional dos combatentes.
>
> Alguns dias volvidos, ia eu de passeio na estrada de Braga e levava comigo a honradora companhia de um cavalheiro que lustra entre os mais grados das provincias do norte.

No sitio da «Mãe de Agua» apontei na direcção de um plaino encuberto pelos pinhaes e disse ao meu companheiro:

— Foi por ali que ha dias a «Critica portugueza» esgrimiu com o «Ideal allemão».

— Ah! — disse o meu amigo, soffreando as rêdeas do cavallo — foi ali a brincadeira?

— Brincadeira!... então vossa excellencia intende que, nos duelos, quem não morre brinca...

— *Quem não morre*, diz vossê... Pois morre alguem no duello em Portugal?

— Não me consta; mas isso prova que os combatentes exercitam as armas entre si tão magistralmente que não é possivel matarem-se.

— Pois de certo não tem noticia de duellos de morte em Portugal? — tornou o cavalheiro..........................

....

A Historia, porém, que tambem tem caprichos de ironia... em materia de duellos litterarios, deixa na biographia do extraordinario Romancista o seguinte documento, precisamente escrito e rubricado por Anthero de Quental:

Os abaixo assignados, Gerardo Augusto Pery e Abilio Eduardo da Costa Lobo, por parte do ex.^mo sr. Cypriano Jardim, e Visconde de Moreira de Rey e Anthero do Quental, por parte do ex.^mo sr. Camillo Castello Branco;

Constituidos em tribunal de honra, com plenos poderes dos nossos respectivos constituintes, para julgar e resolver a pendencia entre elles suscitada, reunimo-nos para esse fim no dia 21 de outubro de 1879, resolvidos, antes de tudo, a esclarecer uma questão que, de principio, nos pareceu ter mais por fundamento um equivoco, do que uma intenção de offensa real.

Examinando attentamente os documentos apresentados por parte do sr. Cypriano Jardim, reconheceram as testemunhas do sr. Camillo Castello Branco, quanto ficava provado de uma maneira positiva e evidente não só: não ser o sr. Cypriano Jardim o auctor do artigo *Historia e Sentimentalismo*, origem desta pendencia, como tambem ter sido o silencio do sr. Cypriano Jardim, relativamente á paternidade supposta do artigo que lhe era attribuido, exclusivamente filho da falta de direcção na carta do sr. Camillo Castello Branco, do que resultou ficar retida no correio.

Esclarecido este ponto, que capitulamos de essencial, entendemos que ficava naturalmente e com justiça dissipado o engano em que estava o sr. Camillo Castello Branco, quando attribuiu aquelle artigo ao sr. Cypriano Jardim, o que se impõe immediatamente á sua boa razão e lealdade, reconhecendo portanto o sr. Camillo Castello Branco que a sua primeira carta, publicada no n.º 2286 do *Diario Illustrado*, só tivera por fundamento um equivoco, e desejando desde este momento que ella seja considerada como não existente.

Por outro lado, as testemunhas do sr. Cypriano Jardim, apreciando e tendo na devida conta este reconhecimento leal da verdade dos factos pelas testemunhas do sr. Camillo Castello Branco, reconhecem que a carta do sr. Cypriano Jardim, publicada no n.º 562 do *Diario de Portugal* e 2288 do *Diario Illustrado* deixa de ter razão de ser, visto ter ella sido unicamente um desforço á carta do sr. Camillo Castello Branco, que acaba de ser dada como não existente, e não envolver aquelle seu escripto, alem desse seu sentimento de desforço, intenção alguma de apreciação offensiva do caracter pessoal do sr. Camillo Castello Branco, ao qual, aliás, faz toda a justiça.

Posta a questão nestes termos, unicos que consideramos justos, entenderam as testemunhas do sr. Camilio Castello Branco que cessavam naturalmente os motivos e fundamentos da sua carta inserta no n.º 2291 do *Diario Illustrado*; carta que estão authorisados a declarar que não implicava mais do que uma desaffronta da sua dignidade, emquanto a julgou offendida, e não uma apreciação injuriosa para a pessoa e carecter do sr. Cypriano Jardim e que por isso póde e deve desde este momento ser considerada como não existente.

Esclarecida assim a questão, por se ter dissipado o equivoco que lhe deu origem, entendemos em nossa consciencia que cessaram completamente, de parte a parte, os motivos de aggravo, e damos por terminada esta pendencia sem quebra da dignidade dos nossos constituintes, antes com o lustre dos seus brios, pois que, pondo de parte um resentimento de momento, lealmente reconheceram, acima de tudo, a verdade e a justiça.

Porto, 21 de outubro de 1879. — *Gerardo Augusto Pery.* —*Abilio Eduardo da Costa Lobo.* — *Visconde de Moreira de Rey.* —*Anthero do Quental.*

Primeiro de Janeiro, n.º 248 — 1879 — 24 de outubro.

125) *Emilia das Neves. — Documentos para a sua biographia, por um dos seus admiradores.* (Com retrato e *fac-simile*). Typ. Lallemant Frères, Lisboa, 1875. 8.º gr. de 576 — VII pag. e uma de erratas.

Archiva a poesia de que se fez menção em o n.º 13, I, deste Ensaio.

126) *Parnaso Portuguez Moderno*, por Theophilo Braga. Lisboa, Francisco Arthur da Silva, ed. 8.º 1876.

Excerptos das *Odes Modernas*. Em uma nota, a transcrição de alguns periodos do *Futuro da Musica*. V. n.º 51.

127) *Viagem á roda da Parvonia, relatorio em quatro actos e seis quadros, pelo Commendador Gil-Vaz, illustrado por Manuel de Macedo... Representado no Theatro do Gymnasio na noite de 17 de Janeiro de 1879.* Officina Typographica da Empresa Litteraria de Lisboa (sem data, mas de 1879) — 8.º, 243 pag.

*

As notas finaes desta ruidosa revista do anno, cujo pseudonimo esconde os nomes de Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo, são firmadas por diversos autores. A que coube a Anthero é digna de registro :

Nota 74 — pag. 163

Meu caro Gil Vaz: — Pergunta-me o que penso da *Viagem á roda da Parvonia*, e do desastre theatral da mesma. Vou responder-lhe muito sinceramente.

Não assisti á representação: mas, se a peça corresponde á descrição que della me fizeram, acho aquelle desastre coisa muito natural. Entendo até que era de prever. Segundo me consta, propoz-se o meu amigo descrever a sociedade de Lisboa, na variedade pittoresca das suas pequenas e não pequenas miserias moraes e intellectuaes, com os seus ridiculos e as suas baixezas, as suas pretenções e a sua ignorancia, o seu descaramento e o seu vazio, e apresentou esse quadro ao juizo do publico lisbonense que frequenta theatros, isto é, precisamente aos representantes e membros activos dessa sociedade que se descrevia como grutesca e despresivel — burocratas infatuados, jornalistas intrigantes, burguezes pataratas, deputados balofos, agiotas trapalhões, janotas fallidos, litteratos ocos, e *tutti quanti*... Está claro que não podia Gil Vaz ser recebido como triumphador.

O publico protestou contra a caricatura, provavelmente porque se reconheceu nella. Não me desagrada isso. Esta indignação tem muito de risivel, não ha duvida, mas no fundo faz honra ao publico — nos limites em que tal expressão é applicavel neste caso.

Com effeito, se esse publico applaudisse o quadro da propria ignominia, que lhe era apresentado, seria, alem de tudo mais, cinico. Não o é. Toma-se ainda a serio. Pode ser que ás vezes, em momentos raros de relativa lucidez, desconfie de que é tolo. Mas não o reconhece e não admitte que lho digam. Não escarnece de si mesmo, como quem confessa cinicamente e se compraz na propria abjecção. Ignora-a em grande parte, porque não tem entendimento para mais — e essa ignorancia é o refugio da sua dignidade. Não é Falstaff, é simplesmente Sancho, e a sua indignação é sincera.

Ora eu considero isto como uma virtude relativa, que merece louvor. É um symptoma de que a desorganisação não ataca ainda o intimo do ser. Prova que a corrupção idiota da sociedade de Lisboa é mais o resultado lastimavel de condições externas, do que duma perversão intima e espontanea.

Não levemos pois a mal ao publico o ter protestado contra uma comedia, em que era vilipendiado — embora com justiça. Louvemos-lhe antes esse movimento de furor heroe-comico, que em todo o caso prova que a sua dignidade não está inteiramente obliterada.

Quanto á peça em si, se é o que eu julgo, parece-me, por certos lados, ainda muito moderada. Gil-Vaz podia ter dito muito mais, sem offensa da justiça. Mas, para dizer mais, e tudo, e efficazmente, devia ser doutro modo.

O autor usou da caricatura e do epigramma. São coisas anodynas. Lisboa, a Lisboa official e officiosa, que patusca, chatina,

intriga, gosa, explora, compra e é comprada, vende e é vendida, essa Lisboa merecia certamente as honras patibulares da satyra juvenalesca. Se ha gangrena nesse corpo social — e tantos symptomas rapidamente accumulados a estão denunciando — é o cauterio, é o ferro em braza que convêm applicar-lhe, e rudemente, firmemente, porque se não brinca com a gangrena.

Depois, o riso é um dissolvente, não é um remedio. O riso amolece, relaxa e acaba por tornar imbecis aquelles mesmos que o empregam contra a imbecilidade alheia É uma arma perigosa, de dois gumes, uma arma má. Voltaire feriu profundamente o christianismo com as suas chocarrices, mas não feriu menos a seriedade moral, a dignidade, a religiosidade da geração que se associou, sem bem saber porque, ao seu eterno *ricanement.*

Receio que nos venha a acontecer, em Portugal, coisa similhante. Andamo-nos a rir continuamente uns dos outros, na virtuosa intenção, ao que parece, de nos corrigirmos e reformarmos mutuamente, e afinal temo que não façamos senão relaxarmo-nos uns e outros cada vez mais.

Isto é uma tendencia deploravel.

Pode, é verdade, provar que, para uns rudes e broncos Lusitanos, taes como nos criou este pobre canto do mundo onde nascemos, estamos já notavelmente *décrassés* e que temos bastante *espirito:* mas receio que prove ao mesmo tempo que já não temos vigor moral para mais, para as nobres coleras, as fundas indignações, os odios justiceiros, symptomas precursores duma renovação fecunda da alma collectiva.

Uma certa dóse de seriedade, ainda quando seja um pouco hirta, um pouco pedantesca na sua gravidade convicta, e por conseguinte um pouco ridicula, é condição essencial da vitalidade e da sanidade do espirito publico. Quando um povo chega a rir-se de si proprio, é porque perdeu, com alguns preconceitos e uma certa estreiteza inherente a toda a convicção séria, uma boa parte, senão a melhor parte, da sua virtude collectiva. Tornou-se talvez mais gentil, mais gracioso — mas os povos gentis estão muito longe de serem os povos fortes. Receio um tanto que a espirituosa *purée* de epigrammas e ditos, que ha algum tempo nos cozinha a nossa elegante litteratura, venha mais tarde, daqui por alguns annos, a reconhecer-se pouco substancial e até causadora de certa anemia moral... — *Anthero de Quental.*

128) *Bouquet de Sonetos.* Porto, Typ. de Antonio H. Morgado, 1881. 8.º menor, 62 p. e 1 de erratas.

A p. 11, *Hymno á Razão*, por Anthero.

129) *Philosophia da Existencia — Esboço synthetico duma philosophia nova*, por Domingos Tarroso. (Com o retrato do autor) *Bibliotheca do Norte*-Editora. 1881 8.º XXXII — 151 pag.

A introducção encerra uma carta de Anthero, cujas conclusões sobre o Positivismo de Comte foram combatidas em alguns trabalhos de T. Braga. Vê-se

que o autor usa do estilo familiar, que convém a uma carta, pois nos artigos sobre o livro do sr. Vianna de Lima combate scientificamente aquella escola philosophica. V. *Recordações queridas*, por Marianno Machado.

130) *Homens e Lettras*, *Galeria de poetas contemporaneos*, por Candido de Figueiredo. Lisboa, Typ. Universal, 1881. 8.º, VIII-406-4 inn.

A pag. 161, um excerpto da *Beatrice*, antecedendo um colorido esboço de Anthero (pag. 163-168). Na segunda parte, — *Resenha alfabetica de bio-bibliographia*, é interessante, pelos seus dados seguros, a noticia relativa a Anthero.

131) *Almanach litterario e charadistico para 1882... precedido da transcrição de todos os autographos dos «Argumentos dos Lusiadas». Exemplar unico pelos ex.mos srs. Maximiano da Silva e Julio da Silva... por Matheus Peres. Lisboa, 1881.*

Contém o escrito de Anthero de que adiante se faz menção especial, IV, MANUSCRITOS DESTRUIDOS, n.º 164, e que no *Circulo Camoniano*, fasc. VI, foi reproduzido, com o titulo *No Tricentenario*. O exemplar unico dos *Argumentos dos Lusiadas* faz hoje parte da collecção excepcional do nosso querido amigo dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, que nos escreve: «Ha exemplares separados do *Almanach*, com capa especial em papel branco, que diz: *Argumentos dos Lusiadas* (transcrição dos autographos). Lisboa, Typ. da Empreza Litteraria, MDCCCLXXX, começando em pag. XV e terminando a pag. C.»

132) *Revue Universelle internationale, paraissant le 1.er et le 15 de chaque mois, sous la direction de M. M. Jules Lermina et Ladislas Mickiewicz. Directeur-gerant M. J. Kugelmann ... Redaction et administration 12, rue de la Grange-Batelière, 12, à Paris.* 1.er volume, 1884.

V. n.º 42.

133) *Feixe de pennas...* — Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1885. 8.º 171 pag.

Collecção de prosas e versos, de varios autores, reunidos pela illustre escritora ex.ma sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. A pag. 47, uma carta de Anthero, precedendo os sonetos *Sonho Oriental* e *Idilio;* a pag. 167, o soneto *O que diz a Morte*. Referindo-se á ex.ma sr.a D. Maria Amalia, diz Anthero, na referida carta: «Folgo deveras por ter esta occasião de poder dar a v. ex.a um testemunho da muito grande e respeitosa simpathia, que sempre me inspirou, e da admiração que professo pelo seu raro talento.»

134) *A Esmola — Corbeille de versos e prosas: Director, Joaquim de Araujo.* Porto, Typographia Elzeviriana, 1885. 8.° 27 pag. e 1 branca.

Contém, entre outros fragmentos, uma serie de considerações humanitarias de Anthero, reproduzidas em 1893, no *Diario de Annuncios* de Ponta Delgada, com o titulo — *A mulher pobre.*

135) *O Mealheiro.* Lisboa, 1885. Typ. Perseverança. 8.° 43 pag.

Publicação expressameute feita para ser vendida em favor de uma kermesse, realisada na Figueira da Foz. Contém a versão da poesia de Sandor Petoffi — *O que é a dôr.*

136) *Parnaso Mariano,* colligido por Abilio Augusto da Fonseca Pinto. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1885. 8.° maximo.

Sahiu em tres fasciculos, os quaes reunidos dão 128 pag. de texto e 82 de notas e indece dos poetas que figuram no livro. De Anthero, contém o soneto *Á Virgem Santissima,* e, no lugar correspondente, uma breve noticia biographica.

Teve segunda edição.

137) *Revista Popular de Conhecimentos uteis.* Lisboa, 1889. Vol. II. Typographia de Mattos Moreira. 4.° gr.

A pag. 387, uma bella carta a Fernando Leal, em data de 3 de fevereiro e com motivo no prologo da traducção dos *Soldados da Revolução,* de Michelet, feita por aquelle escritor. «Anthero de Quental — diz a redacção da *Revista,* em curto preambulo —, é de todos os escritores portuguêses, senão o unico, sem duvida aquelle a quem melhor cabe o nome augusto de *philosopho;* embora num recente escrito lho tenha negado, com a audacia e a irreflexão naturaes em verdes annos, um moço critico, aliás de grande talento, o sr. Guilherme Moniz Barreto.» V. *A Litteratura Portuguesa Contemporanea,* deste autor, *Revista de Portugal,* vol. I, fasciculo I, Porto, 1889.

138) *Primeiras Leituras—Selecta Infantil,* coordenada por Joaquim de Araujo, da Academia Real das Sciencias. 8.° Editores Lugan & Genelioux. Porto, 1890.

Reproduz uma composição das *Odes Modernas,* e publica diversas outras, collecionadas, posteriormente, nas *Cadencias Vagas.* Deste livro se extrairam alguns exemplares em papel superior.

139) *Poesias de Antonio Molarinho*, com uma introducção, por Anthero de Quental.

O manuscrito deste volume existe completo, segundo nos informam, em poder dos herdeiros do autor.

140) *O Socialismo na Europa*, por Magalhães Lima. Lisboa. Typ. da Companhia Nacional Editora, 1892—8.º

A pag. 46, uma extensa carta de Anthero (sem data, mas da casa da rua da Magdalena 17, 4.º (1873), Lisboa) apreciando o livro *A Actualidade*. Preconisa a «grande escola Proudhoniana».

141) *Carlos de Lemos,—Miragens*. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1893. —8.º 182 pag.

De pag. 15 a 17, uma carta de Anthero, em que se lê: «Ha tres mestres supremos, tres exemplares acabados do estylo poetico portuguez: Camões, Herculano e João de Deus.» O volume tem uma secção de glosas antherianas, dedicadas á memoria do grande morto, precedidas do soneto a que as referidas glosas dizem respeito.

142) *Dôr*, por Paulino de Oliveira. Lisboa. Livraria Academica, 1893. —4.º 58 p. e 2 de indece.

A pag. 6, a poesia—*O que é a dor*, versão de Sandor Petoffi.

143) *As Modernas ideias na litteratura portugueza*, por Theophilo Braga —vol. II. Porto, Livraria Chardron, editora, 1892 (Typographia de Antonio José da Silva Teixeira). 8.º 512 pag. e 2 de *Aviso dos editores*, inn.

Citações de varios trechos de quasi todos os livros de Anthero. A pag. 91, referindo-se á poesia *Zara*, que transcreve, e alludindo á collecção da *Maior Dor Humana*, affirma o auctor: «Nenhum monumento seria mais expressivo e perduravel do que esse livro. Falta apenas nesse coro a voz de Anthero de Quental, que escrevera *pouco antes* para a sepultura de uma menina, fallecida como a Maria da Graça, com deseseis annos, as inimitaveis estrophes.» A intelligentissima filha de Theophilo Braga falleceu aos 18 de março de 1887; o livro *A Maior Dor Humana* foi colligido em fins de 1888 e publicado em 1889: a poesia *Zara* havia sido escrita *em 16 de janeiro de 1880*. Depois della, Anthero não rubricou nenhum outro trecho poetico, avulso. O ultimo dos seus sonetos é

de 1884. Nós e muitos dos nossos communs amigos lhe ouvimos deplorar, com a mais pungente tristeza, a catastrophe que aniquilou para todo o sempre o lar de Theophilo Braga.

Nas *Modernas ideias na litteratura portuguesa*, ha injustiças de maior, no tocante á apreciação de Anthero de Quental; o autor as rectificará, quando ellas se lhe destacarem nitidamente. A sua apreciação ás *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria* nol-o prova assaz, se a compararmos, no seu elevado tom, com o apaixonado folheto — *Os Criticos da historia da litteratura portuguesa*, escrito em um momento tão infeliz, como aquelle em que Anthero lhe ripostou. É facil apontar ao sr. T. Braga pequenos lapsos de minucia, como a noticia da reconciliação pessoal de Anthero com Castilho, que nunca se effectuou, ou com Camillo, com quem Anthero teve sempre as mais cordeaes relações, a ponto de o folheto *Vaidades irritadas e irritantes* ter sido previamente lido pelo autor ao poeta das *Odes modernas*, para delle se eliminarem quaesquer palavras que o podessem magoar. Anthero ouviu silenciosamente, sem observações, declarando apenas que, em futuras reimpressões das *Odes*, seria supprimida a dedicatoria dos sonetos a *Ideia*, consagrados a Camillo. Assim foi cumprido dez annos mais tarde (V. n.° 6), sem a menor quebra de affecto pessoal (V. n.° 154).

Estamos absolutamente convencido de que na futura refundição do seu trabalho, o sr. Th. Braga, — que é inquestionavelmente uma das mais salientes figuras do Portugal contemporaneo, — destruirá paginas menos aproveitaveis, como aquellas que se referem a um divertido e funambulesco plebiscito litterario, que ha annos se realisou em Coimbra, coisa inoffensiva, que o notavel escritor foi arrancar, talvez sorrindo, ao limbo onde cahiu. Felizmente para Anthero de Quental, o seu nome não foi tambem proclamado, nessa eleição, como um dos grandes mestres da Prosa nacional: mas fóra do engraçado plebiscito ficou a voz de Camillo Castello Branco, a caracterisar estudos seus, como specimens «das mais bellas coisas que se haviam escrito em lingua portuguesa», *(Nova Alvorada*, I, 117); ficou o voto de Pinheiro Chagas, a definil-o como um émulo de Renan, no atticismo eloquente da linguagem, (no *Correio da Manhan*, por occasião da morte do poeta); ficou Th. Braga, a denominal-o «o homem que melhor escreve a lingua portuguesa», (nas *Epopeias da Raça Mosarabe).*

Vem a pêllo declarar que não incluimos nos *Escritos dispersos* (Secção II, *f.*,) os folhetins de polemica, mencionados por Teixeira Bastos, *Theophilo Braga e a sua obra*, pelo motivo do autor haver posto terminantemente o seu veto a qualquer traslado completo *ou ainda simples citação desses folhetins*, quando em 1885 ou 86 foi para tal sollicitado por Carrilho Videira. Nunca este facto seria consignado, a não existir a referencia de Teixeira Bastos, que nos faz alevantal-o. T. Braga certamente o presentiu, pois que pelo seu lado só uma ligeirissima allusão lhe escapa a tão desastrada polemica. No dia em que um pequeno resto de prevenções se lhe dissipar, o autor da *Historia da litteratura*

portuguesa — «Nos fuimos simul in Garlandia!» — fará o melhor dos livros acerca de Anthero de Quental. Esse dia será o da sua maior gloria, e, estamos em dizel-o, o da sua maior alegria.

Com relação ás opiniões de Anthero e T. Braga acerca do Germanismo, v. *Revista Portugueza,* fasc. 1, carta de Francisco Machado de Faria e Maia.

Seguidamente formulamos a lista dos volumes de T. Braga, que se referem á individualidade de Anthero:

1. *Theocracias Litterarias* — 1865.
2. *Historia da Poesia moderna em Portugal* — 1869.
3. *Epopeias da Raça Mosarabe* — 1871.
4. *Theoria da Historia da Litteratura* (V. *Os criticos,* etc., pag. 31) 1872.
5. *Os criticos da historia de litteratura* — 1872.
6. *Os novos criticos de Camões* — 1872.
7. *Parnaso Portuguez Moderno* — 1876.
8. *Historia do Romantismo* — 1891.
9. *Historia das Ideias Democraticas* — .....
10. *Escorço biographico* (Nos *Raios de extincta luz*) — 1893.
11. *Das Modernas Ideias na litteratura portuguesa* — 1894.
12. *Geschichte der portugiesischen Litteratur,* (com D. Carolina Michaëlis, em Gröber) — 1894.

É de crer que, no 2.° vol. da sua monumental *Historia da Universidade,* T. Braga se refira ainda aos Manifestos dirigidos por Anthero á Academia de Coimbra, em 1865. V. n.° 56.

144) *Joaquim de Araujo* — *A medalha a João de Deus, Relatorio e contas.* Porto, Imprensa Portugueza, 1893. 8.° 15 pag. e uma tira de erratas.

A pag. 6, um trecho de uma carta de Anthero, posteriormente publicada em a *Nova Alvorada.* V. n.° 106.

145) *João de Deus* — *Campo de Flores, Poesias liricas completas* — *Edição authentica e definitiva, coordenada* por Theophilo Braga, Lisboa, Imprensa Nacional, MDCCCXCIII. In-8.° xx-703 pag. (Nas primeiras incluidos: *Prologo, Dedicatoria, Observações previas* e *Indece chronologico das poesias.*)

Neste extraordinario livro, cuja edição foi cuidadosamente acompanhada e revista pelo autor, e que nunca se realisaria sem a iniciativa lucidissima de T. Braga, foi transcrito o soneto — *Velut umbra,* com a resposta de João de Deus, tal como ambos figuram nas *Primaveras Romanticas.* Dos vinte exemplares em

papel Whatman, unica tiragem do *Campo de Flores* que não entrou no mercado, sabemos que possuem specimens a ex.ma sr.a D. Guilhermina Ramos, illustre esposa do grande Poeta e os srs. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Augusto Ribeiro, dr. Carlos Tavares, Casimiro Freire, Joaquim de Araujo, Conselheiro José Luciano de Castro, Julio Pereira da Silva, Pereira e Souza, Conselheiro Venancio Deslandes, dr. Theophilo Braga, Visconde de Melicio e Francisco Guilherme Tito da Silva. De proposito fechamos a lista com o nome deste primoroso homem de bem, para o assignalarmos como um dos mestres de composição typographica de Anthero, durante o tempo em que o illustre extincto *praticou* na Imprensa Nacional, e um dos seus mais inquebrantaveis e leaes companheiros nas lutas das organisações operarias em Portugal.

146) *Cancioneiro de Musicas Populares*, por Cesar das Neves e Gualdino de Campos. 1.º volume — 4.º maximo. Porto, 1893-4.

V. n.os 22 e 23.

147) *João de Deus — Algumas poesias suas pouco conhecidas...* Barcellos, 1894. Editor R. V. Typ. da *Aurora do Cavado*. 8.º 127 pag. Tiragem 100 exemplares numerados.

De pag. 9 a 22, reedição do artigo — *A Proposito dum poeta*, publicado primitivamente no *Phosphoro*. V. n.º 69.

148) *Memorias*, por Bulhão Pato — 1.º volume. Lisboa, 1894. Typ. da Academia Real das Sciencias. 8.º peq. 338 pag. 2 inn.

O capitulo final, dedicado á memoria de Anthero, e tracejado numa vibrante intensidade de commoção, encerra diversas cartas do autor dos *Sonetos*, bem como um curioso relato da sua viagem á America, pelo sr. Joaquim Negrão, seu companheiro de bordo. V. SECÇÃO VI, OS QUENTAES. No livro *Sob os Cyprestes*, Bulhão Pato narra com a elegancia particular, que põe neste genero de *recordações*, o seu primeiro encontro com Anthero.

149) *Historia da Civilisação Iberica*, por J. P. Oliveira Martins, Terceira edição, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, Editor. (Sem design. de data, nem de typographia) 8.º, XLIV-320-4 inn.

No Livro Quinto, *As ruinas*, I, *A Peninsula nos séculos XVII e XVIII*, pag. 280, uma larga transcrição das *Causas da decadencia dos povos peninsulares*, v. n.º 31, precedida das seguintes palavras: «Cederemos a palavra a um nosso escritor illustre que num discurso, cuja idéa se nos afigura incompleta e insustentavel á luz da historia, desenhou, porém, com os mais vivos e eloquentes

traços o quadro dessa decadencia que se arrasta pelos séculos XVII e XVIII.» Na lista das obras de que o autor se serviu na elaboração da *Hist. da Civ. Iberica* (*Bibliographia*, «in fine»,) vem mencionado, ainda, o opusculo de Anthero. Tanto neste como no seguinte numero, citamos apenas a ultima edição por ser aquella que o autor considerou definitiva, desprendendo estes livros do titulo geral de *Bibliotheca das Sciencias Sociaes*, a que andavam subordinados.

150) *J. P. Oliveira Martins, — Portugal Contemporaneo, 3.ª edição, (posthuma) e com as alterações e additamentos deixados pelo autor.* Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1895 (sem ind. de typographia) 8.º 444 pag. e 10 inn.

No Livro Sexto, *A Regeneração*, II, o *Iberismo*, pag. 375, a exposição das conclusões do opusculo *Portugal perante a Revolução de Hespanha*, v. n.º 28; III, o *Socialismo*, pag. 387, a caracterisação do Romantismo politico, num largo extracto do capitulo ácerca de Lopes de Mendonça, publicado no *Operario*. v. n.º 49. O nome de Lopes de Mendonça suggere o de José Felix Henriques Nogueira, cujo alto mérito Anthero já demonstrara em 1860, v. n.º 65, e em quem ninguem mais voltou a fallar, até 1876.

Eis a Bibliographia de Oliveira Martins, concernente a Anthero:

1. *Os poetas da Escola Nova* (Na *Revista Occidental*.)
2. *Odes modernas* (Noticia Bibliographica, idem.)
3. *A poesia revolucionaria e a «Morte de D. João» (Artes e Lettras*, vol. III.)
4. *Historia da Civilisação Iberica.*
5. *Portugal Contemporaneo.*
6. Prefacio das «*Odes e Canções*», de Luis de Magalhães.
7. Prefacio dos «*Sonetos Completos*».
8. Extracto duma Carta á redacção da «*Nova Alvorada*».
9. *O Mal do Século* («In Memoriam.»)
10. *O Hellenismo e a Civilisação Christan* (Dedicatoria).

O brilhante chronista dos *Filhos de D. João I* só em 1867 ou 68 veio a conhecer pessoalmente Anthero, partindo pouco depois a fixar-se em Hispanha. Senão fôra o alto ideal de justiça, que deriva das apostrofes das *Odes*, e que João Penha caracterisa nas palavras, em que chama a Anthero «um dos gigantes da lenda antiga, que arrojaria os Andes á face de um deus, se esse deus fosse um tirano» (Prefacio dos *Relampagos*, de Cunha Vianna), decerto que a forma barbara, em que appareceram primitivamente, o não devia cativar; tanto, que foi a suggestões suas que Anthero as refundiu de *fond en comble*, «para se poderem lêr» — dizia o poeta. — Oliveira Martins requeria-lhe apostilhas indispensaveis a composições mal definidas (*a Ideia*, etc.,) fazendo substituir nebulosidades menos com-

prehensiveis e eliminar trechos completos. No opusculo *Th. Braga e o Cancioneiro* (1869), ainda O. Martins se não refere á poesia de Anthero. Luciano Cordeiro, que apresentou na imprensa (*Revolução de Setembro*) o autor da *Theoria do Socialismo*, e que foi em Lisboa, inquestionavelmente, o iniciador das modernas idéas na litteratura, diz no seu *Livro de Critica* (1869): «A poesia collectiva, a poesia de synthese social — se pode dizer-se assim, — quasi desconhecida é entre nós. «Tateou-a» Anthero de Quental, possante talento.» «Outras devem ser as Odes Modernas, que não as que Quental sob a influencia do racionalismo francês e do idealismo allemão escreveu.» Neste meio critico, se iniciou O. Martins, com o *Auto de Aljubarrota*, offerecido a Alexandre Herculano. Tanto o *Livro de critica*, como o opusculo acima mencionado, proclamam, quasi num egual ponto de vista a *Visão dos Tempos* de T. Braga. Por seu lado, o futuro historiador da Litteratura Portuguesa achava que as *Odes modernas*, haviam sido publicadas tardiamente (*Carta a Nogueira Lima*, v. n.º 5, referencia eliminada na *Introd. á Hist. da Litt. Port.*), e antepunha aos romances de Camillo o *Phebus Moniz*, de Martins, traduzindo Balzac, para *corrigir* o autor do *Amor de Perdição*.

Voltando ás *Odes modernas*, já depois de publicada a segunda edição, Oliveira Martins escrevia de Anthero, alludindo aos *Sonetos Completos* e á *Poesia na Actualidade*, «sem especial referencia áquelle livro»: «Perdoe-me o poeta singular e illustre se trago a terreiro o seu nome. Votou-se ao silencio de um isolamento voluntario, mas não se escrevem impunemente os seus *Sonetos*. Menos se escrevem ainda as paginas não rimadas em que uma preocupação de philosopho o levou a abrir a cova á Poesia. Refuta-se a si proprio. Quando o sophista lhe contestava a realidade do movimento, o philosopho grego levantou-se e andou: o nosso poeta fez mais, porque poz na sua prosa a theoria do sophista e nos seus versos a prova de Diogenes.» *Odes e Canções*, por Luis de Magalhães, Porto, 1884. Prefacio, pag. XI.

151) *A Synthese Cartesiana, Influencia do Cartesianismo sobre o racionalismo. Estudo critico-historico da evolução da Synthese cartesiana, por Abel de Andrade, precedido de um prefacio de Theophilo Braga.* Coimbra. Imp. da Universidade, 1892. 8.º gr. 18 pag. inn.-101.

A pag. 78, o soneto *Evolução*, precedido destas valiosas palavras: «...se Shakspeare vivesse no ultimo quartel do século XIX, substituiria o dialogo de Hamlet e Horacio por estes versos.» V., em n.º 100, alguns extractos deste bello trabalho, reveladôr de um espirito pouco vulgar.

152) *Nove Poesie Portoghesi ristampate in Padova nell'occasione del VII (Settimo) Centenario di Sant'Antonio di Lisbona.* Padova, 1895, Tipografia Fratelli Gallina. 8.º 12 pag.

Como a edição total foi tão somente de 26 exemplares (sendo os seis primeiros em papel de linho e os restantes em papel rosa), dámos o summario dos trechos, que constituem este raro specimen, em cuja capa se destaca a reprodução do Santo Antonio, dito da escola de Giotto:

Avvertenze — *Endechas a Barbara escrava*, Luis de Camões; *Primeiro Amor*, João de Deus; *A maior dor humana*, Camillo Castello Branco; *O Amor*, Guerra Junqueiro; *No mar*, Joaquim de Araujo; *Paolo e Francesca*, Manuel Duarte de Almeida; *Zara*, ANTHERO DE QUENTAL; *A Lagryma*, Theophilo Braga; *Cabello Branco*, Gomes Leal.

153) *Collecção Camoneana de José do Canto,—Tentativa de um Catalogo methodico e remissivo.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1895. 8.º maximo, XI-355-4 inn.

Edição restricta, em papel Whatman, tendo cada exemplar o nome impresso do respectivo possuidor. Reproducção de um bello retrato de Camões, feito á tesoura, pelo distincto amador Antonio Boaventura Evaristo Rego; brasão da familia de Camões; *fac-simile* de diversas assignaturas de Catherina de Athayde.

Neste volume, que é um dos mais significativos monumentos erguidos á gloria do Epico Nacional, e em que o autor, com seguro criterio e solida erudição, analisa e resolve muitos problemas da bibliographia camoniana, se encontram as seguintes referencias e transcripções de Anthero, precedidas dos numeros de recorrencia, que conservamos:

1062. Menção das *Vaidades irritadas e irritantes*, de Camillo, na parte em que compendiam a apreciação da *Dignidade das letras*, ao drama *Camões*, de Castilho.

1113. Menção das *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria.*

1114. *O Patriotismo e os Lusiadas*, transcripção do *Circulo Camoniano.*

1115. *Sonetos de Anthero*, id. ibd.

1116. *Lettre a Mr. Maxime Formont*, id. ibd.

3008. *Glosa Camoniana*, transcripção das *Cadencias Vagas.*

3009. Menção da referida Glosa, nos *Raios de extincta luz.*

3691. Menção do artigo, — *No Tricentenario.*

Em muitos almanachs, livros escolares, collecções poeticas e revistas litterarias (*Folha*, *Grinalda*, *Harpa*, *Cenaculo*, *Renascença*, etc.) se conteem escritos de Anthero. Pelo facto dos tomos dessas collecções apresentarem collaboração mais tarde reunida nos volumes do autor, lhes não assignalamos individuação especial neste capitulo, de que o rotulo da obra do sr. José do Canto é a verdadeira chave de oiro.

IV

MANUSCRITOS DESTRUIDOS

a) OBRAS POETICAS

154) *Vasco*, poema, 1862-63 — Coimbra.

V. *Memorias* de João Machado de Faria e Maya, *Das Ideias Modernas na litteratura portugueza*, e *Raios de extincta luz*, por Theophilo Braga.

155) Fragmentos liricos, 1862-63 — Coimbra.

V. as fontes indicadas em o numero anterior.

156) *Fausto de Goëthe* — Primeira parte — Lisboa, 1869-73.

V. *Cadencias Vagas*, pag. VII.

157) *O Monge*, poema, Lisboa-Porto, 1884.

A este e ao numero immediato allude a Introducção dos *Sonetos Completos*, por Oliveira Martins, pag. 25.

158) *O Principe encantado*, poema, Lisboa-Porto, 1884.

b) OBRAS EM PROSA

159) Conferencia pronunciada no Casino Lisbonense, na noite de 21 de maio de 1871.

V. n.º 31. O original chegou a estar nas mãos de José Fontana, para ser impresso em opusculo, por occasião da suppressão das Conferencias democraticas.

160) Analyse ao parecer do procurador geral da coroa, acerca da prohibição das Conferencias democraticas.

«Deixamos a questão *legal*, que não é comnosco, mas com o mundo *legalmente constituido*, e encaramos o parecer como um documento politico, significativo, pelo que indica, das tendencias retrogradas dos nossos homens de estado e pela ignorancia das verdadeiras questões modernas, que accusa, da parte delles. Mostramos como o Socialismo não é uma agitação superficial e subversiva, mas uma natural evolução historica, fatal e justa; como a missão do Estado é não contrariar estas tendencias espontaneas de uma sociedade que se renova; como os governos que assim não obram são incapazes e indignos de ser governo; como os homens de Estado e conselheiros da coroa, que votam pela perseguição, não só mostram essa incapacidade e ignorancia flagrantes, como são verdadeiramente reos publicos porque provocam á lucta de classes e á guerra civil. Terminamos, declarando que não nos merecem consideração de especie alguma os nossos grandes homens officiaes.» Carta de Anthero a Theophilo Braga, sem data (1871, evidentemente) e localisada da rua dos Prazeres, 63, 1.º, morada a que detidamente se refere Jayme Batalha Reis, *Annos de Lisboa*.

161) *Valor philosophico das concepções religiosas*—Lisboa, março, 1873.

Conferencia annunciada na Federação Academica, e que não chegou a realisar-se. Uma parte das notas que a compunham, em redacção definitiva já, foi enviada a Germano Vieira Meyrelles.

162) *João de Deus, Estudo critico* — 1873.

Entregue ao gerente da livraria Rolland & Semiond, sr. Rovere, em ultima redacção, para servir de prologo á edição monumental do *Cantico dos Canticos* de João de Deus, acompanhada das gravuras de Gustavo Doré. Foi Anthero quem, trinta e tres annos antes da apotheose de 8 de março de 1895, proclamou João de Deus como o herdeiro, sem intermediarios, da lira de Camões. V. n.ºs 2 e 69.

163) *Programma para os trabalhos da Geração Nova* — 1873.

V. *Nosographia de Anthero*, pelo dr. Sousa Martins, e *O Suicidio de Anthero*, por M. Duarte d'Almeida. Ambos os notaveis escritores, em contrario de algumas asserções de Theophilo Braga, dão testemunho de que o manuscrito se achava integralmente completo. Este illustre publicista baptisou com egual titulo uma das partes em que divide as *Modernas Ideias na litteratura portugueza*.

164) *Theoria da Evolução* — 1873, San Miguel.

V. *In Memoriam*, Appendice, carta 1, a Oliveira Martins.

165) *Centenario e Centenaristas* — 1880, Lisboa.

Vigoroso pamphleto, condemnando a celebração do Centenario de Camões «por uma raça alquebrada e sem direito a proclamar-se continuadora do grande poeta nacional.» A rogo de alguns amigos, Anthero destruiu o manuscrito, a cuja leitura assistimos, na casa 207 da rua de Sant'Anna, proximo ao local em que a tradição aponta a morte de Camões. Á destruição do pamphleto vinculou Anthero o proposito, *sine qua non*, de deixar registradas as suas ideias, por qualquer maneira, «sem ruido». Foi assim que no album intitulado — *Argumentos dos Lusiadas, exemplar unico enriquecido com setenta autographos e vinte e nove* fac-similes, *com desenhos de Julio da Silva e manutypia de Maximiano da Silva*, ficaram exarados estes esculturaes paragrafos (V. n.º 131 e converta-se ao presente a chamada ali feita ao n.º anterior):

> «Ha, para um grande Poeta, alguma coisa mais triste do que ter «vivido miseravelmente e assim morrer», como diz com tão pungente eloquencia o epitaphio de *Luis de Camões*. É não ser comprehendido, nem ainda depois de morto e justamente por aquelles que se apregoam herdeiros e interpretes do seu pensamento. É ter erguido um monumento que o futuro deixará eternamente vasio. É ter acclamado a gloria e o genio dum povo, no momento preciso em que essa gloria se eclipsa, em que esse genio vacilla e, como uma luz prestes a apagar-se, lançando um ultimo clarão já fumoso e triste, se extingue para sempre.
>
> Ha nações para as quaes a Epopeia é ao mesmo tempo o epitaphio.»
>
> ANTHERO DE QUENTAL.

Anthero assistiu, de uma casa particular, á passagem do cortejo civico, — uma maravilha! — ficando commovidissimo, com o extraordinario espectaculo. Accentuamos este lance, porque o primeiro testamento do poeta foi precisamente escrito, sob essa impressão, *no dia immediato* ao da festa do centenario de Camões. Possuimos o precioso original desse testamento.

166) Do livro philosophico, em que Anthero trabalhava, desde 1888, não appareceu o menor fragmento, entre os seus papeis. Os capitulos da *Revista de Portugal*, (V. n.º 100) constituiam a synthese de uma parte da referida obra. É curioso aproximar o desapparecimento do manuscrito ás hypotheses de Manuel Duarte d'Almeida, *O Suicidio de Anthero*.

V

TRADUCÇÕES

a) OBRAS POETICAS

EM HISPANHOL

167) *Sonetos de Antero de Quental*—Traducion de Federico Balart.

Em preparação, e muito adiantada, segundo communicação do sr. Sanchez Moguel. A *Illustracion Española y Americana* apresentou já alguns specimens desta traducção. Na mesma *Illustracion*, (junho de 1895) foi inserto o seguinte:

SONETO

(IMITACIÓN DE ANTERO DE QUENTAL)

¡Solo! Errando por la aspera montaña
Ve á Dios el eremita, y se consuela;
El viento que al pasar hincha la vela
Empuja al marinero á su cabaña.

¡Solo! Quien peregrino en tierra extraña
Con la memoria hacia los suyos vuela
Es feliz esperando lo que anhela,
Y con esa ilusión al tiempo engaña.

¡Solo! Nunca está solo el desgraciado
Mientras guarde en el alma ou en la mente
Un afán, un estimulo, un cuidado.

El que la soledad concibe y siente
Es el que vive, de vivir hastiado,
Al bien y á la virtud indiferente.

MANUEL DEL PALACIO

168) *Elogio de la muerte*—Traducion de Manuel Curros Henriques.

169) *Quia aeternus, Ignotus, Los Vencidos*—Traduciones de Baldomero Escobar.

Tanto estas composições, como a do numero anterior, foram publicadas no Appendice dos *Sonetos Completos*, 2.ª edição. Em o n.º 8 do presente En-

saio se indicam os escritores hispanhoes, que se occuparam de Anthero; cumpre addicionar-lhes o nome do nosso querido amigo D. Rafael Altamira, que na *Revista Critica de Historia y Literatura Españolas* (vol. I, Madrid, 1895, 8.° gr.) se tem por vezes referido a Anthero. V. tambem n.° 196.

EM FRANCÊS

170) *Relampagos*, por Fernando Leal. Porto, Livraria Civilisação, editora. 8.° 268 pag. Typographia Elzeviriana.

Traducções: *Dans l'ombre* (pag. 103), *Divine Comédie* (p. 121), *Mors amor* (p. 216). Das *Notes pour le lecteur français*, que fecham o volume, a IV intitula-se *Les Sonnets de Quental*, (pag. 254-5).

171) *Gouttes d'Ame, par l'auteur d'«Épines et Roses»*. Paris. Alphonse Ricard et Fils, éditeurs. Rue Bonaparte, 82 — 1892. (Sem indicação de logar, mas evidentemente impresso na typographia particular do autor, Tommaso Cannizzaro, em Messina). — In-8.° de XIX-300 pag.

Insere (em pag. 253) a versão franceza da poesia *Zara*.

172) *Fleurs de poesie, morceaux des poètes étrangers contemporains, traduits en vers*, par Achille Millien—*Poètes portugais*—Nevers, 1893. 8.° de 16 pag.

A pag. 5, *Le Palais du bonheur;* a pag. 16, *Mors-Amor*.

173) *Le mouvement poétique contemporain en Portugal*, par Maxime Formont—Lyon, Imprimerie Storck, 1892 – 8.° gr. 61 pag.

No cap. III, intercallados em um magnifico estudo acerca de Anthero e da sua obra, uma admiravel traducção em prosa dos *Vencidos*, *Sonho Oriental*, *Cativos*, e *Redempção*. Deste livro, o mais perfeito *compte-rendu* do movimento poetico portuguès, que ainda devemos a um estrangeiro, se extrahiram sete exemplares em papel China, tiragem de que a provada amisade do autor nos brindou com o n.° 4. Ha tambem uma pequena edição em papel Hollanda.

Referem-se a Anthero de Quental os seguintes livros francêses:—*Grand Dictionnaire Universel du XIX° Siècle*, de Pierre Larousse, Tome Dix-septieme, pag. 1752; *Mission archéologique en Portugal*, par Alexandre Boutroue, Paris, 1894; *Le Portugal à vol d'oiseau*, par Madame de Rute (Ratazzi); *Coup-d'œil sur la littérature portugaise*, par F. G. J. Faure, Moulins, 1874. Na biographia de João de Deus, publicada pelo sr. Louis Pilate de Brinn' Gaubast

*

(*Revue Encyclopédique Larousse*) se acham notados os pontos de vista de Anthero em relação ao grande poeta do Amor. O sr. de Brinn' Gaubast, primoroso artista, a quem tanto devem as letras portuguesas, prepara um estudo ácerca de Anthero, a quem se tem já referido nos seus artigos de *L'Ermitage*.

174) *Date Lilia, vers d'Anthero de Quental, traduits par H. Faure «Quinzaine Bourbonnaise»*, vol. IV, pag. 557. Moulins, Imprimerie Crispin Leblond.

Traducção da poesia *Zara*. O traductor, estimado pelos seus trabalhos de vulgarisação portuguesa, diz que Anthero «compte parmi les plus rémarquables répresentants de la nouvelle École poétique du Portugal.»

175) *Date Lilia...* «L'Athenée», vol. II, n.º 13, Janvier, 1886. Paris, Imprimerie Hérault.

Reproduz a materia do numero antecedente.

EM ITALIANO

176) *Il libro dell'Amore, poesie italiane raccolte e straniera raccolte e tradotte di Marco Antonio Canini*. Venezia, 1890-1895. 5 grossos volumes.

No 1.º vol., p. 27, *Mors-Amor;* no IV vol. p. 86, *Sogno*. O I vol. contem 411-715 p. e o IV, XXXVI-271. A obra foi impressa em diversas typographias. O valioso erudito e fino espirito, que atrevidamente a concebeu e realisou, morreu miseravel, em um hospital de Veneza, sem os mais ligeiros recursos.

177) *Fanfulla della Domenica* — 1890, n.º 20. Roma.

Diversas traducções de Giuseppe Celliui, precedidas de uma curta introducção. V. n.º 10.

178) *Rotami,* — (Versos de Domenico Milelli — Milano, 188... 8.º)

Contem, segundo T. Braga, a traducção da poesia *Sombra*, que o distincto escritor reproduziu nos *Raios de extincta luz*.

179) *Rivista Contemporanea, diretta di Angelo de Gubernatis* — 1.º volume — Firenze, 1888.

Pag. 92-93: *Due Sonetti di Anthero de Quental*. São os sonetos V do *Elogio da Morte* e *Palacio da Ventura*, trad. de E. Teza. Transcritos no

appendice da 2.ª ed. dos *Sonetos Completos.* O illustre director desta *Rivista*, no livro *Storia della poesia lirica per cura di Angelo Gubernatis*, Firenze, tip. dell'Arte della Stampa, 8.º 436 pag., cap. XIII, «Poeti portoghesi», pag. 326, 33, caracterisa a influencia alleman nas *Odes modernas* e nas *Primaveras Romanticas.* No *Dizionario biografico degli scriptori contemporanei*, 8.º gr., Firenze, produz Gubernatis uma pequena biographia de Anthero, acompanhada de retrato, em gravura de madeira, — biographia e retrato que haviam tido larga divulgação no prospecto do referido *Dizionario*, folha avulsa de 4 paginas, no formato e pelo teor da publicação a que dizia respeito. A obra de Gubernatis foi mais tarde amplamente refundida com o titulo seguinte: *Dictionnaire international des écrivains du jour* — 8.º gr. de 2088 pag., Florence, 1888. A pag. 87, a noticia de Anthero, com certa minuciosidade bibliographica.

180) *Fiori d'Oltralpe, Saggio di traduzioni poetiche per l'autore di Uragani* — Seconda Serie. Messina, Tipi de l'Autore extra moenia. 1893. In-8.º de XXVII 443 pag.

Traducção de varias poesias (pag. 25 a 35, 321, e 344 a 355); insere egualmente (pag. 56) a versão siliciana de *Zara.*

O autor tem concluida a nacionalisação dos *Sonetos Completos*, em collaboração com outro distincto poeta, o sr. G. Zuppone-Strani; algumas traducções dêste ultimo foram impressas na *Gazetta Letteraria*, de Turim, n.º 41, 1893, com dedicatoria a Edgar Prestage.

181) *Flores de poesia portuguesa, traduzidas em italiano, por Prospero Peragallo.* Lisboa. Empreza do Occidente. MDCCCXCIII — 4.º 82 pag. e 2 de indice.

Tiragem de 100 exemplares, numerados, fóra do mercado. De pag. 60 a 64, encerra as traducções dos sonetos, *Á Virgem Santissima* e *Quia aeternus* e bem assim a do epitaphio *Zara.*

182) *Sulla tomba d'una giovanetta* — «Le Conservateur de la Corse», n.º 731 — Jeudi, 14 novembre, 1895.

Traducção, em dialecto corso, da poesia *Zara*, pelo sr. A. P. Fioravanti, com suppressão do titulo, da dedicatoria, e do nome do autor, contendo a simples rubrica: «Traduction du portugais».

183) *Antonio Padula,—I Nuovi Poeti Portoghesi* (Edizione fuori di commercio.) Napoli, Tip. Pierro e Veraldi, 1896. 8.º gr. 62 pag.

A pag. 19, reprodução da poesia *Zara*, trad. de Clelia Bertilj; a pag. 23, traducção dos *Cativos*, em prosa. Ambas intercalladas em um detido estudo acerca

de Anthero. Deste livro se fez uma tiragem especial de 6 exemplares, em papel de linho.

184) *Zara* (dal portoghese di Anthero de Quental)—*La Stella de Mondovi*, n.º 3, Sabbato, 18 Gennaio, 1896.

Traducção do sr. Francesco Accinelli.

185) *Quattro Sonetti di A. de Quental tradotti per Don Gioachino de Araujo da E. Teza*. Padova. 8.º 14 pag. 1896.

Contem a traducção de *Mors-Amor*, *Elogio da morte* (II e III) *Stoicismo*, uma carta de *envoi*, com judiciosas reflexões criticas, e a traducção dos dois sonetos *Anima mea* e *Divina Commedia*. Edição de 126 exemplares.

EM INGLÊS

186) *Anthero de Quental — Sixty-four sonnets englished bi Edgar Prestage...* London, published by David Nutt in the strand, 1894 — Edinburgh: T. and A. Constable, Printers to Her Magesty, 16.º XIV — 2 de indece inn. 133 pag. Acompanhado de um magnifico retrato de Anthero, em heliogravura de Lemercier, Paris.

Contem a seguinte dedicatoria: *To my friends Theophilo Braga, Luciano Cordeiro, Joaquim de Araujo, Xavier da Cunha, Jayme Batalha Reis, Tommaso Cannizzaro, Göran Björkman, Maxime Formont.* Segue-se: *Preface, Introduction, Autobiography, The Sonnets, Index the Sonnets.* Fez-se uma tiragem, 8.º gr., de 20 exemplares em Japão, de que possuimos o n.º 7.

Num catalogo prospecto, em folha volante, datada de 10 de março de 1894, o editor annunciou este volume, com noticia doutras publicações por elle levadas a effeito ou prestes a vir á luz. No magnifico volume SOUNENSCHEIN —, «*A Reader's Guide to contemporany Literature*», Londres, pag. 604, lê-se a guinte indicação:

Quental (Anthero de). Selected sonnets tr. by *Edgar Prestage*. London, D. Nutt, 1894, 16.º (Edition de 250 exemplaires). *5 shellings.*

Ligam-se a este volume os seguintes numeros:

1. Um artigo de Edgar Prestage, acerca de litteratura portuguesa: *The Academy* (n.º ?). Reproduzido em a *Nova Alvorada*.

2. *Two Sonnets of Anthero de Quental*, a *Germano Meyrelles* e *Quia aeternus*, a *Joaquim de Araujo*, «The Academy», n.º 1120, de 21 de outubro de 1892.

3. *Translation from the portuguese — Two Sonnets of Anthero de Quental, The Academy*, n.º 1105, de 8 de julho de 1893. («O Palacio da Ventura», «Mors-Amor»).

4. *Bibliotheca Publica de Nova Goa, Relatorio do anno economico de 1892* a 93 pelo Bibliothecario J. A. Ismael Gracias. Nova Goa, 1895, 8.º gr.

187 *Sonnets from the Portuguese of Anthero de Quental.*

Versão de oito sonetos escolhidos, estampados provisoriamente em um unico exemplar, que devemos á amabilidade do seu illustre autor, sr. dr. Richard Garnett, erudito e critico, a quem nos confessamos obrigado por inolvidaveis obsequios. Exemplar obtido em um «*copiador-prelo*» americano, e, portanto, sem indicação de typographia.

EM SUECO

188) *Anthero de Quental — D tker öf versatta af Goran Bjorkman* — Upsala, Lundequistka Bokhaudeln — 8.º gr. 57-2 inn.

De pag. 7 a 12, comprehende-se a versão do poemêto *Na Morte de Anthero*, por Joaquim de Araujo; seguem-se as traducções antherianas, na sua quasi totalidade, de sonetos. Fez-se deste livro uma tiragem numerada de 90 exemplares, dos quaes possuimos o n.º 6. Junto a cada exemplar, anda uma folha contendo apreciações de Viktor Ridberg, Oliveira Martins, Vittorio Pica, Maxime Formont e Wilhelm Storck, acerca de Anthero.

Ligam-se a esta publicação os seguintes numeros:

1. Um artigo critico, anonimo, publicado em o n.º 3 do *Stokholms Dagblad*, de 3 de janeiro de 1893.

2. *Portugal samtida diktning*, de Goran Bjorkman, *Veckan* n.º 17 (30) de 23 de abril de 1892.

3. Traducção do soneto *Mais luz!* em o n.º 9 (22) de 27 de fevereiro)

4. Traslado da versão de dois sonetos no *Hemot*, de 3 de março de 1893, n.º 3.

Depois de haver divulgado Anthero, como poeta, o dr. Göran Björkman quiz explical-o como critico. Tomamos o *compte-rendu*, consagrado por uma revista finlandesa, ao seu livro *Anthero de Quental, ett skaldeportratt;* 83 s. 4.º Upsala 1894. Devemos a trad. francesa ao sr. dr. Björkman:

> Le traducteur actif maintenant se présente aussi comme biografe. Le poète, dont les sonnets avant autres nous ont été rendus par Mr. B. avec prédilection et soin, la personnalité la plus intéressante du jeune Portugal, Anthero de Quental, a été pris par lui pour object d'une dissertation académique, trouvable aussi dans la

librairie. Il y a deux ans, il publia *Evigktslàngtan*, sonnets choisis de De Quental, traduits en suédois. Ils nous frappèrent par des motifs peu ordinaires et pour la plupart de nature sublime, par les allégories imposantes et de couleur moyen âge, par les sombres songes, dont la plupart était une expression, et surtout par un trait de hauteur morale et un ton de gravité presque prophétique, lesquels, accompagnés d'une fantaisie riche en images et d'une technique néolatine de la forme, nous donnèrent l'impression d'une beauté touchante. Ce recueil poétique éveilla un vif désir de connaître son auteur, et on doit être reconnaissant à Mr. B. de la biographie intéressante qu'il nous donne dans le livre cité dans la rubrique de cet article. En voici un court compte-rendu.

Anthero de Quental, penseur et poète, était le chef du mouvement oppositionnel qui s'éleva en Portugal dans la soixantaine contre le genre néo-romantique, fixé dans des formes sans â ne. Le vieux Castilho était l'oracle litteraire de ce temps, et il s'était arrogé la dictature sur tous les hommes de lettres. La lettre fulminante de Anthero et ses protestes publiques contre ce représentant principal du traintrain académique introduisirent dans la litterature portugaise une nouvelle époque, la soi-disant école de Coimbra, laquelle fit respecter dans l'art la liberté et l'individualité. Pendant son séjour à Coimbra, Anthero était le «spiritus rector», autour duquel se rassemblèrent les intelligents de la jeunesse académique. — Vers l'an 1870, il était un des hommes, pleins de zèle pour l'instruction publique, qui firent paraître un prospect de conférences popularisantes à bon marché. Cependant ces conférences démocratiques — on les appelait ainsi —, selon l'opinion méticuleuse du président du conseil, étaient dangereuses pour le salut de la societé, et on publia une défense de les poursuivre. Alors, de nouveau, ce fut Anthero qui, dans une lettre ouverte, adressée au président, donna à l'indignation, qu'éprouvèrent ses partisans contre cette défense, une expression si forte que celui-ci se vit dans la nécessité de se retirer. — En 1890, De Quental était le président de la Ligue Patriotique qui se forma en Porto dans l'impression de l'indignation nationale sur le manque de toute consideration politique, témoigné par l'Angleterre. — Voilà les occasions où publiquement il mit la main dans l'évolution intellectuelle et politique de son pays. Ses occupations litteraires comme philosophe et critique ont aussi été importantes. Il n'occupait jamais aucun emploi fixe, ni aucun mandat de député.

Économiquement indépendant et d'une nature délicate et amie de la liberté, il ne tolerait aucun lien, ni il lui était non plus possible de former aucun plan pour sa vie.

Tourmenté pendant le dernier part de sa vie par une grave souffrance des nerfs, il se vit dans la nécessité de se réfugier dans la solitude pour s'y plonger dans des questions abstraites et philosophiques. Par cela le trait contemplatif prend le dessus dans sa poésie. Observant avec douleur le manque de vigueur de la vie politique et sociale de son pays, tourmenté par plusieurs contrariétés et malade sans espérance de guérison, en 1891, il partit pour son île de naissance, parmi les Azores, où, pendant le même an, de lui-même il chercha la mort. — C'est dans sa poésie que ses dots se font remarquer dans le degré le plus riche; c'est là que son âme si pure et d'une disposition si réligieuse se reflète nettemente pour la pos-

terité. Par les épreuves de ces poésies qui nous sont données par Mr. B. il me semble que l'individualité poétique de Anthero de Quental a une proche affinité avec celle de Shelley. La prédilection pour les choses abstraites, l'amour passionné pour la vérité et la justice, la pureté des sentiments leur sont communs à tous les deux. De Quental est un déiste enthousiasmé, mais l'athéisme de Shelley est aussi d'une nature essentiellement réligieuse; seulement son dieu à lui n'est pas celui de son temps.

Le biografe suédois du poète portugais divise l'œvre poétique de celui-ci d'après trois diverses époques d'inspiration: l'époque réligieusement romantique (*Raios de extincta luz*, *Primaveras romanticas)*, dont l'étoffe étaient les sentiments essentiellement générels que les hommes éprouvent devant l'infinité de Dieu et du monde; l'époque polémiquement réformatoire (*Odes modernas*, lesquelles furent avec ses écrits en prose, l'etincelle allumante de la révolution littéraire de l'école de Coimbra) ; et l'époque contemplativement transcendentale, *(Os Sonetos completos)*.

Ces sonnets, desquels un part date des époques antérieures, forment le plus grand contingent de *Evighetslangtan*. — De Quental avait contribué, lui aussi, au culte enthousiasmé que notre temps voue à la science. Son évangile de celle-ci, à la longue, ne lui suffit pourtant pas; il éprouva enfin un vide désolant. Ce fut dans cette disposition d'âme qu'il a ecrit *Os captivos*, une sonate á la Beethoven, mais composée en mots, un des poèmes les plus sublimes qui soient créés par le scepticisme moderne. Une sombre résignation, un culte mystique de la morte sont les traîts saillants des poésies qui datent de cette époque, entre elles les hymnes inspirés à la Mort-Libèratrice, que sa fantaisie si riche en images a revêtus de visions grandioses. Sa vie intérieure s'éclaircit bien dans quelque temps. Il se trouve satisfait par une conception psychique de la vie; même l'ancienne foi dé l'enfance apparaît dans des lueurs délicieusement poétiques. Pourtant elles semblent n'avoir pu vaincre son aspiration, dès longtemps nourrie, vers l'infinité de Nirvana. «Mourir, c'est être initié» — ainsi dit l'épigraphe d'un cycle ds sonnets.

Même si on ne peut, comme Mr. B., admettre que Quental a parcouru un Mare Tenebrosum, jusqu'à maintenant inexploré, ni que personne avant lui n'aurait chanté «le propre monde de la pensée, les joies et les douleurs de l'intelligence», c'est pourtant avec un profond interêt qu'on lit les confessions de cette âme supérieure, en reconnaissant que son biografe a raison de dire que «dans ses sonnets il a trouvé une expression de l'angoisse muette qui caractérise la vie intellectuelle de la fin de ce siècle». Et peu d'hommes plus de lui sont dignes de ce titre de «chevalier de S. Graal», qui lui a été attribué par un autre poéte portugais, J. de Araujo. (REVUE FINDANDAISE, Décembre 1894, pag. 464 et suiv.)

189) *Ur Portugals samtida diktning andra samlingen poetis ka öfversättninger af Göran Björkman* — Upsala (sem data) 8.º peq. 85 pag.

Edição de 45 exemplares. De pag. 65-82, a versão de onze trechos antherianos.

190) *Anthero de Quental — Dikter en efterskörd öfversättningar af Göran Björkman.* Norrtelje, 1895. 4.° 32 pag.

Edição de grande luxo, contendo além da materia do numero antecedente, e precedendo-a, a versão dos magnificos sonetos de Manuel Duarte d'Almeida, á memoria de Anthero e por occasião da sua morte. Acompanha-se de uma reproducção phototipica do busto em marmore existente na Bibliotheca Municipal de Ponta Delgada, v. *Em lembrança de Anthero*, por Caetano d'Andrade e Albuquerque, e do *fac-simile* da assignatura do poeta Tem esta dedicatoria: «Ao Ex.mo Senhor João Machado de Faria e Maya, off. o Traductor.»

EM ALLEMÃO

191) *Anthero de Quental — Ausgewahlte Sonette aus dem Portugesischen verdeutscht von Wlhem Storck* — Paderborn und Münster, 1887 — 8.° 126 p., sendo 1 a 38 de introdução; até 118 de texto, com um soneto em cada pagina, 5 de notas e 3 de indece.

A carta autobiographica está incluida, em lingua alleman, no prologo do douto traductor; sahiu posteriormente em português, impressa sobre o original emprestado expressamente pelo sr. Storck, na *Provincia*, do Porto.

A proposito desta traducção, dá-nos o preclaro professor as seguintes curiosissimas noticias:

Münster i/vd. 18 de Dez. de 1893. — *Meu illustre e bom amigo* — Acabo de receber o seu bilhete postal, e apresso-me a dar-lhe as notas bibliographicas acerca dos artigos que appareceram na Allemanha, sobre os *Sonetos Completos* do nosso amigo, com respeito á minha traducção:

1. *Blätter für literarische Unterhaltung.* Leipzig...
2. *Deutsches Litteraturblatt.* Leipzig. 1887. No. 26.
3. *Deutsche Litteraturzeitung.* Berlin. 1887. No. 51.
4. *Deutsche Roman-Zeitung.* Berlin. 1888. No. 29.
5. *Deutsche Dichtung. Berlin.* Band XI, Hefl 6, Seite 150.
6. *Oesterreichisches Centralblatt.* Wien. 1888. No. 4.
7. *Archiv.....* (Não conheço o titulo completo deste jornal litterario.)... Braunschweig (?). 1887. No. 7.
8. *Westfälischer Merkur* (Diario politico). Münster. 1887. No. ??

Receba o meu querido amigo as minhas boas-festas e os sinceros desejos de boa saude e prosperidade para o anno novo. Subscrevo-me com a maior consideração — De v. ex.ª, amigo affecto e obrig.mo — WILH. STORCK.

Referem-se tambem á obra poetica de Anthero e sua influencia os seguintes numeros:

1. *Aufsätze und Abhanlungen* — 1 vol., 8.°, Berlin, 1877, reproduzindo diversas apreciações de Carl von Reinhardstoettner, esparsas em revistas allemans.
2. *Archiv fur das Studium der neueren Sprachen*, vol. 81 — pag. 185. Succinta nota duma prelecção realisada em Berlim pelo professor Karl Goldbeck. (Vid. *Anthero e a Allemanha* pela ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos).
3. *Heinrich Heine in Portugal*, por Karl von Reinhardstoettner — Folhetim do *Münchner Neuefte Nacrichten*, n.° 430, de 22 de setembro de 1891.
4. *Portugal und Deutschland*, von Dr. S. — Artigos publicados no *Internationale Litteraturberichte*, n.os 6, 7 e 8 — Leipzig.
5. *Geschichte der portugiesischen Litteratur*, von Carolina Michaëlis de Vasconcellos und Theophilo Braga. (in Gröber).

192) *Aus Portugal und Brasilien (1250-1890). Ausgewalte Gedichte verdeutscht von Wilhelm Storck.* Munster, 1892 — 8.° XVI—271 pag.

De pag. 194 a 200, decorre a traducção de seis poesias de Anthero, extrahidas das *Primaveras Romanticas*, *Odes Modernas*, *Cadencias Vagas*, e da collecção que O. Martins reuniu ao prologo dos *Sonetos Completos*.

POLIGLOTTA

193) *Anthero de Quental,— Zara, edição polyglotta*— Lisboa, Imprensa Nacional, 1894. 8.° xv-89-6 inn., sendo brancas as tres ultimas.

Tiragem de 100 exemplares: em Japão (20), Whatman (20) linho azul (60), linho branco (80), linho fino (100). Numerados a seguir. *Editor*, Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. *Collectores:* Rafael Altamira, Maxime Formont, Platon de Waxel, Hugo von Meltz, Antonio Padula, Baronesa de Wreda, Jules Cornu, Tommaso Cannizzaro, Prospero Peragallo. *Coordenadores:* F. Adolpho Coelho, A. R. Gonçalves Vianna. *Revisores:* D. Carolina Michäelis de de Vasconcellos, Consiglieri Pedroso, Gonçalves Vianna, Xavier da Cunha, Santos Valente.

Em seguida a pag. v, em que se conteem estes nomes: *Taboa dos Idiomas*, (VI) *Taboa dos Traductores* (VIII-X), *Zara*, prologo de Joaquim de Araujo (XI-XV), *Zara*, poesia de Anthero de Quental (3) *Traducções* (7-83), *Bibliographia* (87-89), *Indece*, e uma pagina com a seguinte rubrica: «Acabou de se imprimir aos 30 de agosto de mil oitocentos noventa e quatro nos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa.»

Os traductores são: Josephina Costantini Arntzen, Claire Braüer, Clelia

Bertini Artilj, Sophia Bulnitsky, Maria P. Chitiu, Elisabeth Lintzen, Alice Moderno, Helen Conant, Hilma Szinnyel, Josephina Zaleska, Tugomir Alaupovic, Antonio Arzac, Alphonse Baudouin, Joseph Bénoliel, Göran Bjorkman, N. Bigaglia, Demetrius Bikelas, Josephus Budavary, Tommaso Cannizaro, Giuseppe Cellini, G. B. Ceresetto, Teodoro Cuesta, Curros y Henriques, F. W. Driver, Tommaso Eberspacher, Maxime Formont, A. de Gagnaud, René Ghil, Nicolau Goiry, Innocent Guaita, M. H., E. Hiel, Douglas Hyde, Kaarl Krohn, Hugo von Lomnitz, F. M. Luzel, F. Macry Correale, G. A. Maggi, F. Mateu, Giovanni Mathis, Achille Millien, Dr. Moldovan, Abou Naddara, Jéan Nortegue, G. Nuñes de Arce, Ricardo Palma, G. L. Patuzzi, Prospero Peragallo, Edgar Prestage, Comte de Puymaigre, A. Richter, Alphonse Le Roy, Maurits Sabbe, Isidore Salles, Santos Valente, Manuel Sardinha, Francisco Sellen, Joseph Stritar, Miguel S. Oliver, Wilhelm Storck, J. Izinnyel, Lomnitzi Valamir, Iaroslav Vrchlicky, Wladislaw Zukowski, e quatro anonimos.

As traducções são em: Latim, italiano (7), siciliano, calabrês, napolitano, bolonhês, romanhol, veneziano, veronês, milanês (2), genovês (2), romanche, francês (9), wallon, bearnês, delfinês, provençal, catalão, maiorquino, castelhano (5), asturiano, mirandês, gallego, rumeno (2), polaco (2), bohemio, russo, sloveno, slovaco, croata, grego, albanês, inglês (3), sueco (2), dinamarquês, noruegués, neerlandês (3), allemão (3), daco-saxonico, bretão, irlandês, daco-cigano, hebraico, arabe, finlandês (2), hungaro e basco.

A estas versões reunimos as que a seguir decorrem: em russo pelo sr. Appers; em slavo do Montenegro pelo sr. Lazar Tomanovi, redactor do jornal official, *Clas Cruogorca* (benevolamente communicada pelo nosso amigo e companheiro de viagem Milo Cerovic, distinctissimo official do exercito montenegrino, em commissão scientifica na Italia), e em armenio antigo e moderno pelo nosso muito querido amigo P. Coren-Sinan, moço poeta e astronomo, mechitarista do celebre convento da Ilha de San Lazaro, foco de cultura intellectual donde teem sahido reputadas publicações:

Надгробная надпись

Счастливъ тотъ кто промелькнулъ чрезъ страданія,
И чрезъ страсть мутной жизни людской,
Какъ роза исчезастъ; то есть безъ сознанія,
И легко какъ тѣнь надъ водой.

Неопредѣленнымъ для тебя была жизнь сномъ,
Тонкимъ, но милымъ и прозрачнымъ:
Ты проснулась, улыбаясь и снова потомъ
На чала сномъ прерывнымъ спатьвѣчнымъ.

A. Appers.

ЗАРА

Благо томе, ко зебњу и ватру
Неосјетно мине бурна жића,
Кô што свјежа ружа мине, или
Сјенка лака изнад поточића.

Твој живот би трајан санак, али
Сладак, лаган; па си с'разбудила...
Осмјехнула... и опет си слатко
Сан прекинут мирни наставила.

LAZAR TOMANOVIĆ.

ԴԱՄԲԱՆԱԿԱՆ ՏԱՂՔ

Երանի՜ այնմ որ թափ ընդ ցաւս անցանէ
Եւ ընդ տագնապ պղտոր կենաց մարդկութեան,
Որպէս վարդին թարշամել մինչ ոչ գիտէ,
Եւ թեթեւ՝ զերդ ըստուերք ընդ ջուրսըն սուրան։

Աւուրք քո քուն էին համակ երջանիկ,
Յուշիկ այլ քաղցր, այլ և յըստակ և գողտրիկ.
Զարթեար այն ինչ և ժըմտեցար, և դարձեալ
Վերըսկըսեր յաւէժ ըզքունդ ընդհատեալ։

Երանի՜ որ թըռաւ անփորձ և փափուկ
Ի տագնապէ վտանգաց կենաց անհամբոյր,
Ինչպէս կ՚անցնի վարդ ի թերթից քաղցրաբոյր,
Եւ կամ ջըրոց վըրայ ըստուեր խուսափուկ։

Նըմանեցաւ քու կենացդ օր մաքրափայլ՝
Թեթև քընոյ, խաղաղ յըստակ ու անուշիկ.
Քիչ մ՚արթընցար... ու ժըպտեցար, և գողարիկ
Առաջ տարիր չըքնաղ երազդ ընդմիջեալ։

Մխիթարեան.

O volume *Zara*, intrinseca e extrinsecamente considerado, foi, no anno immediato ao da sua publicação, premiado com a medalha de oiro da Exposição Partenopea de Napoles. Delle se ocuparam, entre muitos, os srs. Platon de Waxel, no *Journal de S.t Pétersbourg*, n.º 324, de 3 (15) de dezembro de 1894, o sr. Berluc de Perussis, no *Aioli*, de Avignon, n.º 142, de 7 de dezembro do mesmo anno, o sr. Francisco Sellen na *Gaceta illustrada*, de New-York, vol. II, n.º 10, outubro de 1895, o sr. Bruno Jacy no *Pão da padaria espiritual*, do Ceará (Fortaleza), n.º 22, de 15 de agosto do ultimo anno, o sr. Ismael Gracias no *Relatorio da Bibliotheca Publica de Nova Goa*, relativo a 1894-95, o sr. Antonio Padula em *I Nuovi Poeti portoghesi*, Napoles, 1896, e a ex.ma sr.a D. Alice Moderno em um artigo bibliographico do *Diario de Annuncios*, de Ponta Delgada, novembro de 1894.

Do *compte-rendu* do eminente escritor russo, acima designado, tomamos estas palavras: «Anthero était le principal répresentant de l'école des poètes-penseurs...».

A lista de distribuição dos exemplares de *Zara*, será publicada em uma nova Addenda de traducções.

194) *Zara, versi scritti da Anthero de Quental, tradotti de parecchi. Noterelle di E. Teza.* Genova. Tipografia R. Istituto Sordo Muti, 1895. 8.º 24 pag. e 2 brancas.

Apreciação do notavel philologo italiano ao volume descrito em o numero anterior. Tiragem 15 exemplares. Edição impressa «em lembrança do casamento do meu amigo Pedro de Mello de Carvalho Monteiro, com Mademoiselle Potier» —, diz o editor, na dedicatoria, a que se segue o pequeno trecho explicativo — *Aos bons amigos que lerem esta pagina*, e a lista das pessoas por quem a edição foi distribuida. Em appendice, (pag. 18) o sr. dr. Emilio Teza insere mais as seguintes traducções: Latina (Pietro Rasi), vicentina (Domenico Bertolan), sassarêsa (Amedeo Co. di Lamporo), dita (Pompeo Calvia), tempiesa (Leone Chispima), galluresa (Giovanni Sotgiu), logudoresa (Bachisio Cano), udinesa (prof. Giulio Andrea Pirona), catalan (Giovanni di Giorgio), algheresa (idem), hebraica (Vittorio Castiglioni). No texto, o sabio commentador intercalla duas magnificas versões da propria lavra, italiana e dialectal veneziana.

Tomamos desta *plaquette*, restituindo-a aos seus caracteres proprios, a, segundo a opinião dos competentes, elegantissima versão hebraica, na edição genovesa redusida a letras latinas, por difficuldades typographicas:

זָארָה

אַשְׁרֵי עוֹבֵר שָׁלֵו תּוֹךְ חַיֵּי סַעַר '
בַּל יָדַע תַּאֲוֺתָיו לֹא יוֹם יוֹמַיִם :
כְּשׁוֹשַׁנָּה בֵּין הַחוֹחִים בַּיַּעַר '
כְּצֵל קַל מִתְהַלֵּךְ עַל נִבְכֵי־מַיִם :

חֲלוֹם נָעִים בִּלְתִּי נוֹדָע קִצֵּהוּ
בְּעֵמֶק עָכוֹר זֶה הָיוּ חַיַּיִךְ :
יָקַצְתְּ'''' צָחַקְתְּ'''' רָאִית גֹּדֶל הֶבְלֵהוּ''''
אֶל־חֲלוֹמֵךְ שַׁבְתְּ וְבָנַרְתְּ עֵינָיִךְ :

VITTORIO CASTIGLIONI.

195) *Zara, versi sopra un sepolcro scritti da Anthero de Quental, tradotti da parecchi. Noterelle de E. Teza.* Seconda edizione. Genova. Typografia R. Istituto Sordo Muti, 1896. 8.º 20 pag.

Reproduz o texto da edição antecedente, com excepção das quatro primeiras paginas, eliminadas. É consagrada á memoria do prof. G. A. Pirona, «homem justo e bom.»

b) ESCRITOS EM PROSA

EM HISPANHOL

196) *La poesia en la actualidad, estudio critrico por Anthero de Quental, traduccion de Ricardo Caruncho.* Liceo Brigantino, año 1, n.os 13, 14, 15 e 16. Coruña. Imp. Abad. 1882.

A traducção é precedida de um pequeno esboço noticioso.

EM INGLÊS

197) *Autobiography.*

Vid. n.º 182.

EM ALLEMÃO

198) Carta autobiographica.

Vid. n.º 187.

V, *A*

ADDITAMENTOS

OPERA OMNIA

199) *Traducções de H. Heine*—

A ex.[ma] sr.[a] D. Carolina Michäelis de Vasconcellos, v. *Anthero e a Allemanha*, enumerando algumas raras traducções da lirica alleman, realisadas por Anthero, insere, nesse registro, as seguintes linhas, de benevolente cortesia: «uma versão litteral do *Intermezzo* de Heine, em prosa, por Joaquim de Araujo aproveitada posteriormente para as suas elegantes imitações.» A traducção de Anthero restringiu-se, tão só, ás passagens, em cuja interpretação nos assaltavam duvidas, e foi feita, expressamente (1884), em nosso auxilio. Possuimos o seu manuscrito que diz respeito apenas ao *Prologo* (de que não chegamos a dar transumpto), e aos n.[os] 9, 11, 13 e 16 do extraordinario poema.

200) *Maria Amalia Vaz de Carvalho — Alguns homens do meu tempo (Impressões litterarias)* — Lisboa, ed. Tavares Cardoso & Irmãos, 1889. 8.º x—360—2 inn.

De pag. 107 a 163 uma formosa analyse psychologica dos Sonetos de Anthero, em que se emolduram muitos delles, em transcripção. Diz a ex.[ma] sr.[a] D. Maria Amalia:

> «Não ha, talvez, em toda a litteratura portuguesa uma individualidade mais distincta, mais original, mais *á parte*, que a dêste homem.» «. . . estava-lhe destinado um dêstes papeis que numa litteratura e num paiz são o maior titulo de gloria que ao pensamento e ao trabalho de um homem é dado alcançar: o de iniciador, de precursor, de *porta-estandarte* de uma Idéa civilisadora e grande!»

201) *Revista Illustrada,— Publicação quinzenal.* Ed. Antonio Maria Pereira. 2.º anno, 1891. Lisboa.

N.º 35: *fac-simile* autographico do soneto *Na mão de Deus;* reproducção de um extenso fragmento da carta *Bom senso e bom gosto* e de diversas composições poeticas; retrato de Columbano.

N.° 36: *Casa de Anthero em Villa do Conde*, gravura, acompanhada de um artigo explicativo de Henrique Marques; aproveitada em zincographia no *Seculo*, n.° 4919, de 29 de setembro de 1895.

202) *Um inedito de Anthero de Quental*—«Jornal da Manhan», n.° 339 (Supplemento litterario). Porto, 8 de dezembro de 1890.

Carta a Candido de Figueiredo, acerca do poema *Tasso*. Reprodusida no Appendice de cartas, *In Memoriam*.

203) *Os Deveres dos Filhos, traducção por João de Deus. Com approvação do Governo. Decima segunda edição graduada, revista e augmentada.* Lisboa. Imp. Nacional. 1894. 8.° gr. 256 pag.

A pag. 192 e 226, sob n.os 276 e 468, duas cartas de Anthero, com eliminação de algumas palavras, restituidas no texto integral da *Revista Portugueza*. V. n.° 108. Andam tambem em edições anteriores dos *Deveres*. Igualmente se acha rectificado o referido texto, em o n.° de homenagem do *Correio da Europa* a João de Deus, por occasião da festa de 8 de março. No cit. periodico se encontra um pequeno retrato de Anthero (segundo o das *Primaveras)*, na galeria d'*Os amigos de João de Deus em Coimbra*, commentada por Alberto Telles. Ahi se lê:

> «Anthero de Quental, que eu conheci logo no começo do anno lectivo de 1857-58 era em toda a extensão da palavra um talento robusto. Nesse tempo, e annos depois, lia tudo que lhe cahia nas mãos, até que a leitura das obras de Proudhon se tornou para elle exclusiva alimentação de espirito, o seu evangelho politico e social. De quando em quando, fechava os livros, e ia a pé com o Mantua ou com outros á Batalha ou ao Bussaco; ou encerrado sempre no seu quarto, só, fazia versos.»

204) *Anthero de Quental — Resposta aos jornaes catholicos.* Barcellos. Typ. da «Aurora do Cavado». Editor R. V. 1895. 8.° 36 pag.

Compendia o artigo que notamos em n.os 31 e 82. O redactor do *Bem Publico*, com quem Anthero terçou armas, foi o valente polemista José Maria de Sousa Monteiro. Este opusculo pertence á serie das reproducções do dr. Rodrigo Velloso. O incansavel editor antecede-a de um preambulo, com noticia da compilação dos escritos escolhidos de Anthero, intentada e abandonada em 1881. Ao presente escrito se refere a chamada final do nosso numero 31, por equivoco dirigida ao n.° 69.

205) *Influencia da mulher na civilisação.* «Estreia litteraria», 1.º vol., n.os 1, 2, 4 e 11, Coimbra, 1860-61.

Fragmentos de um Estudo, que o desapparecimento da *Estreia litteraria* deixou incompleto.

206) *Rivista italiana di scienze, lettere, arte e teatri.* Anno XXV. N.º 1, 1896. Firenze. 8.º gr.

A pag. 1, a versão da poesia *Zara*, por Tommaso Cannizzaro.

207) *Exiladas*, por Alberto Osorio de Castro... França Amado, ed. Coimbra, 1896. 8.º gr. 120 p.

A pag. 113, a carta de Anthero, publicada neste Ensaio, n.º 103. A seguir, preconisa Oliveira Martins, em outra carta, tambem posthuma, as considerações de Anthero, como «um verdadeiro dobre de finados a este povo, que sem duvida está a resvalar para o tumulo.»

208) *Alberto Bramão,—Phantasias, Versos...* Lisboa, antiga casa Bertrand—José Bastos, 1896. (Typ. da Companhia Nacional Editora.) 8.º XXVIII-50 pag.

Transcrição e discussão dalguns trechos da *Poesia na Actualidade.*

209) *Oliveira Martins, — O Principe Perfeito, precedido de uma introducção acerca do complemento e plano geral da obra*, por Henrique de Barros Gomes. 8.º gr. 268-XXV pag. Lisboa, Antonio Maria Pereira, editor. (Typographia e Sterotypia Moderna.)

Até onde pode ser compensada a falta do ultimo trabalho historico de O. Martins se eleva o primoroso prefacio do sr. conselheiro Barros Gomes, roteiro, unico e inexcedivel, de largo valor intellectual, com inexcediveis informações de reconstrucção. A pag. 22, descrevendo piedosamente os ultimos momentos de O. Martins, transcreve o soneto de Anthero, *Na Mão de Deus*. Para o sr. Barros Gomes, que com grande elevação disserta acerca do poeta, é evidente «até que ponto o pobre e torturado pensamento moderno achára em Anthero o seu cantor».

210) *A Indifferença em politica*—«Aurora do Cavado», n.os 1470 a 1472.

Transcrito do *Gremio Alemtejano*, de Coimbra, n.os 26, 28 e 31, de 3 e 17 de abril e 8 de maio de 1862.

VI

OS QUENTAES

SECÇÃO COMPLEMENTAR

1) *Gaspar Fructuoso — Saudades da Terra — Historia Genealogica de San Miguel* — Ponta Delgada, Typ. do «Amigo do Povo», 1876 — 8.º gr. VIII — 276 pag e 1 de erratas, inn.

Esta edição, feita a expensas de um açoriano benemerito, com cuja amisade fomos honrado e a cuja memoria votamos fervente culto — o Conde de Fonte Bella — , é interessantemente prefaciada pcr Francisco Maria Suppico e produz um valioso fragmento do grande livro do velho chronista dos Açores e da Madeira. O sr. dr. Ernesto do Canto enumera-lhe proficientemente as diversas copias, na sua *Bibliotheca Açoriana;* o original está hoje na posse do sr. Marquez da Praia e de Monforte. Fructuoso nasceu por 1520, visto haver morrido com quasi setenta annos, em 1591. Uns annos antes, trabalhava ainda no seu livro, segundo a referencia a Tristão da Veiga, que nos é indicada pelo sr. T. Braga: «*nesta era de 1570* terá 53 annos (a p. 159, da ed. Azevedo, concernente á parte das *Saudades*, que trata da Madeira, Porto Santo e Desertas)». O capitulo na *Hist. Gen. de S. Miguel*, referente aos Quentaes abrangerá porventura até proximo daquella data. Sobre a origem deste appellido familiar, relata o ingenuo historiador do século XVI (pag. 152):

> «. . . como os invejosos emmagrecem com a gordura do seu proximo, não faltando na corte murmuradores, que praguejassem de tantas mercês, quantas do Rey recebia, deram motivo para que lhe fizessem outras maiores; porque, vindo isto á noticia do mesmo Rey, diante dalguns delles veiu a pôr em practica, dizendo um dia que bem sabia que murmuravam dos favores que elle fazia a Francisco Botelho Novaes; que não se espantassem disso, porque *quem tal* fizera e tão bem tinha servido, tudo e mais merecia; pelo que dahi por diante tomou o dito Francisco Botelho por alcunha e por appellidos de honra Novaes *e Quental*, dos que seus successores e os da sua geração hoje em dia se honram, e intitulam nestes reynos de Portugal, e nesta ilha, onde ha muitos Novaes e Quentaes.

A Genealogia dos Quentaes, em relação á ilha de S. Miguel, acha-se precisada de um modo inegualavel no Catalogo de Ernesto do Canto — *Os Quen-*

taes, «*In memoriam*». Sobre as suas origens, diz o preclaro investigador, sr. José d'Azevedo e Menezes:

> «A familia de Anthero é de origem franceza, e o primeiro portuguès que usou do appellido de *Quental* foi Francisco Botelho de Novaes, pae de D. Maria de Novaes Quental, dama da rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso V. D. Maria casou com Ambrosio Alvares Homem de Vasconcellos, muito illustre por nascimento e pae de quatro filhos, que o fizeram feliz. Um delles, Simão de Novaes, foi frade franciscano e fundador do Convento da Praia na Ilha Terceira.»

Gaspar Fructuoso narra de um modo tocante certos traços biographicos deste fr. Simão de Novaes, a quem se referem Alberto Sampaio, *Recordações*, e Visconde de Faria e Maia, *Recordações familiares*. O convento edificado pela piedade do fr. Simão foi destruido pelo terremoto de 1614.

João Machado de Faria e Maya, em nota aproveitada pelo dr. J. T. de Souza Martins, *Nosographia de Anthero*, corrobora o asserto de J. de Azevedo e Menezes, especificando, em seu abono, a familia Bettencourt de quem «Anthero dizia descender, pelos reis das Canarias», facto que já vimos tambem apontado pelo sr. T. Braga. De facto, o poeta apresentara-se a Michelet, com o nome de Bettencourt. V. Alberto Sampaio, *Recordações*. Pode, pois, accrescentar-se o seguinte livro, como documento historico desta familia illustre:

II) *Histoire de la premiere descouverte et conqueste des Canaries faiste des lan 1402, par messire Jean de Bethencourt, escrite du temps mesme par F. — Pierre Bontier, et Jean Verier prestre domestique dudit sieur de Bethencourt, et mise en lumiere par M. Galien de Bethencourt, conseiller du Roy en la chambre du parlement de Rouen.* Paris, 1630.

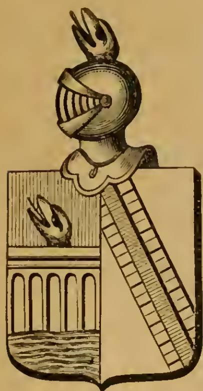
Citado nos trabalhos geographicos do Visconde de Santarem.

III) *Livro da Armaria, feito por Antonio Godinho e offerecido a Elrey D. João* III.

Livro de brasões existente na Torre do Tombo. A fl. 37 v., o brazão da familia *Quintal* (sic). Nem o autor deste Ensaio, nem os srs. João Pedro da Costa Basto, Jacintho Ignacio de Brito Rebello, D. José Pessanha e dr. Ernesto do Canto encontraram a respectiva Carta de concessão.

IV) *Thesouro da Nobreza.*

Segundo o sr. João Basto, este mss., existente, como o anterior, no Archivo Nacional, remonta a fins do século XVII ou principios do XVIII. Além do brasão, contém a seguinte nota explicativa:



Quental — É familia deste reino, que tem por solar o logar de Quental no concelho de Besteiros, onde ainda existem as ruinas da torre em que viviam. A primeira pessoa de que temos noticia foi Affonso Annes do Quental: foram seus filhos Lopo Affonso do Quental, que serviu na guerra a elrei D. João I, pae de Pedro Lopes do Quental, alcaide mór de Mourão, e João Affonso do Quental de quem descendem os que houve em Leiria e Obidos.

São suas armas em campo de prata uma banda xadresada de vermelho e prata de tres peças em faxa e a ordem do meio coberta com uma cotica preta: «timbre um pescoço de lobo xadresado de vermelho e prata.»

O sr. visconde de Sanches de Baena estampou no *Archivo Heraldico* todos os diplomas desta natureza, que se encontram na Torre do Tombo, em registo do Cartorio da Nobreza, e bem assim os do rico deposito de Evora. Quanto aos Quentaes, limita-se ao que fica exposto.

No *Thesouro da Nobreza* encontra-se esta outra noticia:

> Pontes — Em campo vermelho uma ponte de prata de cinco arcos sobre um rio de sua cor. Sobre a ponte uma cabeça de serpe de ouro.

O brasão, que intercallamos, usado por André da Ponte de Quental de Camara, avô de Anthero, e adoptado nos bilhetes de visita de seu filho Fernando de Quental, casa-se, de todo o ponto, ás duas noticias que trasladamos; não temos duvida em que os Quentaes de Besteiros pertençam ao tronco dos Quentaes de San Miguel. Gaspar Fructuoso expressamente se refere aos Quentaes *do reyno* e ilhas. V. n.º I.

v) *Historia Genealogica da Casa Real*, por D. Antonio Caetano de Sousa.

No tom. I, referencias a Manuel Lobo de Quental, que «escreveu genealogias, soube bem latim, teve noticia da mathematica e muita lição da historia do nosso reino.» Não encontramos menção deste nome nos trabalhos de Innocencio, Pinto de Sousa, Figanière, etc.

vi) *Contas para as secretarias de Estado.* (Do Intendente Manique).

Documentos da Torre do Tombo, directamente explorados por Innocencio, José Feliciano de Castilho e Theophilo Braga, entre muitos outros lugares

na parte relativa ao convivio de Bocage e André da Ponte. Sobre a amisade que ligou os dois poetas, v., além das referencias e dedicatorias de Bocage, os trabalhos dos tres investigadores supra.

VII) *Fr. Luis de Sousa* | *por* | *J. B. de Almeida-Garrett.* | — | *Edição do Theatro do Pinheiro.* | Lisboa | *Na Imprensa Nacional* | — | MDCCCXLIV. | 4.º VIII-236 pag. Com o retrato de Garrett em litographia, e sem a ordem numerica dos volumes in. 8.º

Diz o sr. visconde de Faria e Maia: «Anthero de Quental pertencia, pela linhagem dos Coutinhos, de que descendia, á mesma geração do velho monge de S. Domingos.» Toma, pois, lugar, neste capitulo dos Quentaes, a menção do drama extraordinario de Garrett, visto que em a nota C do acto I (pag. 179) se dá um abreviado epitome da geração dos Coutinhos, com rubricas das fontes historicas precisas e indispensaveis informes bibliographicos acerca do pae de Fr. Luis de Sousa.

Tem sido tradusida em quasi toda a Europa a maravilhosa creação de Garrett, e as edições originaes são a cada passo renovadas. A que apontamos é rarissima e não apparece *descrita* nas bibliographias. É aquella de que se aproveitou a composição typographica, para a que corre cotada como primeira edição.

VIII) *Diccionario Bibliographico Português...* por Innocencio Francisco da Silva.

Vol. I, pag. 336 — BARTHOLOMEU DO QUENTAL (P.ᵉ). (Bio-bibliographia.) Ás especies de Innocencio, additamos a seguinte communicação do sr. Theophilo Braga:

> «Oliveira Martins offereceu á Academia das Sciencias, em nome de Anthero de Quental, uma caixa contendo quatorze maços de cartas autographas; creio que isto foi já depois da partida de Anthero para a ilha de S. Miguel. Como eu encareci o valor da offerta, por proposta do Oliv. Martins fui encarregado de dar parecer sobre ellas. Recebi pela Secretaria da Academia as cartas, que estão em meu poder, estudei-as, e em uma sessão fiz um longo relatorio verbal, pedindo á Academia autorisação para imprimir uma memoria sobre — «O P.ᵉ Bartholomeu do Quental e a Congregação do *Oratorio*», servindo de introducção. Votou-se que se imprimisse...» As cartas foram compradas por Fernando de Quental (pae de Anthero) por 14$400 reis. São das seguintes epocas: 1685 (9 cartas); 1686 (33); 1687 (47); 1688 (24); 1689 (28); 1690 (36); 1691 (41); 1692 (20); 1693 (14); 1694 (20); 1695 (14); 1696 (11); 1697 (17); 1698 (20). Cumpre-me declarar que este total de 334 cartas não corresponde ao conteudo nos maços, porque algumas faltam. São quasi todas sobre assumptos da instituição e ascetismo, e poucos nomes trazem, a não ser de alguns padres...»

Os srs. João Basto, ... lo Canto e ... tho Ignacio de Brito Rebello communi... ...versos *fac-similes* d... —cre... atura do P.ᵉ Bartholomeu de Quental, do... ...proveitamos o seguinte. não era... de um manuscripto da Bibliotheca de Ev... cujo titulo nos não foi in... em passag...

O retrato do P.ᵉ Quental ficou recentemente estampado no *Archivo dos Açores* (v. n.º IX) e anda, como é sabido, em gravura de cobre em algumas edições das suas obras.

——— Vol. VII, pag. 70-71 — ANTHERO DE QUENTAL ou ANTHERO TARQUINIO DE QUENTAL. Bio-bibliographia. Contem apenas indicação respeitante aos nossos n.ºs 3, 4, 5, 24, 25, 26 e 27, e, no lugar respectivo, (pag. 404) a bibliographia da questão — *Bom senso e bom gosto.* Refere-se duma maneira geral á collaboração de Anthero nos jornaes academicos do seu tempo. Outras listas de publicações se encontram em T. Braga, C. de Figueiredo, Gubernatis, Larousse, *Archivo dos Açores* e demais fontes mencionadas neste Ensaio. Accrescentêmos:

Na *Relação e indece alphabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra... no anno lectivo da 1861-2*, Coimbra, Imp. da Univ. 1861, apparece, com o n.º 92, na lista dos seus condiscipulos, que eram 100, o nome de *Anthero Tarquinio de Quental.* Gonçalves Crespo, *Renascença*, fasc. IV, biographia de João Penha, emmoldura pormenores rapidos, mas interessantes da vida academica de Anthero, — «o bom Anthero ingenuo e genial», como em recordação desse tempo o appellida o sr. Augusto Fuschini, nas suas *Liquidações politicas;* «um dos raros espiritos que pela palavra mais do que pela escrita exercem influencia moral poderosa nos seus contemporaneos», como o via no ultimo anno de sua existencia, o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco.

Alguns dos seus primeiros escritos andam firmados com o nome de matricula na Universidade, *Anthero Tarquinio de Quental;* outros «por corrupção typographica» trazem a assignatura de Anthero *do* Quental; muitos, e ainda da ultima epoca, sahiram sem indicação de autor. Usou, momentaneamente, dos pseudonimos:

1. Raimundo de Castromino (V. n.ºs 68 e 118).
2. Vasco Vasques Vasqueanes (V. n.ºs 44 e 47).
3. Bacharel José (n.º 75).
4. Carlos Fradique Mendes (n.º 7).

Em os n.ºs 2, 7, 30, 31, 40, 41, 42-45, 47-53, 65-93, 95, 97-100 deste Ensaio se encontram as indicações dos jornaes em que collaborou; as revistas e

periodicos relativ[illegible]a fundação ou redacção abrangem os n.ºs 113-117, ao primeiro dos quae[illegible] dois p[illegible]os de estabelecer a data (1861), no lugar respectivo.

O[illegible]os tres in[illegible]do aos desejos do prof. W. Storck, que lhe solicitava informaç[illegible]tencia, para com ellas acompanhar a versão alleman dos Sonetos [illegible]eu a admiravel Carta autobiographica, em que recompoz a sua vida interior. [illegible]sse documento, largamente espalhado e reprodusido, tem dado aso a numerosos commentarios, em autores nacionaes e estrangeiros; ninguem lhe assignalou melhor a caracteristica do que o senhor Conde Adolpho de Circourt, o venerando autor dos *Moresques en Espagne* e uma das mais poderosas figuras da velha aristocracia francesa, que, em carta dirigida ao autor deste Ensaio, o determina como um «monument sans pareil de sincerité dans une confession publique.» «Combien elle donne à reflechir, cette autobiographie de votre chevalier du Saint Graal, et comme elle va bien à son adresse, confiée a l'un des fils de cette Germanie qui a tant agi sur le cerveau d'Anthero, qui a jettée dans le monde de la pensée plus de germes de révolution que nos philosophes du dix huitième siècle!» «Avec quelle bonne foi il fait assister aux variations toujours entrainés consciencieusement d'une erreur à l'autre, et ne trouvant finalement, comme vous l'avez dit, le vrai mot que dans le monde dont on n'arrive pas pour nous le dire.» «Que de ruines faites avant d'avoir arrêté le plan du nouveau édifice, sous l'impulsion d'une persuasion passagère qui ne se laissait pas troubler par le travail d'une conviction nouvelle, ou en train de se former, «antes de ser iniciado!»

A autobiographia de Anthero appareceu, em allemão, no livro de Storck, sendo, a seguir, dada em português, integralmente na *Provincia*, *Novo Diario dos Açores*, *Annaes de Bibliographia Portugueza*, *Circulo Camoniano*, *Raios de extincta luz*, *Archivo dos Açores*, e extratada em quasi toda a imprensa periodica. Edgar Prestage traduziu-a em inglês, nos seus *Sonnets*.

Alguns annos depois de concluida a formatura em direito, (não chegou a matricular-se em theologia, nem a iniciar a carreira ecclesiastica em que *por muito tempo* pensára —, em breve daremos as provas —) fez Anthero a sua conhecida viagem aos Estados-Unidos, onde lhe offereciam vantagens para ali se fixar. Noticia-as o sr. Joaquim Negrão no copiosissimo relato dessa viagem, divulgado nas *Memorias* de Bulhão Pato, 1.° vol. A essas paginas, cheias de pittoresco, arrancamos, na descripção dum temporal, a seguinte anecdota, que aquilata a grandesa de um homem:

> Quando ao terceiro dia de tempestade, eu julguei que estavamos em muito maus lençoes, disse-o a Anthero, que me ouviu muito serenamente e apenas perguntou:
>
> — Então, se isto continua por mais algum tempo, o que você julga provavel, não ha meio nenhum de salvação?
>
> — Creio que não, respondi eu.
>
> — Pois então, quando você lhe parecer que isto está *vae, não vae*, mande-me chamar que eu talvez me resolva a ir ao convez.

E, dito isto, continuou com o Schopenhaüer — cre , que era este ao tempo — e a prova de que esta serenidade não era falsa, é que nem então deixou de enjoar. Não ha mareio em passageiros, que ouvem gritar: — *Vamos a pique!*

Através dos estudos que decorrem no volume *In Memoriam*, ficam marcadas as *étapes* da dolorida e luminosa existencia de Anthero. Para a historia dos seus ultimos momentos, consultem-se especialmente *Tributo Singelo*, pela ex.ma sr.a D. Alice Moderno e *Nosographia de Anthero*, pelo dr. J. T. de Sousa Martins.

Entre os artigos, publicados na occasião da sua morte, distingue-se o de Guerra Junqueiro (*Nova Alvorada*), desinvolvendo esta these: «Houve, em germen, em Anthero de Quental, um santo, um philosopho e um heroe.» E dada a demonstração, accrescenta: «Mas nem o heroismo, nem a philosophia, nem a virtude, foram sufficientes para dar de si o grande, o immorredoiro poeta dos dois ultimos livros dos sonetos.» «Quem operou então a maravilha? O sofrimento. A doença, anniquilando-o, immortalisou-o.» Ao mesmo tempo, Gomes Leal, definia-o como «uma natureza unica, um temperamento excepcional, um caracter altivo e solitario, aquecido a um radiante mysticismo», e José Caldas — jornalista entre os primeiros da lingua portuguesa, — fazendo o parallelo do tragico desapparecimento de Anthero e de Camillo, aquilatava-os dest'arte: «um, em quem se condensou o cerebro de uma raça, o outro, que era o coração e a sensibilidade de todo um povo.»

Á lista dos volumes indicados, no contexto das nossas notas, como occupando-se, larga ou passageiramente, da personalidade de Anthero, accrescentem-se:

1. *Vida Alegre*, por Julio Cesar Machado.
2. *As Farpas*, por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.
3. *A Geração Nova*, I, os Novellistas, por José Pereira de Sampaio.
4. *Notas do exilio*, idem.
5. *Farrapos*, por Luis Botelho.
6. *Dispersos*, por Eduardo Coimbra (no prefacio de Joaquim de Araujo).
7. *Junta Geral do districto de Ponta Delgada* — Sessões de 1891, Relatorio, por Francisco Maria Suppico.
8. *Carmina*, por A. L. dos Santos Valente.
9. *Tramonti*, por Tommaso Cannizzaro.
10. *Nosographia de Anthero*, por J. T. de Sousa Martins (Tiragem de 3 exemplares) V. *In Memoriam*.
11. *Ensaio de bibliographia antheriana*, por Joaquim de Araujo (Edição restricta). V. *In memoriam*.

São consagrados ao poeta ou á sua memoria os seguintes trabalhos:

1. *A Alma Nova*, versos, por Guilherme de Azevedo.

2. *O Hellenismo e a Civilisação Christan*, por J. P. Oliveira Martins.

3. *Luis de Camões*, poemeto, por Joaquim de Araujo, com uma carta de Eça de Queiroz.

4. *Arte de Leitura*, por Felisardo de Lima.

5. *As doutrinas do Conde Leão Tolstoï*, por Jayme de Magalhães Lima.

6. *Na morte de Anthero*, por Joaquim de Araujo. (Trad. em sueco por Göran Bjorkman; em inglês, por Edgar Prestage; em italiano por T. Cannizzaro).

Dedicaram versos a Anthero os poetas:

Exma Senhora D. Alice Moderno, Guerra Junqueiro, Manuel Duarte d'Almeida, Gomes Leal, João Penha, José de Lacerda, Gonçalves Crespo, Thomaz Ribeiro, Eduardo Coimbra, Luis de Magalhães, Carlos de Lemos, Manuel Sardenha, Antonio Feijó, Luis Fortunato da Fonseca, Antonio d'Azevedo Castello Branco, Queirós Ribeiro, Alberto Bramão e João de Deus.

Entre as composições litterarias consagradas á sua morte, avultam os admiraveis sonetos de M. Duarte d'Almeida, Wilhelm Storck e Tommaso Cannizzaro. No *Archivo dos Açores*, se acham mencionados, com explanações, os periodicos que se occuparam da catastrophe de 11 de setembro.

O testamento de Anthero determina como herdeiras dos seus haveres as duas filhas do seu amigo Germano Vieira de Meyrelles, e inscreve diversos outros legados a pessoas de familia.

A camara de Ponta-Delgada, legataria da livraria, mandou esculpir em marmore o busto do Poeta, patenteando assim o seu reconhecimento á memoria do illustre patriota. Obra do notavel artista Simões de Almeida, reproduzida em phototipia no *Circulo Camoniano*, 2.° anno, fasc. VI, e no volume de Göran Björkman, citado em n.° 190, acha-se junto ao precioso legado, em uma das salas da Bibliotheca Publica. V. Caetano de Andrade, *Em lembrança de Anthero*. Do inventario da livraria foi dada summula no *Archivo dos Açores*, vol. XII. A publicação de um catalogo critico foi unanimente votada pela Municipalidade. V. *Tributo Singello*, pela ex.^ma sr.ª D. Alice Moderno. Da sua elaboração receberam incumbencia os srs. drs. Eugenio Pacheco e Aristides da Motta. Ás commemorações da Camara, relacionadas pelo sr. dr. Caetano de Andrade, deve juntar-se a do Lyceu michaelense. V. Eugenio Pacheco, *Discurso Commemorativo, In Memoriam*.

Na Assembleia geral da Liga das Artes Graphicas do Porto, (27 de setembro, 1891) apresentou o nosso intelligente amigo sr. Julio de Oliveira uma conceituosa proposta (V. *Nova Alvorada)* para a celebração de uma sessão de honra consagrada á memoria de Anthero. Adoptada por unanimidade, abriu campo á conferencia historica de Luis de Magalhães, realisada nas salas daquella Associação, aos 20 de março de 1892, com applauso de quantos assistiram a essa lucida exposição, a que presidiu o dr. Julio de Mattos. A conferencia de Luiz de Magalhães ficou sintetisada no seu estudo—«a Vida de Anthero», *In Me-*

moriam. Durante a solemnidade foi distribuido um retrato litographico de Anthero, acompanhando os tercetos da *Casa do coração.* V. n.º 21-IX deste Ensaio.

Na commemoração realisada no Centro Operario de Propaganda Socialista do Porto, o eloquente orador Luis Soares fez em um brilhante improviso o panegirico dos serviços prestados por Anthero ao operariado.

Fialho de Almeida propunha, ao tempo, nos *Gatos*, que entre as arvores da Avenida de Lisboa se colocassem estatuas de marmore dos nossos poetas, entre os quaes Anthero.

Em memoria do seu amigo inquebrantavel, as classes operarias e os grupos socialistas fundaram as seguintes aggremiações de instrucção e beneficencia:

1. Academia Anthero de Quental — séde em Lisboa.
2. Cirio civil Anthero de Quental — séde em Lisboa.
3. Instituto Anthero de Quental — séde no Porto.

Em quasi todas as associações de trabalhadores se encontra o retrato do Poeta, segundo a ultima photographia, (1891, Ponta Delgada), reproduzida em grande numero de periodicos e livros, por occasião e posteriormente á sua morte. (*Archivo dos Açores*, *Nova Alvorada*, *Occidente*, *Sonnets*, trad. Prestage, *In Memoriam*, etc.)

Em pintura, conhecemos os retratos:

1. Por Columbano Bordallo Pinheiro. Do natural. Legado a Luis de Magalhães, no testamento de Oliveira Martins. Citado com alto louvor em um artigo do sr. Ribeiro Arthur, *Universal*, n.º 979, de 5 de junho de 1894.
2. Por Sebastião de Arruda da Costa Botelho. Do natural, em 1887. Existe, em Ponta Delgada, em casa do autor.
3. Por João Augusto Ribeiro. De photographia. Na Liga das Artes Graphicas do Porto.

Fechamos estes informes pela primeira vez reunidos, com os termos do nascimento e do obito do grande escritor, extrahidos fielmente dos livros a que se reportam. O ultimo, do sr. Padre Velloza, é vibrante de piedade, de candura, e de admiração pelo glorioso morto:

TERMO DO NASCIMENTO

> Anthero, filho legitimo de Fernando Quental, natural desta freguezia da Paroquial de São José desta cidade, e de sua mulher D. Anna Guilhermina de Quental, natural da Parochial Matriz de São Julião da Villa de Setubal; Reino de Portugal; neto paterno de André da Ponte de Quental e Camara e de D. Joaquina Bittencourt de Freitas: materno do Desembargador Antero José da Maia e Silva, e D. Maria Sergia de Araujo, nasceo no dia dezoito (18) do preterito mez d'Abril de mil oitocentos quarenta e dous (1842)

e foi baptisado nesta matriz de S. Sebastião, Parochial de seus Paes por mim An (*sic*) Francisco de Resende, Beneficiado Parocho della, em o dia dois do mez de Maio do dito anno; forão Padrinhos Filippe de Quental, e Maria Amalia de Maia e Mota, representada esta por procuração que apresentou André da Ponte Quental, avô do Baptisado, e esta casada com Francisco Xavier da Mota, natural de Thomar, Reino de Portugal e o Padrinho desta dita Matriz; forão testemunhas Antonio José da Luz e Jacinto José Correia, casados e serventuarios desta Matriz. E para constar exarei este termo, dia mez e era ut supra. O Beneficiado Parocho — *Antonio Ignacio de Rezende* — *Antonio José da Luz* — *Jacinto José Correia.*

TERMO DE OBITO

Da respeitabilissima cohorte de talentos robustos, que nobilitam a Patria, se desprendeu fatalmente o Doutor Anthero de Quental, poeta eximio, litterato profundo e distincto philosopho.

A noite do dia onze de Setembro do anno findo, quando o campanario pausadamente annunciava — nove horas — convidando os cultores das industrias, das artes e das sciencias ao repouso meditativo e cobrando animo para as lutas da intelligencia e do coração, foi noite tenebrosa e outono de angustias para o illustre filho da ilha de S. Miguel. A medicina, coadjuvada pelos dignos empregados do Patrimonio dos Pobres — A Sancta Casa — correu pressurosa a salval-o; mas a gelada mão da morte com toda a sua irascibilidade consummava a tremenda catastrophe, tendo apenas o eminente poeta quasi dez lustros.

Espinhosa e ardua é a missão de um pobre padre; mas é ainda mais ardua e espinhosa, quando por dever da Religião, cujo ministro é, embora indigno, se vê impellido a narrar um facto, tão lugubre.

O Dr. Anthero de Quental, era filho de Fernando de Quental e de D. Anna Guilhermina Maia de Quental. Tinha o coração sempre disposto á beneficencia e ninguem lhe sobrepujava no modo sempre affavel, que dispensava aos ricos e aos pobres. Todos os seus anhelos consistiam na felicidade de duas meninas de menor edade, filhas do Dr. Germano Vieira Meirelles, ás quaes por legado assegurou meios para decente sustentação, entregando-as a um collegio catholico e nesta terra a professoras do mais acrisolado respeito.

Genios transcendentes, como Anthero de Quental, nas horas de meditação philosophica elevam-se a Deos e á Virgem Sancta, Mãe da humanidade, proclamada no Calvario e são elles, como aves, que ascendem aos ares, voltando anciosas ao arvoredo, que embalado pela doce brisa, parece alegrar-se, recebendo os seus bellos hospedes.

Anthero de Quental, philosopho distincto e intransigente nas suas convicções; mas acatando as do proximo por ter caracter de pensador illustrado, sentia todas as verdades expostas e professadas pelos seus dignissimos ascendentes, entre os quaes resplandeceu o sabio e virtuoso P.e Bartholomeu de Quental, fundador da Congregação do Oratorio de S. Filippe Nery, á qual pertenceram Theodoro d'Almeida e Manuel Bernardes, varões apostolicos, e mui

doutos, classificados assim pela critica imparcial, emanada desde mil e seis centos e noventa e oito até aos nossos dias.

Desventurado povo, o povo, que não tem fé, disse Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna. A vida para esse povo (continua o eloquente orador) é noite, noite escura e caliginosa, sem o luzir de uma só estrella — o mundo é uma espantosa soledade — a terra um vasto tumulo e o ceu um nêgro docel, cobrindo sarcophago.

O que dulcificava a vida amargosa de Anthero de Quental, não foi a materia; mas foram as suas inspirações philosophicas. Eil-as:

Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente.

Quem sabe se o eximio poeta no ultimo e lancinante volver de olhos se dirigiu ao Creador, invocando a piedade e o perdão?

Para lenitivo do meu justo sentimento, dedicado tambem aos meus irmãos desvalidos durante vinte e dois annos na qualidade de capellão parocho, tenho a consciencia do dever e os paternaes conselhos dos ex.mos superiores, incluindo os do Mt.º Rvd.º sr. Germano José Pacheco, ancião venerando, beneficiado parocho, conego honorario da Sé d'Angra e dignissimo delegado do meu Virtuoso Antistite, o ex.mo e Rev. sr. D. Francisco Maria do Prado Lacerda.

Pela misericordia do Senhor se acalmam tempestades no immenso mar da vida e com a perseverança na Fé nas boas obras se obtem a Patria dos bemaventurados.

Seja-me licito terminar a minha humilde exposição, declarando que no campo da egualdade, depois da encommendação o representante da imprensa, Manuel Pereira de Lacerda, os drs. Aristides Moreira da Motta e Julio da Costa em phrases sentimentaes honraram a morte do illustre finado na presença de um luzido cortejo. E eu silencioso dizia: Adeus, protector da innocencia. Descança em paz.

Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente.

Perante a magestade de um tumulo, só ha lagrymas, preces e esmolas em prol dos pobresinhos e só assim se obedece á santa doutrina catholica, professada pela familia extremosa. Hospital da Cidade de Ponta Delgada, 1.º de Janeiro de 1892. — O Capellão Parocho, *Jeronymo Philomeno Vellosa.*

——— Vol. IX, pag. 232: — FILIPPE DO QUENTAL (Dr.). Bio-bibliographia.

A data da Dissertação inaugural deve ser corrigida para 1863, segundo nos observa o nosso amigo dr. Augusto Mendes Simões de Castro. A these de Filippe de Quental tem o seguinte titulo, e é dedicada á memoria de seu pae, André da Ponte:

Theses ex universa medecina selectae, quaes, praeside clarissimo et sapientissimo D. D. Antonio Joachimo Barjona primario medecinae facultatis

professore P. O., etc., etc., in Conimbricensis Gymnasio mensis Maii diebus 6 et 7 propugnanda offert Filippus do Quental — Conimbricae. Typographia Litteraria, MDCCCLXIII — 8.º 16 pag.

O Visconde Julio de Castilho relembrou estrophes de uma ode de Filippe de Quental, em honra do primeiro Visconde daquelle titulo; conhecemos diversas outras composições poeticas do excentrico filho de André da Ponte, humoristicas principalmente.

Não se encontram mencionados no *Diccionario Bibliographico:*

ANDRÉ DA PONTE DE QUENTAL DA CAMARA, que distribuiu e editou o seguinte raro opusculo, reimpresso no *Archivo dos Açores* (vol. III, pag. 486):

Aos benemeritos restauradores da liberdade e independencia da Ilha de S. Miguel no dia primeiro de março de 1821, elogio recitado na sala do Governo na pomposa e brilhante funcção dada pelo mesmo Governo, no dia 13 de maio de 1821, anniversario de Sua Magestade Fidelissima o Sr. D. João VI, composto pelo Reverendo João José do Amaral, Professor Regio de Filosofia, na Cidade de Ponta Delgada capital da Ilha de S. Miguel e Santa Maria. Mandado imprimir por A. P. Q. C. Lisboa: na Impressão de Alcobia, 1822.

Acerca de André da Ponte, v. *O Senhor A. F. de Castilho e o sr. Anthero de Quental*, por Julio de Castilho; *Vida de Bocage*, por Th. Braga; *Recordações familiares*, pelo Visconde de Faria Maia; *Nosographia* de Anthero, pelo dr. J. T. de Souza Martins.

Nas *Actas do Conselho Conservador de Lisboa*, sociedade secreta que tomou a peito a expulsão dos francezes, em 1808, apparece André da Ponte iniciado sob n.º 7, bem como na *Constituição politica da monarchia portuguesa* (1822), reprodusida na bella collecção dos *Documentos para a historia das cortes geraes da nação portuguesa*, pelo barão de S. Clemente (vol. I) o seu nome figura em quinto logar, na qualidade de deputado por S. Miguel. As *Actas do Conselho Conservador*, publicadas em volume, foram aproveitadas por Luis Augusto Rebello da Silva, *na Casa dos Fantasmas*, um dos bellos episodios da sua penna elegantissima. Preparamos um detido estudo, absolutamente novo, acerca deste homem singular e illustre, pondo em relevo «um grande numero de analogias, por vezes identidades, entre o caracter moral de Anthero e de seu avô poeta», para nos servirmos das palavras com que o dr. Souza Martins, *Nosographia de Anthero*, honrou a communicação que, sobre o assumpto, lhe fizeramos.

André da Ponte teve dois filhos, ambos de nome Bartholomeu, que morreram quando crianças. Seguiram-se:

1 Fernando, pae de Anthero, casado com D. Anna Guilhermina da Maia; 2 Maria Helena, casada com Sebastião de Arruda; 3 Isabel Maria, casada com Francisco Borges; 4 Maria Isabel, casada com Eduardo Licio; 5 Filippe; 6 Pedro (morto em creança); 7 Maria Vicencia, casada com Alexandre Calheiros.

Do pae de Anthero, diz o sr. Theophilo Braga, *Modernas Ideias*, vol. II, pag. 98, que «promovera o desenvolvimento da industria da encadernação na cidade de Ponta Delgada, tendo ido aperfeiçoar-se a Paris, donde trouxe a mais completa ferramenta, com que montou uma officina, onde se distrahia. Encadernava livros para brindar os amigos e educou alguns bons artistas, que o ajudavam como aprendizes.» Em complemento da informação do illustre professor, damos o *fac-simile* da marca que Fernando de Quental usava nos livros por elle encadernados. O pae de Anthero foi um dos sete mil e quinhentos legionarios que desembarcaram no Mindello, facto desconhecido nos trabalhos do sr. Theophilo Braga. A rogo nosso, teve a bondade de verificar o distinctissimo investigador D. José Pessanha que na Ordem do Exercito n.º 14, do anno de 1862, se acha condecorado com a medalha das Campanhas da Liberdade, algarismo n.º 4, o alferes addido á companhia de Veteranos dos Açores, Fernando do Quintal *(sic)* da Camara. A referida medalha fôra instituida por D. Pedro V, aos 16 de outubro de 1861.

F. do Quental.
Encadernou
Em S. Miguel.

ANDRÉ DA PONTE QUENTAL *(Fr.)* O unico subsidio que conhecemos para a biographia accidentada deste frade-guerrilheiro é o que se lê na carta que a seu respeito nos dirigiu Anthero. V. *In Memoriam*, Appendice de cartas. Escreveu:

Copia da Carta ao senhor José Parada da Silva. Bruges 24 de setembro de 1830. Bruges, Typ. de Felix Pachtere, 1830, 12 pag. 8.º gr. Citado no valioso *Ensaio Bibliographico, Catalogo das obras nacionaes e estrangeiras, relativas aos successos politicos de Portugal, nos annos de 1828 a 1834.* — Segunda edição correcta e augmentada, 1892. S. Miguel. Typ. do *Archivo dos Açores.* 8.º Constitue este volume mais um importante serviço prestado aos estudos historicos pelo sr. dr. Ernesto do Canto.

ANDRÉ DE QUENTAL, irmão mais velho de Anthero. Publicou grande numero de poesias, apologos principalmente. Não foram reunidas em volume.

AUGUSTO DE ARRUDA QUENTAL — Redigiu, em 1864, *O Campeador*, periodico politico e noticioso, de que foram publicados 76 numeros. Cavalheiro primorosissimo, foi por Anthero designado como um dos executores das suas ultimas vontades.

SEBASTIÃO DE ARRUDA DA COSTA BOTELHO — Irmão do precedente, e, com elle, testamenteiro do poeta. Ás suas qualidades de caracter, reune variada erudição, que patenteará no apparecimento de uma obra, quasi em via de publicação: — *Diccionario critico-historico dos appellidos portuguezes e suas origens.*

Dotado de apreciaveis faculdades artisticas, Sebastião de Arruda pintou o retrato de Anthero, que noutro lugar registramos.

Uma ou outra vez, tem, ao que supponios, publicado artigos avulsos, na imprensa periodica dos Açores.

IX) *Archivo dos Açores* — vol. I-XII — Ponta Delgada.

Nesta opulenta collecção, devida á corajosa e unica iniciativa do benemerito dr. Ernesto do Canto, encontram-se noticias mais ou menos desinvolvidas, dos seguintes membros da familia Quental:

P.e Bartholomeu de Quental (vol. I, pag. 299 e 392 (com retrato); vol. V, pag. 280; vol. III, pag. 382; vol. VII, pag. 292.)
Jeronimo de Quental (vol. I, pag. 204.)
Fernão de Quental — (1585 — vol. II, pag. 122 e 403.)
Fernão de Quental — (1526 — vol. IV, pag. 46.)
André da Ponte — (1767, vol. VI, pag. 9 e 13; 1831, vol. VI, pag. 517; 1826, vol. III, pag. 78-82; 1821, vol. III, pag. 478, 486, 488, 490; (?) vol. VIII, pag. 335; 1829, vol. X, pag. 67; vol. XII, pag. 170.)
Augusto de Arruda Quental (1864, vol. VIII, pag. 498.)
Filippe do Quental (vol. XI, pag. 414, 416.)
Anthero de Quental (vol. XI. pag. 411; vol. XII, pag. 163 e seguintes.)

Salvo algum lapso — nos escreve o sr. dr. Ernesto do Canto, a quem comettemos a elaboração do presente indece, — eis o que no *Archivo* se encontra, referente aos Quentaes.

Taes são as Notas deste imperfeito esboço, de cujo labor nos compensam o culto de um morto-immortal e a certeza de que as gerações futuras hão de a elle recorrer, como a um subsidio indispensavel para a historia litteraria do nosso tempo.

Lisboa, 1893 — Genova, 1896.

Joaquim de Araujo



CARTAS

DE

ANTHERO DE QUENTAL

Disse-se atraz que na correspondencia de Anthero de Quental estava, como n'um thesoiro intimo, toda a sua alma. Para que se avalie da justeza d'esta affirmação, e se faça uma ideia approximada do alto valor d'essa correspondencia, damos em seguida um pequeno fragmento d'ella.

O homem intimo transparece ahi crystalinamente: as cruciantes luctas do seu espirito, buscando, quasi hallucinadamente, a Verdade e a Certeza; o stoicismo da sua grande alma, sempre vencedora dos soffrimentos physicos e sempre, resignada e forte, affirmando o Bem, entre todos os males e todas as dôres; a ternura, quasi feminil, do seu coração, para quem o amor não teve limites e para quem a amisade foi uma cousa santa—tudo isso se verá, vivo e palpitante, n'esse maço de cartas que abrimos perante os leitores, justificando, para quem o não conheceu de perto, a lenda de grandeza moral que se fez em volta do seu nome e a adoração que lhe votavam os seus mais intimos amigos.

Sob outro ponto de vista, porém, essas cartas são ainda do maximo interesse.

O pensamento do philosopho, as opiniões do critico, a esthetica do poeta, as ideias do moralista — deixam-se apprehender ahi em muitas passagens, e em paginas que, escriptas *corrente calamo,* são, comtudo, verdadeiras joias de Prosa e de Estylo. Todos os grandes assumptos do nosso tempo, na Philosophia, na Arte, na Politica, na Ethica — teem, n'estas inegualaveis palestras escriptas, uma nota, um commentario, por vezes uma exposição magistral e superior.

Por esta minima e pequena amostra, extrahida d'entre a volumosa correspondencia com alguns dos seus amigos, poderão os leitores avaliar se é excessiva a importancia que damos ás cartas de Anthero e se um volume, que colleccione todas as que são publicaveis, não ficaria sendo dos mais interessantes livros do grande poeta dos Sonetos e uma das mais perfeitas stereotypações da sua alma.

A GERMANO VIEIRA MEYRELLES

I

Caro Germano.

Estou em Lisboa desde o principio do mez; mas, ignorando a tua nova morada, não podia escrever-te emquanto o A. me não desse alguma indicação a este respeito — o que só agora fez. Diz-me elle de ti que vaes passando relativamente melhor, desde que deixaste a Foz. Sempre previ isso, porque a humidade é-nos hostil a nós outros nevrosos. Cá estou eu agora, com o detestavel tempo que aqui tem durado ha quinze dias, n'um estado de irritação nervosa insupportavel: insomnias e palpitações e tremuras e não sei que mais. Entretanto o meu excellente Esculapio diz que vou melhor, e caustica-me as costas com ferro em braza, com a maior convicção. Afinal, não é tam mau como julgava; tolera-se; e, fazendo bem, mais toleravel se deve tornar. Mas como este alongamento indefinido da enfermi-

dade é tedioso e irritante! Vejo tanto trabalho bom a fazer, sinto-me capaz d'elle, preparado para elle... e não posso! Paciencia, não é assim? A paciencia (agora é que o tenho chegado a conhecer) é a chave da vida moral, a ultima palavra da sciencia da vida. Quem chegar a alcançal-a, sem ao mesmo tempo cahir na inercia e estupidez, *omne solvit punctum.*

E tu? Dize-me de ti, e recebe um abraço do teu

Do coração

Anthero.

P. S. Mando uma effigie, apesar de não gostar d'ella, por me parecer grave até á carranca.

II

Caro Germano.

Saudo o amigo! Que fazes e, sobretudo, como vaes? Estará ahi o A., que, segundo me escreveu, fazia tenção de ir brevemente ao Porto? Se está, sauda-o por mim. Eu cá estou, sempre na mesma; mas á doença impassivel opponho uma paciencia que cada vez lucta com ella com mais vantagem. Por isso estou contente. Abençoada doença, se fizer de mim o homem impassivel dos Estoicos, o Santo de Marco Aurelio. Não digo isto brincando, e para mim o livro das maximas de Epicteto é um dos livros mais serios que têm sido escriptos. Porque o não lês? Mas talvez fôra isso, infelizmente, inutil, porque não tens a Fé. A Fé não é só patrimonio do christão, ha tambem a Fé da Philosophia idealista, que pelo menos é tam boa. Mas tu és Positivista, meu pobre Germano. Pobre Philosophia essa, e fraco apoio! Quem me dera que tu pudesses *crêr!* Esta orgulhosa razão é preciso humilhal-a n'um acto de sentimento intimo: é preciso tambem chorar, e amar aquillo mesmo que nos faz chorar. Então ouve-se em nós uma voz, que não é a da razão, menos forte ou sonora, mas mais pura e sobretudo mais consoladora. Isto tenho feito e faço, e só desejo que o faças tu tambem. Pensa nisto. Se achares esta homilia muito lyrica, considera que escrevo isto ás 6 horas da manhã, começando a amanhecer, e tendo eu perdido a noite — perdida para o somno, mas aproveitada para muitos pensamentos.

Adeus, querido amigo. Dá noticias ao

teu do coração

Anthero.

III

Querido Germano.

Prende-me aqui um dever muito respeitavel, qual é acompanhar minhas irmans, que não têm mais ninguem. Sem isto, já estava ao pé de ti. Tenho ahi, ou ahi perto, os meus melhores amigos, e já não sei nem quero viver senão com elles. Não sei quando isto poderá ser. Veremos, depois da minha ida a Paris, o aspecto que apresentam as minhas coisas. No meu estado é quasi ridiculo contar com o futuro e fazer planos. Por agora, não passo peor, apesar da invernia despropositada, de que apenas começamos a emergir. Se não fossem os sobresaltos e agitações vans d'esta imaginação destemperada, que o isolamento e inercia tanto agravam, creio que apesar dos incommodos phisicos ainda este viver me seria muito toleravel. Mas, como disse o poeta: «esta imaginação é um tormento». Para me distrahir, tenho-me agora dado á leitura de romances, e releio Balzac, que é com effeito singular e unico n'um genero aliás cultivado n'este seculo por tantos homens de talento. Os romances de Balzac são uma verdadeira historia intima do nosso seculo, e tenho admirado como em certas coisas capitaes (como a influencia da bancocracia, a anarquia do livre cambio, as illusões do constitucionalismo, etc.) a sua observação despreocupada da sociedade se encontra e concorda com a critica systematica do grande Proudhon. Quanto a mim é este um dos motivos da superioridade de Balzac: emquanto que os outros romancistas apenas fazem idea das paixões humanas, Balzac conhece, alem das paixões, os interesses reaes, as *molas* positivas do mechanismo social no nosso tempo. Por isso alguns dos seus livros (como *Illusions Perdues)* são verdadeiras paginas de historia philosophica.

Adeus. O C. (M.) que chegou aqui no momento em que escrevia as ultimas linhas, te envia muito saudar, diz que deseja ir ahi dar-te um abraço, o que não pôde ainda fazer porque os encargos da sua posição de pae de familias (com dous filhos) e as suas obrigações de *homem do mundo* o teem por ora impedido.

Adeus. Dize de ti ao teu do coração

Anthero.

IV

Caro Germano.

Não estou peor, e, apesar de me custar a escrever um pouco longamente, ainda posso traçar meia duzia de linhas. Mas a monotonia d'um viver condemnado a uma quasi immobilidade produz-me

uma agitação de espirito, ou, se quizeres, de cerebro, que chego em momentos a temer dispare em loucura. Uma inquietação, um susto, uma aprehensão, um mau humor, coisas que juntas e prolongadas dão a summa d'um verdadeiro tormento. Isto ás vezes chega a um estado agudo, que de tudo me faz esquecer quanto não seja aquelle luctar comigo mesmo, com a rebeldia do organismo que se quer emancipar da razão. E' como tenho passado estes ultimos 15 dias, e ahi tens porque te deixei tanto tempo sem noticias minhas. Vão agora estas, que não são boas, mas podiam ser peores, se a estes males eu não juntasse uma fé crescente em cada dia no poder da vontade e da razão. Tenho fé em que hei-de por ellas dominar todos os phenomenos da doença, produzindo não uma cura no sentido medico, mas uma eliminação do mal para a consciencia. Sou estoico em theoria e espero chegar a sel-o na pratica. Mas vejo diante de mim ainda muito caminho que andar e caminho asperrimo. Embora! o unico grande e verdadeiro triumpho é o triumpho da liberdade. Quando penso n'isto chego até a abençoar a doença que me dá occasião para exercer a virtude por excellencia dos fortes, e se não me abandono a um tal sentimento é só por me parecer orgulho demasiado, quando é certo que a frequencia das miserias moraes me adverte da nativa fraqueza. Mas pôr os olhos n'um grande alvo não é já, n'um certo sentido, merecel-o? Não lastimes pois o teu amigo, que está talvez n'esta hora entrando no periodo mais nobre da sua vida moral. Será isto tambem illusão, como tantas theorias, tantos systemas pretenciosos? Não posso crel-o. A razão especulativa é um terreno movediço e são precarios os systemas que n'elle assentam. Mas a *razão pratica* (como diz Kant), a consciencia immediata que temos do nosso ser moral, da natureza livre e racional que em nós existe, é uma verdade de intuição, um *facto de consciencia,* é a expressão da nossa mesma realidade. Conformarmo-nos com ella é pois estar (se não na verdade do Universo) com certeza na verdade da nossa natureza.

Mas isto pedia muitos desenvolvimentos, e eu não posso mais. Será algum dia que nos vejamos e conversemos.

Adeus.

Abraça-te o teu

Anthero.

V

Meu caro Germano.

Ha muito tempo que te não dou noticias minhas. Apossa-se de mim, em certas epocas, uma inercia verdadeiramente invencivel. Lembro-me dos meus amigos todos os dias, e deixo passar mezes sem ter uma hora de resolução para lhes escrever. E' effeito da doença, e tambem d'um certo abatimento moral em que vou cahindo. Esta vida que levo, fora do mundo e de todos os interesses humanos, não é salu-

tar para o espirito. Mas, que fazer? A doença fez de mim um cenobita contra vontade. Se não fossem as boas leituras com que me entretenho algumas horas, creio que dava em idiota. Sinto-me descer gradualmente. Isto ás vezes entristece-me, mas acabo sempre por me conformar. A final, a vida reduz-se a pouco e vale pouco. Pela minha parte, dava de boa mente a minha por completa e concluida. Mas a natureza não me faz essa fineza, e o suicidio repugna a certos meus sentimentos moraes. Deixo-me pois ir vivendo, sem bem perceber por que e para que.

E tu como vaes? Imagino que mal, pelo menos de espirito, pois essa ferida é incuravel. Meu pobre Germano! irritas-te muito com os homens e as suas miserias, para poderes conseguir a Paz. A comedia humana é ao mesmo tempo uma comedia divina, por isso não nos deve merecer indignação. Os homens são ainda assim o melhor que podem ser, attenta a sua natureza... O Darwinismo é uma grande fonte de consolação philosophica!

Ainda por aqui me demoro até principios de Julho, que é quando projecto sahir para Paris. Creio pouco nos resultados da tal medicina e custa-me realmente tudo quanto é movimento e deslocação. Mas, já agora, esgotarei por uma especie de *parti pris* os recursos da arte hypocratica.

Dá-me alguma vez que possas noticias tuas e crê sempre

No teu do coração

Anthero.

A OLIVEIRA MARTINS

I

Ponta Delgada, 26 de Novembro de 1873.

Caro Amigo.

Desculpe não responder ás bellas coisas que diz na sua carta. Mas a contensão terrivel do meu pobre espirito, amarrado, acorrentado, como n'um potro, como n'uma cruz, á deducção das ideas que o trabalho do meu livro vae erguendo diante de mim (vendo abysmos d'um lado, vendo muralhas do outro) n'uma palavra, *estado de parto,* e está tudo dito, essa contensão chega em momentos a produzir em mim (que sou fraco de cerebro) uma coisa muito semelhante á imbecilidade. Com os olhos n'um ponto unico, arregalados n'um esforço violento para penetrar a forma d'uma idea que não quer sahir do vago, não vejo mais nada, e o que de tudo mais entendo é como que pelo tacto, como que ás apalpadellas. Desculpe-me pois não lhe dizer nada

da Idade-Media, nem do Herculano, nem da sua carta que (isto ainda eu entendi) tocou com o dedo na chaga moral do bom velho: o scepticismo intellectual. O que elle é, é um grande caracter e um nobre coração; não digo que não seja muito intelligente tambem; mas, catholico e romantico, intellectualmente tinha de ficar sceptico. Que lhe parece esta explicação? Os frios e seccos espiritos que fizeram a theoria do individualismo-naturalista-liberal não eram nem catholicos nem romanticos. O Herculano tem o seu quê de aleijão: aleijão significativo para a historia moral da nossa terra, e honroso até, estou em dizer, como indicando que ha em nós alguma coisa que se não póde contentar com frias theorias, *um sentimento humano* a que não satisfazem meras e desconsoladoras abstracções. Ai da philosophia que não sabe satisfazer, ao mesmo tempo, a rasão dos logicos, a alma dos poetas e o coração dos fortes! E' um fructo peco. Diz algures Michelet que o nosso seculo tambem tem a sua Escolastica, a sua lepra de *ergo* e *distinguo*. E tem. E eu, ai de mim! que bem o sinto, que tambem sou d'esses taes, tambem sou *ergoteur* e *abstracteur de quintessence,* e isto me desespera, por quanto sinto que nada d'isto me satisfaz, não satisfaz o fundo do meu espirito e não me chega ao coração! Como ha de chegar ao dos outros? Se eu não fosse mystico, já me tinha deitado a afogar, palavra d'honra; verdade é que se não fosse mystico tambem não sentia esse insaciavel desejo e esse desespero: engulia gostosamente a broa aspera das minhas abstracções como se fosse toucinho do ceu.

E V. a esperar do meu livro o que «nem Proudhon nem Vacherot fizeram»!! Olhe que me fez muito mal esta phrase e foi grande o desanimo que me causou. Por todos os deuses! não espere do meu livro coisa nenhuma ou não m'o diga, que me desalenta pensar que se espera alguma coisa! Trabalho e vejo crescer o meu trabalho diante de mim sem experimentar satisfação com elle senão em raros momentos, e esses momentos é quando não vejo o que *ali está* mas só me revejo no meu pensamento, no que entrevejo por detraz d'*aquillo,* no fundo da minha nebulosa intellectual, nebulosa em que sinto mundos, mas que não sei tirar de lá. Sabe o que me parece ás vezes? é que sinto mover-se no fundo mais intimo do meu *eu* pensante, n'aquelle fundo que já não é *eu* mas o espirito humano, uma idea immensa, toda uma Philosophia, que não é um *systema,* mas a mesma idea historica da humanidade, perseguida, entrevista, esquivada, presentida atravez de todos os systemas, de todas as religiões, de todas as revoluções... Depois trevas! Olho para as paginas em que pretendo condensar essa idea, e só encontro verbalismo, abstracções, eloquencia ás vezes, mas em tudo aquillo um não sei que de hirto, de esteril! Parece-me que tudo aquillo é imaginação ôcca, e que cada vez me afasto mais da *realidade real.*

Taes são as *obras do parto,* amigo. V. conhece-as tambem por certo: mas entre nós ha a differença que em casos *parturientes* se dá entre a mulher sã, robusta, activa, cujo parto é quasi um acto normal, e a mulher nervosa, debilitada pela imaginação, pelos sonhos refinados e febris, para quem aquelle acto natural é uma crise terrivel, uma provação violenta. Tal sou eu que puz ao serviço da grande e forte idea este meu pobre espirito, doente e apaixonado, cheio de contrastes e fraquezas, ardente e ao mesmo tempo morbido, recto e juntamente subtil, uma creação tão artificial na ordem da intelligencia

quanto o é na ordem physiologica uma condessa espiritualista e pallida do *faubourg Saint Germain.* Não franza o sobrolho, que isto já não é romantismo; isto é simplesmente critica. Nada d'isto altera ou enfraquece o *voto de obediencia* que fiz nas aras da Revolução, pondo-me todo e tal qual sou, defeitos e qualidades, força e fraqueza, ao serviço da grande idea. N'isto estou firme, e não admira, por quanto tendo chegado a entrever a Revolução na sua idealidade, deixe-me dizer, no seu mysticismo, encontrei o que o meu temperamento mystico pedia, uma religião, e agarro-me a ella com a tenacidade com que taes temperamentos se abraçam ao que lhes é intimamente adequado. Tomei a Cruz e hei de morrer debaixo d'ella ou em cima d'ella, mas sem a largar.

Estranha disposição, dirá V., para escrever sobre o «Cosmos e a Evolução»! Mas isto é um desabafo, e eu não ponho lá d'estas coisas. Aquillo vae no tom em que deve ir: tão sereno no estylo e no methodo tão scientifico, quanto o comporta o temperamento particular da sciencia metaphysica. Não é isso o que me afflige: é a coisa em si, porque, francamente, não me satisfaz. Lembra-se d'aquelle dito de Heine, que um allemão, quando discute, só metade do seu espirito sustenta o que elle sustenta, emquanto a outra metade está com o adversario? Pois succede-me coisa parecida. Desde que chego a definir a minha idea, boa metade do meu espirito se vira logo contra ella. Ha de convir que não é boa disposição para escrever livros. Entretanto esperemos sempre alguma coisa de melhor... e *go ahead!*

Fez-me bem escrever estas *lastimas;* sinto-me mais desafogado. E não é V. para mim um confessor *in Ecclesia Revolutionis?..*

Entretanto guardo o muito que tenho a dizer-lhe sobre Transcendencia, Christianismo, Idade-Media, etc., etc., para quando estivermos em Lisboa. Eu tambem tenho pensado bastante sobre esses pontos, e creio ter chegado a algumas ideas precisas e bem encadeadas. Requeiro porem alguns annos de estudo e reflexão para lhes dar desenvolvimento e segurança. A' vista lhe exporei o encadeamento das mesmas, coisa que não cabe, nem mesmo apenas indicada, no meu livro, mas que poderá de futuro ser assumpto d'um outro, muito mais serio. As suas ultimas cartas sobre o assumpto deram-me um antegosto do muito que vou aproveitar, discutindo-o com V. As suas ideas quadram-me em muitos pontos, n'outros porem estou cada vez mais distante de V. Estou curioso por ver o que vae sahir das nossas discussões sobre um assumpto que eu considero um dos maiores não só em Philosophia da historia, mas em Philosophia pura. V. verá o *porque* d'esta ultima affirmação.

Veja V. se me alcança o Haeckel, pois que devendo eu ter terminado, ao tempo em que o receber, o meu capitulo da Evolução (que já tenho todo *instrumentado* e em parte redigido), bom será ver o que diz o allemão para rectificar algum ponto ou acrescentar alguma idea que a leitura me suggerir. A minha doutrina da Evolução é extremamente simples e logica e funda-se toda n'uma unica idea metaphysica, o *devenir:* d'ahi vou dedusindo certas leis culminantes, que definem a Evolução, considerando o Cosmos que nós conhecemos e a sua Evolução tal como a sciencia a tem explicado, como um mero *exemplo,* um exemplar entre milhões de biliões (até ao infinito) onde se revelam as leis fundamentaes do *devenir.* Isto assim dito é o mesmo que nada, mas creio que a leitura do meu capitulo merecerá a sua

approvação. O publico é que é de crer que fique a ver navios com o *devenir* e provavelmente com tudo o mais. Mas ha coisas em que se não póde ser *popular* nem pittoresco, por muito que se queira. O que tenho feito é entremear as deducções metaphysicas e *outras* com certas paginas de *eloquencia,* em que infiltro o sentimento das ideas expostas, seguindo n'isto o processo do Mestre no livro da *Justiça.* Mas, *não antecipemos,* como dizem os romances: V. verá e julgará.
Adeus.

Seu do coração

Anthero.

II

Ponta Delgada, 3 de Junho
de 1876.

Querido Amigo.

Não lhe escrevi logo que aqui cheguei e pelo paquete que me trouxe, por esta minha difficuldade em fazer seja o que fôr dentro d'um praso fixo. Agora, porem, que tenho diante de mim tempo indeterminado, escrevo-lhe para lhe dizer que cá estou e não peor do que me achava em Lisboa, ainda que não melhor tambem — mas pode ser que ainda não seja tarde para que a mudança de clima opere favoravelmente. O que tenho estado é triste bastante n'esta casa onde vim ao mundo não sei para que — pensamento pouco religioso, bem sei, e contra que reajo, mas que a final se me impõe em certas occasiões. E' uma fraqueza, que ha de passar; e sendo assim e n'estes limites, a sensibilidade (ou *sensiblerie?)* tem tambem a sua utilidade na economia moral do homem.

Aqui me vou occupando, como planeára, com certas questões metaphysicas, mas entro a conhecer que estas questões não são d'aquellas que se resolvem de empreitada, e que o melhor methodo será ainda deixal-as entregues a uma ruminação lenta e quasi insentida do pensamento. Pelo menos para mim, se algum methodo tem de me aproveitar, creio será este de preferencia a qualquer outro. Terrivel metaphysica! E' o nosso equuleo, escreveu-me V. uma vez. E é. Mas, como é ella a essencia da religião, tem cada qual, n'estas epocas crueis em que a grande crença collectiva se dissolve, de a procurar sósinho com o suor do seu rosto e a anciedade do seu coração, para conseguir uma especie de religião individual, que no fim de contas nunca pode equivaler em firmeza, confiança, serenidade, áquella ampla communhão espiritual, idea-sentimento em que a fraqueza do individuo se ampara na potencia da collectividade. Por este pouco que digo, já V. tem entendido que abundo no modo de ver do Hartmann, em quanto ao futuro da religião. A maneira, porem, por que elle define a religião, não me satisfaz; é deficiente e parece deixar margem ao maravilhoso, pelo menos ao imaginoso. Tenho, n'estes ultimos tempos, scismado

bastante em volta d'isto, e creio ter chegado a conclusões definitivas sobre a natureza racional e sentimental (consciente e inconsciente, como diz Hartmann) e individual e collectiva da religião, conclusões que V. apreciará na primeira occasião em que fallarmos — se antes d'isso não tiver ensejo de lh'as pôr por escripta.

E V. que tem colhido da leitura da *Historia da Egreja?* Bastante, sem duvida, porque é leitura essa *suggestiva* (como dizem os inglezes) mais do que duzias de philosophos. O grande philosopho é a Humanidade e d'esse grande philosopho o melhor e maior systema (por ora) é o Christianismo catholico. Ha ali abysmos de genio, uma visão prodigiosa dos mais largos horisontes ideaes, e ao lado d'isto um senso pratico, uma prudencia admiravel, um profundo sentimento da estranha combinação de grandeza e miseria que é a natureza humana, de tal sorte que quem não conhece e comprehende o Christianismo, não pode dizer que conhece e comprehende a Humanidade. Está V. por isto? muito desejo sabel-o.

Esta minha admiração não impede, já se vê, de reconhecer o lado fraco do Christianismo, a lacuna, que, estabelecendo uma contradicção fundamental, devia produzir, com o andar do tempo, a sua perversão e final dissolução. Essa lacuna é a ignorancia da natureza. Incomparavel como religião metaphysica e moral, está abaixo, como comprehensão das condições positivas da realidade, do proprio Polytheismo. A razão d'este phenomeno, que é talvez exclusivamente historico, conhece-a V. perfeitamente. Se uma religião não é mais do que a synthese collectiva da concepção do Universo n'uma dada epoca, cada religião deve reflectir fielmente o grau de desenvolvimento d'essa concepção, com o ponto de vista determinado pela tendencia geral e os conhecimentos da epoca, as suas lacunas, o seu forte e o seu fraco. Ora a epoca em que se formou o Christianismo é caracterisada por uma extraordinaria preoccupação pelos problemas metaphysicos e moraes, por um desenvolvimento excessivo e quasi monstruoso n'este sentido, emquanto o conhecimento positivo da natureza (apesar de estarem formadas ou em via de formação quatro ou cinco sciencias, mas que só davam vistas parciaes e insufficientes) não só não entrava de modo algum na preoccupação geral dos espiritos, mas até era por ella contrariado. A religião que devia sahir d'este estado de coisas vinha pois fadada a uma desharmonia, um desequilibrio irremediavel. Forte e profunda, como concepção metaphysica e moral da existencia humana, falsa, inconsistente ou quasi nulla como concepção das condições naturaes, fóra das quaes a metaphysica e a moral só produzem sonhos, por muito sublimes que sejam, e no fim de certo tempo, perversão e abatimento. Quer-me parecer que, sem se fazer esta distincção, não é possivel comprehender a historia do Christianismo, historia dominada por esta contradicção: hostilisado pela razão, pela sciencia, pelos instinctos, por todas as coisas naturaes, e ao mesmo tempo oppondo-se triumphantemente a tudo isto, impondo-se e justificando-se por uma efficacia espiritual tão extraordinaria, que é ella para os apologistas uma das maiores provas da inspiração e origem divina do Christianismo. Creio que a obra d'estes seculos mais proximos será, não destruir o Christianismo (quero dizer, o espirito christão, o ponto de vista de transcendencia metaphysica e moral) mas completal-o com a sciencia da realidade. A religião do futuro, de que nos falla Hartmann, não pode ser outra, e não julgo necessario ir procurar o

Buddhismo, quando o que n'elle ha de melhor se encontra no Christianismo e com uma forma sentimental mais pura, mais humana.

Estabelecer em que termos normaes se deve ser mystico, dentro da realidade, d'accordo com ella e considerando-a como um meio, um instrumento adequado para essa ascensão espiritual, tal é, meu querido amigo, a grande coisa, a obra da nova *redempção*. Fóra d'isto só vejo um novo paganismo, uma nova e monstruosa superstição, culto do Grande Todo, culto da Humanidade, e outros *cultos*, que, sob forma refinada, reflectida, civilisada, são uma volta á bestialidade primitiva d'onde partiu a nossa especie.

Adeus, carissimo. Receba um abraço do seu amigo e *frater*

Anthero.

III

Novembro de 1876.

Meu querido Amigo.

Acabo de receber um dos maiores golpes que podia receber. Morreu minha mãe. V. sabe o que é ser philosopho, mas sabe tambem o que é ser filho. Diga-me duas palavras das suas, fortes e boas. Eu sei o que ha a dizer a mim mesmo, mas far-me-á bem que m'o diga V. Eu estou muito sereno e conformado e applicando á minha situação os dogmas da nossa commum religião. Mas isto não impede que esteja triste — e estando triste, de quem me hei-de lembrar senão de V., maximamente depois que já não existe minha mãe?

Receba um abraço do seu amigo e irmão

Anthero.

IV

Paris, 23 d'Agosto
de 1877.

Meu caro Amigo.

Não lhe posso dizer que esteja melhor. A influencia d'este tratamento, se não é nulla, é pelo menos inapreciavel. Entretanto *passo* melhor sensivelmente, porque durmo d'uma maneira regular (o que é devido ás condições da casa) e me vejo obrigado a uma certa actividade. Tenho percebido que estas duas condições são capitaes para mim, e que com ellas, embora a minha *saude* não melhore, o meu estado se torna muito mais toleravel. O problema é poder realisar isto como norma. Preciso absolutamente, para não me tornar para todo o

sempre o homem morto d'este inverno passado, quebrar com os habitos de inercia e más condições domesticas em que tenho vivido ha annos. Veremos como resolvo isto, em voltando para Portugal, e conto com V. para me estimular, e obrigar até, a organisar o meu futuro viver d'uma maneira racional — pois sinto que se o não conseguir fazer, me irei annullando cada vez mais. O resultado da experiencia que aqui vou fazendo é que a medicina não me pode restituir a saude, mas que a prudencia e a boa vontade, se eu conseguir persistir n'ellas, podem estabelecer-me em condições, que sem cessarem de ser anormaes, sejam *philosophicamente* aceitaveis. Veja se me ajuda n'este proposito, não só com o seu prudente conselho, mas com a sua vontade, a sua *autoridade* — como um *bom tyranno!*.. Alem das idas a Paris, que a commodidade do caminho de ferro ao pé da porta me facilita, tenho feito varias excursões pelos arredores famosos da grande cidade. Fui a Sevres, onde o espectaculo de vasos de barro de dez, doze e quinze mil francos, de serviços de chá de igual preço, me produziu uma impressão de lastima e tristeza, que V. bem aprecia. O peor é que aquillo nem sequer é bello; é opulento e elegante, mas a verdadeira invenção e verdadeira belleza só se encontram nos typos antigos, que servem de modelos para a imitação contemporanea. Sahi d'aquella, casa onde se guardam *thesouros* no valor de muitos milhões, com um formal ataque de tedio que tive de dissimular para não dar escandalo ao meu companheiro, um *gentilhomme campagnard,* grande sceptico em politica, em religião, em philosophia e sciencia, mas grande crente em *biscuit* e porcelana — bom typo das taes *classes dirigeantes,* que tanto se apregoam agora. Fui tambem a Versailles, que é uma monumental mediocridade: grave, nobre, correcto, no fundo sem sabor, como o grande rei e o grande seculo que o viu *poser*. Entretanto gostei de estar ali, porque a minha impressão me confirmou plenamente as apreciações de Michelet e Taine sobre aquella epoca famosa. A cabelleira do *roi soleil* apparece ali por toda a parte, em bronze, em marmore, em jaspe, em tela, como um symbolo da mediocridade pretenciosa do typo social da monarchia catholica. Que differença entre aquella correcção, apenas esthetica, e a magestade d'um arco de triumpho romano, onde vive a inspiração d'um verdadeiro povo! V. verá para o anno e penso que a sua impressão ha de concordar com a minha.

Tenho lido o ultimo volume de Renan, *Les Évangiles,* e considerando mais attentamente, dou-lhe razão a V. no que me dizia este inverno: que a obra de Renan não é uma verdadeira historia das origens do Christianismo, mas apenas uma serie de biographias e quadros historicos de detalhe. E' porem mister reconhecer que, n'estes limites, é uma obra admiravel. Este volume tem, como os anteriores, alguns capitulos de historia geral perfeitamente *réussis.* No meio d'isto, muitas apreciações singulares, filhas da maneira por que o Renan comprehende a historia, a politica e a religião. Desconfio pelo que me disse o Saragga, que o ultimo volume, *L'Église,* que deve sahir breve, será o mais interessante de todos para nós e para quem tiver a nossa maneira de ver sobre o objecto. E' consagrado ao grande movimento, todo greco-oriental, do segundo seculo, a invasão da metaphysica na lenda, o gnosticismo e a formação do dogma e da hierarchia. Será este, provavelmente, o volume em que o autor realise mais cabalmente o titulo da obra — *Origens do Christianismo.* — O Renan

está fora de Paris e por isso ainda o não visitei. Mas creio que estará de volta em principios de Outubro e conto então procural-o. Estive hontem com Fernandez de los Rios e Salmeron. Fernandez conhece V. e sabe o que vale. Salmeron pareceu-me outra casta de homem e deixou-me a melhor impressão como individuo e como intelligencia. Fallamos metaphysica, philosophia e historia religiosa durante boas tres horas. O homem sabe o nome aos bois e encontrei n'elle o que ainda não encontrára em nenhum hespanhol: espirito critico. Entretanto no que diz respeito ao Christianismo achei-o d'um radicalismo intratavel, desconhecendo o alto valor social e moral do Catholicismo, e partilhando ao mesmo tempo os preconceitos allemães sobre a influencia e valor da Reforma. Em summa, gostei do homem e conto vel-o mais alguma vez.

Saberá que as eleições aqui se vão fazer (sobre tudo nos campos) ao grito: *à bas le gouvernement des curés!* Na actual lucta o que sobresae é o lado politico e religioso, e não o social. D'aqui resulta que muita gente, que tomaria partido pela reacção, se a questão se pozesse no terreno social, toma actualmente partido pela Republica. O capital, n'este momento, é republicano. O triumpho dos radicaes (que acabaram por absorver o centro esquerdo) é certo. A reacção collocou-se n'uma attitude ao mesmo tempo irritante e precaria, de sorte que põe todos contra si, sem ter força para dar um golpe d'Estado. Os reaccionarios parecem-me gente tomada de vertigem e que joga *le dernier enjeu*. Não imagina o *gâchis*, a confusão e a inhabilidade, que reinam no campo conservador. A colligação é formada por cinco partidos rivaes, sem fallar nas *nuances*, que são incontaveis: por exemplo, só no bonapartismo ha tres grupos, que se combatem entre si, ao mesmo tempo que combatem os republicanos, e com não menor acrimonia. Bonapartistas, legitimistas, clericaes, orleanistas, macmahonianos (tambem ha d'isto!) dizem-se as ultimas todas as manhãs nos seus jornaes. Ao mesmo tempo os republicanos, que, dado o triumpho, não poderão passar dous ou tres annos sem se desunirem e combaterem, apresentam em face do inimigo commum um *ensemble* verdadeiramente formidavel, e a sua audacia e confiança crescem de dia para dia. Não sei o que o futuro traz no ventre: mas o triumpho da Republica é certo, na actual crise. Depois... mas quem pode prever? Quem sabe o que será a Republica dos radicaes? *Autant de questions, autant de problèmes.*

Adeus.

Do seu do coração

Anthero.

V

Villa do Conde 25 ..?
1889.

Meu caro Amigo.

Tudo quanto se passa *intra* e *extra-muros*, produz-me um tal desgosto, mas um desgosto mudo e soturno, que ando ha tempos

como que embuchado. Não repare pois em não ter tido cartas minhas. Não tenho que dizer ou vontade e estimulo para dizer seja o que fôr, e quizera até não pensar. Ha mais de oito dias que não abro um livro.

N'outro tempo desesperava-me, e o desespero, agora o reconheço, era um alimento para o meu espirito; vivia d'isso. Mas agora, que já me não posso desesperar, sinto um vacuo. Tenho até medo de me aborrecer, coisa que d'antes nunca me succedia, mas que começo actualmente a achar possivel. Pois que mundo este! e em que atoleiro cahiu esta pobre Europa! Foi para isto que combateram os heroes e padeceram os martyres e os sabios vigilaram, para dar tudo n'este rebanho de porcos, guardado por algumas raposas tinhosas! Miseraveis raposas: pois ainda ha uma certa consolação em se ser devorado por tigres e até por lobos, mas o bicho fedorento, manhoso e cobarde causa nojo: e todavia é esse bicho que triumpha e triumphará! Aqui tem, em poucas palavras, o desgosto que me roe, e como disse, me entupe. Que fazer a isto, e como viver no meio d'isto, ou, pelo menos, com isto diante dos olhos? O Buddhismo é uma bella coisa: mas a sua efficacia, como a de todas as religiões ou coisas analogas ás religiões, só se evidenceia na collectividade. Uma sociedade de buddhistas deve ser um paraiso. Mas um buddhista isolado é um pobre homem, a quem a sua transcendente sapiencia só serve para bocejar. Ora vamos bocejando transcendentalmente!

Adeus. E até outro dia em que me sinta mais bem humorado, pois bem sei que isto que acabo de dizer não é a verdadeira sabedoria. Mas um systema é um systema, e os nossos sentimentos são a nossa pessoa toda inteira. V. percebe bem isto.

Do seu do coração

Anthero de Q.

VI

Villa do Conde 9 ..?
1890.

Caro Amigo.

Não me resolvo a ir a Lisboa, apesar de bastante o desejar, pelo grande receio dos ruidos, pois continúo com excessiva sensibilidade cerebral, e só no meio do maior socego consigo dormir. Ora dormir é coisa essencial para mim. Esta idea de Rua de Serpa Pinto e de segundo andar (o que implica primeiro e terceiro e por conseguinte um numero assustador de cadeiras arrastadas, de pés nocturnos e matutinos, de pianos martyrisados e martyrisadores) desanima-me completamente. Iria de preferencia para casa do C... M..., mas sou um hospede singular, e conhecendo isto, só estou á vontade com gente que já está acostumada á minha excentrica personalidade e modo de viver; e, no meu estado de espirito, pequenas preoccupa-

ções chegam a ser verdadeiro tormento. Por tudo isto, nada resolvo por ora, á espera de occasião em que me ache melhor e possa arriscar o meu destemperado cerebro aos ruidos da capital.

Não me agradou o livro do Nordau. Tantas illusões, tanto optimismo e tão pouco espirito critico, em sujeito que se apresenta como o representante da razão *scientifica,* em face das *mentiras* da sociedade actual, chegaram a irritar-me. De resto, parece-me homem muito moço, e n'esse caso tem alguma desculpa; mas sempre queria dizer ao snr. Nordau, para seu ensino, que não está tudo em se saber *scientificamente* que uma coisa é erronea, para se condemnar e sobre tudo para se affirmar que pode ser substituida. Para isso era necessario que a mola real do homem e da sociedade fosse a razão theorica, e a sua preoccupação principal a verdade. Mas a verdade humana não é a verdade scientifica. Os *scientificos* não são capazes de comprehender isto, exactamente como os *ideologos* do seculo passado (com quem se parecem muito e julgo que para peor); e como o proprio de taes espiritos estreitos e systematicos é a presumpção e o optimismo atrevido, a sua influencia será ainda mais nociva do que a dos ideologos, que ao menos partiam de principios psychologicos. Decididamente a intelligencia humana é fraca e acanhada de mais para poder comprehender, dominar e governar coisa tão complexa como é o homem. O instincto, a final, valia muito mais para esse fim. Infelizmente, o periodo do instincto passou, e é n'isso justamente que está a crise: substituir, na direcção das coisas humanas, o instincto, que era sufficiente, pela intelligencia que parece insufficientissima. Não vejo sahida a este becco escuro.

Do seu do coração

Anthero de Q.

VII

Villa do Conde 26 ..?
1890.

Caro Amigo.

Já tinha saudades e quasi fome de letras suas. V. dirá que a culpa é minha. Mas desde que para aqui voltei tenho estado occupado a escrever, occupação que, quando para ahi me dá, me absorve, e sobre tudo, depois da tarefa diaria, me faz aborrecer papel e penna. Para mostrar o meu affecto ao nosso Queiroz, comecei a escrever com destino á Revista, um artigo sobre as tendencias geraes da Philosophia na actualidade, coisa summaria; mas o assumpto apossou-se de mim, passou a ser quasi outra coisa o trabalho e no fim de tres mezes acho-me tendo produzido um estudo, que na Revista dará tres ou quatro artigos, e que depois, ampliado, será um livro. Ficou reservada muita coisa que naturalmente não cabe em artigos da Revista. Escuso dizer-lhe que não é a *minha philosophia,* aquella que V. *sabe*

que eu tenho, com o seu methodo e theorias particulares. Essa, infelizmente, desisto de a expôr, porque está acima das minhas forças o fazel-o, e depois ninguem me entenderia. Mas, em summa, são as minhas ideas, sómente expostas por um methodo impessoal, pondo de parte as minhas vistas originaes e processo proprio dialectico, e apresentadas simplesmente como induzidas da evolução do pensamento moderno e mais especialmente das tendencias philosophicas dos ultimos oitenta annos. De sorte que, amigo, ainda depois de publicar um livro de philosophia ficarei sempre um philosopho inedito. Espero que V. encontre no meu estudo algumas paginas que lhe agradem. Em todo o caso, peço-lhe que o leia com attenção, para me indicar lacunas, contradicções, e o mais que parecer bem ser reformado, esclarecido ou desenvolvido para a forma definitiva do livro. Os artigos começarão a sahir em Fevereiro, provavelmente. Estou agora passando a limpo. Esta occupação tem-me feito bem, de sorte que talvez continúe, considerando sobretudo que é o unico lado por onde posso ser prestavel. V. é homem d'acção e o terramoto que se aproxima abre-lhe horisontes e promette-lhe um theatro digno da sua actividade. A mim não me repugna a acção, pelo contrario, creio até que é o que está no fundo do meu temperamento, mas acção muito outra, e tal que hoje não tem logar, nem occasião para se exercer. No seculo xvi teria sido homem d'acção, ou com os homens da espada ou com os da cruz; n'outros seculos tambem, d'outros modos. Mas hoje sinto-me como fóra do meu meio natural, e a minha retracção é ao mesmo tempo instinctiva e reflectida. Quando a gente chega aos 48 annos, tem obrigação de saber para que serve e para que não, e não ir atraz de phantasias. A verdade é que, para o que ha a fazer e se pode fazer na sociedade actual, sou d'uma absoluta inhabilidade, um verdadeiro incapaz. Se alguma influencia posso exercer sobre os homens, é só de longe e pela idea pura. Comprehendo bem que V., sentindo-se tão isolado, anceie por um companheiro e o que me diz na sua carta sobre a necessidade de eu *voltar á superficie* exprime bem esse sentimento. E eu sel-o-ia — com que vontade e gosto, escuso dizel-o — esse seu companheiro de lucta, se me não conhecesse completamente incapaz para aquillo de que se trata. Tenho pois de me conservar no meu papel, quero dizer na logica do meu caracter e das minhas aptidões. Serei simplesmente para V., como até aqui, amigo, confidente e critico encartado. De resto, quem sabe o que virá? Não recuarei diante de coisa alguma, senão só d'aquillo que repugnar á logica e harmonia do meu ser. «The right man in the right place».

Fez-me exactamente a mesma impressão que a V. a revolução brazileira e, quanto a mim, é a extravagancia dos cariocas (se não vier antes alguma grande complicação europea, o que é pouco provavel) que ha de dar o empurrão no pobre velho Portugalorio. Pobre Portugalorio! Já me passou o azedume de outros tempos, e agora, considerando o que espera esta pobre gente, que a final é tão boa gente, sinto dôr verdadeira. Mas o homem só aprende á sua custa — *et voilà*. E adeus. Já está no prelo a segunda edição dos *Sonetos*. Leva um appendice de traducções que é quasi uma Biblia polyglotta.

Do coração

Anthero de Q.

VIII

Ponta Delgada, 29 de Agosto
de 1891.

Meu caro Amigo.

Depois d'uma melhora que me illudiu -- e o grande desejo que tinha de não desistir d'uma resolução e programma final de vida, unico satisfactorio, concorreu talvez para me eu querer illudir sobre o valor de taes melhoras — tenho peorado consideravelmente e resolvo-me a voltar para o Continente, para ahi me fixar com minha irmã, em Lisboa. Conto partir d'aqui no *Açor*, a 18 de Setembro. E' um desgosto e transtorno de cujo abalo não sei se poderei jamais restabelecer-me. A sorte das raparigas tambem me preoccupa immenso. Ellas não podem ir comnosco, porque o estado de minha irmã não lhe permitte occupar-se da sua direcção. E depois terá ella saude e vida? e eu? Seria grande imprudencia. Achei aqui uma familia pobre e honesta, mãe e duas filhas, que vivem do seu trabalho e que medeante uma pequena mezada as recebem em sua companhia, para lhes darem a educação caseira indispensavel, até que o tempo e as circumstancias aconselhem o que se haverá de fazer. Procurava o definitivo, e a final ainda aggravei o instavel e provisorio, que tanto me assustava. Paciencia. Fui talvez imprudente, contei demais com as minhas forças, seduziu-me a idea de, depois de tantos annos d'excentricidade, acabar como toda a gente. Mas vejo que a excentricidade tinha de ser definitiva, submetto-me a ella, ainda aggravada agora por mil cuidados. Peço á minha razão que communique aos meus nervos o estoicismo que ella tem, mas de que elles não parecem susceptiveis. Ao menos estarei ao pé de V. e será grande consolação.

Adeus.

Do seu do coração

Anthero.

A JOAQUIM DE ARAUJO

I

Lisboa, 3 de Novembro
de 1880.

Meu caro Joaquim.

. . . .

Peço-lhe que me traga (se vem cedo) ou envie pelo correio (se ainda se demora) as Poesias dos brazileiros Alvares de Azevedo e Castro Alves, se as tem, como suppõe o Fortunato. E'-me indispensavel introduzir os brazileiros no livrinho, o que faço tanto mais gostosamente

quanto realmente acho entre elles verdadeiros poetas. Junqueira Freire é de primeira ordem, um verdadeiro poeta. Ha ainda outros não somenos. Mas tem-me custado a encontrar aqui os livros d'elles. Agora só me faltam esses dois que lhe peço e não ha maneira de os encontrar por cá. Se V. não conhece Junqueira Freire, hei de dar-lh'o a ler quando vier. Era frade, frade por desgosto amoroso, e morreu aos 24 annos! Se não morre, seria dos primeiros do seculo, que lhe sinto no que deixou elementos para isso. — O que noto, em geral, nos brazileiros, é que não são *poetas litteratos,* mas verdadeiros apaixonados, arrastados por um fluxo intimo de sentimentos. Por isso são vivos, ainda quando imperfeitos como artistas, como são quasi todos. Mas ha n'elles uma sinceridade de inspiração, uma verdade e frescura, uma graça natural de expressão, que me encantam. Pena é que se vão já *alitteratando* e fazendo senis como os do velho mundo. E' o que noto nos mais recentes.

Adeus.

Q.

II

Villa do Conde, 23 de Dezembro
de 1882.

Meu caro Joaquim.

Ando ha bastantes dias para lhe escrever, mas o frio põe-me em estado que o mais pequeno esforço se me torna difficillimo, e escrever é sempre para mim cousa de esforço. Agora mesmo, aproveitando um momento de coragem, tomo a penna só para lhe dizer que sou sempre seu amigo e do mesmo feitio. V. attribuiu a frieza o que em mim é simplesmente o resultado d'um certo abatimento de espirito, que com os 40 annos se tem pronunciado, arrefecimento da imaginação, que já me não mostra, como mostrava o mundo atravez d'um kaleidoscopo, cujas imagens ora me attraiam vivamente, ora com a mesma vivacidade repelliam, e dando por conseguinte ao meu modo de ser uma animação particular. Hoje, fóra das cousas moraes e do ponto de vista moral, tudo me parece egualmente curioso e egualmente indifferente. Naturalmente a minha attitude, as minhas conversas revelam este estado; mas V., com a susceptibilidade d'uma fina amizade, tomou para si o que é em mim simplesmente ordinario e faço com todos. Em vez de suppôr que sou menos seu amigo, diga simplesmente que me tenho tornado bastante mono, que essa é a verdade.

....

Não comprehendo bem o seu projecto migratorio que, de mais a mais, se não coaduna com outras cousas que diz para traz. Sobre isto e outros pontos, fallaremos no Porto, onde irei estar uns dias no principio do anno novo. Bem sabe quanto me custa escrever.

E adeus. Oxalá seu Pae tenha alguns alivios. Mas V. deve acostumar-se á idea de que o não pode já ter por muito tempo. Ainda que ha uma certa crueldade em lhe dizer isto, quero dizer-lh'o, porque as grandes cousas da vida e da morte devem encarar-se virilmente. Assim, ponha-me alto o pensamento e a coragem.

Do seu do coração

Anthero de Quental.

III

Villa do Conde, 4 de Março
de 1884.

Meu pobre Joaquim.

Que serie de calamidades tem caido sobre V.! Receio até que não tenha a energia moral bastante para sobrenadar na tormenta, e este receio augmenta ainda o meu desgosto. O que lhe dizia ha mezes, grito-lh'o novamente e com mais força: *seja homem!* O essencial da vida não é a felicidade, mas a virtude: se se compenetrar d'isto, será forte — e essa força, que vem da virtude, lhe dará serenidade.

Lembro-me com grande sympathia de sua pobre Mãe! Quem a poderá consolar? Só um filho. Lembre-se d'isto. O botão de cera guardei-o com as minhas reliquias. Hei de conserval-o sempre.

Projectava ir ao Porto brevemente. Vou ver se apresso ainda a minha ida.

Receba um abraço do

Seu muito amigo

Anthero de Q.

IV

Villa do Conde, 11 de Outubro
(1884 ou 85 ?)

Meu caro Joaquim.

Emquanto durou o bom tempo, andei continuamente por esses campos e praias, com a minha gente pequena, e como a resposta á sua carta não me parecesse urgente, deixei-a para depois.

A idea da Liga litt. hispano-portugueza é sympathica. Entretanto, o seu alcance não se me affigura, como elles lá dizem, transcendental. O Iberismo não se ha de realisar nem pela sympathia mutua, nem pelo convencimento, mas pela força e necessidade das cousas. Os portuguezes hão de ser sempre refractarios a tal idea e os hespanhoes não precisam do conhecimento da litteratura portugueza para a abraçarem (a idea) como abraçaram ha muito. Mas, como *quod abundat non nocet,* vale sempre e acho-a sympathica, e já terá valido a pena se der este resultado de, pelo conhecimento dos nossos escritos e das nossas cousas, os hespanhoes se convencerem de que em Portugal já não ha litteratura e politica nacionaes, como elles ainda imaginam, pois é essa uma das fraquezas d'elles, tomarem-nos a serio ainda. Quanto a mim, se a Liga for por diante, será esse o seu unico resultado pratico e que não deixará de ter importancia e alcance para o futuro. Quanto ao lado puramente litterario, que é o lado em todo o caso mais pequeno, labora em erro o Alas, no seu artigo, quando prevê uma influencia reciproca e uma mutua penetração das duas litteraturas, consequente ao conhecerem-se bem. E' erro, porque as litteraturas influem

umas sobre as outras em rasão directa das dessemelhanças e não das semelhanças. E' a grande lei dos contrastes. — Tudo isto digo eu, exprimindo um juizo critico sobre a idea, apenas, e não para o dissuadir d'ella, pois como já disse acho que ella pode dar um resultado importante, embora não seja esse o que se busca e se prevê exactamente.

O Alas parece-me um moço sympathico; vou mandar-lhe um exemplar dos meus *Sonetos,* como expressão d'essa sympathia.

De mim, nada lhe digo. A minha vida corre sem incidentes, quer internos, quer externos. Tenho envelhecido voluntariamente, o que é uma grande cousa. V. fala-me em desillusões. Dôa-se, como é natural, mas não as maldiga. As desillusões são a sabedoria que vem ter comnosco, disfarçada em carrasco. Mais tarde é que se conhece isso. Assim pois, coragem.

E adeus. Como mostra interesse pelo Jorge [1], vou pedir-lhe um favor para elle, e é emprestar-lhe, sendo possivel, umas «Mil e uma noites» que eu já vi na estante ou bibliotheca que está no escriptorio de seu pae. O pequeno, que nunca se separou da mãe, anda-me muito triste de saudoso: Faço o possivel para o distrahir, entre outras cousas dando-lhe a ler contos, mas só possuo o volume do A. Coelho e o do Junqueiro. Tudo isso já elle leu duas ou tres vezes. Lembraram-me agora as taes «Mil e uma noites». Se V. as poder dispensar por uns mezes, emquanto o pequeno cá está, faz-me favor. Mande-as para casa do O. Martins, para me serem remettidas, que é quanto basta. Veja lá, não se esqueça d'isto:

E adeus.

Do seu do coração

Anthero de Q.

Já que estou em maré de pedir livros, torno a lembrar-lhe o *Marco Polo.*

V

Ponta Delgada, 3o de Julho
(1891)

Meu caro Joaquim.

Começo a acreditar que não andei bem avisado em vir estabelecer-me em S. Miguel. Cada vez me vou sentindo mais incompativel com estes ares doentios, que o Charcot tanto me condemnava, e que com effeito me torturam, atacando-me sem descanço os centros nervosos. A atmosphera é de uma irregularidade pasmosa! Decididamente, é ponto assente que já não posso aclimar-me por estas paragens, que tanto encantaram a minha primeira mocidade. Que fazer, porém? Para

[1] Jorge de Quental, sobrinho do poeta e criança de cerca de 8 annos á data d'esta carta.

voltar ao continente, com residencia fixa, forçoso é que me separe das pequenas. Vivendo aqui, mesmo quando as não tenha em minha companhia, vejo-as e falo-lhes, sempre que ellas ou eu desejarmos. Do que em definitivo resolver, o instruirei proximamente.

Folgo com o seu estado de saude e agradam-me as disposições em que se encontra. O caso, que passou, pertence á historia, a grande mestra dos sãos ensinamentos. V. tem um fundo infantil e confiante, que sempre me prendeu muito a si. E' bom, porém, que estas lições lhe vão abrindo os olhos, no tocante á sinceridade alheia. De resto, as traições villans apparecem na vida, a cada passo.

....

Não consegui saber mais do que já lhe havia dito, acerca do frade André da Ponte de Quental, sobrinho do meu avô, cujo nome adoptou. Sectario ardente das ideas novas, abandonou o convento, fez-se guerrilheiro, bateu-se pela Liberdade, — pela Liberdade! — e emigrou para salvar a cabeça. Na Belgica e na Hollanda, publicou pamphletos virulentos contra a facção palmellista e produsiu certo escandalo. Mas um bello dia desappareceu, sem que ninguem mais soubesse d'elle ou do rumo que levou!

E adeus, meu Joaquim. Um abraço estreito do

Seu do coração

Anthero.

A JAYME DE MAGALHÃES LIMA

I

Villa do Conde, 14 de Novembro de 1886.

Meu caro Amigo.

Os temporaes não me tem deixado escrever — mas, agora que me acho um pouco melhor, não quero deixar de responder á sua boa e muito boa carta. Nunca julguei que cousa minha pudesse *fazer bem* a ninguem, mas, quando muito, a alguns, agradar e *parecer bem.* A sua carta, em que me diz que os meus versos lhe *fizeram bem,* foi para mim mais uma benção. O tom dos seus artigos na *Provincia* e muitas phrases d'elles tinham-me já indicado o seu estado de espirito: via-o pensar por si, mas receava que a sua evolução parasse na phase negativa e ficaria pessimista, isto é, ficava a meio caminho. Felizmente não é assim: e uma vez que galgou esse barranco, creia que ha de ir até ao final. O pessimismo não é um ponto de chegada, mas um caminho. E' preciso passar por elle, mas justamente para sair d'elle. O pessimismo é a reducção ao absurdo do naturalismo e das mil illusões filhas d'elle, ou para melhor dizer (porque se não

trata de systemas simplesmente) filhas do espirito humano na sua phase naturalista. Mas, sobre essas ruinas accumuladas pelo pessimismo, o que triumpha não é a negação, o que resta não é o vacuo. O que triumpha é o que fica, é aquillo que está para alem do naturalismo, aquillo que no homem não é já filho da natureza, mas superior a ella e autonomo: a vida de consciencia e a sua mais alta expressão, o sentimento moral. Aos poderosissimos dissolventes e reagentes da critica (essa chimica da rasão) só isso póde resistir, porque é *um facto,* um facto evidente e, para o homem, o mais positivo dos factos, porque o sente em si e o verifica a cada instante: e não se dissolvem, porque é um elemento *simples,* o nucleo da cousa complicadissima chamado homem, o seu ser intimo e *verdadeiro.* E, chegado a este ponto, a intelligencia olha para traz, olha para a grande machina da natureza, que o pessimismo lhe fez ver como uma cousa bruta e por si inexpressiva e sinistra, e pergunta a si mesma se porventura aquelle principio que ella descobriu no homem, aquelle nucleo não natural d'esse ser aliás natural, não será tambem o principio occulto da confusa natureza, e se o universo não gravitará, obscuramente, inconscientemente, para onde gravita o homem com um pouco de luz e um pouco de consciencia? Se não é assim, o universo é uma monstruosidade e a consciencia humana a mais inexplicavel de todas as illusões: o que equivale a dizer, o Ser, sob todas as suas formas, é um absurdo. Mas póde isto ser assim? não chamaria o senso commum e o sentir geral da humanidade louco simplesmente a quem tal pretendesse? Toda a actividade do homem, ha muitos milhares d'annos, a sua actividade superior, que é só a que afinal se vê e fica, manifestada em todas as suas obras e instituições, affirma implicitamente a autonomia da vida moral e a identidade fundamental d'ella com o principio occulto de actividade do universo: affirma-a, porque a presuppõe; pois, se a não presuppozesse, se não partisse d'essa como que evidencia inconsciente, para que trabalhar? para que sacrificar-se? para que viver? O facto, pois, o simples facto da historia prova (com uma força probante *sui generis* mas invencivel para quem se reconhece homem) a identidade da vida moral e do principio do universo. Sobre isto mil systemas se tem feito e continuarão a fazer-se, porque *tradidit mundum disputationibus eorum.* E é necessario que se façam, porque o sentimento moral (talvez por não ter ainda attingido ou não poder nunca attingir um gráu superior de affirmação e uma tal plenitude que elle só baste a si mesmo) precisa d'um auxilio da rasão especulativa, que lhe é como um estimulo, para se possuir melhor. Afóra isso, a intelligencia, como toda a faculdade e, em geral, toda a força, precisa intencionalmente de se manifestar d'uma maneira adequada. Mas, practicamente, é mui certo que não são os systemas que nos salvam e nos poem no bom caminho. O que nos salva é a obediencia cada vez maior ás suggestões d'aquelle *demonio* interior, é a união cada vez maior do novo ser *natural,* é o alargamento crescente da nossa vida *moral* nas novas outras vidas *não moraes,* é a fé na espiritualidade latente mas fundamental do universo, é o amor e a practica do bem, para tudo dizer n'uma palavra. E' por isso que a melhor philosophia será sempre aquella que melhor auxiliar a comprehensão e a practica da virtude. E' por isso ainda que um ignorante, que fôr justo e bom, pesará realmente na balança transcendente das cousas incomparavelmente mais do que o maior

sabio, se não fôr bom nem justo. Diz algures o Renan que na procissão da humanidade o philosopho é que vae na frente, e depois o homem de acção. Eu não penso assim, e mais sou philosopho! e parece-me que o Renan pecca, como tanta gente boa (é uma doença do seculo) por aquillo a que o Lange chamou «o excesso do principio da intelligencia». Quem vae na frente é o santo, philosopho a seu modo, como os que o são, e homem d'acção por excellencia, por isso que a sua acção é toda no sentido do bem. De resto (e era isso o que eu quizera dizer ao Renan) os que fundaram as cousas vitaes das sociedades tinham muito mais de santos, quando o não eram completamente, do que de philosophos.

Tudo isto, meu caro Magalhães Lima, veio, não sei bem como, para lhe dizer uma cousa muito simples, e é que o que mais me alegrou na sua carta foi o dizer-me que começava a sentir, n'estes ultimos tempos, um renascimento dos antigos sentimentos religiosos, embora transformados, e uma invencivel necessidade de idealismo. Alegrou-me isto e queria simplesmente dizer-lhe que cultivasse e cuidasse com amor esse novo rebento da profunda raiz, que cuidava morta, porque essa será a arvore de benção, que lhe ha de dar sombra para o resto da vida. Para lhe dizer isto, alarguei-me em considerações que talvez lhe tenham parecido demasiadas e pouco claras. Mas, preoccupado como ando ha annos com a evolução ulterior do pensamento moderno, que eu entendo caminhar para uma comprehensão synthetica das cousas, ao mesmo tempo idealista e naturalista, isto é, idealista *dentro* do naturalismo, e optimista *dentro* do pessimismo, e tendo eu mesmo trabalhado muito para achar as formulas, ainda hoje tão indecisas, d'essa grande synthese, fui insensivelmente levado a dar-lhe uma ideia da orientação dos meus pensamentos, e mostrar-lhe como é que concebo que sem se *sair* do naturalismo (quero dizer *sair* para o sobrenaturalismo) se póde, pela aprofundação da natureza humana (e, por analogia invencivel, de toda a natureza) chegar ao mais completo espiritualismo, a um *panpsychismo* que se accomoda perfeitamente, ou antes, harmonisa necessariamente, com o determinismo, e ainda materialismo das sciencias naturaes e a concepção do mundo natural que d'ellas sae, sem sacrificar nenhum d'aquelles principios que fizeram sempre do espiritualismo, ainda nas suas formas mais imperfeitas, a philosophia por excellencia popular entre os homens. O Oliveira Martins chamou a isso o meu mysticismo, mas de facto não é mysticismo (pelo menos no sentido historico da palavra) mas, sem arredar pé do terreno do espirito moderno, chegar theoricamente até áquella profundidade de comprehensão do *homem interior,* como elles diziam, a que os mysticos chegaram.

Se eu conseguisse expôr aos outros, com a mesma força probante com que ellas se apresentam á minha intelligencia, as soluções a que tenho chegado sobre estes problemas, creio que seria o primeiro philosopho da epoca... Mas é muito certo que nunca o conseguirei. Entretanto, tomemos para nós como meta e divisa a grande palavra de S. Bento ao noviço impaciente: *Labora et noli contristari.*

E adeus, meu caro Jayme. Creia-me seu

Muito amigo

Anthero de Q.

II

Villa do Conde, 20 de Janeiro
de 1887.

Meu caro Amigo.

Acabo de ler o seu livro e, desde a primeira até á ultima pagina, sempre com interesse e gosto. Ha em todas ellas pensamento e esse pensamento é connexo: ha alem d'isso uma maneira pessoal de ver as cousas e de se exprimir: vê-se finalmente que o autor não quiz brilhar mas simplesmente dizer alguma cousa que merecia ser dita. Por tudo isto não deve estar descontente com o seu livro e póde estar certo de que está muito longe de ser uma publicação inutil. — Comprehendo entretanto essa especie de duvida e desgosto, que a sua carta accusa, mas não o approvo. Convem mirar sempre á perfeição, mas nunca affligirmo-nos porque não a alcançámos, desde que trabalhámos com animo limpo de vaidade e que fizemos como melhor soubémos e pudémos. N'esta impaciencia e desconsolação, que eu desapprovo, quando não entra inconscientemente um certo orgulho, entra uma certa inquietação parente dos *escrupulos,* que são uma verdadeira doença moral. Não devemos exigir de nós mesmos mais do que é justo exigir-se da naturesa humana: isto é, não devemos em cousa alguma exigir a perfeição, mas contentarmo-nos com a bondade e rectidão das intenções. Banir a vaidade das nossas obras, isso é que está inteiramente na nossa mão; tornal-as perfeitas, não. Mas a obra concebida e executada sem vaidade tem já por isso mesmo e n'isso mesmo uma especie de perfeição. E a quem trabalha assim, muitos outros dons lhe serão dados sem que os procure. Depois, deixe-me dizer-lhe uma cousa: e é que não está tudo em sermos caridosos com os outros: é necessario sel-o tambem com nós mesmos. Deitar aos lombos do pobre jumento carga maior do que aquella com que elle póde, implica mais d'um peccado: ou soberba, ou desarrazoada impaciencia ou, pelo menos, o desconhecimento da harmonia e ponderação natural das cousas. A justiça perfeita para com os outros chama-se caridade; a justiça perfeita para com nós mesmos chama-se humildade. Aquelle homem incomparavel e maravilhoso, que foi S. Francisco de Assis, quando, novo ainda, se achou quebrado, extenuado e quasi cego, em virtude das muitas penitencias e jejuns, reconheceu que tinha errado e disse esta phrase notavel: «Reconheço que pequei muito contra meu pobre irmão corpo».

Do seu do coração

Anthero de Q.

III

Villa do Conde, 5 de Maio
de 1888.

Meu caro Amigo.

Li com prazer o seu volumezinho. O escrito do Maine, até onde pude apreciar pela sua analyse e extractos, prova mais uma vez que

non omnes omnia possumus, e que quem passou a vida a estudar as sociedades primitivas difficilmente e mal comprehenderá as idades complexas e requintadas. O que ha de necessario na democracia escapa-lhe, assim como as provas historicas que adduz em favor da pretendida tendencia das sociedades para a immobilidade não colhem, pois a China, até ao tempo de Confucio, e os povos mahometanos, até ao predominio dos Turcos, mexeram-se e mudâram muitissimo. De resto, faltava ainda indagar porque é que essas gentes, de certa epocha em diante, se immobilisaram, e isso seria até muito mais interessante e nos collocaria no coração do problema. Seja como fôr, a mobilidade das sociedades aryacas é um facto constante, nunca desmentido e póde dizer-se que de ordem natural. Um simples erro de theoria politica parece-me explicação minima e insufficiente para facto de tal constancia e magnitude. As raças, que param, são as que chegaram até onde podiam chegar: as que se movem, movem-se porque ainda lá não chegaram, porque o seu ideal vae muito além da realidade social que construiram e não podem parar em quanto não tiverem realizado essa equação do seu ideal com as suas instituições, ainda correndo o risco de se agitarem indefinidamente, se, com effeito, esse ideal fôr irrealizavel. A tendencia para o movimento e mudança é tanto maior quanto mais rico e forte fôr o genio da raça, quanto de mais alto ella pairar com o seu pensamento sobre a realidade. Este ponto de vista explica ao mesmo tempo o facto de certas nações ou raças se terem immobilisado e de outras continuarem a transformar-se, ao mesmo tempo que exclue a chimera d'um progresso indefinido, visto que o ideal, que estimula as sociedades ao movimento, é definido e limitado pelas faculdades de cada raça, que são constantes e fixas. Mas tudo isto é philosophia mais ou menos curiosa apenas, em face da urgencia de organisar o poder politico nas sociedades democraticas. Confesso-lhe que não me parece isso cousa que se resolva do pé para a mão, nem creio que tamanha obra dependa simplesmente da aceitação de certas doutrinas. As da representação *adequada* e *effectiva* da nação, dos seus orgãos naturaes e não de entidades abstractas, acho-a perfeita e é ha muito a minha. Mas como dar consciencia, a esses orgãos, da sua realidade e autonomia? por meio da lei? mas a lei é impotente para isso, impotente para criar seja o que fôr n'aquella esphera profunda que só depende da espontaneidade social. Creio que é questão de tempo, de evolução lenta e surda d'essa tal espontaneidade. Por ventura será necessario que a desaggregação social vá ainda muito mais longe, chegue até áquelle ponto em que a existencia da mesma sociedade pareça ameaçada, para se dar então a reacção. Quem vir no individualismo moderno simplesmente o resultado de certas instituições, da legislação politica e civil, parece-me que vê as cousas muito superficialmente. A mim afigura-se-me um grandioso phenomeno de psychologia collectiva — uma phase no sentir intimo da nossa raça e que affecta a propria feição do seu ideal — lento por isso na sua evolução, independente da legislação, independente das escholas de philosophia politica ou de sciencia social, um facto do *inconsciente,* como diria Hartmann, invencivel a qualquer outra força que não seja a da dialectica immanente na sua mesma evolução. Parece-me que estamos n'um periodo analogo ao da dissolução do mundo romano, ao qual se deve seguir uma nova Idade Media. Quem sabe o que sahirá d'ella, quando lhe soar a hora da sua Renascença? E talvez que só então valham e tenham utilidade de applicação as doutrinas dos philosophos e publicis-

tas de hoje. Foi assim que muitas ideas de Aristoteles e dos Estoicos só se vieram a realisar e a adquirir valor social no seculo 16.º e 17.º!!

Mas talvez tudo isto lhe pareça apocalyptico e muito eivado da phantasia incorrigivel do poeta. Algum dia fallaremos com mais vagar de tudo isto, que é para largas conversas. O seu livrinho é, em todo o caso, interessante e oportuno: junte a isso que está bem escrito e verá que não perdeu o seu tempo.

Do seu muito amigo

Anthero de Q.

IV

Villa do Conde, 22 de Maio de 1888.

Meu caro Amigo.

O seu livrinho e a sua carta fizeram-me pensar novamente no problema da organisação politica da Democracia, assumpto sobre que n'outro tempo tinha meditado bastante, mas depois posto de parte, pelo julgar resolvido. Agora, sob o seu impulso, como que dei balanço ás minhas ideas sobre o ponto, e vi que, sem dar por mim, tinha, não mudado, mas entrevisto horizontes desconhecidos. Tinha ficado, n'aquelle tempo, em que, sendo a sociedade um organismo, a sua forma politica deve ser organica, effectiva e não abstracta, natural e não mathematica; e que, se uma sociedade, por ser democratica, nem por isso deixa de ser sociedade, isto é, um todo organico, toda a questão, para as democracias, está em conhecer quaes são os seus orgãos naturaes, e partir d'ahi para a remodelação politica. São as ideas do O. Martins, do Laveleye e já hoje de muitos mais, entre os quaes está tambem o meu amigo. Achei pois que são tambem ainda hoje as minhas, e persisto em crer que esse ponto de vista naturalista e realista deve vir combinar-se com o juridico e abstracto da Philosophia do Direito Classico, para d'essa união sahir a verdadeira theoria do Direito Publico. Mas achava eu então, como vocemecês acham, que determinado isto, não havia mais do que passar á pratica e applicação: ou, por outras palavras, dava como subentendido que a sociedade moderna estava apta para essa reorganisação, ou que a theoria, por isso mesmo que era a verdadeira, se impunha irresistivelmente á sociedade. Ora, foi esse justamente o tal horizonte que encontrei aberto. Será isso assim? Os da Revol. Franceza e os das diversas revol. liberaes assim o entendiam. Nós é que temos obrigação de pensar d'outro modo, e de examinar ainda esta segunda questão: Presta-se a sociedade actual, ou não se presta, a essa reorganisação? e, por conseguinte: quaes são os elementos que a condicionam? — E' no exame d'esta segunda questão que se me offerecem graves duvidas. Porque aquellas duas interrogações podem ser transformadas n'esta outra: *Quer* a sociedade actual reorganisar-se? Sem essa *vontade* toda a obra legislatoria é vã, pois tudo quanto é organico presuppõe um principio interno ou força vital, unico que dá plasticidade ás transformações do organismo. Submetto pois este segundo ponto ás suas reflexões. O que é que impede *verdadeiramente* a reorganisação das nossas sociedades?

E' apenas a ignorancia d'uma theoria, do systema salvador? ou será um facto intimo, o *individualismo*, elemento psychologico, que condiciona tudo o mais? Mas, se é, com effeito, este segundo, facto immenso, superior a todas as leis, antes gerador d'ellas, e com fundas raizes ao mesmo tempo na natureza humana e na historia da nossa civilisação, pergunta-se: Estará a evolução psychologico-social do Individualismo terminada, de sorte que naturalmente, espontaneamente, tenha chegado o momento da reacção, ou antes, novo desdobramento dos elementos psychologicos da sociedade — a reorganisação? Esta pergunta traz comsigo esta outra: Terá a consciencia humana, nas modernas sociedades, chegado áquelle grau de synthese, em que o individuo, reconhecido soberano, reconheça ao mesmo tempo, racionalmente, livremente, a necessidade (não só natural, mas juridica) de abdicar voluntariamente uma parte d'aquella soberania, em proveito da ordem universal, ou melhor, d'esta synthese de individuos presentes e futuros, a sociedade? Isto implica muito mais do que uma reforma politica: implica uma reforma moral: implica, como disse, o termo da evolução historico-psychologica, que veio dar no individualismo moderno, e a entrada da raça aryaca na phase ultima da sua Odissea de 3:000 annos. Se assim não é, o factor psychologico dominante, o Individualismo, continuará na sua evolução, a pulverisação social continuará, abatendo-se ainda o que resta das velhas instituições e reduzindo-se a sociedade ao minimo de laços e obrigações indispensavel para não se dissolver materialmente. Considero este momento como o da grande crise da civilisação aryaca, por conseguinte, da humanidade, que a nossa raça representa eminentemente. O trabalho de 30 seculos produziu este resultado, enorme mas incompleto: o Individualismo; resta saber se a raça que tal produziu terá ainda força e condições convenientes para completar a sua grande obra, juntando áquelle primeiro elemento este outro: a harmonia das vontades e a livre organisação.

Eis, meu caro amigo, muito atrapalhadamente, porque quiz resumir-me a summula dos pensamentos que a leitura do seu folheto veio despertar em mim e que lhe communico como *à qui de droit*. Oxalá não lhe pareça que me vou tornando apocalyptico!

Do seu muito amigo

Anthero de Q.

V

Villa do Conde, 2 de Fevereiro
de 1889.

Meu caro Amigo.

Quem me dera viver sempre com *doidos* como o conde Tolstoi! Não é só um santo, é tambem um sabio. Depois de se ter descrito um circulo em volta das ideas e dos sentimentos, quem é capaz de *sabedoria* chega áquillo, a não apreciar da vida senão o que ella tem de mais simples e a pôr na renuncia a maior das conquistas. A unica illusão do nosso admiravel apostolo é suppôr que o que é um resultado possa ser

um ponto de partida, e que os que não experimentaram a vida nem se despiram, por experiencia propria, das illusões d'ella, possam a ella e a ellas renunciar de boa mente. O conde Tolstoi chegou áquillo porque viveu: quizera perguntar-lhe se suppõe que os seus filhos, creados n'aquella ignorancia e afastamento do mundo, renunciarão a experimentarem e a viverem por si, e aceitarão como propria a experiencia de seu pae? A vida espiritual é só dada aos homens espirituaes. Ora a maioria dos homens é e será sempre natural. A vida natural, com as suas paixões, as suas illusões, o seu tumultuar de esperanças e decepções, ha de sempre attrahir a maioria dos homens, e apenas d'esse meio sahirá, por uma verdadeira selecção, o pequeno numero d'aquelles que renunciam por gosto e vontade, por terem chegado ao convencimento de que o verdadeiro ser, o espiritual, consiste justamente n'um não-ser natural, e que o homem vive tanto mais da verdadeira vida, quanto mais despreza a vida dos sentidos, dos instinctos e da imaginação. Entretanto, acho que não ha entre estes dois pontos extremos opposição absoluta, mas sim escala, gradação e transição; são os dois polos da natureza humana; e foi isso o que eu quiz significar com a minha formula do «Hellenismo coroado por um Buddhismo»: o Hellenismo, isto é, a vida natural, nos seus diversissimos typos, na riqueza da sua evolução, aproximando-se ou afastando-se mais ou menos da comprehensão transcendente, cuja expressão é o Buddhismo, que propriamente se lhe não oppõe, mas a completa superiormente. O Buddhismo é um estado psychologico puro, que, por isso que presuppõe os anteriores menos puros, não os póde negar absolutamente. Por outras palavras: cada um tem a sabedoria que póde ter e occupa na escala da perfeição o logar que póde occupar: mas ninguem, salvo os monstros, está fóra da humanidade, e os mais perfeitos, longe de condemnarem os menos perfeitos, verão n'elles ao menos uma possibilidade de perfeição, como nós vemos nos animaes uma especie de rudimento da humanidade, e, sem nos confundirmos com elles, não nos sentimos todavia absolutamente distinctos d'elles, antes a elles nos sentimos ligados por uma intima piedade. O desprendimento pois do Buddhista será só interno, mas a sua vida será activa; sómente a mola d'essa actividade é que terá mudado, de pessoal em impessoal, de egoista em desinteressada. Mas com o grande vento que faz hoje, vejo que não consigo exprimir-me com clareza e ir até ao fundo. Fica para outra occasião.

Do seu muito do coração

Anthero de Q.

VI

Cartaxo, 28 de Maio de 1889.

Meu caro Amigo.

Já me tardava vel-o casado — e posso dizer-lhe agora que mais de uma vez tinha pensado n'isso, e sentido até a tentação de lhe dar esse conselho; mas achava a materia tão delicada, tão absolutamente do fôro intimo, que nunca me atrevi. Veja pois com que prazer recebi a noticia,

que me dá! O dia do seu casamento será para mim um de verdadeira alegria. Não lhe citarei o famoso «não é bom que o homem esteja só» da Biblia, ainda que ha uma grande verdade n'esse conceito; mas, tomando a cousa por outro lado, dir-lhe-hei que só é verdadeiramente livre aquelle que sabe limitar voluntariamente a propria liberdade. A liberdade é um ideal, que, como todos os ideaes, precisa ser corrigido pela realidade e pelo sentimento moral, que só na realidade tem a sua pedra de toque. Os ideaes da nossa mocidade, absolutos e no fundo muito egoistas, são phantasticos, e é por isso que nos atormentam tanto. E quando cerceamos, em proveito dos outros, uma parte d'essas desmedidas ambições, reconhecemos então com pasmo que essa amputação, em vez de nos diminuir, nos engrandeceu. Parece-me dever concluir d'aqui que a nossa verdadeira grandeza é toda interior e subjectiva; o que somos e fazemos importa relativamente pouco: a relação da nossa vontade comsigo mesma é que é o essencial. Chegados a um certo estado de espirito, não de scepticismo ou de abatimento, mas de verdadeira comprehensão da nossa natureza e do nosso fim *(regnum meum non est hoc mundo),* aquellas immensas ambições da mocidade fazem-nos sorrir. Não comprehendo, pois, porque emprega duas vezes a palavra *resignação:* quizera que a riscasse do vocabulario dos seus sentimentos. A transição do egoismo idealista e da falsa liberdade, para a realidade moral e a verdadeira liberdade, é um progresso e até, em meu conceito, o maximo progresso: não póde ser pois materia de resignação; antes, de exultação. Mas talvez lhe esteja fazendo aqui uma chicana de palavras, por causa d'uma que provavelmente empregou n'um sentido diverso d'aquelle em que eu a tomei. Por isso não insisto. Entrou, meu caro amigo, n'um caminho em que todos os dias irá sentindo o chão mais firme debaixo dos pés, mais lucido o pensamento, mais serena a consciencia. Vivendo cada vez mais para os outros, sentindo morrer em cada dia dentro de si mais uma parcella do *eu* egoista que tanto nos illude, tanto nos faz soffrer e errar, irá entrando gradualmente n'aquella região da *impersonalidade* que é a verdadeira beatitude.

Mas agora reparo que *je prêche à un converti.* O meu amigo sabe isto tão bem como eu, ou melhor, porque o descobriu aos 30 annos, e eu só com mais de 40 —; leva-me pois grande deanteira na sabedoria, e não me cabe a mim, que toda a vida fiz acto de insensato, dar-me estes ares de doutor *in sapientia.* Desculpe-me pois o bocado de predica desnecessaria que ahi fica, e aceite simplesmente os emboras muito cordeaes do seu

Muito amigo

Anthero de Q.

Eis os titulos das obras de Jayme de Magalhães Lima a que se referem ás cartas d'esta serie:

Carta (II) de 20 de janeiro de 1887:
Estudos sobre a litteratura contemporanea: Porto, Magalhães & Moniz, 1886.
Carta (III) de 5 de maio de 1888:
A Democracia, estudo sobre o governo representativo: Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1888.
Carta (IV) de 22 de maio de 1888. — Idem.

A CANDIDO DE FIGUEIREDO

Lisboa, 1 de Maio
de 1870.

Ex.mo Snr. Candido de Figueiredo.

Acabo de ler com todo o interesse o seu formoso poema, *Tasso,* e com toda a attenção o conceituoso prologo que o precede. A sua maneira de vêr a Arte é elevada e pura, cheia de medida, e, por assim dizer, classica no romantismo. Mas não lhe parece que o poema historico, tratado da maneira abstracta que ali indica, interpretando n'um sentido moderno os caracteres e as paixões, perde muito da sua realidade, e, por conseguinte, do seu interesse, e fica sendo, em vez de um individuo localizado e com suas feições proprias, uma generalidade philosophica e uma entidade abstracta? E' assim o theatro de Schiller, e o *Tasso* revela-me que o seu autor, pelos sentimentos e pelo *tour* da imaginação, pertence á escola d'aquelle nobre espirito. Mas não será aquella constante substituição de caracteres abstractos e ideaes aos caracteres reaes e historicos um dos maiores defeitos do theatro de Schiller, monumento a que se não póde negar elevação, pureza e nobreza, mas a que tanto falta o colorido, o *accento* e a realidade? Os personagens de Schiller não pertencem a uma época ou a uma civilização determinada. Acha isto uma vantagem? Cousin e os espiritualistas francezes dizem que sim, porque esses personagens, sem patria nem idade certa, dizem elles, representam, não o que ha de accidental e fortuito no homem, mas o que ha de essencial e eterno. Mas esse homem assim não existe, nem póde existir: é uma abstracção. O verdadeiro homem é isso, certamente, mas além d'isso é ainda a fórma particular que essas disposições universaes tomam em face de tal ou tal civilização e debaixo da influencia de taes ou taes crenças, instituições e ainda climas.

Não me parece que haja verdadeira e radical opposição entre o mundo real e o ideal, porque o real, se é o limite, é tambem o meio, o instrumento e a fórma do ideal. Os personagens de Goethe ou de Balzac, com terem tão accentuada a feição dos seculos e civilizações a que pertencem, são por isso menos ideaes? Não posso crel-o. A aspiração moral do homem, por ter esta ou aquella fórma determinada, nem por isso deixa de ser aspiração, de subir, de se expandir, assim como é escusado aos rios seguirem uma linha recta para correrem; através dos mais caprichosos meandros, seguem o seu curso, tanto mais bello quanto é mais variado, e mostrando em mil aspectos muito mais visivelmente a natureza da força que os impelle, do que se seguissem uma direcção uniforme, inalteravel.

Meu caro Figueiredo, peço-lhe que não tome isto que ahi fica como conselho ou censura; não tenho nem autoridade nem sciencia para falar n'esse tom a um escriptor com o seu talento, a sua experiencia e os seus conhecimentos. Isto é simplesmente uma opinião, que não quer ter nem tem senão o caracter de *cavaco* (como cuido se diz ainda em Coimbra), isto é, uma coisa, cujo maior merecimento é a sinceri-

dade e a despretensão. Uma opinião que prova contra uma obra de merecimento? as opiniões passam, as obras ficam. A sua ha de ficar, porque tem, independentemente das intenções estheticas do autor, mais ou menos discutiveis, uma coisa que ninguem discutirá, penso eu: talento, conhecimento da arte, altos conceitos, e versos (como diz Beaudelaire) impeccaveis. Com isto, vae-se a toda a parte; e, se se não vae á posteridade, é porque não ha posteridade para os escriptores de uma nação que tem de morrer amanhã.

Receba, meu caro poeta, os meus emboras, e creia-me seu

Sincero admirador

Anthero de Quental.





NECROLOGIA

Á MEMORIA DOS NOSSOS COLLABORADORES MORTOS

NO decurso da impressão d'este livro (demorada, entre outros motivos, pelo grande numero de collaboradores e pelo facto de alguns residirem fóra de Portugal) a morte arrebatou-nos tres dos mais illustres e que, ao mesmo tempo, haviam sido tres dos mais queridos amigos de Anthero.

O primeiro foi Oliveira Martins, o pensador tão profundo e tão complexo, o genial evocador da Epopeia Portugueza, o subtil psychologo da nossa Raça, o estadista mallogrado, que mais largamente e mais sabiamente viu as cousas politicas do seu paiz, alma que se consumiu, trabalhando pela patria n'uma ancia de insaciado amor.

O segundo foi João de Deus, o divino poeta, alma tão gemea da de Anthero na sua nobre e absoluta since-

ridade, como elle voltado para o Bem, mas mais feliz por a illuminação de uma fé simples e candida o furtar á vertigem terrivel da duvida e á transcendente hallucinação do pensamento metaphysico.

O terceiro, emfim, foi Santos Valente, o litterato erudito, tão modesto como intelligente e illustrado, que, se ás lettras patrias não legou uma obra propriamente dita, nos deixou, no emtanto, um grande exemplo de aturado estudo e de consciencioso saber.

Não lograram estes vêr concluida a obra em que tão carinhosamente haviam cooperado. Ao darmos, porém, termo e remate a este monumento, é dever quasi religioso gravar n'uma lapide áparte, junto á sua base, os nomes amados dos que se foram reunir ao grande Amigo — para cuja Alma andámos erguendo e esculpindo este tumulo.

Á querida e gloriosa memoria d'esses mortos, pois, as nossas eternas e sempre vivas saudades!

INDICE

Pedimos desculpa aos nossos collaboradores de algum erro que escapasse e que não vá incluido na lista das erratas. A responsabilidade dos erros que existem nas folhas A-F (*Bibliographia Antheriana*) pertence exclusivamente ao auctor. Essas seis folhas imprimiram-se em outra officina, e não foram apresentadas á nossa revisão, nem no original, nem em provas.

(A redacção).

ERRATAS

Nas tres primeiras folhas mude-se a epigraphe das paginas: *Recordações*: em *In memoriam*.

Pag. 13 falta a numeração; na pag. 51 leia-se na numeração 51 por 15.

Pag.	linhas	onde se lê	leia-se
224	5	*veto* de	*veto* da
229	33	localisação	focalisação
237	33	*abovo*	*ab ovo*
242	23	philogenesica	phylogenesica
243	23-24	ambos, e uma	ambos, uma
250	6	vida,	vida;
250	6-7	Renan:	Renan,
275	27	do cile	docile
276	25	contractibilidade	contractilidade
277	24	sobrepuja	sobrepuja o
281	28	indicada	indiciada
283	30	objectividades	objectividade
303	3	filhas	filhas adoptivas

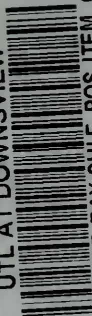
407 nota; leia-se *Archivo dos Açores* (1) n.º 69 pag. 210.

468 linha 26 leia-se: implacaveis.

471 linha 20 leia-se: respeitaveis.

(1) Nota allusiva aos abundantes subsidios biographicos e bibliographicos a respeito de Anthero, reunidas nos fasc. 68, vol. XII pag. 161-189, com retrato; e fasc. 69. vol. XII, pag. 193-244. Advertimos finalmente que o retrato do Padre Bartholameu do Quental, publicado na mesma *Revista dos Açores* (vol. I, pag. 392) com a biographia de Barbosa Machado, não tem authenticidade.




UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 12 08 025 0